



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

ALCOOLISMO NO FEMININO

Alberto Manuel Sequeira Afonso de Deus

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutoramento em Psicologia

Área de Especialidade.....Psicologia Clínica

2012



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

ALCOOLISMO NO FEMININO

Alberto Manuel Sequeira Afonso de Deus

Tese orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

(ISPA – Instituto Universitário)

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutoramento em Psicologia

Área de Especialidade.....Psicologia Clínica

2012

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização Psicologia Clínica realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA - Instituto Universitário no ano de 2012.

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à orientação eficiente e dedicada da Professora Maria Emília Marques, que ao longo do meu percurso académico tem sido uma referência, pela forma como conjuga na actividade de docência, a dimensão do saber com a disponibilidade afectivo-relacional.

Ao Professor Arménio Sequeira, Director da Licenciatura de Reabilitação e Inserção Social, pelo incentivo para a realização deste trabalho.

À Doutora Helena Carvalho, Professora Auxiliar do Departamento de Métodos Quantitativos no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, pelo apoio dado na execução da Análise de Correspondências Múltiplas.

Ao Doutor Carlos Lopes pela revisão dos aspectos gráficos do texto.

À Professora Teresa Chaby pela amizade e pela revisão do texto.

À Dra. Maria do Carmo Leão pela amizade constante e serena com que se tem pautado a nossa relação, ao longo destes dezanove anos de convívio na Casa de Saúde do Telhal.

À Dra. Inês Ângelo pela amizade e disponibilidade que manifestou para a revisão do texto e pela amizade que tem revelado ao longo destes anos.

À Dra. Margarida Neto, Coordenadora da Clínica Novo Rumo da Casa de Saúde do Telhal, pela amizade e pelo pioneirismo em ter proposto aos Irmãos de S. João de Deus a possibilidade de serem internadas e tratadas mulheres alcoólicas, nesta unidade de saúde.

Ao Dr. Victor Cotovio, Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal, pela criatividade, pelo saber e pela amizade.

À Ilda Sarmiento pela partilha das inquietações, e dos afectos, neste percurso da minha existência. Embora a distância seja a mesma, torna-se mais fácil uma caminhada a dois.

Aos meus filhos, Tomás e à Inês que me têm ajudado a compreender os caminhos do amor. Uma palavra especial pelo apoio informático, dado pelo Tomás, “meu Engenheiro Informático em regime de exclusividade”, pelo seu saber no domínio das novas tecnologias.

Ao meu pai e à minha mãe pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida. Pelo exemplo na entrega e na dedicação, nos momentos significativos da minha existência.

Palavras-chave:

Alcoolismo na mulher; Crescimento mental; Mito individual; Níveis de estruturação do pensamento

Key words:

Alcoholic women; Mental growth; Individual Myth; Levels of structuring thought

Categorias de Classificação da tese

3140 Personality Theory

3383 Drug & Alcohol Rehabilitation

“Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.

Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime”

(Álvaro de Campos)

RESUMO

Este trabalho visa contribuir para um maior esclarecimento sobre os processos psicológicos associados ao alcoolismo na mulher.

Partimos do pressuposto de que o alcoolismo corresponde a um processo de alienação resultante da impossibilidade de construção de novas perspectivas sobre a realidade individual, mantendo-se no entanto as capacidades de crescimento mental que permitem ultrapassar a crise em que se encontram.

A revisão bibliográfica centrou-se no campo psicanalítico, o que vai ao encontro dos nossos interesses pessoais, e nos permite clarificar estes processos inerentes à expansão mental dos sujeitos. Destacamos o pensar e a simbolização, com os seus processos implícitos (reparação, formação simbólica, PSD, função-alfa e transformação) que correspondem aos pontos essenciais da investigação sobre as capacidades de crescimento mental em mulheres alcoólicas.

O instrumento utilizado para o estudo destes processos psíquicos foi o Rorschach, o qual foi descrito nas suas características e modo de utilização, no contexto do modelo dinâmico proposto pela Escola Francesa (Rausch de Traubenberg e Chabert) e ampliado por Emília Marques, concluindo com a pertinência desta técnica projectiva no estudo das potencialidades de crescimento mental dos sujeitos. Com o objectivo de se identificarem os padrões da realidade subjectiva, foi aplicada a todas as participantes uma entrevista clínica semi-estruturada.

Seleccionámos 100 mulheres internadas na Clínica de Alcoologia da Casa de Saúde do Telhal. O critério de escolha residiu fundamentalmente no facto de terem o diagnóstico atribuído pelas Psiquiatras Assistentes, de Síndrome de Dependência Alcoólica e não apresentarem outras patologias psíquicas. A amostra inicial foi dividida em dois grupos com base na forma como descrevem o seu percurso de vida e a dependência do consumo de bebidas alcoólicas.

A análise dos resultados recolhidos dos protocolos foi feita segundo os procedimentos da Escola Francesa, introduzindo uma expansão no sentido de se poderem captar mais especificamente os processos psíquicos seleccionados por nós.

Cada um dos processos psíquicos foi decomposto em vários componentes, e operacionalizando vários factores, de modo a poder ser facilmente identificado: modelo continente-conteúdo, vínculos, movimento PS \leftrightarrow D, função-alfa e teoria das transformações.

Em relação à análise da forma como é pensada a realidade, estudamos os mitos individuais, e a sua expressão nos dois grupos de participantes.

A análise dos resultados relativa aos protocolos e às entrevistas foi realizada em duas etapas: em primeiro lugar, procedeu-se a uma análise quantitativa, elaborando quadros relativos a cada factor previamente definido e a sua expressão em cada grupo de participantes e, em segundo lugar, qualitativa, através da análise dinâmica de excertos das entrevistas e da captação dos processos psíquicos em questão.

Concluimos que a possibilidade de saída da crise existencial em que se encontram estas mulheres é possível quando o pensamento é suficientemente flexível, capaz de permitir a coexistência de períodos de integração e de dispersão, permitindo então o acesso a um registo simbólico. A flexibilidade criativa, dependente da qualidade da função continente, permite a criação de novas verdades e de novos sentidos sobre a realidade interna e externa, permitindo em última instância a escolha de novas formas de vida.

ABSTRACT

This work aims to contribute to a greater insight into the psychological processes associated with alcoholism in women.

We assume that alcoholism is a process of alienation resulting from the impossibility of constructing new perspectives on individual reality, keeping however the capacity of mental growth which may allow them to overcome the crisis.

The bibliographic revision carried out is centered in the psycho-analytical field, which reaches out to our personal interests, and allows us to clarify these mental processes inherent to the mental expansion of the subjects. We highlight the thinking and symbolism, with its implicit processes (reparation, symbol formation, PSD, the alpha function and transformation) that correspond to the essential points of research on mental expansion in alcoholic women.

The instrument used to study these mental processes was the Rorschach, which was described in its characteristics and usage in the context of the dynamic model proposed by the French School (Rausch Traubenberg, Chabert) and extended by Emilia Marques. It ends with the relevance of this projective technique in the study of the subject's capacity of mental expansion. With the aim of identifying patterns of subjective reality, every participants was applied a semi-structured clinical interview.

We chose 100 women admitted to the Alcohological Center (Casa de Saúde do Telhal). The criteria for the choice lay basically in the fact that they were diagnosed, by assigned psychiatrists, as alcoholics without any further psychiatric diseases. The initial sample was divided into two groups based on how they described their life paths and how they had become dependent on alcohol consumption.

The protocols were analyzed in accordance to the French School procedures, introducing an extension so that we might be able to capture more specifically the psychic processes we had selected.

Each mental process was decomposed into several components, thus dealing with various factors, in order to be able to identify: reparation, symbol formation, PSD, the alpha function and transformation.

Regarding the analysis of how reality is thought, we studied the individual myths, and their expression in both groups of participants.

The results analysis concerning the protocols and interviews was conducted in two steps: firstly, we conducted a quantitative analysis, by drawing up individual frameworks showing results for each factor, and its expression in each group of participants. Secondly, qualitative - through analysis of excerpts from the interviews and the collection of the mental processes in question.

We have concluded that these women may be capable of leaving their current existential crisis when their thought is flexible enough, able to allow the coexistence of integration periods and dispersion periods, thus allowing access to a symbolic register. Creative flexibility, dependent on the quality of the containing function, allows the creation of new truths and new meanings for the inner and outer reality, ultimately allowing the choice of new life forms.

Alcoholism can be seen as a "palliative" to a greater psychological distress, enabling each individual to create an individual myth, a source of greater consistency to his identity. Challenging the myth that is metaphorically referred to as the "removal of the mask," depends on the ability to face the new and the unknown, reporting this possibility to each subject's creative capacity.

ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO	1
II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
2.1 Encenações dionisíacas no feminino	9
2.1.1 Elementos em cena: vinho, deuses e Homens	10
2.1.2 Da transcendência à loucura – <i>diablo in vinos</i>	13
2.1.3 Abordagens psicanalíticas do alcoolismo. A mulher sob o domínio de Dioniso	17
2.1.4 Transformações dionisíacas	36
2.1.5 A vida no palco	39
2.1.6 Síntese integrativa	49
2.2 Processos de subjectivação	53
2.2.1 Constituição do Ser	53
2.2.2 Abordagem psicanalítica dos processos de transformação	55
2.2.3 Síntese integrativa	70
III - ESTUDO EMPÍRICO	73
3.1 Objectivos	73
3.2 Metodologia	77
3.2.1 Tipo de estudo	77
3.2.2 Participantes: processo de selecção e caracterização	80
3.2.3 Instrumentos:	84
3.2.3.1 Entrevista Clínica	84
3.2.3.2 Rorschach	87

3.3 Procedimentos de recolha de dados	97
3.3.1 Organização das sessões de avaliação	98
3.3.2 Estrutura das entrevistas e procedimentos de análise	99
3.3.3 Procedimentos de análise do processo-resposta Rorschach	108
3.3.3.1 Elementos constituintes dos psicogramas	110
3.3.3.2 Processos de simbolização	120
3.3.3.3 Análise das capacidades de expansão mental	127
3.4 Tratamentos estatísticos	131
IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	135
4.1 Dados sociodemográficos, vivências subjectivas e percursos alcoólicos	135
4.2 Definição dos "mitemas" individuais	143
4.3 Síntese integrativa	149
4.4 Dados Rorschach	153
4.4.1 Análise dos resultados obtidos nos psicogramas	153
4.4.2 Análise da formação simbólica cartão a cartão nos dois grupos	155
4.4.3 Análise das capacidades de expansão mental nos dois grupos	176
4.4.4 Casos clínicos	210
V - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	222
VI - CONCLUSÕES	245
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	255

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Classificações do alcoolismo segundo a DSM IV e a ICD 10	15
Quadro 2 – Características sociodemográficas da amostra	84
Quadro 3 – Conversão para bebidas <i>standard</i> em gramas de álcool puro	105
Quadro 4 – Variáveis Rorschach em jogo na expansão mental	129
Quadro 5 – Variáveis sociodemográficas e testes estatísticos aplicados	132
Quadro 6 – Variáveis Rorschach e testes estatísticos aplicados	132
Quadro 7 – Diferenças significativas – factores sociodemográficos	142
Quadro 8 – Elementos estatisticamente significativos nos psicogramas	153
Quadro 9 - Comparação dos resultados obtidos nos cartões Rorschach	156
Quadro 10 – Análise simbólica do cartão I no Grupo 1 e Grupo 2	158
Quadro 11 – Análise simbólica do cartão II no Grupo 1 e Grupo 2	161
Quadro 12 – Análise simbólica do cartão III no Grupo 1 e Grupo 2	162
Quadro 13 – Análise simbólica do cartão IV no Grupo 1 e Grupo 2	164
Quadro 14 – Análise simbólica do cartão V no Grupo 1 e Grupo 2	165
Quadro 15 – Análise simbólica do cartão VI no Grupo 1 e Grupo 2	167
Quadro 16 – Análise simbólica do cartão VII no Grupo 1 e Grupo 2	169
Quadro 17 – Análise simbólica do cartão VIII no Grupo 1 e Grupo 2	171
Quadro 18 – Análise simbólica do cartão IX no Grupo 1 e Grupo 2	173
Quadro 19 – Análise simbólica do cartão X no Grupo 1 e Grupo 2	174
Quadro 20 – Potenciais de evolução do Grupo 1 - Quadrante 1	177
Quadro 21 – Potenciais de evolução do Grupo 1 - Quadrante 2	184
Quadro 22 – Potenciais de evolução do Grupo 1 - Quadrante 3	188
Quadro 23 – Potenciais de evolução do grupo 1 – Quadrante 4	192

Quadro 24 – Potenciais de evolução do grupo 2 – Quadrante 1	196
Quadro 25 – Potenciais de evolução do grupo 2 – Quadrante 2	201
Quadro 26 – Potenciais de evolução do grupo 2 – Quadrante 3	204
Quadro 27 – Potenciais de evolução do grupo 2 – Quadrante 4	207

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de estudo	78
Figura 2 – Unidades componentes das entrevistas	86
Figura 3 – Categorização das variáveis: relação com os pais	107
Figura 4 – Distribuição geral das participantes pelos grupos etários	136
Figura 5 – Configuração topológica das variáveis psicossociais – Grupo 1	146
Figura 6 – Configuração topológica das variáveis psicossociais – Grupo 2	148
Figura 7 – Padrões da realidade subjectiva – Grupo 1	151
Figura 8 – Padrões da realidade subjectiva – Grupo 2	152
Figura 9 – ACM das variáveis Rorschach – Grupo 1	176
Figura 10 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 17	179
Figura 11 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 23	179
Figura 12 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 31	181
Figura 13 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 52	183
Figura 14 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 41	185
Figura 15 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 60	186
Figura 16 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 33	186
Figura 17 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 39	187
Figura 18 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 40	189
Figura 19 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 56	190
Figura 20 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 79	191
Figura 21 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 90	191
Figura 22 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 14	193

Figura 23 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 35	194
Figura 24 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 18	194
Figura 25 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 96	195
Figura 26 – ACM das variáveis Rorschach – Grupo 2	196
Figura 27 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 61	197
Figura 28 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 85	198
Figura 29 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 37	199
Figura 30 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 95	201
Figura 31 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 24	202
Figura 32 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 93	202
Figura 33 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 6	203
Figura 34 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 22	203
Figura 35 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 19	205
Figura 36 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 63	206
Figura 37 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 34	206
Figura 38 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 65	207
Figura 39 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 46	208
Figura 40 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 100	208
Figura 41 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 11	209
Figura 42 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 67	209
Figura 43 – Mito individual da participante 17	210
Figura 44 - Mito individual da participante 23	214
Figura 45 - Mito individual da participante 65	216
Figura 46 - Mito individual da participante 93	218

Figura 47 – Processo de alcoolização

250

I - INTRODUÇÃO

O Síndrome de Dependência Alcoólica mobilizou a atenção dos clínicos e dos investigadores a partir do século XIX, tendo-se tornado, progressivamente, um objecto de estudo de diferentes saberes científicos.

A área da Alcoologia tem suscitado o interesse progressivo por parte da Psicologia, surgindo diferentes linhas de investigação, que, na generalidade, se têm centrado nas patologias psíquicas associadas ao alcoolismo, tais como a depressão, a ansiedade ou o suicídio. Segundo McCrady (1985) “os tratamentos do alcoolismo derivam de um certo número de modelos teóricos. Os mais comuns são o modelo clínico de Jellinek (1951), os tratamentos psicodinâmicos criados a partir dos trabalhos de Blum (1966), os tratamentos familiares derivados da perspectiva sistémica (Steinglass, 1976), e os modelos comportamentais de Nathan & Briddel (1977)” (p. 35).

A incapacidade de controlar o consumo de bebidas alcoólicas (Jellinek, 1960), a existência de uma homossexualidade latente (Blum, 1966), as disfunções familiares e o papel do paciente identificado (Steinglass, 1976), e a importância do reforço suscitado pelos efeitos obtidos a partir do consumo de bebidas alcoólicas (Nathan & Briddel, 1977) surgem como factores etiológicos subjacentes ao aparecimento da dependência alcoólica, inscritos em diferentes modelos teóricos. Assim, independentemente do modelo teórico em que nos situamos para uma análise da problemática alcoólica, assistimos a uma tentativa de estabelecimento de umnexo de causalidade entre determinadas problemáticas psicológicas e a dependência do consumo de bebidas alcoólicas.

As teorias psicanalíticas partilham, na generalidade, desta lógica, na medida em que partem do pressuposto de que há falhas básicas no desenvolvimento psicológico que estão na génese do alcoolismo. Nessa perspectiva, por exemplo, Ferenczi (1912/1991) refere que o alcoolismo só se pode curar através da psicanálise, uma vez que esta permite descobrir e neutralizar as causas que levam as pessoas a refugiarem-se no álcool: “a responsabilidade dos sintomas de embriaguez não incumbia, em nenhum caso, somente ao álcool. A bebida agia como factor desencadeante, destruindo as sublimações, impedindo o recalçamento, mas a causa fundamental dos sintomas deveria ser procurada ao nível dos desejos profundos que reclamam satisfação” (p. 175). Fenichel (1945/1979) considera igualmente que a embriaguez permite afastar as

inibições da consciência, viabilizando que uma pessoa tímida possa realizar actos instintivos: “ O Superego dissolve-se no álcool” (p. 453).

Relativamente ao alcoolismo na mulher, as investigações são ainda muito escassas (Gitlow & Peyser, 1988/1991), apesar de se verificar uma tendência crescente para o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, como o mostram diferentes estudos epidemiológicos (Wilsnack & Cheloba, 1987). Um dos motivos que terá contribuído para um aumento do interesse pela problemática do alcoolismo feminino resultou da caracterização do Síndrome Fetal Alcoólico (SFA) detectado em recém-nascidos, filhos de mulheres alcoólicas, efectuada por Lemoine, Harrouseau, Borteyru e Menuet, em 1968 em França, e confirmado por Jones e Smith em 1973, nos EUA. A descoberta do SFA contribuiu para uma chamada de atenção dos clínicos para a importância do diagnóstico e para a elaboração de programas de prevenção junto da população em geral, os quais visam diminuir o consumo de álcool. Podemos dizer que nesses estudos a atenção se encontra focalizada nas consequências que advêm para o feto do consumo de álcool por parte da mãe, e não no alcoolismo da mulher em si. Na actualidade, os estudos psicológicos sobre o alcoolismo na mulher centram-se, na sua generalidade, igualmente em diferentes aspectos psicopatológicos.

O alcoolismo pode ser visto como uma situação de decadência, na medida em que coloca em causa os vectores que alicerçam o percurso existencial dos sujeitos. Um primeiro aspecto diz respeito à alienação. A consciência degradada do homem resulta do seu modo de vida inumano, distanciado do seu próprio *ser-no-mundo* (Heidegger, 1927/1984). Nesse sentido, o trágico surge associado à incapacidade de se auto-consciencializar. A “Verfall” ou decadência resulta do afastamento progressivo do “Dasein”. A conversão do homem num objecto estranho a si próprio, que Heidegger designa por “coisificação”.

Mais recentemente, Habermas (1981/1987) aprofunda este processo de *coisificação* do próprio homem, considerando que o que está posto em causa é a ausência de sentido.

A análise feita por Habermas da transformação do “homem-máquina”, ao contrário de Heidegger, enfatiza a dimensão intersubjectiva. “O processo de “materialização não se situa num plano individual, mas sim ao nível das interacções sociais, onde os locutores procuram na actividade comunicacional a veracidade (Kundgabe) para as experiências vividas subjectivas” (p. 116).

O fenómeno da consciência de si decorre da subjectividade, estruturada a partir da própria actividade comunicacional e a sua construção encontra-se assim posta em causa, na medida em que os indivíduos perdem progressivamente a possibilidade de criação de sentidos e de reflexão perante a realidade. Age-se mecanicamente, num processo que lentamente vai eliminando todos os interesses pessoais em detrimento do acto de consumir álcool.

Perante esta situação, pode-se dizer que a liberdade, enquanto condição essencial à afirmação da existência, se encontra igualmente comprometida. Vive-se por viver e mesmo colocados perante a eminência da morte, os alcoólicos mostram-se indiferentes.

Em Vergílio Ferreira encontramos uma leitura que nos ajuda a compreender esta postura perante a vida, no diário *Conta-corrente*, num excerto emblemático sobre a condição da mortalidade inerente ao ser humano: “A única certeza da vida é a morte. E é a certeza em que menos se acredita. Toda a história do mundo assentou sempre na ignorância de que se é mortal. Aqueles mesmo que o sabem não o vêem – a não ser em instantes de excepção. Que seria o mundo com essa evidência sempre presente? Só o homem sabe que é mortal. Mas raramente o homem sobe até si. O animal pesa nele, mesmo no que não é do animal. Assim a arte, a cultura, poucas vezes funciona como o que é para o espírito, sendo para o que é da nossa grosseria” (Ferreira, 1981, p. 38).

A animalidade enquanto processo redutor da expressão da subjectividade dá-nos conta da inviabilização lenta e progressiva do processo de consciencialização da realidade interna e externa. Como refere Cassirer (1960/1995), “a marca distintiva da vida humana resulta do sistema simbólico, permitindo ao homem a adaptação ao meio” (p. 32). Ao contrário do que acontece nos outros animais, no homem as respostas deixam de ser imediatas e passam por um processo reflexivo constituinte do pensamento.

Se a simbolização é um elemento nuclear para a construção da subjectividade, permitindo a criação de novos *vértices* sobre a realidade interna e externa, esta estará certamente comprometida no percurso alcoólico, na medida em que assistimos à imposição da arrogância em detrimento da verdade, a supremacia da mecanização comportamental por oposição à liberdade de se poderem criar novas possibilidades de agir, em última instância o domínio da morte perante a vida.

Assim, num primeiro plano, propomo-nos a ultrapassar uma lógica unicamente centrada no patológico, privilegiando os processos inerentes à estruturação da subjectividade. O doente alcoólico perde desta forma o estatuto exclusivo de doente

crónico, na medida em que os comportamentos alcoólicos se ligam a diferentes acontecimentos, face aos quais são atribuídos significados que lhes conferem uma coerência específica.

A par desta dimensão subjectiva, uma segunda premissa que consideramos essencial na abordagem do sujeito psicológico e que por isso se assume como uma directriz neste trabalho, diz respeito à possibilidade de evolução, de crescimento mental que lhe é imanente. Há uma realidade virtual, uma potência imanente ao ser humano, que pode revelar a sua possibilidade de transcendência. Apesar da presença de variáveis psicológicas que colocam em causa a existência do indivíduo, como a ausência de consciência face a um conjunto de fenómenos que caracterizam o seu mundo interno e o seu universo relacional, ele mesmo possui em si as potencialidades para a ultrapassagem das tormentas existenciais.

A marca de se ser humano transporta em si a possibilidade de mudança. Transformamo-nos no tempo e no espaço dos afectos. A subjectividade nasce e transforma-se na intersubjectividade, e esta é seguramente uma característica que marca a nossa condição humana.

Neste sentido, podemos afirmar que apesar deste estudo se enquadrar numa perspectiva teórica psicanalítica, abarca igualmente uma concepção humanista, na medida em que considera que é intrínseco ao sujeito psicológico um potencial humano sob a forma de um potencial criativo, essencial para a sua *auto-realização* e expressão da sua originalidade. Ao contrário dos modelos de cariz médico, onde preside uma lógica disjuntiva: a saúde ou a doença, situamo-nos numa perspectiva conjuntiva, no seio da qual é possível a coexistência de estados de degradação com estados de renovação da subjectividade, onde o caos e ordem se nutrem num ciclo de renovação.

Desde a teoria sistémica de Bertalanffy (1968/1980), que sabemos que a desordem é intrínseca aos sistemas. A coexistência da homeostasia e da entropia permitem que os sistemas evoluam. A perspectiva Aristotélica do *Homem como um ser racional* é assim ultrapassada por uma visão que integra a irracionalidade, a barbárie, a embriaguez e outras expressões de violência (Girard, 1990; Maffesoli, 1985). Tal como os outros sistemas, também o Homem está sujeito a períodos onde reina o caos e a imperfeição. O feio coexiste com o belo. A estética de se ser humano cruza-se com a ética enquanto expressão que resulta de um processo de separação e de individuação. Só o ser livre faz escolhas que têm sempre consequências, e são estas que traçam os diferentes percursos existenciais.

A “*hubris*” (desmesura, violência, amor, e ódio) posta em cena pelos Trágicos Gregos explorou as motivações humanas até às últimas consequências através de divindades e heróis cruéis. A entrada do Homem na história não se faz só pela sabedoria e pela técnica, mas também pela destrutividade e pela inumanidade. Apolo e Dioniso, enquanto figuras mitológicas, representam este equilíbrio instável entre o racional e o irracional, que se pode exprimir em comportamentos como a embriaguez, onde coabitam a vida e a morte. Se, como afirmou Nietzsche (1869/1977), Dioniso remete para a embriaguez, para o orgíaco, para a destruição, ele representa, igualmente, a afirmação incondicional da vida, o Homem Trágico em todo o seu esplendor, liberto de todas as contradições; no outro extremo, encontramos o Apolíneo, incapaz de se afirmar, o que se submete aos outros sob o jugo de uma lógica moral.

No limite destas manifestações encontramos a perda da liberdade dos indivíduos, a sujeição a um padrão de comportamentos aos quais está subjacente um Eu que é por si mesmo um estranho de si próprio, marcado pela decadência existencial.

Ao opor-se à perspectiva Socrática, segundo a qual o dionisíaco representava a “degenerescência”, Nietzsche (1869/1977) afirma a dinâmica da vida, que engloba o dizer sim mesmo ao sofrimento, à culpa, a tudo o que pode pôr em causa a existência.

Nos extremos, encontramos a perda da consciência de si que leva à mecanização, à dependência de objectos externos onde se procura incessantemente a felicidade, ainda que momentânea

Perante estes diferentes estados do Ser, torna-se necessário ir para além de uma lógica centrada no visível e perscrutar novas possibilidades de transformação do ser humano.

As diferentes concepções psicanalíticas focadas neste trabalho dão-nos conta de diferentes processos de construção do sujeito psicológico. Ao centrarmo-nos na teoria bioniana do desenvolvimento psicológico, encontramos um campo profícuo para a compreensão destes processos, na medida em que esta nos permite compreender a forma como se torna possível a dinâmica criada entre a *integração* e a *dispersão*, a arrogância e a mentira, a vida e a morte, ao nível do processo de desenvolvimento do pensamento e a forma como estes processos se manifestam nas participantes que integram este estudo, que, como referimos anteriormente, apresentam o desejo de ser um outro, livre de constrangimentos, ou, pelo contrário, de levar até ao extremo a exaltação dionisíaca.

A partir desta concepção do crescimento mental, esperamos aprofundar os conhecimentos sobre o alcoolismo enquanto processo passível de ser reversível, se ocorrerem novas possibilidades de criação de *vértices* da realidade.

O conhecimento e o contacto tornados possíveis no decorrer da licenciatura em Psicologia Clínica, despertaram o nosso interesse e reflexão sobre um instrumento específico – o *Rorschach*. A ligação que a metodologia projectiva tem com a teoria Psicanalítica permitiu-nos reflectir sobre o seu contributo para o desenvolvimento da Psicologia Clínica e dos procedimentos daí resultantes na nossa prática clínica. A relação com este método tem contribuído para o enriquecimento do nosso saber enquanto técnicos de saúde mental, possibilitando muitas vezes a aproximação a uma estética do humano e do inconsciente, que poderíamos dizer que está próxima da criação artística.

Com o recurso ao Rorschach, pretendemos estudar as possibilidades de expansão mental, captando as possibilidades de ligação entre o interno e o externo. O processo de resposta Rorschach pode ser visto como um trabalho de ligação entre o interno e o externo, que conduz à recriação de novos objectos (Marques, 1991) e nesse sentido surge como um objecto que nos permite aceder à forma como as participantes no nosso estudo mobilizam a capacidade simbólica, elemento estruturante da subjectividade.

A possibilidade de aceder às diferentes modalidades de funcionamento mental dos sujeitos permite, desta forma, ultrapassar uma lógica centrada na psicopatologia e nos sintomas, uma vez que privilegiamos a identificação de possibilidades de criação de um novo objecto e de transformação do espaço psíquico, condições que julgamos essenciais para a saída do estado de decadência em que se encontram.

O trabalho apresenta-se estruturado em três partes: na primeira – Encenações Dionisíacas no Feminino, começamos por enfatizar a importância que o acto de consumir bebidas alcoólicas assume ao longo da história da humanidade. Os efeitos propiciados pelo álcool inscrevem-se em variáveis antropológicas, sociológicas e psicológicas, assumindo inicialmente um carácter místico. No entanto, as desmesuras comportamentais provocadas pelo excesso do seu consumo, levaram a que a comunidade científica se pronunciasse sobre as mesmas. De objecto idealizado, as bebidas alcoólicas assumem progressivamente o estatuto de objecto perigoso, atribuindo o estatuto de “loucos” aos seus consumidores excessivos. A conceptualização destes

comportamentos pelas ciências médicas levou à focalização da atenção nos sintomas decorrentes do consumo patológico das bebidas alcoólicas, tendo estes estudos confinado na definição do Síndrome de Dependência Alcoólica.

Decorrente de uma lógica centrada no *pathos*, surgem diferentes abordagens psicológicas que incidem sobre aspectos mórbidos da personalidade responsáveis pela dependência alcoólica. É nesta lógica que se inscrevem igualmente os estudos que visam caracterizar a personalidade da mulher alcoólica.

Numa outra perspectiva, propomos um olhar para a Cultura Grega, berço do questionamento da condição humana, onde a representação do dionisíaco assume primazia em múltiplas manifestações artísticas e culturais. A partir da senda de Dioniso, propomo-nos retirar um quadro de leitura para as múltiplas vivências transmitidas pelas participantes do nosso estudo, onde a decadência irrompe com todas as consequências, na medida em que o rosto se confundirá com a máscara, e o acesso à simbolização e à metáfora se tornam inviáveis, precisamente porque se encontram nos antípodas – a impossibilidade de aceder ao dionisíaco, pela submissão a uma realidade que vivem como intransponível, ou pelo contrário a perda da consciência de si pela impossibilidade de perceberem que há uma distância entre o Entusiasmo “*En + Theos*”, que designa literalmente “*Em Deus*”, confundindo-se com o Deus.

Na segunda parte colocamos em relevo, ainda que de forma sucinta, a evolução de diferentes modelos psicanalíticos que nos permitem compreender a estruturação da subjectividade, ao nível da formação simbólica, e o caminho progressivo para um contexto teórico, onde seja passível a coexistência de movimentos de integração e de dispersão, sem que lhes seja atribuído uma conotação patológica. Deste balanceamento, resultam diferentes níveis de simbolização e o acesso à criação de sentidos (verdades psíquicas), fundamentais para a reformulação do “mito individual”. Se, por um lado, o processo de subjectivação depende da forma como os sujeitos se responsabilizam pelo seu projecto existencial, da dinâmica criada entre o recurso à verdade ou à arrogância e a conseqüente tomada de decisões, tornada possível num plano de liberdade pessoal, por outro lado, a possibilidade de criação de novos sentidos sobre a realidade depende das transformações que o pensamento possa sofrer.

A terceira parte é inteiramente dedicada à metodologia seguida neste estudo. Começamos por sistematizar os objectivos a atingir neste estudo e identificamos as diferentes etapas da investigação. Seguidamente, definimos qual a metodologia adoptada para a prossecução destes objectivos. Definidas as variáveis em estudo e os

métodos de análise das mesmas, caracterizamos os instrumentos utilizados. Por fim, descrevemos os procedimentos utilizados para a recolha e análise dos diferentes dados recolhidos a partir das sessões efectuadas com as participantes.

Após a definição dos aspectos de ordem metodológica, procedemos à apresentação e discussão dos resultados. Por fim, apresentamos as conclusões sobre os processos psicológicos captados.

II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Encenações dionisiacas no feminino

Neste capítulo propomos uma reflexão sobre a forma como o alcoolismo, e especificamente o alcoolismo na mulher tem sido abordado por diferentes autores das ciências psicológicas, com especial ênfase na leitura que os modelos psicanalíticos fazem da dependência alcoólica.

Começamos por focar alguns aspectos que nos mostram como o consumo de bebidas alcoólicas está enraizado na história da humanidade, e ainda hoje se faz sentir, no papel que tem em diferentes rituais sociais, em todas as culturas. Ao contrário da dependência de outras substâncias tóxicas como a heroína ou a cocaína, cuja venda é proibida por lei, o consumo de bebidas alcoólicas faz parte dos hábitos sociais de diferentes comunidades.

A simbologia atribuída às capacidades de transformação suscitadas pelas diferentes bebidas alcoólicas encarna em valores socioculturais de diferentes culturas. Podemos dizer que estamos perante uma “genética social e cultural” que se traduz na transmissão de mitos, saberes e dizeres populares que têm contribuído para a forma como o consumo de bebidas alcoólicas se impõe socialmente.

Num segundo ponto destaca-se a lenta evolução da concepção do alcoolismo como uma doença, e a forma como surge caracterizada em diferentes sistemas de classificação. O consumo de bebidas alcoólicas existe desde os primórdios da humanidade, no entanto, apenas no século XIX a ingestão excessiva e a dependência face às mesmas, adquiriram um estatuto patológico no seio da comunidade científica. Em diferentes especialidades da Medicina aprofundam-se conhecimentos sobre as diversas patologias orgânicas causadas pelo consumo de bebidas alcoólicas, bem como a abordagem de síndromes mentais daí decorrentes. A Psicologia Clínica ao procurar um lugar entre as outras ciências, cedo começou igualmente por valorizar a patologia. A ligação que a Psicologia nutre com a Medicina levou-a a privilegiar o estudo da Psicopatologia associada ao alcoolismo.

Entre as teorias psicológicas que se debruçam sobre o alcoolismo, destacamos as abordagens de cariz dinâmico. É evidente nestas teorias a importância dada à patologia da personalidade associada a este tipo de comportamentos, tentando estabelecer relações

de tipo causal. Com efeito, estes estudos partem em geral do pressuposto que há falhas básicas no desenvolvimento psicológico destes indivíduos e que o alcoolismo resulta de tentativas sucessivas de colmatar essas lacunas, fonte de sofrimento psicológico.

Na tentativa de questionar um raciocínio causal que está subjacente neste tipo de abordagens teóricas, propomo-nos neste trabalho discutir outras perspectivas que poderão ultrapassar a focalização no *pathos*, e abrir novos caminhos de discussão, precisamente porque estamos perante um conjunto de comportamentos com raízes ancestrais, inscritos na cultura de diferentes civilizações.

Estes comportamentos põem em causa a estruturação do Ser, emanada da dinâmica criada entre a alteridade e a subjectividade, pelo que ao estudarmos algumas das variáveis postas em jogo na relação que os indivíduos estabelecem com o consumo dependente de bebidas alcoólicas somos remetidos para o plano ontológico.

Esta restrição existencial, de que se reveste a exacerbação do culto do vinho, leva-nos a uma viagem pela Cultura Grega, onde a religião Dionisíaca surge no contexto de uma sociedade organizada em estratos sociais. *As Bacantes* de Eurípides revelam esse desejo de libertação, na comunhão com o divino, por parte dos mortais. Ao destacarmos o dionisíaco como uma possibilidade que permite por em causa os vários constrangimentos sociais, e se apresenta como uma proposta de libertação, dos grilhões internos e externos, deixamos de olhar para o alcoolismo como uma simples entidade nosológica, mas também como um conjunto de processos de transformação e de expressão do Ser no plano ético e estético, resultantes do questionamento permanente sobre si próprio e as relações que estabelece com os outros.

2.1.1 Elementos em cena – vinho, deuses e homens

A história das bebidas alcoólicas acompanha a evolução do homem em várias expressões individuais e culturais. Desconhece-se com rigor quando é que o homem começou a consumir bebidas alcoólicas. No entanto, os arqueólogos aceitam a descoberta de montículos de grainhas acumuladas como uma prova do fabrico do vinho. Os mais antigos, provenientes de vinhas cultivadas, foram encontrados na Geórgia e datam de um período que medeia entre 7000 e 5000 a.C. (Johnson's, 1989/1999).

A descoberta dos líquidos fermentados pelo homem parece ser muito anterior ao surgimento da agricultura ou à sedentarização dos povos antigos, sendo provável que os

antigos tenham bebido líquidos provenientes de frutos já fermentados e que, a partir de constatações fortuitas, tenham descoberto o processo de fermentação (Sournia, 1986).

No período paleolítico, admite-se que o homem tenha tomado conhecimento, de forma acidental, dos efeitos da ingestão do produto fermentado a que o mel, recolhido e armazenado em recipientes artesanais, dera origem. No período neolítico, a cerveja e o seu fabrico eram já do conhecimento do homem. Os primeiros encontros do homem com o álcool e os seus efeitos foram interpretados como algo de transcendente.

O vinho tornou-se a bebida privilegiada ao longo de diversas civilizações, repleto de simbologia, impregnado de religiosidade e de misticismo. Na panóplia do panteísmo que é próprio das grandes civilizações, os Egípcios consagraram-lhe Osíris, os Gregos Dioniso e os Romanos Baco.

Sob o efeito do álcool, a par de outros rituais, o homem descobre a possibilidade de entrada em “novos mundos” de fantasia e do sonho, transcende uma realidade interna e uma realidade externa, e estas transformações aproximam-no das suas divindades. Surge assim, um primeiro motivo para a consagração das bebidas alcoólicas como um elemento fundamental, no teatro da vida, que diz respeito à criação do trígono: homem, álcool e divindade.

Com a expansão do Império Romano do Ocidente, o culto do vinho e da vinha vai ter um grande incremento em França e na Península Ibérica (Marques, 1997).

Na Idade Média, a cultura da vinha e o fabrico de bebidas alcoólicas, passam a ser feitos em abadias e mosteiros, ficando o seu consumo restrito ao clero e à nobreza. A par da divinização conferida pelas grandes civilizações aos efeitos suscitados pelas bebidas alcoólicas, a cultura judaico-cristã confere igualmente uma simbologia própria ao vinho, consubstanciando-se na eucaristia no sangue de Cristo.

No século XVI, o consumo das bebidas alcoólicas espalha-se pelo mundo e chegados ao século XVII, o vinho era consumido às refeições ou de forma maciça nas bebedeiras, datando desta época a proliferação das tabernas (Marques, 1997).

Só a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial, o consumo de bebidas passa a fazer parte do quotidiano.

Em muitas regiões do nosso país frequentar a taberna foi durante muito tempo uma espécie de ritual de iniciação à vida adulta, propiciando aos jovens o acesso às conversas e aos jogos dos homens. Através do álcool e do jogo, a taberna permitia uma integração dos indivíduos do sexo masculino no grupo social, facilitando a aquisição de normas e hábitos transmitidos de geração em geração. As mulheres encontravam-se

afastadas destes espaços de convívio social, onde uma cultura com as marcas da ruralidade se faz sentir, na acessibilidade aos espaços sociais relativos ao mundo dos homens. Como refere Pais (2006): “Por efeito de um processo decorrente da dialéctica da distribuição sexual dos papéis familiares, melhor é dizer que as mulheres são das tabernas excluídas, com excepção da mulher do taberneiro, de uma ou outra prostituta e das que apenas se deixam ver nas folhas de calendário” (p. 111).

A diferenciação no acesso ao consumo de bebidas alcoólicas, em função do género perde-se no confim dos tempos. Como refere Aguilera (1997/2001), na Roma clássica, no máximo, as mulheres podiam beber hidromel e o vinho “mulsum”. As razões para tal proibição tinham a ver com o facto de a mulher carecer de virtude, podendo descontrolar-se se se embriagasse. Uma outra razão era que a mulher nascia para ser mãe, e o vinho era “sangue” de um corpo estranho, a videira, logo não devia misturar-se com o sangue da dama, destinada a receber apenas o sangue do marido.

Esta distinção assume uma carga moral na medida em que é referenciada no Antigo Testamento: “O anjo do Senhor respondeu a Manoá: Abstenha-se tua mulher de tudo o que eu lhe disse; não coma nada do que nasce da vinha; não beba vinho, nem coisa que possa embriagar, não coma coisa alguma impura; observe e cumpra o que lhe ordenei” (Juízes, 13-7), criando-se dessa forma a via para o julgamento da manifestação dos comportamentos alcoólicos na mulher, que chega aos nossos dias.

À videira e ao vinho é atribuído um simbolismo que não se verifica face a outros elementos da natureza. Em muitas regiões de Portugal festejam-se as vindimas e não as colheitas de outros frutos.

Chevalier e Gheerbrant (1982), ao referirem-se à simbologia vinícola, referem que “a videira era considerada uma árvore sagrada, até mesmo divina, e o seu produto, o vinho, a bebida dos deuses. O vinho é geralmente associado ao sangue, pelo seu carácter de essência da planta, sendo a bebida da vida ou da imortalidade” (p. 1016).

Na evolução da sociedade ocidental, embora o uso do vinho persista na simbologia da religião católica, os rituais deram lugar a hábitos de cariz social. O álcool assumiu desde sempre um papel importante nas práticas comunitárias. Ainda hoje, não é possível conceber uma celebração onde não haja vinho em abundância.

Independentemente das diferenças que possam existir em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, por parte dos homens e das mulheres, a cultura ocidental há muito que legitimou o consumo de bebidas alcoólicas, embora tenha desde sempre mantido uma posição paradoxal, pois ao mesmo tempo que é indispensável nos diferentes rituais

sociais, os seus efeitos foram temidos e repudiados. O álcool assume desta forma o estatuto de objecto paradoxal, pela divinização e diabolização, que lhe são atribuídas socialmente. De elemento essencial para a sociabilidade, os prejuízos decorrentes do seu consumo tanto ao nível da saúde física como da saúde mental, levaram a que a comunidade científica se pronunciasse, tendo o alcoolismo adquirido o estatuto de doença a partir do século XIX.

2.1.2 Da transcendência à loucura - *diablo in vinos*

Embora o consumo de bebidas alcoólicas acompanhe a história do homem, foi apenas no início do século XIX que surgiu o interesse dos investigadores pelas consequências orgânicas e mentais, causadas pelo seu consumo excessivo. Este interesse tardio resulta da permissividade face a um conjunto de comportamentos inseridos em diferentes culturas, nas quais a vinha tinha uma grande importância na economia doméstica e nos benefícios que advinham para o Estado (resultantes dos impostos sobre as bebidas alcoólicas). Surgiam, no entanto, paralelamente diferentes tentativas de controlar esses comportamentos excessivos, consequência do temor face à possibilidade dos indivíduos perderem o controlo sobre si próprios. Do culto da transcendência, caminha-se para a sua encarceração.

Segundo Shorter (1977/2001), no século XIX o consumo de bebidas alcoólicas aumentou substancialmente. Por exemplo, em Inglaterra, o consumo *per capita* de bebidas alcoólicas subiu 57% entre 1801 e 1901. Como consequência deste incremento no consumo de bebidas alcoólicas surgiu, segundo este autor, uma intolerância cada vez maior relativamente ao desvio, o que levou à reclusão crescente de indivíduos “insuportáveis” em manicómios da época: “Durante o século XIX, vários componentes importantes da loucura estavam em ascensão, particularmente a neurosífilis, os problemas induzidos pelo álcool e a esquizofrenia” (p. 59).

A par da institucionalização dos alcoólicos em hospitais psiquiátricos, a sociedade criou padrões moralistas com o intuito de controlar o consumo desta substância. Para isso contribuiu o Movimento da Temperança e os debates que acarretou (Ritson, cit. in Freeman, 1999). Beber excessivamente era visto como um pecado, com as inevitáveis consequências sociais que daí advinham para quem se expunha publicamente.

Face à generalização destes comportamentos, a comunidade científica é chamada a dar uma resposta. Thomaz Trotter publicou em 1804 *An Essay Medical, Philosophical and Chemical on Drunkenness and its Effects on the Human Body*, onde considera a embriaguez uma doença.

Em 1849, na Suécia, após a publicação de Magnus Huss, *Alcoolismus Chronicus*, o conceito de alcoolismo como doença foi difundido em todo o mundo e foi dado o primeiro passo para o início das investigações sobre o mesmo, desenvolvidas sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial. Muitos pacientes foram internados em hospitais psiquiátricos e tratados dos efeitos causados pelo álcool.

Estes primeiros estudos sobre as consequências resultantes do consumo excessivo de álcool eram exclusivamente médicos e enfatizavam as lesões provocadas por essa substância nos diferentes sistemas e órgãos do corpo humano. As primeiras instituições destinadas ao tratamento de alcoólicos tinham como objectivo a reabilitação moral destes doentes. Essa perspectiva moralista foi suplantada pela nova visão médica do alcoolismo.

Em 1950, Jellinek, um Educador do Yale Center, divulgou as suas ideias sobre o alcoolismo como uma doença na obra *The Disease Concept of Alcoholism*. Jellinek e o grupo de investigadores do Yale Center defendem com argumentos científicos a importância da criação de serviços especializados para alcoólicos, nos quais poderiam ficar abstinentes e, com ajuda psicológica, adoptarem uma forma de vida sóbria. (cit. in Freeman, 1999). A perda de controlo sobre a quantidade de álcool ingerida era um sintoma patognomónico da doença. O desenvolvimento da doença admitia quatro fases: fase pré-alcoólica, fase prodrómica, fase crucial e fase crónica.

As ideias resultantes deste grupo de cientistas abriram novas abordagens multidisciplinares – físicas e mentais - do alcoolismo.

Fouquet, Malka, e Vachonfrance (1986), propõem o conceito de “alcoologia” dando-lhe a seguinte definição: “disciplina consagrada a tudo o que trata do mundo do álcool etílico: produção, conservação, distribuição, consumo normal e patológico com as implicações desse fenómeno, causas e consequências a nível individual e colectivo”. Esta disciplina assenta em três pilares:

- a Psicologia, com os seus métodos de exploração experimental, onde se destaca os testes, as descrições fenomenológicas e a formulação de hipóteses psico-genéticas;
- a Fisiologia e a Bioquímica, que estudam o metabolismo do etanol;
- a Sociologia, demonstrando as implicações sociais do consumo do álcool.

Edwards e Gross (1976) propuseram o conceito de “Síndrome de Dependência do Álcool”. Esta noção objectiva e precisa, desprovida de qualquer sentido moral, permitiu a definição dos fenómenos de dependência face ao álcool.

A definição diagnóstica de alcoolismo surge actualmente na classificação proposta pela Associação Psiquiátrica Americana – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM IV – 4ª edição) e pela OMS - Classificação Internacional de Doenças (ICD 10 – 10ª versão). Os critérios diagnósticos encontram um paralelismo nas duas classificações, destacando a manifestação de um desejo de consumir bebidas alcoólicas que supera todos os outros e que leva à perda do controlo sobre o seu consumo, o aparecimento de sintomas de abstinência, tal como noutras dependências, e o estreitamento do campo comportamental dos sujeitos, que se vai confinando progressivamente à procura e consumo de bebidas alcoólicas, independentemente das consequências que possam daí advir. Tendo em conta as duas classificações, o diagnóstico de dependência é feito com base nos seguintes critérios:

Quadro 1 – Classificações do alcoolismo segundo a ICD 10 e a DSM IV

	ICD 10	DSM IV
Compulsão	Forte desejo ou compulsão para beber	
Dificuldades de controlo	Dificuldade em controlar o consumo de álcool: início, término ou níveis de consumo	Consumo de álcool em quantidade superior ou por um período de tempo mais longo que o pretendido
Abstinência	Sintomas da abstinência fisiológica	Síndrome de abstinência típico
Alívio da abstinência	Consumo de álcool para aliviar ou evitar os sintomas da abstinência	Consumo de álcool para aliviar ou evitar os sintomas da abstinência
Tolerância	Evidência de tolerância de tal forma que doses crescentes são requeridas para produzir os mesmos efeitos de doses anteriormente baixas	Necessidade de quantidades crescentes da substância para atingir a intoxicação (ou o efeito desejado) ou uma diminuição acentuada do efeito com a utilização continuada da mesma quantidade de substância
Relevância	Abandono progressivo dos prazeres ou interesses alternativos em detrimento do consumo de álcool, aumento da quantidade de tempo para obter, tomar ou se recuperar do consumo de álcool; Persistência do consumo de álcool apesar da evidência clara de consequências manifestamente nocivas	O sujeito pode dispensar grande quantidade de tempo na obtenção e utilização da substância ou recuperação dos seus efeitos; importantes actividades sociais, ocupacionais ou relacionais podem ser abandonadas ou reduzidas devido à utilização da substância

(consultado a partir de: (<http://www.cras.min-saude.pt/relatorio.htm>))

Destacam-se nestas classificações cinco aspectos que encontramos igualmente noutras dependências de substâncias: a obsessão pelo consumo, a dificuldade no controlo do comportamento que visa a obtenção da substância tóxica, os sintomas de abstinência, que desaparecem com uma nova toma, o incremento da tolerância face aos efeitos produzidos pela substância, que levam a um aumento exponencial do consumo e o esvaziamento progressivo dos outros interesses, como o trabalho ou a família. O alcoolismo, tal como as outras toxicodependências, transforma-se no centro existencial do sujeito. Vive-se para consumir álcool, mesmo que esse comportamento implique um conjunto de consequências nefastas para o sujeito, que em última instância conduzem à morte.

Na realidade, são várias as problemáticas que se encontram associadas ao desenvolvimento do alcoolismo, como o divórcio, a violência doméstica, o síndrome fetal alcoólico; problemas de ordem pública como a criminalidade, a mendicidade, os acidentes de viação; e problemas sociais como o desemprego encontram-se associados ao alcoolismo. Perante as inúmeras consequências resultantes do consumo excessivo de álcool que ultrapassam largamente a noção de alcoolismo como doença, identificamo-nos com a noção proposta por Mello, Barrias e Breda (2001), de “*problemas ligados ao álcool*”, uma vez que nos dá uma ideia muito mais realista da extensão que estes problemas ocupam na sociedade actual.

Quanto à extensão epidemiológica dos comportamentos alcoólicos, o Relatório Mundial de Saúde (2001), refere que o tabaco e o álcool são as substâncias de maior consumo no mundo e as que têm mais graves consequências para a saúde pública. No que diz respeito ao álcool, a prevalência de ponto das perturbações devidas ao consumo patológico e dependência em adultos foi estimada em cerca de 1.7% em todo o mundo. Segundo o Índice Carga Global de Doenças (CGD), o álcool seria responsável por 1.5% de todas as mortes e por 2.5% do total de Anos de Vida Perdidos (AVAI).

O consumo de bebidas alcoólicas tem igualmente vindo a aumentar. Em 2003 o consumo *per capita* foi considerado um dos mais elevados do mundo, tendo-se situado com 9.6 L de álcool puro no 8º lugar europeu e mundial (<http://www.cras.min-saude.pt/relatorio.htm>). Em relação ao vinho, Portugal apresentou-se no quarto lugar mundial com um consumo de 42 L por habitante. O consumo de cerveja e de bebidas destiladas tem aumentado igualmente.

Esta evolução do consumo de bebidas por parte de diferentes grupos etários é assinalável em diferentes culturas. Por exemplo num inquérito realizado pelo National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (NIAAA) à população Americana, no período compreendido entre 2001 e 2005, registou-se a tendência crescente para este aumento em diferentes grupos populacionais (www.niaaa.nih.gov).

A compreensão dos comportamentos alcoólicos apela para uma interdisciplinaridade de saberes científicos, delimitando desta forma todos os estudos realizados nesta área. É desta conjugação de diferentes perspectivas que resulta o conhecimento científico e a elaboração de planos preventivos e de estratégias terapêuticas, suficientemente eficazes para a redução de um dos problemas mais graves no campo da saúde pública.

No contexto desta perspectiva multidisciplinar sobre o alcoolismo têm surgido igualmente diferentes estudos no domínio da Psicologia sobre os aspectos da personalidade envolvidos no desenvolvimento dos comportamentos alcoólicos. Com efeito, a personalidade do sujeito social com uma conduta alcoólica tem sido objecto de estudo por diferentes áreas da Psicologia (Comportamental, Cognitivista, Sistémica, etc.). Tendo em conta a especificidade deste estudo, vamos destacar cronologicamente, diferentes abordagens psicanalíticas da personalidade dos indivíduos que apresentam estes comportamentos. A sua abrangência e a identificação que nutrimos com esta área de estudo do ser humano são factores que condicionaram a nossa escolha.

2.1.3 Abordagens psicanalíticas do alcoolismo. A mulher sob o domínio de Dioniso

Em termos cronológicos, surge um primeiro grupo de estudos que privilegia a actualização das pulsões inconscientes, mediada pelos efeitos propiciados pelas bebidas alcoólicas, resultando na libertação de constrangimentos internos. O alcoolismo, a par de outras patologias psíquicas começa por ser abordado como um conflito entre a expressão e a repressão dos impulsos.

Um primeiro aspecto prende-se com a ligação à pulsão sexual reprimida e a gratificação narcísica resultante do consumo de álcool. Freud (1898/1996), no artigo *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses*, em paralelo com a masturbação, destaca o carácter neurótico das dependências: “nem todos os que têm oportunidade de consumir

morfina, cocaína ou hidrato de cloral, num período de tempo, adquirem desta forma um “vício”. A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam servir - directa ou indirectamente - de substitutos da falta de satisfação sexual; e, sempre que a vida sexual normal não pode mais ser restabelecida, podemos contar, com certeza, com uma recaída do paciente” (p. 262).

Desta forma, o prazer associado ao consumo de bebidas alcoólicas, surge como uma substituição do prazer sexual.

Uma das expressões da sexualidade humana que se encontraria sob repressão, remete para a homossexualidade.

Com efeito, a relação entre o alcoolismo e as fantasias homossexuais surge na obra de Freud (1911/1996) em *Notas Psicanalíticas sobre a Autobiografia de um caso de Paranóia* onde aborda o delírio alcoólico da seguinte forma: “O papel desempenhado pelo álcool nesse distúrbio é, sob todos os aspectos, inteligível. Sabemos que aquela fonte de prazer afasta inibições e desfaz sublimações. Não é raro que o desapontamento com uma mulher leve um homem a beber – mas isso significa, geralmente, que ele recorre ao bar e à companhia de homens, que lhe proporcionam a satisfação emocional que deixou de conseguir junto da sua mulher em casa. Se então esses homens se tornarem os objectos de uma forte catexia libidinal no seu inconsciente, ele a repelirá numa forma contraditória: “Não sou eu quem ama os homens – ela ama-os, e suspeita da mulher em relação a todos os homens a quem ele próprio é incitado a amar” (p. 72).

Para Freud, o álcool seria capaz de dissipar as inibições e desfazer o trabalho de sublimação. Em consequência disto, a libido homossexual libertar-se-ia o que permitiria compreender o delírio de ciúmes do alcoólico.

Partindo destes pressupostos teóricos, Abraham (1926/1994), considera que a homossexualidade é sujeita à sublimação e esta é passível de se manifestar sob a influência do álcool. Segundo este autor, os homens têm mais tendência a consumir bebidas alcoólicas porque lhes incrementa o sentido da masculinidade. No entanto, “as mulheres que têm uma maior inclinação para o álcool têm provavelmente uma tendência maior para a homossexualidade” (p. 6). Esta perspectiva será retomada posteriormente em diversos estudos que incidem igualmente sobre a relação entre o alcoolismo e a homossexualidade feminina, sem que no entanto consigam demonstrar uma relação causal entre ambas (Hugues & Wilsnack, 1997; Rothblum, 1994; Saghir & Robins, 1973).

Se como vimos anteriormente, a tendência crescente para o aumento do consumo de bebidas alcoólicas é manifesta em diferentes estudos epidemiológicos que incidem sobre distintas culturas, é de esperar que seja assinalável igualmente nos sujeitos homossexuais.

Um outro comentário que nos apraz tecer a este primeiro grupo de estudos que valoriza a emergência dos impulsos recalçados sob a influência do álcool, diz respeito ao carácter desinibidor que estas substâncias possuem e que se manifesta num conjunto de comportamentos, como a condução automóvel ou na manifestação de comportamentos violentos.

A busca incessante de satisfação em objectos externos remete para um nível de organização narcísica, onde o auto-erotismo ganha primazia sobre a genitalidade. Do contacto com homens e mulheres alcoólicos, assistimos progressivamente à procura de uma figura cuidadora, com características maternais que possa cuidar e proteger. A conjugalidade vivida sob a égide do erotismo vai-se configurando progressivamente numa relação marcada pelo binómio cuidador-cuidado.

Na evolução das ideias psicanalíticas sobre o alcoolismo destaca-se precisamente o carácter oral e a regressão a um período do desenvolvimento psicosexual onde primava o auto-erotismo.

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1996), estabelece a origem do alcoolismo ligada a uma forte fixação da libido ao estágio oral: “nem todas as crianças praticam esse chuchar. É de supor que cheguem a fazê-lo aquelas em que a significação erógena da zona labial for constitucionalmente reforçada. Persistindo essa significação, tais crianças, uma vez adultas, serão ávidas apreciadoras do beijo, tenderão a beijos perversos ou, se forem homens, terão um poderoso motivo para beber e fumar” (p. 171).

Glover (1928/1994) reforça esta perspectiva, apontando três factores principais na etiologia do alcoolismo: “a fixação parcial da libido em níveis sádicos, orais e anais do desenvolvimento, a tendência recorrente para regredirem a uma organização do Eu narcísica que activa mecanismos de defesa primitivos e as perturbações da consciência que conduzem ao mecanismo de projecção” (p. 79).

Como consequência desta fixação parcial da libido, Glover (1928/1994) compara a alternância entre períodos de sobriedade e de alcoolização à doença maníaco-depressiva. A regressão primitiva narcísica e a desintegração do Supereu surgem na paranóia alcoólica.

Radó (1933/1994), no artigo *Psicanálise das Farmacotímias*, considera que este sofrimento resulta de um “Eu cujo narcisismo insiste como valor supremo na sua satisfação, não está preparado para gerir a dor que resulta da frustração (p. 125). Pelo contrário, sob o efeito do tóxico o doente sente o efeito do “prazer farmacogénico”. Este efeito consiste essencialmente no aumento da auto-estima e na elevação da tonalidade afectiva, chegando à euforia, o que permite o desaparecimento dos sintomas depressivos. Estabelece-se assim um ciclo de dependência, uma vez que o estado de euforia dura apenas algum tempo. À medida que o Eu se confronta novamente com a realidade, esta torna-se assustadora, só lhe restando novamente o refúgio no tóxico. O alcoolismo teria assim na sua etiologia uma perturbação narcísica.

A quebra da organização genital e o percurso da regressão levava a que os outros fossem apenas meros prestadores de cuidados, salientando-se a sua funcionalidade (Fenichel, 1945/1994). A visão funcional do outro como alguém que providencia cuidados básicos é um traço do “carácter oral”. Este traço é responsável por uma dependência que inibe o processo normativo de desenvolvimento psicológico em que o outro não é visto como um objecto parcial tal como o caracteriza Mahler e Bergman (1975).

Na origem deste tipo de relação objectal, Rosenfeld (1960) considera que se encontram dificuldades maternas que levariam estes sujeitos a sentirem inveja primária pelo seio materno, que mais tarde seria substituído pelas substâncias tóxicas.

Segundo esta perspectiva, estas mães estariam longe de ser “suficientemente boas” na concepção de Winnicott (1960) e desencadeavam um estado confusional com os seus filhos. A etapa de separação e posterior individuação (Mahler & Bergman, 1975) seria alcançada de forma inconsistente, levando ao consumo de tóxicos.

Wursmer (1977/1994) considera que esta “grave crise narcísica” é acompanhada por uma crise na auto-estima e pelo colapso das expectativas do Self e dos outros: “Face aos afectos de raiva e fúria, vergonha e culpa, aborrecimento e vazio, solidão e depressão, resta aos sujeitos o recurso da externalização como defesa” (p. 195). O objectivo seria obter alívio, euforia, o prazer regressivo, uma combinação narcísica entre a oralidade, a dependência objectal e um sentimento de ser coesivo.

Levin (1991/1994) considera que os alcoólicos têm na sua estrutura psicológica, dificuldades ao nível das bases narcísicas. O núcleo da dificuldade destas personalidades centra-se na ausência de uma estrutura interna; há falhas no Self que comprometem a regulação da ansiedade e da auto-estima. A patologia alcoólica é uma

tentativa de ultrapassar esta “falha estrutural”, a bebida serve para reduzir a tensão e regular a auto-estima na ausência de recursos intrapsíquicos.

“A deficiente estrutura narcísica do Self é experimentada como uma depressão vazia e é vivida como falta de interesse pelas pessoas, actividades e objectivos. A regressão ao narcisismo patológico, concomitante com o processo alcoólico, retira progressivamente ao Eu frágil, os investimentos nos objectos e actividades, deixando um vazio e uma garrafa vazia” (p. 371). Outro dado surge no campo da dependência face aos outros. Haveria uma relativa incapacidade para utilizar os recursos internos, bem como incapacidades nas diferenciações da imagem corporal, da figura e fundo e do Self e do mundo. Em consequência destas incapacidades, a pessoa dependente vive o meio como um “self-objecto”, levando a regressões narcísicas.

Os alcoólicos apresentariam uma confusão na identidade do género, expressão desse narcisismo patológico (conflito face aos papéis sexuais).

Em termos de narcisismo patológico, a fraqueza do Eu no alcoólico é compreendida em termos de defeitos estruturais no Self. A falha em internalizar por um processo de selecção e identificação despersonalizada – as funções da regulação do afecto, providenciadas pela mãe ou cuidadores resultam em fraqueza do Eu.

Um dos autores que mais criticou este tipo de trabalhos foi Vaillant (1983). Segundo este autor, para que se identificassem estes traços de personalidade era necessário que estes estudos tivessem um *design* de tipo longitudinal. Numa tentativa de por à prova estas teorias realizou um estudo longitudinal com uma amostra de 184 alunos de colégios. Quando tinham 50 anos, seleccionaram-se os sujeitos alcoólicos. No que diz respeito ao “carácter oral”, marcado por características como - passividade, baixa autoconfiança, e dependência, concluiu que a personalidade instável e a evidência de características pré-mórbidas da personalidade estavam correlacionadas com o comportamento oral-dependente mas não com o abuso de álcool.

Na amostra do colégio, os problemas na infância levavam o adulto a apresentar doença mental, mas não alcoolismo.

Dos 26 alcoólicos, muitos apresentavam-se deprimidos e incapazes de se controlarem como consequência da sua incapacidade para controlarem o consumo de álcool. Em face dos resultados obtidos, concluiu que o alcoolismo pode ser visto como um estilo de vida escolhido pela pessoa para lidar com as suas necessidades pessoais e as pressões do seu meio. Não se podem estabelecer relações de causalidade das variáveis com o alcoolismo. “A etiologia do alcoolismo é multifactorial. Os estudos

prospectivos apresentados não permitem predizer que indivíduos com determinadas características se podem tornar alcoólicos” (p. 106).

Identificamo-nos com esta posição teórica, na medida em que parece inviável o estabelecimento de relações causais entre este registo de funcionamento regressivo e a génese do alcoolismo. Como referimos anteriormente, a regressão narcísica propiciada pelo consumo de álcool torna-se evidente nestes sujeitos. No entanto, esta postura perante os outros é causa ou consequência de um processo de degradação existencial, onde tudo se vai tornando secundário em detrimento do objecto álcool?

Na realidade, no processo de degradação física e mental consequente do alcoolismo, vão surgindo diferentes tipos de limitações que comprometem a autonomia destes indivíduos e que levam a que as pessoas à sua volta se vejam na contingência de assumirem o papel de cuidadores. Quando esta situação não se torna possível, restam as instituições asilares ou uma vida de sem-abrigo.

Por fim destacamos a associação entre as perturbações do Self e a génese de comportamentos alcoólicos.

Kohut (1977/1994) considera que há quatro perturbações do Self: os distúrbios narcísicos da personalidade, as perversões, as delinquências e as adicções. “Em todas as perturbações os indivíduos sofrem de uma fragilidade central na sua personalidade” (p.344). Os alcoólicos procurariam igualmente a cura para a falha central no seu Self. O álcool seria para eles o substituto dum “self-objecto” que falhou traumáticamente numa altura em que tinham sentimentos de onnipotência. “Compele o idealizado “self-objecto” a submeter-se e a partilhar do seu poder mágico” (p. 345). Incorporando o tóxico (bebidas alcoólicas) transporta para ele o sentimento de ser aceite e de ser auto-confiante; sente-se forte e poderoso.

Segundo Khantzian (1981/1994) os alcoólicos apresentam limitações no Eu e do Self que se manifestariam ao nível da auto-protecção, gestão dos afectos e nas relações com os outros. O facto destes sujeitos apresentarem um comportamento prejudicial, ignorando todas as indicações dos técnicos e pessoas que lhes são próximas, dá-nos conta de uma incapacidade no desenvolvimento da função do Eu. “Esta função origina-se na relação mãe-criança, quando as funções de cuidado e protecção da mãe são internalizadas gradualmente para que o indivíduo possa individualmente tomar cuidado de si próprio” (p. 234). No que diz respeito ao funcionamento do Self, Khantzian (1981/1994), considera que os alcoólicos são pessoas “desesperadamente dependentes”.

No entanto, ao contrário das formulações teóricas que associavam esta dependência a fixações orais, considera que este modo de funcionamento estaria relacionado com defeitos na estrutura psicológica: “ o alcoólico sofre de dependência dos efeitos do álcool e liga-se aos outros para compensar das deficiências na autoprotecção, regulação dos afectos, auto-estima e o sentimento de bem-estar” (p. 237).

As diferentes abordagens dinâmicas focadas anteriormente partem do pressuposto de que existem perturbações da personalidade, decorrentes de diferentes problemáticas, prévias ao surgimento do alcoolismo, integrando desta forma um raciocínio causal. Assim, a existência de uma homossexualidade latente que urge em se manifestar, a existência de uma patologia narcísica depressiva, fruto de uma *maternage* deficitária e a conseqüente busca por um substituto materno, e a existência de falhas na estruturação do Self estariam na gênese e manutenção do alcoolismo.

Estas posições teóricas suscitam da nossa parte algumas considerações. Desde logo, consideramos questionável o estabelecimento de relações de tipo causal entre estas perturbações da personalidade e o surgimento de comportamentos alcoólicos, pois nem todos os sujeitos que apresentam traços de personalidade como a dependência face aos outros, ou uma orientação sexual homossexual se tornam alcoólicos.

Como é possível a estruturação narcísica de um sujeito alcoólico, se progressivamente vai construindo com as próprias mãos a sua ruína? A degradação física e mental a que estão sujeitas as pessoas que vivem sob o domínio do consumo de bebidas alcoólicas, leva à desistência de si próprias e dos outros num quadro progressivo de isolamento relacional e afectivo. É neste sentido que consideramos restritiva a abordagem destes comportamentos focalizada unicamente nas múltiplas patologias da personalidade, pois é no quadro de um percurso de vida que adquirem sentido estes comportamentos, na medida em que cada individuo faz escolhas em função de um conjunto de condicionantes que o marcam enquanto Ser com uma subjectividade que lhe é própria. Estas escolhas reflectem a forma como é mediada a relação entre a realidade interna e a realidade externa e têm sempre uma significação simbólica que interpela os outros.

Para além destes aspectos, destacamos ainda o facto destes estudos, na sua generalidade, se referirem a indivíduos do género masculino. Mais recentemente surgiram investigações sobre a personalidade da mulher alcoólica e que nos permitem

igualmente levantar questões sobre os seus diferentes conteúdos e a criação de novas formas de abordagem do alcoolismo na mulher.

Na breve história da Alcoologia, o alcoolismo tem sido sobretudo abordado no masculino, existindo poucos estudos sobre a doença alcoólica na mulher. Gitlow e Peyser (1988/1991) referem que é difícil encontrar na vasta literatura sobre o alcoolismo quaisquer estudos relativos à mulher alcoólica antes dos anos 60.

Apesar da escassez de investigações nesta área, vários estudos epidemiológicos têm vindo a demonstrar uma tendência crescente de consumo de bebidas alcoólicas, por parte da população feminina. Wilsnack e Cheloba (1987) referem que este aumento da frequência dos comportamentos alcoólicos é mais visível no período etário entre os 21 e os 34 anos, em mulheres socialmente desinseridas, desempregadas e sem família. Entre os 35 e os 49 anos, as mulheres que mais bebem álcool são as divorciadas, sem emprego e sem filhos. Calcula-se que o número de mulheres alcoólicas nos Estados Unidos da América fosse aproximadamente de um milhão em 1976 (Schukit & Morrissey, 1976). No entanto, mais recentemente, Greefield, Graves, & Kaskutas (1999), apresentaram um estudo epidemiológico, realizado com base no Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS), onde mostram um aumento do consumo de álcool por parte de mulheres grávidas nos EUA, quando comparadas com uma amostra avaliada com as mesmas características demográficas. O Síndrome Fetal Alcoólico (FAS) é um indicador utilizado em diferentes caracterizações epidemiológicas nos EUA. Nesse sentido, Sampson, Streissguth, Bookstein, Little, Clarren, Dehaene, Hanson, & Graham (1997), mostraram que o FAS teve um incremento de 2,8 para 4.6 por um milhão de nascimentos na população Americana.

O controlo social e a carga moral que se faz sentir sobre os comportamentos das mulheres, poderão contribuir para que ainda hoje sintam necessidade de ocultar estes comportamentos e assim evitem recorrer aos serviços de saúde. Como referem Adés e Lejoyeux (1997): “Na mulher, as alcoolizações são tradicionalmente menos conviviais e mais culpabilizadas” (p. 71).

Petit (2000/2002) explica a rejeição social do alcoolismo feminino pelo facto de a mulher colocar em causa a vertente materna da feminilidade e o papel secular de guardiã do lar: “ Se podemos suportar a visão da mão que treme sustentando a charrua, é insustentável ver a mão que treme a dar o biberão” (p. 101).

Na literatura que incide sobre os aspectos psicológicos subjacentes ao alcoolismo feminino deparamo-nos com duas perspectivas teóricas: um conjunto de estudos que associa a génese destes comportamentos a falhas ou conflitos ao nível da identificação feminina e no desempenho dos papéis sociais vulgarmente associados à mulher em diferentes sociedades; e investigações que incidem sobre diferentes aspectos da personalidade nestas mulheres e que as diferenciam das mulheres não alcoólicas. Ainda neste último grupo de investigações, destaca-se o recurso a testes psicológicas como forma de se identificarem *clusters* de traços psicológicos subjacentes ao alcoolismo.

Na década de 70 surgiram vários estudos que partem da premissa de que associados ao alcoolismo feminino estariam conflitos com o desempenho dos papéis socialmente atribuídos às mulheres.

Jones (1971) realizou um estudo longitudinal com mulheres alcoólicas, e concluiu que estas mulheres têm uma “consciência feminina” mas os comportamentos são marcadamente masculinos (sentido crítico face aos outros, hostilidade), diferenciando-se das mulheres não alcoólicas que seriam mais generosas, presentes, atentas ao seu aspecto físico e mais sociáveis. O álcool teria como função possibilitar a manifestação desses traços masculinos.

No que diz respeito à associação entre alcoolismo feminino e desempenho social, Wilsnack (1976) refere que a mulher que corre risco de se tornar alcoólica é uma mulher que vive experiências de *dúvida crónica* sobre a sua adequação ao papel de mulher. Estas mulheres dão valor aos papéis femininos tradicionais e tentam encaixar-se neles. Durante alguns anos poderão lidar com o seu frágil conceito de adequação feminina, mas assim que uma nova ameaça exacerba as suas dúvidas, recorrem ao álcool como forma de ganharem sentimentos artificiais de feminilidade. Surge assim um ciclo vicioso com as suas naturais consequências: a aparência descuidada, e a desaprovação familiar, desencadeiam novas ameaças ao seu conceito de feminilidade. Por sua vez, estas ameaças levam a um aumento do consumo do álcool até que as alternativas de não beber se tornam cada vez mais restritas e a mulher se vê deste modo dependente da bebida.

Partindo desta premissa, Fernández (1992) refere que o alcoolismo na mulher está associado a uma organização neurótica de base, muito mais frequente do que no homem. Ainda que se trate de uma neurose pouco estruturada, é mais uma compensação

para o fracasso, para a decepção, para o sentimento de abandono, uma recusa de dependência conjugal, ou ainda uma certa afirmação da virilidade.

Neste contexto, o álcool seria utilizado como instrumento redutor de conflitos e desarmonias relacionadas com a identidade sexual e, acima de tudo, para anular a diferença entre a maneira como ela se vê e a maneira como gostaria de ver-se. É aqui que aparece a associação entre uma identidade feminina conflitual e o alcoolismo na mulher.

Mais recentemente Anderson, Stevens e Pfof (2001) compararam um grupo de 55 mulheres alcoólicas, com um grupo de 51 mulheres não alcoólicas, com o objectivo de ver as possíveis diferenças face à tensão provocada pelo desempenho de papéis sociais próprios da sua identidade feminina (face ao conjugue, pais e educação dos filhos). Estas atitudes foram avaliadas através dos seguintes instrumentos: Sex- Role Inventory, Sex-Role Egalitarianism e o Sex Role Behavior Scale. Os autores concluem que não há diferenças significativas entre os dois grupos de mulheres. No entanto, quando estes instrumentos são aplicados às mulheres alcoólicas, numa fase de recaída, mostram uma discrepância entre as expectativas que têm face ao desempenho destas actividades e a realidade.

Desde logo, estes resultados permitem-nos questionar se a tensão face às actividades geralmente atribuídas às mulheres é prévia ao alcoolismo, ou se resulta da consciência que se vai tomando das suas limitações, no decorrer do consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Mesmo que existam expectativas negativas face ao desempenho de um conjunto de tarefas habitualmente atribuídas às mulheres, o desempenho das mesmas é posto em causa pela deterioração física e mental, suscitadas pelo alcoolismo.

Ainda neste grupo de estudos, destacamos a investigação desenvolvida por Parker (1972) sobre um grupo de 56 mulheres internadas numa clínica de alcoologia, a quem foi aplicado um questionário que avalia a preferência pelo desempenho de papéis femininos, comparando-as com um grupo de mulheres sem problemas de alcoolismo. Conclui que as mulheres que rejeitam os papéis femininos iniciaram os consumos de bebidas alcoólicas em excesso na adolescência. Pelo contrário, as mulheres que iniciaram o consumo tardiamente, muitas vezes após situações de crise, não diferiam do grupo de controlo.

A adaptação à conjugalidade e à maternidade por parte das mulheres alcoólicas tem sido estudada por diferentes autores. Blandine (1996) propõe a tese de que a

ingestão de álcool de modo não controlado e aditivo surge somente em mulheres de estrutura psicológica frágil, com uma história de vida marcada por carências afectivas que remontam à primeira infância. A mulher alcoólica teria sofrido uma contenção maternal “devastadora”, que atingiria inclusivamente o corpo próprio.

Mais recentemente, Kreit (2000/2002), estabelece uma associação entre a problemática alcoólica e os primeiros meses do desenvolvimento: “Este acto sintoma revela uma carência na elaboração psíquica e uma falha na simbolização, as quais são compensadas por um agir compulsivo, visando reduzir a dor psíquica” (p. 109). Esta falha tem a sua génese na relação materna. A mulher alcoólica teria suportado um “domínio materno” violento desde os primeiros momentos da sua existência, domínio este, extensivo até ao próprio corpo – o que levaria a que não aprendesse a ser uma boa mãe para o seu corpo, podendo, no limite, o sofrimento corporal tornar-se um fim em si mesmo. Este modo de funcionamento psíquico teria ainda outras consequências na vida destas mulheres, por exemplo ao nível da conjugalidade, Kreit (2000/2002) considera que a relação com o conjugue é vivida como ameaçadora, pelo facto de existir uma discrepância entre a expectativa que ela tem em relação ao seu papel de esposa e de mãe e a sua concretização.

Ainda nesta temática, Green, Pugh, Mccrady e Epstein (2008), aplicaram várias escalas a 109 casais heterossexuais, cujas mulheres tinham sido sujeitas a internamentos em clínicas de alcoologia. Os autores registaram que as mulheres consideravam as dificuldades de relacionamento conjugal como o factor primordial que as tinha levado ao consumo excessivo de álcool.

Estas abordagens do alcoolismo feminino centradas nos conflitos entre a identidade e o desempenho de papéis sociais merecem da nossa parte alguns comentários. Embora do ponto de vista sociológico, no contexto das diferentes estruturas sociais, existam expectativas face ao comportamento dos diferentes elementos que as compõem, em função dum conjunto de atributos como o género, ou o estatuto socioeconómico, assistimos a inúmeras mudanças na atribuição dos papéis sociais aos homens e às mulheres. Podemos desde logo questionar se hoje é possível destrinçar com clareza quais as funções do homem e da mulher no contexto familiar, no que diz respeito à educação e cuidado dos filhos ou outras actividades domésticas?

Acresce ainda o facto destas perspectivas teóricas estarem imbuídas dum cunho moralista focalizado no estatuto que as mulheres têm na nossa sociedade. Na realidade,

podemos questionar quanto à ausência de estudos que incidam sobre a masculinidade e o desempenho de papéis sociais, ou a existência de possíveis dificuldades de adaptação do homem alcoólico à conjugalidade? Quando o homem é alcoólico e é a esposa que exerce todas as responsabilidades, inerentes à educação dos filhos, lida da casa, etc., assumindo uma conduta agressiva perante os outros, não coloca em causa o desempenho dos papéis sexuais masculinos?

Perante a investigação, referida anteriormente de Stevens e Pfof (2001), que assinala diferenças ao nível da tensão existente perante o desempenho de papéis sociais, por parte das mulheres alcoólicas em fase de recaída, podemos-nos questionar se esta tensão não será alheia à culpabilização sentida por parte destas mulheres, perante essas falhas? Esta questão remete-nos para a distância que se cria entre o Self Real e o Self Ideal que se torna mais evidente nos períodos de recaída, e que tínhamos já avaliado num estudo realizado por nós em 2001 (Deus, 2001).

Em suma, para além do carácter científico inquestionável neste tipo de abordagens teóricas, assistimos a uma focalização sobre os comportamentos femininos, que não é tão evidente face aos homens. Na nossa opinião, estes estudos mantêm ainda o cunho de uma moralidade inscrita numa cultura judaico-cristã, da qual brotam ainda muitos dos valores que se manifestam na actualidade.

No que diz respeito ao estudo da personalidade da mulher alcoólica, destacam-se um grupo de investigações, que incidem sobre a relação entre a existência de traços depressivos e a génese do alcoolismo, e um outro grupo de estudos onde o recurso a testes psicológicos visa a identificação de diferentes dimensões da personalidade passíveis de estar associadas à dependência alcoólica.

Os autores têm procurado mostrar que o alcoolismo e as perturbações afectivas se encontram associadas (Beckman, 1975; Schuckit & Winokur, 1972). Na generalidade destes estudos, a premissa comum é a de que existem traços depressivos na personalidade destas mulheres, que antecedem a perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas.

Talpin (1989) coloca algumas hipóteses sobre a existência de traços comuns na personalidade de mulheres alcoólicas. Segundo o autor, a relação com as bebidas alcoólicas deveria ser entendida como uma defesa contra um fundo depressivo, fruto de uma má resolução da posição depressiva tal como é descrita por M. Klein.

Nesta linha de pensamento, Smart, White e Fallis (1980) desenvolveram um estudo longitudinal com o objectivo de identificarem as características de personalidade antecedentes à dependência alcoólica. As mulheres alcoólicas diferenciavam-se das bebedoras moderadas e abstinentes, por manifestarem um conjunto de traços da personalidade onde se destacava o auto-criticismo exacerbado, pessimismo e uma sensibilidade às críticas dos outros, numa relação de dependência face aos outros que não tinha expressão nas mulheres com um consumo moderado de bebidas alcoólicas.

A dependência e o auto-criticismo são descritos por Blatt (1990), como dois estilos de personalidade que podem constituir factores de vulnerabilidade ou predisposição à depressão. Os indivíduos com um estilo de personalidade dependente ou com um estilo autocrítico estariam vulneráveis à vivência de estados depressivos perante acontecimentos stressantes.

Estes traços de personalidade aparecem igualmente referidos por Descombe (1998), que, ao referir-se ao alcoolismo na mulher, considera que previamente à problemática alcoólica existe uma estrutura neurótica colorida por um “fundo depressivo” e a confrontação com uma vivência de abandono, proveniente da infância e reactivada por uma “grande solidão” na actualidade. Desta forma, estabelecer-se-ia um nexos de causalidade entre um registo de funcionamento mental colorido por traços neuróticos e o surgimento do alcoolismo.

Estes estudos sobre a personalidade da mulher alcoólica merecem da nossa parte um conjunto de considerações, tecidas a partir da nossa prática clínica diária junto de mulheres internadas numa clínica de alcoologia.

Desde logo, a tentativa de definição de uma organização pré-alcoólica da personalidade torna-se difícil de destringir na maior parte das situações clínicas com que nos deparamos diariamente. O interesse destes estudos reside no ênfase do carácter circular que estas situações em geral têm subjacente. Na realidade, se destacarmos a coexistência de uma Perturbação Distímica e o Síndrome de Dependência Alcoólica, confrontamo-nos com a associação dos sintomas típicos da dependência alcoólica, associados à presença de humor depressivo, apetite diminuída ou aumentada, insónia ou hipersónia, fadiga ou pouca energia, baixa auto-estima, dificuldades de concentração e em tomar decisões e sentimentos de falta de esperança (DSM IV – TR). Desta forma, podemos questionar se a baixa auto-estima ou o humor depressivo, estiveram na origem, ou resultaram do consumo de bebidas alcoólicas, ou ainda, se estes sintomas não resultaram da rejeição e acusação, por parte de elementos do meio sociofamiliar,

atitudes que, como vimos anteriormente, surgem face ao alcoolismo na mulher. Consideramos que não é possível discernir se muitas destas perturbações da personalidade foram causa ou consequência de todo um conjunto de alterações que ocorreram no decorrer do processo de instalação da dependência alcoólica.

Com o internamento de mulheres na Clínica de Alcoologia surgiram novas interrogações face à especificidade da relação que a mulher estabelece com as bebidas alcoólicas, traduzida em novas expressões do amor e do ódio face a si próprias e aos outros, sempre mediatizadas por uma censura social que como vimos, se perde nos confins dos tempos.

No contacto com estas mulheres na nossa prática clínica, ressalta o desespero associado a um sentimento de incapacidade por não serem capazes de construir uma outra realidade. Um fado que surge como uma inevitabilidade, no seio do qual há ainda uma energia para um pedido de ajuda num hospital psiquiátrico, com todos os estigmas que lhe estão associados.

Na realidade, são muitas as contradições que estas mulheres transmitem nas sessões clínicas. Desde logo, destaca-se um hiato entre o que desejariam ser e o que são na realidade. O sofrimento causado pela consciência da ineficácia sentida no desempenho enquanto esposas e mães, associado a um papel que lhes é atribuído socialmente – serem um suporte na organização das lides domésticas e familiares. Mesmo que as vivências familiares surjam marcadas por situações dramáticas, como a violência doméstica ou a infidelidade conjugal, este sentimento de se ser a guardiã do espaço dos afectos, não deixa de estar presente. A embriaguez resultante do consumo excessivo de bebidas alcoólicas permite ainda que momentaneamente a recriação de um espaço de libertação, de sonho e de apaziguamento.

Da multiplicidade de escolhas, a mulher alcoólica, vê-se progressivamente confinada a um comportamento: a busca incessante de álcool em detrimento de outras opções essenciais ao seu processo existencial. Desta forma, questionamos a perspectiva teórica, destacada anteriormente, no seio da qual o alcoolismo resultaria de um conflito com os papéis que são próprios do ser mulher, como a maternidade. O estreitamento dos comportamentos resultante da restrição da liberdade, pela imposição da necessidade de consumir de forma exponencial diferentes tipos de bebidas alcoólicas, leva à incapacidade de cuidar dos outros, de amar, com todas as consequências que daí advém como por exemplo a retirada do poder paternal pela via judicial, resultando em mais sofrimento, culpabilidade e tristeza. Bebe porque se sente incapaz e ao beber perde mais

competências, num ciclo interminável que se alimenta incessantemente. Esta circularidade que se impõe pela própria dependência alcoólica, pode ser confundida com um registo neurótico do funcionamento, na medida em que a culpa e a impossibilidade de seguir os sonhos e os desejos se vão atenuando. Neste registo, estão reunidas as condições, para o surgimento do auto-criticismo e da dependência, na medida em que vão necessitando de cuidados por parte dos que as rodeiam. No entanto, ao contrário do que acontece muitas vezes no alcoolismo masculino, onde facilmente se instaura um registo de dependência face a uma figura cuidadora, o mesmo não é tão comum quando a mulher é alcoólica. A mulher nasce para cuidar e não para ser cuidada e isso é visível na realidade com que nos confrontamos na nossa prática clínica.

Com o intuito de se aprofundarem os conhecimentos sobre as características da personalidade da mulher alcoólica, têm surgido diferentes investigações onde o recurso a instrumentos de avaliação psicológica, visa cumprir esses objectivos.

Estes estudos baseiam-se essencialmente em questionários de personalidade como o Questionário Multifásico de Minnesota da Personalidade (MMPI), e o Teste de Rorschach, sendo que a maior parte das vezes analisado a partir da metodologia proposta por Exner.

Em relação ao MMPI, Apfeldorf (1974) destaca dois paradigmas que marcaram a evolução destas pesquisas. Num grupo, identificava-se um conjunto de pesquisas nas quais o pressuposto era que o alcoolismo enquanto entidade clínica distinta tinha como base estruturas de personalidade específicas. Nesse sentido, desenvolveram-se várias escalas cujo objectivo clínico era o da identificação de sujeitos alcoólicos, a partir desses perfis de personalidade, destacando-se por a Escala de MacAndrew. Assim, um resultado superior acima da linha de corte, nesta escala, permitiria concluir que os sujeitos eram alcoólicos. Tal como se procedia em relação às restantes escalas que compõem este questionário da personalidade. Este grupo de estudos foi amplamente criticado pela comunidade científica, no entanto, destacamo-lo por ocupar o seu lugar na história da investigação alcoológica.

O outro paradigma diz respeito à identificação de perfis de personalidade, que pudessem ajudar a esclarecer as dinâmicas psicológicas subjacentes ao alcoolismo.

Neste último grupo, destaca-se a investigação realizada por Kline e Snyder (1985), com uma amostra de trezentos homens e mulheres internados em clínicas de alcoologia no Estado Americano do Kentucky. Numa tentativa de identificarem

subtipos de alcoólicos aplicam o Inventário Multifásico de Minnesota da Personalidade (MMPI) a 112 mulheres e 188 homens que recorreram a centros de tratamento de alcoolismo, e identificam três grupos distintos nas mulheres da amostra. O *tipo um*, no qual se integravam quinze mulheres, era caracterizado por uma elevação das escalas de depressão, psicopatia e psicoticismo. O *tipo 2*, respeitante a dezanove mulheres, o perfil de personalidade é caracterizado por uma elevação das escalas de histeria (escala 2) e de psicopatia (escala 4). Por fim, o *tipo 3*, onde se incluíam vinte e duas mulheres, o perfil de personalidade seria caracterizado por uma elevação da escala de psicopatia (escala 4) e da escala da mania (escala 9). Segundo estes autores, estas patologias da personalidade aumentariam a probabilidade destas mulheres se tornarem alcoólicas.

Na tentativa de identificação de perfis de personalidade, em mulheres alcoólicas, a partir da aplicação de escalas, surge o estudo realizado por Palme e Palme (1999), no qual seleccionaram 134 mulheres que procuraram tratamento para a obesidade, bulimia nervosa e alcoolismo e aplicaram o Karolinska Scales of Personality (KSP), com o objectivo de identificar possíveis *clusters* de traços de personalidade comuns nestas pacientes. Concluíram que quando comparadas com a população normal, estas mulheres apresentavam um perfil de personalidade onde se destacavam traços anti-sociais e psicastenia. O perfil de personalidade das mulheres obesas seria comum ao apresentado pelas mulheres com alcoolismo, onde, para além dos traços referidos anteriormente, se destacariam variações do humor, dificuldades ao nível do controle da impulsividade e a necessidade de satisfação imediata das suas necessidades. Segundo estes autores, o comer em excesso e o consumo de bebidas alcoólicas em excesso seriam formas de reduzir a ansiedade.

Os dois estudos referidos anteriormente colocaram em evidência a existência de traços de personalidade anti-sociais na mulher alcoólica, o que coincide com a observação feita por Schuckit (1973), segundo a qual, embora com mais incidência na população masculina com alcoolismo, os traços de personalidade de tipo psicopático assumem também nas mulheres com patologia alcoólica uma expressão significativa.

A partir da nossa experiência com aplicação do MMPI junto desta população, constatamos que a identificação de perfis de personalidade nos ajuda a compreender a forma como os sujeitos se relacionam com a realidade. Por exemplo, a elevação da escala da psicopatia (escala 4), é comum em indivíduos que apresentam dificuldades ao nível do controle dos impulsos e uma baixa capacidade de tolerância à frustração. Este registo vai manifestar-se igualmente na relação que estabelecem com o álcool e que se

caracteriza pela dificuldade em controlar o impulso de beber levando a recaídas sucessivas, sendo mais comum em mulheres que iniciaram o consumo na adolescência.

Pelo contrário, constatamos que nas mulheres que iniciam o consumo de álcool mais tarde, o perfil de personalidade é muitas vezes caracterizado por uma elevação na escala de depressão e histeria. Em função destes dados, uma das críticas que podemos fazer em relação a este tipo de estudos, remete para o facto de não terem em conta a história de vida destas mulheres e o estadio em que se encontram. O consumo excessivo de bebidas alcoólicas na adolescência tem uma conotação diferenciada de um consumo excessivo iniciado na meia-idade.

Uma outra limitação que sentimos na nossa prática clínica quando a restringimos à identificação destes perfis, remete para o facto do conhecimento dos sujeitos ficar cingido à dimensão patológica, contribuindo muitas vezes para o esclarecimento de diagnósticos psiquiátricos. Aprofundamos os conhecimentos sobre a patologia psíquica que estas pessoas apresentam, sem que se conheçam potencialidades psicológicas que permitam o ultrapassar da situação em si. Do ponto de vista terapêutico, as nossas intervenções limitam-se a intervir sobre estas dificuldades apresentadas pelos sujeitos e os resultados são restritos na medida em que a falta de *insight* por parte destes sujeitos, face a estes comportamentos é um factor limitante.

Os primeiros estudos realizados com o Rorschach sobre aspectos da personalidade ligados ao alcoolismo procuravam diferenciar o funcionamento mental de homens e mulheres com essa patologia. Nesse sentido, Zelen, Fox, Gould e Olson (1966), compararam um grupo de 30 mulheres alcoólicas e 30 homens alcoólicos internados numa clínica de alcoologia. As mulheres tinham uma média de idades de 41 anos. Distinguiam-se dos homens por apresentarem resultados mais elevados em todos os determinantes, com excepção do F+%. Tinham mais facilidade em dar respostas afectivas, enquanto os homens recorriam mais a um controle intelectual. Zelen et. al (1966), concluíram que os homens e mulheres alcoólicas se assemelhavam mais nas diferentes variáveis estudadas que no grupo de controlo, sugerindo uma aproximação das diferenças entre os sexos pela intervenção do álcool.

Na nossa prática clínica diária, junto de pessoas internadas em Alcoologia, constatamos que estas diferenças entre homens se manifestam igualmente na forma como descrevem as suas vivências pessoais. Os homens apresentam maiores dificuldades ao nível da expressão dos afectos do que as mulheres, recorrendo com

frequência a mecanismos de defesa como a negação, transmitindo a ideia que tudo está bem, quando muitas vezes a sua vida é um caos.

Mais recentemente, Bergman, Haver, Bergman, Dahlgreen e Nielsen (1998), seguindo a sistematização proposta por Exner para a análise do Rorschach, avaliaram 20 protocolos seleccionados ao acaso, de um grupo de 60 mulheres suecas seguidas em consulta no Early Treatment of Women with Alcohol Addiction (EWA). Este estudo salientou a heterogeneidade do grupo, o que corrobora as dificuldades em se identificar um perfil psicológico nestas mulheres. No entanto, ao nível do funcionamento cognitivo, estes autores destacam que estas mulheres se diferenciam da população “normal”, por abordarem a realidade à sua volta aleatoriamente, distorcendo por vezes aspectos da realidade. Mais de 50% da amostra interpretavam os dados de forma sincrética, pessoal, parcial. O número de respostas populares (banalidades) era reduzido, quando comparado com a população geral.

O tipo de ressonância íntimo era em 53% dos casos ambientante, o que, segundo os autores, remetia para vários riscos de adaptação à realidade, como a capacidade de tolerar o *stress*, capacidade de lidar com as emoções. Em 50% dos casos, apresentavam uma baixa auto-estima e tendência para uma autocrítica associada a um modo de funcionamento depressivo (Índice de Depressão elevado).

Em função dos resultados obtidos nos protocolos Rorschach, Bergman et. al (1998), concluíram que a concepção que estas mulheres tinham sobre si não se baseava na realidade, mas sim em fantasias. Em consequência deste modo de funcionamento psíquico, estas mulheres tinham mais dificuldades ao nível dos relacionamentos interpessoais e uma maior tendência para o isolamento. Em suma, a mobilização dos recursos internos para lidarem com as situações que envolviam as emoções apresentava-se comprometida.

Se a abordagem da realidade é condicionada pela presença de um pensamento sincrético, estamos perante um pensamento pouco socializado, resultando num afastamento dos outros, o que acarreta a desertificação afectiva muitas vezes marcada ainda pela culpabilização.

Perante estes estudos referidos anteriormente realizados com o Rorschach, continuamos a assistir a uma centração na psicopatologia, sem que se realcem as possibilidades de crescimento psicológico destes sujeitos.

Um outro aspecto que nos parece importante diz respeito ao facto de não serem complementados com a caracterização das vivências subjectivas destas mulheres. O

facto de apresentarem um pensamento sincrético, como é que isso se reflecte na no contacto com a sua realidade? O cruzamento de dados recolhidos da aplicação de testes com dados anamnésicos, dá-nos conta da forma como se processa a mediação entre a realidade interna e a realidade externa, e essa perspectiva é crucial para a nossa prática clínica.

Estas considerações feitas a propósito dos estudos apresentados, tendo como enquadramento a nossa prática clínica e o desejo de conhecer novas dimensões da personalidade destas mulheres, orientam e configuram os objectivos do nosso estudo, esperando dar um contributo válido neste domínio da alcoologia.

De seguida, propomos uma viagem ao universo dionisíaco, retratado nas *Bacantes* de Eurípides, com o intuito de construirmos uma grelha de leitura da complexa relação que os humanos foram estabelecendo com as bebidas alcoólicas. Esta perspectiva vai-nos permitir um afastamento duma lógica exclusivista, no seio da qual os sintomas se opõem à saúde mental. Pensamos que o ser humano é detentor de uma complexidade que ultrapassa essa lógica na medida em que o próprio conceito de saúde mental inclui a vulnerabilidade inerente ao ser humano. A existência de contrastes, entre o masculino e o feminino, ou a razão e o irracional é inerente ao homem e esta reflexão surge na Grécia Antiga com os seus grandes pensadores que fazem parte da história da humanidade, mas também nas rerepresentações teatrais, berço das tragédias e dos dramas, que ilustram a nossa condição humana.

Na Grécia Antiga, berço da cultura civilizacional actual, nasce o teatro, onde as cenas do quotidiano passam a ser representadas num palco, permitindo desta forma uma imagem reflexo das nossas vivências. O teatro do íntimo surge exterior a nós próprios, permitindo ampliar uma auto-reflexão que se vinha desenvolvendo noutras áreas do saber como a Filosofia. Ao olharmos para a representação das múltiplas vivências que as *Bacantes* nos dão conta, esperamos encontrar uma explicação para os mistérios dionisíacos que certamente não será alheia ao seu *modus vivendi*.

2.1.4 Transformações Dionisiacas

A senda de Dioniso começa na Antiga Grécia, onde se contava o seguinte: Dioniso era filho de Zeus e de Sêmele. Zeus disfarçara-se de mortal para seduzir Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia, Reis de Tebas. A mulher, Hera, ciumenta, descobriu o que o marido andava a fazer e arquitetou uma vingança. As irmãs de Sêmele possuídas de inveja convenceram-na a insistir com o amante para que revelasse a verdadeira identidade. Sêmele estava grávida de seis meses e certamente Zeus lhe negaria tal pedido. Apesar da insistência de Zeus, Sêmele não desistiu do seu desejo e ao contemplar o Deus em todo o seu esplendor desfez-se em cinzas.

Hermes ao aperceber-se de tal tragédia apressou-se a retirar a criança do útero da mãe e coseu-a dentro da coxa do pai, onde cresceu durante os três meses que se seguiram. Com o auxílio de Hermes, Zeus deu à luz o seu filho que ficou conhecido como o Deus que nasceu duas vezes.

Hera dominada pelos ciúmes continuava furiosa e ordenou aos Titãs que capturassem o bebé e o matassem. Desfizeram-no em pedaços e cozeram-no num caldeirão. Do seu sangue brotou a primeira romãzeira. A mãe de Zeus, Reia, reparou no que os Titãs estavam a fazer ao neto e juntou todos os seus pedaços, de modo que Dioniso pudesse voltar a viver.

Nos primórdios da sua existência, este Deus Grego é sujeito a várias tentativas de fragmentação, num movimento cíclico entre vida e morte, no entanto, a imortalidade supera-as. Ao referirmo-nos a Dioniso, falámos do Deus que renasceu três vezes.

Ainda em criança, Dioniso, foi confiado a Hermes, que o deu a criar ao rei de Órcomeno, Átamas, e à sua segunda mulher. Disse-lhes que vestissem o pequeno Dioniso com roupas femininas para despistar o ciúme de Hera, e assim passasse despercebido. Hera não se deixou enganar e enlouqueceu a ama de Dioniso, Ino, e o próprio Átamas.

Ao contrário das outras divindades Olímpianas, Dioniso aparece muitas vezes caracterizado com atributos que lhe conferem uma identidade sexual dúbia – trajado com vestimentas masculinas e femininas. Outras vezes a transfiguração surge sobre a forma de animais.

A maternidade e a paternidade surgem intrincadas, pois é gerado na coxa do pai. Dioniso transportará a confusão entre o masculino e o feminino, abrindo espaço para a

androgenia que se manifestará na confusão dos papéis femininos e masculinos, que a par dos estatutos de cidadania se encontram definidos com rigor na Pólis.

Dioniso e Deméter eram considerados os melhores amigos da Humanidade, pois a eles era-lhes atribuído a fertilidade da terra (Hamilton, 1942/2005). Deméter era a deusa do trigo e Dioniso, o deus da vinha e do vinho, daí ter como símbolos vegetais a hera e a videira. O pão e o vinho surgem desta forma, ligados a duas divindades, conexão que mais tarde foi assimilada pela cultura judaico-cristã.

Mas Hera, dominada pelo desejo de vingança, enlouquece Dioniso. Na sua loucura vagueou pelo Egipto e pela Síria. Desse modo, regressando da Ásia atingiu a Frígia, onde foi acolhido pela deusa Cíbele, que o purificou e iniciou nos ritos do seu culto.

De regresso à Grécia, Dioniso foi para Tebas, terra da sua mãe, para aí instaurar o seu culto. Porém as suas irmãs negam a sua ascendência divina, pois foi gerado a partir de uma relação entre um Deus e uma mortal. Desta forma, Dioniso vê-se na contingência de honrar o nome de sua mãe: *“É que esta cidade tem de aprender até ao fim, ainda que o não queira, que lhe falta ser iniciada nos meus rituais báquicos e eu tenho de tomar a defesa de minha mãe Sémele, aparecendo aos mortais como a divindade que ela gerou”*.

Penteu, Rei de Tebas, era sobrinho de Sémele, mas não fazia a mínima ideia de que Zeus, quando Sémele morrera, salvara o filho. As danças selváticas, os jubilosos cantares em tom elevado e o comportamento, de um modo geral estranho, dessas mulheres afiguravam-se-lhe altamente reprováveis, devendo, pois, ser imediatamente proibidos.

Penteu pensou que este indivíduo que se dizia um deus, e que se fazia acompanhar por um bando de bacantes fosse um impostor e podia trazer problemas para a cidade. Mesmo quando o vidente Tirésias lhe disse que Dioniso estava a dizer a verdade, Penteu continuou a recusar aceitá-lo como um deus. Quando Penteu se voltou para lhe responder, viu que ele estava mascarado como as mulheres selvagens: uma coroa de hera sobre o cabelo branco, os velhos ombros cobertos por uma pele de anho e, na mão trémula uma estranha vara encimada por uma pinha. Penteu riu-se da figura dele, e ordenou-lhe com desprezo que saísse imediatamente da sua presença. Foi com essa atitude que provocou a maldição que os deuses lhe lançaram – não ouvia nem uma palavra que os imortais lhe diziam.

Dioniso foi conduzido perante Penteu por uma companhia dos seus homens, que contavam que ele não tentava nem fugir nem resistir; muito pelo contrário, facilitava ao máximo a sua captura, e até acedera tão prontamente em vir à presença do rei que eles se tinham sentido envergonhados, chegando mesmo a dizer-lhe que tudo o que faziam era um cumprimento de ordens, e não de livre vontade. Declaravam também que todas as donzelas que tinham levado para a prisão se tinham evadido, fugindo rumo às montanhas. Os grilhões soltavam-se e as portas abriam-se por si. Mas Penteu, por essa altura, estava cego para tudo que não fosse a sua própria ira e desdém e mandou capturá-lo novamente. A prisão, porém, não enclausurava Dioniso. O deus, então liberto, dirigiu-se de novo a Penteu, tentando convencê-lo a autorizar o estabelecimento do culto de um novo e grande deus. Penteu limitou-se apenas a cumulá-lo de insultos e de ameaças, e Dioniso deixou-o, finalmente, com a sua maldição – a mais horrível que poderia ter escolhido: “Estou pronto para ir. Porque o que não há-de cumprir-se, não hei-de sofrê-lo. Fica porém, a saber que a pena destes ultrajes, Dioniso ta fará expiar, esse deus que tu afirmas não existir. Porque, ao fazeres mal a mim, é a ele que queres pôr a ferros” (p. 62).

Penteu foi em perseguição dos sequazes do deus pelos montes, onde as donzelas que tinham fugido da prisão se tinham refugiado. Haviam-se juntado a elas muitas mulheres de Tebas; entre essas encontravam-se a mãe e a as irmãs de Penteu – e foi neste pormenor que Dioniso revelou a sua faceta mais terrível: enlouqueceu-as a todas. As mulheres pensavam que Penteu era uma animal selvagem, um leão da montanha, e correram a abatê-lo, indo a própria mãe à frente. Quando foi apanhado, Penteu teve a certeza, por fim, de que tinha lutado contra um deus e, portanto, teria de pagar esse atrevimento com a própria vida. Despedaçaram-no, membro por membro, e depois, só depois, é que o deus as deixou recuperar as suas faculdades mentais. A mãe, ao ver o espectáculo com que se deparava, consciencializa finamente o sucedido, reconhecendo a grandeza divina de Dioniso: “Dioniso nos deitou a perder, agora o compreendo” (p. 102).

Nessa altura, o poder de Dioniso foi reconhecido em todo o mundo e o deus pode ascender ao céu, pois tinha acabado o seu papel na Terra, o de impor a observância do seu culto.

Antes disso, no entanto, quis descer aos Infernos para procurar a sombra de sua mãe Sémele e lhe devolver a vida. No Hades, Dioniso pediu ao deus que lhe libertasse a mãe. Hades acedeu com a condição de que Dioniso desse em troca qualquer coisa que

gostasse muito. Entre as suas plantas preferidas, o deus cedeu o mirto e essa é, diz-se a origem do costume que tinham os iniciados nos mistérios dionisíacos de coroar a cabeça com mirto.

Ainda antes de subir ao céu, Dioniso raptou Ariadne, em Naxos, por quem estava apaixonado e levou-a consigo, para assim viver a sua paixão.

O culto dionisíaco era festejado com procissões tumultuosas, nas quais Deméter e Dioniso eram evocados por máscaras. Estes cortejos deram origem às representações mais regulares do teatro: a comédia, a tragédia e o drama satírico.

O mito de Dioniso remete-nos para a dimensão do trágico, ao mesmo tempo que nos transmite um conjunto de metáforas que nos dão conta da realidade vivida por quem segue os seus trilhos. Com o objectivo de o analisarmos, propomos um olhar para a importância que as celebrações dionisíacas ocupam na Cultura Grega, e a retirada de elações sobre o significado do trágico para a existência humana.

2.1.5 A vida no palco

Há milhares de anos, os gregos estabeleceram os princípios de justiça e liberdade individual que são hoje as bases da democracia. A sua arte, filosofia e ciência tornaram-se fundamentos do pensamento e da cultura ocidentais, pelo que estudar a forma como era encarada a realidade humana sob múltiplas expressões culturais certamente contribuirá para a compreensão da condição humana.

A religião grega, politeísta e antropomórfica, reflectia os sentimentos, os sonhos e as ambições dos humanos. Os deuses, tal como os homens, eram arrebatados por sentimentos de amor e de ódio. O bem e o mal existiam no âmago dos deuses.

Segundo Burkert (1977/1993), anualmente realizavam-se quatro festivais dionisíacos gregos: a festa das *Antestérias* na região Jónico-ática que está directamente ligada ao saborear do vinho, conjuntamente com a festa das *Leneias* que a precede; a festa das *Agrionias* na região dórica e eólica, uma festa da dissolução e da inversão com uma rebelião das mulheres, “loucura” e fantasias canibais. As *Dionísias rurais* com o sacrifício do bode e uma procissão fálica. Finalmente as *Grandes Dionísias* que foram introduzidas em Atenas no século VI.

O que é comum a todas é a legitimação para a embriaguez. No entanto, segundo Pereira (1998), não era esta a via para se atingir o êxtase: “Trienalmente em pleno

Inverno, descalças e com vestes ligeiras, mulheres em grupo, subiam às montanhas cobertas de neve e aí ao som da música de flauta e tamboris, efectuavam correrias, danças frenéticas, apanhavam e dilaceravam um animal selvagem e, finalmente comiam-no cru, alcançando assim o êxtase” (p. 12).

Numa sociedade organizada em torno da definição rígida dos papéis sociais que cada um desempenhava, estes ritos permitiam o extravasar das emoções.

A sociedade encontrava-se organizada em estratos sociais, no qual cada um sabia o papel que iria desempenhar:

Os gregos da antiguidade chamavam-se a si próprios “helenos” (todos os que falavam grego, mesmo que não vivessem na Grécia) e davam o nome de Hélade à sua terra. Os que não falavam grego eram chamados “bárbaros” ou “estrangeiros”. As classes da sociedade grega variavam de uma cidade para outra. Atenas contava com três classes: os cidadãos, os escravos e os estrangeiros.

Somente os cidadãos possuíam direitos políticos para participar da democracia. As mulheres, as crianças e os estrangeiros, não faziam parte do grupo dos cidadãos. Não tinham direitos políticos e estavam proibidos de adquirir terras, podendo apenas dedicar-se ao comércio e ao artesanato. Em geral, pagavam impostos para viver em Atenas e estavam obrigados à prestação do serviço militar. Os escravos formavam a grande maioria da população ateniense, pois para cada cidadão havia cerca de dezoito escravos. Os escravos eram considerados propriedades do seu senhor, embora houvesse leis que os protegiam contra excesso de maus-tratos.

A par destas distinções sociais, destacava-se igualmente uma diferença abissal entre os papéis sociais exercidos pelos homens e pelas mulheres. Segundo Cambiano et al. (1991/1994), havia uma distinção logo desde o nascimento entre as meninas e os meninos pois, caso nascesse mais do que uma menina em cada família, esta poderia ser sujeita à “exposição” (a criança exposta podia ser recolhida por outros, que tinham a faculdade de a tratar como livre ou como escrava ou de a utilizar para a prostituição). “Uma mulher estava integrada na cidade não como cidadã mas como filha ou mulher de um cidadão” (p. 81). Para a maior parte das raparigas gregas de condição livre, a passagem à idade adulta era marcada pela etapa decisiva do matrimónio.

Desde o nascimento que as jovens passavam grande parte da sua vida em casa entregues aos cuidados da mãe ou das escravas. Só as mulheres mais pobres eram obrigadas a sair de casa para ir trabalhar nos campos ou como vendedeiras. Em casa, as jovens aprendiam desde muito cedo a fiar e a cozinhar. As festas religiosas da cidade

eram a única oportunidade de saída, dado que os simpósios eram proibidos a mulheres que não fossem cortesãs, bailarinas ou flautistas.

Com o matrimónio, a situação da mulher, mais do que a do homem, sofria uma mudança radical. Tornar-se adulto, deixar de ser “parthenos”, significava converter-se em esposa e mãe potencial de futuro cidadãos, do sexo masculino. Em geral, e ao contrário dos filhos varões, as filhas não permaneciam durante muito tempo em casa do pai, casavam-se cedo, muitas vezes antes dos dezasseis anos e com homens mais velhos, pelo menos uma dezena de anos. A promessa de matrimónio ocorria muito antes da sua celebração e correspondia ao contrato entre dois homens, o pai ou o tutor e o futuro esposo.

Durante muito tempo a distinção entre homens e mulheres condicionou a relação entre ambos, e reflectiu-se igualmente nas diferentes expressões artísticas.

Todas as formas de autocontenção social acarretam as suas tensões peculiares. Mas essa pressão, progressivamente crescente, não se pode suportar perpetuamente; de modo que qualquer sociedade necessita de (re)criar “válvulas de escape” para todos os tipos de tensão. As festas em honra do deus Dioniso são um claro exemplo da boémia e da exaltação, a qual estava ligada à expressão dos impulsos, favorecida certamente pelo álcool. A participação social das mulheres, dos estrangeiros e dos escravos surgia nestes períodos como uma inversão social.

A aproximação à divindade e o assumir de papéis estranhos ao quotidiano, era facilitada pelo uso de máscaras. Nestas celebrações, as máscaras tinham uma função cénica, associada aos elementos do vestuário, e uma função ritual, quando os fiéis se fantasiavam com fins propriamente religiosos (Vernant & Naquet, 1981/1999).

O Universo Dionisíaco é marcado por um conjunto de opostos. Desde logo, a proposta dionisíaca remete para a descoberta da nossa centelha divina, na qual reside o mundo do sonho, da fantasia e da ilusão, que se opõe à ordem e à razão, representada no mito por Penteu.

Em Tebas (Pólis) demarcam-se estatutos sociais sem possibilidade de questionamento, enquanto no *Monte Citéron* vive-se na *eudaimonia* “uma felicidade feita de uma aliança com a divindade”, assim designada por Romilly (1970/1997), que, levada ao extremo, é fonte de barbárie, de despedaçamento de corpos e de morte. Se o *princípio do prazer* habita em Citéron, o *princípio da realidade* estrutura-se nas

muralhas da Pólis, onde Agave toma contacto com a realidade e consciencializa que cometeu o filicídio.

O masculino e o feminino surgem igualmente como mutáveis, pois desde logo Dioniso foi gerado na coxa do pai, assumindo dessa forma o papel materno de gerar o filho. No decurso do seu crescimento, Dioniso é disfarçado de menina para escapar à ira de Hera.

A oposição entre submissão e poder, representada pelas mulheres que destroem Penteu, ilustre representante dos cidadãos (homens), questiona dessa forma o poder instituído. Na inversão dos poderes propiciada pelo dionisíaco, há o risco de destruição do homem, o risco do materno suplantar o paterno, e o risco da inversão da lei.

Na epifania de Dioniso, o materno assume uma importância fulcral, na medida em que Dioniso se pretende afirmar como um deus olímpico e assim, afirmar o nome da sua mãe. No término da sua odisseia, Dioniso resgata a mãe do mundo de Hades e leva-a consigo para o Olimpo, juntamente com a sua amada Ariadne. Ser guiado por Dioniso, representa então o retorno ao materno, uma regressão que tem implícito o apaziguamento das tensões, implicando no entanto, um mergulho aos infernos, com todos os males e sofrimentos que daí advém.

Por fim, a vida e a morte marcam igualmente a epifania de Dioniso, pois este ressuscitou duas vezes, uma das quais depois de ter sido destruído, o que remete para a oscilação entre o *sparagamos*, a fragmentação do corpo levada ao extremo e a integração da unidade corporal.

No texto mítico, para além do conteúdo manifesto é o conteúdo latente que nos dá as pistas para a “aproximação ao humano”. Em nós, existe Citéron e Tebas, dois mundos, aos quais nos podemos deslocar, sem que aí fiquemos indefinidamente, pois as consequências seriam trágicas. Negar a possibilidade de sonhar, de ilusão, é tão perigoso como o enquistamento nas “muralhas de Tebas”. Nos extremos, reside a arrogância e esta opõem-se à possibilidade de aceder à verdade e ao conhecimento. Vida e morte, integração e dispersão coexistem e conferem à natureza humana a possibilidade de renovação.

O desafio lançado pelo deus do dilaceramento e da ressurreição poderia ser: “conhece o *estranho (estrangeiro)* que há em ti”. Seria o convite para sair do espaço de uniformidade dos homens a fim de se poder conhecer melhor o próprio. Face ao rigor *apolíneo*, Dioniso propõe-nos as leis do acaso, do devir e do caos. Um movimento de

exaltação da vida, com tudo o que tem de bom e de mau, perfeito e imperfeito, alegria e dor.

Neste processo de libertação e de êxtase, a decadência surge quando nos opomos ao movimento de autoconhecimento, como Penteu, que se encontra agrilhado ao mundo das leis e das regras, ou quando esquecemos a nossa condição humana que nos distingue dos deuses, a de sermos mortais, como Agave que no extremo mata com as mãos o próprio filho sem se dar conta.

O universo dionisíaco envolve uma dinâmica entre os opostos: masculino e o feminino, morte e ressurreição, integração e dispersão (fragmentação), animalidade e humanidade, loucura e razão, liberdade e escravidão. São estas as vivências que se escondem sob a máscara apolínea e que são passíveis de se manifestar, quanto mais não seja sob o efeito da embriaguez. No entanto, os homens têm limitações. Pode viver-se um sonho, mas não viver no sonho. Podem representar-se múltiplos papéis no palco da vida, recorrendo a diferentes máscaras, mas não se pode representar eternamente. Nesse caso, “a máscara fica pegada à cara”, e nessa altura afastamo-nos da verdade e deixamos de saber quem somos, desencadeando-se dessa forma o processo de decadência existencial, onde impera a alienação, a mecanização, o agir sem pensamento, podendo colocar a própria vida em causa.

Desde Nietzsche (1869/1977), na obra *O nascimento da tragédia*, que Dioniso se torna o *dionisíaco* - um símbolo de um estado mental no seio do qual se manifestam alguns aspectos essenciais, relativos à nossa condição humana como: a tragédia, o dionisíaco, a contradição dos opostos, a que nos referimos anteriormente, a dissolução das fronteiras homem/natureza, e o *apolíneo* e o *dionisíaco* enquanto princípios metafísicos.

Nietzsche aponta todo um conjunto de condicionalismos da vida tais como a dor, o sofrimento, a humilhação e o erro, que podem ser superados pelo estado de embriaguez.

O regresso do homem “às fontes originais” da vida passa pela edificação de novos valores, a partir do “*nihil*” (nada). Dioniso, o deus da “embriaguez”, conduz Zaratustra à exaltação de si mesmo, ignorando os homens fracos e débeis. O sacrilégio está em que o homem pode ser feliz a partir da morte de Deus.

O homem dionisíaco possui, ao invés do homem apolíneo, uma superabundância da vida, uma “embriaguez” lúcida e corajosa. Ele tende, exponencialmente, para uma

visão trágica da vida, quer seja interior ou exterior. Dioniso afasta a ideia da morte ao criar o *Super-homem*, aquele que promove por *transmutação dos valores*, levando o homem comum a repensar a vida. Só a vontade de poder, provocada pela embriaguez, pode afastar o homem da neurose e da depressão colectiva, própria da vida contemplativa. Os fundamentos da moral cristã impunham, entre outras categorias, o sofrimento, o sacrifício, a humildade, a humilhação, a escravidão e o suplício, próprios de homens inferiores.

O homem nasce para viver da terra e eis porque o espírito dionisíaco prevalece na arte. Na *Origem da tragédia*, Nietzsche reconhece duas formas de revelação da arte: a forma apolínea e a forma dionisíaca. A primeira é a harmonia das formas e a segunda é a exaltação do poder pela música, pela embriaguez e pelo entusiasmo (En-Teos, Asmos – que significa – “Deus em Mim”). O Homem é o criador de si mesmo e nele habita um *Daimon*, de que também fala Sócrates (sec. IV a.C), que se caracteriza pelo espírito da *ironia* e da *maiêutica*. Assim, o sublime dá lugar ao trágico, dado que a arte apolínea é estéril, incapaz de produzir paixões exacerbadas. A arte dionisíaca transforma a debilidade humana em força e em vontade de poder.

O trágico surge na existência humana como um destino inevitável, algo que se impõe face aos homens e que se tem que cumprir. Vimos com Penteu, com Agave e noutras personagens da Mitologia Grega, como Medeia, que desenvolvem um conjunto de acções sem consciência das mesmas, como se fossem actores de uma peça da qual desconhecem o guião. Nesse caso, ultrapassa-se do trágico para a decadência, na medida em que o homem se torna um *estrangeiro* face a si próprio. Ao invés de ocorrer uma caminhada no sentido de se tornar um *cidadão* com todos os direitos inerentes, torna-se um *escravo*.

Associado à decadência existencial está o empobrecimento dos mecanismos da consciência individual, como se ocorresse uma perda do contacto com o “ser” e o “ser-no-mundo”.

No que diz respeito ao surgimento de algo que é inerente ao próprio homem e que está fora do seu controlo, Romilly (1970/1997) considera que para que tais dados apareçam como trágicos é preciso que os comportamentos descritos se tornem necessários em nome de circunstâncias que se impõem ao homem. Nesse sentido, pode-se qualificar o alcoolismo como um processo de decadência, na medida em que a dependência impera contra a vontade dos sujeitos, consequência do empobrecimento da consciência de si e da consciência dos outros.

Um dos traços mais notáveis do pensamento grego é, com efeito, a possibilidade de explicar qualquer acontecimento em dois planos ao mesmo tempo e por duas causalidades, que se combinam ou se sobrepõem. Já presente em Homero, esta dupla causalidade existe sempre na tragédia. Assim, por exemplo, a condenação de Agaménon vem de um veredicto divino, mas a sua realização passa por uma série de vontades humanas: Clitemnestra é o agente do assassinio, mas ela age por rancor, por vingança, por crime, por efeito de um ódio totalmente pessoal e, por uma vez, ele terá de responder por isso.

Colocar o problema, a propósito destas questões, da liberdade humana é uma atitude completamente moderna. Para os gregos antigos, as duas causalidades coexistem sem contradição. Como diz Ésquilo, “quando um mortal se apressa para a ruína, os deuses ajudam.” Nada do que acontece, acontece sem a vontade de um deus, mas é necessário também que o homem tome parte e se comprometa nisso: o divino e o humano sobrepõem-se. Penteu também está implicado na sua morte (por recusa de certas tendências naturais ou pela recusa em reconhecer o deus Dioniso).

Há assim uma referência implícita ao lado pulsional que apesar de estar oculto, pode irromper. Para Monjauze (1991), Dioniso, encarna as pulsões mais obscuras, com o objectivo de as integrar na ordem de modo a não mais permanecerem como uma ameaça. No entanto, como deus “duplo” e insaciável, ele mostra o outro lado da máscara na expressão crua e delirante destas pulsões.

O homem encontra-se na dupla contingência de aceitar o seu lado irracional, ao mesmo tempo que tem que assumir o seu lado apolíneo, racional, que lhe permitirá a adaptação à vida de todos os dias. Se a decadência surge na medida em que nos afastamos de nós próprios, então esta revelar-se-á por incapacidade de aceitação do lado irracional, ou pelo contrário, pela impossibilidade de o conter.

Podemos dizer que ao homem resta a possibilidade de dissimulação das suas pulsões, através das inúmeras máscaras que usa no seu quotidiano. O lado pulsional manifesta-se através de símbolos, de imagens.

Perante as questões colocadas inicialmente, apraz-nos dizer que as Bacantes transportam para o palco o peso da submissão perante as figuras de poder, edificada sob as leis e os preceitos sociais da época. Perante esta realidade existencial, brota o desejo da libertação, no encontro com o sonho e a fantasia. O ser humano pode viver como um *estrangeiro* perante si próprio, pelo que o convite último será a descoberta de si próprio.

Nas múltiplas expressões artísticas revela-se o outro lado do humano, o que não é consensual, abrindo a porta para o questionamento relativo aos valores individuais e colectivos. A ordem e a estabilidade social podem sempre ser questionáveis.

Girard (1982) explica as perseguições colectivas face às minorias, entre as quais, se incluem as Bacantes, através do conceito de “bode expiatório”. Desde logo, a causa que justifica essas perseguições resulta da indiferenciação dos papéis sociais desempenhados pelos diferentes membros de um determinado grupo social, mecanismo que colocaria em causa o poder das diferentes instituições sociais. O grupo minoritário, ao assumir a responsabilidade pela crise, vai legitimar essas perseguições, pela necessidade de repor a ordem perdida.

O espírito dionisíaco é marcado pelo júbilo, pela liberdade e pela violência. As bacantes mostram-nos que o caminho da afirmação da vida é traçado até aos limites da existência.

O dionisíaco poderá representar a abertura para a libertação social e psicológica, perante as múltiplas constricções sociais, com que as mulheres, a par dos escravos e dos estrangeiros, aí se deparam, a par da necessidade de respeito pelas leis. A tragédia tem implícita a semente da ética, na medida em que apela à individualização das escolhas, ao desafio de existir fora do plano da moral. O indivíduo age de acordo com a sua consciência.

O jogo destas tensões dramáticas habita em nós, estando agora dependente da consciência individual. O risco encontra-se no momento em que os homens e as mulheres deixam de perceber que só os deuses são imortais e se auto-elegem como divindades, com todas as consequências que daí possam advir.

A viagem pela mitologia grega, onde destacamos a senda de Dioniso, abre-se assim como uma chave hermenêutica para os movimentos de vida e de morte, de racional e irracional que encarnam a condição humana, onde a procura do êxtase é a chave para compreendermos a necessidade que os indivíduos revelam de “saírem de si próprios” e de procurarem novos mundos de felicidade e de apaziguamento das tensões, mesmo que essa procura leve a uma *descida aos Infernos* onde podem permanecer para sempre.

Na Grécia Antiga, berço das civilizações ocidentais modernas, “a religião dionisíaca e a experiência psíquica que ela comporta, surge como uma exploração em profundidade da *psyche* humana, quando sujeita a forças para além da razão” (Pereira, 1998, p. 27). No contexto desta experiência, a *eudaimonia* resulta de uma “felicidade

que advém de uma aliança com a divindade, daimon” (Romilly, 1970/1997). Todos são convidados à comunhão desta euforização, mesmo os grupos geralmente subjugados a grandes condicionantes sociais, como as mulheres, os escravos e os estrangeiros. O elemento trágico surge quando o indivíduo perde a capacidade de aceder ao irracional, ou pelo contrário, quando se perde no ilusório, e se exclui da realidade.

Para Vernant e Naquet (1981/1999) a experiência religiosa dionisíaca, em vez de promover a integração das pessoas no mundo, no seu devido lugar, visa projectá-las para fora dele, no êxtase, ao uni-las ao deus na possessão: “A crise de possessão dionisíaca, instrumento temporário capaz de fazer o homem reencontrar a saúde e reintegrar-se à ordem do mundo, torna-se única pelo qual ele pode escapar do mundo, sair da condição humana e chegar assemelhando-se ao divino, a um estatuto de existência que as práticas culturais correntes não poderiam alcançar mas que também não tinha lugar, nem sentido, no sistema da religião cívica” (p. 340).

A experiência dionisíaca corresponde desta forma, a uma comunhão íntima com o divino, assumindo por vezes um carácter delirante, que encontramos descrito por exemplo no diálogo entre Penteu e Dioniso no caminho para *Citéron*, descrito nas *Bacantes* de Eurípides:

- Penteu: “Vê lá! Parece-me que avisto dois sóis e duas Tebas, duas cidadelas com sete portas. E parece-me que tu, que caminhas à minha frente, és um touro, e que na tua cabeça crescem chifres. Acaso foste sempre um animal? O certo é que agora te transformaste em touro” (p. 81).

- Dioniso: “O deus acompanha-me: ele que dantes não nos era propício é nosso aliado. Agora sim, vê o que deves ver” (p. 82).

Para além do encontro com o divino que Penteu consciencializa, esta jornada tem um fim em si mesma que reside na possibilidade de deleite com os prazeres propiciados pela natureza e que podem ser vividos no aqui e agora. Como refere o Coro: “Evoé! Do solo correm rios de leite, rios de vinho, rios de néctar das abelhas. Segurando, como o fumo do incenso da Síria, a chama incandescente da tocha do abeto, no alto do bastão, o celebrante de Baco instiga-as à corrida e às danças, sacode as transviadas, impele-as com seus gritos, agitando nos ares a sua cabeleira macia” (p. 45).

Em *Citéron*, metáfora do paraíso celestial, surge o encontro com o materno, simbolicamente representado pelo leite, e o vinho, enquanto catalisador do êxtase. Desta forma, o êxtase dionisíaco propicia a possibilidade da regressão ao passado, ao mesmo tempo que o gozo se actualiza no presente.

Perante este cenário no qual o indivíduo é convidado à fruição do presente e ao encontro com o passado materno, podemos contrapor estes estados do ser à forma como na cultura judaico-cristã é vista a comunhão com o divino, podendo desta comparação surgir novas ilações sobre a forma como é tecida a relação com a realidade interna e externa.

Das muitas referências que fazem parte da história do catolicismo, encontramos em Santa Teresa de Jesus, mais conhecida por Teresa D'Ávila (1571/2000), a descrição dos êxtases obtido a partir do encontro com Deus. No *Livro das relações*, caracteriza este êxtase que como um “matrimônio espiritual com Deus”. Das múltiplas vivências destacamos a seguinte: “No dia de Ramos, ao acabar de comungar, fiquei com grande suspensão, de modo que nem conseguia engolir a sagrada partícula. E tendo - A ainda na boca, quando voltei um pouco a mim, pareceu-me verdadeiramente que toda a boca se encheria de sangue. Parecia-me que também o rosto, e toda eu estávamos cobertos dele, que estava quente como se então o Senhor acabasse de derramá-lo. Era excessiva a suavidade que então sentia. Disse-me o Senhor: “Filha, Eu quero que meu Sangue te aproveite e não tenhas medo que a minha misericórdia te falte. Derramei-o com muitas dores e tu, como vês, gozas dele com grande deleite. Bem te pago o convite que me fazias neste dia” (p. 944).

Para além das imagens que diferenciam o êxtase dionisíaco do êxtase católico, inscritas em diferentes místicas religiosas, encontramos neste último, um fim em si mesmo centrado no futuro, na aceção ao “Reino do Senhor”, o que remete desde logo para um plano de fé e de esperança, elementos essenciais à prossecução de um caminho: “Oh! Grande liberdade, termos por cativo o ter de viver e tratar conforme às leis do mundo! Como esta se alcance do Senhor, não há escravo que não arrisque tudo para se resgatar e voltar à sua terra. É, pois, este, o verdadeiro caminho; não há que parar nele, porque nunca acabaremos de ganhar tão grande tesouro, até que se nos acabe a vida. O Senhor nos dê para isto o seu favor” (Teresa D'Ávila, 1571/2000, p. 131).

O termo “*êxtase*” deriva do latim “*ecstāsis*”, descrevendo um estado de espírito de quem se sente ausente do meio que o rodeia, e ligado ao transcendente, às coisas divinas. (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, 2001, p. 1657). Este estado é induzido por algo que é considerado externo aos sujeitos. Assim, enquanto no êxtase dionisíaco assistimos à irrupção do irracional e

do gozo propiciado pelos elementos da natureza, no êxtase de Teresa D'Ávila assume importância, o facto de se direccionar em relação a um Outro que é desejado, mesmo que esteja implícita a vivência da dor e do sofrimento.

Nesse sentido, podemos dizer que ao invés do êxtase dionisíaco, onde o gozo e a fruição são vividos no presente, no êxtase católico, o indivíduo projecta-se no futuro.

Perante a “morte de Deus” declarada por Nietzsche (1869/1977) o Homem fica entregue a si próprio, à vivência do presente, “abrindo-se a porta” para o niilismo, na medida em que se extingue a fé em algo que é infinito e que o complementa. O alcoolismo enquanto expressão até às últimas consequências do dionisíaco, pode ser então um dos paradigmas da expressão máxima desse niilismo, no seio do qual o rosto se confundiu há muito com a máscara e os sujeitos perderam há muito a consciência de si próprios.

2.1.6 Síntese Integrativa

Ao perscrutarmos a cultura vigente na Antiga Grécia deparamo-nos com dois planos. Por um lado, a sociedade encontra-se organizada em diferentes estratos sociais, de uma forma racional e inquestionável. Por outro lado, as criações artísticas assumem uma importância fulcral, integrando a possibilidade de expressão do mundo do sonho e do irracional, levado muitas vezes ao extremo. É entre estes dois mundos que se situa a Religião Grega, contendo em si uma dimensão ética, na medida em que apela à reflexão sobre os diferentes valores, e uma dimensão estética colorida por uma panóplia de cores e de imagens que em certa medida remetem para o onírico.

Os mitos permitem entrar no espaço do indizível e do inexplicável, o facto de termos Deuses que agem como os homens, sob o efeito das mesmas emoções e pensamentos, estes permitem que os indivíduos se revejam neles, em muitos desses comportamentos. Estas criações resultantes da relação que o Homem estabelece com o mundo, tornam-se então um espelho onde os indivíduos se revêm, permitindo uma reflexão sobre si próprios e os outros.

A verdade do mito afirma-se por si mesma, não carecendo de confirmações de ordem empírica, nem de carácter científico. Ela é intuída e é um reflexo da realidade. Neste contexto, o dionisíaco revela-nos a dinâmica que emana de diferentes contradições: razão e emoção, lei e caos, masculino e feminino, vida e morte e

integração e dispersão. Perante as representações teatrais os indivíduos têm a oportunidade para se questionarem sobre a forma como estas contradições são geridas por si próprias. As celebrações dionisíacas permitem ainda que os indivíduos se questionem e extravasem as suas emoções, podendo colocar em causa a ordem social vigente.

Os contactos que estabelecemos diariamente com mulheres alcoólicas, internadas na Unidade de Alcoologia da Casa de Saúde do Telhal, levam-nos a um questionamento sobre muitas das suas vivências e a uma necessidade de procurarmos no universo das bacantes uma possibilidade de aprofundarmos a compreensão sobre a realidade psicológica vivida por estas mulheres que há muito se entregaram nos braços de Dioniso.

O desejo de libertação face a um conjunto de circunstâncias vividas como fonte de sofrimento levam estas mulheres ao dionisíaco, manifesto na quantidade de bebidas alcoólicas ingeridas, construindo dessa forma um mito pessoal sobre a realidade que as rodeia. Como veremos, a decadência reafirma-se na medida em que o mito individual se torna uma verdade absoluta e se faz acompanhar de um empobrecimento da consciência de si.

Da comparação do êxtase dionisíaco com o êxtase Teresiano assinalam-se diferenças fulcrais que vão condicionar a possibilidade de evolução do pensamento. Com efeito, enquanto no êxtase dionisíaco, se afirma o gozo e o deleite resultante da euforia e da embriaguez, no êxtase Teresiano pelo contrário, a essência fundamenta as acções e estas transcendem os sujeitos.

O risco do dionisíaco é o de o individuo se encerrar em si mesmo, pois ele é o próprio deus, criando-se um círculo que trai o desejo de libertação. Encontramos este círculo nas várias dependências, mas também na expressão do desejo incomensurável de o individuo se afirmar como “Super-Homem”, tal como Zaratustra, ao anunciar a morte de Deus. É assim que na clínica nos deparamos com pessoas que procuram a beleza externa em múltiplas cirurgias plásticas sem nunca a encontrar. Só a aceitação de que se não é Deus, pode levar à procura de Deus. E é este o movimento que encontramos no êxtase expresso por Teresa D’ Ávila, onde ao contrário de uma lógica circular, transparece uma lógica linear de $A \rightarrow$ Deidade.

No seio de uma lógica circular, os comportamentos não necessitam de fundamento, pois mecanizam-se. O mimético surge como uma alternativa à ausência da reflexividade e da tomada de consciência sobre si próprio, anulando-se dessa forma a

criatividade e a possibilidade de criação de diferentes soluções perante as vicissitudes da vida.

Se nos questionarmos sobre quais os valores dominantes nas sociedades modernas, facilmente somos remetidos para a preponderância do ter sobre o ser, do efémero sobre o futuro, e da mecanização de muitos comportamentos numa ausência total de reflexão. É neste contexto social que o dionisíaco encontra espaço para se afirmar, na medida em que o Homem se encontra entregue a si próprio, o limite é a ultrapassagem de si próprio, dos seus limites. Neste sentido, podemos dizer que as dependências têm um carácter de “normalidade”, na medida em que são uma das expressões dos valores que matizam a cultura da modernidade.

O alcoolismo na mulher tem sido estudado por diferentes abordagens psicológicas, que sob a influência do modelo médico, incidem sobre a patologia psicológica que desencadeou tais comportamentos e que por si só justificam a sua perpetuação ao longo do tempo.

É sob a influência desta lógica clínica, que diferentes autores de orientação dinâmica identificaram diferentes perturbações da personalidade, decorrentes de problemáticas distintas que estariam associadas à eclosão do alcoolismo. Relativamente às investigações onde se recorre à aplicação de testes psicológicos, o objectivo focaliza-se muitas vezes, no estabelecimento de diagnósticos psicológicos.

Se por um lado, o estabelecimento de diagnósticos psicológicos pode contribuir para o delinear de terapêuticas mais eficazes, por outro lado, não tem em conta a especificidade subjectiva dos sujeitos psicológicos. Com efeito, duas pessoas a quem lhes seja feito o diagnóstico de uma psicose esquizofrénica, não significa obrigatoriamente que vivam a mesma realidade. A dimensão clínica ganha uma significação, na medida em que se contemplem as vivências de cada pessoa, nas quais se inscreve uma tentativa de adaptação face a diferentes quadros existenciais muitas vezes fonte de sofrimento psicológico, na medida em que os sujeitos não encontram outras alternativas de acção.

Um outro aspecto em que nos afastamos das metodologias seguidas nos estudos psicológicos que mencionamos anteriormente, sobre a personalidade da mulher alcoólica, diz respeito ao facto de se centrarem nos sintomas, no visível, sem que contemplem igualmente as potencialidades de cada individuo, passíveis de ser actualizadas e que poderão contribuir para o ultrapassar da crise em que se encontram.

No contexto da Psiquiatria estamos perante uma lógica disjuntiva, onde a constelação de sintomas leva ao estabelecimento de diagnósticos, que surgem nas duas classificações das doenças mentais a que nos reportamos anteriormente (DSM IV e ICD 10). Ao afastarmo-nos desta lógica em detrimento de uma lógica integrativa dos opostos, partimos do princípio que no ser humano como em qualquer sistema vivo, coexiste a ordem e a entropia e é da sua interacção que os sistemas evoluem.

Paradoxalmente podemos afirmar que este trabalho não é sobre o alcoolismo, mas sim sobre um processo de decadência do Ser, onde o dionisíaco e o apolíneo, levados ao extremo, surgem aos olhos dos sujeitos como a única estratégia de sobrevivência face a um conjunto de circunstâncias que julgam inultrapassáveis. A possibilidade de retirada da realidade associada ao gozo e à fruição assume um carácter extático que ilusoriamente leva os indivíduos a crer que é a única resposta possível às suas dificuldades quotidianas e que se inscreve no “império do efémero”, enquanto valor dominante da nossa cultura. O rompimento da lógica circular que sustenta a dependência alcoólica implica a mobilização das potencialidades dos sujeitos, que per si permitirão a criação de novas verdades psicológicas e a entrada numa lógica linear que integre a utopia e o sonho.

A forma como cada individuo (re)cria a humanidade dentro de si próprio e se relaciona com os outros integra-se numa panóplia de escolhas que arquitectura a sua existência e esta realidade à qual acedemos na clínica, ultrapassa em muito a psicopatologia. É neste sentido que dizemos que o indivíduo é mais que a sua patologia. A possibilidade de transformação no sentido do humano tem por base a evolução do pensamento, pelo que julgamos necessário, a avaliação das possibilidades de crescimento mental dos sujeitos, recorrendo aos modelos psicanalíticos, na medida em que é contemplada essa possibilidade e onde a simbolização assume uma importância fulcral tanto ao nível da forma como se estrutura o pensamento, bem como no que representa em termos de novas possibilidades de evolução do ser humano.

Seguidamente vamos incidir sobre os elementos essenciais à construção da existência, recorrendo a conceitos filosóficos, inscritos no domínio da filosofia existencial, e a forma como diferentes posicionamentos teóricos no âmbito da Psicanálise, os integram, constituindo – se como um conjunto de saberes que nos permitem aprofundar os conhecimentos no domínio ontológico, ao mesmo tempo que nos permitem fazer uma leitura de diferentes formas da decadência humana.

2.2 Processos de subjectivação

Propomos uma discussão centrada em dois pontos. Como referimos anteriormente, pretendemos analisar o alcoolismo na mulher num plano que incide sobre a constituição da subjectividade, ultrapassando uma lógica centrada no psicopatológico, pelo que num primeiro momento vamos definir os pressupostos teóricos subjacentes a esta perspectiva. Num segundo ponto estabelece-se uma ponte com diferentes teorias psicanalíticas, com o objectivo de perscrutarmos como surgem conceptualizados os elementos que constituem o pensamento e a forma como podem ser mobilizadas transformações no sentido pleno de abraçar a vida.

2.2.1 Constituição do Ser

Em primeiro lugar, o ser humano tem uma dimensão histórica que lhe confere um carácter único e onde transparece a forma como se vê no passado, no presente e se projecta no futuro, revelando-se no discurso sobre si próprio. Como refere García Márquez (2002/2003): “A vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para contá-la” (p. 7).

Heidegger (1949/1980) na *Carta sobre o humanismo* refere: “O pensar deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser” (p.32), atribuindo à linguagem o meio por excelência de revelação do Ser. A reflexão heideggeriana sobre a importância da linguagem no desenvolvimento do Ser é desta forma essencial, na medida em que o devir é sempre passível de se revelar, na medida em que a sua história está sempre em construção. A récita pessoal desvela a essência da subjectividade, e esta é constituída por diferentes componentes, também eles em mudança.

No fio do discurso pessoal, escutamos o grau de responsabilidade individual na construção do seu-mundo. Cada individuo é autor responsável pela própria vida, não só pelas suas acções mas também pelos fracassos dessas acções. Como refere Sartre (1943/2005), “ser responsável é ter a consciência de que se é o autor incontestável de um acontecimento ou objecto” (p. 678). Ter consciência dessa responsabilidade é dar-se conta de que é o indivíduo que cria o seu próprio destino, o próprio ser, os seus sentimentos e, em alguns casos como no alcoolismo, o próprio sofrimento. Cada um é responsável pela própria vida, não só pelas suas acções mas também pelo fracasso

dessas acções. A opção pela morte ou pela vida, ocorrem num tempo, no seio do qual se vai integrando a consciência de que se é um ser finito, e esta possibilidade coexiste com o facto do ser humano ter em si a possibilidade de auto-destrutividade, de "não-ser".

Um segundo vector essencial à construção ontológica diz respeito à autenticidade na relação consigo próprio e com os outros. Todos nós procuramos saber a verdade sobre algo. Esta dimensão remete para a forma como no discurso do sujeito psicológico se opõe a autenticidade ao uso recorrente da mentira, da máscara, afastando-se nesse caso, cada vez mais do seu Eu. Na medida em que se aproxima da verdade, promove-se o encontro consigo próprio e com os outros. Deste processo resulta uma maior autoconsciência do seu mundo. É neste aspecto que a ética se afirma como o lugar e expressão do ser.

A essência da verdade encontra o seu fundamento na liberdade, e é aí que pode revelar-se enquanto tal, na abertura do "Dasein". O ser humano encontra-se assim num jogo de tensões entre a verdade e a aparência, ou a máscara - "A errância é o teatro e o fundamento do erro" (Heidegger, 1937/1968, p. 187).

A forma como nos relacionamos com a verdade reflecte a estruturação da subjectividade que engloba por sua vez, outras possibilidades, como a ocultação e a mentira. Heidegger (1937/1968) coloca a subjectividade humana como núcleo da busca e recriação da verdade: "Sem dúvida que a subjectividade também é composta pela falsidade e a hipocrisia, a mentira, a ilusão e a aparência, numa palavra, por todos os modos da não verdade" (p.173).

Heidegger (1927/1984), na obra *O ser e o tempo*, considera que o homem aparece confinado a uma condição ontológico-existencial marcada pela possibilidade de escolha entre a verdade e a não verdade, estando ambas na constituição de ser do "Dasein". Nesse sentido, podemos falar de *decadência*, como um resultado de um percurso existencial marcado pela mentira, e pelo teatro do ser. A interpretação do fenómeno da verdade é possível nesse movimento, ao qual pertence a descoberta de ser no mundo.

Podemos associar a ideia da revelação da verdade ao desenvolvimento pessoal, à transcendência de si mesmo, "despindo-se" da mentira, e à retirada da máscara. A verdade é subjectividade, pois a verdade de cada um é individual. A existência transforma-se no devir, e na liberdade.

Por fim, destacamos a questão inerente ao Ser, que diz respeito à necessidade de tomada de decisões, e que tem implícito o sentido da liberdade. Só o indivíduo que é

livre pode fazer escolhas, e estas atribuem um sentido à construção do seu projecto existencial. A decisão dependerá sempre da consciência, da impulsividade e da responsabilidade. Segundo Yalom (1984) decidir implica o compromisso com determinada acção, sendo que a mudança não depende apenas de uma só decisão voluntária importante, mas antes de um processo gradual de decisões múltiplas. Cada uma delas cedendo terreno às seguintes.

Ao enfatizar-se a importância do discurso individual, como sendo portador da verdade subjectiva, reveladora da visão sobre a forma como se vê e vê os outros, pode falar-se na existência de um “mito individual” que transporta em si, as recordações do passado, o presente e as sementes do futuro.

Tendo como pano de fundo uma concepção existencial na qual se integram os vectores inerentes à constituição do ser psicológico, podemos questionar de que forma as teorias psicanalíticas contribuem para a compreensão e transformação dos indivíduos, no sentido da autenticidade, da responsabilidade, permitindo que cada um seja o actor e autor do seu projecto existencial, descobrindo a unicidade de si próprio e o seu papel na dinâmica intersubjectiva, campo por excelência da afirmação e reconstrução dos laços afectivos?

2.2.2 Abordagem psicanalítica dos processos de transformação

Na evolução das ideias psicanalíticas, encontramos um denominador comum que diz respeito à importância da simbolização como revelador do mundo interno do sujeito psicológico e a sua transformação como um meio de aceder a novos vértices sobre a realidade interna e externa e nesse sentido podemos falar de crescimento mental, na medida em que os sujeitos se confrontam com novas verdades psíquicas, ampliando assim a liberdade de opções no seu decurso existencial.

Ao optarmos por focar alguns aspectos imanentes da teoria freudiana, kleiniana e bioniana, que nos dão conta destes processos, estamos cientes que restringimos de forma significativa o campo teórico psicanalítico que aborda estes temas. Embora não se possa falar de uma evolução epistemológica, na acepção de Karl Popper (1963/2006), pelo facto de não ocorrerem verdadeiros cortes epistemológicos, do ponto de vista cronológico assistimos a mudanças na forma de abordar estes temas e que certamente

contribuirão para o enriquecimento da questão a que nos propomos – as possibilidades de crescimento mental das participantes que constitui o objecto do nosso estudo.

Na teoria freudiana o acesso à verdade decorre da forma como Freud caracterizou a mente. O aparelho psíquico surge caracterizado por Freud (1900/2001), na *Interpretação dos sonhos* como um instrumento composto por componentes designados como “instâncias”. A constituição do sujeito psicológico surge ligada ao papel atribuído ao inconsciente. Freud (1915/1981) considera fundamental a existência do inconsciente, uma vez que “os dados da consciência apresentam inúmeras lacunas; tanto em pessoas saudáveis como em pessoas doentes ocorrem muitas vezes actos psíquicos que apenas podem ser explicados pela pressuposição de outros actos dos quais, no entanto, a consciência não apresenta provas. Estes incluem não apenas parapraxias e sonhos nas pessoas saudáveis, como também tudo aquilo a que se dá o nome de sintoma psíquico ou obsessão nos doentes” (p. 2061). Os efeitos do inconsciente manifestavam-se na consciência. O material que compõe o inconsciente é reprimido, retirado da consciência, pois leva a um excesso de tensão e de ansiedade. Os mecanismos de repressão, negação e recusa, têm como objectivo proteger o Eu da ansiedade excessiva resultante de uma dada experiência.

Um primeiro aspecto ligado à transformação do sujeito diz respeito à manifestação do desejo. O sujeito psicológico surge na teoria freudiana como estando mobilizado pelo desejo que resulta de um conjunto de pulsões que seriam universais. A recusa ou o adiamento do desejo resulta então no recurso às máscaras, sustentado por um conjunto de mecanismos de defesa, entre os quais se destacaria o recalçamento.

Face às características de uma instância psíquica como o inconsciente, o acesso à verdade é parcial, permanecendo esta oculta e podendo ser revelada apenas mediante a interpretação psicanalítica. Uma das formas desse “disfarce” seria através da expressão simbólica. Os sonhos e a psicopatologia surgem como paradigmas desta ocultação da verdade, podendo esta revelar-se mediante a interpretação do analista, no decorrer de uma psicanálise.

Em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1895/1955), explica a formação dos sintomas como uma expressão simbólica do trauma. As experiências vividas na infância estariam na origem desse trauma: “ O afecto permanece num estado de estrangulamento, e a memória da experiência à qual está ligada é afastada da consciência. A memória afectiva manifesta-se nos sintomas histéricos, os quais podem

ser vistos como “símbolos mnésicos” – quer dizer como símbolos da memória suprimida” (J. Strachey, nota do editor inglês em Freud 1895/1955, p. 18).

A par da compreensão do simbolismo dos sintomas neuróticos, Freud (1900/2001), em *A interpretação dos sonhos*, faz uma analogia ao simbolismo dos processos oníricos.

O impulso para a formação dos sonhos encontra-se no *inconsciente*, embora o processo de formação dos sonhos se ligue a pensamentos oníricos pertencentes ao sistema *pré-consciente*: “Esse instigador do sonho esforçar-se-á para aceder ao pré-consciente, e a partir daí ganhar acesso à consciência” (p. 521).

A actualização das fantasias inconscientes através da associação livre permite a cura das perturbações neuróticas e é possível através da verbalização. Como refere Strachey no Apêndice C (cit. in Freud, 1915/1981): “A relação entre a representação de palavra e a representação de objecto parece merecer o nome de simbólica” (p. 195). Uma representação que não fosse transformada em palavras permaneceria inconsciente, sob o domínio do *processo primário*. A ligação a representações de palavras permite que a representação possa ser simbolizada sob a lei do *processo secundário*.

O “trabalho analítico” teria como objectivo a representação de experiências vividas, ou seja, a possibilidade de simbolização dessas experiências e a consciencialização das mesmas.

A verdade torna-se acessível em parte no processo analítico, reconstruindo-se assim a subjectividade. A transformação do sujeito é possível, através da relação com o outro, nesta dinâmica entre a consciente e o inconsciente, desenvolvendo-se assim a simbolização e a realidade psíquica.

A decadência do processo de subjectivação resulta, segundo a perspectiva freudiana, da repressão do desejo, que estaria na origem de diferentes patologias.

O modelo Freudiano coloca-nos perante uma lógica disjuntiva, na qual o sintoma resulta de um conjunto de processos, onde por exemplo, o recurso ao recalçamento enquanto mecanismo de defesa desempenha um papel essencial. Como vimos anteriormente, essa lógica está implícita na explicação do alcoolismo, ao colocar o recalçamento da homossexualidade e posteriormente, a regressão à oralidade como causas dos comportamentos alcoólicos. Nesta perspectiva, o dionisíaco surgiria como expressão de um pulsional incontido revelador de conteúdos inconscientes. As transformações que se operam, segundo este modelo, ocorrem de forma linear, de A → B, onde A representa o recalçado, e B a consciencialização desses conteúdos.

Da passagem do modelo Freudiano para o modelo Kleiniano, o contexto onde vai ocorrer o desenvolvimento psicológico passa a ter uma importância fundamental. Com efeito, é dada ênfase ao relacionamento afectivo entre a mãe e o bebé, salientando-se os processos emocionais pré-verbais que ocorrem nesse espaço de interacção. Em resposta às necessidades da criança, a mãe expressa sentimentos de amor e conexão, que vão permitir a integração emocional do ser em desenvolvimento. Tudo vai depender da forma como a mãe vai conter a ansiedade projectada pelo seu bebé e devolvê-la de uma forma que seja aceitável. A construção da subjectividade torna-se possível a partir da matriz intersubjectiva.

Neste modelo, o conceito de “*identificação projectiva*” vai-nos permitir aclarar os fenómenos clínicos em estudo, como o desenvolvimento da capacidade de simbolização, ao mesmo tempo que introduz a relação materna enquanto “continente” onde vai ocorrer a génese e o estabelecimento da matriz das futuras transformações do “espaço psíquico”.

No modelo Kleiniano do desenvolvimento humano, a constituição da subjectividade surge associada à formação simbólica, decorre desta interacção permanente entre sujeito e objecto e desempenha um papel fundamental na organização da realidade externa e das vivências internas. A possibilidade da *fantasia inconsciente* poder transformar-se através de mecanismos de introjecção e de projecção, exprimindo dessa forma a interligação entre o mundo interno e o mundo externo, surge como um facto inovador em relação à teoria freudiana. Os significados podem ser recriados no contexto relacional

Klein (1935) introduz uma perspectiva de desenvolvimento na formação dos símbolos ao considerar fundamental a passagem da “posição esquizo-paranóide” para a “posição depressiva” na evolução dos mesmos. A capacidade de identificar objectos de forma simbólica seria um mecanismo essencial ao desenvolvimento do pensamento.

Segundo a perspectiva kleiniana, o desenvolvimento da simbolização é concomitante com a evolução da relação com os objectos, motivada por impulsos orais, anais e genitais do sujeito.

A partir das considerações teóricas de Jones e Klein, Ségal (1957/1970), referindo-se à concepção de simbolismo dos seus antecessores, considera que é difícil estabelecer uma relação entre os desejos, os processos mentais e o desenvolvimento posterior do indivíduo, se não admitirmos um conceito mais alargado do simbolismo.

As perturbações ao nível da relação do Eu com os objectos reflectir-se-iam em alterações simbólicas (pensamento concreto e psicose).

A partir da teoria das posições *esquizo-paranóide* e *depressiva*, discrimina os símbolos em termos da sua qualidade, distinguindo a *equação simbólica* e a *representação simbólica*. Segundo Segal (1991), o desenvolvimento do Eu e as mudanças na relação do Eu com os objectos ocorrem gradualmente.

No modelo Kleiniano a intersubjectividade ganha importância enquanto matriz onde ocorrem as transformações psicológicas dos indivíduos. Este facto deve-se à importância atribuída à identificação projectiva, como elemento essencial à transformação dos conteúdos psíquicos. Todavia, continuamos ainda numa lógica disjuntiva, unidireccional, tal como no modelo Freudiano de $A \rightarrow B$, onde o sentido da transformação é da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva ($Ps \rightarrow Pd$).

Na teoria bioniana encontramos três vectores fundamentais na construção do ser: a formação do pensamento e a intersubjectividade, o devir transformacional e o acesso à verdade, enquanto elemento essencial para o desenvolvimento mental.

Segundo Bion (1962/1994), o pensamento constrói-se no contacto com a realidade. Nascemos e transformamo-nos na relação com nós próprios e com os outros, e este é um legado que marca toda a nossa existência. A importância dada aos processos que ocorrem nas sessões psicanalíticas, e a importância dada à relação mãe-bebé enquanto matriz onde ocorrem as principais transformações que vão condicionar o desenvolvimento do pensamento, marcam a sua perspectiva teórica, com uma importância crescente dada à dimensão intersubjectiva.

Os primeiros elementos resultantes das experiências emocionais e dos estímulos sensoriais (*elementos-beta*) não têm possibilidade de ser representados mentalmente, pelo que tendem a ser evacuados através da identificação projectiva. Bion criou o conceito de *função-alfa* como uma função da personalidade constituída por factores com funções ao nível da atenção e da memória e que sob a sua actuação sobre as impressões sensoriais e emoções (*elementos-beta*), seriam transformados em *elementos-alfa*. Os *elementos-beta* não são sentidos como fenómenos, enquanto os *elementos alfa* podem ser armazenados e surgir nos pensamentos no estado vigília e nos sonhos.

A *função-alfa*, com um conteúdo funcional idêntico ao preconizado por Freud para a instância psíquica *consciente*, permite a distinção entre o inconsciente e o consciente, o raciocínio, o alívio do consciente da sobrecarga do pensamento, a

simbolização, ao mesmo tempo que o sujeito adquire progressivamente uma consciência de si e do exterior. Bion introduziu o conceito de *tela-alfa* na qual os *elementos-alfa* podem combinar-se e permanecerem ligados, como uma espécie de barreira de contacto que separa o inconsciente do consciente, permitindo ao mesmo tempo o contacto entre ambos.

Inicialmente é esperado que a mãe seja capaz de assumir esta função, transformando as projecções mentais do seu bebé em *elementos-alfa*, que serão utilizáveis no seu processo de pensamento: “a capacidade de rêverie da mãe é o órgão receptor da colheita de sensações que o bebé, através do seu consciente, experimenta em relação a si mesmo” (p. 104).

Se o indivíduo tem a possibilidade de converter a experiência emocional em *elementos-alfa*, esta permanece inconsciente, e fica então apto a descrevê-la na narrativa do sonho. Nos pensamentos oníricos ou diurnos, a *função-alfa* traz a possibilidade de simbolizar.

A concepção analítica do sujeito tornou-se uma teoria da interdependência da subjectividade. A constituição do sujeito no espaço entre a mãe e a criança é mediada pelos acontecimentos psicológicos interpessoais, tal como a identificação projectiva. A apropriação pela criança do espaço intersubjectivo representa um passo crítico no estabelecimento da capacidade individual de gerar e manter dialécticas psicológicas propiciando dessa forma a possibilidade de crescimento mental.

Na perspectiva de Bion, esta dimensão da intersubjectividade encontra-se igualmente associada à identificação projectiva, pois o sujeito, através da interacção psicológica-interpessoal, exerce pressão no outro para sentir ele próprio e comportar-se em congruência com a fantasia projectiva onipotente. Os pensamentos que a criança não é capaz de metabolizar são entregues à mãe, e sendo-lhes depois devolvidos de forma tolerável por esta.

Bion (1962/2003) introduz um novo aspecto à definição kleiniana de “identificação projectiva”, referindo-se a este mecanismo como um registo precoce do funcionamento psíquico, de comunicação entre o bebé e a sua mãe. A experiência partilhada entre a criança e a mãe leva ao nascimento da vida psíquica. A partir das transformações das mensagens enviadas à mãe e depois devolvidas ao bebé, a criança desenvolve a sua própria “função α ” pelo contacto com a “função α ” da mãe.

Segundo Bion (1962/2003), a comunicação pela identificação projectiva continua a fazer-se ao longo de toda a vida, instaurando-se como uma forma de um

potencial de simbolização. A capacidade de *empatia* baseia-se numa forma de comunicação construída a partir do pensamento intuitivo (que inclui a capacidade de escuta e sensibilidade ao outro), que constitui a forma de *identificação projectiva normal*, por oposição à *identificação projectiva excessiva*, que teria um carácter patológico. Esta forma de identificação projectiva é diferente da patológica descrita por Klein, que se baseia na projecção patológica intrusiva. Bion ultrapassa assim uma lógica em que se destacam os aspectos evacuativos e controladores da identificação projectiva, para uma em que se valoriza o carácter comunicativo deste mecanismo, onde se perspectiva a identificação projectiva ao serviço do pensamento ou anti-pensamento (Dias & Flemming, 1998).

A partir de um processo de abstracção do conceito Kleiniano de identificação projectiva, Bion elabora outro dos elementos da sua psicanálise: a noção continente-conteúdo. Esse mecanismo, representado pelos símbolos ($\♂\♀$), descreve que são projectados elementos sentidos como maus dentro do bom seio onde permanecem e que, quando são reintrojectados, são sentidos como modificados, podendo dessa forma ser tolerados. “Esse modelo tanto se refere a uma mãe contendo as angústias do seu bebé, como também um Eu contendo uma representação, de uma palavra contendo uma significação, um sujeito contendo uma mentira, um grupo contendo um indivíduo, uma instituição contendo um místico ou um indivíduo contendo as suas próprias dúvidas e aflições; esse modelo também designa a interacção do par analítico, em função do interjogo entre as cargas de identificações projectivas e as introjectivas, de um para outro” (Zimerman, 2004, p. 53).

Os pensamentos podem ser classificados, consoante a sua história evolutiva, como pré-concepções ou pensamentos e conceitos. Os conceitos têm um nome e são pensamentos fixos e consolidados. A concepção origina-se pela junção de uma pré-concepção com uma realização (daí os símbolos sexuais $\♂\♀$). A pré-concepção refere-se a uma expectativa inata, *a priori*, de um objecto. A realização é uma experiência emocional que pode ser positiva (adequada) ou negativa (frustrante). Assim, uma pré-concepção (expectativa inata vazia) associa-se a uma realização (impressões sensoriais adequadas) e daí nasce uma concepção.

Bion (1962/1994) limitou o termo “pensamento” à união de uma pré-concepção com uma frustração, o que nos remete para a ideia de ausência de satisfação. “O bebé tem fome e a mãe não está presente para o satisfazer: restringirei o termo pensamento à união de uma pré-concepção com uma frustração. O modelo que proponho é o de um

bebé cuja expectativa de um seio se una a uma realização de um não-seio, ou seio ausente dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebé tolerar a frustração” (p. 129). Face a esta situação, Bion diz-nos que o bebé tem de decidir: ou fugir da frustração ou modificá-la.

Encontramos aqui uma diferença entre a perspectiva de Bion e a teoria freudiana. Para Freud, o pensamento tinha que reduzir a tensão (princípio do prazer e da realidade); para Bion, o pensamento surge como um modo de gerir a tensão. Com efeito, Bion (1962/1994) refere que se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, o não-seio transforma-se em pensamento e o aparelho para pensá-lo desenvolve-se. A noção primitiva de não-objecto ou objecto ausente seria o primeiro pensamento.

Se a capacidade de tolerar a frustração for insuficiente, o não-seio interno confronta a psique com a necessidade de decidir se foge à frustração ou se a modifica. Todavia, uma vez que o bebé não tem esta capacidade de tolerância, este irá afastar-se dos factos descritos por Freud como típicos do pensamento na fase do princípio da realidade. O que deveria ser um pensamento é um mau objecto, como produto de uma junção de uma pré-concepção com uma realização negativa que se presta unicamente à expulsão. Como consequência, o desenvolvimento mental é bloqueado e o aparelho para pensar fica seriamente perturbado, sendo os pensamentos tratados como se fossem indistintos dos maus objectos internos. “O que deveria ser um pensamento – um produto da justa posição da pré-concepção e a realização negativa – torna-se um objecto mau, indistinto de uma “coisa-em-si” e que se presta à evacuação” (Bion, 1962/1994, p. 130).

Perante esta situação, o bebé toma medidas para fugir da percepção da realização (mau seio cruel) através de ataques destrutivos. Estes ataques são dirigidos aos elos de ligação referentes a essa realização: o seio materno. Face a esta frustração, o bebé, incapaz de tolerar esta situação, tende para a evasão desta frustração através do mecanismo de identificação projectiva, colocando no outro a quem está ligado (a mãe) tudo o que está a sentir. O elo de ligação entre o bebé e o seio é o mecanismo de identificação, ou seja, o elo de ligação é a capacidade da mãe de receber as identificações projectivas do seu bebé.

No modelo do desenvolvimento dos pensamentos e do crescimento mental em espiral de Bion (1962/2003), os pensamentos expandem-se e podem ser pensados. As sucessivas rupturas e reconstruções do sentido resultam da oscilação entre as posições

esquizo-paranóide e depressiva. A identificação projectiva normal pode por em causa a capacidade de simbolizar, caso seja excessiva.

Segundo esta perspectiva, a formação de símbolos corresponde à transformação de “elementos beta” em “elementos alfa”. Para que isso aconteça, é fundamental a capacidade do Eu em suportar perdas e substituí-las por símbolos, sendo fundamental a passagem da *posição esquizo-paranóide* para a *posição depressiva*. Se isso não ocorresse, o indivíduo não formaria símbolos mas apenas “equações simbólicas”, onde o símbolo seria confundido com o simbolizado, como acontece nos estados psicóticos. Ou seja, é a progressiva consolidação da posição depressiva que vai permitir a formação do pensamento e da linguagem.

A ruptura no desenvolvimento surge quando, a par de mecanismos (baseados na identificação projectiva normal) de curiosidade em relação a objectos externos ou a diferentes aspectos da personalidade, não existe um seio-contidente capaz de receber os conteúdos projectados. A identificação projectiva torna-se então patológica. As emoções tornam-se intoleráveis, uma vez que apenas no seio de uma relação continente-conteúdo elas poderiam adquirir significado propulsor do desenvolvimento. Consequentemente, os elos de ligação que sobrevivem são perversos e cruéis.

Na realidade, para Bion qualquer experiência emocional só pode ser concebida dentro da relação entre duas pessoas e pode ser reduzida aos vínculos Amor (L), Ódio (H), e conhecimento (K) e os respectivos negativos, variando assim num intervalo entre menos e mais ([L-;L+[,]H-;H+[,]K-;K+]). Os vínculos designam experiências emocionais, a partir das quais podem surgir múltiplas formas de “normalidade” e de “patologia” com destaque para o vínculo K, onde a não verdade (-K), surge sob múltiplas expressões – mentiras, formas de falsificação das verdades internas e externas (Zimerman, 2004).

O vínculo do conhecimento (K) está presente quando ocorre um processo de conhecimento do outro, num sentido emocional, envolvendo dor, frustração e solidão. A qualidade destes vínculos depende das características da identificação projectiva em que se baseia a relação continente-conteúdo que lhe é subjacente, podendo cada relação ter uma estrutura mais neurótica ou mais psicótica, resultando daí o desenvolvimento emocional mútuo ou a destruição do significado. O ódio ao conhecimento, à verdadeira experiência emocional de aprendizagem, resulta então do ataque ao vínculo que deriva da parte psicótica da personalidade e que impede o pensamento e o acesso ao significado da experiência (Symington & Symington, 1997/1999), e expressa-se por -K.

“Em Bion, o sinal menos (-) representa a negatividade e o sinal (+) representa exploração do negativo” (Dias, 1999, p. 79).

Os conhecimentos necessitam de ser coloridos pelas emoções, para que possam ser pensados e elaborados, onde o privilégio pela condição de se ser verdadeiro leva, por sua vez, à valorização da essência e não da aparência, a qual, como vimos, se encontra ligada a $-K$ e como tal, remete para um bloqueio ao significado de uma relação.

Para compreendermos as noções de negativo e de negatividade, recorreremos ao modelo da Grade, onde Bion (1962/1994) destaca as noções de Pré-concepção, Conceção e Conceito. Partindo do princípio que o bebê possui uma disposição inata da expectativa de um seio - pré-concepção, podemos dizer que em contacto com o próprio seio – realização – produz uma concepção. Ora, Bion reserva o termo pensamento “à união de uma pré-concepção com uma frustração” (p. 129). A frustração, enquanto realização negativa, enquanto não-seio ou seio ausente, vai deixar espaço à necessidade de pensamento. A distinção feita por Bion entre conhecimento e pensamento revela-se aqui de maior importância. Lembremos: “de um lado, pré-concepção, realização, encontro, concepção, conceito, conhecimento. A pré-concepção, como a realização negativa do não-seio, frustração, pensamento. A frustração é uma paragem no processo de conhecimento e uma viragem para o processo de pensamento. (...) Não se trata, portanto, de ausência de realização, mas de uma realização negativa.” (Rezende, 1995, p. 45).

Segundo Dias (1999), Bion regressa então a Freud para alicerçar a sua teoria do símbolo e do conhecimento: “o símbolo é portanto sempre de uma ordem dinâmica e implicitamente reenvia-nos a uma falta; por outras palavras há em todo o símbolo uma relação radical com o ausente, formulada pelo próprio símbolo, o qual, ainda que parecendo formação substitutiva, não substitui nada, mas simboliza algo, ou melhor simboliza porque se dá a ausência de algo” (p. 97).

Bion (1965/1984) introduz o conceito de “*transformações*”, para descrever o modo como o indivíduo se posiciona e age em relação à realidade, ou seja, a forma como constrói a sua própria realidade.

Grinberg, Sor e Bianchedi (1991), consideram que este conceito designa a transformação que todos nós fazemos quando observamos a realidade, quando fazemos associações e interpretações, dentro e fora do contexto analítico. Existe assim um facto ou estado inicial, um processo de transformação e um produto final.

Na obra *Transformações*, Bion introduz o conceito de “O” elaborado a partir da Física Quântica, atribuindo ao aparelho mental uma dimensão de expansão, por aproximação a uma verdade que em última instância é inatingível.

Cada pensamento está em permanente construção. Cada *elemento alfa* poderia transformar-se em *elemento beta* e ser novamente metabolizado. Um símbolo pode encontrar um novo conteúdo e assim transformar-se, o que confere a característica ao pensamento de estar em permanente evolução.

Bion utiliza símbolos para designar estes conceitos e processos. A utilização de símbolos visa promover um movimento de abstracção e de raciocínio, de forma a evitar ideias pré-concebidas e a facilitar a manipulação de conceitos em fórmulas. Assim “O” designa o facto original – é a “*realidade última incognoscível*”, a “*verdade absoluta*”, a “*coisa-em-si*”. “T” por sua vez é a transformação, ou seja a forma como cada pessoa reage a “O” e constrói uma visão pessoal e interna dessa realidade. *T-alfa* ($T\alpha$) é um termo utilizado para designar o processo, enquanto a *T-beta* ($T\beta$) é o produto final de todo esse processo. “ $T\beta$ deverá corresponder à representação verbal da experiência emocional... sendo a verdade essencial para qualquer valor de $T\beta$ na arte ou na ciência” (Bion, 1965/1984, p. 37).

Reportando-se ao modo de funcionamento dos psicóticos, Bion (1965/1984) refere que “por vezes comportam-se como se esperassem encontrar algo na realidade em vez de a pensarem... em termos da teoria das transformações os pacientes não são capazes de transformar T (a contraparte de O) em $T\beta$, como se não pudessem mais conhecer algo mas a coisa em si mesma” (p. 39).

Bion (1970) reportando-se ao modelo *continente-conteúdo* ($\text{♀}\text{♂}$), introduz o conceito de *mudança catastrófica* para descrever as situações de mudança e de crescimento da mente, nos grupos ou na sociedade. Esta mudança catastrófica comporta três características: a violência, a invariância e a subversão do sistema.

Perante uma “situação catastrófica”, que, como vimos, subverte o sistema, estes sujeitos não transformam os factos, pelo que a possibilidade de simbolização fica comprometida. Ao considerar que as perturbações mentais são de duas categorias: neuroses e psicoses, estas podem ser distintas em termos da teoria das transformações, pois como vimos anteriormente, não há crescimento mental sem a desorganização do sistema. Enfrentá-lo ou não, depende da capacidade de fugir ou enfrentar a frustração daí resultante. As transformações que levam à maturação da personalidade são do tipo $T\alpha \rightarrow T\beta = K \rightarrow O$.

As potencialidades e distinções resultantes de O são uma parte da transformação em O. A direcção $O \rightarrow T\beta$ indica que pode então ser verbalizado, conhecido, tornando-se uma lembrança. O conhecimento ocorre num ciclo contínuo onde as pré-concepções por saturação se tornam concepções, e estas novamente em pré-concepções, permitindo assim o crescimento mental. Este está condicionado pela presença do amor (L) ou o ódio à realidade (H). O ódio à realidade provoca um ataque face à mesma, e vai no sentido do conceito de “inveja” referido por Klein por oposição à gratidão que favorece o conhecimento.

Bion considera a dinâmica criada entre a *posição esquizo-paranóide* e a *posição depressiva* como um dos elementos da psicanálise. No entanto, surge um ponto de ruptura com a teoria kleiniana, ao considerar que o movimento da *posição esquizo-paranóide* para a *posição depressiva* não é unidireccional, mas que haveria movimentos alternativos entre as referidas posições, e representou esse processo pelo símbolo $Ps \leftrightarrow D$. Esta interacção estaria presente ao longo da vida. Este autor “ficou ciente da relevância desta alternância para o processo de pensar, na medida em que pensar consistia numa passagem de um estado informe, onde imagens e ideias estão dispersas e caóticas (o estado mental Ps), para um estado no qual a coerência se torna manifesta e surge uma nova compreensão (o estado D). Isto significa que toda e qualquer compreensão decorre deste movimento ($Ps \leftrightarrow D$), a partir de ideias dispersas e incoerentes, para uma nova síntese” (Symington e Symington, 1997/1999, p. 117).

A partir da dinâmica criada a partir da relação $Ps \leftrightarrow D$, Dias (1993) refere-se às consequências com cariz patológico que podem advir dessa oscilação. Assim, quando a integração que seria atingida em D não pode ocorrer porque a dor mental é demasiada insuportável, existe uma catástrofe em vez de uma mudança catastrófica. Esta situação materializa-se no distúrbio paranóide em que $Ps \leftrightarrow Ps$, justificando-se mutuamente. “Há um abater de D como unidade de significação por uma causalidade circular que estrutura então um “pensamento”, pensado em anti-pensamento” (Dias, 1993, p. 130). O que se verifica nesta situação não é uma mudança catastrófica que viabiliza a passagem de um estado mental a outro e propicia o crescimento, mas sim uma catástrofe provocada pela dor mental, verdadeiramente intolerável, que provoca $Ps \leftrightarrow Ps$ (Dias & Flemming, 1998).

Para além desta causalidade circular, Dias descreve a causalidade linear tipificada na psicossomática ou “somatopsicótico, aonde, é sabido, a narrativa do sofrimento está prévia e “irreversivelmente justificada” e que pode ser esquematizada

como $Ps \rightarrow D$ (Dias, 1993). Enquanto inibidora do universo em expansão, a causalidade é moralista porque se opõe à própria natureza do pensamento: ao invés de causal, a mente deve ser associativa, verdadeira espiral ascendente.

Ainda a propósito da oposição ao conhecimento (-K), em *Tabela para uma nebulosa*, Dias (1997) propõe uma revisão e modificação à tabela original de Wilfred Bion, introduzindo uma nova coluna 6 que se refere àquilo que o próprio Bion (“Elementos de Psicanálise”) chamou de capacidade de decisão. As categorias 2(Ψ) e 7(acção) corresponderiam às categorias -K, isto é, falsos pensamentos, pensamentos mentirosos e decrescimento mental. O autor refere que o aparecimento destes -K se liga a dificuldades em lidar com a dor mental: “A tolerância à verdade e ao conhecimento versus a intolerância à verdade e ao conhecimento fazem com que as acções se sucedam onde deveria haver pensamentos ou que, perante a intolerância à verdade, pensamentos falsos surjam como obstáculos à continuação da procura dos pensamentos verdadeiros, ou seja, à procura dos pensamentos verdadeiros, ou seja, à procura da verdade” (Dias, 1997, p. 17). Estes são os lugares em que nos excluimos de pensar o outro e de nos pensarmos na sua presença, por oposição às categorias 3,4 e 5, notação, atenção e indagação/investigação que implicam a existência do vínculo K, de uma *função psicanalítica da personalidade* e do *aparelho de pensar* e conseqüentemente a possibilidade de criação de conhecimento. Aqui encontramos também a possibilidade de verdadeiras mudanças catastróficas e de tolerância à dor psíquica devido à capacidade de integrar novas experiências em $Ps \leftrightarrow D$, no seio de uma relação continente-conteúdo. Para Dias, só perante a indagação (5) se pode dar $K \rightarrow O$, a transformação em O, sendo O a “realidade última”.

Bion (1970), influenciado pelas ideias de Kant, considera que a verdade última do sujeito é em si mesmo incognoscível. Podemos tentar saber alguma coisa através das representações que fazemos dela. A mente tem então a função de criar símbolos de forma permanente, procurando criar para si representações, versões das realidades com as quais é confrontada, vivendo-as como “verdades psicológicas”. Bion propõe o símbolo “O” para designar a verdade absoluta.

Baseado na experiência analítica, Bion (1965/1984), considera que “o crescimento mental parece depender da verdade, tal como o organismo vivo depende da comida” (p.38). Se falta ou é deficiente, a personalidade deteriora-se. O encontro com novos objectos gera experiências emocionais e novas verdades na mente do sujeito, o

que vai ao encontro da concepção teórica de Rezende (1999), de “verdade por consenso simbólico”.

O processo de tornar-se “O” implica a ruptura do sistema, pois é caracterizada pela tríade *subversão do sistema, violência e invariância* (Zimerman, 2004). A subida em espiral a “O” tem implícito um conjunto de mudanças catastróficas. A violência é inerente à transformação, desorganização e dor de uma mudança de sentido (tal como lembra Dias e Flemming (1998) nos estádios gregos as curvas de mudança denominavam-se *strophe, cata-strophe* significando mudança de sentido). Apesar de a mudança de perspectiva implicar a mutação de um estado mental para outro, ela contém uma invariância, isto é, elementos que provêm da ideia anterior e que, sendo reconhecidos, facilitam a aprendizagem e o crescimento.

Segundo Bion (1970), existem três etapas na mudança catastrófica: uma mudança “pré catastrófica”, quando predominam fortes resistências, o “catastrófico” propriamente dito, impregnado de fortes emoções e o “pós-catastrófico”, onde se podem sentir os benefícios da mudança.

A experiência do relacionamento revela as subjectividades. O foco cultural e linguístico é polissêmico e simbólico, e as transformações ocorrem no “consenso simbólico”, gerando a possibilidade de novas descobertas que levam a novas verdades e à expansão da mente.

A “arrogância” aparece igualmente caracterizada por Bion (1962/1994), como uma oposição à verdade, e conseqüentemente ao desenvolvimento mental. Assim, na personalidade em que predominam os instintos de vida, o orgulho converte-se em respeito por si mesmo; quando há predomínio dos instintos de morte, transforma-se em arrogância.

Reportando-se ao mito do Édipo, Bion (1962/1994), considera que as noções de “arrogância”, “curiosidade” e “estupidez” presentes no mito contribuem para a identificação de mecanismos psicóticos. A existência de uma destas noções na sessão pode indiciar uma “catástrofe psicológica”. O crime sexual deixa de ser o centro de análise do mito em detrimento do modo como se efectua a busca da verdade e como se manifesta a curiosidade. No decorrer de uma análise, a arrogância por parte do paciente ou do analista impede a evolução do pensamento, e este caos psicológico resulta da comunicação primitiva não-verbal entre paciente e o analista, onde a identificação projectiva joga um papel fundamental. É de esperar que se gere o caos das significações,

pois é essa mesma situação que vai permitir o consenso simbólico. O desenvolvimento mental ocorre por meio da experiência simbólica.

A patologia do pensamento expressa-se no afastamento da verdade, forma a mentira, que é um elemento “não digerível”, sendo dessa forma as palavras tratadas como “coisas em si”. Se a função alfa se destina a fornecer à personalidade a possibilidade de aceder à verdade da experiência emocional, o contrário levaria à inviabilização da formação simbólica, surgindo então objectos bizarros (*elementos beta*), não utilizáveis pelo pensamento.

Bion (1957) vai postular a existência simultânea de uma parte psicótica e de uma parte não-psicótica da personalidade. “Os principais elementos da “parte psicótica” são: fortes pulsões agressivas, com predomínio da inveja e da veracidade; baixo limiar de tolerância às frustrações; uso excessivo de defesas primitivas; grande ódio às verdades, tanto as internas como as externas, ataque aos vínculos da percepção; prejuízo das funções do pensamento predominância de onipotência, onisciência, arrogância e confusão entre o verdadeiro e o falso” (cit. in Zimerman, 2004, p. 95).

Desta forma, o uso recorrente das máscaras, e a perda do rosto, enquanto processos de des-subjectivação, podem-se inscrever na “parte psicótica da personalidade”, pois são uma das expressões de afastamento dos indivíduos face à realidade interna externa.

“A verdade pode ser questionada da seguinte forma: você está vivendo ou sonhando?” (Rezende, 1999, p. 149). Representar diferentes personagens ou sonhar tem em si um potencial de transformação, pelas múltiplas hipóteses que podem surgir no processo de simbolização. Nas múltiplas relações que temos com os outros e nós próprios, a máscara transforma a personalidade em personagem, ocultando a sua autenticidade. A psicanálise e as teorias dinâmicas representam uma possibilidade de mudança, mas para que isso aconteça é preciso ter coragem para tirar a máscara, de forma que a máscara já não fique “agarrada ao rosto” e o sujeito deixe de saber quem é.

A semente da transformação existe no Homem. A possibilidade de germinação vai depender do contexto relacional. Partindo deste pressuposto, Bion permite-nos olhar para o Homem com fé na possibilidade de se aproximar das verdades, recriando novas formas de se ligar aos outros e a si próprio, pelo amor e pelo desejo de conhecer. A máscara dá lugar ao rosto, no teatro da vida, passando a ser um símbolo e não “uma coisa em si”. O objecto torna-se sujeito, subjectivando-se.

Passamos assim de uma lógica disjuntiva, presente nos modelos anteriores, para uma lógica conjuntiva, no seio da qual os processos se renovam e se actualizam. O sentido de evolução do pensamento assume agora uma dimensão bidireccional $A \leftrightarrow B$, resultante da sucessão que se cria entre movimentos de integração e dispersão ($Ps \leftrightarrow D$).

O negativo deixa de excluir o positivo, e esta concepção bioniana das transformações que levam ao crescimento mental, permitem-nos olhar para os processos de decadência do ser humano, como fazendo parte do ciclo da sua existência, sem que ganhem obrigatoriamente uma conotação patológica. Este legado Bioniano, confere à Psicanálise um carácter humanista, na medida em que reforça a ideia que a renovação e a actualização de capacidades individuais são possíveis. Identificamo-nos com esta concepção ontológica que consideramos essencial para a compreensão do ser humano doente. É nesse sentido que afirmamos que o ser é mais que a sua doença.

2.2.3 Síntese integrativa

A partir de alguns conceitos oriundos da Psicanálise, pretendemos definir um campo de reflexão que nos permita aprofundar e compreender diferentes formas que os indivíduos apresentam de estar no mundo, escolhendo-se a si próprios e escolhendo os outros numa lógica de cuidar que abarca o espaço dos afectos, ao mesmo tempo que tomam opções no sentido da prossecução de um projecto existencial. O inverso destes processos torna-se visível em múltiplas formas de decadência existencial, como é o caso do alcoolismo.

Com efeito, o alcoolismo, e mais especificamente o alcoolismo na mulher pode ser visto como um paradigma da negatividade deste processo, onde o ser é conduzido por Dioniso de forma patética para a morte. O trágico assume-se com toda a exuberância, porque o sujeito procura libertar-se, no entanto, a perda da consciência de si próprio, pode levar a um processo de ruptura, pondo em causa a sua existência.

Se usarmos como metáforas, Citéron, lugar onde as Bacantes exacerbam os seus impulsos e Tebas, local onde impera a lei e a ordem, podemos afirmar que no modelo Freudiano, o dionisiaco resulta da expressão do material inconsciente, fonte inesgotável de sonhos e desejos. O acesso à verdade resulta da consciencialização dos mesmos e essa é uma condição essencial para a *cura* dos problemas psicológicos.

No modelo Kleiniano continuamos a assistir à relevância do sentido de transformação de Ps→D, do registo mais primitivo do pensamento para um registo mais evoluído, expresso ao nível da formação simbólica.

Nestes dois modelos, evidencia-se uma lógica disjuntiva, na medida em que ou existe o sintoma ou não existe. O caos e a ordem excluem-se, numa lógica que associamos aos modelos de cariz médico, onde se impõe o conceito de saúde por oposição à existência de patologia.

Na passagem para o modelo Bioniano, admite-se a coexistência do caos e da ordem como condições inerentes à condição de se ser humano, admitindo-se dessa forma um espaço para a expressão dionisíaca no ser humano. A decadência, a estranheza, e a mentira, fruto da arrogância e da estupidez, coexistem com a possibilidade eterna da renovação.

O caminho da errância para o sério, faz-se pelo conhecimento (vínculo K) e só aí pode brotar novamente a possibilidade de amar os outros e a si próprio, (vínculo L). Só se ama o que se conhece. Entre Penteu e Agave, gera-se a vida, num espaço que engloba o êxtase, a euforia, a carnavalização na sua máxima expressão, mas também a ordem, a razão e a lei. Nos extremos existe a morte e a destruição. Entre Tebas e Citéron, o Homem renova-se, sendo por vezes na aproximação à morte que encontra um sentido para a vida. O caos nutrifca o cosmos, numa dialéctica que encontramos na criação da subjectividade e que se vai reflectir igualmente no processo criativo.

A afirmação da vida pelo “*Homem Trágico*” é sinónima da vontade de viver até ao limite os problemas mais dolorosos. “O” é o horizonte do Homem que ultrapassa os limites, na procura da verdade. A negação da natureza humana não se encontra no dionisíaco, mas sim na incapacidade em se enfrentar a dor e o sofrimento, desresponsabilizando-se da vida e limitando dessa forma as possibilidades de agir, ou pelo contrário, no enfrentar das situações sem pensamento, sem o simbólico e aí impera a mecanização dos actos. Nos extremos reside a “degenerescência”, a morte de si próprio e o apagamento da realidade circundante.

O dionisíaco resume-se na afirmação da poesia de Thoreau (1854/1999) no êxtase perante a vida:

*“Fui para os bosques para viver livremente,
para sugar o tutano da vida,
para aniquilar tudo o que não era vida,
e para, quando morrer, não descobrir que não vivi.”*

Um dizer “Sim” à vida sem reservas, sorvendo o que ela tem para nos dar, mesmo que seja necessário enfrentar a dor e o sofrimento, condição *sine qua non* na perspectiva bioniana para que possa ocorrer o crescimento mental. Todavia, voltamos à problemática em torno do êxtase, na medida em que a prossecução no sentido de “O”, ou “*deidade*”, parece confluir com as vivências descritas por Teresa d’Ávila, na medida em que há um fundamento para a acção, que visa a descoberta da verdade. Em última instância como refere S. Paulo “Eu vivo, mas já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20). Pelo contrário, no êxtase dionisíaco, o “O” é o nada, pois o Homem apenas depende de si próprio, correndo o risco de se tornar num poeta do vazio.

Se por um lado, a criação do “mito individual” é uma aquisição feita ao longo do tempo e transporta em si mesma a forma como os indivíduos se relacionam com a realidade, por outro, a possibilidade de evolução desta mundividência, passa pela possibilidade de criação de novos vértices sobre a realidade. A arrogância fruto da certeza e da circularidade do pensamento, resulta do ódio ao conhecimento, sob a égide do vínculo –K. O devir do Ser, que segundo Heidegger (1927/1984), se revela na linguagem, inviabiliza-se e o resultado será a sua decadência.

Ao focarmos ainda que de forma breve três modelos psicanalíticos que colocam questões sobre a condição do Ser, assistimos à transição de uma perspectiva ontológica sustentada na exclusão dos opostos para uma perspectiva de inclusão destes, e que vai condicionar a forma como é perspectivada a saída dos sujeitos de uma situação de decadência existencial, como é o caso do alcoolismo. O pensamento não é imutável, na medida em que contem em si a possibilidade de expansão, resultante da dinâmica criada a partir das reconstruções e rupturas do sentido, resultantes de $Ps \leftrightarrow D$. O dizer “Sim” à vida sem reservas, sorvendo o que ela tem para nos dar, mesmo que seja necessário enfrentar a dor e o sofrimento, condição *sine qua non* na perspectiva bioniana para que possa ocorrer o crescimento mental.

Dioniso e Deméter são os deuses da fecundidade, reafirmando em cada ciclo da natureza a fecundidade da vida. Tal como a videira, ou uma ceara de trigo, o ser Humano pode viver o “tormento do Inverno” para “renascer na Primavera”. A possibilidade de aceder à criação da humanidade que existe em cada indivíduo depende da abertura a novas perspectivas sobre a realidade, mesmo que para tal seja necessária a desconstrução do seu “mito individual”, condição *sine qua non* para a saída de um estado de decadência existencial.

III - ESTUDO EMPÍRICO

3.1 Objectivos

Propomos neste ponto uma reflexão sobre conteúdos que se destacam da introdução teórica formulada anteriormente, com o intuito de se criar pontes que permitam a passagem e a articulação com a componente prática e empírica que vem complementar e viabilizar a criação de novas concepções no âmbito deste trabalho.

Como vimos anteriormente, o estudo da associação entre diferentes perturbações da personalidade e o alcoolismo ocupa um lugar importante no vasto campo da Alcoologia. No contexto da nossa prática clínica, esta temática tem sido acompanhada por uma contínua reflexão, aliada à curiosidade e à indagação por novos prismas sobre a realidade psicológica do sujeito alcoólico. Neste sentido, surgiu em determinada altura, a necessidade de aprofundar a questão relativa às possibilidades de desenvolvimento mental por parte da pessoa dependente do álcool. Encontramos na teoria bioniana, a conceptualização do conceito de *Transformações Mentais*, enquanto conjunto de processos a partir dos quais se gera o crescimento mental.

Neste sentido, poderemos pensar o sujeito alcoólico como um sistema, no seio do qual coexiste o caos psíquico, mas também a possibilidade de criação de novos sentidos para a sua existência. Procura-se, desta forma, saídas de um estado psicológico onde impera a alienação, a coisificação, a impossibilidade de criação de novos significados que por sua vez leva à mecanização do ser e a perda da liberdade de acção.

A curiosidade e a exploração de novas verdades psicológicas coexistem com a turbulência das desorganizações e das conseqüentes reorganizações, provocadas pelas sucessivas transformações, integrando o novo e o estranho no que havia sido constituído, no mundo subjectivo do sujeito, sempre numa dinâmica construtiva e relacional da subjectividade. A descoberta de novas possibilidades de se ser encontra-se condicionada pela criação de novos vínculos, sem os quais o sujeito não evolui, tornando-se numa coisa “não pensante”.

A partir dos elementos seleccionados da teoria psicanalítica, reformulados na especificidade do quadro por nós constituído, e na tentativa de os integrar num segundo momento – na análise interpretativa das entrevistas clínicas aplicadas e dos protocolos Rorschach, propomos uma reflexão clarificadora sobre a forma como o sujeito alcoólico

se relaciona com a *verdade* sobre si próprio e os outros e dessa forma tecer algumas considerações sobre a (in)viabilização do processo de construção da subjectividade. Em *Estudos Psicanalíticos Revisitados*, Bion (1967/1994) considera que “na personalidade em que predominam os instintos de vida, o orgulho converte-se em respeito a si mesmo; predominando os instintos de morte, o orgulho transforma-se em arrogância” (p. 101). Interessa perceber de que forma se opera a interligação da arrogância, a curiosidade e a estupidez com o novo e disruptivo, com maior ou menor flexibilidade, providenciando novas possibilidades de integração(ões) e de transformação(ões). É deste equilíbrio instável, que poderá renascer a saída de um processo auto-destrutivo, instituído sob a égide das pulsões de morte.

As diferentes transformações da realidade encontram-se inscritas no modelo continente-conteúdo, onde, por sua vez, as particularidades desta interligação dependem, entre outros factores, da natureza dos vínculos que estabelecem as ligações. A possibilidade de se (re)criarem novos significados decorre da combinação entre esses elementos. O carácter inatingível de se chegar a (O) resulta de um processo mutacional constante, que confere ao sujeito psicológico a possibilidade de criação de novos vértices sobre a realidade e de tomada de decisões em função dos mesmos, qualificando-o de ser livre. A verdade dos vínculos (L, H e K) viabiliza a aproximação a (O), num movimento permanente, construído ao longo do tempo. Pelo contrário, a inversão da função vincular, o afrouxamento da relação continente-conteúdo, e a incapacidade de transformação, impossibilitam a capacidade de pensamento e de crescimento, abrindo-se caminho para a manifestação da identificação projectiva patológica, como acontece nos estados psicóticos, onde a arrogância se sobrepõe à indagação e à curiosidade, num processo de afastamento de (O), inviabilizando-se assim a capacidade de criação de sentidos.

Esta caminhada até (O) é condicionada pela tessitura dos afectos, no seio da qual se alicerça a identidade, os processos de identificação e a natureza da comunicação. A aprendizagem do amor, do ódio, e da verdade sobre quem somos, resultam destas trocas, que constituem um legado que ganha dessa forma um cunho “hereditário”, na medida em que se ama como se foi amado. Neste sentido, a par da importância dada aos processos psicológicos apresentados pelas mulheres alcoólicas, que assumem uma dimensão intrasubjectiva, importa diferenciar igualmente a sua realidade intersubjectiva, na medida em que nos dá conta da forma como ambas se nutrem, possibilitando ou não a sua transformação e a sua diferenciação.

Desta forma, com o objectivo de captarmos as verdades psicológicas relativas a esta dimensão intersubjectiva, iremos proceder à realização de uma entrevista clínica por forma a aceder às diferentes expressões da subjectividade, constituídas sobre a forma de um mito individual. Transparecerá a unicidade e/ou a arrogância, ou pelo contrário, a pluralidade de ideias, fruto de diferentes vértices da realidade, indiciadoras de um percurso no sentido de (O).

Consideramos que os comportamentos alcoólicos assentam em diferentes percursos de vida, no seio dos quais se torna fundamental estudar de que forma certas vivências consideradas significativas e se encontram associadas ao consumo progressivo e patológico de bebidas alcoólicas.

O dionisíaco a par do apolíneo, representam estados mentais inerentes à nossa condição humana. Se Apolo apela ao cumprimento das regras, e ao rigor, representado na tragédia de Eurípides *As Bacantes* por Penteu, enquanto representante da Polis, Dioniso interpela-nos à descoberta do irracional, da alegria e do êxtase.

O dionisíaco não é sinónimo de embriaguez alcoólica, mas sim o sorver da vida até aos limites. Assim, a decadência encontra-se nos antípodas destes dois estados: a impossibilidade de afirmação perante uma realidade vivida como intransponível, onde o núcleo da problemática se encontra na dificuldade em agir como forma de resolver o problema, ou pelo contrário, a perda do contacto com a realidade desencadeada pela exaltação, a euforia, onde a actuação dos impulsos, surge de forma não pensada.

Partindo do significado destes dois estados mentais, evidenciados na tragédia de Eurípides, pretendemos ver de que formas se manifestam e quais as reais possibilidades de crescimento mental passíveis de mobilizar a saída dos estados de decadência em que se encontram e o regresso a um equilíbrio sempre instável entre o apolíneo e o dionisíaco.

Iremos aceder à relação *continente-conteúdo* e $Ps \leftrightarrow D$, os *vínculos* (*L, H e K*), as *transformações*, sublinhando o papel comunicacional desempenhado pela *identificação projectiva*, sob o vértice da intersubjectividade, permitindo o estabelecimento de pontes entre a teoria e a prática e a interpretação das narrativas apresentadas.

A partir do método Rorschach, pretende-se aceder à forma como se processa a ligação entre o interno e o externo, conhecendo desta forma a natureza do objecto interno e as suas relações e transformações com o objecto externo. Lugar e espaço onde se inscreve a função simbólica, actividade que mobiliza a linguagem e sucessivas ligações que sucedem a “situação catastrófica” do objecto externo e desconhecido

(mancha). Esta condição suscita ao sujeito a capacidade de pensar, transformando, ligando e recriando o que é percebido – pelas capacidades de diferenciação e da distância sujeito-objecto, interno-externo e as oscilações entre a dispersão e a integração, através da relação continente-conteúdo – na sua interpretação, através de palavras e de conceitos (Marques, 1999).

Sustentada num referencial Bioniano, propomo-nos a analisar a forma como o Rorschach mobiliza os processos psíquicos que nos dão conta das potencialidades presentes na exploração do conhecimento e expansão através de novas integrações, pela significação das respostas Rorschach como verdades do sujeito no sentido de uma aproximação a “O”.

Propomo-nos a analisar as entrevistas clínicas e os protocolos Rorschach, guiados pela questão: De que forma se expressam os mitos individuais e quais as reais possibilidades de criação de novos vértices face à realidade? Procura-se analisar e destacar de que forma se geram novos sentidos ou, pelo contrário, qual o peso da “arrogância” no comprometimento do processo de construção da subjectividade?

Estas questões integradas na teoria procuram a captação da essência do sujeito psicológico, evidenciada pelas participantes que integram este estudo. Esperamos identificar potencialidades psicológicas que remetem para a possibilidade saída de um estado de doença física e psicológica, há muito iniciado pelo consumo de bebidas alcoólicas e que se não for interrompido, comprometerá a qualidade de vida destas mulheres, em última instância a possibilidade de sobrevivência.

Para além destes objectivos focalizados nas potencialidades de crescimento psicológico por parte de mulheres alcoólicas, pretendemos igualmente ampliar os conhecimentos sobre o método Rorschach e a sua aplicação futura na praxis clínica.

3.2 Metodologia

3.2.1 Tipo de estudo

Definidos os objectivos, vamos de seguida caracterizar a natureza dos dados obtidos no decorrer desta investigação e o tipo de análise a que vão ser sujeitos.

Em função das questões teóricas em estudo e dos objectivos da investigação, constituíram-se dois grupos, sobre os quais vai incidir a recolha de dados.

Ao constituirmos dois grupos distintos de participantes, pretendemos comparar de que forma estas variáveis os diferenciam. Tendo em conta a metodologia a seguir, pode-se dizer que seguimos um modelo de investigação de tipo exploratório correlacional e diferencial, segundo a nomenclatura de Judd e Sadler (2003), onde procedemos à comparação entre grupos “experimentais”. Estes grupos são constituídos a partir de critérios específicos, definidos em função das questões teóricas em estudo e dos objectivos da investigação. A diferença entre os grupos pré-existem ao início da investigação propriamente dita. Neste sentido, os grupos são considerados representativos de “grupos teóricos” e não de “grupos naturais”. Neste tipo de estudos, verifica-se a existência de duas variáveis e uma relação conjectural entre elas. O grau de relacionamento entre elas torna possível prever acontecimentos futuros (Pinto, 1990, p. 63). Em suma, trata-se de uma comparação de grupos diferenciados após avaliação prévia. Os grupos são provenientes de uma amostra seleccionada em função de critérios que adiante caracterizaremos e que privilegiam uma certa homogeneidade quanto à condição física e psicológica actual das participantes.

As variáveis de natureza subjectiva recolhidas a partir de entrevistas semi-estruturadas, dizem respeito à forma como as participantes descrevem as vivências relativas ao seu percurso existencial, e nesse sentido, pretendemos averiguar qual a significância que o consumo progressivo de bebidas alcoólicas tem na vivência das mesmas. Estes dados são de natureza subjectiva, na medida que dizem respeito à forma como as participantes encaram a realidade e o que sabem sobre a mesma. Tendo em conta a natureza das variáveis, o modelo seguido na abordagem destes dados foi o interpretativo, uma vez que vamos ter em conta a forma como cada participante constrói o significado social dos acontecimentos do presente e reinterpreta o passado. Como refere Erickson (1989) a propósito do paradigma interpretativo: “O objectivo primordial

da investigação centra-se no significado da vida social e na sua clarificação e exposição por parte do investigador” (p. 196). Desta forma afastamo-nos de um racional científico centrado na causalidade, que como vimos anteriormente, marca de forma significativa os estudos sobre a personalidade da mulher alcoólica, explicitados anteriormente e optamos por valorizar a compreensão e a explicação dos dados recolhidos.

Os dados obtidos a partir das entrevistas foram sujeitos a um processo de categorização, assumindo dessa forma uma natureza quantitativa, pelo que foram igualmente sujeitos a um tratamento estatístico, que explicitaremos no capítulo relativo à análise dos mesmos. A partir da utilização da Análise de Correspondências Múltiplas, estes dados assumem igualmente uma natureza qualitativa, o que nos permite tecer um conjunto de interpretações sobre a forma como estes se conjugam e nos dão conta de novas expressões subjectivas relativas às participantes que integram o estudo.

Em relação às variáveis Rorschach, estas assumem igualmente uma natureza quantitativa e qualitativa. Para o seu tratamento e análise recorreremos a diferentes testes estatísticos que nos dão conta da sua expressão em cada grupo de participantes, permitindo-nos igualmente diferenciar os modos de funcionamento mental nos dois grupos de participantes. Estas variáveis são também de natureza qualitativa, na medida em que expressam processos individuais, e nesse sentido podemos referir que seguimos o método interpretativo, pois a sua expressão ganha significado no contexto das diferentes teorias fundadoras do método Rorschach.

De forma esquemática o modelo do estudo tem a seguinte configuração:

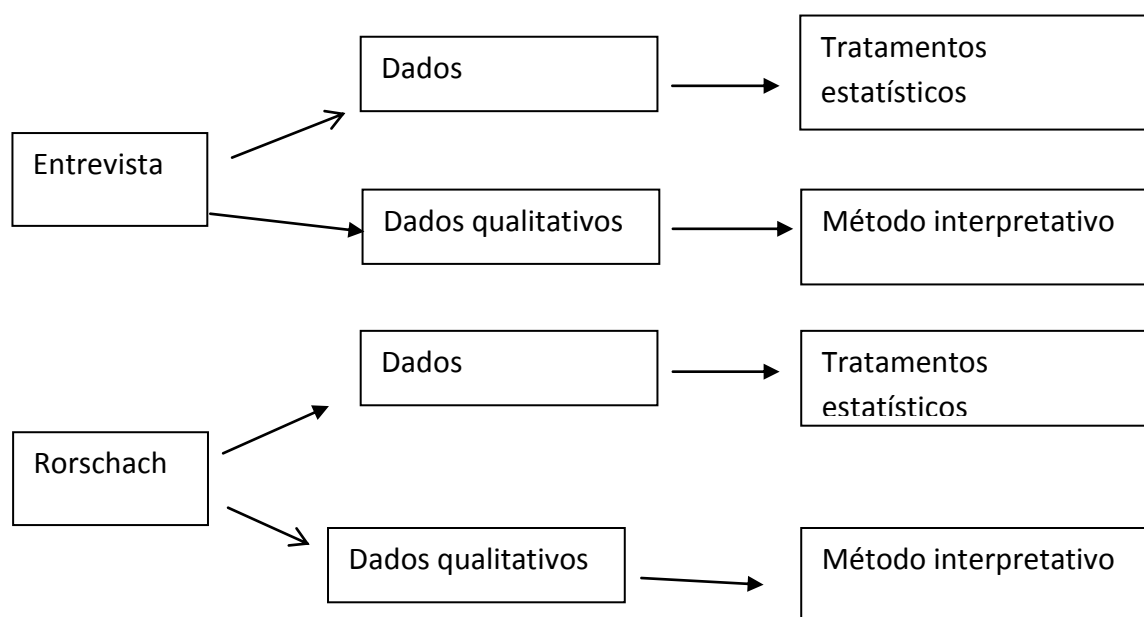


Figura 1 - Modelo de estudo

Aparentemente, esta investigação pode conter em si uma contradição na medida em que se por um lado enfatizamos o estudo da realidade subjectiva enquanto vector estruturante da praxis da Psicologia Clínica, por outro lado, optámos por estudar alguns aspectos referentes à estruturação da subjectividade num grupo constituído por cem participantes. Em certa medida, pode-se dizer que se prescindimos em parte de um aprofundamento do conhecimento da realidade psicológica que se viabiliza no estudo de caso, privilegiamos a reunião de um conjunto de histórias de vida e de dados relativos à estruturação psicológica que permitirão uma caracterização mais consistente da realidade psicológica e social relativa ao alcoolismo na mulher. No entanto, com o objectivo de aprofundarmos o estudo das dimensões que consideramos essenciais serem estudadas ao nível da estruturação dos comportamentos alcoólicos na mulher, apresentamos quatro casos que consideramos ilustrativos da realidade em estudo. Propomos, desta forma, uma análise intensiva e globalizante destas dimensões, tentando destrinçar em cada caso o que há de essencial, único e característico. Como refere Pinto (1990): “O estudo de casos é um tipo de investigação muito semelhante à observação naturalista. Do mesmo modo que na observação naturalista, o método de estudo de casos não tem por objectivo manipular variáveis ou estabelecer relações entre elas. É um método de observação, que pretende descrever de modo preciso os comportamentos de um individuo. O individuo é neste procedimento o principal foco de observação” (p. 54). Do ponto de vista de uma orientação centrada no percurso existencial de cada sujeito, o estudo de caso permite-nos ir ao encontro das singularidades de cada individuo. Segundo D’Allonnes, et al. (1989): “o estudo de caso visa destacar a lógica de uma história de vida singular, a braços com situações complexas que precisam de leituras a diferentes níveis, com utilização de instrumentos conceptuais adaptados. Por isso, ele não tem já essencialmente como referência a anamnese e o diagnóstico liberta-se dos constrangimentos de uma psicologia médica, mantendo-se clínico e psicopatológico” (p. 69).

A expressão da subjectividade na sua dupla dimensão: o percurso existencial e os níveis de estruturação do pensamento são os vectores que consideramos essenciais para a compreensão das diferentes expressões que assume o alcoolismo na mulher, permitindo-nos ao mesmo tempo, um afastamento de uma lógica centrada nos aspectos psicopatológicos da personalidade.

Tendo em conta o objectivo do estudo e das limitações que a metodologia impõe ao nível do número de casos a serem estudados, a amostra organizada não tem propósitos de representatividade da população feminina com problema de alcoolismo.

3.2.2 Participantes: processo de selecção e de caracterização

De acordo com os objectivos e delineamento apresentados, foram estabelecidos os seguintes critérios gerais de selecção de participantes: mulheres inseridas na comunidade e internadas na Clínica de Alcoologia “Novo Rumo” da Casa de Saúde do Telhal, situada no Concelho de Mem-Martins, no Distrito de Lisboa.

A Rede Alcoológica Nacional compreende o Centro Regional de Alcoologia do Sul, que atende as populações dos distritos: Alentejo, Algarve, Lisboa e Vale do Tejo, o Centro Regional de Alcoologia do Centro, cujas valências se destinam às populações dos Distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu e o Centro Regional de Alcoologia do Norte que atende as pessoas com problemas ligados ao álcool, residentes nos Distritos de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real. As pessoas com problemas ligados ao álcool dispõem ainda de consultas de diferentes valências nos Centros de Atendimentos a Toxicodependentes (CAT).

A opção de nos termos cingido à população feminina internada nesta instituição e não termos recorrido a outras clínicas de alcoologia para a recolha da amostra, pode parecer à partida uma limitação, no entanto, podemos desta forma ter contornado influências culturais e sociais que influenciam o consumo de bebidas alcoólicas, pois ao contrário dos centros regionais de alcoologia, a casa de Saúde do Telhal, não tem uma área geográfica definida, recebendo pessoas residentes nos diferentes distritos de Portugal.

Todas as mulheres internadas na clínica de alcoologia recorreram previamente à Consulta de Psiquiatria onde foi avaliado o padrão de consumo de bebidas alcoólicas, por uma das Médicas Psiquiatras. Quando reuniam critérios de internamento, eram encaminhadas para o Serviço de Alcoologia. Todos os utentes internados, têm o diagnóstico de síndrome de dependência alcoólica. O período de recolha dos dados decorreu entre Janeiro de 2006 e Dezembro de 2009.

Trata-se de uma amostra dirigida, pois as participantes são escolhidas com base num determinado critério (Martinez, & Ferreira, 2007). Neste estudo, o critério é

médico, pois tanto o diagnóstico como a decisão de internamento são estabelecidos pelos Médicos assistentes.

Todos os doentes internados na Clínica de Alcoologia são sujeitos a um processo de avaliação psicológica composta por uma entrevista clínica, escalas de avaliação sintomática como o SCL 90 R de Derogatis, O Inventário de Personalidade Mini-Mult e o Teste de Rorschach. Desta forma, não introduzimos nenhuma alteração nos procedimentos quotidianos da clínica.

Das cento e vinte participantes, foram seleccionadas cem para este estudo. A razão fulcral para a eliminação das restantes, prende-se com a dificuldade por parte destas, em identificar as circunstâncias associadas ao consumo excessivo e progressivamente patológico de bebidas alcoólicas. Outra razão de exclusão decorreu da situação clínica actual, nomeadamente suspeitas de problemas neurológicos e concomitante deterioração cognitiva que não lhes permitia compreender as questões colocadas no decorrer da avaliação.

A amostra global utilizada no estudo empírico é constituída por 100 participantes do sexo feminino. A divisão das participantes em dois grupos resulta da manifestação de características que as distinguem, e que se manifestam no contacto clínico estabelecido connosco em consulta e nas reuniões psico-pedagógicas que constituem o seu plano de tratamento.

Da relação estabelecida com a população feminina que recorre à Consulta Externa de Psicologia ou se encontra internada na Clínica de Alcoologia, onde integramos a equipa de alcoologia, deparámo-nos com diferentes problemáticas. É no estudo de caso que aprofundámos a realidade individual de cada uma destas pessoas. Das múltiplas expressões que assumem a inscrição da dependência alcoólica na história de vida de cada uma destas mulheres, identificámos dois grupos de mulheres que se distinguem em relação a dois aspectos: evolução do consumo excessivo de bebidas alcoólicas e os motivos que consideram estar na sua génese e no contacto clínico que estabelecem com os técnicos que constituem a equipa de Alcoologia.

Num grupo, enquadram-se mulheres que começam a consumir bebidas alcoólicas excessivamente a partir da adolescência, onde não é alheia a influência o grupo de pares. Para além da idade de início do consumo excessivo de bebidas alcoólicas, destaca-se o número de internamentos sucessivos, resultantes das inúmeras recaídas que se seguem a curtos períodos de abstinência. Do contacto clínico com estas mulheres, constatámos que apresentam baixa capacidade de *insight* e

concomitantemente pouca crítica para o seu estado físico e mental, que muitas vezes se apresenta degradado.

No outro grupo, enquadram-se mulheres que começam a beber excessivamente após rupturas existentes nas suas vidas. A morte dum familiar, o desemprego e a violência doméstica nas suas múltiplas expressões, são situações que contribuem para a erupção do consumo de bebidas alcoólicas. Ao contrário das mulheres que começam a beber na adolescência, estas exprimem muitas vezes o desagrado pelo paladar das bebidas alcoólicas, referindo que buscam apenas os seus efeitos, como o relaxamento, o sono, o afastamento face a uma realidade que se apresenta muitas vezes é vivida como insuportável. Apresentam um *insight* marcado pela consciência do seu estado de degradação físico e mental, e a impotência face a uma situação vivida como insuportável, face à qual não encontram saída.

Das 100 mulheres da amostra, 60 iniciaram o consumo excessivo de bebidas alcoólicas tardiamente (grupo 1) e 40 mulheres iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência (grupo 2).

As idades entre os 20 e os 69 anos. A média de idades das participantes é de 44 anos. Destacamos o facto que 67% das mulheres se encontram na faixa etária dos 40 aos 59 anos. Quando comparamos os dois grupos de mulheres, verificamos que no Grupo 1 a média de idades é de 45 anos e no Grupo 2 é de 41 anos.

No que diz respeito aos estados civis mais representados, constatamos que 47% mulheres são casadas, 17% são solteiras, 28% são separadas ou divorciadas e 8% são viúvas. Há uma proporção mais elevada de participantes do grupo 2 que são solteiras (64.7% versus 35.3) e de participantes do grupo 1 que são viúvas.

O nível de escolaridade, avaliado a partir do número de anos de frequência de uma instituição de ensino, não é homogéneo. As participantes têm níveis entre o primeiro ciclo e a licenciatura.

As 100 participantes no estudo apresentam uma média de nove anos de escolaridade. Destacamos o facto de vinte mulheres terem concluído o Ensino Secundário e vinte mulheres concluíram uma licenciatura. No outro extremo, duas mulheres não adquiriram qualquer grau de escolaridade e vinte e sete, apenas o 1º ciclo.

Quando comparamos a escolaridade das mulheres que constituem o grupo 1, com a escolaridade das mulheres que constituem o grupo 2, concluímos que os dois grupos são equivalentes, bem como em relação aos motivos que as levaram à interrupção do percurso escolar.

De forma a caracterizar a actividade profissional das participantes no nosso estudo recorremos à Classificação Nacional das Profissões do Instituto do Emprego e Formação Profissional (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>). Nesta classificação, as profissões surgem enquadradas em nove grupos. O grupo 1 diz respeito aos Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa, no grupo 2, os Especialistas das profissões Intelectuais e científicas, o grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio, no grupo 4 – Pessoal Administrativo e Similares, no grupo 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores, no grupo 6 – Agricultura e trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas, no grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares, grupo 8 – Operários de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem, e o grupo 9 onde se enquadram os Trabalhadores não qualificados. Destacamos o facto de que quarenta e seis mulheres participantes no nosso estudo se integram no grupo 9, sendo trabalhadoras não qualificadas (operárias, e domésticas). Vinte e uma mulheres integram-se no grupo dos profissionais qualificados, com o grau de escolaridade ao nível de licenciatura (grupo 2). Entre as mulheres licenciadas, salienta-se que 11 são Docentes do Ensino Secundário e Universitário. Decorrente do abandono escolar, destacamos o facto de que oito mulheres começaram a trabalhar com uma idade inferior a dez anos e 61% integraram-se no mundo laboral até aos dezoito anos. A diferença na distribuição dos grupos em relação à idade em que iniciaram uma actividade profissional é estatisticamente significativa. Há uma proporção mais elevada de mulheres que iniciaram a actividade profissional entre os 16 e os 18 anos, no grupo que começou a beber em excesso a partir da adolescência (55.2% vs 44.8%). Em relação à sua proveniência, as participantes no estudo habitam na sua maioria na região urbana e suburbana de Lisboa (73%).

No quadro 2 apresentamos uma síntese das características idade, escolaridade, grupo profissional, relativas aos dois grupos.

Quadro 2 - Características Sociodemográficas da Amostra

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Idade	20-29	4	7	11
	30-39	12	4	16
	40-49	25	24	49
	50-59	14	4	18
	60-69	5	1	6
Estado civil	Casada	28	19	47
	Solteira	6	11	17
	Divorciada/separada	18	10	28
	Viúva	8	0	8
Escolaridade	Analfabetas	2	0	2
	≤ 4 anos	12	15	27
	≤ 6 anos	4	6	10
	≤ 9 anos	9	7	16
	≤ 12 anos	13	7	20
	Bacharelato Ensino Superior	3 17	2 3	5 20
Grupo profissional	1	0	2	2
	2	15	4	19
	3	0	2	2
	4	7	4	11
	5	8	7	15
	6	0	0	0
	7	0	0	0
	8	1	0	1
	9	28	22	50

3.2.3 Instrumentos

3.2.3.1 Entrevista Clínica

De acordo com os objectivos da investigação e com a metodologia definida, a entrevista tem os seguintes propósitos:

- Estabelecer uma relação psicólogo/investigador – participante adequada ao decurso do estudo. Tendo em conta que é o primeiro contacto com cada uma das participantes, pretende-se criar um espaço relacional, de confiança necessária à implicação pessoal das participantes nas diferentes tarefas propostas que constituem a avaliação psicológica e que o estudo envolve.
- Recolher dados que permitam a caracterização dos aspectos mais significativos da história de vida de cada participante.
- Compreender de que forma o consumo exponencial de bebidas alcoólicas se foi afirmando no decurso da sua existência. A entrevista deverá permitir a avaliação do

modo como cada participante percebe a relação que foi estabelecendo com o “objecto álcool”, e avalia os custos e benefícios desta relação.

- Identificação das variáveis sociodemográficas presentes nos dois grupos.

“A entrevista clínica faz parte do método clínico e das técnicas de inquérito em ciências sociais, constituindo um dos melhores meios para aceder às representações do sujeito – evidentemente, no sentido em que se postula uma ligação entre o discurso e o substrato psíquico” (Blanchet, 1997, cit. in Bénony & Chahraoui, 1999/2002, p. 15).

Integrada numa dinâmica intersubjectiva, pretendemos desta forma dar ao sujeito a oportunidade de se conhecer, de relacionar os factos do passado com a situação actual, criando-se então, um espaço relacional, onde se torna possível a contenção das angústias e a recriação de novas perspectivas de relação consigo próprio e com os outros.

Como referem Bénony & Chahraoui (1999/2002), “a entrevista clínica é um instrumento que tem como objectivo compreender um sujeito na sua especificidade e pôr em evidência o contexto em que surgem as dificuldades” (p. 16).

O modelo no qual nos baseamos para a condução da entrevista é o modelo clínico, o qual decorre da nossa formação teórica e da nossa prática clínica. Desta forma, o indivíduo é o quadro de referência.

As entrevistas são semi-directivas, uma vez que dispomos de um guião de entrevista constituído por questões que correspondem a temas sobre os quais incide a nossa investigação. Após cada questão, o sujeito é convidado a desenrolar o seu discurso, respeitando-se o seu carácter espontâneo. O clínico assume desta forma, uma atitude não directiva, uma vez que não interrompe o sujeito, deixando-o associar livremente, apenas sobre o tema proposto. O entrevistador mantém uma postura activa, não directiva, não emitindo juízos, críticas, ou desaprovações em relação aos sujeitos. Procura esclarecer, clarificar o discurso e recolher informação, mantendo no entanto, uma postura empática, disponível e autêntica que possibilite a expressão das vivências dos sujeitos.

As entrevistas não têm como objectivo esclarecimento diagnóstico, assumindo no entanto, um carácter anamnésico, mobilizando um retorno ao passado, revestindo-se de aspectos objectivos e subjectivos, reelaborados pelas participantes no estudo. No “mito individual” revela-se uma verdade subjectiva, que nos permite aceder às

representações que cada pessoa tem de si própria e dos outros. Desta forma, temos acesso a vértices sobre a forma como se construiu a alteridade e a subjectividade de cada paciente. A atitude clínica é marcada por um conhecimento descritivo dos sujeitos sem um *à priori* dos factos, uma apreensão global, tendo em conta o significado do seu vivido. A tónica é colocada na pessoa e não na doença e na expressão da comunicação na relação terapêutica.

Na medida em que consideramos que no discurso das participantes transparece a sua essência, sob a forma de uma verdade que é a perspectiva da sua mundividência, inquestionável, podemos afirmar que nos confrontamos com o seu “mito individual”.

Assim, podemos afirmar que pretendemos captar a forma como cada participante constrói o seu “mito individual”, a partir de elementos oriundos do seu passado, e recordados no presente, os quais vão compor os “mitemas” (Lévi-Strauss, 1958/1967), na medida em que se constituem como uma repetição de sequências no discurso de cada indivíduo. Estas unidades de construção mítica assumem uma (re)significação em cada narrativa. Atribuímos-lhes o estatuto de “verdades subjectivas”, pelo facto de não carecerem de provas para serem aceites, podendo apenas ser intuídas.

Recorrendo à metodologia de análise estruturalista proposta por Lévi-Strauss (1958/1967), podemos então ver na entrevista clínica aplicada, a expressão do “mito individual”, decomposta em unidades com sentido dentro da narrativa do mito, designadas como “mitologemas” e que correspondem aos aspectos que compõem cada um dos três vectores que constituem a entrevista, como a infância, a adolescência ou a relação com os pais, e por sua vez, ainda compostas por pequenas unidades de significação que as constituem “mitemas” e que se assumem como *invariantes* no decorrer do tempo.

Desta forma, a entrevista pode ser decomposta em diferentes componentes:

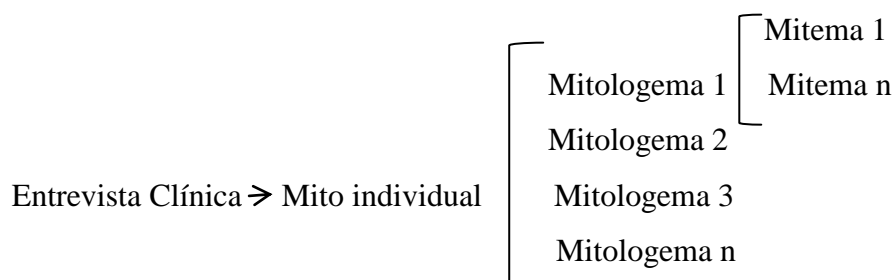


Figura 2 - Unidades componentes da entrevista

Se considerarmos por exemplo, a infância como um “mitologema”, este tem um carácter universal, na medida que é comum a todos os sujeitos, no entanto, a expressão da subjectividade surge no “mitema”, pois cada participante caracteriza a infância em função de um conjunto de experiências tecidas no fio do tempo.

Quando estudamos a relação milenar do homem com as bebidas alcoólicas, estamos cientes da importância que os mitos colectivos, entre os quais destacamos o mito de Dioniso, têm na aquisição e estruturação destes comportamentos, pela carga simbólica e cultural atribuída socialmente.

Tendo em conta os objectivos do estudo, um factor essencial que pretendemos captar diz respeito à forma como se manifesta a dualidade dionisíaca/apolínea, considerando à partida que o alcoolismo corresponderá a um processo de decadência, no seio da qual, um dos polos se apresentará como dominante em relação ao outro.

Neste estudo foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com o objectivo de se os captarem os dados de natureza qualitativa. O ponto de partida consistiu na elaboração de um guião orientador, (Anexo B). Pretendia-se que as entrevistadas se sentissem o mais à vontade possível, sem contudo deixar de se fazer uma recolha sistemática dos dados, essenciais à compreensão das variáveis subjectivas que pretendemos captar.

As entrevistas realizadas de acordo com os procedimentos descritos dão lugar ao preenchimento de um protocolo. De seguida procuramos operacionalizar a informação contida em cada protocolo nas variáveis pretendidas para análise. Os critérios estabelecidos para esta operacionalização tiveram como fim objectivar a análise em categorias específicas e relevantes a cada variável.

3.2.3.2 Rorschach

Neste ponto vamos descrever as características do Rorschach e de que forma estas têm a capacidade de revelar os níveis de estruturação do pensamento e as capacidades de expansão mental, passíveis de serem mobilizadas para fazer frente ao caos resultante do extremar do pólo apolíneo ou do pólo dionisíaco que sustentam o alcoolismo.

Nesta reflexão, incidimos sobre três pontos que consideramos essenciais: as características materiais que constituem o Rorschach, capazes de provocar a desorganização, a entropia, e dessa forma permitir-nos aceder às reacções individuais

regredientes, mas também progredientes mobilizadas para fazer face ao caos; a dinâmica que se cria no espaço entre Psicólogo e paciente, mediada pelo Rorschach, enquanto criação de um espaço físico e pessoal, onde se revela a criatividade e a fantasia; e por fim uma delimitação do conceito de subjectividade circunscrita aos processos do pensamento mobilizados nesta relação.

O enquadramento teórico do presente trabalho baseia-se na Escola Francesa do Rorschach (Chabert,1997/2003; 1998/2003; Traubenberg, 1970,1983). No entanto, o alargamento do campo conceptual da metodologia vai-nos permitir explorar as possibilidades oferecidas pelo método Rorschach ao nível da compreensão dos processos psicológicos em jogo e a averiguação das possibilidades de expansão mental das participantes que constituem a amostra em estudo. Para a concretização deste objectivo, baseamo-nos essencialmente no saber teórico e metodológico de Marques (1999), que em parte nasce da leitura do “processo resposta-Rorschach” à luz da teoria bioniana.

Para que ocorra a mobilização da criatividade dos sujeitos, as manchas que constituem os cartões Rorschach têm que reunir determinadas características. Face a uma pintura realista e outra surrealista, espera-se que a nossa capacidade de projecção se manifeste de forma mais intensa perante material pouco estruturado, e que dessa forma mobilize a necessidade de dar sentido ao caótico. Cada um dos cartões constituintes do Rorschach possui características objectivas, que por si só mobilizam a necessidade de organização do pensamento, face a estímulos que aparentemente se apresentam desestruturados. Como refere Rorschach: “A prova consiste em interpretar formas acidentais, quer dizer, imagens sem configuração determinada” (1920/1964, p. 23).

Os cartões são apresentados individualmente e numa determinada sucessão, dispondo o examinador de uma folha de registo para apontar as respostas do sujeito. A instrução consiste em pedir ao sujeito que diga tudo aquilo em que o cartão o faz pensar e o que pode imaginar a partir dele (“O é que isto poderia ser para si?”), esclarecendo, se necessário, que não há tempo limite e que não existem respostas certas ou erradas.

O sujeito é desta forma colocado perante um conjunto de situações contraditórias, face às quais, é solicitado a atribuir um sentido. A necessidade de atribuir um significado à imprecisão, à dispersão, à desarmonia, à ambiguidade sexual intrínseca

aos estímulos, são os catalisadores da desorganização, onde a única saída reside na simbolização.

No que diz respeito às características materiais que constituem o Rorschach destacam-se os seguintes aspectos:

O Rorschach é composto por dez cartões constituídos por manchas de tinta negras e policromáticas, com diversos graus de esbatimento e organizadas simetricamente em torno de um eixo vertical relativamente distinto.

Relativamente ao conteúdo manifesto, a análise descritiva do material, realizada por diversos autores (Chabert, 1997/1998; Rausch de Traubenberg, 1970/1990) indica as duas dimensões fundamentais dos cartões: a dimensão estrutural (remetendo para os elementos de análise da ordem do perceptivo e do cognitivo) e a dimensão sensorial (da ordem da expressão dos afectos).

Deste modo, na sua dimensão estrutural, os cartões distinguem-se pelo seu carácter unitário, compacto ou pela sua configuração bilateral e sempre em torno de um eixo vertical mais ou menos definido. Nos cartões unitários (I, IV, V, VI, IX) onde o eixo é claramente representado, está contida uma imagem do corpo humano estruturado simetricamente em torno desse eixo. Nos cartões de configuração bilateral (II, III, VII, VIII, X) onde a simetria é destacada através da repetição do duplo e pelo seu sentido de coesão, remetem para a representação das relações, espelhando as vivências relacionais do sujeito. Ainda em relação aos aspectos estruturais, os cartões podem ser divididos em função do seu carácter fechado (I, IV, V, VI) ou aberto (II, III, VII, VIII, IX, X). Estas últimas qualidades perceptivas reenviarão para as referências do feminino/materno pela sua disposição aberta, oca, continente; nos cartões fechados destacam-se as referências fálicas das manchas através da presença de apêndices salientes (IV, VI: referência fálica) (Chabert, 1997/1998). No entanto, é importante referir que o cartão I e o IX, devido ao facto das suas características estruturais serem ambíguas, podem situar-se simultaneamente no registo dos cartões fechados (que facilitam a abordagem global) e abertos (tendo em conta o branco central).

Na dimensão sensorial é preciso distinguir os cartões cinzento-escuros (I, IV, V, VI), os cinzentos (VII), os negro-branco-vermelhos (II, III) e os tons pastel (VIII, IX e X). Quando tocam a sensibilidade do sujeito, os cartões cinzento-escuros ou com contraste negro-branco podem provocar manifestações de inquietação, ansiedade e

angústia mais ou menos intensa, as quais podem ser explicadas pela correspondência cultural do negro à tristeza, depressão e luto.

Os cartões que integram o vermelho (II e III) são importantes pelo contraste produzido pelas cores - branca, negra e vermelha que, aliadas à sua organização estrutural (bilateral) podem ser sentidas de forma particularmente violenta. A presença do vermelho é determinante na solicitação de afectos brutos, ou seja, na reactivação de movimentos pulsionais sexuais e/ou agressivos. Os cartões vermelhos são indutores da representação de relações, o que nos pode dar conta da ligação, ou não, entre representação e afecto.

O cartão VII deve ser considerado à parte, pois apresenta uma organização estrutural particular. Tem uma configuração bilateral e uma construção oca/aberta, a sua tonalidade cromática é cinzento-claro esbatido, com uma grande participação do branco. Tal disposição atenua o contraste e o contorno, delimitando a mancha numa interpretação entre o dentro e o fora.

Os cartões pastel têm em comum as tintas pálidas e filtradas, que lhes conferem um papel de indutores de afectos, diferenciando-se pela sua organização estrutural. O cartão VIII contém o choque de ser o primeiro cartão pastel; o IX, devido à mistura de cores e características estruturais ambíguas, é considerado um cartão complexo por poder dar uma impressão de interpenetração (como o cartão VII); o cartão X é o mais colorido, com características particulares que se prendem com a multiplicidade e a dispersão das cores, que torna difícil a sua classificação do ponto de vista estrutural.

Segundo Traubenberg (1970,1983), e Chabert (1998/1999), a partir destas características do instrumento, ou seja, a organização do eixo médio na qual a simetria e o duplo reenviam para a unidade, coesão e coerência corporal, que apreendemos o Rorschach, uma vez que este testa, primeiramente, a imagem do corpo (que se espera coesa e unificada, assim como se espera que seja a apreensão do mundo). É através do reconhecimento de uma imagem unificada de si que o sujeito acede à representação do outro e dos objectos. É em função da representação de si que o sujeito acede à representação do outro e dos objectos internos e externos. Para acedermos à noção de identidade teremos que observar o sujeito em relação e na relação, através da noção de duplo (separador e harmoniosa) que proporcionarão por sua vez aceder quer às identificações primárias, quer às identificações secundárias.

A descrição do conteúdo manifesto abre, desde logo, algumas pistas para os conteúdos latentes evocados pelo material. A análise do conteúdo latente estabelece-se

de acordo com uma dupla orientação: a representação de si e a representação das relações. Expostos na qualidade dos engramas percebidos-projectados, na sua integridade, unicidade e limites, encontram-se elementos relacionados com a diferenciação sujeito/objecto e com a diferenciação sexual, remetendo para a (in)capacidade de sentir-se “Um face ao Mundo” e, concretamente, ao Outro. Deste modo abrem-se as portas para aquilo que constitui o cerne da vivência relacional no que respeita às representações de relações de/com o(s) objecto(s) – nomeadamente, o tipo de registo conflitual e os níveis de desenvolvimento libidinal (Chabert, 1998; Marques, 1999).

Em relação às qualidades psíquicas do material solicitadas pelas suas características perceptivas, Marques (1999), destaca a simetria e o valor simbólico dos cartões. No que diz respeito à simetria, considera que esta é um factor organizador de relações entre dispersão/integração, harmonia/desarmonia, perfeição/imperfeição, que reenvia para os elementos psíquicos de coesão e do duplo, (im)possibilitando a diferenciação Eu/Outro, ou seja, a (in)capacidade de ver o Outro como diferente e não como um desdobramento do próprio idealizado.

O valor simbólico dos cartões remete para o facto de que as manchas desencadeiam (no seu conjunto e individualmente) produções que revelam os vários registos de funcionamento entre os quais se desenvolvem os processos mentais do sujeito, bem como as suas “potencialidades evolutivas”. Segundo a autora, a análise e interpretação da expressão Rorschach deve ser realizada através da noção masculino-feminino, uma vez que “Todos os cartões Rorschach contêm como referência básica, fundamental e fundadora, a integração dos dois parentes, dos dois sexos, das pulsões libidinais e agressivas, e dos vínculos de amor, ódio e conhecimento.” (Marques, 1999, p. 210). Os jogos de diferenciação, oposição e complementaridade entre feminino e masculino – a que o Rorschach, como instrumento, permite aceder – permitem/condicionam o acesso a duas dimensões fundamentais: a identidade, no sentido da separação Eu/não Eu (que no Rorschach é operada pelos procedimentos de separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto), revela a natureza das relações sujeito-mundo; a sexualização e a relação, que nos dão conta da qualidade das ligações que o sujeito se permite (re)estabelecer consigo e com o mundo (diferenciado ou não).

Desde logo, a autora caracteriza a situação projectiva com as suas características específicas, nomeadamente o carácter impreciso das manchas e a instrução “o que é que isto poderia ser?”, que reenvia para a possibilidade do sujeito se situar numa área

transitiva, num entre-dois: entre realidade e fantasia, objectivação e subjectividade, externo e interno. Este encontro cria uma tensão, uma “situação catastrófica”, pelo seu carácter desconhecido e disruptivo, que obriga o sujeito a uma mudança psíquica para restaurar o equilíbrio, conseguida pela atribuição de novas significações através de novas relações continente-conteúdo.

A par da angústia suscitada pelos estímulos Rorschach, resultante das possibilidades de representação de si e dos outros, os sujeitos são convidados a criar imagens, símbolos, a partir desses referenciais, pelo que um outro elemento que induz o caos resulta da dialéctica criada em torno do pólo realidade/fantasia. Num extremo, temos um “pensamento concreto”, onde não é possível a expressão do fantasma, num outro extremo, a expressão de conteúdos sem contornos, sem significado.

Segundo Rausch de Traubenberg (1983), o Rorschach encontra-se sublinhado enquanto revelador das modalidades relacionais que operam entre o sujeito e o seu mundo interno e externo, podendo constituir-se como um espaço de interacções “entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado” (p. 17). Desta concepção resulta assim, uma abordagem dos protocolos Rorschach com incidência sobre dois aspectos fundamentais: percepto e fantasma.

Desde logo, há um caminho que se abre para além da cognição, revelando as capacidades criativas dos sujeitos, expressas de forma simbólica. Os conceitos nomeados a partir dos diferentes estímulos apresentados encerram em si mesmos, a relação intrínseca entre significante e significado, permitindo desta forma a construção de uma cadeia simbólica que se desenrola ao longo da prova.

A subjectividade revela-se na capacidade criativa, que afirma a unicidade do Ser. Com efeito, cada indivíduo cria e recria-se a partir do material Rorschach, afirmando a sua unicidade. Tal como a actividade onírica, esta nasce, expressa-se e adquire um sentido de forma singular em cada um de nós. A capacidade de simbolização evidencia-se sob a forma de um conceito que surge como solução encontrada perante um material com as características definidas anteriormente e que mobiliza a necessidade de operacionalização de uma resposta como forma de ultrapassar a angústia suscitada pelos diferentes estímulos que constituem o Rorschach. Encontramos esta viagem entre a realidade e a fantasia, expressa de forma sublime no poema *Coral*, de Andresen (1950/1968):

“Ia e vinha
E a cada coisa perguntava
Que nome tinha”

Por outro lado, para que a mediação entre a realidade interna e a realidade externa seja estabelecida, torna-se desde logo fundamental sublinhar a dinâmica relacional Psicólogo-Testando mediada pelas características do material que constituem o Rorschach.

O ser humano nasce da relação com o outro e é na intersubjectividade que manifesta diferentes vértices da sua realidade interna. Chabert (1998/1999) enfatiza esta dimensão e considera que a situação projectiva é o catalisador que permite a revelação da estrutura psicológica dos sujeitos, sublinhando a dimensão relacional que lhe é intrínseca.

A relação Psicólogo/paciente, mediada pela situação projectiva, pode ser vista como protótipo da forma como os sujeitos se estruturam na relação com os outros. Um encontro que segundo Schafer (cit. in Chabert, 1998) expõe a sua dimensão psicanalítica e transferencial. Este autor caracteriza a situação projectiva tendo em conta a relação transferencial nos seus movimentos regredientes e progredientes, pelos quais o sujeito passa ao longo da prova e que se caracterizam por um nível de funcionamento psíquico que vai do primário ao secundário, nos quais oscilam mecanismos defensivos e emergências conflituais dentro da relação que é estabelecida. O autor refere ainda a importância de três pontos na dinâmica da relação interpessoal da situação projectiva: a dinâmica do teste, a dinâmica da relação interpessoal na interpretação do teste e a problemática do testador.

A resposta Rorschach surgirá enquanto comunicação entre sujeito a quem a prova é apresentada e examinador sujeito que apresenta a prova; sendo o primeiro o que se apresenta e se coloca na prova e na relação, e o último o que se apresenta e que se apresenta à relação e na relação enquanto objecto-contidente e enquanto conteúdo quer para o outro, quer para si, na interpretação.

A revelação da estrutura mental do(s) sujeito(s) é possível a partir da análise das operações mentais, que exprimem relações entre o que é percebido e as representações e afectos evocados, oscilações entre processo primário e secundário, por vezes com movimentos de regressão – permitindo o acesso à natureza dos conflitos e da angústia, ao registo da problemática e à série de mecanismos de defesa mobilizados pelo

indivíduo, para fazer frente às solicitações (internas e externas) provocadas pela situação em si.

De acordo com Marques (1999), o Rorschach pode ser concebido como um espaço virtual, pois que infinito nos possíveis significados que solicita e oferece, exigindo ao sujeito que comunique, interprete, simbolize e crie uma imagem-conceito símbolo, revelador da forma como os objectos se podem assimilar e reunir, para depois desse contacto se poderem separar e recriar. A resposta Rorschach é, assim, fruto de uma recriação face ao confronto entre conhecido e desconhecido, entre o que é continente e o que é conteúdo, possibilitando a manifestação das capacidades de simbolização do sujeito.

Desta forma, a solicitação que é feita aos sujeitos, face a um material com estas características, remete para o campo da criatividade, do jogo. Podemos ver a criação de imagens no Rorschach como um produto transitivo, no sentido Winnicottiano do termo (Chabert, 1998). Deste modo, o pedido Rorschach “Diga-me: o que é que isto poderia ser” abre uma área de funcionamento transitivo, que é a expressão da capacidade ou da incapacidade do sujeito se compreender na ilusão e nos paradoxos que baseiam a própria situação projectiva.

O encontro com o real e o imaginário só se torna possível se a utilização da área transitiva pode ser actualizada no aqui e agora da aplicação. Como já foi referido, a própria situação projectiva evoca um trabalho semelhante ao do trabalho transitivo: a mancha de tinta é identificada como um objecto banal, próximo do real mas, ao mesmo tempo, colorida de encenações fantasmáticas, de redes de afectos e de representações que através da ilusão, revela o sujeito na sua autenticidade. A ilusão subjectiva é feudatária de uma área transitiva e do espaço potencial de Winnicott, já que esta área se situa entre dois mundos, real e imaginário, cujo acesso só é possível pela atribuição de características internas e subjectivas ao real externo objectivo, aceitando deste modo, o paradoxo Winnicottiano. É a aceitação do paradoxo que proporciona ao sujeito o reconhecimento da diferença entre o fora e o dentro, real e imaginário que, segundo Chabert, possibilita a existência e a utilização de “um espaço psíquico próprio, constitutivo do sentimento de continuidade do ser, ligação temporal necessária à interiorização da duração. A área transitiva, e os seus fenómenos concomitantes, servem de matriz à criação de um espaço psíquico interno, onde têm origem os processos de mentalização” (Chabert, 1998 p. 33).

O carácter particular do material e a solicitação paradoxal do pedido Rorschach, criam uma situação relacional entre sujeito e examinador, mancha e sujeito, realidade interna e realidade externa, que toda a acção entre percepção e identificação projectiva se abre dando-se início ao processo-resposta Rorschach. A situação Rorschach desenrola-se numa relação interpessoal de grande importância quer a nível da análise do protocolo, quer a nível da elaboração das respostas dadas pelo sujeito.

Em suma, podemos dizer que a situação projectiva suscitada pelo método Rorschach, abre a possibilidade de expressão do simbólico ré (criado) na relação Psicólogo/Testando, evidenciando-se dessa forma quais os recursos que os sujeitos possuem para aprofundarem o conhecimento sobre a sua realidade interna e externa. São as modalidades de relação entre a fantasia e a realidade que afirmam a subjectividade de cada indivíduo.

Para além da expressão das capacidades criativas dos sujeitos, interessa-nos perceber os processos em jogo na estruturação do pensamento, partindo de uma atitude positiva fundamentada na crença que os seres vivos têm imanente uma força que os impele para a vida, para o crescimento e desta forma incidimos o objectivo do nosso estudo às possibilidades transformacionais do pensamento e portanto, da subjectividade, lidas a partir da teoria de Bion sobre o desenvolvimento do pensamento.

As características constituintes dos estímulos Rorschach desencadeiam uma situação desestruturada, onde são mobilizadas as capacidades de representação de si na relação com os outros. A possibilidade de integração ou de dispersão dos diferentes elementos, no contexto da relação Psicólogo-testando, vai dar-nos conta das possibilidades de expansão mental do indivíduo, marca da sua unicidade e subjectividade.

Nesse sentido, podemos olhar para o Rorschach como um objecto, passível de desencadear atitudes de curiosidade, de indagação, numa tentativa de construção do pensamento, ou pelo contrário, de recusa, e de evitação. Ao reflectirmos sobre as múltiplas expressões do pensamento e da simbolização, no Rorschach, temos que ter em conta os seus mecanismos inerentes: reparação, dinâmica $Ps \leftrightarrow D$, modelo continente-conteúdo e transformação. A situação Rorschach pode assim ser vista como uma experiência emocional, face à qual é solicitada a capacidade dos sujeitos de atribuição de um significado perante uma realidade desconhecida. A curiosidade manifestada na exploração de um objecto, ou pelo contrário o evitamento, ou mesmo a recusa, dão-nos

conta da forma como se manifesta o vínculo do conhecimento (vínculo K), construção de conhecimento, pelos sujeitos.

Perante os diferentes estímulos, o convite que é feito aos sujeitos de atribuição um significado a algo desestruturado, implica a mobilização de um continente, suficientemente flexível para não suprimir a ideia, mas suficiente forte para não ser destruído por ela. As operações dentro do continente funcionarão na oscilação $Ps \leftrightarrow D$, integração/dispersão e o produto é um símbolo (elemento alfa), ou pelo contrário a evacuação da experiência (elemento beta).

A partir das formulações que enfatizam o papel da actividade simbólica nos processos de conhecimento, desenvolvimento e expansão mental expressas no processo-resposta Rorschach, bem como a natureza dos recursos mobilizados para o efeito, acedemos à “natureza do sujeito, do Eu e da(s) sua(s) relação(ões) de/com o(s) objecto(s)” (Marques, 1999, p. 192).

A expansão mental é possível através de um processo dinâmico onde uma transformação gera nova transformação, uma vez que a integração gera nova dispersão ($Ps \leftrightarrow D$), num processo contínuo. A condição básica para que este processo ocorra é o desejo (vínculo K), do sujeito indagar a verdade sobre si mesmo (O).

A forma como cria e integra os elementos resultantes do caos, evidencia as suas potencialidades transformacionais. Tendo como base a *Teoria das Transformações* de Bion (1965/1984), Marques (1999), considera que “no espaço intersubjectivo criado pelo Psicólogo e o sujeito e a tarefa da interpretação das manchas sem um significado preciso, definida como uma situação catastrófica, pode ser considerada num processo de transformação (T alfa). O produto resultante desse processo, as respostas que o sujeito nos fornece, revelam algumas invariâncias que permitem reconhecer nesse produto final (T beta), o original (“O”) transformado” (p. 239).

As transformações referidas anteriormente resultam de uma projecção, clivagem e identificação projectiva. Desta situação catastrófica, as transformações ocorridas no pensamento revelam-se através de palavras que nos dão conta das possibilidades de crescimento mental do sujeito.

O sujeito perante o estímulo (percepção) opera neste uma transformação projectiva, transformando a mancha percebida (pré-concepção), na resposta Rorschach (concepção), através da estrutura da “barreira de contacto”, fundada a partir da “função alfa”, da capacidade de “*rêverie* materna”, numa relação

continente/conteúdo conduzindo à nomeação do símbolo, revelando assim a transformação do pensamento do sujeito em palavras.

O produto resultante deste processo, as respostas Rorschach que decorrem da situação catastrófica, mantêm “invariâncias”, ou seja, elementos que permanecem inalterados após o processo de transformação mas que devem ser identificados, bem como a natureza das transformações (Bion, 1965/1984), levam-nos até ao reconhecimento do elemento original “O” transformado a partir desta transformação. É a partir deste processo, onde se jogam a percepção e a projecção, que se percebe o trabalho de ligação e de transformação que decorre do encontro de pensamentos e de emoções que direccionam situações passadas e presentes, externas e internas.

Neste sentido, estabelecemos uma concepção sobre o desenvolvimento e expansão da mente humana à luz dos processos de simbolização (como é que o sujeito referencia e se referencia), de progressão e de regressão e por fim, como é que é possível ver as capacidades transformacionais do sujeito (processo). Devemos, pois, conceptualizar um modelo de leitura da narrativa Rorschach que seja sensível a esta problemática.

No ponto seguinte dedicado aos procedimentos operacionalizamos de que forma a construção do símbolo, concretamente o símbolo-resposta Rorschach nos dá conta dos níveis de estruturação do pensamento e das capacidades de transformação mental das participantes no estudo.

3.3 Procedimentos de recolha de dados

Na sequência dos contactos habituais estabelecidos com as mulheres internadas na clínica de alcoologia, no desenrolar das actividades terapêuticas que constituem o programa de tratamento, as participantes no estudo foram informadas das sessões semanais destinadas à avaliação psicológica. Foi-lhes solicitado o consentimento para que alguns dos elementos que compunham a avaliação pudessem vir a ser utilizados posteriormente numa investigação que tinha como objectivo o estudo das características psicológicas das mulheres aí internadas.

Todas as sessões foram realizadas no gabinete de psicologia que se situa no interior da clínica de alcoologia.

3.3.1 Organização das sessões de avaliação

O processo de investigação foi planeado com um conjunto de sessões de observação de tipo “consulta” com carácter de continuidade entre si, embora com tarefas diferenciadas em cada uma delas. Foram realizadas três sessões, a primeira destinada à realização da entrevista propriamente dita, a segunda à aplicação das escalas de avaliação e a terceira à aplicação do Rorschach. Na maioria dos casos este procedimento foi seguido, com alguns ajustamentos, a realizar em cada uma das sessões, com a transição da aplicação das escalas para a sessão seguinte. Excepcionalmente foram realizadas quatro sessões. Dos 100 casos que participaram na investigação, doze deles foram vistos em quatro sessões.

A aplicação das escalas de avaliação obedeceu à seguinte ordem: primeiro o SCL 90-R, seguida do Mini-mult e o Rorschach em último lugar. Os dados obtidos a partir do SCL 90-R e Mini-mult, tinham como objectivo a caracterização clínica dos utentes que faz parte dos procedimentos habituais desenvolvidos na clínica de alcoologia, e não foram utilizados neste estudo.

As sessões foram organizadas como entrevistas, contemplando o plano relacional, mas adaptadas aos procedimentos de acordo com a exigência das tarefas. Cada sessão é apresentada, identificando-se a natureza da tarefa a realizar explicando-se sucintamente o seu objectivo.

O ritmo de adaptação às tarefas variou de acordo com as características de cada participante. Na generalidade, as participantes adaptam-se às sessões, surgindo por vezes dificuldades na interpretação de questões que compõem as escalas. O Rorschach suscitou um maior agrado, permitindo uma maior descontração, pois as respostas são livres, não estando condicionadas pelas limitações escolares, suscitadas habitualmente pelas escalas e questionários compostos por questões que exigem interpretação.

O objectivo do examinador é obter uma implicação na execução das diferentes tarefas propostas, sem uma atitude de imposição ou intrusiva.

De acordo com os objectivos definidos para este estudo, nestas sessões pretendemos estabelecer uma situação relacional que permita a recolha de dados pertinentes ao estudo das capacidades de simbolização das participantes, bem como a significação subjectiva que têm no decurso existencial de cada uma das mulheres entrevistadas. A recolha de dados visa o conhecimento da realidade objectiva e

subjectiva, permitindo que os dados ganhem um significado individual, na história de vida de cada participante.

Os primeiros contactos exigem o estabelecimento de um espaço de confiança relacional que permita a participação implicada de cada pessoa e, através dela, a expressão do seu mundo psicológico, das suas vivências. Visamos assim, a criação de uma dinâmica intersubjectiva, apesar da assimetria imposta pela situação em si.

A pretensão da criação duma postura “asséptica” marcada pela objectividade é ultrapassada pelas características do psicólogo, pelas nossas expectativas face aos resultados obtidos com estas sessões e pelos conhecimentos clínicos discutidos em equipa, relativos a cada um dos sujeitos internados na clínica de alcoologia. Da observação à interpretação dos dados, percorremos um percurso inscrito na Clínica, à qual não somos imunes. No entanto, a criação de uma dinâmica intersubjectiva, num espaço onde se privilegia a compreensão do outro, procurando clarificar o significado das condutas e vivências dos sujeitos, é a marca de diferenciação da intervenção da Psicologia Clínica, das outras valências técnicas que compõem a equipa técnica de alcoologia.

3.3.2 Estrutura das entrevistas e procedimentos de análise

A instrução dada às participantes foi a seguinte: “Esta entrevista é sobre as suas relações com os pais e outras pessoas que foram importantes para si, durante o seu desenvolvimento e, os relacionamentos actuais e, em que medida o consumo de bebidas alcoólicas foi surgindo ao longo da sua vida”.

Esta questão destina-se a “conduzir” o sujeito para o seu passado, para a actualidade e por fim, uma clara referência ao processo de instalação da dependência alcoólica.

A entrevista está organizada em três fases distintas (Anexo A). A primeira é dedicada à recolha de elementos básicos da identificação.

Na segunda fase pretendemos recolher as memórias mais significativas de diferentes períodos de vida (infância, adolescência, adultícia) seguindo o relato do percurso e ritmos de cada participante. Limitámo-nos a intervir o mínimo possível, de forma a averiguar como os temas surgem de forma aberta. Pode-se dizer que cada

indivíduo pode seleccionar, organizar e construir a teia de acontecimentos que considera de maior relevância, emergindo desta forma, as suas características pessoais.

Numa terceira fase, a entrevista visa recolher informação sobre a forma como as participantes se foram relacionando com o “objecto álcool”, permitindo focar de que forma os problemas ligados ao álcool, foram invadindo o seu espaço físico e mental.

Quando vencidas as dificuldades iniciais de exposição perante alguém desconhecido, manifesta-se a necessidade de comunicar vivências pessoais do passado. A possibilidade de poderem ser ajudadas por um psicólogo que se integra na equipa de alcoologia, surge muitas vezes como uma motivação que ajuda a ultrapassar as inibições iniciais. A criação de um espaço inicial de partilha e de relação abre a possibilidade de se poderem abordar questões relacionadas com a forma como a dependência alcoólica foi evoluindo, diminuindo-se assim possíveis sentimentos de vergonha e de culpa, que “carregam” as histórias de vida destas mulheres. Para que isso aconteça, torna-se necessário a criação de um *setting* marcado pela aceitação incondicional e uma escuta atenta.

Os diferentes conteúdos abrangidos que compõem as entrevistas, assumem uma relevância em função do contacto estabelecido com as pessoas internadas em alcoologia, e na literatura sobre o tema em estudo (Bauer, 1982/1990; Edwards, 1982/1995; Schuckit, 1973/1995; Lejoyeux, 1997; Legrand, 1997; Descombey, 1998; Gabbard, 2005/2006). A entrevista é suficientemente abrangente, permitindo abordar a forma como o consumo progressivo de bebidas alcoólicas surgiu e foi ganhando relevância em diferentes períodos da vida das nossas participantes.

Embora a recolha de dados decorra dos objectivos da investigação, consideramos uma vantagem o facto de trabalharmos este guião no decorrer destes anos. Os objectivos determinam uma caracterização psicossocial de diferentes variáveis relevantes no surgir da dependência alcoólica.

Apesar da construção da entrevista ter sido prévia à investigação em curso, a justificação das temáticas escolhidas está de acordo com os objectivos da investigação:

Identificação - Idade, Estado Civil, Escolaridade e Profissão

Estas dimensões são relevantes para o bem-estar psicológico e a qualidade de vida da população adulta, e no que diz respeito ao percurso profissional este encontra-se

muitas vezes comprometido devido à importância que o consumo de bebidas alcoólicas vai ganhando na vida destas mulheres.

Numa tentativa de caracterizar o perfil socioeconómico das mulheres alcoólicas, Wilsnack e Cheloba (1987), referem: “As mulheres que mais bebem têm uma idade que se situa entre os 35 e os 45 anos, divorciadas ou separadas, sem emprego e sem filhos” (p. 231).

Em relação à realidade portuguesa, Santos (2001), reportando-se ao perfil das utentes que recorrem à Consulta de Alcoologia do Centro Regional de Alcoologia de Lisboa, refere que a média etária situa-se nos 42 anos, são casadas ou vivendo em união de facto (49%), domésticas (48%) e com um baixo nível de escolaridade, tendo a maioria a 4ª classe (41%).

No que diz respeito à relação do estado civil com o alcoolismo, a partir de um inquérito realizado à população americana, Johnson (1982), destaca níveis mais elevados de consumo de bebidas alcoólicas por parte de mulheres que se encontravam separadas ou divorciadas.

No entanto, Wilsnack, Wilsnack, Schur e Klassen (1991), com base num inquérito sobre as características psicológicas e sociais, de mulheres alcoólicas, constataram que as mulheres solteiras, mas que coabitavam com um parceiro, apresentavam os padrões mais elevados de consumo de bebidas alcoólicas. Este facto é interpretado por estes investigadores, como estando associado a um suporte social e institucional mais frágil do que nas mulheres casadas, factor que por si só daria origem a mais ansiedade.

A integração no mundo do trabalho, mediada pelo contacto com os colegas de profissão, surge muitas vezes como um factor de iniciação ao consumo de bebidas alcoólicas. Da nossa experiência, no contacto com as pessoas internadas na Clínica de Alcoologia, este aspecto é mais relevante na população masculina, no entanto, consideramos fundamental, perceber a sua importância no desencadear do alcoolismo, e o peso que desempenha o abandono precoce do percurso escolar.

Por outro lado, importa perceber quais as consequências no desempenho laboral desempenhadas pelo álcool.

Em relação à associação entre o alcoolismo feminino e a actividade profissional, encontramos dois tipos de estudos: os primeiros representados por autores como Wilsnack, Klassen e Wright (1986), centrados no conflito existente entre o desempenho

dos papéis familiares e laborais, e os segundos, incidindo sobre a precariedade laboral. Assim, Mckirnan e Peterson (1989) salientam que é a discrepância entre o grau de escolaridade e o *status* ocupacional, associado a baixos salários, que mais facilmente concorrem para o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e conseqüentemente o surgimento da dependência alcoólica.

Relação com os pais, Infância e Adolescência

Neste ponto, pretendemos perceber de que forma as participantes no nosso estudo, relatam a tecedura dos laços afectivos no contexto familiar e com os pares.

Como é que decorreram as relações com os outros, previamente ao consumo de bebidas alcoólicas? Qual a atitude dos pais em relação às bebidas alcoólicas e de que forma essa atitude condicionou ou não a ingestão precoce de bebidas alcoólicas?

A qualidade do relacionamento proporcionada ao sujeito na infância, dificuldades de relacionamento com outras crianças, conflitos entre os pais, separações. A estruturação deste período do desenvolvimento pode ajudar-nos a compreender os traços relevantes da personalidade, anteriores ao consumo de bebidas alcoólicas.

Em relação ao período da adolescência, pretendemos perceber de que forma a integração no grupo de pares influencia o consumo de bebidas alcoólicas e de outros estupefacientes. O perfil de adolescentes que experimentaram ou consomem regularmente álcool, através do questionário “Comportamento e Saúde em Jovens em Idade escolar”, aplicado a 6903 jovens do 6º, 8º e 10º ano de escolaridade, de todo o país, concluem que 8.7% consomem frequentemente e 11% referiram já ter ficado embriagados (The Reitox National Focal Point Portugal, 2009).

Ao caracterizarmos um grupo de sujeitos com alcoolismo, parece-nos essencial ver de que forma se iniciou o consumo de bebidas alcoólicas e qual o impacto da idade na evolução deste consumo.

A relação entre a importância da estrutura familiar na génese do alcoolismo aparece referenciada em diversas investigações. Os factores sociais surgem imbricados no desenvolvimento dos problemas ligados ao álcool. As mulheres alcoólicas descrevem os seus ambientes familiares caracterizados por relações parentais perturbadas, negligência, relações inseguras, falta de aproximação face à figura materna, e conflitos entre os pais (Drake & Vaillant, 1988, p. 800). A associação entre os maus

tratos na infância, o abuso sexual por parte do pai, surge muitas vezes referenciado, nas histórias de vida das mulheres alcoólicas (Miller & Downs, 1995).

Como vimos anteriormente, Faoro-Kreit (2000/2002), considera que na gênese do alcoolismo na mulher se encontram personalidades frágeis e com raízes na sua história pessoal. Segundo Faoro-Kreit, a gênese da pulsão destrutiva reporta-se à relação maternal, parecendo cumprir o desejo inconsciente de destruição de si mesma.

Mais recentemente, Birath (2010), ao procurar identificar as características psicológicas e sociais de 134 mulheres, internadas numa clínica de alcoologia em Estocolmo, observa que apenas 12% descrevem a relação com os pais como positiva, destacando-se a relação negativa com a figura materna, coincidindo esse último aspecto, com a concepção de Faoro-Kreit (2000/2002), referida anteriormente.

Cerca de 82% das mulheres, participantes no estudo de Birath (2010), referiram que um ou ambos pais tinham problemas relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas. A relação com pais alcoólicos desencadearia sentimentos negativos e alterações do humor. O consumo patológico de álcool teria assim implícito, expectativas de alteração do mau estar psicológico.

A aprendizagem do amor nasce e cresce no tecido familiar. É de esperar que quanto mais precoce é a ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, maior é a relevância que estes comportamentos ganham no contexto familiar. Por outro lado, serão estes alicerces afectivos que em grande parte, vão condicionar a forma como se vão tecer novos fios do amor na conjugalidade e na maternidade.

Conjugalidade e maternidade

Neste ponto, pretendemos compreender de que forma decorreu a vida conjugal, enquanto espaço de partilha de afectos, podendo evidenciar-se aspectos negativos, como a infidelidade conjugal e a violência doméstica, que como veremos de seguida, estão muitas vezes ligados ao desencadear da conduta alcoólica.

A forma como é assumida a maternidade, desde o período da gravidez, até ao acompanhamento do crescimento dos filhos, são também aspectos que se destacam na história de vida das participantes no nosso estudo, e que mostram de que forma se exprimem os afectos, por vezes mediados pelo consumo das bebidas alcoólicas. Nesta perspectiva, julgamos importante confrontar estes dados com abordagens teóricas de

Faoro-Kreit (2000/2002), segundo a qual, estas mulheres vivem a relação com o outro como ameaçadora, resultante de falhas na sua identidade.

Ainda ao nível da conjugalidade e da maternidade, pretendemos contrapor a forma como as participantes no nosso estudo, vivem estas duas dimensões tão importantes no decurso de vida da mulher, com perspectivas teóricas como a de Jones (1971), ou Wilsnack (1976), segundo as quais, o desempenho dos papéis sociais na mulher alcoólica estaria comprometido por falhas ao nível da sua feminilidade.

Evolução do consumo de bebidas alcoólicas

Em relação à história da ingestão de bebidas alcoólicas, o principal objectivo desta história, é perceber conjuntamente com o paciente, de que forma a sua vida foi progressivamente invadida por estes comportamentos. É importante a identificação dos momentos significativos associados à perda do controle sobre consumo de bebidas alcoólicas e os efeitos que daí advêm, sentidos como benefícios para o próprio. Desta forma, incidimos sobre os seguintes parâmetros:

Idade do primeiro consumo

Com que idade iniciou o consumo regular de bebidas alcoólicas. A idade de início do consumo de bebidas alcoólicas é um factor importante para o desenvolvimento da dependência alcoólica ou de outros tóxicos (Adés & Lejoyeux, 1997).

Circunstâncias associadas à perda do controle

Compreensão das circunstâncias que causaram, ou modularam os padrões de ingestão, a dependência das bebidas alcoólicas.

Tempo de evolução até ao padrão actual

Pretende-se que retrospectivamente os pacientes distingam a partir de que períodos da sua vida perderam o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas e a dimensão que estes comportamentos ocupam na sua existência.

A quantidade de álcool ingerido expresso em gramas de álcool/dia

Relativa aos últimos 30 dias, antes do internamento é calculada através da grelha elaborada da *Standard Drinking Convention Card_Portuguese Version 22-04-2009*. A evidência científica actual, assumida pela OMS, considera que beber moderadamente equivale, para um adulto saudável e por dia (repartido pelas duas refeições principais), se for homem a ingerir até 24 g de álcool (1/4 de L de vinho a 12°, ou dois copos de cerveja); para a mulher até 16 g (1.5 dl de vinho a 12°, ou um copo de cerveja).

Quadro 3 - Conversão para bebidas *standard* em gramas de álcool puro

Cerveja (5° alc.) 330 mL	1 bebida <i>standard</i>
Copo de vinho (10-12° alc.) 150 mL	1 bebida <i>standard</i>
Licores/"Aperitivos" (18-20° alc.) 100 mL	1 bebida <i>standard</i>
Bebidas brancas/Espirituosas (40° alc.) 40 mL	1 bebida <i>standard</i>
Cerveja (5° alc.) 200 mL	0.5 bebida <i>standard</i>
Vinho: 1 garrafa (10-12° alc.) 750 mL	5 bebidas <i>standard</i>
Bebidas espirituosas/Branças: 1 garrafa (40° alc.) 360 mL	8 bebidas <i>standard</i>
750 mL	17 bebidas <i>standard</i>
1,2 L	27 bebidas <i>standard</i>

Nota: 1 Bebida Standard = 14 gramas de álcool puro

Efeitos obtidos com o consumo das bebidas alcoólicas

Pretendemos compreender quais os efeitos pretendidos, a sua expressão na alteração dos padrões comportamentais habituais, e de que forma esses comportamentos afectam a relação com os outros.

Consequências

Em que medida os pacientes têm consciência das consequências que o consumo de bebidas alcoólicas foi tendo ao longo da sua vida. Da culpabilização face a estes comportamentos, até à anosognosia perante um quadro que se torna evidente ao olhar dos outros, mas que não assume importância para o próprio.

As variáveis seleccionadas têm uma natureza diversa, pelo que se criaram diferentes categorias. Variáveis como a idade, estado civil e grupo profissional, assumem um carácter descritivo, enquanto variáveis relativas à forma como decorreu a infância ou a adolescência, têm uma dimensão psicológica, pelo que a categorização é feita em função da significância atribuída aos factos pelos sujeitos. Assim, por exemplo, uma participante pode referir: “o que mais me marcou na minha infância foi o alcoolismo do meu pai mas nunca foi mau para nós” e, outra participante realçar que “a minha infância foi marcada por o meu pai ter sido alcoólico e muito violento para a minha mãe e os meus irmãos”. Desta forma surgem duas categorias distintas a partir das representações que as duas participantes têm desse período da sua vida.

A opção por uma metodologia de análise multivariada compatível com os dados categoriais impõe que as categorias a criar tenham um carácter exclusivo (a cada sujeito só pode ser atribuída uma categoria por variável) e permitam a integração de todos os sujeitos que compõem a amostra.

O procedimento de análise foi delineado no sentido da quantificação da informação. Assim, para além da categorização dos aspectos psicológicos, pretende-se quantificar essa mesma informação.

Tendo em conta a natureza das respostas obtidas na entrevista (respostas a questões directas e abertas), a categorização da informação é realizada de modo distinto nos diferentes blocos. As respostas do guião objectivadas pelas participantes são as seguintes: 1a, 1b, 1c, 1d, 1e, 1f, 3h, e 3j. As categorias atribuídas resultam das respostas dadas na entrevista. A categorização das variáveis 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 2f, 2g, 2i, 3i, 3k, 3l, e 3m, resultam da avaliação do clínico, a partir da apreciação global das respostas e dos comportamentos expressos no decorrer da entrevista.

A definição das categorias foi realizada à *posteriori*, uma vez que não partimos de hipóteses pré-estabelecidas, pelo que esta análise é designada por “*estudo exploratório*” (Carmo & Ferreira, 1998).

As categorias são estabelecidas a partir dos discursos das participantes. Por exemplo, face à questão: “Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais?” obtiveram-se as seguintes categorias:

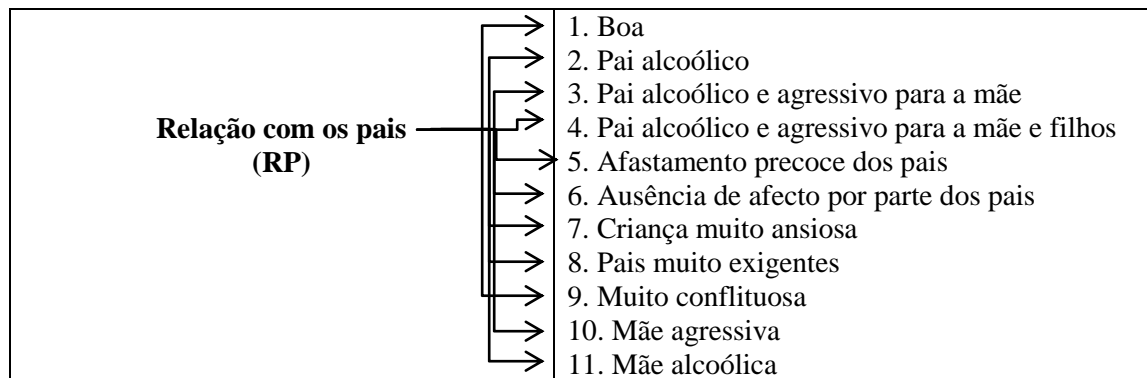


Figura 3 – Categorização de variáveis: relação com os pais

A categoria RP1 refere-se à caracterização da infância como “Boa” por parte das participantes, a categoria RP2 diz respeito ao facto de ter surgido na caracterização da infância, o que foi mais marcante é o facto de terem tido um pai alcoólico. Procedeu-se de igual modo para todas as variáveis que se evidenciaram no discurso das participantes.

Com o objectivo de se caracterizar a expressão destas categorias nos dois grupos de participantes, procedemos de seguida à contagem do número de vezes que cada categoria assume nos dois grupos. Assim, por exemplo, a categoria RP1 é referida por 45 participantes, sendo que no Grupo 1 surge 29 vezes (64.4%) e no Grupo 2 surge 16 vezes (35.6%). No quadro C 1 (anexo C) apresentamos a listagem de todas as categorias obtidas.

Os resultados obtidos a partir da categorização das variáveis que constituem as entrevistas foram tratados a partir de um duplo procedimento: análise estatística univariada que permitirá identificar o papel de cada variável na diferenciação dos dois grupos; e a análise de correspondências múltiplas (ACM) que nos dará conta das múltiplas associações que se estabelecem entre as variáveis num contexto de interdependência. Estes núcleos de homogeneidade das variáveis, obtidos a partir da ACM correspondem aos Padrões de Estruturação da Realidade Subjectiva.

O recurso à ACM permite-nos a transposição da natureza quantitativa das variáveis para qualitativa, viabilizando a junção dos métodos quantitativo e qualitativo, contribuindo certamente para o aprofundar dos conhecimentos sobre a forma como a mulher alcoólica se vê na sua história de vida e o papel desempenhado pelas bebidas alcoólicas.

Da passagem do método quantitativo para uma análise de cariz qualitativo, deixamos uma lógica sustentada na diferenciação dos dois grupos em estudo, para um

raciocínio focalizado na inter-relação das variáveis, o que nos permite a construção de novas perspectivas sobre a realidade psicológica e social do alcoolismo na mulher.

3.3.3 Procedimentos de análise do processo-resposta Rorschach

Tendo em conta os objectivos subjacentes ao recurso do método Rorschach: identificação dos níveis de estruturação do pensamento e a caracterização das possibilidades de expansão do espaço mental das participantes no nosso estudo impõe-se agora o estabelecimento de parâmetros de análise do processo-resposta Rorschach. Para isso, devemos elaborar uma metodologia que seja coerente e convergente com o nosso posicionamento teórico, abrindo vias para que o instrumento Rorschach facilite e favoreça a expressão e captação do fenómeno em estudo.

Pretendemos pensar os processos e estados psíquicos fora da lógica do diagnóstico diferencial, o que nos obriga a alargar o campo conceptual do Rorschach e a propor um modelo descritivo do funcionamento mental. Pensamos que, através deste tipo de abordagem podemos estudar as características e qualidades que expressam as vicissitudes, mas também as possibilidades de transformação mental.

Para a prossecução destes objectivos, vamos proceder à análise dos protocolos, centrada nos seguintes parâmetros:

- Num primeiro momento procedeu-se à análise comparativa dos psicogramas, obtidos nos dois grupos, tendo como referência as normas para a população adulta francesa (Bochner & Halpern, 1945). Esta primeira observação vai permitir ver de que forma as variáveis Rorschach assumem uma expressão com significância nos dois grupos;
- Num segundo analisaremos a dinâmica intra e intercartão, tendo em conta a simbologia latente de cada um dos cartões. Desta forma, pretendemos ver de que forma se organiza o processo de simbolização, solicitado pela tarefa de responder ao material que constitui o Rorschach, tendo sempre em conta os dois referenciais propostos por Rausch de Traubenberg (1970/1990) e Chabert (1998): a representação de si e a representação das relações;
- Num terceiro momento discutiremos as dinâmicas que surgem nos dois grupos de participantes em cada um dos cartões, onde de forma complementar à análise clássica

do Rorschach, procuramos analisar a forma como as participantes constroem o conhecimento, à luz de alguns conceitos bionianos, nomeadamente a teoria dos vínculos e a função $Ps \leftrightarrow D$, de modo que eles possibilitem o estudo das capacidades de “expansão mental”. De que forma se revela a qualidade do continente e dos conteúdos psíquicos. Analisaremos a possibilidade de emergência de uma lógica assimétrica, capaz de integrar a dispersão ($K \rightarrow O$), ou pelo contrário, a revelação de um pensamento marcado pela simetria, afastando-se de um processo criativo ($-K$). A análise da evolução do pensamento no decurso do Rorschach tem implícita a concepção de que a morte de uma ideia leva ao aparecimento de uma outra, que vai ocupar o espaço vazio deixado pela primeira. Este movimento de integração e de dispersão de estímulos na construção do conhecimento dá-nos conta da forma como os sujeitos mobilizam os recursos na construção do pensamento.

A partir da metodologia explicitada nos procedimentos, calculamos o potencial de evolução mental (PEV), para cada participante. De cada quadrante seleccionamos os dois representantes com maior potencial e os dois participantes com menor potencial de evolução. A comparação dos diferentes modos de funcionamento mental apresentados pelas participantes no Rorschach vai permitir-nos ver de que forma os movimentos progredientes e regredientes subjacentes à expansão do pensamento se expressam no Rorschach. É este balanço (re)criado pela interacção entre os movimentos de integração e de dispersão que ilustra a forma como as participantes que integram o nosso estudo enfrentam o caos suscitado pelo material Rorschach.

Por fim, propomos uma análise detalhada de quatro casos, onde pretendemos analisar de uma forma mais aprofundada a intersecção das variáveis psicossociais e psicológicas, ao mesmo tempo que nos centraremos nas capacidades de crescimento mental destas participantes, seguindo os procedimentos explicitados anteriormente.

Com o objectivo de clarificar os procedimentos propostos, propomos no final deste capítulo uma grelha que sintetizará estas duas abordagens.

De seguida definimos os parâmetros de análise dos processos de simbolização presentes nos diferentes cartões, os parâmetros de análise das variáveis que constituem os psicogramas, e por fim a metodologia de análise das capacidades de expansão mental (PEV).

Os dois primeiros parâmetros de análise – níveis de simbolização e os dados dos psicogramas serão analisados a partir de estatística univariada, o que nos permite diferenciar as diferentes formas de estruturação do pensamento presentes nos dois

grupos. Para a análise das capacidades de Evolução Mental, recorreremos novamente à Análise de Correspondência Múltipla que tal como referimos nos procedimentos relativos à análise dos padrões da realidade subjectiva, obtidos a partir das entrevistas, visa o estabelecimento de *clusters* de variáveis que nos darão conta das interligações estabelecidas entre elas. As variáveis Rorschach assumem uma natureza quantitativa expressa nos psicogramas e uma dimensão qualitativa, decorrente dos princípios teóricos que as fundamentam, permitindo a retirada de ilações sobre o modo de funcionamento mental dos sujeitos. Tal como em relação à análise dos dados relativos às entrevistas clínicas, temos novamente a associação entre o método quantitativo, sustentado na análise estatística e o método interpretativo, que como referimos anteriormente, decorre das teorias subjacentes ao método Rorschach.

3.3.3.1 Elementos constituintes dos psicogramas

Vamos ter em conta os elementos que habitualmente constituem os psicogramas e que suportam a forma como os sujeitos respondem ao Rorschach: modos de apreensão, determinantes, e conteúdos, dando-nos conta da estruturação do pensamento nos dois grupos de participantes.

- *Modos de apreensão*

A implicação pessoal, intensa ou evasiva e a necessidade de representação de si firme ou ténue, encontram aqui, em todas estas formas cinestésicas, uma trama, uma textura. A materialização disso é, mais ou menos, evidente e pode ser apreciada segundo o grau de diferenciação objectiva do engrama (G; D; D/DbI; ou G/bl), da sua localização, da adequação entre a actividade, que vai da necessidade primária à necessidade de troca (Rausch de Traubenberg, 1983).

A análise dos modos de apreensão permite-nos verificar como o sujeito explora as potencialidades criativas e se adapta à realidade objectiva. Distinguem-se as respostas globais (G), as respostas grandes detalhes (D), que se referem a partes isoláveis do conjunto, as respostas localizadas nos espaços brancos ou externos da mancha (DbI), e as respostas referentes a recortes mais raros, quer mais pequenos quer estranhos na sua delimitação (Dd) e, por fim, as (Do), ou detalhes “oligofrénicos” que designam os elementos tratados isoladamente quando, em geral, eles fazem parte do todo.

As respostas globais (G) podem surgir como continente à projecção da imagem do corpo, dando conta de uma imagem do corpo relativamente estável, ou pelo contrário ser testemunha de uma vivência corporal lacunar. Remetem, ainda, para o reconhecimento de um objecto total no seio de uma relação com o mundo, usando as capacidades de diferenciação entre sujeito e objecto, entre real e imaginário.

Os G simples, quando associados a boas formas, assinalam a qualidade perceptiva radicada na realidade, denotando a presença de um continente bem delimitado. O carácter adaptativo deste tipo de respostas resulta da identificação projectiva normal, permitindo o estabelecimento de vínculos K.

Embora, no excesso deste tipo de respostas a dialéctica cai sobre a percepção e assim sendo o espaço potencial não está presente. Aparecem, em particular, nos cartões que os favorecem, isto é, nos cartões compactos (I, IV, VI e VII). “Os G simples podem, então, ser considerados como suporte fundamental, como testemunho do estabelecimento de uma identidade estável num meio distintamente reconhecido como realidade externa” (Chabert, 1998/1999, p.102).

Os G sincréticos (nos quais a apreensão da mancha é pouco precisa, maciça e compacta) podem sublinhar igualmente dificuldades de individuação, por testemunharem uma ausência de discriminação entre o interno e o externo, assumindo uma valência negativa -K.

Os G vagos associados (com carácter pouco preciso associados a determinantes (F+/-), podem testemunhar um pensamento pouco esténico, em que é feita uma abordagem ao mundo de um modo delimitado que parece ser frágil nas suas discriminações, em que há uma indefinição entre o sujeito e o outro, expressando-se em -K.

Os G impressionistas associados a determinantes sensoriais (C, C' e E), sem intervenção do determinante formal, dão conta de uma apreensão indiferenciada da realidade, que reenvia para esta ausência de representações. A impossibilidade de aceder ao transitivo impede a mobilização do pensamento, da mobilização do pensamento, da simbolização e dos processos de transformação, conduzindo o sujeito a uma atitude de submissão excessiva em relação a um material, deixando-se invadir pelas suas características manifestas.

Em suma, a capacidade de definição de um continente e envelope pode ser testemunhada através de G associados a respostas de boa qualidade formal (F+ e K), onde exista igualmente espaço para a integração dos afectos (FC e CF). Nestes casos, estamos perante uma percepção correcta, que nos dá conta de uma imagem de si, do corpo estável, e consequentemente de uma boa diferenciação sujeito objecto. Desta forma, podemos estar perante uma manifestação da posição depressiva, uma vez que os níveis de elaboração do pensamento evidenciam uma capacidade de síntese, integração e elaboração que parecem ser evidentes. Esta posição permite a oscilação $Ps \leftrightarrow D$ essencial ao processo do conhecimento e da simbolização (elementos alfa). Pelo contrário, a apreensão global que indica a dificuldade na constituição de um vínculo K, capaz de permitir a simbolização dá-nos conta da desintegração própria da posição esquizo-paranóide, surgindo assim proto-pensamentos (elementos beta). A incapacidade em tolerar a dor e a frustração não permitem enfrentar o desconhecido, o estranho e pensar pensamentos.

Seguindo esta linha de raciocínio, o recurso aos modos de apreensão em D inscreve-se no registo de significados socializantes e adaptativos, contudo a sua análise é de tal forma tributária dos determinantes que os acompanham que o seu estudo só faz sentido na relação com eles. Neste sentido a associação D F+, D FC ou D K com boa qualidade mostra a congruência do modo de apreensão e do determinante, e revela as capacidades de inserção no real e de controlo das percepções, mostrando o estabelecimento de vínculos K e a capacidade de simbolização, resultante de um continente capaz de tolerar, receber e transformar determinados conteúdos da totalidade da mancha, sem perder o controlo das percepções.

Os D associados aos determinantes sensoriais “puros” (C, E, Clob) são ilustrativas desta reacção, pois dão-nos conta de um continente sem capacidade de síntese pode manifestar-se pela tentativa de segmentação da realidade com um carácter fragmentado. Neste segundo caso, podemos estar a presença de um continente sem capacidade de síntese e de integração, inviabilizando a construção simbólica, o que pode remeter para a presença de vínculos -K.

O recurso às respostas Dd, ou seja, numa forma de abordar pequenos detalhes da mancha, num sentido que a mancha no seu todo é impossível de aceder, o que dá conta da dificuldade de apreender o objecto na sua totalidade, dando conta que só parcialmente o sujeito consegue aceder ao objecto. Porém existem imensos Dd, de

contorno raramente abordado, por vezes arbitrários, que testemunham um modo de pensamento muito particular, original ou delirante (elementos beta). Estes últimos reflectem um pensamento confuso, não socializado, por vezes desintegrado, perdendo o valor comunicativo, e contacto com o real. De igual modo, quando se encontram associados a conteúdos que reenviam directa ou simbolicamente para partes corporais evidenciam o deslizar rápido para uma problemática de integridade numa espécie de procura desesperada para encontrar os fragmentos de uma imagem de si estilhaçada. São os conteúdos dos Dd que mais contribuem para a sua interpretação, atendendo à infiltração projectiva de que são suporte, provocando uma dissociação entre as características do material em si e a resposta dada, o que parece indiciar a existência de - K.

A indiferenciação figura/fundo sugerida pelo surgimento de respostas que utilizam o branco (respostas Dbl) como localização do mesmo modo das manchas negras e coloridas, indicam um nivelamento dos estímulos cujos contornos e fronteiras são percebidas. O que demarca as diversas partes do material, perceptivamente destacado (contraste negro/branco), é suprimido pelo apagamento dos contornos. Assiste-se a uma espécie de nivelamento de espaço do cartão, que permite neutralizar, apagar, diluir as suas diferenças. Poderemos então pensar que esta tendência para o nivelamento que caracteriza os processos cognitivos toma uma significação antinarcísica: a falta de diferenciação associa-se a uma ausência de garantia dos limites do sujeito em relação ao objecto, com o risco corolário de dano e de invasão mútuo. A fixação no vazio exclui o estímulo, o real, evidenciando dessa forma o evitamento do simbólico que lhe subjaz. Podemos dizer que nesse caso, estamos perante a incapacidade da constituição de um espaço transitivo, indiciador da presença de um vínculo do conhecimento negativo, incapaz de permitir a sustentação da criatividade.

“A focalização no Dbl inscreve-se sempre no contexto de uma falha, de uma falta que, embora se situe em registos conflituais diferentes, mantém sempre a tónica na incompletude” (Chabert, 1998/1999, p.120), e que por esse motivo associamos a -K.

“O valor sintomático dos “Do” é o de um índice de inibição do pensamento resultante de uma perturbação afectiva” (Loosli-Usteri, 1965, p. 37). A falha perceptiva e fantasmática, implícita neste tipo de respostas, parece ser indiciadora da presença da posição esquizo-paranóide, e conseqüentemente da capacidade de simbolização, pelo que podemos considerar que os seus conteúdos correspondem a elementos não mentalizados e por isso mesmo evacuados, correspondendo assim, a elementos beta.

• *Determinantes*

Os determinantes formais colocam à prova a captação perceptiva e a sua finalidade, isto é, no sentido de “dominar o caos”, e esse domínio faz-se em função dos contornos, do enquadramento revelando não só uma atitude intelectualmente activa como também uma adaptação à realidade.

A qualidade das respostas formais demonstram a aptidão do sujeito para estabelecer fronteiras, desenhar contornos (função de conservação do psiquismo sustentada pela identificação primária com um objecto suporte materno), delimitando o espaço e destacando a figura fundo. Se o sujeito pode distinguir o interno do externo, a forma de fundo, pode também integrar a diferença entre o real e o imaginário. A capacidade de distinguir os estímulos externos dos estímulos internos resulta da prova da realidade.

A escassez de respostas formais, ou a sua qualidade é questionável, dá-se a emergência do processo primário e a impossibilidade da secundarização: a relação com o real torna-se frágil e a diferenciação entre o real e o imaginário ineficaz. Por outro lado, este *deficit* na formalização pode dar conta de dificuldades do sujeito na contenção de vivências internas.

O excesso de respostas formais evidencia um funcionamento marcado por uma tentativa de controlo da realidade, típica das organizações de tipo paranóide, sob o funcionamento da posição esquizo-paranóide.

As respostas formais de má qualidade (F-) sublinham o desinvestimento da realidade objectiva e portanto do recurso ao transitivo, bem como a evocação de um objecto, mal definido em que os contornos persecutórios estão presentes. Muitas vezes as respostas F- surgem associadas a conteúdos corporais ou anatómicos, reflectem uma identidade e imagem corporal frágil, manifestando uma angústia de fragmentação, própria da posição esquizo-paranóide. O continente deixa de se abrir a novos conteúdos, surgindo o contrário da simbolização, a “coisa-em-si” (elementos beta), o que se pensarmos nos processos ocorridos ao nível da posição esquizo-paranóide, será importante procedermos à análise da oscilação em $Ps \leftrightarrow D$. De que forma se manifesta o dinamismo mental, em termos de possibilidades de recuperação $F \leftrightarrow F+$, ou $F \leftrightarrow F-$.

Neste último caso, assistimos à inviabilização da abordagem do real, de forma adaptada, sob influência preponderante da posição esquizo-paranoide. Os vínculos presentes serão então –K.

A utilização de conteúdos pouco definidos F+/-, deixa escapar um pensamento vago que parece não encontrar os seus limites, o que transmite que a fronteira entre o sujeito e o outro, o interno e o externo, estejam mal delimitadas, evidenciando-se a falha nos contornos do continente e a ineficácia do vínculo K.

Em suma, as respostas formais dão-nos conta da capacidade de estabelecimento dos limites entre o interior e o exterior, a existência de um envelope psíquico e a valência dos vínculos K na busca da verdade.

As respostas cinestésicas (K) traduzem a capacidade do sujeito em se situar numa área transitiva entre o real e o imaginário e a capacidade de figuração das representações inconscientes (Chabert, 1997/1998). Estas respostas vão dar atribuição de movimento (onde ele não existe) a uma forma específica (F), cujo conteúdo é humano (porque dependem do conteúdo a que é atribuído esse mesmo movimento). As respostas K sintetizam-se em apenas dois processos: representação de si na sua dupla vertente identidade/identificação e representação da relação (representação do outro), ou seja, a forma como o sujeito vive e se vive na relação consigo e na relação com os outros; e o trabalho simbólico implica que os dois pólos: identidade/identificação estejam estabilizados.

As cinestésias são o testemunho de uma actividade mental, que procede por operações complexas para organizar os dados perceptivos da tarefa. Elas dão conta das potencialidades criativas de um sujeito, na sua aptidão para usar a inteligência em termos hipotéticos, sem se contentar ou submeter à constatação perceptiva. Por isso, os sujeitos que dão muitas respostas cinestésicas são muito criativos. A cinestesia condensa, de alguma maneira, as atitudes solicitadas pela instrução. Neste caso, a articulação perceptivo-projectiva é fortemente mobilizada, na medida em que a criação de movimentos se fixa num engrama formal que serve de suporte material a uma produção imaginária. O reconhecimento adequado de uma imagem perceptiva constitui garantia de uma inserção na realidade a, que autoriza, sem deformação excessiva ou delirante, a abertura à ilusão necessária a qualquer conduta criativa. Ela sublinha, por

isso mesmo, a diferenciação efectiva entre mundo interno e mundo externo e a capacidade de recorrer ao imaginário está ligado à constituição de um espaço potencial. Na medida em que conferem um atributo de movimento inexistente ao material, associadas a uma boa projecção, indiciam um comprometimento na busca de O.

Ao nível simbólico, as cinestésias dão-nos conta do dinamismo do pensamento, pois permitem a representação do sujeito na prova, estando ligada à posição depressiva, na medida em que são a expressão de uma actividade fantasmática interiorizada, ou pelo contrário, a falência do simbólico, quando não é possível a integração da emoção e do pensamento na acção.

As cinestésias menores são repostas com conteúdos animais, objectos, ou ainda as imagens humanas parcialmente aprendidas, nas quais o percepto se acompanha de uma atribuição de movimento. Têm um peso projectivo importante: os movimentos atribuídos, por ex, a engramas animais, são por deslocamento, na medida em que não podem referir-se a imagens humanas, pela amplitude e/ou resistências que suscitam. Podemos dizer das cinestésias menores que elas representariam as tendências escondidas do sujeito e se elas pertencem ao mundo das sombras que encobrem o latente, o implícito (inconsciente), pelo que o seu estudo é de extrema importância.

As cinestésias animais (Kan) caracterizam o fabulário e as fantasias imaginárias da infância. Dizem respeito às moções pulsionais a às procuras objectais primárias, em que as conotações orais são extremamente frequentes, tanto na sua dimensão agressiva como na libidinal. Também as respostas kan nos dão conta da representação da dupla vertente identidade/identificação e representação da realidade. A conotação libidinal ou agressiva, pode surgir num registo onde as pulsões não assumem um carácter destrutivo, ou pelo contrário, revelar a emergência de conteúdos primários (elementos beta)

As cinestésias de objecto (Kob) surgem quando o movimento é projectado num conteúdo objecto, e que emana do interior deste objecto. A energia emana de uma fonte interna, da excitação corporal, e que muitas vezes sucede de respostas que precedem a resposta Kob e que são muitas vezes testemunhos de grande ansiedade, reduzindo-se desta forma a tensão. Podem surgir assim, movimentos cheios de vigor, ou pelo contrário, com um carácter destrutivo, mostrando o balanço entre as pulsões de vida e de morte.

As pequenas cinestésias (Kp) são raras e a sua ausência num protocolo é habitual. Anotam-se Kp as projecções de movimentos em imagens humanas parciais, ou projecções de movimentos mínimos em imagens humanas inteiras mas implicadas

apenas parcialmente nas acções projectivas: gestos, mímicas, esboços de movimentos, expressões de fisionomias, movimentos imperceptíveis. Por vezes a identificação projectiva é maciçamente utilizada, surgindo nesse caso o conteúdo contaminado pela projecção de um mau objecto. Nesse caso, estamos perante a posição esquizo-paranoide que traduz a clivagem do objecto externo, como reflexo da clivagem do objecto interno.

As respostas cor manifestam a receptividade do sujeito às características cromáticas do material que compõe o teste, pelo que reflectem a sensibilidade face à realidade exterior. Podem indiciar a hipersensibilidade aos estímulos, podendo no extremo colocar em causa a estabilidade do continente e dos vínculos inerentes ao pensamento.

Destacamos a reactividade aos cartões II e III, onde se destaca a cor vermelha, os cartões pastel e por fim, os contrastes negro-branco, presentes nos sete primeiros cartões. A reactividade à cor vermelha pode desencadear emergências pulsionais em processo primário cujos efeitos são disruptivos. Neste caso, há uma falha dos mecanismos de recalçamento e a clivagem acaba por dominar. Estas respostas evocam a dificuldade na contenção dos movimentos pulsionais.

Nos cartões pastel, a existência ou não do controlo formal, nas respostas cor, reveste-se de extrema importância. Assim, as respostas FC significam que o indivíduo tem capacidade de emoção, mas controlada pela razão, que embora emocionado, se esforça por ser objectivo, representando as mesmas, uma boa capacidade de adaptação em relação à realidade, pelo que estão associadas ao vínculo K.

As CF representam reacções emocionais de maior intensidade, no entanto é sempre preciso avaliar se trata de uma impulsividade construtiva ou destrutiva. No entanto, quanto maior predominância existir das CF em relação às FC, menos estabilizada, adaptada e passível de estabelecer relações afectivas positivas, será a pessoa que apresente este tipo de resposta perante os cartões cor. As respostas C puras são representativas da impulsividade. A presença destas respostas indica estados de intensa irritabilidade e instabilidade afectiva e também a irrupção das emoções.

Segundo Chabert (1998), os contrastes negro-branco podem induzir afectos depressivos ligados ao vazio que os sujeitos tendem a evitar através de respostas de abstracção ou imagens que revelam o esvaziamento ou arrefecimento. Sendo que estas temáticas de vazio, frio ou branco são especialmente relevantes quando surgem nos cartões com simbolismo materno mais patente, como o cartão VII e o cartão IX.

Espera-se que nos cartões pastel, em prol das suas cores pálidas e suaves, surjam dimensões ligadas a movimentos progredientes e regredientes, que vão da dispersão à integração e que transmitam imagens prazerosas e de bem-estar. Sob o domínio da posição esquizo-paranoíde, assistimos à irrupção de respostas de conteúdos humanos despedaçados, que nos dão conta da angústia de fragmentação, desaparecendo a barreira entre o eu/Outro. Podemos dizer que estamos perante a contingência de que o sujeito se deixa invadir pelos estímulos externos e a cor perde a possibilidade de ser um veículo de expressão das emoções. Pelo contrário, a ausência de cor pode ser reveladora do desinteresse pela realidade exterior, o que também indicia a existência de vínculos negativos, pois a capacidade de pensar fica imobilizada, pela incapacidade de transformar as emoções. O equilíbrio entre os determinantes formais e as cores revela-nos a interacção entre o cognitivo e o emocional.

As respostas de esbatimento (E) podem ser de textura, de difusão e de perspectiva. As respostas de esbatimento de textura, em geral estão associadas a uma dimensão regressiva, remetendo para uma problemática muito precoce: “aos cuidados da primeira infância” (Chabert, 1997/1998, p. 183).

Os esbatimentos de difusão podem dar conta de uma fragilidade ao nível da identidade que deixa acentuar imagens vagas e instáveis que dão conta de um envelope frágil. Como refere (Chabert, 1983/1999): “A ausência de consistência que caracteriza tais associações assinala a fragilidade das bases narcísicas e da fraqueza do Eu...” (p.185).

O recurso aos esbatimentos de perspectiva é mais raro e está ligado ao narcisismo.

“ A utilização tridimensional do esbatimento ao mesmo tempo que assinala as insatisfações narcísicas do sujeito sublinha o esforço para as compensar, através de uma conduta activa e de uma articulação perceptivo-sensorial” (Chabert, 1983/1999).

• *Conteúdos*

Ao nível dos conteúdos, destacamos as respostas de conteúdo animal e respostas com conteúdo humano.

O recurso aos conteúdos animais pode assinalar uma adaptação face à realidade, que vai ao encontro, por exemplo do surgimento de respostas banais. Quando a

percentagem é elevada num protocolo, pode ter a conotação de uma defesa, para evitar o contacto com essa realidade. A presença de um bestiário, maciço e pouco adequado aos estímulos, pode evidenciar, pelo contrário, dificuldades no processo de simbolização.

A capacidade do indivíduo para dar respostas com conteúdo humano bem definidas – H, assinala, num primeiro momento, a aptidão do indivíduo para reconhecer a sua identidade subjectiva. Permite, também, situar e aceder ao sistema de relações do indivíduo, e ao seu índice de socialização. As respostas de conteúdo humano permitem verificar a existência de uma diferenciação entre o real e o imaginário. A justaposição e a indiferenciação de conteúdos pertencentes a vários reinos são reveladoras de uma problemática da identidade, colocando em evidência dificuldades notórias na elaboração da representação de si.

Nesta perspectiva, as respostas Hd que se integram na tríade Hd/anat/sangue, constituem o Índice de Angústia (IA%), remetem para a fragilidade de um envelope que deixa transparecer as suas partes constituintes (órgãos), para a fragilidade de um continente. No Rorschach, podem aparecer respostas com conteúdos Hd, ou em que o H% seja bastante inferior à média que saliente a dificuldade do sujeito em se representar a si próprio como um todo, nomeando apenas partes do corpo. O recurso aos conteúdos Hd deixa transparecer uma integridade mal guardada, que apela à transparência de um continente que deixa escapar o seu fluxo vital. Quando o recurso é elevado, pode remeter para a presença de uma angústia de fragmentação, própria da posição esquizo-paranóide, o que se expressa sob a forma de elementos não mentalizados, não elaborados (elementos beta)

Neste sentido é essencial no procedimento da análise, confrontar as respostas H inteiras e as respostas que delas se desviam com o objectivo de testar a capacidade do sujeito em perceber e projectar uma representação global, sintética, integrativa do seu corpo.

A falta de integração da representação do corpo, que se traduz no Rorschach pela raridade de respostas humanas inteiras, fala da importância das respostas humanas fragmentadas e, sobretudo, pela preponderância de aspectos anatómicos, testemunham, deste modo, a extrema fragilidade e remetem à inexistência de um continente, de um espaço que conteria, e que salvaguardasse juntas as diferentes partes do corpo.

As representações humanas cotadas – (H) – podem inscrever-se numa vida fantasmática rica, ou pelo contrário, evidenciar a dificuldade de distinção entre a realidade e a fantasia.

Em suma, as respostas Rorschach correspondem a um processo que resulta da busca de um equilíbrio, face a uma situação que se apresenta caótica, onde o símbolo surge como algo de novo, evidenciando o pensamento e as capacidades criativas do sujeito.

Os movimentos progredientes e regredientes dão-nos conta das possibilidades transformacionais dos sujeitos, ao nível das possibilidades de criação de novos significados, no caminho da verdade, e é esse aspecto que iremos realçar, uma vez que como referimos anteriormente, é nuclear no nosso trabalho.

Com o objectivo de procedermos à Análise das Correspondências Múltiplas (ACM), as variáveis Rorschach foram categorizadas em função dos critérios estabelecidos por Bochner & Halpern (1945). Assim, por exemplo, se considerarmos que a variável produtividade (R) na população adulta varia em média entre 20 a 30 respostas, um resultado inferior a 20 remete para uma “produtividade reduzida”, e por oposição um número de respostas superior a 30, uma produtividade elevada. A cada um destes níveis de produtividade é atribuído um código: Produtividade elevada (R.el), Produtividade média (R.m) e uma Produtividade reduzida (R.r). Procedemos de igual modo para todas as variáveis (anexo E).

3.3.3.2 Processos de simbolização

Partindo da apresentação teórica e metodológica que efectuámos sobre o Rorschach, vamos abordar de seguida de que forma se exprimem os processos de simbolização, tendo em conta a simbologia latente de cada um dos cartões explicitada anteriormente. Procuramos aceder à forma como se expressam as possibilidades que estas mulheres têm de criar/encontrar o novo na relação recíproca entre o Eu e o Outro.

Para além das características estruturais e sensoriais dos cartões do Rorschach, referidas anteriormente, é possível ainda fazer uma diferenciação do ponto de vista simbólico nos dez cartões, a partir da abordagem proposta por Rausch de Traubenberg (1970/1983). Os cartões de Rorschach são descritos segundo três dimensões:

características objectivas do material, tonalidade emocional e a “solicitação simbólica latente privilegiada”.

O cartão I é o cartão de entrada na situação de teste, é importante compreender a postura do analisando face a uma situação nova, perante o desconhecido, podendo esta caracterizar-se ou por uma passividade dependente ou por uma activação massiva de defesas. A ausência de referências e a estranheza do estímulo assumem as características de uma mudança catastrófica, a qual suscita a capacidade de síntese e de integração dos elementos.

A atitude exploratória da situação no contexto relacional cria novas verdades, desde que seja possível a criação de um continente que contenha a angústia suscitada pela ausência de referências. O cartão é caracterizado por uma tonalidade emocional disfórica ou neutra, sendo habitual que o sujeito se refugie em referências banais.

A um nível menos evoluído, este cartão remete para a relação a uma imago materna onnipotente, com as suas valências positivas e negativas, nomeadamente as que se referem à segurança ou ameaça. A composição tripartida do cartão pode apelar a cenas relacionais onde o perigo da relação não é excluído, particularmente o perigo de que é alvo a personagem central.

Quanto à representação de si, a imagem do corpo é reforçada pelo seu aspecto fechado do cartão, pelo traçado evidente do eixo e pela presença de uma imagem de corpo em torno desse eixo. A sensibilidade às lacunas intermaculares, ou aos contornos da mancha, ou ainda à abertura superior, podem ser elaboradas por uma fragilidade mais ou menos importante da imagem do corpo próprio.

Pela sua configuração, (tal como no cartão IV) o surgimento de respostas que não têm em conta a dimensão compacta, como imagens separadas pelo eixo mediano, dão-nos conta que essas imagens não são complementares, mas um duplo de si mesmo, dessa forma evidencia-se a dificuldade na constituição de um continente que permita a emergência de pensamentos.

No cartão II, o vermelho reenvia em geral para as diferentes pulsões agressivas e/ou sexuais de nível evoluído (no sentido de luta, da competição) ou de nível primário (destruição, rebentamento). A lacuna mediana pode ser vivida como uma falha corporal.

Relativamente às representações das relações, são reactivados modos relacionais nos quais os investimentos pulsionais são maciçamente mobilizados, em especial na sua

componente agressiva, apesar de a erotização se poder manifestar. Desta forma, a capacidade de pensar o relacional é testada pela bilateralidade e pelo vermelho. Urge a criação de um continente que abarque os afectos agressivos e sexuais, permitindo assim a elaboração dos *elementos β* em *elementos α* possibilitando a emergência do pensamento.

Este cartão reenvia para o relacional, dado o seu carácter bilateral, pelo que importa averiguar aí íntegra a expressão dos afectos suscitados, pelo vermelho, podendo evidenciar a possibilidade de viver essa relação sem o risco de se sentir ameaçado ou mesmo destruído.

Se for apreendido na sua globalidade, este cartão pode reenviar para uma problemática pré-genital de nascimento, através da qual as relações mais precoces com o objecto materno são caracterizadas por uma conotação simbiótica e/ou destrutiva. A mancha apela igualmente à problemática da castração e da bissexualidade. A um nível mais arcaico, a apreensão global, como um todo disperso, em que a lacuna mediana é sentida como fenda interna e no qual as manchas vermelhas reforçam a vivência destrutiva do interior do corpo.

Relativamente ao cartão III, a significação simbólica dominante resulta da disposição espacial das silhuetas humanas que se impõem, e que por isso constituem uma banalidade. A falha ao nível da representação corporal pode remeter para angústias de desintegração. Neste contexto começa a esboçar-se a necessidade de representação de si face ao outro ou, às descobertas do outro e o tipo de relação procurada.

Em relação à imagem do corpo, encontramos, tal como no cartão anterior mas de um modo não tão mórbido, a referência a uma representação do corpo humano inteiro na medida em que o seu conteúdo manifesto é muito próximo da realidade de silhuetas humanas. Devido à sua configuração lateral a identidade e o investimento da imagem de si, pode se insurgir num vago da identidade quando as personagens se apresentam em duplo, sendo uma, o duplicado da outra, sobretudo quando a identidade da representação é mal destacada como se os processos de individuação não chegassem a construir uma imagem de si estável.

O reconhecimento da diferença de sexos e os modelos de identificação, são aqui suscitados os mecanismos de identificação a modelos sexuais através de representações específicas e de tomadas de posição activas e/ou passivas que testemunham escolhas, mais ou menos fáceis, no assumir dos papéis sexuais. O cartão

dá lugar a identificações claras e sólidas ou dá conta de oscilações que também surgem em todas as respostas neutras de tipo “dois seres”, “duas pessoas”. Podem surgir dificuldades ao nível da identificação e conseqüentemente da relação, quando surgem personagens pertencentes a mundos maléficis, desvitalizadas, ou quando a relação é conflitual.

No cartão IV, a solicitação simbólica latente está ligada ao poder, força ou autoridade, suscitando reacções negativas ou positivas de identificação com a dominação ou submissão, podendo surgir atitudes que valorizam a força ou de refúgio na inconsistência e na passividade. Desta forma, a dinâmica criada $Ps \leftrightarrow D$, revelará as possibilidades de simbolização dos sujeitos. A imposição de imagens potentes com carácter destrutivo será indicadora da identificação projectiva com carácter patológico. Assim, as representações de relações podem surgir evocações de vertente paranóide da relação com a *imago* materna nas suas representações ameaçadoras e poderosas.

A apreensão global é muito frequente e os detalhes, mesmo dominantes, ficam ancorados à massa global na qual predomina a construção da imagem corporal facilitada pela silhueta humana que se destaca perceptivamente. Embora o cartão não destaque de imediato a representação do corpo, espera-se que surjam imagens de potência que consoante a imagem corporal, bem definida ou não, possam ser bem ou pior organizadas.

A cor preta e a forma da mancha suscitam muitas vezes respostas disfóricas, acompanhadas por intensos sentimentos de angústia, mal-estar e desconforto, quando isso acontece, esta tem que ser elaborada, de forma que o pensamento seja viabilizado.

O cartão V, pela sua forma e cor surge como o cartão mais unitário sendo a reacção emocional tanto mais neutra quanto a mancha está próxima da realidade objectiva. A reacção disfórica do cartão anterior poderá persistir ou poderá haver uma tentativa de valorização narcísica através do manuseamento activo do estímulo.

A sua característica unitária remete para uma apreensão global, todavia, esta unidade poderá ser rompida se as duas metades forem consideradas em oposição ou se o corpo central for evitado a favor das saliências ou das linhas marginais. É solicitada assim, a capacidade de delimitação de um continente, integrando a unidade psíquica e somática.

Em relação à imagem do corpo, este cartão é reconhecido como sendo o da identidade e da representação de si, podendo surgir dois tipos de reacções negativas: a incapacidade de reconhecer a identidade global que o cartão sugere ou, para além da ausência do reconhecimento da realidade quase evidente de um “animal alado”, poderá surgir o reflexo da expressão de uma ausência total de representação, do vazio, do nada, da impossibilidade de nomear seja o que for. Devido à constituição unitária, este cartão apela à integridade psíquica e somática, ao conceito unitário do Eu, pelo que podemos aceder aos aspectos referentes à identidade e ao narcisismo, nas suas vertentes depressivas ou exibicionistas.

O cartão VI apresenta-se muito saturado de implicações sexuais e/ou de energia e de dinamismo que a sua dimensão fálica é mais recorrida do que a simbólica do corpo feminino. No entanto, a elaboração da ambiguidade (dada pela simbologia feminina e masculina), põe em jogo a capacidade de oscilação e de ir da clivagem à integração e por fim a delimitação de um continente.

A solicitação simbólica sexual pode ser conduzida por uma temática de poder objectivo ou mítico e, o movimento em Kob pode ser a expressão da dinâmica actividade/passividade, consoante uma modalidade agressiva ou mesmo destrutiva, ou então, pela sua negação, evitamento ou substituição por uma imagem passiva favorecida pela estompagem que pode assumir, então, uma conotação anal. A capacidade de pensar é assim posta à prova pela possibilidade de conter a angústia suscitada pela ambiguidade sexual do estímulo.

Apesar do carácter compacto do cartão, a evidência da simbologia sexual pode mascarar a solicitação da imagem corporal.

O cartão VII, pelo seu aspecto inacabado, ou instável, faz com que a tonalidade emocional deste cartão seja sentida de um modo neutro ou acentuadamente negativa. A solicitação simbólica claramente feminina/materna e sempre em função da sua própria relação primitiva com a mãe remeterá a imagens securizantes ou negativas, podendo mesmo ligar-se a uma experiência abandonica.

Relativamente à imagem do corpo, este cartão, embora com pouca frequência, pode suscitar interpretações que reflectem uma angústia de desintegração, dada a sua estrutura bilateral e a participação do branco associado ao vazio e à falta, que ao mesmo tempo, põe à prova os limites dentro/fora.

Num nível mais arcaico, são numerosas as respostas que têm por suporte a base (pormenor inferior), para exprimir os fantasmas de relações simbólicas, uma separação impossível de operar ou uma simbiose dolorosa e destrutiva. A problemática da imagem corporal pode surgir, suscitada pela cor branca, muitas vezes associada ao vazio e à falta, assim como a definição dos limites dentro-fora.

Os cartões pastel são particularmente significativos no que diz respeito às relações de objectos de amor e de ódio, pois suscitam a emergência de emoções e de afectos, permitindo a apreensão do tipo de relação que o sujeito estabelece com o seu meio. As relações humanas podendo não ser muito encenadas, fornecem informações preciosas sobre a maneira de estar do sujeito no mundo. A passagem para a cor imprime uma *cesura* no decurso do teste, para um clima emocional.

O cartão VIII, como primeiro cartão pastel remete para os contactos com o meio exterior e revela o tipo de investimento com o meio. A mudança de cenário, pela introdução das cores transportará a um matiz mais positiva das reacções. A reacção disfórica é rara e não surge senão na sequela de respostas de corpo distorcido, devorado ou destruído. A mudança catastrófica é imposta pela alteração do clima emocional devido à introdução da cor. A solicitação do mundo externo e a integração dos afectos no pensamento. A capacidade de manter uma relação íntima sem se desorganizar.

A apreensão global quando se apresenta, integra as cores e, por vezes, assenta exclusivamente nestas. Espera-se que os detalhes laterais sejam destacados e, como no cartão III, a imposição destes detalhes favoreçam a interpretação formal em detrimento das cores.

A articulação entre a emoção e a cor representará a solicitação à troca e à partilha emocional, à comunicação. A significação dependerá, sobretudo, do manuseamento das cores: negação, evitamento explícito ou indirecto, reacções apenas qualitativas ou utilização de imagens de componentes muito diferentes.

A associação dos espaços brancos ao manejo das cores, surge em diferentes níveis, desde o primário destruidor ao mais secundarizado e intelectualizado. As respostas podem surgir no sentido de valorização narcísica ou das preocupações somáticas ou mesmo de uma vivência de destruição corporal, podendo acontecer igualmente que a cor seja despojada de afecto, espólio de um manejo pseudo-afectivo, distante e frio. Este cartão dá-nos conta de uma fragilidade que se poderá

relacionar com uma vivência carencial, se sobressair uma sensibilidade aos detalhes brancos tratados como faltas.

A imagem do corpo apresenta-se, tal como observamos nos cartões pastéis, sob o cunho de preocupações hipocondríacas e/ou de angústia de fragmentação, aspecto muito frequente nos protocolos psicóticos. Os cartões pastel solicitam intensamente o narcisismo do sujeito, quer no sentido de um laivo gratificante ou de uma angústia existencial pela intensa regressão que podem induzir.

O carácter regressivo do cartão IX poderá ser sentido em função da aceitação ou da resistência ao apelo simbólico que suscita a ambivalência quanto às escolhas ou quanto às rejeições. Devido à ausência de elementos rapidamente estruturantes, a ressonância face a este cartão é geralmente intensa e raramente neutra. A capacidade para a delimitação de um continente face a um objecto com carácter regressivo e de grande complexidade sensorial é assim posta à prova.

A fusão de cores e das fendas dão uma dimensão de profundidade e de interpenetração, de modo que a apreensão global se deva quer às cores, quer a uma articulação esforçada à volta da zona mediana que desempenha um papel muito dinâmico, quer à integração cinestésica das formas e das cores.

Nos termos simbólicos do cartão, deparamo-nos com a riqueza de significações possíveis podendo o pólo pulsional compensar ou substituir a solicitação à regressão. Os movimentos regressivos vividos como negativos ou positivos, associam-se a uma simbólica materna pré-genital ligada a fantasmas de gravidez e de nascimento que, reelaboradas mentalmente, proporcionam construções criadoras em cinestésias e cores.

A dificuldade no manejamento destes mesmos fantasmas pode conduzir a respostas cruas ou de deterioração corporal que nos dão conta da fragilidade dos limites interno/externo, ou pelo contrário, o surgimento de um sentido, de algo que possa ser pensado face ao carácter abstracto do cartão.

A tonalidade emocional do cartão X baseia-se em duas particularidades: o facto de ser o último cartão e de, por isso, reenviar à ruptura da situação no sentido de um alívio ou de uma ferida, e o facto de a dispersão e o desmembramento do estímulo favorecer ou bloquear as associações.

A atracção pelas cores, ou pelo contrário a ameaça pela fragmentação e dispersão dos elementos que constituem a mancha, vai mostrar as capacidades de construção de significados elaborados por parte dos sujeitos.

A dispersão das manchas de cor suscita respostas baseadas simultaneamente na cor e no aspecto indeterminado das formas. A multiplicidade das cores, e as formas indefinidas sollicitam as possibilidades do sujeito em termos de síntese e de organização do mundo interno e do mundo externo, podendo a tonalidade afectiva ser absolutamente eufórica ou marcadamente fragmentária, em sujeitos sem sólidas referências de base.

3.3.3.3 Análise das capacidades de expansão mental

Um dos objectivos a que nos propomos atingir com a realização deste trabalho centra-se no estudo das potencialidades de evolução mental das participantes que integram os dois grupos. Propomo-nos igualmente a desenvolver uma metodologia que permite ampliar a metodologia aplicada habitualmente na análise dos dados Rorschach.

A expansão mental tem implícita a ideia de que o pensamento se estrutura a partir de movimentos progredientes, onde se originam elementos alfa, que podem ser pensados e movimentos (regredientes), dos quais resultam elementos não pensáveis (elementos beta), cujo destino é serem evacuados da mente, a partir de mecanismos de defesa como a projecção. O pensar ocorre na oscilação $Ps \leftrightarrow D$ e na relação continente-conteúdo. Quando a identificação projectiva está ao serviço da comunicação, surgem respostas elaboradas que nos dão de uma relação fecundante com o exterior/relacional.

A possibilidade dos sujeitos acederem a processos de transformação num sentido positivo, sob a égide da Posição Depressiva, reagem ao conteúdo latente dos cartões, imputando na sua resposta um conteúdo interno à imagem Rorschach. A passagem dentro dum mesmo cartão, ou entre cartões, de uma resposta com conteúdo humano (H) bem delimitada, por exemplo “*uma pessoa*”, para fragmentos do corpo, por exemplo “*pulmões e rins*”, dá-nos conta da passagem $Pd \rightarrow Ps$. O movimento contrário dá-nos conta de um processo de integração $Ps \rightarrow D$. A repetição dos processos regredientes inscreve-se num processo que Bion designa por *Transformações em Movimento Rígido*, remete para a fuga do subjectivo.

A partir dos dados obtidos nos psicogramas, podemos atribuir um sinal positivo aos elementos alfa e um sinal negativo aos elementos beta. Desta forma, a análise do peso que estes movimentos adquirem ao longo da aplicação do teste, podemos aceder a um potencial de evolução mental dos sujeitos. A atribuição de um valor numérico, a esses dados vai-nos permitir a comparação desse potencial, num mesmo sujeito em diferentes momentos da aplicação, ou entre sujeitos.

Para exemplificarmos, esta metodologia imaginemos que um sujeito dá as seguintes respostas num protocolo:

Cartão I “Um morcego”. À cotação clássica (G F+ A Ban) vamos atribuir o valor dez (10) e neste caso um sinal positivo. Ainda neste cartão, surgiria uma segunda resposta: “Um pulmão” (G F- Anat). Trata-se de uma resposta, à qual vamos atribuir o peso dez, mas agora com um sinal negativo (-10). Este raciocínio possibilita-nos a construção de um gráfico, onde se destacam os movimentos de integração e dispersão, que caracterizam a forma como o sujeito constrói o pensamento ao longo do teste, bem como o cálculo de uma nota final que designamos por Potencial de Evolução Mental. Quanto maior for o valor, maiores serão as possibilidades de expansão mental dos sujeitos. A introdução dos valores no Programa Excel permite-nos construir um gráfico de barras que permite visualizar esses movimentos de evolução e retrocesso na construção do pensamento.

No quadro 4 apresentamos um resumo das variáveis Rorschach em jogo na expansão mental e a respectiva codificação:

Quadro 4 – Variáveis Rorschach em jogo na expansão mental

Modos de apreensão	Características	Níveis de simbolização	Valor
- G associado a boas formas - G elaborados	- Contínente à projecção da Imagem corporal - Capacidade de diferenciação sujeito /objecto	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- G associados a más formas - G sincréticos - G vagos - G impressionistas	- Dificuldades na discriminação interno/externo - Pensamento estético - Indefinição sujeito/objecto	elementos β	-10
- D associados a boas formas	- Relação continente/conteúdo funcional - Curiosidade - Capacidade de controlo das percepções e de inserção no real	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- D associados a más formas - Determinantes sensoriais puros	- Identificação projectiva patológica - Carácter bizarro/delirante	elementos β	-10
- Dd	- Atenção ao pormenor - Relação continente conteúdo funcional - Originalidade do pensamento	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- Dd arbitrário	- Pensamento confuso, não Socializado	elementos β	-10
- Dbl - D bl	- Atracção pelo vazio - Identificação projectiva patológica - Falha na relação continente conteúdo	elementos β	-10
- Do	- Falha perceptiva e fantasmática	elementos β	-10

Quadro 4 (continuação) – Variáveis Rorschach em jogo na expansão mental

Determinantes			
- F+	- Capacidade de delimitação de um continente - Distinção real/imaginário	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- F- e F \pm	- Desinvestimento da realidade - Indefinição entre continente e conteúdo	elementos β	-10
- K de qualidade	- Capacidade de simbolização	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- K de má qualidade	- Indefinição entre continente e conteúdo	elementos β	-10
- Kan de qualidade	- Curiosidade - Boa relação continente/contéudo	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- Kan de má qualidade	- Falha na relação continente/contéudo	elementos β	-10
- Kp	- Identificação projectiva com carácter patológico	elementos β	-10
- Kob	- Com carácter destrutivo Fragilidade do continente	elementos β	-10
- FC; CF	- Sensibilidade à realidade exterior - Boa relação continente /contéudo	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- C	- Fragilidade e impermeabilidade do continente	elementos β	-10
Esbatimento de difusão ou de textura	Falha na relação continente / contéudo	elementos β	-10
- Esbatimento de perspectiva	- Conduta activa perceptivo sensorial	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10

Quadro 4 (continuação) – Variáveis Rorschach em jogo na expansão mental

Conteúdos			
- H de qualidade	- Reconhecimento da sua identidade subjectiva - Aptidão para diferenciar o real do imaginário	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- H sem qualidade - Hd - Sexuais - Anatómicos	- Falha da relação continente/conteúdo - Fragilidade do continente	elementos β	-10
- A	- Pensamento socializado - Em excesso, sinal de angústia	$\beta \rightarrow \alpha \rightarrow$ conceito	10
- Ad	- Falha na simbolização	elementos β	-10

3.4 Tratamentos estatísticos

Para o tratamento estatístico dos dados recorreremos ao Programa SPSS (versão 17). A Análise de Correspondências Múltiplas foi realizada no Departamento de Métodos de Pesquisa Social do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa- Instituto Universitário de Lisboa.

Relativamente aos dados obtidos a partir das Entrevistas Clínicas os procedimentos estatísticos utilizados foram os seguintes: o teste *t de Student*, qui-quadrado, e o teste *de Mann-Whitney*. No quadro 5 destacamos as variáveis decorrentes da aplicação das Entrevistas Clínicas e os testes estatísticos aplicados com o objectivo de se averiguar as diferenças entre os dois grupos de participantes:

Quadro 5 – Variáveis sociodemográficas e testes estatísticos aplicados

Entrevista clínica			
Variáveis	Testes	Variáveis	Testes
Idade	teste t de Student	Conjugalidade	qui-quadrado
Estado civil	qui-quadrado	Maternidade	qui-quadrado
Escolaridade	qui-quadrado	Idade do 1º consumo	qui-quadrado
Percurso escolar	qui-quadrado	Efeitos obtidos	qui-quadrado
Percurso profissional	qui-quadrado	Consequências	qui-quadrado
Relação com os pais	qui-quadrado	Quantidade de álcool ingerida	Mann-Whitney
Infância	qui-quadrado		

Relativamente à análise efectuada aos dados resultantes dos Rorschach os procedimentos estatísticos utilizados foram os seguintes: Mann-Whitney, Teste t de Student e Qui-quadrado. No quadro 6 seguinte descrevemos de que forma se operacionalizaram as análises efectuadas:

Quadro 6 - Variáveis Rorschach e testes estatísticos aplicados

Rorschach	
Objectivos	Testes
Análise das diferenças relativas aos dados obtidos nos psicogramas entre o Grupo 1 e o Grupo 2	Mann-Whitney, t de Student, qui-quadrado
Análise das diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 em cada cartão	qui-quadrado

Relativamente à Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), trata-se de um método particularmente apropriado à abordagem simultânea de múltiplos indicadores e ao tratamento de variáveis qualitativas, extensível a variáveis quantitativas privilegiadamente categorizadas.

Os pressupostos para a aplicação da ACM são a multidimensionalidade do espaço de análise, a abordagem estrutural dessa multidimensionalidade e a operacionalização de indicadores qualitativos (Carvalho, 2008, p. 21).

A questão da multidimensionalidade do espaço de análise é assegurada pelo facto de cada factor deter uma funcionalidade específica na definição da estrutura dos objectos em análise. A individualidade de cada uma das variáveis é preservada, consideramos essencial a sua interdependência. Este factor encontra-se assegurado pela intersecção das diferentes variáveis psicológicas e sociais em estudo. Mais importante do que fazer a análise dos múltiplos factores (variáveis em estudo) enquanto unidades independentes, valorizamos a análise do sistema de relações que se definem entre elas. Este pressuposto, permite-nos aceder a uma lógica estrutural, face a um fenómeno como o alcoolismo, ao mesmo tempo permite-nos ultrapassar a divisão clássica entre estudos sociológicos e psicológicos. As variáveis traduzem-se em categoriais, cuja lógica subjacente à sua operacionalização, foi explicitada anteriormente.

Por fim, um outro motivo que nos levou a optar por esta metodologia de análise tem a ver com a possibilidade de visualização gráfica das inter-relações que se estabelecem entre as variáveis. As categorias com uma associação próxima apresentam uma proximidade no “mapa” das relações entre categorias, e os que não são projectam-se em diferentes “regiões do espaço”.

IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados obtidos das entrevistas relativos aos dois grupos de mulheres participantes no estudo, num primeiro momento vamos comparar os perfis sociodemográficos, a forma como evidenciam as vivências subjectivas mais significativas no seu percurso de vida, constituintes do “mito individual” e por fim a forma como o alcoolismo se foi impondo no seu percurso existencial. Com o objectivo de se salientar quais as variáveis que assumem uma significância na distinção entre os dois grupos recorreremos a estatística univariada. Num segundo momento destacamos quais os “mitemas” evidenciados pelas participantes no estudo, recorrendo à Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), destacando na análise das variáveis que os constituem, a importância do dionisíaco e do apolíneo, no evoluir do processo de decadência existencial. Estes dados serão confrontados com os estudos sobre o alcoolismo na mulher referidos no primeiro capítulo.

A análise dos dados obtidos a partir dos Rorschach divide-se em três momentos: os resultados mais significativos obtidos a partir dos psicogramas, análise da simbólica cartão a cartão e análise das capacidades de expansão mental das intervenientes no estudo. Em relação aos dois primeiros itens, a lógica assenta na comparação dos resultados entre os dois grupos, realizada a partir da estatística univariada. Os núcleos de variáveis que nos permitiram aceder às capacidades de expansão mental foram obtidos a partir da ACM.

4.1 Dados sociodemográficos, vivências subjectivas e percursos alcoólicos

Em relação à média de idades das participantes no estudo, esta é de 44 anos. Quando comparamos os dois grupos de mulheres, concluímos que a diferença de idades entre os dois grupos é estatisticamente significativa $t(98) = 2,015$, $p=0,047$, tendo as participantes do Grupo 1 uma idade superior ao Grupo 2 (45,4 versus 41,5 anos).

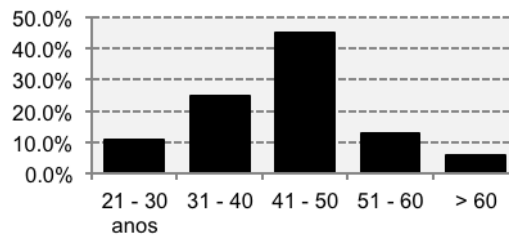


Figura 4 – Distribuição geral das participantes pelos grupos etários

A média de idades da amostra global coincide com a caracterização feita por Wilsnack e Cheloba (1987), sendo ligeiramente superior à média etária referida por Santos (2001), relativa às mulheres que recorriam à consulta de Alcoologia no Centro Regional de Alcoologia de Lisboa. No entanto, questionamos o facto referido por Wilsnack e Cheloba (1987), de que a mulher em risco se encontra na faixa etária dos 35 aos 45 anos, pois o risco existe desde que haja consumo excessivo de bebidas alcoólicas e esse consumo existe desde adolescência, como comprovam as participantes que constituem o Grupo 2.

No que diz respeito aos estados civis mais representados, constatamos que 47% mulheres são casadas, 17% são solteiras, 28% são separadas ou divorciadas e 8% são viúvas. A diferença na distribuição dos grupos no estado civil é estatisticamente significativa, qui-quadrado (3) = 9,875, $p=0,020$. Há uma proporção mais elevada de participantes do Grupo 2 que são solteiras (64,7% versus 35,3%) e de participantes do Grupo 1 que são viúvas.

O facto de 47 % das mulheres que compõem a amostra em estudo serem casadas, vai ao encontro da caracterização feita por Santos (2001), segundo a qual, 49% das mulheres que frequentam a consulta no Centro Regional de Alcoologia de Lisboa são casadas. Os dados são igualmente coincidentes com a caracterização feita por Wilsnack e Cheloba (1987) e Wilsnack, Wilsnack e Klassen (1986), que referiam uma percentagem superior de mulheres divorciadas e solteiras alcoólicas.

Relativamente à amostra global, a média é de nove anos de escolaridade. Destacamos o facto de vinte mulheres terem concluído o Ensino Secundário e vinte mulheres concluíram uma licenciatura. No outro extremo, duas mulheres não adquiriram qualquer grau de escolaridade e vinte e sete, apenas o 1º ciclo.

O recenseamento feito à população portuguesa em 2001, pelo Instituto Nacional de Estatística (<http://www.marktest.com/wap/a/n/id~45c.aspx>), mostra que 14.4 % da população portuguesa não tem qualquer grau de ensino e apenas 35% detêm o 1º ciclo do ensino básico. Quando nos centramos nos dados relativos à população feminina, os valores do analfabetismo sobem para 15% e com o 1º ciclo, 35%. Desta forma constatamos que 50% da população feminina não tem um grau de escolaridade superior ao 1º ciclo. Em relação ao ensino médio e superior, a percentagem de mulheres que conclui este grau de ensino é de 14.4%.

Os grupos são equivalentes em termos de escolaridade, *teste de Fisher*=11,131, $p=0,064$, bem como em relação ao percurso escolar, *teste de Fisher*=2,892, $p=0,604$.

Ao compararmos os níveis de escolaridade das participantes no nosso estudo com a população geral, constatamos que o seu grau de escolaridade é superior ao da população geral, contrariamente ao que era esperado. A média de 9 anos de escolaridade das participantes é superior à referenciada pelo inquérito do Instituto Nacional de Estatística, referido anteriormente. As participantes no nosso estudo, apresentam igualmente uma escolaridade superior ao estudo apresentado por Santos (2001).

Apesar do grau de escolaridade ser superior ao esperado, quando comparamos com os níveis de escolaridade da população portuguesa, assume importância a analisarmos os motivos que levam estas mulheres a abandonar os estudos. Com efeito, só 32 mulheres atingiram os objectivos previstos. Cinquenta e nove mulheres interromperam o percurso escolar por dificuldades económicas e para assim se integrarem no mundo laboral. Nove mulheres interromperam os estudos para casar ou porque engravidaram.

Destacamos o facto de que quarenta e seis mulheres participantes no nosso estudo se integram no grupo 9, sendo trabalhadoras não qualificadas (operárias, e domésticas). Vinte e uma mulheres integram-se no grupo dos profissionais qualificados, com o grau de escolaridade ao nível de licenciatura (grupo 2). Entre as mulheres licenciadas, salienta-se que 11 são Docentes do Ensino Secundário e Universitário. A baixa qualificação profissional associada a baixos salários, pode estar associada a preocupações económicas, limitação no desempenho de papéis sociais, e consequentemente a uma baixa auto-estima. A diferença na distribuição dos grupos na variável início da actividade profissional é estatisticamente significativa, *Fisher*=9,011, $p=0,029$. Há uma proporção mais elevada de participantes do Grupo 2 que iniciaram a actividade profissional aos 16-18 anos (55,2% vs 44,8%).

Em relação à sua proveniência, as participantes no estudo habitam na sua maioria na região urbana e suburbana de Lisboa (73%). Apesar de a Casa de Saúde do Telhal não ter uma região definida, constatamos que são as mulheres que vivem na região de Lisboa e nos seus limítrofes que se deslocam a esta instituição. Cremos que este facto não será alheio à dificuldade que as mulheres têm em se afastar dos seus lares, o que certamente contribui para que os diferentes estudos epidemiológicos que incidem sobre o alcoolismo na mulher mostrem apenas uma parcela de uma realidade que continua muitas vezes abafada por sentimentos de vergonha e de culpa. A par destes sentimentos que levam ao escamoteamento desta realidade pelas mulheres que sofrem desta problemática e pelos seus familiares, acresce ainda o facto de assumirem o cuidado dos filhos e do lar.

De seguida vamos proceder à análise da forma como as participantes descrevem as vivências decorrentes da relação com os pais, e os períodos significativos como a infância e a adolescência, a conjugalidade e a maternidade, e assim podermos confrontar estes dados com as abordagens teóricas do alcoolismo na mulher e que referimos anteriormente. Como podemos ver no quadro G 6 (anexo G), no que diz respeito à relação com os pais, entre as 100 participantes no estudo, apenas 45, a descrevem como “boa”. Trinta mulheres referem que a relação foi marcada por terem um pai alcoólico e cinco mulheres, referem que o pai as agredia. A figura materna é referenciada como agressiva e tendo problemas de alcoolismo por treze mulheres. Os dois grupos são equivalentes em termos da forma como descrevem a relação com os pais, teste de *Fisher*=10,024, $p=0,131$.

A infância é descrita como “boa” por 37 mulheres. As dificuldades económicas e a violência doméstica surgem novamente como factores que marcaram este período e referenciados por 40 mulheres. Destacamos o facto de uma mulher ter referido que teria sido vítima de abusos sexuais por parte da figura paterna. Não há diferenças significativas, na forma como as participantes dos dois grupos descrevem as vivências que marcaram a sua infância, teste de *Fisher*=12,032, $p=0,133$.

No que diz respeito à adolescência, apenas 18 mulheres a qualificaram como “boa”. O consumo excessivo e progressivamente dependente de bebidas alcoólicas, vão condicionar a forma como esta etapa é vivida pelas mulheres que se integram no grupo 2. O casamento e a gravidez surgem igualmente como referências que marcam a vivência deste período. Dezassete mulheres referem que a sua adolescência foi marcada pelo casamento e onze, referem ter engravidado nesse período.

Em relação à forma como descrevem a infância e a adolescência, estes dados são coincidentes com a descrição feita por Drake e Vaillant (1988), e Miller e Donovans (1995), as quais destacavam que as mulheres alcoólicas eram vítimas de maus tratos e de relações perturbadas na sua infância. No entanto, não é a figura materna que é referenciada com mais frequência, como aludia Faoro-Kreit (2000/2010) e Birath (2010), mas sim a figura paterna. A violência doméstica poderá resultar do alcoolismo por parte do pai, pois 30 mulheres referem que o pai é alcoólico.

Apesar da violência sexual, por parte do pai surgir com alguma frequência na literatura que incide sobre o alcoolismo na mulher (Miller & Downs, 1995), na prática clínica, este dado não é referido pelas mulheres alcoólicas. Apenas uma mulher, referiu que foi violada pelo pai na infância. A vergonha e quiçá a culpa poderão contribuir para a sua ocultação.

Em relação à vivência da conjugalidade, destacamos o facto de que das 100 mulheres, apenas cinco, descrevem a relação conjugal como “boa”. As relações extra-conjugais e os maus tratos físicos e verbais por parte do conjugue, são referidas por 44 mulheres, como uma fonte de sofrimento. Acresce-se a esta conjectura, o alcoolismo do conjugue, igualmente como um factor determinante na violência doméstica.

Apesar da existência de um contexto familiar desestruturado, 56 mulheres assumiram o cuidado dos filhos. Nove mulheres referiram que viveram uma gravidez indesejada e que esta se tornou num “peso”. A diferença na distribuição dos grupos, em relação à forma como foi vivida a maternidade é estatisticamente significativa. Há uma proporção mais elevada de mulheres pertencentes ao grupo 1 que são cuidadoras dos filhos (73.2% vs 26.8%) e de mulheres pertencentes ao grupo 2 sem filhos (65.4% vs 34.6%). Os grupos são equivalentes relativamente à vivência da conjugalidade, teste de *Fisher*=11,224, *p*=0,118.

Perante este conjunto de circunstâncias, que assumem um carácter destrutivo, desde logo questionamos a forma como Faoro-Kreit (2000/2002), caracteriza a estruturação da relação conjugal vivida pela mulher alcoólica, segundo a qual, seria a “incapacidade de fixar o materno no interior de si própria, que não permitiria a constituição de um sentimento de identidade e a descoberta da alteridade” (p.110). A consequência desta falha resultava na vivência do outro como “ameaçadora”. O comportamento do conjugue, marcado pela violência, relações extraconjugais e o alcoolismo, são igualmente factores que contribuem para vivência do outro como ameaçadora e destrutiva.

Estes dados vão contra a perspectiva dada por autores como Jones (1971) e Wilsnack (1976), segundo a qual a conjugalidade e a maternidade estariam comprometidas pela existência de um conflito entre o desempenho de papéis familiares e sociais. No turbilhão de um ambiente familiar, que, como vimos, é muitas vezes marcado pela violência doméstica, quem assume as funções de cuidadora, é a mulher, mesmo que a sua existência seja condicionada pela dependência de bebidas alcoólicas.

Desta forma, não nos parece que a problemática se situe ao nível de um conflito face ao desempenho de papéis familiares / profissionais (Wilsnack, Klassen & Wright, 1986), mas sim no sentimento de impotência perante as limitações, decorrentes do processo de alcoolização.

Vamos analisar agora a forma como o alcoolismo vai assumindo uma preponderância na vida destas mulheres.

A diferença na distribuição dos grupos em relação à variável “idade do primeiro consumo” é estatisticamente significativa, $Fisher=15,256$, $p=0,005$. O consumo das mulheres que começaram a beber excessivamente na adolescência teve início entre os 13 e os 18 anos (52% vs 48%) (grupo 2), enquanto as participantes que constituem o grupo 1, o consumo de bebidas alcoólicas, teve início entre os 27 e os 35 anos (100%). Catorze mulheres iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas entre os 5 e os 12 anos, 50 mulheres começaram a ingerir bebidas alcoólicas entre os 13 e os 18 anos e no outro extremo, temos duas mulheres que nunca tinham bebido bebidas alcoólicas até aos 45 anos.

Este factor vai condicionar o tempo de evolução do consumo de bebidas alcoólicas, até ao padrão de consumo actual, por parte das participantes no nosso estudo. Com efeito, 36 participantes do grupo 1, consumiram excessivamente num período de um a cinco anos, enquanto, no grupo 2, temos 22 participantes com um consumo excessivo de bebidas alcoólicas que se situa entre 21 a 40 anos. Podemos destacar ainda que sete mulheres consomem bebidas alcoólicas há um ano e com menos de 10 anos de consumo temos 31 mulheres. Com mais de 30 anos de consumo de bebidas alcoólicas temos 18 mulheres.

Quando questionadas com que idades sentiram que perderam o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas, referem que, em média, têm onze anos de consumo excessivo. Nove mulheres dizem consumir excessivamente há um ano (Grupo 1), enquanto no Grupo 2, 13 mulheres admitem consumir em excesso há mais de 25 anos.

Oitenta e uma mulheres referiram que nunca consumiram outras substâncias para além de bebidas alcoólicas. Dez mulheres consumiram haxixe, sete consumiram heroína num período da sua vida, uma referiu ter consumido cocaína e uma participante referiu o consumo excessivo de benzodiazepinas. Estes dados contrariam as percentagens referidas no Relatório Anual do Instituto da Droga e Toxicoddependência de 2008 relativo ao consumo de drogas em Portugal, que nos dá conta de um número significativo de casos onde existe a associação entre várias substâncias tóxicas. O facto de a maioria ter referido que nunca consumiu outras substâncias, levou a que não incluíssemos esta variável no nosso estudo.

A diferença no consumo de bebidas alcoólicas, quantificado em gramas de álcool é estatisticamente significativa, $Z=-2,438$, $p=0,015$. O consumo médio é mais elevado nas participantes do grupo 2, situando-se entre 171g a 210g, do que nas mulheres pertencentes ao grupo 1 (131g a 170g).

Ao nível dos efeitos desejados com o consumo das bebidas alcoólicas, a diferença na distribuição dos grupos é estatisticamente significativa *Qui-quadrado* (4)=63,370, $p=0,000$. Há uma proporção mais elevada de participantes do grupo 2 que consideram que o álcool lhes provoca euforia (100.0%) e de participantes do grupo 1 a valorizar antes os efeitos: esquecer tudo e aguentar os problemas (90.9% vs 9.1%), alívio de tristeza (83.8% vs 16.7%) e alívio do esforço da vida doméstica/maternidade (88.2% vs 11.8%).

No que diz respeito à identificação das circunstâncias que originaram o consumo excessivo de álcool, por parte dos participantes, podemos observar que no Grupo 2, 38 mulheres referem que iniciaram o consumo excessivo e consequente perda de controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência, e duas como consequência de maus tratos físicos infligidos pelo companheiro, no período da adolescência. O grupo de pares é referenciado como o contexto preferencial onde ocorrem esses consumos. Trinta e três mulheres, pertencentes ao Grupo 1, assumem que começaram a beber excessivamente na sequência de maus tratos físicos e sexuais, infidelidade por parte do conjugue. Estas mulheres referem habitualmente que não gostam do paladar das diferentes bebidas alcoólicas, mas procuram sim os seus efeitos referidos anteriormente (esquecer tudo e aguentar os problemas, alívio de tristeza e alívio do esforço da vida doméstica/maternidade).

Por fim, em relação às consequências, 47 mulheres referem que o alcoolismo trouxe problemas de relacionamento com a família, 14 mulheres referiram que o

alcoolismo lhes trouxe problemas de saúde, 14 mulheres referiram que foram despedidas na sequência de alterações de comportamento no local de trabalho, e 13 mulheres referem que vivem com culpabilidade por não serem capazes de cuidar dos filhos. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos quanto à forma como as mulheres avaliam as consequências causadas pelo alcoolismo, *qui-quadrado* (5) 9,838, $p=0,080$. Salientamos o sentimento de culpabilidade por o alcoolismo ter levado à incapacidade de cuidar dos filhos. Destacamos ainda a existência de nove mulheres que dizem ter perdido o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas após uma situação de luto, destacando-se a viuvez. No quadro seguinte sintetizamos as principais diferenças entre os dois grupos:

Quadro 7 – Diferenças significativas - factores sociodemográficos

	Grupo 1	Grupo 2
Idade	Média 45 anos	Média 41 anos
Estado civil	Casadas, viúvas	Solteiras
Maternidade	Cuidadoras dos filhos	Sem filhos
Início do consumo excessivo	Entre os 27 e os 35 anos	Adolescência
Efeitos	Esquecer Suportar os problemas Alívio da tristeza Alívio do esforço com a vida doméstica e Cuidar dos filhos	Euforia
Causas	Violência física Violência doméstica Infidelidade conjugal	Importância do grupo

Sintetizando, podemos referir que as mulheres que procuram o internamento no Serviço de Alcoologia da Casa de Saúde do Telhal têm em média 44 anos, em média com nove anos de escolaridade, integrando-se preferencialmente em trabalhos pouco qualificados.

A infância e a adolescência são marcadas pela pobreza económica, e muitas vezes pela violência doméstica. A figura paterna é muitas vezes apontada como o agente agressor, situação agravada pelo facto de também ter problemas ligados ao álcool.

Desde logo, somos confrontados pelo peso que os problemas sociais representam no alcoolismo em geral. Na realidade assistimos a uma replicação do “ciclo da pobreza”, descrito por Bruto da Costa (1998), na medida em que é a pobreza económica que leva ao abandono escolar, a integração precária no mundo do trabalho. A

adolescência é marcada muitas vezes pela saída de casa dos pais, o casamento ou a coabitação com um companheiro, muitas vezes também ele agressor. Todavia, realçamos o facto de ser a mulher na maior parte das vezes a assumir o cuidado dos filhos, ainda que esta função a par da vida doméstica exija um esforço que leva ao consumo de álcool.

Concretamente em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, constatamos que quando tem início na adolescência, assistimos uma maior desertificação afectiva, na medida que muitas vezes, estas mulheres ficam sós, ou mantendo apenas relações esporádicas. Pelo contrário, nas mulheres do Grupo 1, a constituição de uma família, é um elemento essencial no desenrolar do seu percurso de vida.

Um outro aspecto relacionado com o percurso alcoólico, que nos parece essencial para a compreensão desta caminhada, diz respeito aos efeitos suscitados pelo consumo de bebidas alcoólicas, considerados essenciais pelas participantes dos dois grupos. No Grupo 1 assistimos à busca do alívio para o sofrimento que vivem no seu quotidiano. Perante realidades consideradas inultrapassáveis, procuram no álcool a fuga das mesmas. O rigor apolíneo assume aqui a sua potência, na medida em que muitas vezes o “peso” das regras sociais não lhes permite a tomada de decisões que possam coloca-las em causa. No Grupo 2, pelo contrário, a euforia aproxima-se aí de um estado dionisíaco exacerbado, vivendo num mundo de ilusões, esbatendo-se dessa forma a importância da realidade. É claro que estes posicionamentos perante o mundo da realidade e da fantasia irão ser esclarecidos no ponto seguinte, dedicado aos aspectos psicológicos estudados através do método Rorschach.

No sentido de clarificar estas perspectivas, de seguida vamos ver de que forma se definem os diferentes “*mitemas*” individuais, identificados a partir da Análise das Correspondências Múltiplas, permitindo compreender de que forma estas variáveis sociais e psicológicas se interligam.

4.2 Definição dos “mitemas” individuais

Relativamente aos dados sociodemográficos do Grupo 1 (figura 5), identificamos quatro padrões distintos. No primeiro quadrante, podemos observar uma associação privilegiada entre a forma como é vivida a conjugalidade e o alcoolismo.

Com efeito, a relação com os pais e a infância são descritas como tendo sido “boas”. No entanto, consideram que a adolescência foi marcada por conflitos com os pais.

Consideram que cumpriram os objectivos em relação aos estudos e iniciaram uma actividade laboral entre os 19 e os 26 anos. A vivência da conjugalidade é marcada por conflitos com o conjugue.

O consumo de bebidas alcoólicas iniciou-se entre os 26 e os 35 anos, e a circunstância considerada fulcral pelas participantes, que levou ao alcoolismo, foi o divórcio. O efeito atribuído ao álcool, e que consideram essencial para a manutenção do seu consumo, está ligado à indução do sono.

Na vizinhança (2º quadrante), assistimos a uma acentuação dos sentimentos negativos face à vivência da relação conjugal. Neste caso, a adolescência é desde logo marcada pela gravidez. Consequentemente, o percurso escolar é interrompido para assumirem o papel de esposa ou de companheira. As relações conjugais são marcadas pela violência física por parte do companheiro. No que diz respeito ao aumento progressivo do consumo de bebidas alcoólicas teve início há cerca de 10 a 15 anos. A quantidade de gramas álcool/dia situa-se entre 90 g a 130 g. As circunstâncias que consideram estar na origem do alcoolismo estão directamente relacionadas com a violência doméstica de que são vítimas.

Ainda neste perfil, não com um peso tão significativo, na sua diferenciação face aos restantes, encontramos uma associação entre a violência doméstica, no período da infância, exercida essencialmente pela figura paterna, sobre as participantes e os restantes elementos da família, e a vivência da maternidade como indesejada. O consumo de bebidas alcoólicas inicia-se na adolescência e a quantidade de álcool ingerida situa-se entre as 170 g e as 210 g/dia. Neste caso, consideram que a o alcoolismo teve como consequência, a retirada do poder paternal, tendo as crianças sido recolhidas em instituições, por ordem judicial.

No terceiro quadrante, encontramos uma associação entre variáveis de ordem psicológica (tristeza) e factores de ordem económica. A família vive numa situação de pobreza económica e que surge descrita como condicionante da forma como decorre o período da infância. A escolaridade é interrompida e a entrada no mundo do trabalho, faz-se antes dos 10 anos.

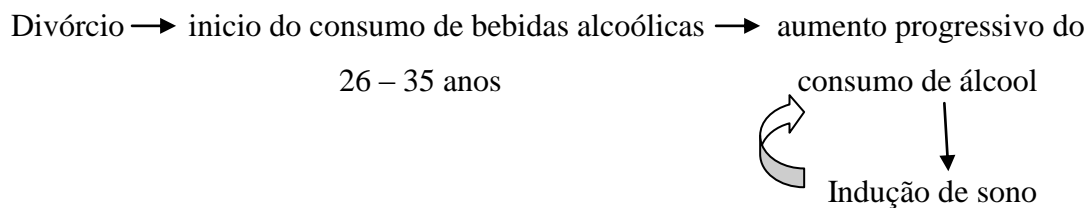
A conjugalidade é marcada por relações extraconjugais, por parte do conjugue. O álcool surge como um “medicamento” cujo efeito esperado, é o alívio da tristeza. Ainda neste perfil, mas não tendo um peso tão discriminante surge a variável que diz

respeito ao alcoolismo do marido e que é considerada marcante para a vivência da relação conjugal.

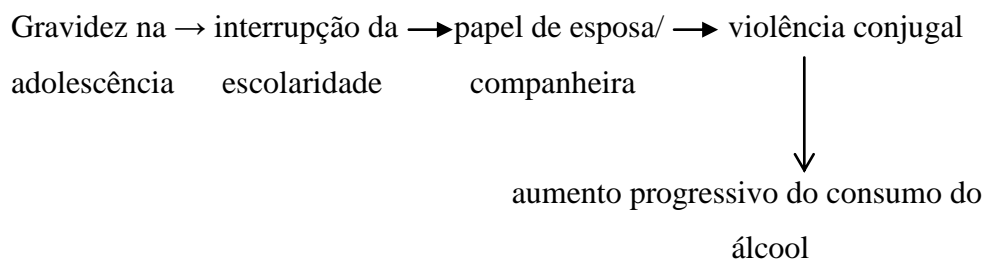
Por fim, no quarto quadrante, encontramos uma associação entre um sentimento de solidão vivido no contexto da relação conjugal. Sem filhos, iniciam o consumo de bebidas alcoólicas entre os 35 e os 45 anos e consideram que a perda do controle sobre esse consumo está directamente relacionado com o facto de se “sentirem sós mesmo acompanhadas”. Existe o receio em relação às consequências que possam advir desse consumo, centrado no seu estado de saúde física. O tempo de evolução de consumo é de um a cinco anos e a quantidade de gramas de álcool ingeridas por dia, situa-se no intervalo (130g-170g).

Podemos resumir esquematicamente estes quatro padrões que integram o Grupo 1 da seguinte forma:

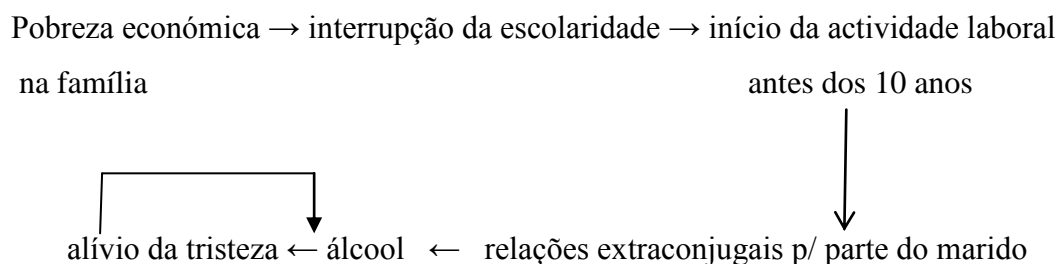
1º mitema:



2º mitema:



3º mitema:



4º mitema:

Solidão vivida na relação conjugal → alcoolismo

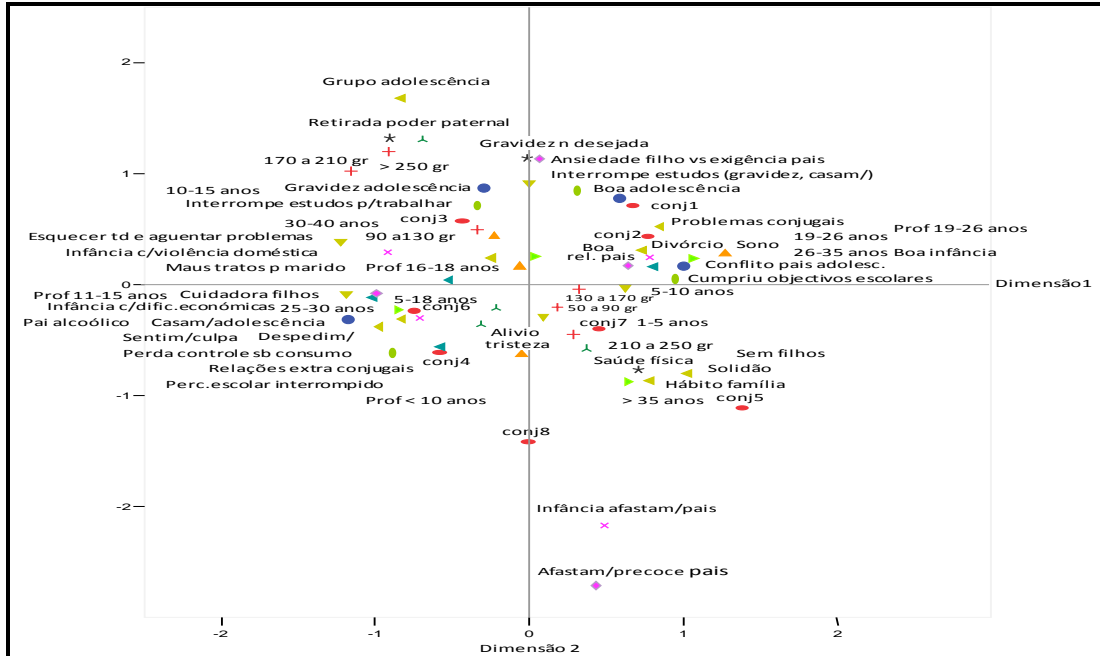


Figura 5 – Configuração Topológica das variáveis psicossociais - Grupo 1

Em relação ao Grupo 2 encontramos igualmente quatro padrões distintos (figura 6).

No primeiro quadrante, o alcoolismo a par do consumo de drogas têm início na adolescência. Antes do internamento tinham um consumo que se situava entre as 210g a 2500g/dia. E o efeito desejado que as leva a manter esse consumo é o acesso a um estado de euforia. Este nível de consumo tem um tempo de evolução que se situa entre 10 a 15 anos. Consideram que a consequência do alcoolismo se revela no seu estado de saúde física. O percurso escolar é interrompido devido a dificuldades económicas. São na generalidade solteiras e não têm filhos.

O padrão que no 2º quadrante é idêntico ao perfil obtido no 1º quadrante. A pobreza económica leva à interrupção dos estudos, solteiras e sem filhos. Têm um tempo de consumo de bebidas alcoólicas que se situa entre os 15 e os 20 anos, consumindo 130g a 170g álcool/dia.

No 3º quadrante destaca-se desde logo, uma infância marcada pela violência doméstica, exercida por um pai alcoólico. O percurso escolar é interrompido para casarem e a adolescência é marcada pela gravidez. Apesar de assumirem que estas gravidezes não são desejadas, referem que cuidam dos filhos. A relação conjugal é marcada por maus tratos exercidos pelo companheiro sobre estas mulheres e os filhos. Começam a trabalhar entre os 11 e os 16 anos. O consumo de bebidas alcoólicas tem início por volta dos 5 anos, pelo que o alcoolismo tem um tempo de evolução que se situa entre os 30 e os 40 anos. O efeito procurado no álcool é o alívio do esforço das actividades domésticas, do cuidar dos filhos e do trabalho. A consequência que consideram estar na origem do alcoolismo é a vivência de um sentimento de culpa por não serem capazes de cuidar dos filhos como gostariam.

Finalmente, no último quadrante, estamos perante um perfil, em que a infância é marcada pelo afastamento do pai. Na adolescência surgem conflitos com as figuras parentais. Ao nível da conjugalidade caracterizam o companheiro como distante. A relação com os filhos é posta em causa pelos serviços da justiça, sendo retirado o poder paternal.

De forma resumida no Grupo 2 podemos igualmente definir os seguintes padrões:

1º mitema:

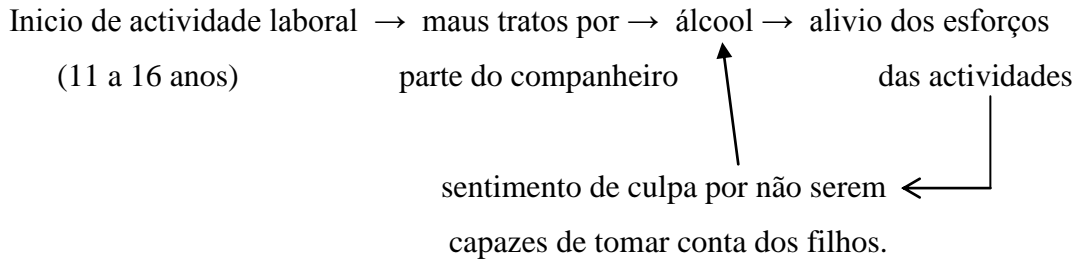
Interrupção da escolaridade → iniciam consumo de álcool na adolescência → euforia → alcoolismo (10 a 15 anos)

2º mitema:

Interrupção da escolaridade → iniciam consumo de álcool na adolescência → euforia → alcoolismo (15 a 20 anos)

3º mitema:

Pai alcoólico → violência doméstica → casamento → interrupção escolar →



4º mitema:

Afastamento do pai na infância → conflitos com as figuras parentais → consumo excessivo de álcool na adolescência

→ sentimento de que o conjugue é distante afectivamente → aumento progressivo do consumo de álcool

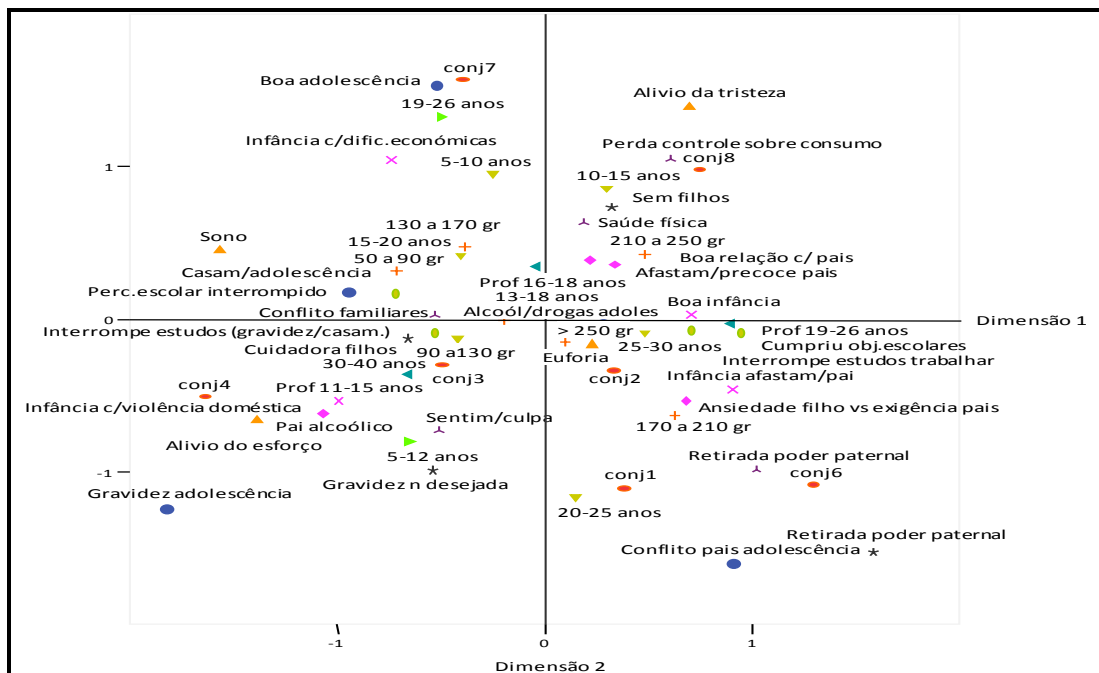


Figura 6 – Configuração Topológica das variáveis psicossociais - Grupo 2

4.3 Síntese integrativa

A análise da entrevista incidu sobre as variáveis psicológicas e sociais das participantes no estudo, bem como das suas vivências psicológicas, entre as quais se destacam as que estão associadas ao fenómeno em estudo – o alcoolismo na mulher. A metodologia de análise utilizada permitiu avaliar a importância de cada variável na caracterização das participantes e identificar as principais dimensões associadas ao alcoolismo.

A análise das Correspondências Múltiplas conduziu à caracterização de oito padrões da realidade subjectiva (quatro padrões em cada grupo) que nos dão conta da homogeneidade das variáveis e, na nossa perspectiva, permitem aprofundar os conhecimentos sobre o fenómeno que nos propusemos estudar.

A partir dos dados sociodemográficos, podemos delinear um perfil das participantes no nosso estudo que se caracteriza da seguinte forma: mulheres com uma média de idades de 44 anos, casadas (47%), em média com nove anos de escolaridade, têm empregos não qualificados (46%), não tendo atingido os objectivos desejados no seu percurso escolar. Destacamos que oito mulheres começaram a trabalhar na agricultura e em fábricas, aos oito anos. Maioritariamente vivem na região de Lisboa (73%).

Em relação à forma como caracterizam os seus relacionamentos pessoais, destaca-se que apenas 40% consideram ter tido uma infância feliz, reportando este sentimento a dificuldades económicas, vividas pela família. O casamento e a maternidade marcaram a adolescência de 28 mulheres. Quanto à conjugalidade, somente cinco mulheres referem ter uma experiência gratificante e 44 mulheres alegam que foram vítimas de maus tratos físicos e verbais por parte dos conjugues.

Por fim, em relação ao percurso alcoólico, destacamos que enquanto nas participantes do Grupo 1, há uma procura de um alívio do esforço resultante das actividades domésticas, e de um alívio do sofrimento resultante dos maus tratos físicos e sexuais e da infidelidade conjugal, no Grupo 2, os efeitos são menos concretos, referindo apenas a procura de um estado de euforia.

Em função destes dados, e tendo em conta os objectivos delineados neste estudo, face às modalidades da relação apresentadas pelas participantes que integram o nosso

estudo, vamos colocar algumas hipóteses sobre a forma como a relação com a realidade interna e externa é mediada por padrões cognitivos e emocionais e a partir dessas constatações, tecer algumas considerações sobre o papel desempenhado pelo álcool nestes processos, relativamente às participantes que integram o Grupo 1 e o Grupo 2. Estas modalidades de funcionamento mental irão ser aprofundadas, quando confrontados com a os dados Rorschach.

No Grupo 1, os “mitos individuais” centram-se em torno de uma realidade externa, descrita como insuportável, no seio da qual a problemática diz respeito essencialmente à forma como se processa a conjugalidade. Com efeito, o divórcio, a violência conjugal, e as relações extraconjugais por parte do marido, assumem uma importância considerada pelas participantes, determinante no desenrolar das suas histórias de vida, e, concomitantemente, como estando envolvida na génese e manutenção do alcoolismo. Da leitura das entrevistas e do contacto com estas mulheres, fica a ideia de que se adaptaram ao meio, de forma passiva e plástica, com uma falta de afirmação pessoal e de atitude. Agiam e sentiam como se fossem outras pessoas, criando uma imagem de uma boa adaptação face aos outros, numa linha de funcionamento mental, descrita por Deutsch (1942/1986) como personalidades “*as if*”. Um quadro clínico que nos dá conta da ausência de sintomas psiconeuróticos, mas sim de uma pseudo-normalidade que se traduz numa passividade e submissão ao meio, sem autenticidade nem calor. Não estamos perante uma deformação da realidade, mas sim de uma ausência de interesse pela verdade sobre a mesma. A vida torna-se então um palco onde se representam papéis, sem lugar para o íntimo e para a criatividade. Mesmo as situações de violência, que dizem ter sofrido, integram-se nessas representações, de onde muitas vezes não conseguem sair, quiçá pela passividade face à necessidade de terem que tomar uma atitude. O álcool e o dionisíaco são um meio de assumirem e de reforçar o papel de submissão face ao meio. Sob o efeito do álcool, o sono e o sonho adquirem igualmente a função de permitir a retirada da realidade. Vive-se a vida de forma anestesiada. A possibilidade de relação com o outro é vivida como uma ameaça a este estado de pseudo-tranquilidade, pelo que é rompida e des-libidinizada.

Esta passividade face ao meio pode ser ainda facilitada, pelo álcool, enquanto elemento liquidificador de conflitos, de tensões e de uma vivência da culpabilidade que muitas vezes é silenciosa e latente. O último papel desempenhado será o de doente alcoólica, internada numa clínica, onde os outros (técnicos e utentes) têm igualmente funções (papéis) atribuídos e o tempo de representação limitado ao tempo de

internamento. Vive-se sob o primado do efémero e do ténue, uma leveza do ser, onde mesmo a iminência da morte parece não assustar. De forma esquemática, o padrão da realidade subjectiva, encontrado no Grupo 1 traduz-se da seguinte forma:

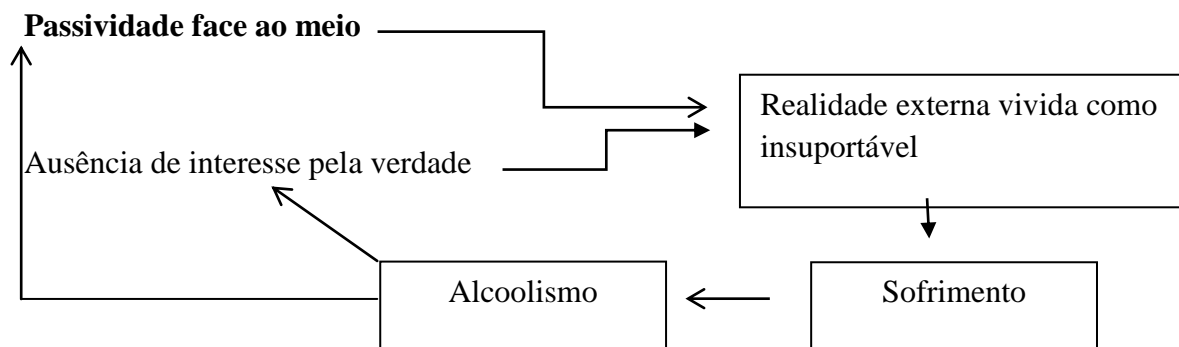


Figura 7 – Padrão da realidade subjectiva relativo ao Grupo 1

A repressão sobre o desejo de mudança de um conjunto de circunstâncias que são vividas como uma fonte de sofrimento, levam à projecção sobre o outro (agressor) da responsabilidade pela situação. A opção inconsciente por uma atitude passiva face a tal situação leva a um modo de funcionamento circular onde a culpabilidade se dissolve e os desejos se anulam. Acresce-se ainda o facto de que socialmente, a passividade da mulher é muitas vezes, sujeita a um reforço social.

Apenas no dionisíaco se vivem os desejos de libertação do sofrimento. Pelo contrário na sobriedade restam as regras e a delimitação de um papel que não é o desejado e o confronto com uma auto-imagem de mulher, construída por diferentes papéis (conjugal, maternal) que se vão deteriorando, reforçando uma auto-estima que se vai diluindo, reforçada pelas críticas sociais. Como refere Petit (2000/2002) “ Se podemos suportar a visão da mão que treme sustentando a charrua, é insustentável ver a mão que treme a dar o biberão” (p. 101).

Tal como procedemos em relação ao Grupo 1, vamos delinear algumas hipóteses em relação à forma como se processa a relação entre a realidade interna e externa, por parte das participantes que integram o Grupo 2.

As participantes que constituem o Grupo 2 têm em comum o facto de terem começado a consumir bebidas alcoólicas excessivamente na adolescência. Realça-se em

dois dos padrões a necessidade de atingirem um estado de euforia. No terceiro e no quarto perfil surge novamente a problemática conjugal com diferentes expressões, a reforçar o consumo de bebidas alcoólicas.

O que é mais evidente na história de vida destas mulheres é a recriação permanente dum mundo de sonho e de fantasia, que desde a adolescência se vai sobrepondo à realidade. O mundo torna-se muitas vezes um “delírio”, facilitado e estimulado, certamente pelo álcool. Se nas participantes que integram o Grupo 1, o álcool liquefaz os conflitos e a culpa, nas participantes do Grupo 2, é a realidade externa que se dissolve.

Se nas participantes do Grupo 1, a máscara recria-se pelo afastamento da verdade, neste segundo grupo, o rosto torna-se a própria máscara, pelo apagamento do pensamento face à onnipotência das pulsões. O dionisiaco encontra-se ligado à carnavalização da vida, à festa e à euforia.

A forma como se operacionalizam as defesas contra os fantasmas é expectável que se torne evidente nos dados Rorschach. Esquemáticamente podemos reproduzir este modo de funcionamento da seguinte forma:

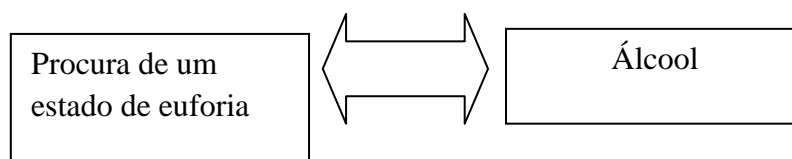


Figura 8 – Padrão da realidade subjectiva relativo ao Grupo 2

Encontramos este esquema de funcionamento noutras dependências. O denominador comum é a insaciabilidade permanente e um consumo exponencial. Segundo Wursmer (1977/1994), este modo de funcionamento corresponde a uma “grave crise narcísica”, acompanhada por uma crise na auto-estima e pelo colapso das expectativas do Self e dos outros. A procura permanente de um estado de euforia estaria associada à fuga de afectos de raiva e fúria, vergonha e culpa, aborrecimento e vazio, solidão e depressão.

A entrada no universo dionisiaco, propiciada pelo álcool, onde reina a festa, a alegria pelo fugaz apagamento de um estado de sofrimento psicológico.

Estas diferentes expressões das vivências subjectivas, poderão agora ser aprofundados a partir dos dados obtidos no Rorschach.

4.4 Dados Rorschach

A análise dos resultados obtidos a partir do Rorschach divide-se em quatro momentos:

- Elementos constituintes dos psicogramas;
- Processos de simbolização
- Capacidades de expansão mental
- Análise de quatro casos clínicos

4.4.1 Análise dos resultados obtidos nos psicogramas

Estes dados apenas se referem a características gerais do funcionamento mental das participantes no nosso estudo. A análise da forma como se expressam nos diferentes cartões atribui-lhes uma significância, ao termos em conta o valor simbólico e as características das manchas de cada cartão. No quadro 8 destacamos os elementos constituintes dos psicogramas que assumem uma significância nos dois grupos.

Com o objectivo de analisarmos a normalidade da distribuição das variáveis, aplicamos o teste não paramétrico de Kolmogorov-Smirnov (anexo H, quadro H1). Rejeita-se a hipótese de normalidade da distribuição dos valores das variáveis Dd%, Dbl%, H% e IA%. Assim, para estas variáveis vamos utilizar o teste de Mann-Witney e para as restantes o teste *t de Student* para amostras independentes.

Quadro 8 – Elementos estatisticamente significativos nos psicogramas

Elementos significativos		Grupo 1	Grupo 2
	Modos de apreensão		Dd associados a F -
Determinantes		F+%	F%
Conteúdos		A%	Anat, Hd, Sg

No que diz respeito aos modos de apreensão, observamos que a percentagem de pequenos detalhes (Dd%) é significativamente mais elevada no Grupo 1 (1.02%) do que no Grupo 2 (0.10%), $Z = -1.892$, $p = 0.058$. Estas abordagens de pequenos detalhes da mancha, surgem de forma arbitrária e associam-se a determinantes de má qualidade formal. Por exemplo a resposta “mãos” no cartão I, nas pequenas saliências superiores ou a resposta “dentes” no cartão IX, referindo-se às saliências do detalhe rosa lateral, traduzem uma perda de contacto com o real e uma angústia de destruição corporal. No entanto, como veremos, não é este o registo que caracteriza o modo de funcionamento mental neste grupo, pois a sua percentagem é escassa.

Ao nível dos determinantes, assinalamos que a percentagem de F% é significativamente mais elevada no Grupo 2 (73.4%) do que no Grupo 1 (65.48), $t(98) = -2.284$, $p = 0.025$. No entanto, a percentagem de respostas de boa qualidade formal (F+) é significativamente mais elevada no Grupo 1 (61.1%) do que no Grupo 2 (51.5%), $t(98) = 2.546$, $p = 0.012$. Ao nível da reacção ao estímulo cor (RC%), não há diferenças significativas entre os dois grupos. Não há igualmente, relação entre o TRI e os grupos em análise, $\chi^2(6) = 4.878$, $p = 0.572$.

A forma como se diferencia o recurso ao formal nos dois grupos dá-nos conta de modos distintos de abordagem da realidade interna e externa. Com efeito, no Grupo 1 o recurso à formalização excessiva dá-nos conta de um apagamento da vida fantasmática e de uma tentativa de neutralização dos afectos. O facto de as respostas de boa qualidade formal mostrarem ser eficazes na abordagem dos estímulos Rorschach, remete para uma ancoragem à realidade formal, mantendo a inscrição no concreto e na materialidade do mundo externo. No entanto, observamos um sobreinvestimento da realidade externa em detrimento da realidade interna, o que vai no sentido da caracterização que fizemos nas entrevistas, do tipo de postura adoptada por estas mulheres na abordagem dos objectos. O investimento na realidade, típico das “personalidades as if”, visa proteger a fragilidade do Eu. A abordagem da fragilidade de um espaço psíquico frágil é substituída pelo investimento no mundo dos objectos.

Em contrapartida, nas participantes do Grupo 2 este investimento nos determinantes formais é ainda mais evidente. No entanto, não é conseguido com sucesso. Assistimos a uma tentativa de apego à realidade, que, no entanto, assume um carácter ilógico. O espaço psíquico apresenta-se povoado por fantasmas devastadores, onde o caos prevalece e os vínculos são insuficientes. A angústia de morte assume preponderância típica dos quadros psicóticos.

Em suma, em relação aos determinantes, em ambos os grupos assistimos ao recurso sistemático à forma como tentativa de delimitação dos objectos. No entanto, as participantes do Grupo 2 manifestam uma maior imprecisão do pensamento. Nesse sentido, podemos afirmar que as participantes do Grupo 1 apresentam uma maior facilidade em se situarem na área transitiva, manifesta pela maior facilidade na construção de respostas com um carácter cinestésico, que nos dão conta de um maior dinamismo psicológico.

Um outro aspecto que corrobora as diferenças assinaladas anteriormente diz respeito aos conteúdos das respostas dadas pelas participantes nos dois grupos. Assim, apesar de não existirem diferenças significativas ao nível dos conteúdos humanos (H%), entre os dois grupos, o Índice de Angústia (IA%) é significativamente mais elevado no Grupo 2 (24.95%) do que no Grupo 1 (7.50%), $Z = -4.422$, $p = 0.000$. Este registo de funcionamento mental no Grupo 2, torna-se evidente no número de respostas de carácter anatómico e que juntamente a respostas de parcialização do corpo humano (Hd) e sangue (Sg), permite-nos afirmar que estas participantes manifestam uma angústia que remete para a fragmentação, para a destruição corporal, que se encontra geralmente nos registos de funcionamento mental de tipo psicótico. Por outro lado, a percentagem de respostas com conteúdo animal (A%) é significativamente mais elevada no Grupo 1 (55,5%) do que no Grupo 2 (39.9%), $t(98) = 4.096$, $p = 0.000$. A diferença no recurso a conteúdos animais, a favor das participantes do Grupo 1, remete para um pensamento mais adaptado à realidade, ao banal, em detrimento das participantes do Grupo 2. A associação entre a percentagem de respostas de boa qualidade formal (F+%), a percentagem de respostas de conteúdo humano (H%) e as respostas de conteúdo animal (A%), evidencia uma maior capacidade de diferenciação entre a realidade interna e a realidade externa por parte das participantes do Grupo 1.

4.4.2 Análise da formação simbólica cartão a cartão nos dois grupos

A análise da formação simbólica das participantes no nosso estudo assenta em dois vectores. Por um lado, realçamos a significância estatística das variáveis que distinguem os dois grupos ao nível dos mecanismos psíquicos utilizados no processo da resposta (modos de apreensão e determinantes). Por outro lado, a produção do conceito (conteúdo das respostas), resultante desses processos de transformação está presente na

forma como as participantes reagem ao conteúdo latente dos cartões, operando na sua resposta um acréscimo interno sobre a imagem Rorschach. Da análise dessa intersecção, poderemos tecer considerações sobre a forma como se processa a dinâmica percepção – projecção, mundo interno – mundo externo. Em cada cartão serão apresentadas grelhas de análise dos conteúdos dados pelas participantes que se integram nos dois grupos.

No quadro 9 resumimos as variáveis que diferenciam os dois grupos, nos diferentes cartões que constituem o Rorschach. A sinalética (↑) indica que essas variáveis assumem uma significância estatística no respectivo cartão. Seguidamente, interpretamos a sua significação, em termos do funcionamento mental das participantes que integram os dois grupos.

Quadro 9 - Comparação dos resultados obtidos nos cartões Rorschach

Cartões	Grupo 1	Grupo 2
I	F+ ↑, A ↑	G ↑, F± ↑
II	K ↑, A ↑, H ↑	G ↑, D ↑
III	K ↑, A ↑, H ↑	
IV	G ↑, F+ ↑, A ↑, H ↑	F - ↑
V	G ↑	
VI	G ↑, F± ↑, F+ ↑	D ↑, Anat ↑
VII	D ↑, K ↑, A ↑, H ↑	F - ↑
VIII	F+ ↑, A ↑, Bot ↑	F - ↑, Anat ↑
IX	G ↑, K ↑, Bot ↑	F - ↑, Anat ↑
X	D ↑, F+ ↑, A ↑, Bot ↑	

O cartão I dá-nos conta da forma como as participantes no estudo enfrentam uma situação nova, o desconhecido. Face à ausência de referências e a estranheza do estímulo, que estratégias são mobilizadas na abordagem do estímulo?

Observamos que a proporção de respostas G no Grupo 2 é mais elevado do que no Grupo 1 (87.3% vs 86.2%), embora a diferença de proporções não seja estatisticamente significativa ($\chi^2(1) = 0.038$, $p = 0.846$). Por outro lado, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa, $\chi^2(2) = 4.638$, $p = 0.098$. A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 2, o F+/- é mais elevado do que no Grupo 1 (64.3% vs 35.7%). Sem significância estatística, destacamos que a percentagem de respostas de boa qualidade formal (F+) é superior no Grupo 1, em detrimento do Grupo 2 (64.4% vs 35.6%). Em face destes dados, constatamos que a atitude exploratória no contexto relacional é mais eficaz por parte das participantes do Grupo 1, tornando possível a criação de um continente que contenha a

angústia suscitada pela ausência de referências. As imagens produzidas pelas participantes do Grupo 1 apreendem na generalidade a totalidade da mancha, de forma adequada, recorrendo à forma, para assim apaziguarem a insegurança suscitada pelo estímulo. O recurso elevado a conteúdos animais, reflecte igualmente esta atitude de afastamento de um estímulo indutor de insegurança, embora o façam num registo de um pensamento adaptado à realidade, evidente no carácter banal das respostas dadas.

De seguida vamos proceder à análise da tradução destes elementos na capacidade conceptual, que nos dá conta do balanço entre um registo marcado pela *função alfa*, capaz de produzir *elementos alfa*, passíveis de poder ser pensados, ou pelo contrário, a sua ineficiência e nesse caso a produção maciça de elementos beta, que apenas podem ser projectados. Ao mesmo tempo, podemos aceder à manifestação de diferentes tipos de angústia e os mecanismos de defesa postos em jogo para fazer face à mesma.

A proporção de respostas de conteúdo animal (A) dada pelas participantes do Grupo 1 (63.0%) é significativamente superior à do Grupo 2 (37.0%), $p=0.000$. Nos dois grupos, os conteúdos animais assumem um carácter banal, dividindo-se entre aves e insectos. A proporção de banalidades é ligeiramente mais elevada no Grupo 1 (50.0% vs 43.1%), embora a diferença não seja estatisticamente significativa (*Qui-quadrado* (1) = 0.733, $p=0.392$).

Quadro 10 - Análise simbólica do cartão I no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	61	27
Conteúdo mal definido	10	6
Anatomias		
Grupo 1 - pulmão (2), tórax (2), fígado, útero, esófago, costelas	8	14
Grupo 2 - pulmão (3), fígado (4), vagina (1), cóccix (2), vértebra, ânus, coluna vertebral, o corpo humano		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	1	0
Partes de corpos de animais	2	1
Figuras humanas e para-humanas		
Cowboy sem cabeça	1	0
Sem sexo definido	1	0
Sexo masculino (bailarino)	1	0
Sexo feminino (enfermeira)	0	1
Diabo (H)	1	1
Líquidos		
Vinho	0	2
Vomitado	0	1
Nuvens	1	0
Mancha	1	0
Luz	2	0
Desenho	0	1
Corta unhas	0	1
Nave	0	1
Gruta	0	1
Montanhas	0	1
Folha seca	0	1
Mancha	0	3
Pele	0	1
Alimento	0	1
Botânica	4	1
Arquitectura	2	0
Máscara	1	0

As respostas dadas pelas participantes do Grupo 2 mostram as características frágeis e permeáveis da função continente e a correlativa dificuldade ao nível da simbolização, surgindo uma retirada da significação do Eu e dos objectos. Destaca-se a tentativa fracassada da criação de um continente capaz de conter a angústia suscitada pela *mudança catastrófica* desencadeada pela entrada numa situação nova e uma passividade perante o estímulo, onde a presença de G vagos nos dá conta de um pensamento asténico, incapaz de discriminar o sujeito do objecto. Esta imprecisão na definição do conceito em si assume maior expressiva nas participantes do grupo 2, desde logo, nas respostas de conteúdo animal. Entre as respostas “um animal qualquer”,

“uma ave”, e “uma águia em pleno voo”, há um gradiente na capacidade de definição conceptual, que nos dá conta da precisão cognitiva, e esta é mais notória no Grupo 1.

O maior número de respostas de conteúdo anatómico, por parte dos elementos do Grupo 2, é uma constante que se repete nos diferentes cartões que constituem a prova, o que indicia para a presença maciça de angústia de destruição corporal nestas participantes. Pelo seu carácter original, destaca-se a resposta “um cowboy sem cabeça” dada por uma participante do Grupo 1, onde a tentativa de anular a agressividade pelo recalçamento, nos dá conta da angústia de castração, com um cariz neurótico.

Ao nível do grupo 2, destacam-se ainda duas respostas com um carácter regressivo: “vinho entornado” e “vomitado” que nos dão conta da dificuldade em manifestar uma atitude exploratória de um objecto novo, desconhecido, posta à prova com a apresentação do cartão I. Como se perante uma tarefa que exige a necessidade de atribuir um significado a um estímulo que se pauta pela ausência de referências, apenas resta o vómito, como forma de expelir a tarefa proposta e a relação com o psicólogo.

Em suma, perante um objecto desconhecido, marcado pela ausência de referências, indutor duma situação desorganizadora, as participantes do Grupo 1 evidenciam uma maior capacidade de exploração do objecto, mobilizando um processo de alfabetização, capaz de produzir elementos passíveis de poder ser pensados. Pelo contrário, no Grupo 2, há uma maior percentagem de *elementos beta*, traduzíveis nos conteúdos anatómicos, ou nas respostas com um carácter mais bizarro, como “vomitado”. Desta forma, assistimos num primeiro momento, há manifestação de um tipo de angústia de tipo neurótico, mais evidente no Grupo 1, enquanto no Grupo 2, se destaca uma angústia de destruição corporal, própria de um tipo de funcionamento psicótico.

Vamos centrar a análise das respostas dadas no cartão II em dois aspectos essenciais: de que forma é viável a criação de um continente capaz de abarcar os afectos agressivos e sexuais, suscitados pela introdução da cor vermelha e o modo como é elaborada a representação das relações mobilizada pelo carácter bilateral da mancha, suportando igualmente esta análise nos dois vectores referidos anteriormente – capacidade de alfabetização dos estímulos, ou a presença de elementos beta, inviabilizadores da capacidade de pensar.

Não há diferenças significativas entre os dois grupos, no que diz respeito aos modos de apreensão ($\chi^2(1) = 0.045$, $p = 0.832$). A proporção de Respostas Globais (G)

entre os dois grupos é de 35.1% no Grupo 1, é de 36.8%, tal como a proporção de Respostas de Grande Detalhe (D) (64.9% vs 63.2%).

A diferença na proporção das respostas nos dois grupos, ao nível dos determinantes é estatisticamente significativa ($\chi^2(3) = 7.619, p=0.055$). A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 1 o número de respostas de movimento (K) é mais elevado do que no grupo 2 (80.8% vs 19.2%). Desta forma, as participantes do Grupo 1 mostram uma maior capacidade de se situar na área transitiva, resultando uma rerepresentação de si e da relação mais consistente. Enquanto no Grupo 1, surgem respostas como: “duas bailarinas”, ou “duas pessoas a brindar”, no Grupo 2, a integração do lúdico não se revela. As participantes do Grupo 1 mostram uma flexibilidade mental, que se reflecte na integração das pulsões suscitadas pela introdução da cor vermelha, num registo evoluído, que se exprime em imagens com um carácter lúdico, evoluído (competição e de luta).

Não há diferenças significativas ao nível dos conteúdos, entre os grupos, pois o $\chi^2(1) = 0.053, p = 0.817$. No entanto, a proporção de respostas de conteúdo animal (A) (67.9% vs 32.1) e de conteúdo humano (H) (70.4% vs 29.6%), é superior no Grupo 1, o que nos dá conta de uma maior capacidade de adaptação à realidade e de socialização.

Não existem igualmente diferenças estatisticamente significativas ao nível das respostas banais (Ban) ($\chi^2 = 2.447, p=0.118$).

As características do cartão, nomeadamente a sua configuração bilateral, o branco central e o vermelho, possibilitam a diferenciação figura-fundo, e sujeito-objecto, dando-nos conta de uma secundarização do pensamento. Constatamos a partir da grelha dois que a simbolização no Grupo 1 se apresenta mais estruturada, permitindo a encenação do relacional com um carácter lúdico. A eficiência na simbolização a favor do Grupo 1 surge sob a forma de um pensamento mais adaptado à realidade, expresso no número de respostas animais, em detrimento de um maior número de respostas de conteúdo anatómico, por parte das participantes do Grupo 2. Esta “derrapagem” da função alfa, mais significativa no Grupo 2, permite o surgimento de respostas com um conteúdo sexual cru, como “penetração sexual, ou a “explosão” dos afectos na resposta “incêndio”.

Quadro 11 – Análise simbólica do cartão II no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	30	7
Conteúdo mal definido	16	9
Figuras humanas e para-humanas		
Sem sexo definido	10	8
Sexo masculino	8	1
Sexo feminino	5	0
(H)	0	0
Anatomias		
Grupo 1 – pulmões	1	14
Grupo 2 – vagina (3), corpo rebentado, pulmões (5), fígado, estômago, cérebro, um aborto, pénis		
Sangue	8	8
Partes do corpo humano	3	2
Partes do corpo de animais	1	0
Frasco	1	0
Caverna	1	1
Vulcão	1	1
Pintura	1	0
Recusa	1	2
Entrada de igreja	1	0
Avião	1	2
Incêndio	0	1
Penetração sexual	0	1
Botânica	0	2
Mancha	0	1
Porta	0	1

No cartão III a significação simbólica dominante mobiliza novamente a capacidade de diferenciação de silhuetas humanas e mais uma vez a necessidade de integração dos afectos agressivos e sexuais suscitados pela cor vermelha no estímulo.

Não existem diferenças significativas entre os dois grupos, nos modos de apreensão ($\chi^2 (1) = 0.041$, $p = 0.839$). Não há igualmente diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível dos determinantes, ($\chi^2 (2) = 1.887$, $p = 0.389$). No entanto, assinalamos que a proporção de respostas de movimento (K), dadas pelas participantes do Grupo 1 é superior ao número de respostas dadas pelas participantes do Grupo 2 (56.7% vs 43.3%), o que corrobora as considerações tecidas na prancha II em relação às respostas cinestésicas, evidenciando uma maior plasticidade funcional na possibilidade da representação de si face ao outro. Esta dimensão é reforçada pelo facto de as diferenças serem estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível dos conteúdos ($\chi^2 (1) = 4.026$, $p = 0.045$). No Grupo 1 observamos valores superiores no número de respostas de conteúdo animal (75.0% vs 25.0%) e de conteúdo humano (H) (54.2% vs 45.8%), face ao Grupo 2, reforçando igualmente a

ideia de que existe uma maior capacidade de socialização por parte das participantes que integram o Grupo 1.

Quadro 12 – Análise simbólica do cartão III no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	9	3
Conteúdo mal definido	16	4
Figuras humanas		
Sem sexo definido	24	16
Sexo masculino	10	11
Sexo feminino	7	8
(H)	3	0
Anatomias		
Grupo 1 – coração, rins, caveira, vagina e útero	4	15
Grupo 2 – fígados (4), pulmões (2), coração, coluna vertebral, rins, bexiga, dentes e gengivas, esqueleto (2), cérebro		
Sangue	3	1
Partes do corpo humano	1	1
Partes do corpo de animais	0	1
Objectos	8	2
Estátua	1	0
Vestuário	2	0
Pintura	1	0
Recusa	2	0
Fogo	1	1
Bonecos	0	1
Símbolo	0	1
Casa	0	1
Cena	0	1

Tal como o cartão II, as participantes do Grupo 1 evidenciam uma maior facilidade na constituição de uma representação corporal íntegra e da integração do relacional, mostrando uma maior eficácia da função alfa na organização de uma representação coesa e dinâmica, traduzida na diferença entre o número de respostas com conteúdo anatómico dadas pelos dois grupos.

Da leitura das respostas dadas nos cartões II e III, merece ainda destaque a forma como se apresenta a identificação a um modelo sexuado. Como refere Chabert (1997/1998), “Quando a identificação sexual é relativamente estável e harmoniosa, as representações humanas são qualificadas claramente em termos masculinos ou femininos. A referência à noção de bissexualidade psíquica é necessária, se queremos perceber bem a dialéctica identificatória através do Rorschach, esta aparece claramente na capacidade de o sujeito dar representações humanas masculinas e femininas, em que

a polaridade dominante é acordada à sua identidade sexual real” (p.154). Em função destes critérios, constatamos uma maior consistência na atribuição de um sexo às representações humanas no cartão II, por parte do Grupo 1 contra o Grupo 2, no entanto, esta diferença esbate-se na passagem para o cartão III. Por outro lado, ao contrário daquilo que seria de esperar, observa-se um maior número de representações humanas de sexo masculino, o que pode remeter para uma inconsistência em termos da identificação sexual, por parte das participantes no nosso estudo.

No cartão IV não há diferenças significativas entre os dois grupos ao nível dos modos de apreensão ($\chi^2 (1) = 0.769$, $p=0.380$). Destacamos no entanto que as participantes do Grupo 1 apresentam um resultado superior no número de respostas globais, face às participantes do Grupo 2 (89.7% vs 84,3%). A apreensão global é frequente, pois é suscitada pelas características do cartão. O facto de as participantes do Grupo 2 darem respostas construídas a partir de detalhes do estímulo (D, Dd e Do), estas não remetem para a criatividade e a originalidade do pensamento, pois os determinantes não corroboram essas potencialidades. Como referimos anteriormente, as respostas globais remetem para uma maior consistência ao nível da capacidade de diferenciação sujeito-objecto.

A associação a determinantes de má qualidade formal por parte das participantes do Grupo 2 evidencia a presença de um continente sem capacidade de síntese e a dificuldade em apreender o objecto na sua totalidade. Na realidade, embora não existam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($\chi^2 (2) = 2.422$, $p=0.298$), ao nível dos determinantes, destacamos a diferença na proporção de respostas de boa qualidade formal (F+), entre o Grupo 1 e o Grupo 2 (69.2% vs 30.8%).

No que diz respeito aos conteúdos, não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($\chi^2 (1) = 0.284$, $p = 0.594$). No entanto as participantes do Grupo 1 têm uma proporção superior de respostas de conteúdo animal (A), e humano (H), face ao Grupo 2 (67.2% vs 32.8%), (57.1% vs 42.9%), respectivamente. Não existem igualmente diferenças com significância estatística ao nível das respostas banais (Ban) ($\chi^2 (1) = 2.398$, $p = 0.122$).

Quadro 13 – Análise simbólica do cartão IV no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	17	9
Conteúdo mal definido	17	10
(A)	1	1
Figuras humanas		
Sem sexo definido	1	1
Sexo masculino	2	1
Sexo feminino	1	0
Anatomias		
Grupo 1 – pulmões, esófago, coluna vertebral, esqueleto	4	4
Grupo 2 – pénis, pulmão, nádegas e a coluna vertebral, pessoa aberta		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	0	1
Partes do corpo de animais	2	0
Pele	8	1
Botânica	2	1
Botas	1	0
Banda desenhada	3	0
RX	1	0
Monstro ou gigante	13	12
Recusa	1	1
Robot	0	1
Vestuário	0	1
Vela a derreter	0	1

Perante uma solicitação simbólica de uma imagem de potência, de força, que autores como Monod (cit. in Chabert, 1998) associam à imagem paterna, assistimos a uma dificuldade cognitiva na abordagem do cartão que se exprime no número reduzido de respostas globais, o que pode remeter para a introjecção de uma imagem superegóica pouco consistente, por parte das participantes do Grupo 2. As participantes do Grupo 1 mostram uma maior capacidade de reconhecimento simbólico latente do cartão, através da designação de animais potentes e agressivos, muitas vezes anulada, sendo transformada em passividade (animais mortos, abertos). Pelo seu carácter original, destaca-se a resposta em G dada por uma participante pertencente ao Grupo 2 participante 80): “uma vela a derreter”, que nos dá dissolução da identidade.

No cartão V, não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito aos modos de apreensão ($\chi^2 (1) = 0.633$, $p = 0.426$). No entanto, tal como no cartão IV, há uma proporção superior de respostas globais (G), por parte das participantes do Grupo 1 face às participantes do Grupo 2 (57.9% vs 42.1%).

Não há igualmente diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito aos determinantes ($\chi^2 (1) = 0.001, p = 0.977$).

Não fomos comparar as possíveis diferenças entre os dois grupos, nos conteúdos dados no cartão V, uma vez que 82.7% são respostas de conteúdo animal, dadas pelas participantes que constituem os dois grupos. As restantes respostas estão distribuídas com uma pequena dimensão.

Quadro 14 – Análise simbólica do cartão V no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	51	33
Conteúdo mal definido	7	4
(A)	1	0
Figuras humanas		
Sem sexo definido	3	3
Sexo masculino	1	0
Sexo feminino	1	1
(H)	0	1
Anatomias		
Grupo 1 – osso	1	5
Grupo 2 – vagina, pulmões (3), coluna vertebral		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	1	1
Partes do corpo de animais	0	1
Botânica	1	0
Recusa	1	0
Pele	1	0
Campanário de igreja	0	1

Tendo em conta a solicitação simbólica suscitada pelo cartão V, a diferença expressa pelos dois grupos ao nível das respostas globais, permite-nos colocar a hipótese de que o apelo ao sentimento de integridade, à unidade do Eu, mostra-se mais consistente nas participantes do Grupo 1. O facto destas respostas globais surgirem associadas essencialmente a determinantes formais de boa qualidade mostra uma adaptação perceptiva de base que permite pensar que estas participantes possuem maiores capacidades para abordar o mundo socializado. A qualidade perceptiva é radicada na realidade, indiciando um carácter adaptativo do funcionamento cognitivo, testemunho da identidade estável num meio diferenciado, reconhecido como realidade externa. Esta qualidade perceptiva, apresentada pelas participantes do Grupo 1, em detrimento do Grupo 2, destaca-se mais uma vez na diferença no número de respostas

de conteúdo animal, a favor do Grupo 1 e numa maior presença de respostas de conteúdo anatómico, a favor do Grupo 2.

No cartão VI não há diferenças estatisticamente significativas na forma como nos dois grupos são mobilizados os modos de apreensão ($\chi^2(1) = 2.142$, $P=0.143$). No entanto, destacam-se as seguintes diferenças entre os dois grupos: as proporções de respostas G são superiores no Grupo 1 face ao Grupo 2 (61.1% vs 38.9%), as participantes do Grupo 2 apresentam uma percentagem superior de modos de apreensão em D, em relação ao Grupo 1 (51.7% vs 48.3%).

O incremento de respostas de grande detalhe (D) no Grupo 2 está associado a um aumento de respostas com conteúdo anatómico e a uma fixação no grande detalhe central, o que denota uma maior dificuldade na integração dos elementos simbólicos constituintes do símbolo (simbologia fálica e feminina) e a delimitação de um continente. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível dos determinantes ($\chi^2(2) = 2.888$, $p= 0.236$). Destacam-se diferenças entre os dois grupos relativas às respostas de conteúdo formal impreciso (F +/-). Com efeito, as proporções são superiores no Grupo 1 versus o Grupo 2 (72.7% vs 27.3%). A imprecisão formal surge associada a uma tentativa de recurso à intelectualização, em respostas como: “uma obra de arte”, e a respostas com conteúdo botânico: “ Pode ser uma folha”, denotando uma tentativa de abordar o estímulo de forma global. O Grupo 1 apresenta uma proporção superior de respostas F+, versus Grupo 2 (72.7% vs 27.3%).

Apesar das respostas com conteúdo anatómico surgirem em maior número no Grupo 2, não há diferenças significativas entre os dois grupos, nas proporções dos conteúdos dados no cartão VI ($\chi^2(1) = 1.580$, $p=0.209$), bem como nas respostas banais $\chi^2(1) = 1.169$, $p=0.280$.

Quadro 15 – Análise simbólica do cartão VI no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	26	12
Conteúdo mal definido	11	9
Figuras humanas		
Sem sexo definido	0	1
Sexo masculino	1	0
Sexo feminino	0	0
(H)	0	0
Anatomias		
Grupo 1 – pulmões, coluna vertebral, garganta	3	7
Grupo 2 – fígado inchado, vagina, tórax, coluna vertebral (2), pulmões (2)		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	2	2
Partes do corpo de animais	1	0
Penetração sexual	0	1
Garrafa de vinho	0	1
Objectos	0	4
Farol	0	1
Símbolo	0	3
Fonte	1	0
Pele	4	9
Mancha de óleo	1	0
Crucifixo	2	0
Arte	2	0
Folha seca	5	0
RX	1	0
Recusa	4	5
Abstracção	1	1
Estátua	2	0
Rocha	1	3
Foguetão	2	0

As respostas com conteúdo anatómico evidenciam uma dificuldade na constituição de um continente que englobasse a totalidade da mancha, uma vez que os conteúdos emocionais desencadeados não encontraram uma função alfa operante e transformadora. A solução encontrada foi o movimento progressivo de restrição do campo perceptivo, parcializando e acentrando no eixo do cartão, culminando na procura de suporte através da relação especular. Este mecanismo defensivo revela-se inoperante, surgindo a angústia de destruição corporal expressa em conteúdos com carácter anatómico “*pulmões, fígados*”.

A reacção emocional suscitada pelo cartão VI é negativa, tendo resultado em nove recusas, por parte das participantes dos dois grupos. Esta rejeição do cartão, não será alheia ao facto de se tratar de um cartão muito carregado de implicações sexuais, o que corrobora as dificuldades sentidas nos dois últimos cartões, ao nível da

identificação sexual das representações humanas. Destacam-se sete respostas por parte do Grupo 1 que remetem para a passividade, para um simbologia de algo que está estático (folha seca e estátua), o que reenvia para o recalçamento dos conteúdos evocados pelo estímulo, enquanto no Grupo 2, o facto de estes conteúdos não terem sido sujeitos a um processo de alfabetização levou à projecção de elementos beta (conteúdos anatómicos), em maior número que no Grupo 1.

De uma forma resumida, podemos salientar que as diferenças entre as participantes dos dois grupos, ao nível da forma como estruturam a criação do símbolo Rorschach, surgem desde logo ao nível da forma como apreendem as manchas. Com efeito, no Grupo 1, assistimos a uma maior facilidade na apreensão global dos cartões IV, V e VI, o que remete para uma diferenciação sujeito-objecto mais consistente.

No cartão VII não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito aos modos de apreensão ($\chi^2 (1) = 0.042$, $p=0.838$). No entanto, há uma percentagem superior de abordagem em D, por parte do Grupo 1 (55.8% vs 44.2%). Estas respostas de grande detalhe estão associadas a respostas com boa qualidade formal.

Ao nível dos determinantes, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa, $\chi^2 (3) = 7.705$, $p=0.053$. A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 2 o número de respostas de má qualidade formal (F-) é mais elevado do que no Grupo 1 (60.0% vs 40%). Por outro lado, o número de respostas de movimento (K) superior no Grupo 1 face ao Grupo 2 (73.1% vs 26.9%). As respostas dadas pelas participantes do Grupo 1 dão-nos conta de uma maior capacidade de pensarem o vazio, suscitado pela lacuna intramacular que integra o estímulo visual.

Não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível do conteúdo das respostas ($\chi^2 (1) = 0.595$, $p=0.441$). No entanto, o Grupo 1 apresenta proporções mais elevadas ao nível dos conteúdos humanos (H) (75.0% vs 25.0%) e (A) (65.9% vs 34.1%).

Quadro 16 – Análise simbólica do cartão VII no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	11	7
Conteúdo mal definido	16	9
Figuras humanas		
Sem sexo definido	7	1
Sexo masculino	0	1
Sexo feminino	11	1
Gêmeos “ligados”	2	2
(H)	1	1
Anatomias		
Grupo 1 – ânus	1	9
Grupo 2 – rins, fígados (2), cóccix, pulmões (2), vértebra, ânus, vagina e o útero		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	2	1
Partes do corpo de animais	2	1
Escultura	3	0
Botânica	4	1
Cruz	1	0
Bonecas	1	1
Recusa	5	2
Rio	1	2
Arte	2	1
Nuvens	6	3
Pedras	4	4
Símbolo	1	0
Mapa	2	6
Fragmento de loiça	0	1
Auto-estrada	0	1
Gruta	0	1

Para além das capacidades organizativas do pensamento, referidas anteriormente, o surgimento de respostas com conteúdo humano, em interacção (respostas cinestésicas) revela-nos que as participantes do Grupo 1 conseguem pensar o relacional com mais facilidade.

Face à questão: “Como se vê perante a imagem de identificação feminina?”, as participantes do Grupo 2 mostram maior inconsistência na sua integração, expressa na “derrapagem” cognitiva que se evidencia no aumento das respostas de má qualidade formal. As participantes do Grupo 1 remodelam o material com a sua marca de subjectividade, numa procura identificatória importante que manifesta o recurso ao imaginário. Nesse sentido, podemos dizer que há uma diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo mais consistente, por parte das participantes do Grupo 1. As respostas cinestésicas testemunham uma dinâmica eficaz entre as exigências da

realidade e a expressão pulsional, afirmando as capacidades criativas destas participantes.

No cartão VIII, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, na forma como abordam o cartão VIII ($\chi^2 (1) = 0.010$, $p = 0.921$).

Ao nível dos determinantes, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa ($\chi^2 (2) = 5.753$, $p = 0.056$). A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 1 o F+ é mais elevado do que no Grupo 2 (63.5% vs 36.5%). A proporção de respostas F- é superior no Grupo 2 (61.8% vs 38.2%).

No que diz respeito aos conteúdos das respostas, que surgem neste cartão, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa ($\chi^2 (2) = 20.155$, $p = 0.000$). A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 1 o número de respostas de conteúdo animal (A) é superior face ao Grupo 2 (64.6% vs 35.4%). O número de respostas de conteúdo botânico (Bot) é superior no Grupo 1 (78.9% vs 21.1%). O número de respostas de conteúdo anatómico (Anat) é superior no Grupo 2 (85.0% vs 15.0%).

Quadro 17 – Análise simbólica do cartão VIII no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	46	26
Conteúdo mal definido	10	11
Figuras humanas		
Sem sexo definido	3	0
Sexo masculino	1	0
Sexo feminino	0	0
(H)	2	2
Anatomias		
Grupo 1 – pulmão, tórax, útero, coluna vertebral	4	26
Grupo 2 – pulmões (4), esqueleto (7), aparelho reprodutor, fígado, coluna vertebral (3), tórax (2), órgãos, estômago, esófago, ânus, cabeça, baço, interior do corpo, ossos		
Botânica	16	8
RX	1	0
Recusa	1	1
Pedras	1	2
Vestuário	4	0
Bandeira	1	0
Abstracção	1	1
Escultura	1	0
Incêndio	1	0
Arte	1	0
Igreja	1	0
Terra	0	2
Respostas cor	0	1
Objecto	0	1
Máscara	0	2
Partes do corpo de animais	1	2
Penetração sexual	0	1
Sangue	1	0
Partes do corpo humano	2	0

A mudança introduzida pela cor, não suscita respostas adaptadas por parte das participantes do Grupo 2. Face à solicitação da criação de um continente capaz de conter a angústia suscitada pela dispersão, estas participantes, evidenciam a vivência de uma destruição corporal que se traduz nas respostas de má qualidade formal associadas a conteúdos anatómicos. Se compararmos a qualidade das respostas com conteúdo anatómico nos dois grupos, podemos ver que estas surgem em maior número no Grupo 2 e com características distintas. Com efeito, enquanto no grupo 1 surgem respostas como “um esqueleto” ou “coluna vertebral”, que nos dão conta de uma tentativa de criação de um suporte para essa angústia, no Grupo 2 surgem várias respostas de tipo “pulmões”, “fígado”, com um carácter mais regressivo e arcaico.

As dificuldades cognitivas apresentadas pelas participantes do Grupo 2 (respostas de má qualidade formal), associadas aos conteúdos anatómicos, dão-nos

conta das dificuldades sentidas ao nível da adaptação ao mundo exterior. Neste caso, a introdução dos tons pastel revelou, uma vez mais, as rupturas do processo associativo, e o predomínio da dispersão sobre a integração.

No cartão IX a proporção de respostas G no Grupo 1 é mais elevada do que no grupo 2 (75.0% vs 25.0%), embora a diferença de proporções não seja estatisticamente significativa, $\chi^2(1) = 8.961$, $p = 0.003$. Assistimos no Grupo 1 a um recurso a mecanismos de defesa como o isolamento e a integração que visam impedir o movimento regressivo.

Em relação aos determinantes, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa ($\chi^2(3) = 7.487$, $p = 0.058$). A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 2 o número de respostas de má qualidade formal F- é mais elevado do que no Grupo 1 (63.6% vs 36.4%). Pelo contrário, o número de respostas de movimento (K) é superior no Grupo 1 face ao Grupo 2 (70.6% vs 29.4%).

No que diz respeito aos conteúdos, a diferença na proporção das respostas nos dois grupos é estatisticamente significativa ($\chi^2(2) = 15.546$, $p = 0.000$). A análise dos resíduos ajustados estandardizados indica-nos que no Grupo 1 o número de respostas de conteúdo botânico (Bot) é mais elevado do que no Grupo 2 (82.6% vs 17.4%). O número de respostas de conteúdo anatómico (Anat) é mais elevado no Grupo 2 do que no Grupo 1 (73.9% vs 26.1%).

Quadro 18 – Análise simbólica do cartão IX no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	6	2
Conteúdo mal definido	6	4
(A)	0	1
Figuras humanas		
Sem sexo definido	4	4
Sexo masculino	2	4
Sexo feminino	0	0
(H)	5	1
Embrião	3	1
Anatomias		
Grupo 1 – crânio, útero, ovários e trompas, vagina, coluna vertebral, corpo humano	6	25
Grupo 2 – bexiga, pulmões (3), órgãos sexuais, dentes, corpo humano (2), caveira, cabeça, entranhas, nariz, face, crânio, útero (2), vagina, fígados (2), pênis, ânus, coluna vertebral, baço, rins, vísceras		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	3	0
Partes do corpo de animais	0	0
Penetração sexual	0	2
Incêndio	3	5
Resposta cor	1	1
Alimentos	0	3
Paisagens	0	1
Pedras	0	1
Máscara	0	2
Botânica	20	7
Fruto	4	1
Terra	1	0
RX	2	0
Vulcão	1	0
Mapa	1	1
Recusa	4	1
Banda desenhada	1	0
Repuxo de água	1	0
Arte	2	0
Objecto	1	1

Face à solicitação simbólica suscitada pelo cartão, as participantes do Grupo 2 voltam novamente a apresentar mais dificuldades em regredirem, ao apresentarem mais conteúdos anatómicos que nos dão conta da angústia de destruição corporal. As participantes do Grupo 1 defendem-se da regressão, através da abordagem global do estímulo, o que remete para o mecanismo de defesa do recalçamento. Em geral este recurso é conseguido com sucesso, evidenciado pelo aumento de respostas com conteúdo humano e conteúdo botânico. Relativamente ao Grupo 2, assistimos a uma sensibilidade ao material, a falha da função continente, bem como a precariedade dos limites do Eu e o risco de perda da coesão identitária.

No cartão X não há diferenças significativas entre os dois grupos, em relação à forma como apreendem a mancha ($\chi^2 (1) = 0.008$, $p = 0.928$). No entanto, destaca-se uma proporção superior de modos de apreensão em D por parte do Grupo 1, face ao Grupo 2 (58.1% vs 41.9%). Estas respostas que privilegiam um grande detalhe da mancha (D) encontram-se associadas a boas formas, denotando que as participantes do Grupo 1 conseguem discriminar estímulos, sem que o pensamento se desorganize, perante a dispersão suscitada pela mancha. Como era de esperar, estes dados encontram-se interligados à forma como são mobilizados os determinantes. Com efeito, apesar de não existirem diferenças significativas entre os dois grupos ($\chi^2 (2) = 0.864$, $p = 0.649$), o número de respostas de boa qualidade formal F+, é mais elevado no Grupo 1 do que no grupo 2 (60.6% vs 39.4%).

A proporção de respostas de conteúdo animal e de conteúdo botânico no Grupo 1 é mais elevada do que no grupo 2 (60.2% vs 39.8%) e (73.3% vs 26.7%), respectivamente. No entanto a diferença de proporções não é estatisticamente significativa, $\chi^2 (1) = 0.927$, $p = 0.336$.

Quadro 19 – Análise simbólica do cartão X no Grupo 1 e Grupo 2

	Grupo 1	Grupo 2
Animais		
Conteúdo bem definido	53	35
Conteúdo mal definido	18	15
Figuras humanas		
Sem sexo definido	1	2
Sexo masculino	0	0
Sexo feminino	0	0
(H)	2	7
Anatomias		
Grupo 1 – aparelho digestivo (2), esófago, pulmões, garganta, rins, órgãos, útero (2), ossos,	10	15
Grupo 2 – coluna vertebral, ossos, pulmões (3), espermatozóides, órgãos, corpo humano, esófago, ânus, vagina, garganta, cordão umbilical, aparelho reprodutor, vísceras		
Sangue	0	0
Partes do corpo humano	2	1
Partes do corpo de animais	1	0

Quadro 19 (continuação) – Análise simbólica do cartão X no Grupo 1 e Grupo 2

Recusa	3	2
Elemento	1	0
Botânica	11	6
Arte	8	6
Explosão	1	0
Rochas	2	0
Abstracção	5	0
Objectos	4	3
Paisagem	3	2
Casulo	1	0
Nuvens	0	1
Fogos	0	2
Arquitectura	0	1
Vestuário	0	1
Símbolo	0	1

Face à dispersão provocada pelo estímulo, as participantes do Grupo 1 evidenciam uma boa capacidade de criarem um continente passível de gerar pensamentos. Por outro lado, a relação entre a capacidade de análise dos detalhes que constituem o estímulo (respostas grande detalhe) associada a respostas formais com qualidade, revela boas capacidades de inserção no real e do controlo das percepções, dando-nos conta de um Ego suficientemente forte que pode submeter-se à prova da realidade.

Em termos de síntese, podemos referir que ao nível da representação de si, as participantes que integram o Grupo 1 apresentam uma maior diferenciação sujeito-objecto e uma diferenciação sexual mais consistente. As representações das relações surgem num registo conflitual e lúdico. Ao nível da imagem do corpo, a forma como reagem aos cartões compactos (I, IV, V e VI), dá-nos conta da presença de um Eu estruturado de forma consistente, que permite enfrentar a prova da realidade.

Pelo contrário, as participantes do Grupo 2 apresentam mais dificuldades ao nível da diferenciação sujeito-objecto e de um sentimento de pertença ao mundo humano. A menor capacidade de diferenciação entre os sexos remete para a estruturação da identidade mais frágil.

No que diz respeito ao tipo de angústia e os mecanismos de defesa preponderantes nos dois grupos, constatamos que enquanto as participantes do Grupo 1 manifestam uma tentativa de controlar a realidade, expressa no recurso sistemático à

abordagem global dos cartões, com um recurso restrito à cor, o que mostra uma luta contra a emergência das representações. Nesse sentido, podemos dizer que estamos sob a égide da angústia de castração.

No Grupo 2, a precariedade dos limites entre o dentro e o fora, entre sujeito e objecto, remete para angústia da perda do objecto. Por vezes, deparámo-nos com a emergência dos processos primários, surgindo aí a angústia de fragmentação e a inerente compulsão à repetição, sem que seja já possível destringir a especificidade dos estímulos. Nesse caso, assistimos à submissão da percepção face à projecção, falhando assim os mecanismos de adaptação à realidade.

4.4.3 Análise das capacidades de expansão mental nos dois grupos

Como podemos ver na figura 3, respeitante à delimitação dos perfis de categorias de variáveis dentro do Grupo 1, identificamos quatro *clusters* de variáveis.

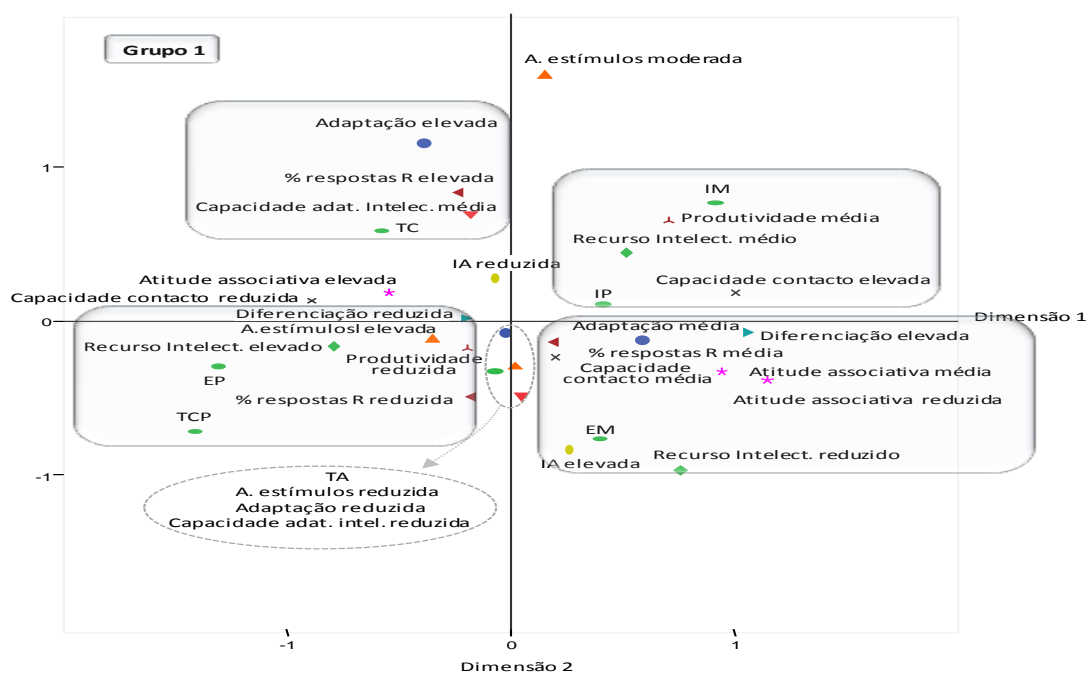


Figura 9 - ACM das variáveis Rorschach, - Grupo 1

Os núcleos de variáveis que surgem no primeiro e segundo quadrantes encontram-se relacionados com um Índice de Angústia reduzido (IA %). No primeiro quadrante surge a associação entre uma produtividade média, o recurso intelectual médio (percentagem de respostas formais), uma capacidade de contacto humano elevada (percentagem de respostas de conteúdo humano) e o Tipo de Ressonância Íntima Misto (IM). Ainda neste quadrante, um pouco mais afastado, surge o Tipo de Ressonância Íntima Puro (IP).

Com o objectivo de analisarmos a importância que assumem estas variáveis ao nível da expressão da criatividade, onde como vimos anteriormente, implica a coexistência da ordem e o caos, vamos ver de seguida a sua expressão ao nível do potencial de evolução mental dos sujeitos que integram este quadrante.

Como podemos ver no quadro 20, no quadrante 1 relativo ao Grupo 1, os sujeitos 17 e 23 obtiveram o PEV mais elevado (100 e 120), enquanto os sujeitos 31 e 52 obtiveram os potenciais mais baixos, respectivamente (-20 e -10).

Quadro 20 - Potenciais de evolução do Grupo 1 – Quadrante 1

Sujeitos	Potenciais de evolução	Sujeitos	Potenciais de evolução
Sujeito 2	30	Sujeito 32	70
Sujeito 16	80	Sujeito 50	60
Sujeito 17	100	Sujeito 52	10
Sujeito 20	60	Sujeito 77	50
Sujeito 23	120	Sujeito 88	70
Sujeito 31	-10	Sujeito 91	60

Em relação ao sujeito 17, como podemos (ver Fig. 10), começa por abordar o cartão I com uma resposta banal, sem que se desorganize perante um estímulo com poucas referências e com uma tonalidade disfórica. No entanto de seguida, ainda neste cartão, surge uma resposta que nos dá conta de uma falta de consistência do pensamento: “ entrada de uma casa”, numa tentativa de dar sentido a um detalhe branco no interior da mancha (Dbl). A uma primeira transformação ($T\alpha$), sucede-se uma transformação ($T\beta$). Na passagem para a segunda prancha, há uma recuperação, com recurso ao determinante formal, como forma de abordar o estímulo e de novo surge um movimento de integração ($T\alpha$), ao qual se sucede novamente uma desestruturação ($T\beta$),

suscitada pela cor vermelha; “A parte vermelha, não sei, poderá ser sangue mas não me assusta”.

No cartão III, surge a integração da cor vermelha na resposta “um laço vermelho”, e apesar da ambivalência sexual que o estímulo suscita, surgindo uma primeira resposta: “duas raparigas a dançar”, dando lugar de seguida a “dois rapazinhos negros a dançar”, não há desorganização dos conteúdos do pensamento, surgindo três respostas em ($T\alpha$).

No cartão IV apenas surge uma resposta, que nos dá conta da dificuldade de estruturação, com um carácter impreciso: “É um bichinho...mas não sei o que é. É um misto tem várias partes de animais”. No entanto, logo no cartão V, surge uma resposta banal, que possibilitou a integração da dispersão suscitada pelo cartão anterior, ocorrendo novamente um movimento ($T\beta \rightarrow T\alpha$).

A mudança para o cartão V, não suscita dificuldades de estruturação, surgindo uma resposta banal: “Um morcego”. A entrada no cartão VI é marcada novamente por uma resposta que nos dá de uma angústia suscitada pela tonalidade que caracteriza o estímulo “ Isto é uma radiografia de um bicho qualquer” ($T\beta$), de seguida, surge novamente a integração num animal que apesar de estar morto “ um bacalhau”, essa dimensão é ultrapassada pelo facto de ser um objecto comum, com um carácter alimentar ($T\alpha$).

No cartão VII, surge novamente a oscilação entre uma resposta que revela uma integração que apesar de ser pouco consistente, mostra um esforço de organização do pensamento “Dois bichinhos a olhar um para o outro” e de seguida surge novamente uma centração no branco (Db1): “Água por baixo”. O movimento é agora no sentido de ($T\alpha \rightarrow T\beta$).

À resposta anterior, com um carácter mais regressivo, no cartão VIII surgem três que mostram uma integração adequada do estímulo cor, sem que surjam sinais de desorganização do pensamento.

Perante o carácter regressivo do cartão IX, à primeira resposta “ Parecem dois bebés em baixo”, sucede uma resposta que vai no sentido da fragmentação corporal “Duas cabeças”, e uma resposta que evidencia uma tentativa de integração da fragmentação num todo “Dois homens medievais a lutarem”. A sucessão é então $T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$. A última transição “duas cabeças” para “dois homens”, dá-nos conta da forma como a cadeia da construção simbólica, nos revela a energia mental para metabolizar a angústia, ou pelo contrário, o esmagamento provocado pela mesma.

Como veremos, nas participantes, onde não existe esta vitalidade, a sucessão assume então um carácter caótico.

Por fim no cartão X, perante a dispersão suscitada pelo estímulo, o sujeito mostra uma capacidade de construção de um continente, capaz de tolerar essa dispersão e de lhe atribuir uma significação “Em cima cavalos-marinhos”.

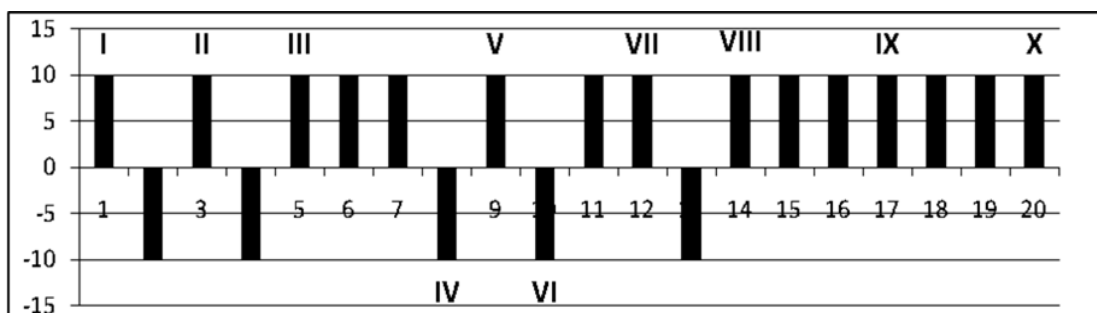


Figura 10 – Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 17

O sujeito 23 aborda os primeiros quatro cartões, sem mostrar sinais de desorganização do pensamento (Fig. 11).

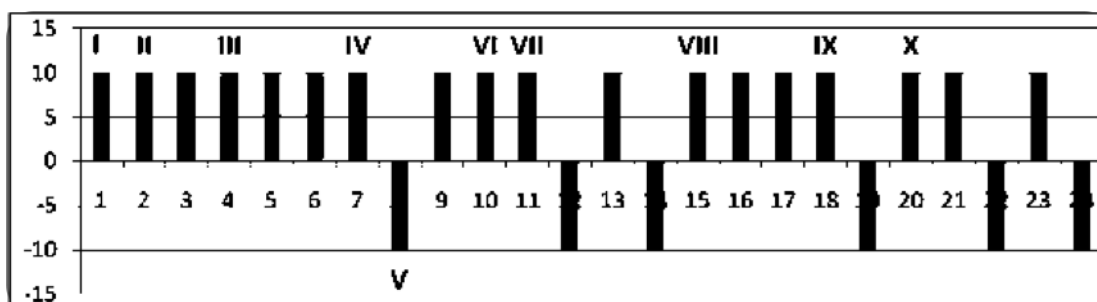


Figura 11 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 23

No cartão V surge uma resposta com um conteúdo persecutório: “...Com estes cornixos e estas pernas parece um diabo, só lhe faltam as labaredas, que horror”. De seguida surge um movimento no sentido da inintegração do choque inicial provocado pelo estímulo, com uma resposta banal: “Uma ave esquisita”. A transformação operada, vai no sentido ($T\beta \rightarrow T\alpha$), que corresponde à transição G Clob F (H) \rightarrow G F+ A Ban. Mais uma vez, é o recurso ao determinante formal que permite essa transição.

No cartão VI, a resposta é adequada. No cartão VII surge uma primeira resposta que embora tenha um carácter infantil “uns patinhos”, não evidencia sinais de desestruturação. Segue-se uma resposta, construída a partir de um pequeno detalhe, com

um carácter projectivo “...Uma pessoa....Moisés?, e por fim, novamente a integração numa resposta com conteúdo animal “...parece-me um coelho com a dentuça e tudo”. A sequência de transformações operadas a partir do estímulo é então ($\rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$).

No cartão VIII são dadas três respostas, sem que a introdução do estímulo cõr desorganize os conteúdos do pensamento.

No cartão IX, são dadas duas respostas, a primeira mostra uma boa integração da cor: “...um lírio lindo”, e a segunda resposta assume um carácter persecutório: “...duas bruxas a atacarem-se...”. A passagem para o cartão X, não é comprometida pelo carácter arcaico do estímulo anterior, pois o recurso aos conteúdos animais permite a delimitação da dispersão suscitada pelo estímulo. Após uma resposta que denota a desadequação do conceito criado: “Grilos, gafanhotos”, surge a resposta banal: “Aranhas”.

Vamos agora ver de que forma se expressam neste quadrante, as capacidades de expansão mental dos sujeitos 31 e 52.

No sujeito 31 (ver Fig. 12) a abordagem da prancha I mostra dificuldades na integração dos aspectos disruptivos do estímulo, sem a possibilidade de construção de um continente capaz de os conter: “Duas caras de cavalinhos do mar” (D F- Ad) e “Dois passarinhos por cima da cabeça” (D F- A). Desta forma a uma $T\beta$ segue-se novamente $T\beta$.

Segue-se no cartão II uma sequência de respostas, que nos dá conta dessa dificuldade de construção do pensamento. A primeira resposta: “...um frasco de perfume de banho”, mostra uma tentativa de construção de um continente (frasco) que possa conter a angústia que surgiu na primeira prancha, no entanto, segue-se logo uma resposta construída a partir de um detalhe oligofrénico (Do): “...dois focinhos de cães...”. A terceira resposta de conteúdo animal, é banal “Uma borboleta”, e seguem-se duas respostas onde se evidencia a dificuldade na adequação ao estímulo “Dois pássaros por cima” e “Uma boca de gorila...”. A sequência é então $T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta$.

No cartão III surge uma resposta de conteúdo humano, onde é atribuído o sexo das personagens, sem desorganização do pensamento, o que mostra a capacidade de integração da dispersão suscitada pelo cartão II.

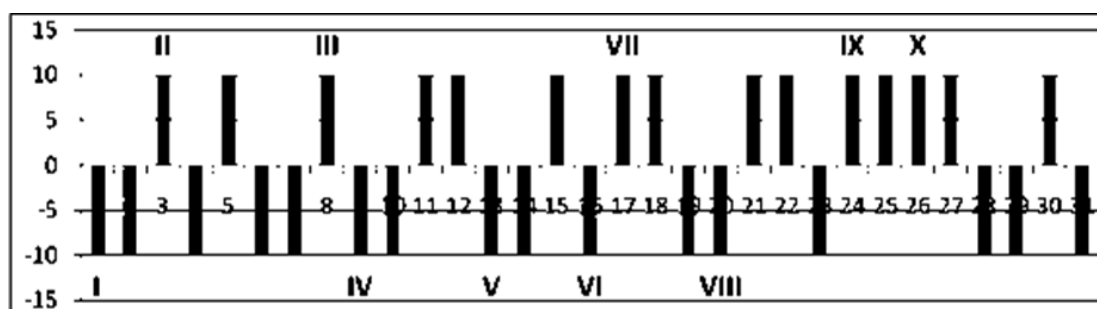


Figura 12 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 31

Como podemos ver a partir da figura 12, as duas primeiras respostas dadas no cartão IV mostram uma dificuldade de abordagem global do estímulo. A clivagem operada, não permite a construção de pensamentos num nível simbólico. No entanto, seguem-se duas respostas, onde é recuperada a possibilidade de simbolização: “um morcego está aberto”, e por fim a tentativa de construção de um continente “botas...puseram botas no morcego” capaz de sustentar a angústia suscitada. A passagem de um registo não simbólico, para a simbolização, faz-se mais uma vez através do recurso do determinante formal.

A entrada no cartão V é marcada novamente por duas respostas destruturadas: “Um coelho aberto ao meio...” e “a barba de um homem”. Por fim “Uma velha sentada numa mesa a fazer renda de bilros”, centrada no detalhe lateral. A sequência de transformações ocorridas neste cartão é então ($T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$). Desta vez, a passagem de $T\beta \rightarrow T\alpha$, é construída a partir de uma resposta de movimento com um conteúdo humano bem delimitado. Esta transição permitiu a construção simbólica de elementos dispersos “nariz, olhos, cabelos”, numa pessoa em movimento, dando-nos conta do retorno ao espaço transitivo, permitindo aceder a um conceito.

A passagem para o cartão VI, mostra novamente a desintegração do pensamento: “dois perfis de um animal aberto”... (D F- Ad), que é novamente recuperada suportando-se numa resposta cinestésica (K).. No entanto, a possibilidade de integração da dispersão suscitada pela prancha anterior, surge com a entrada no cartão VII: “Dois perfis de mulher com os cabelos no ar”, perdendo novamente a capacidade de integração dos componentes do estímulo na construção do pensamento, nas duas respostas seguintes: “Dois perfis de animal em baixo” e “Um animal com bigode aberto”. A transição do cartão VI para o cartão VII, permite a recuperação para um nível simbólico, e suporta-se na elaboração dos conteúdos. Da fragmentação “Dois perfis:

nariz, queixo, os bigodes do animal aberto, as patas”, passa para um registo mais elaborado: “Dois perfis de mulher com os cabelos no ar”.

A angústia suscitada no estímulo anterior, vai influenciar a primeira resposta dada no cartão VIII “Coluna vertebral de um animal”, no entanto apesar do seu carácter mórbido, surgem duas resposta onde se recupera a capacidade de simbolização “Uma borboleta aberta” e “Duas bandeiras”, desta vez, através do recurso à forma.

No cartão IX, o sujeito consegue integrar o carácter regressivo do estímulo sem desorganização dos conteúdos do pensamento. Na prancha X, a primeira abordagem surge com uma resposta banal “Duas aranhas” e seguem-se duas respostas que nos dão conta novamente da dificuldade de simbolização: “Duas vacas a lutarem contra uma parede” e “Nariz e queixo de uma pessoa”, segue-se novamente uma resposta de conteúdo animal com carácter banal “caranguejos”, e por fim, novamente a dificuldade de integração dos elementos do estímulo “Búzios”. A sequência de transformações é então ($T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta$).

No sujeito 52 (ver Fig. 13), observamos que começa por dar uma primeira resposta banal, à qual se segue uma resposta com carácter místico: “Dois anjinhos”. Esta entrada no surreal, leva à dificuldade na simbolização, seguindo-se três respostas onde se destaca a falha no processo de simbolização. A última resposta adequa-se à forma do detalhe mobilizado, sendo no entanto, uma anatomia: “Duas mãos a agarrar qualquer coisa”, como se procurasse um objecto de sustentação para a angústia suscitada pela “mudança catastrófica” desencadeada pelo estímulo.

No segundo cartão consegue integrar o aparecimento da cor vermelha sem que haja desorganização do pensamento.

No terceiro cartão, inicia com duas respostas de conteúdo humano, no entanto, a tentativa de atribuição de um significado aos detalhes vermelhos, resulta em duas respostas, que nos dão conta da falha na simbolização. A sequência seria então $T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta$.

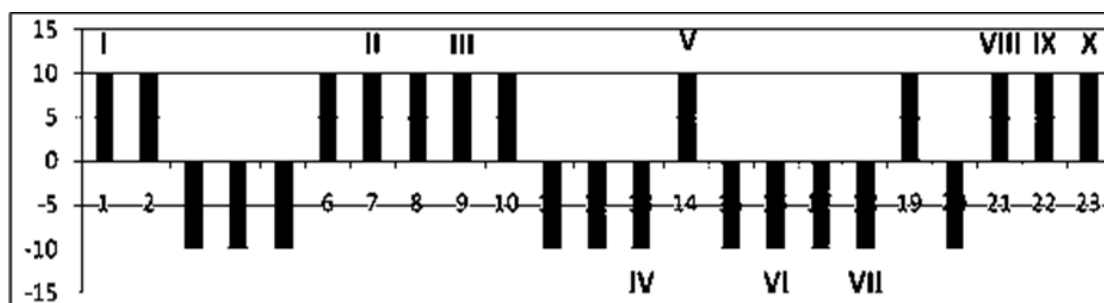


Figura 13 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 52

A dificuldade no processo de simbolização vai comprometer a entrada no cartão IV, ao dar uma resposta, cujo conceito não se adequa ao estímulo: “O Rei Leão” (G F-(A).

No cartão V surgem duas respostas de conteúdo humano. Na segunda resposta falha no processo de simbolização. A dificuldade em abordar este cartão, remete para a forma como aborda a realidade. Com efeito, na passagem para o cartão VI, permanece a dificuldade em abordar a realidade. As duas respostas têm um carácter místico: “...um sacrário” e “hóstia”, evidenciando uma tentativa de abordar a realidade pelo recurso à intelectualização e ao universo religioso, mas que não é conseguida. Temos uma sequência $T\beta \rightarrow T\beta$. Neste caso, a ruptura face à realidade, é operada pela invasão do religioso, assumindo assim um carácter delirante.

Este movimento vai condicionar a forma como vai abordar o cartão seguinte: “Aqui estão as pombinhas...era o que faltava”. De seguida dá uma resposta com conteúdo humano, adequada ao estímulo, destacando o sexo das personagens: “...Duas bailarinas” e esboça uma auto-crítica face à fixação exacerbada no religioso: “...uma caricatura...isto para não ir para o lado espiritual”. A passagem do registo não simbólico para o plano simbólico, ocorre pelo recurso a uma resposta cinestésica (K).

Nos cartões coloridos VIII, IX e X surgem respostas que nos dão conta de uma boa capacidade de simbolização (elementos α).

Como vimos anteriormente, o *cluster* de variáveis que tipifica este quadrante, comporta uma produtividade média, percentagem média de respostas formais, percentagem elevada de conteúdos humanos e um Tipo de Ressonância Íntimo Intratensivo Misto. A análise das capacidades de expansão mental, das participantes que se integram neste quadrante, indica-nos que o recurso ao formal é o mecanismo mais eficaz na recuperação da transição de $T\beta$ para $T\alpha$, seguindo-se as respostas cinestésicas, o que justifica a percentagem acima da média de respostas com conteúdo humano.

A comparação da eficácia dos sujeitos 17 e 23 com os sujeitos 31 e 52, mostra-nos que os dois primeiros recorrem rapidamente ao formal como forma de abordagem dos estímulos, evitando dessa forma, o arrastamento do pensamento num nível não simbólico. Pelo contrário, as menores capacidades de expansão mental nos sujeitos 31 e 52 devem-se a uma tentativa de enfrentar a desorganização, através do recurso a respostas cinestésicas, que nem sempre é conseguida, o que leva a que na cadeia associativa surja a repetição de conteúdos desestruturados (elementos β). A eficiência da capacidade de recuperação pelo recurso ao formal, dá-nos conta da forma como intervem a prova da realidade, que permite distinguir os estímulos que provém do mundo exterior dos estímulos internos e prevenir a confusão entre o que o sujeito percebe e o que não passa de representações suas (Laplanche e Pontalis, cit in Chabert, 1997/1998). Desta forma, estabelece-se a diferença entre o *Princípio do Prazer* e o *Princípio da Realidade*.

A dificuldade em responder rapidamente à confusão criada entre o interno e o externo, é proporcional ao grau de desorganização do pensamento e às capacidades de expansão mental.

No segundo quadrante surge um núcleo de variáveis que integra uma percentagem de respostas elevada, uma capacidade de adaptação intelectual média (boas formas) e um Tipo de Ressonância Íntima Coartativo (TC). Ainda neste quadrante, com menor expressão surge uma percentagem de boas formas (F+) elevada.

Tal como procedemos no quadrante anterior, vamos agora analisar a importância que a interacção criada entre estas variáveis assume no potencial de evolução mental.

O quadro 21 diz respeito ao quadrante 2. Os sujeitos 41 e 60 obtiveram o PEV mais elevado (90 e 100), enquanto os sujeitos 33 e 39 obtiveram os potenciais mais baixos, respectivamente (0 e -10) pertencentes ao Grupo 1 e que se referenciam ao primeiro quadrante na ACM.

Quadro 21 - Potenciais de evolução do Grupo 1 – Quadrante 2

Sujeitos	PEV	Sujeitos	PEV
5	80	48	70
12	20	54	30
21	10	58	70
33	0	60	100
39	-20	70	20
41	90	72	40
43	20	74	60
45	70	94	60

O sujeito 41 (ver Fig. 14) revela uma boa capacidade de expansão mental. Até à prancha V, surge um registo de funcionamento progressivo. No cartão VI surge uma resposta de carácter impreciso: “Um bicho, mas não sei qual”, recuperando de seguida no cartão VII, para uma resposta com carácter preciso “são borboletas”. A sustentação na forma permite a reconstrução do próprio conteúdo animal, pois há um salto qualitativo da imprecisão para o conceito.

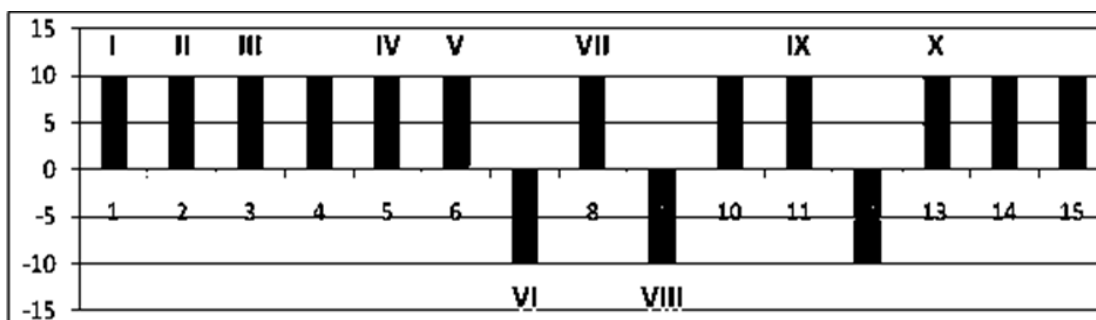


Figura 14 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 41

A introdução da cor com o cartão VIII leva a uma primeira resposta de carácter impreciso: “uma árvore”, recuperando de seguida com uma resposta banal: “dois bichos de lado”. Mais uma vez, é o determinante formal que permite, a transição $T\beta \rightarrow T\alpha$.

Às duas respostas com carácter impreciso, dadas no cartão IX, surgem de seguida três respostas no cartão X onde se revela a capacidade de simbolização.

Em suma, a par de um registo de funcionamento mental, marcado pela emergência da simbolização, aos movimentos regressivos, sucedem-se movimentos progressivos que possibilitam a capacidade criativa. Esta eficácia é possibilitada pelo recurso ao formal, permitindo a elaboração dos conteúdos. Por exemplo, na passagem do cartão VI para o cartão VII, o conceito “bicho” com um carácter indefinido, é dessa forma saturado com uma definição precisa “borboletas”.

Como podemos observar na figura 15, o sujeito 60 mostra uma boa capacidade de simbolização em todas as respostas dadas até ao cartão VIII. Perante os movimentos regressivos que surgem nos cartões VIII, IX e X, rapidamente passa para o plano da simbolização. Esta transição torna-se possível, ao abordar o cartão X, de forma global, integrando assim a dispersão induzida pela própria mancha. A resposta “Parece-me o

fundo do mar”, permite a integração e elaboração dessa dispersão. O conteúdo mar representa desta forma, um continente, evitando a desorganização.

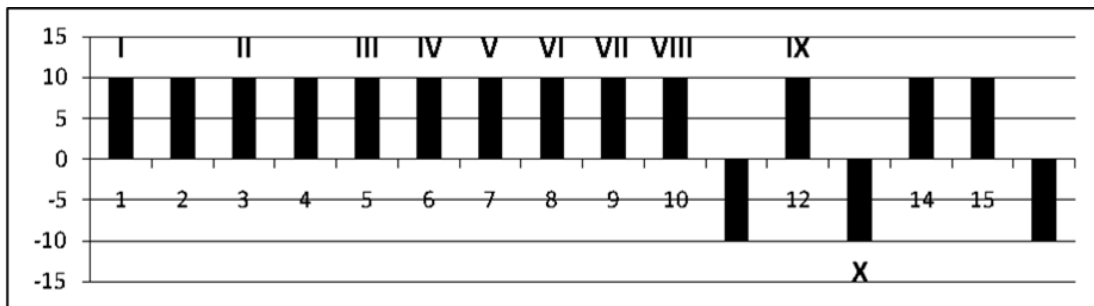


Figura 15 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 60

O sujeito 33 (ver Fig. 16) começa por abordar o “objecto” com uma resposta banal, integrando os detalhes brancos no interior da mancha, sem que se desorganize: “Um morcego...., mas um morcego não tem aqueles buraquinhos no meio...”. No entanto o desconforto suscitado pelo estímulo inicial vai contaminar a resposta seguinte, no cartão II: “...algum bicho...mas não pode ser só bichos...não sei”. Ao contrário das participantes, onde é o recurso ao determinante formal que permite a eficiência da estruturação simbólica (17 e 23), assistimos agora ao movimento inverso – a degradação do determinante formal $F+ \rightarrow F_{\pm}$ o que pode remeter para a inconsistência dos processos de integração e dispersão ($Ps \leftrightarrow D$) na construção do pensamento. Todavia, na passagem para o cartão III, o recurso à forma permite o retorno ao simbólico.

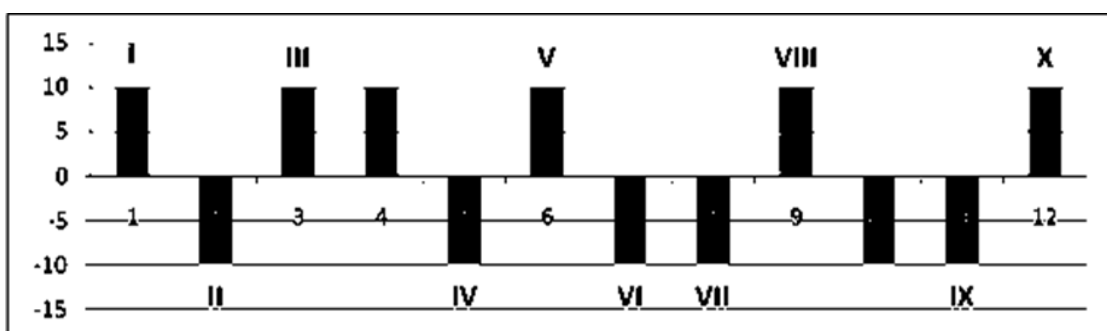


Figura 16 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 33

No cartão III surgem duas respostas que nos dão conta de uma boa capacidade de simbolização, para de seguida no cartão IV, voltar a dar uma resposta onde se destaca o carácter impreciso: “...um bicho do mar...mas não sei o nome”. Na prancha V surge novamente uma resposta banal. No cartão VI e no cartão VII, surgem duas

respostas que nos dão conta de uma imprecisão do pensamento. A reacção perante o estímulo cor, desencadeada pelo cartão VIII, ocorre sem perturbação, no entanto surge novamente a imprecisão na definição dos conteúdos que constituem as respostas dadas no cartão IX e recupera no cartão X, com a resposta: “...um bicho a passear na natureza”.

Assim, a sequência das transformações, pode ser representada da seguinte forma: $T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$.

Deparamo-nos novamente com uma lógica por vezes simétrica, onde as transformações nem sempre ocorrem alternadamente, comprometendo por vezes o processo de simbolização, pelo arrastamento num registo não simbólico.

Ainda neste quadrante, o sujeito 39 (ver Fig. 17) começa por dar uma resposta banal no cartão I, e a passagem para o cartão II é feita sem sobressaltos, mantendo uma simbolização que se adequa ao estímulo.

Com a introdução da cor vermelha no cartão III, o pensamento desorganiza-se: “dois passarinhos” (detalhes vermelhos superiores). A angústia mantém-se, inviabilizando a capacidade de resposta no cartão IV (recusa).

Face ao cartão V, surge novamente uma resposta banal, recuperando o processo de simbolização, pelo recurso ao formal.

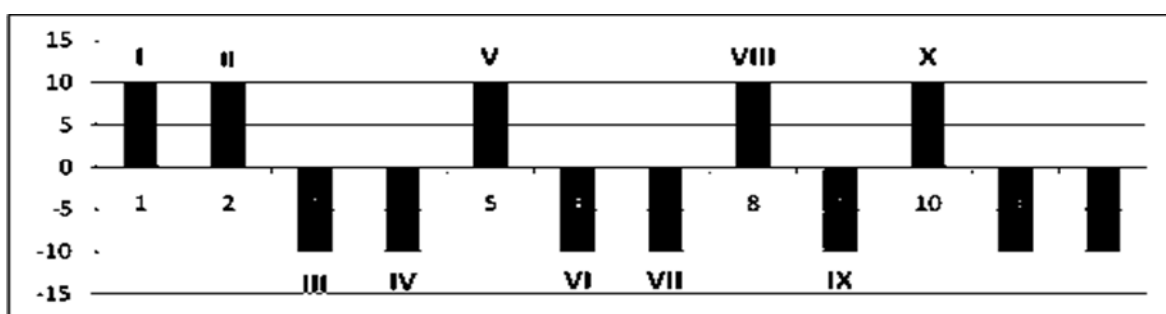


Figura 17 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 39

Nos cartões VI e VII surgem duas respostas com carácter impreciso “bichos...”, recuperando apenas no cartão VIII com uma resposta banal. A entrada no cartão IX faz-se de forma a tentar conter o carácter regressivo, ao abordar a mancha de forma global. No entanto essa tentativa não resulta totalmente, surgindo a resposta: “uma árvore”. No cartão X, ocorre a recuperação para o plano simbólico, através do recurso à forma, e da

desvalorização do estímulo cor. Ao contrário do cartão IX, onde este estímulo levou à imprecisão do pensamento.

Da conjugação das variáveis que tipifica este quadrante (produtividade elevada, percentagem média de boas formas e um TRI coartativo), ressalta novamente a importância do determinante formal como condicionante da qualidade associativa apresentada pelas participantes, que se integram aí. Nas participantes com menor potencial evolutivo, como é o caso da participante 39, para além da “derrapagem” no controle do pensamento pelo recurso ao formal, assistimos à invasão da angústia que inviabiliza a possibilidade de resposta, surgindo a recusa como defesa contra a possível desorganização provocada pelo estímulo.

No terceiro e quarto quadrante, a associação entre variáveis, está mais próxima de um Índice de Angústia elevado.

Como podemos constatar no 3º quadrante relacionam-se as seguintes variáveis: uma produtividade abaixo da média, um recurso ao formal elevado e um Tipo de Ressonância Íntima Extratensivo Puro (EP), um pouco mais afastado, um Tipo de Ressonância Íntima Coartado Puro (TCP).

O quadro 22 diz respeito às participantes que integram o quadrante 3, no Grupo 1. Os sujeitos 40 e 56 obtiveram o PEV mais elevado (40 e 40), enquanto os sujeitos 79 e 90 obtiveram os potenciais mais baixos, respectivamente (-20 e -30).

Quadro 22 - Potenciais de evolução do Grupo 1 – Quadrante 3

Sujeitos	PEV	Sujeitos	PEV
7	-20	66	40
10	-10	71	40
26	30	78	40
29	-20	79	-20
40	40	82	0
56	40	90	-30
59	-20	92	50

O sujeito 40 (ver Fig. 18) começa por dar três respostas de conteúdo animal, num registo positivo (elementos α). No entanto, a passagem para os cartões II e III, passa para um registo negativo, dando duas respostas com conteúdo anatómico, por exemplo: “...a cara de um ser humano transformado em caveira”.

A introdução do cartão IV permite-lhe recuperar o processo de simbolização.

Mantém este registo no cartão V, com uma resposta banal. A passagem para um registo simbólico, tem como base o determinante formal. Apesar da sensibilidade sentida com a cor preta, esta é integrada no conteúdo da resposta “Uma ave nocturna...daquelas que anda à noite...não sei o nome.

A partir do cartão VI surge novamente a angústia de fragmentação: “coluna vertebral” (detalhe central superior), e “animal...não sei...está partido ao meio...”. No cartão VII: “um rabo...um ânus...”.

A recuperação para um registo simbólico elaborado, ocorre com a introdução dos cartões pastel. No cartão VIII surgem duas respostas elaboradas: “dois furões” (detalhes laterais) e “uma flor”, esta última, integrando a cor na construção da imagem.

Assinalamos a importância do aparecimento da cor, como alívio perante o mau estar sentido nos cartões onde o preto se impõe (IV, V e VI). Perante o cartão IX, com uma carácter regressivo, recusa dar uma resposta, como se temesse enfrentar novamente a desorganização, suscitada pelo estímulo, e por fim no cartão X, surge uma resposta banal “caranguejos”. A sequência de transformações é a seguinte: $T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$.

Apesar de surgirem movimentos regressivos, num registo que não permite a construção simbólica, estes são invertidos sistematicamente pela *função α* , permitindo a construção de novos elementos α . No entanto, assistimos agora, a uma persistência em temáticas que nos dão conta da presença de angústia de destruição corporal são exemplo as respostas dadas nos cartões II e III e no cartão VI.

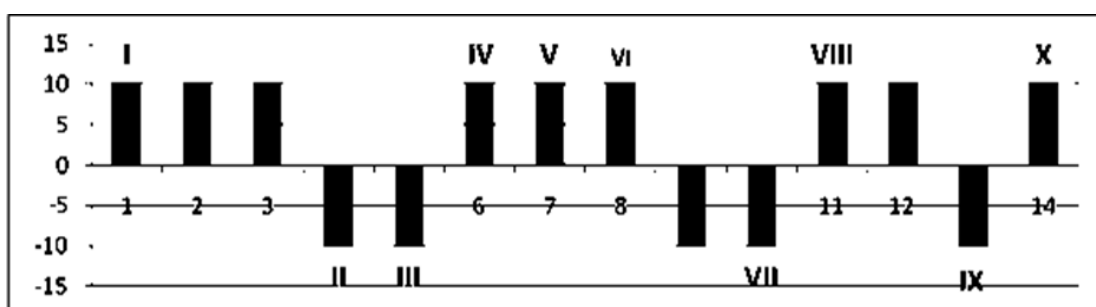


Figura 18 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 40

Esta capacidade de recuperação para um registo simbólico, encontra-se igualmente no sujeito 56 (ver Fig. 19). Com efeito, a primeira resposta dada no cartão I é banal, mantendo o processo de simbolização na passagem para o cartão II. Apesar de reagir à cor vermelha, com uma resposta mais arcaica “sangue”, de seguida recupera,

para um registo elaborado no cartão III “dois homenzinhos à fogueira a aquecerem-se”, como se procurasse um conforto, perante o desconforto sentido no cartão anterior. Assistimos À integração da cor vermelha, no elemento fogo, ao mesmo tempo que há um movimento no sentido do contacto humano.

Nos cartões IV e V mantém esse registo elaborado. No cartão VI volta novamente a dar uma resposta regressiva “são os pulmões e a parte da garganta”, voltando novamente a recuperar desse registo na passagem para a prancha VII: “Dois coelhos a dançarem bem-dispostos, felizes, com as patinhas no ar, e as orelhinhas no ar”. A vitalidade psíquica manifesta-se na passagem de um conteúdo anatómico, associado à fragmentação corporal, para conteúdos animais, integrados no imaginário social.

Neste caso, o estímulo “cor” provoca “incêndios” (cartão IX), face aos quais, mantém a possibilidade de aceder a um registo simbólico, suportando-se desta vez no mundo animal marinho. Embora manifeste uma capacidade de recuperação ao nível do simbólico, a angústia manifesta-se através da degradação do determinante formal e pela invasão de afectos, que destoem o continente, impedindo assim a função simbólica.

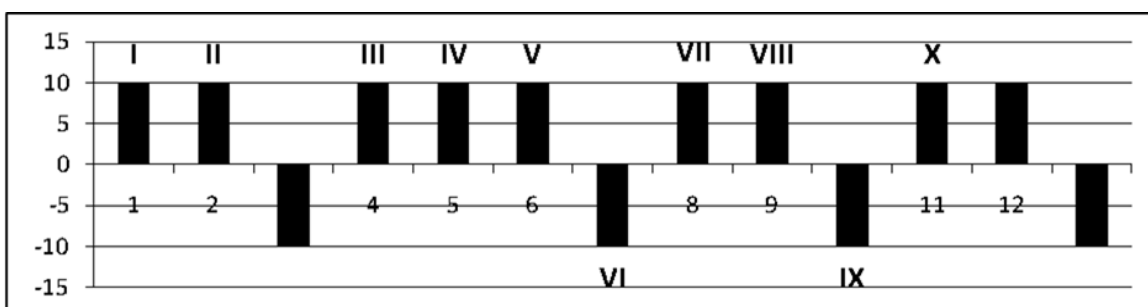


Figura 19 - Movimentos progridentes e regredientes – sujeito 56

O sujeito 79 (ver Fig. 20) começa por abordar o cartão I com duas respostas banais, no entanto, na terceira resposta “parreira com folhas”, falha no processo de simbolização, pela ambiguidade da resposta.

A primeira resposta no cartão II mostra a recuperação no registo simbólico, surgindo conteúdos humanos: “Estes dois senhores com uma garrafa na mão”, regredindo novamente no cartão III, onde se destaca a dificuldade no acesso ao simbólico. O recurso ao determinante formal é ineficaz, originando ainda neste cartão uma resposta que inclui um *detalhe oligofrénico*. Recupera com uma resposta banal no cartão V “...um morcego”, suportada agora no determinante formal.

Nos cartões VI e VII volta novamente a um registo que não acede ao simbólico, resultante da dificuldade sentida no recurso à forma.

À entrada no cartão VIII surge uma resposta com conteúdo banal, no entanto a transformação ocorrida é pouco consistente, pois nas respostas seguintes, repetem-se as falhas no recurso ao formal. A par do aparecimento de imagens que reenviam para um simbolismo de degradação (por ex. “vela a derreter” no cartão VIII), há uma insistência no recurso ao formal que nem sempre é eficaz.

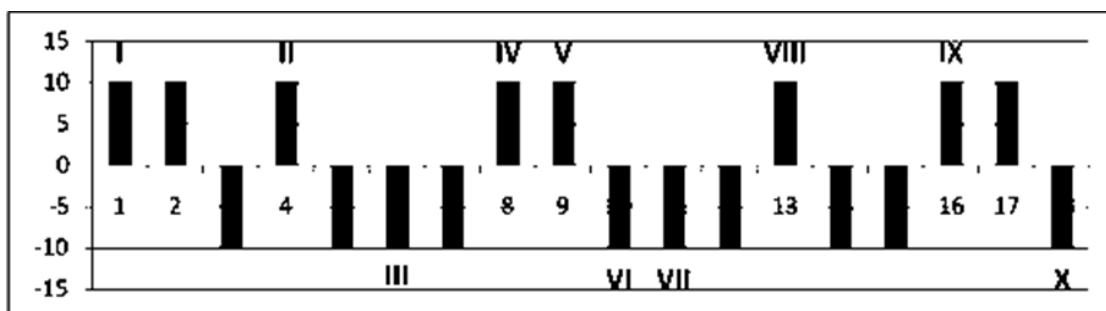


Figura 20 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 79

O sujeito 90 (ver Fig. 21) começa por abordar o cartão I com duas respostas com conteúdo anatómico “Isto é o fígado” e “Os pulmões”. Nos cartões seguintes, falha na simbolização, devido ao facto de se basear no recurso formal e este é ineficaz. A apresentação do cartão V funciona como um “contentor” para essa angústia, mantendo um registo elaborado nos cartões VI e VII. A apresentação dos cartões pastel desencadeia novamente uma regressão, sem possibilidade de recuperação para um registo simbólico elaborado. À entrada no cartão VIII surge uma resposta com conteúdo banal, no entanto a transformação ocorrida é pouco consistente, pois nas respostas seguintes, repetem-se as falhas no recurso ao formal.

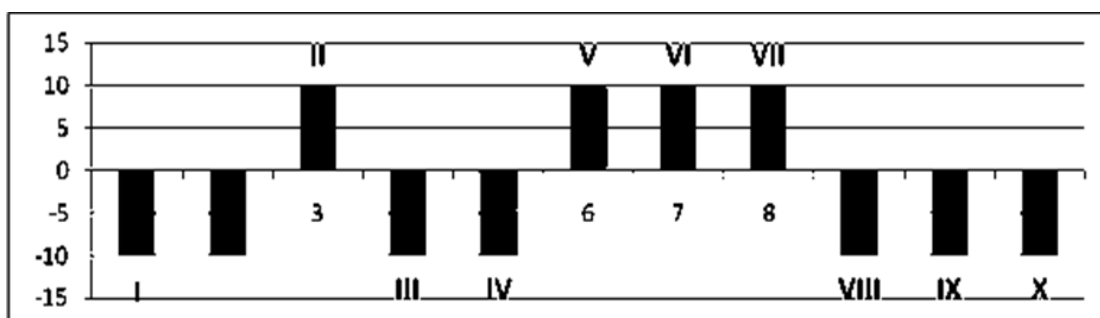


Figura 21 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 90

A configuração de variáveis extraída da Análise de Correspondências Múltiplas destaca neste quadrante, uma produtividade baixa, recurso ao formal elevado e um TRI Extratensivo Puro. Da análise que efectuamos dos movimentos progredientes e regredientes expressos no Rorschach, o determinante formal assume uma importância nuclear na reestruturação da cadeia simbólica dos sujeitos com um potencial mais elevado. Quando esse recurso é intenso, mas ineficaz (sujeitos 79 e 90), resulta na impossibilidade de simbolização, surgindo conteúdos que nos dão conta de angústia de destruição corporal

Por fim no quarto quadrante encontramos uma produtividade média, o recurso ao formal abaixo da média, capacidade de adaptação do pensamento ao real objectivo (F+) médio, capacidade de contacto média (conteúdos humanos) e uma atitude associativa média (conteúdos animais) e um Tipo de Ressonância Íntima Extratensivo misto (EM).

O quadro 23 diz respeito às variáveis relativas ao quadrante 4 do Grupo 1. Os sujeitos 14 e 35 obtiveram o PEV mais elevado (70 e 90), enquanto os sujeitos 18 e 96 obtiveram os potenciais mais baixos, respectivamente (-24 e -70).

Quadro 23 - Potenciais de evolução do Grupo 1 – Quadrante 4

Sujeito	PEV	Sujeito	PEV
3	50	55	30
4	-10	64	40
14	70	68	30
18	-40	69	30
35	90	75	-10
42	0	76	30
44	-10	87	-30
47	-30	96	-70
49	20	99	70

O sujeito 14 (ver Fig. 22) começa por abordar o cartão I com duas respostas num registo simbólico elaborado, com um conteúdo humano.

No cartão III mantém esse registo na primeira resposta, no entanto a sensibilidade ao branco e de seguida ao vermelho, levam a respostas com um carácter mais regressivo: “Um morcego com sangue dentro dele”, e “lá fora também há sangue”.

O cartão IV permite a recuperação para um registo elaborado: “...o gigante das botas...”, recorrendo ao imaginário infantil.

Na passagem para o cartão V, começa por abordar o cartão com uma resposta banal, no entanto mostra uma sensibilidade à tonalidade do cartão que parece ter influenciado as respostas seguintes: “um animal morto...” e “...parece um osso”.

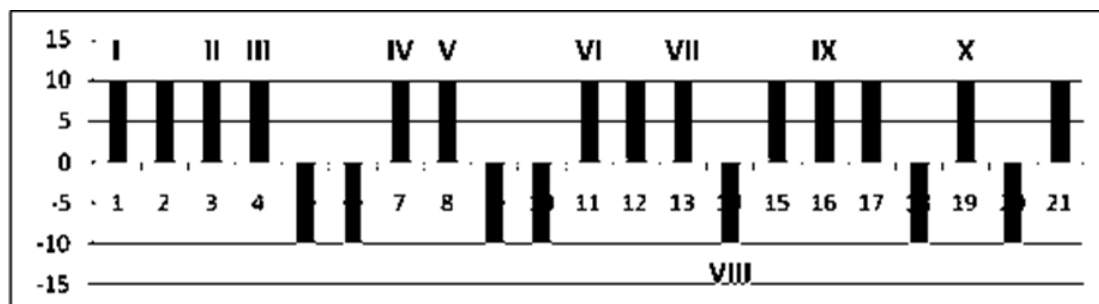


Figura 22 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 14

A entrada no cartão VI permite a recuperação no plano simbólico, suportada no determinante formal. De uma resposta com carácter impreciso: “Peça de arte” passa para a resposta de carácter banal: “Pele de um animal” (G F+ A Ban). O registo simbólico elaborado mantém-se igualmente no cartão VII, com uma resposta com um conteúdo humano: “...duas pessoas que estão zangadas...”.

Face aos cartões pastel, começa por interpretar a cor, no entanto, ainda neste cartão dá uma resposta banal. No cartão IX começa por integrar a cor, conseguindo simbolizar, dando apenas uma resposta que nos dá conta da dificuldade em conter os afectos: “...terra incandescente...”, no entanto, no cartão X, apesar de voltar a um registo simbólico, o conteúdo remete para essa dificuldade na contenção dos afectos: “...explosão da torre Eiffel”, suportada no formal.

O sujeito 35 (ver Fig.23) mantém um registo simbólico ao longo de todos os cartões, com excepção do cartão VI, onde surge uma resposta imprecisa: “estou a ver um culto”, recuperando logo de seguida com o cartão VII, pelo recurso ao formal.

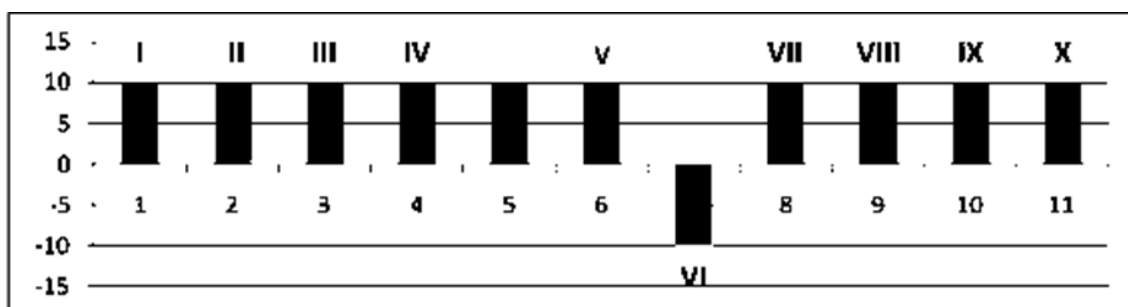


Figura 23 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 35

Em relação aos dois sujeitos no quarto quadrante que obtiveram um potencial mais baixo, destacamos o sujeito 18 e o sujeito 96.

No que diz respeito ao sujeito 18 (ver Fig. 24), começa por abordar o cartão I com uma resposta banal, no entanto, entra de seguida num registo regressivo, observando-se a degradação da forma: “Insecto” → “Insecto esmagado → “Está a deitar sangue” e o arrastamento para a angústia de destruição corporal: “Ao mesmo tempo faz-me lembrar os pulmões de uma pessoa” (Inquérito: “Os pulmões de um fumador”).

Na passagem para o cartão III, consegue aceder novamente ao simbólico, integrando de forma elaborada a cor vermelha.

A passagem para o cartão IV, traz novamente a desorganização dos conteúdos do pensamento, com um acréscimo crescente de respostas de conteúdo anatómico que se vão manter nas restantes pranchas, inviabilizando dessa forma o acesso ao simbólico.

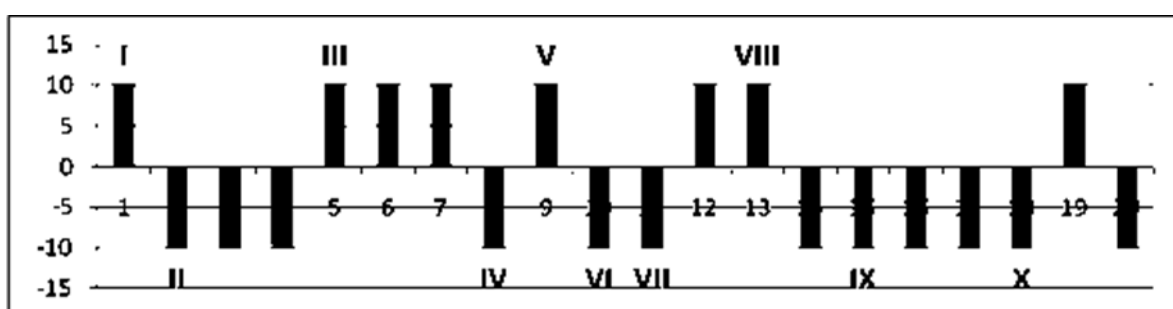


Figura 24 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 18

Em relação ao sujeito 96 (ver Fig. 25), observamos uma alternância entre um registo no plano simbólico e um registo regressivo, que se acentua no cartão IX, com uma série de interpretações da cor: “...É a Primavera (verde), o Verão (rosa) e o Outono

(amarelo). Na passagem para o cartão X, mantém um registo com características delirantes: "...a verdade e a grande harmonia" (detalhe verde central).

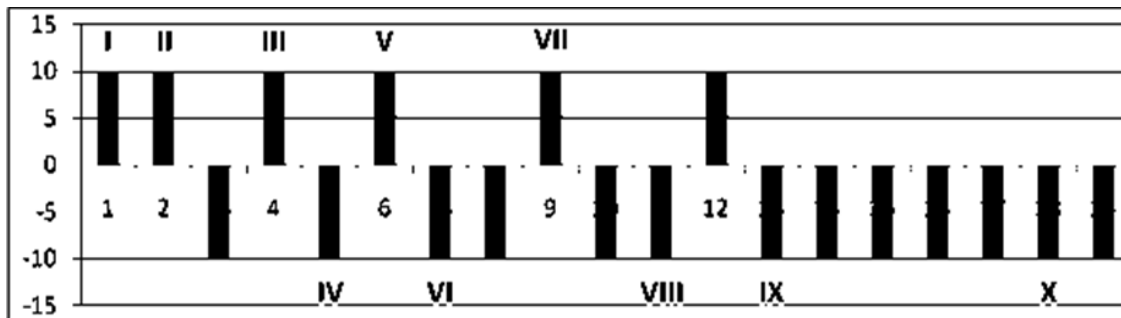


Figura 25 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 96

Nestes dois últimos sujeitos surge uma “lógica simétrica”, na qual se apaga a possibilidade de oscilação entre um registo progressivo e regressivo. Nestes casos torna-se evidente a desestabilização provocada pela entrada nos cartões pastel, onde $T\beta$ origina $T\beta$, inviabilizando o acesso ao simbólico.

Em suma, em relação ao Grupo 1, o determinante formal, assume uma importância fulcral no processo de simbolização. É a eficácia na sua gestão, que possibilita a construção simbólica e o surgimento de conteúdos que remetem para a socialização do pensamento (conteúdos humanos e animais). Nos dois primeiros quadrantes, evidencia-se a eficácia de um registo simbólico, que permite baixar o índice de angústia. No terceiro e quarto quadrante, há um aumento da angústia, pela lentificação na capacidade de recuperação simbólica e a consequente entrada num registo simétrico, pela acumulação de respostas com carácter destrutivo.

Podemos dizer que nos dois primeiros quadrantes, os símbolos geram conceitos e estes novos símbolos e a possibilidade de “explorar o negativo” torna-se viável, sem que o pensamento se desorganize, manifestando-se assim, a eficiência do processo de integração e dispersão ($Ps \leftrightarrow D$). No terceiro e quarto quadrante, a ineficácia no processo de simbolização resulta de uma cadeia simbólica, onde os elementos beta geram novos elementos beta ($Ps \leftrightarrow Ps$).

Tal como procedemos em relação às participantes do Grupo 1, vamos agora analisar as possibilidades de evolução mental apresentadas pelas participantes do Grupo 2, seleccionando de cada quadrante, as duas participantes com um resultado mais elevado e as duas com um potencial mais baixo.

No Grupo 2 destacam-se igualmente quatro núcleos de variáveis. Como podemos constatar na figura seguinte (figura 26), os grupos que surgem no primeiro e segundo quadrante estão mais próximos de um Índice de Angústia reduzido.

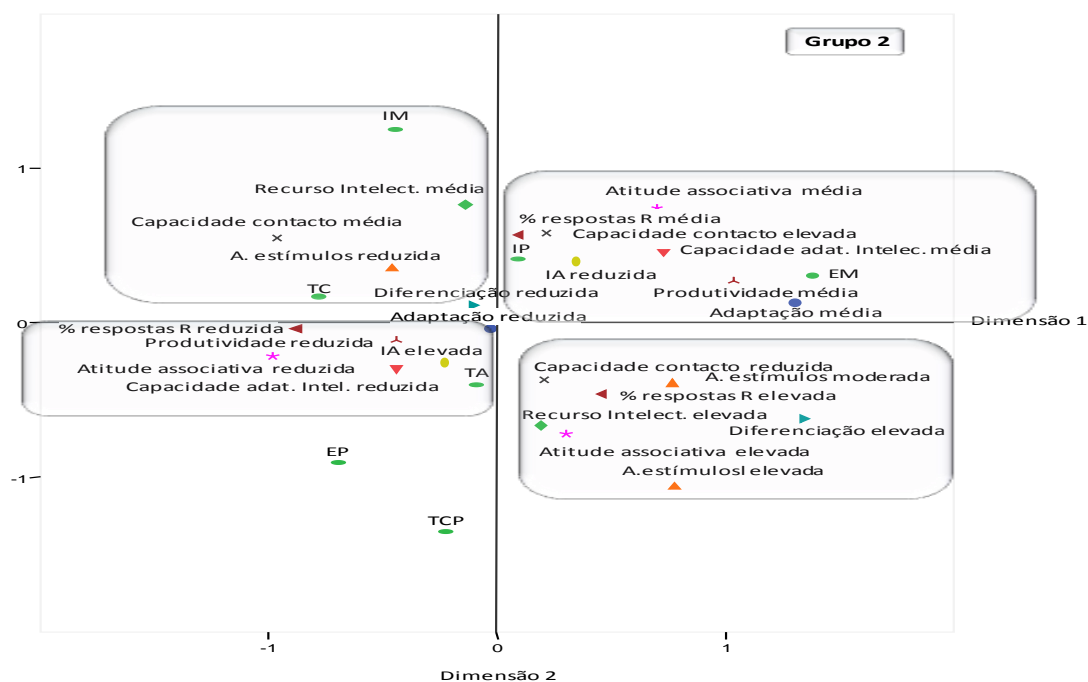


Figura 26 – ACM das variáveis Rorschach - Grupo 2

No primeiro quadrante encontramos um núcleo onde se associa uma produtividade média, uma capacidade de adaptação do pensamento ao real, média (F+), uma capacidade de contacto média (H), e um Tipo de Ressonância Íntima Intratensivo Puro (IP). Um pouco mais afastado, mas ainda neste quadrante, destaca-se um Tipo de Ressonância Íntima Extratensivo Misto (EM). Esta conjunção de variáveis é a que se encontra mais próxima de um índice de angústia baixo.

No quadro 24, no quadrante 1 destacam-se as participantes 61 e 85 com um potencial evolutivo de 100 e 70, respectivamente, e com um potencial mais baixo, as participantes 37 e 95, com potenciais de -30 e -90, respectivamente.

Quadro 24 - Potenciais de evolução do Grupo 2 – Quadrante 1

Sujeitos	PEV	Sujeitos	PEV
9	30	61	100
13	60	83	10
30	60	85	70
37	-30	95	-90

Como podemos ver na figura 27, o Rorschach do sujeito 61 é marcado por movimentos de regressão, e de progressão, perdendo essa vitalidade nos três últimos cartões.

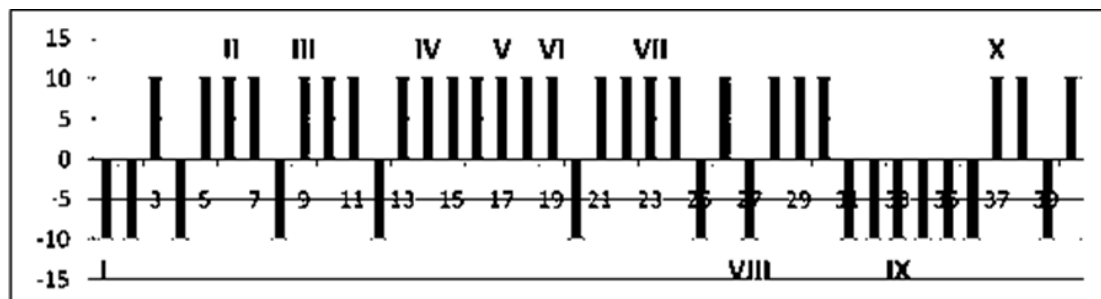


Figura 27 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 61

Logo no cartão I, começa por o abordar com uma resposta com conteúdo anatómico: “Uma vértebra”, que por sua vez se transforma numa “Folha seca” e “Uma pele de animal”, como se procurasse algo mais quente, que um osso do corpo humano. Esta busca é alicerçada no determinante formal. Este registo mantém-se no cartão II. Até ao cartão VIII observa-se um recurso a conteúdos humanos (respostas H) que na generalidade é feito com sucesso.

A apresentação do cartão VIII desperta um sentimento de ameaça: “uma boca de tubarão”, e de seguida tenta defender-se abordando o cartão de forma global: “Uma máscara”, e surge a resposta banal: “ratazanas” (detalhes laterais), voltando novamente a duas respostas de carácter anatómico.

Apesar do carácter regressivo do cartão IX, não surgem respostas anatómicas. No entanto, a presença de respostas como “diabos” e uma “fogueira”, evidenciam a dificuldade de contenção dos afectos suscitados pelo estímulo.

Por fim, no cartão X, recupera a capacidade de simbolização, com respostas como “Um bailado”, ou “Paisagem marítima”. Assinala-se o número elevado de respostas e o recurso sucessivo a conteúdos humanos, face ao qual, podemos colocar a hipótese de que há uma busca incessante pelo contacto humano. Destaca-se a presença de conteúdos “crus”, que se mantém no mesmo cartão, preservando-se esse registo, por exemplo no cartão VIII surge a sequência seguinte: “Ratazanas” → “Tórax” → “Penetração sexual”.

O sujeito 85 (ver Fig. 28) inicia o cartão com uma resposta banal. O acesso ao simbólico é posto em causa, com a apresentação II, onde a presença da cor vermelha, desencadeia respostas como: “Um animal morto” e “Sangue”, onde o sangue resulta da morte do animal.

O cartão III permite a reorganização simbólica, surgindo a resposta: “Duas pessoas” e dessa forma, apesar da reacção aos detalhes de cor vermelha, com a resposta “sangue”, acede a um registo mais elaborado. A integração da cor vermelha num objecto, com contornos definidos (laço), torna-se possível, mais uma vez, pelo recurso ao determinante formal. Salienta-se o recurso aos conteúdos humanos, como contenção da angústia que resultou do cartão anterior.

As transformações assumem a sequência $T\alpha \rightarrow T\alpha \rightarrow T\beta \rightarrow T\alpha$, onde se destaca a presença da *função alfa*, que se revela no surgimento de *elementos alfa*.

No cartão VII volta novamente a dar uma resposta com personagens humanas: “Um homem e uma mulher a tentar beijar-se”.

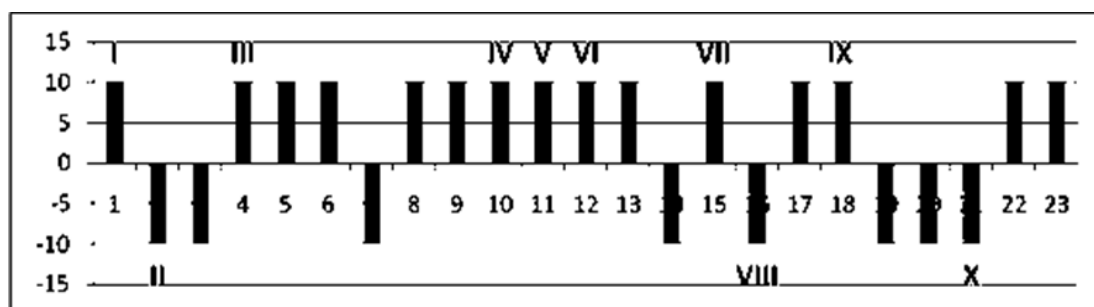


Figura 28 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 85

A apresentação dos cartões de cor pastel leva a uma maior desorganização, face à qual nem sempre consegue fazer face, por exemplo, se no cartão consegue passar de uma resposta de conteúdo anatómico: “Um esqueleto aberto, o corpo humano lado a lado” para a resposta banal, recorrendo ao determinante formal com sucesso para, no cartão IX, após a resposta “luta de veados” de seguida dá a resposta: “vísceras espalhadas por todo o lado”, referindo-se aos restantes estímulos da mancha.

Termina no cartão X com a resposta “Uma confusão de animais horrorosos”, e dessa forma explicita a angústia que viveu ao longo do Rorschach. A angústia resulta essencialmente da dificuldade na abordagem do estímulo cor, como refere na prova das escolhas, ao optar pelo cartão III como um dos cartões mais agradáveis: “Não faz tanta impressão porque não tem tanta cor”.

Vamos proceder à análise da forma como se exprimem as capacidades de evolução mental nas duas participantes com menor potencial evolutivo.

O sujeito 37 (ver Fig. 29) começa por abordar o cartão I com uma resposta banal. O aparecimento da cor vermelha no cartão II, leva à destruição do continente, não conseguindo aceder a um nível de simbolização, surgindo uma resposta com conteúdo anatómico. A sequência de respostas dá-nos conta do sobressalto provocado pelo estímulo: “Um ferimento...sangue, qualquer coisa que rebentou dentro do corpo” → “Um farol” (má forma) → “Alguém que se atirou do farol, daí o sangue”. Esta sequência ilustra a irrupção de uma angústia em crescendo, que termina com a destruição, com a morte real/simbólica.

O cartão III permite o acesso ao simbólico “duas pessoas...”, embora permaneça o desconforto, resultante da incapacidade de definição do género das personagens: “São duas pessoas do mesmo sexo mas ao mesmo tempo não parecem, é um bocado estranho...tanto parecem homens como mulheres”. O salto qualitativo surge com uma resposta cinestésica, que de alguma forma nos dá conta do dinamismo psíquico.

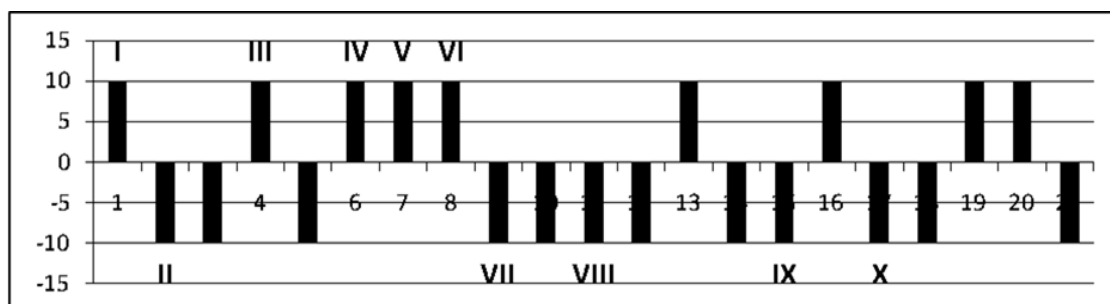


Figura 29 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 37

O carácter compacto dos cartões IV, V e VI permitem a reorganização simbólica. Desta forma encontra um “porto seguro” para a angústia que vinha sentindo. A mudança de cartões com uma mancha aberta e onde a cor vermelha implica a “metabolização de afectos agressivos (II e III), para os cartões fechados, permitiu a transformação $T\beta$ em $T\alpha$, sustentada no determinante formal.

Novamente, no cartão VII, com uma estrutura mais aberta, surge a proliferação de fragmentos resultantes da “evacuação” pela identificação projectiva, de pensamentos não elaborados, por exemplo na resposta “Um órgão sexual do frango” (que no inquérito é incapaz de localizar o detalhe que determinou a resposta).

No cartão VIII mantém esse registo primário, no entanto, a procura de um suporte, de uma sustentação que vinha do cartão VII, resulta na resposta “Um esqueleto”, e de seguida passa para a resposta banal “duas ratazanas” (detalhes laterais). Todavia, a fragmentação corporal volta a manifestar-se: Os nossos órgãos, o fígado, o pâncreas, os rins...”.

Este registo primário mantém-se no cartão IX e no cartão X, perante a dispersão provocada pela mancha, começa por abordar de forma global, recorrendo à intelectualização: “Uma pintura de Picasso, ou um Dali”, o que lhe vai trazer tranquilidade para aceder a um nível de simbolização.

A dispersão e a fragmentação assumem, desta forma uma amplitude face às quais, a participante nem sempre tem recursos para as transformar, arrastando desta forma este registo ao longo do Rorschach. Destaca-se a entrada num registo simbólico, que se torna viável nos cartões fechados (I, IV, V e VI).

A participante 95 (ver Fig. 30) apresenta uma produtividade elevada e um número significativo de respostas nas quais não é possível aceder ao simbólico.

Desde o cartão I, procura desvalorizar as manchas e reduzi-las ao concreto, em respostas como: “Um borrão”, “Uma mancha”.

À entrada da prancha III irrompe a fragmentação, onde se torna evidente a agressividade projectada: “Umas gengivas...dentes”. Tal como a participante 37, a entrada nos cartões fechados (IV e V), permite o acesso ao simbólico, operando-se dessa forma a transformação $T\beta$ em $T\alpha$.

O surgimento dos cartões pastel assume novamente um carácter desorganizador. A primeira resposta dada no cartão VIII “Uma coluna vertebral”, mostra a procura de uma estrutura de suporte que permita enfrentar a fragmentação corporal e se a segunda resposta “Uma flor”, esboça um esforço de simbolização, a terceira resposta dá-nos conta da falha desse processo “É estranho...uma flor ligada a uma coluna”.

As respostas de conteúdo anatómico sucedem-se nos cartões IX e X e a última resposta, numa tentativa de abarcar a dispersão, através de uma apreensão global da mancha “Um monstro”, inviabiliza o acesso ao simbólico.

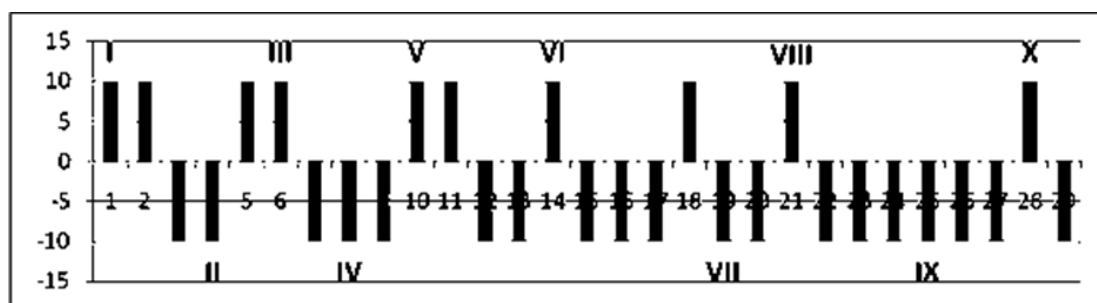


Figura 30 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 95

Neste quadrante temos uma configuração de variáveis composta por uma produtividade média, uma percentagem média de respostas formais com qualidade, percentagem média de respostas com conteúdo humano e um TRI Extratensivo Misto. A análise dos Rorschach das quatro participantes mostra-nos que o recurso ao formal nem sempre é eficaz na recuperação do registo simbólico. A par do número elevado de respostas de conteúdo humano, surgem igualmente muitas respostas com conteúdo anatómico. Por comparação com as participantes do Grupo 1, apraz-nos dizer que se nesse grupo o recurso ao formal leva a oscilações entre boas e más formas, no Grupo 2, a oscilação humano/destruição corporal, é fonte de maior tensão, e por vezes de maior angústia, resultante da desorganização dos conteúdos do pensamento.

No segundo quadrante associam-se as seguintes variáveis: uma apreensão global dos estímulos abaixo da média (G), o recurso ao intelectual (respostas formais) médio, capacidade de contacto média (H) e um Tipo de Ressonância Íntima coartativo (TC).

Como podemos ver no Quadro 25, as duas participantes com um potencial de evolução mais elevado são (sujeitos 24 e 93) e as duas participantes com o potencial de evolução mais baixo, do segundo quadrante (6 e 22).

Quadro 25 - Potenciais de evolução do Grupo 2 – Quadrante 2

Sujeitos	PEV	Sujeitos	PEV
6	-70	62	0
22	-50	86	-10
24	30	89	0
36	-30	93	70

No decorrer das respostas dadas pelo sujeito 24 (ver Fig. 31) no Rorschach, assistimos a oscilações entre movimentos de integração e de dispersão, permitindo a criação de símbolos. Destacamos a passagem do cartão II: “Uma mancha de sangue” para o cartão III: ...talvez duas pessoas a cambalear de bêbadas”, de uma resposta onde

não há controlo sobre a emoção (C puro), para uma resposta com personagens humanas e em movimento (K), o que nos dá conta do acesso à área transitiva, para aceder ao simbólico. Na passagem do cartão IX: “Uma fogueira com fumo verde” para o cartão X: “Tem aqui uma aranha” evidencia-se a eficácia da dinâmica (Ps↔D), permitindo o aparecimento de elementos alfa. De um elemento sem controlo (fogo), passamos a um animal com forma definida.

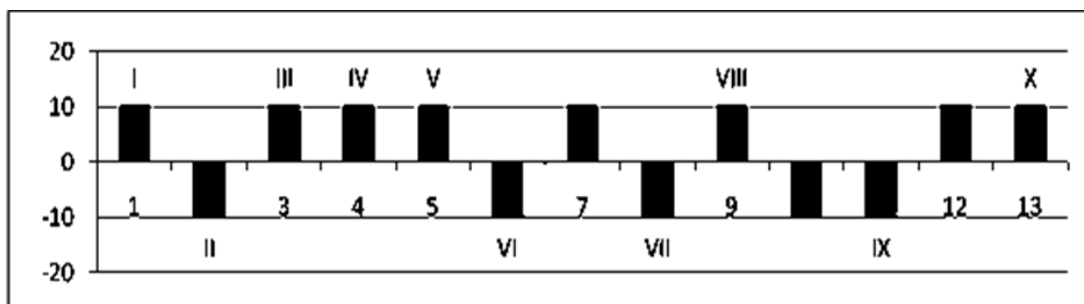


Figura 31 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 24

O sujeito 93 (ver Fig. 32) evolui num registo de simbolização até ao cartão VII, onde perante a erupção de angústia de destruição, mostra uma passividade que coloca esse processo em causa, projectando apenas elementos β .

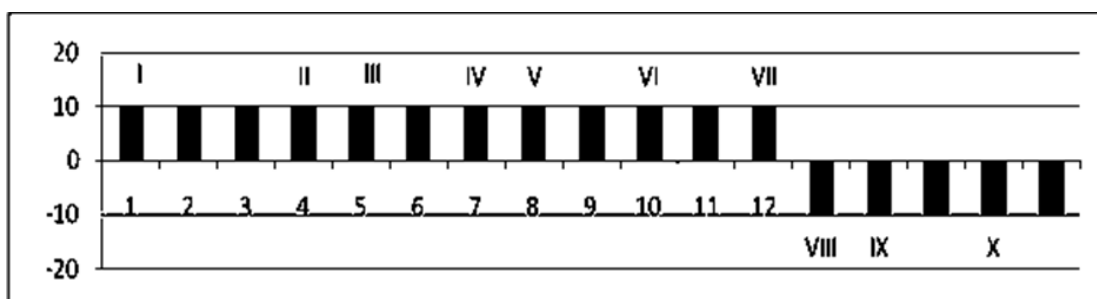


Figura 32 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 93

O sujeito 6 (ver Fig. 33) inicia o Rorschach com uma resposta bizarra: “Vinho... vomitado” e a entrada no cartão II, não lhe permite sair de um registo arcaico “sangue”.

No cartão III consegue aceder a um registo simbólico, embora mantenha a fixação na temática em torno do universo do álcool: “Duas pessoas bêbadas a andarem à pancada...”. Assistimos novamente à passagem de uma resposta sem limites, dada no cartão II, para o humano, através de uma cinestesia.

No cartão IV surge uma resposta imprecisa “um bicho qualquer” e no cartão V apesar de apreender o cartão de forma global e de ser uma resposta de movimento (K), mantém o carácter mórbido: “Uma pessoa morta...ou a pendurar-se para se enforcar”.

Com a entrada no cartão VI procura um objecto que possa conter a angústia que provem das pranchas anteriores: “Uma garrafa de vinho”, no entanto falha na adequação do conteúdo ao detalhe da mancha seleccionado.

Este objecto não é suficientemente contentor, pois a partir do cartão VII irrompe um conjunto de respostas com conteúdos anatómicos, não conseguindo inverter este processo para um nível mais elaborado, denotando a incapacidade de elaboração mental, a partir do estímulo cor. Pelo contrário os conteúdos dão-nos conta dum funcionamento circular: “O fígado a desfazer-se” → “A base dos pulmões”, no contexto de um dinamismo Ps ↔Ps.

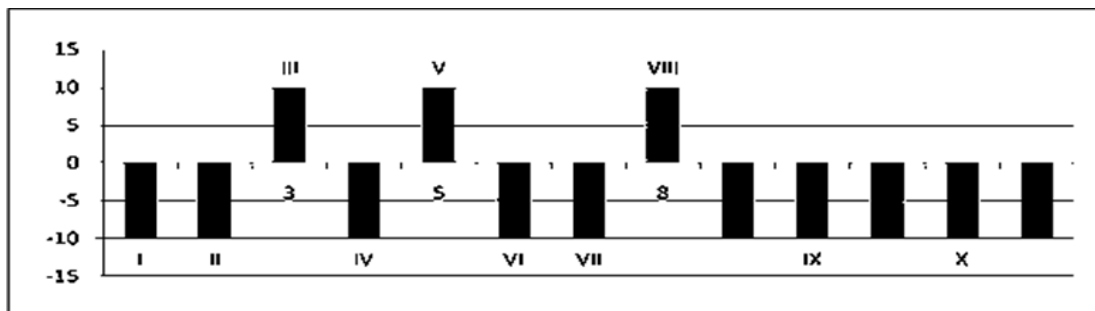


Figura 33 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 6

O sujeito 22 (ver Fig. 34) inicia o Rorschach com uma resposta banal: “Aqui parece-me um morcego”. E esta imagem mantém-se no cartão II, atribuindo-lhe uma dimensão de deterioração: “Aqui continuo a ver o mesmo morcego, mas aqui já está numa fase muito má da vida”.

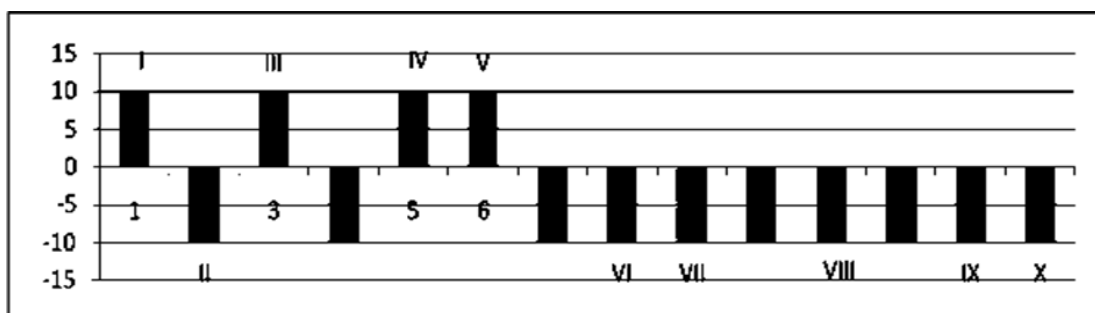


Figura 34 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 22

A partir do cartão VI surge um conjunto de respostas de conteúdo anatómico sem que ocorra a inversão do processo para um nível simbólico.

O segundo quadrante é caracterizado por uma conjugação de variáveis onde se destaca uma percentagem de respostas globais baixa, percentagem de respostas formais média, percentagem de conteúdos humanos - média e um TRI Ambiguo.

A percentagem de respostas globais, abaixo da média, dá-nos conta de dificuldades do pensamento se adaptar à realidade, de inserção numa realidade objectal claramente definida e diferenciada.

O recurso ao determinante formal como forma de enfrentar o caos provocado pelos estímulos é reduzido. A valorização do conteúdo humano surge como forma de integrar a angústia de destruição corporal. No entanto, este recurso nem sempre é eficaz, resultando daí o despedaçamento, o *sparagamos* dionisíaco.

No terceiro quadrante encontramos o núcleo de variáveis, mais próximas de um Índice de Angústia elevado. Neste núcleo destaca-se uma capacidade produtiva de respostas abaixo da média, uma atitude associativa reduzida (A) e uma capacidade de adaptação intelectual reduzida (boas formas). O Tipo de Ressonância Íntima que se destaca neste núcleo é o Ambiguo (TA).

Como podemos ver no quadro seguinte (Quadro 26), as participantes 19 e 63, obtiveram o potencial de evolução mais elevado, (10 e 20) respectivamente, enquanto as participantes 34 e 65 obtiveram os potenciais mais baixos (-90 e -120) respectivamente.

Quadro 26 - Potenciais de evolução do Grupo 2 – Quadrante 3

Sujeitos		Sujeitos	PEV
1	-40	28	-40
8	-70	34	-90
15	-10	63	20
19	10	65	-120
27	-80	73	-30

A participante 19 (ver Fig. 35) inicia o cartão I com uma resposta banal. Na passagem para o cartão II, mediante o surgimento da cor vermelha, surge uma primeira resposta bizarra que remete para a destruição corporal; “Um aborto” (comentário: “A vagina é o preto e o resto é sangue”).

Na passagem para o cartão III, apesar de surgir uma nova resposta com conteúdo anatómico, esta tem um sentido de procura de um suporte “...dois esqueletos”. Nas respostas seguintes, há uma oscilação entre progressão e dispersão de pensamentos, sustentada na forma e que permite a simbolização.

A presença de respostas que apontam para uma fragilidade ao nível da representação de si impõem-se no imaginário, por exemplo no cartão VI “Uma larva”, ou no cartão VIII, onde é suposto surgir uma resposta banal, refere “Parasitas”, como se os elementos beta parasitassem o pensamento e termina o protocolo com a resposta “Ossos”.

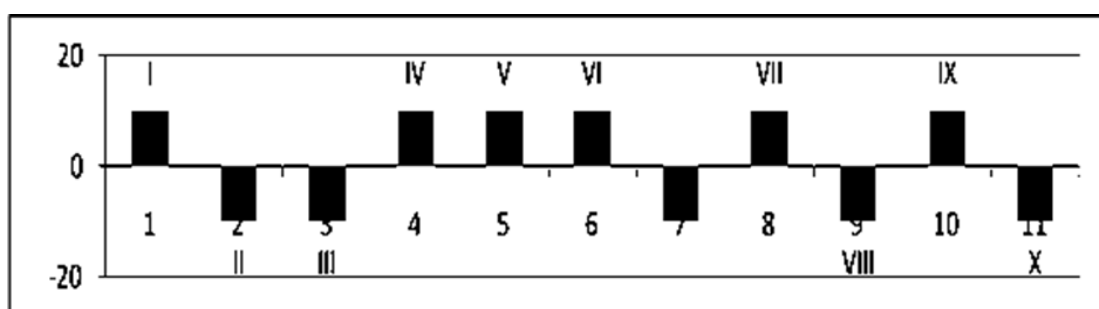


Figura 35 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 19

O sujeito 63 (ver Fig. 36) inicia o Rorschach com uma resposta banal: “Morcego”. De forma a controlar as emoções desencadeadas pelo cartão II, apreende-o de forma global, no entanto, não consegue aceder ao simbólico, repetindo este movimento no cartão III.

Na passagem para o cartão IV recupera o registo simbólico e que mantém nos cartões fechados (I, IV, V, e VI).

A apresentação dos cartões pastel traz novas dificuldades de gestão dos conteúdos do pensamento. No cartão VIII procura um objecto de suporte, rígido, que possa funcionar como um contentor: “Uma estatueta com dois animais de lado...”, no entanto, a entrada no cartão IX, há uma irrupção das emoções: “Fogueira vermelha”, voltando a recuperar no cartão X, com várias respostas de conteúdo animal, recuperando para um registo simbólico, essencialmente através da forma.

Desta forma, podemos dizer que há uma capacidade de inversão dos conteúdos regressivos e conseqüentemente o desenrolar do processo criativo, sustentado essencialmente no determinante formal e nos conteúdos humanos.

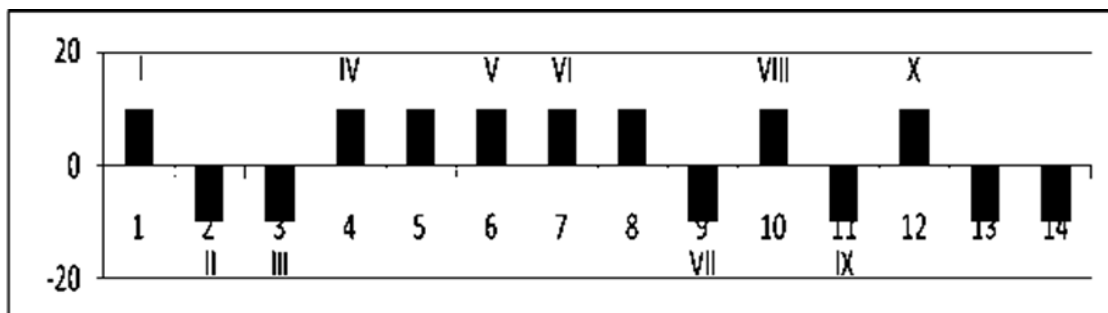


Figura 36 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 63

O Rorschach do sujeito 34 (ver Fig. 37) é marcado pela presença maciça de respostas de conteúdo anatómico e sexual, exceptuando-se a resposta dada no cartão III: “Também não percebo...será o marido e a mulher”. Em termos de fio do pensamento, podemos dizer que há uma lógica simétrica, que se traduz na dificuldade em aceder a um registo simbólico e conseqüentemente, de afastamento da realidade interna e externa. Desta forma, podemos dizer que há uma dificuldade acrescida de inversão dos conteúdos regressivos e conseqüentemente o desenrolar do processo criativo.

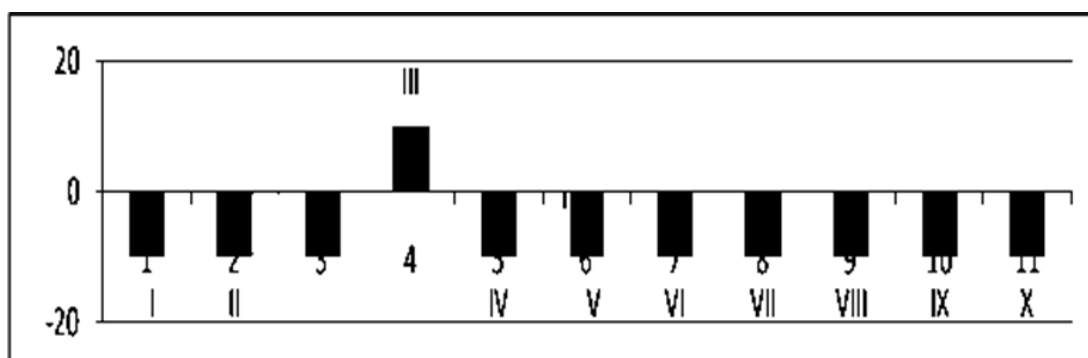


Figura 37 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 34

Por fim o sujeito 65 (ver Fig. 38), em 16 respostas, 13 remetem igualmente para conteúdos anatómicos ou fragmentação de corpos, dando-nos conta da presença de uma angústia de destruição corporal.

Estas duas últimas participantes traduzem um registo de funcionamento mental, onde a oscilação entre a dispersão e a integração não é possível. Ao invés da dinâmica criada entre (Ps↔D), temos (Ps↔Ps), não permitindo a elaboração de elementos alfa, ficando assim num registo próximo de um funcionamento psicótico.

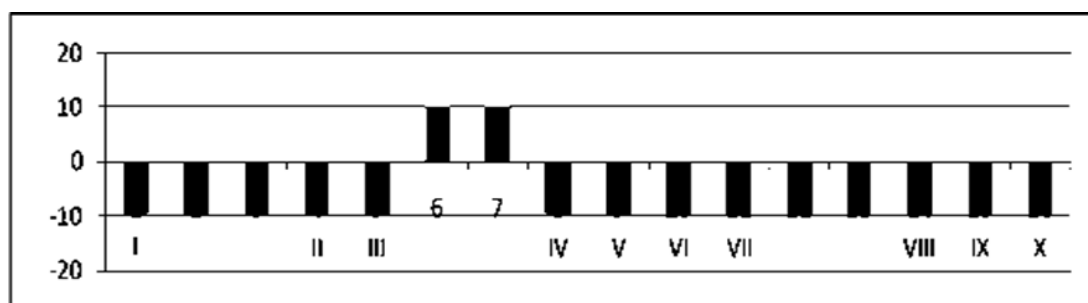


Figura 38 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 65

O terceiro quadrante é constituído por uma conjugação de variáveis, onde se destaca uma produtividade baixa, um recurso ao formal abaixo da média, percentagem de respostas com conteúdo animal baixa e um TRI de tipo Ambigüal.

A emergência excessiva de respostas arcaicas, coloridas com conteúdos anatómicos, resulta da invasão da angústia de destruição corporal, sem que as participantes tenham recursos, para enfrentar a dispersão provocada pelos estímulos Rorschach.

Por fim, no quarto quadrante, ainda próxima de um Índice de Angústia Elevado, encontramos uma relação entre uma produtividade elevada, uma apreensão global de estímulos acima da média (G), uma capacidade de contacto humano abaixo da média (H), um recurso ao intelectual elevado (F), uma capacidade associativa elevada (A).

Vamos agora analisar a evolução mental das participantes do 4º quadrante, do Grupo 2. As participantes 46 e 100 obtiveram o potencial mais elevado, enquanto as participantes 11 e 67, obtiveram os potenciais mais baixos.

Quadro 27 - Potenciais de evolução do Grupo 2 – Quadrante 4

Sujeitos	PEV	Sujeitos	PEV
11	-40	67	-200
25	0	80	50
38	10	81	50
46	70	88	10
51	10	97	-40
53	20	98	40
57	-30	100	70

Em relação ao sujeito 46 (ver Fig. 39) a entrada no teste ocorre num registo simbólico. As oscilações para um plano negativo são rapidamente recuperadas para o plano simbólico, permitindo que se estabeleça uma cadeia de pensamentos elaborados,

por exemplo na passagem do cartão IV para o cartão V ou do cartão VII para o cartão VIII, onde estas transições se tornam viáveis, pelo recurso ao formal.

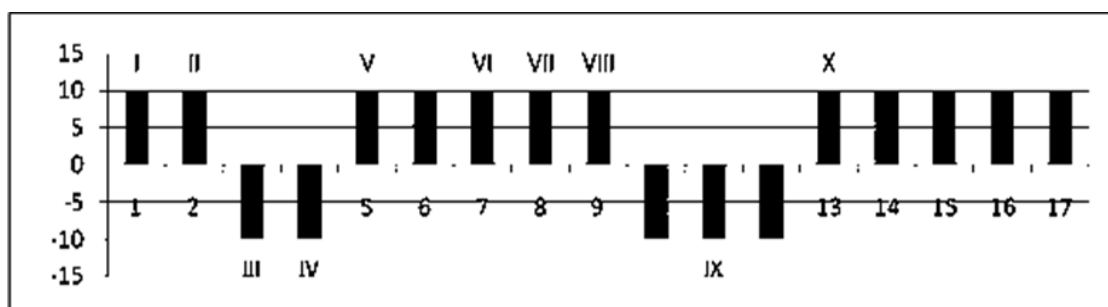


Figura 39 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 46

O sujeito 100 (ver Fig. 40) inicia a prova com uma resposta na qual os conteúdos persecutórios levam à desorganização cognitiva: “Uma enfermeira...a minha estada no gabinete da enfermeira, ainda não abri a boca e já me estão a culpar de tudo...”. Nos cartões seguintes ultrapassa este registo e aceder ao simbólico.

No cartão VII dá uma resposta regressiva, com um conteúdo anatómico e sexual “Parece uma vagina, um útero, o aparelho de uma mulher, mas aberto”. É evidente na resposta a reactividade à estrutura aberta do cartão. Nos cartões pastel volta novamente a recuperar, mantendo um registo no plano simbólico até ao fim da prova, suportado nos determinantes formais.

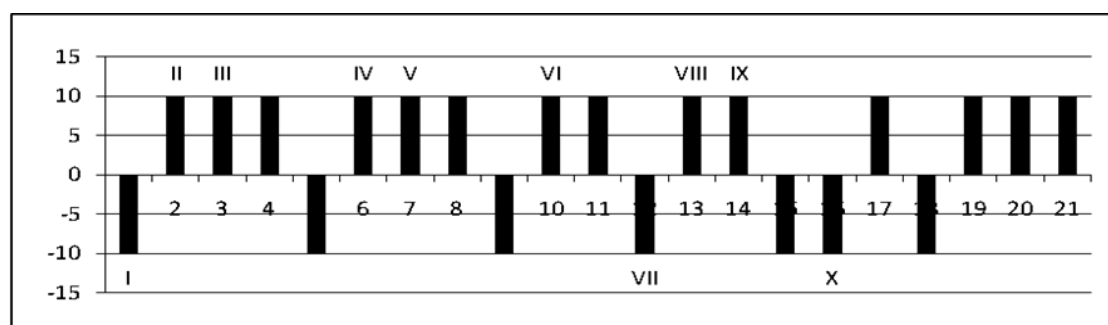


Figura 40 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 100

Como podemos ver na figura 41, o sujeito 11 começa por dar uma resposta de boa qualidade, do ponto de vista simbólico. A passagem para os cartões seguintes leva-o a um registo primário, onde não consegue simbolizar.

É na apresentação dos cartões pastel que consegue uma recuperação para o plano simbólico, que no entanto volta a perder com a apresentação do cartão IX: “ Isto

parecem-me uns dentes”. Na passagem para o cartão X volta novamente a aceder a um plano simbólico com a resposta: “cavalos-marinhos”, voltando de seguida a respostas mais regressivas, fora do plano simbólico.

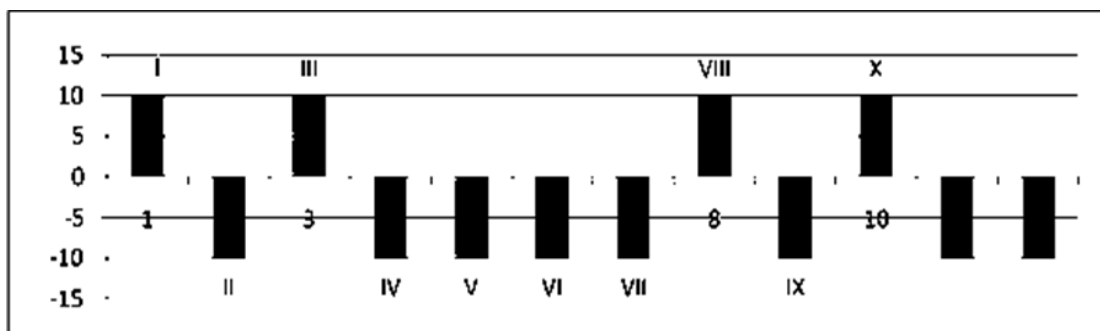


Figura 41 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 11

Em relação ao sujeito 67 (ver Fig. 42) das 22 respostas dadas ao longo do Rorschach, apenas duas respostas não têm um conteúdo anatómico. Desta forma, como podemos ver na linha central do gráfico, a presença de uma lógica simétrica, gera $T\beta$, de forma sucessiva, sem possibilidade de recuperação para a simbolização.

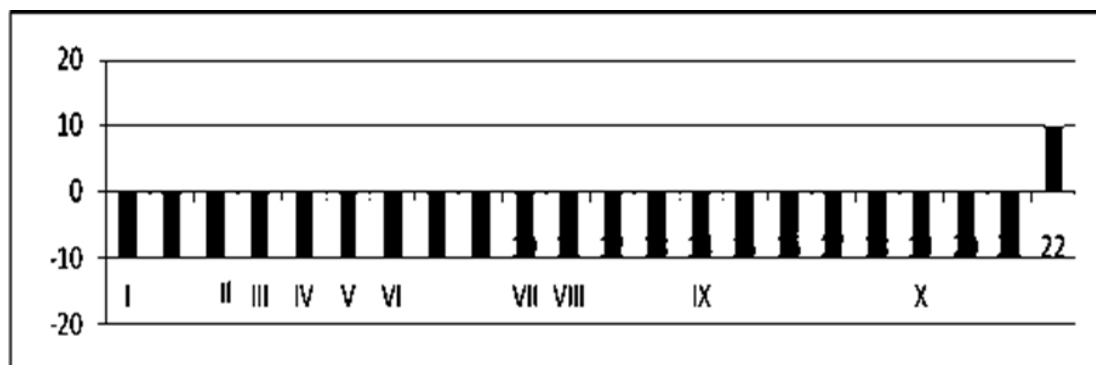


Figura 42 - Movimentos progredientes e regredientes – sujeito 67

Na conjugação de variáveis que caracteriza o quarto quadrante, destaca-se o recurso elevado ao determinante formal. No entanto, não se mostra eficaz na capacidade de construção de símbolos Rorschach. Esta falha resulta da invasão de angústia de destruição corporal.

4.4.4 Casos clínicos

1º Caso (sujeito17)

M.R. tem 34 anos, é divorciada, tem o 8º ano de escolaridade e é Auxiliar de Acção Médica. Do seu “mito individual” destaca-se que sempre teve um bom relacionamento com a mãe: “quando ficava longe da minha mãe ficava com febre e dores de cabeça”. O pai era alcoólico e M.R. refere que o pai gastava todo o dinheiro em vinho e mulheres. Quanto à infância, M.R. refere que o que mais a marcou foi o facto de ter sido “abusada desde pequenina” pelo pai. Aos 17 anos casa, e teve um filho desse relacionamento. Esta relação durou 12 anos, tendo terminado com o nascimento do filho. O marido sempre andou com outras mulheres, frequentando assiduamente casas de alterne. Quando soube que a esposa estava grávida, exigiu-lhe que abortasse, como M.R. recusou tal ideia, saiu de casa e nunca mais a procurou. Actualmente tem um companheiro e refere que a relação é “instável” por ele ter muitas mulheres. Assumiu desde sempre, o cuidado dos filhos.

Começou a beber aos 15 anos, no entanto, considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas por volta dos 30 anos. Quando questionada em relação aos motivos que a levam a beber, refere que é para “conseguir tratar dos filhos, da lida da casa e ir trabalhar todos os dias”. O marido não trabalha, passando os dias no café a beber. Refere que o motivo principal que a levou a embriagar-se todos os dias, foi quando descobriu que o marido tinha amantes. Sente-se culpabilizada porque não consegue tomar conta dos três filhos, pois cada vez tem mais dificuldades na execução das tarefas domésticas, resultantes do seu processo de alcoolização. De forma esquemática, o mito individual de M.R. caracteriza-se da seguinte forma:

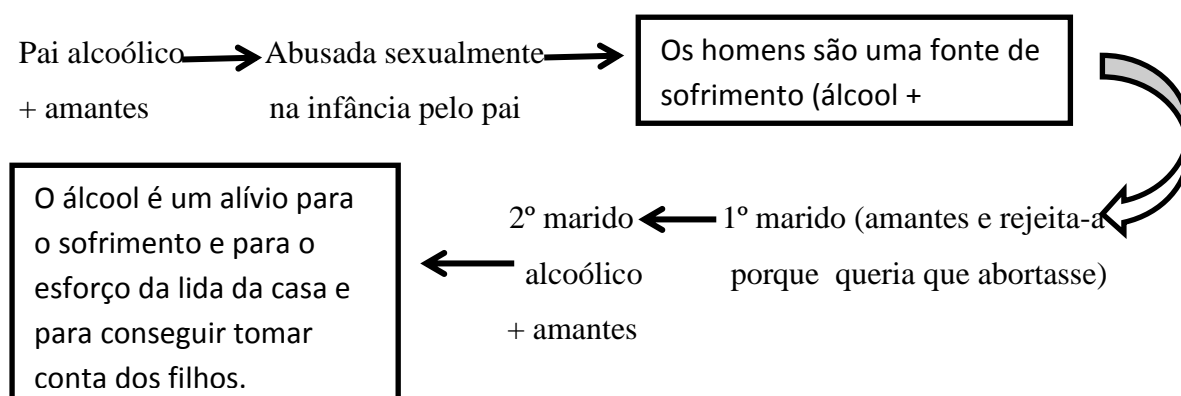


Figura 43 - Mito individual da participante 17

Como podemos constatar no esquema anterior, as duas componentes do mito individual dão-nos conta do papel atribuído ao álcool como um “anestésico” para o esforço resultante das tarefas domésticas e para o sofrimento aliado a uma realidade que parece inevitável – a de relacionar-se com homens com hábitos alcoólicos marcados e com relações extraconjugais. A componente apolínea surge neste caso associada à necessidade que sente de ter de ser uma boa mãe, uma dona de casa e uma esposa cumpridora das suas funções. O agravamento das capacidades físicas e mentais, provocado pelo alcoolismo, leva-a a sentir-se cada vez mais distante das expectativas que tem relativamente ao desempenho destes papéis. A culpa agrava assim o sofrimento, levando-a a aumentar o consumo de bebidas alcoólicas, num ciclo ininterrupto.

Vamos agora analisar o Rorschach com o objectivo de perscrutarmos as potencialidades mentais passíveis de permitir a saída da crise.

A partir do psicograma obtido a partir do Rorschach (anexo K, p. 375) destacam-se os seguintes aspectos:

Os modos de apreensão apresentam-se dentro dos valores médios estabelecidos. O pensamento apresenta-se adaptado à realidade (A% e respostas Ban). Ao nível dos determinantes, o recurso à forma surge dentro de valores médios, no entanto, há um abaixamento no número de respostas de boa qualidade formal (F+%), devido à presença de respostas que nos dão conta de imprecisão do pensamento na abordagem da realidade (F±). Destaca-se ainda um número elevado de respostas de conteúdo humano, que remete para uma procura insistente pelo contacto relacional.

De seguida vamos proceder ao cálculo do Potencial de Evolução Mental (PEV), explicitado nos procedimentos. No Rorschach foram dadas 20 respostas. Tendo em conta os critérios definidos (ver quadro 4, p. 129), que remetem para o tipo de vínculos estabelecidos, atribuímos dez pontos a cada resposta considerada elaborada e o valor (-10) às respostas que nos conta da presença do vínculo -K. Neste caso, temos quinze respostas elaboradas e dez respostas com classificação negativa, o que nos dá o valor de PEV de 100 (15 x 10 – 5 x 10). Desde logo, o facto de o PEV ser positivo, remete para o predomínio de respostas elaboradas, resultantes da eficiência da função-alfa sobre os estímulos apresentados, destacando-se assim a possibilidade de exploração do negativo.

Numa primeira leitura da *figura 10* (p. 179) relativo à evolução dos movimentos progredientes e regredientes no decurso do Rorschach, constatamos que após uma

resposta pouco elaborada, surge de seguida o movimento de recuperação para um registo mais elaborado, evidenciando-se dessa forma a eficácia da função continente-conteúdo na transformação de estímulos carregados de angústia para pensamentos que podem ser pensados, viabilizando-se dessa forma a oscilação PS↔PD e capacidade criativa.

Numa análise mais fina das potencialidades de expansão mental destacam-se as seguintes características do funcionamento mental de M.R.:

Perante a apresentação do primeiro cartão, manifesta uma atitude exploratória por intermédio do pensamento. Face ao novo e ao desconhecido, entrega-se à actividade que lhe é proposta, decorrente da capacidade de tolerância à frustração, o que reenvia para a possibilidade de exploração de novos vértices da realidade interna e externa, podendo surgir a criação de novos sentidos e concomitantemente de transformação do seu mito individual.

No cartão II, começa por o explorar, dando uma primeira resposta banal. De seguida a integração dos afectos agressivos suscitados pela introdução do vermelho, induzem uma perturbação do continente, surgindo a resposta “sangue” cujo conteúdo não elaborado, traduz-se como um *elemento beta*.

No cartão III, acede novamente a um registo simbólico, expresso em duas respostas com conteúdos humanos bem definidos. Esta transição dá-nos conta da presença de vínculos progressivos, ou mesmo do processo de tornar-se O, apenas possível na indagação K→O. A capacidade de tolerar a frustração e de explorar o negativo possibilita que após um estado de dispersão, o pensamento volta novamente à integração, o que nos dá conta do sucesso do dinamismo criado entre Ps↔D, viabilizando assim a expressão simbólica.

A introdução dos estímulos que remetem para o paterno (cartão IV) e para o masculino (cartão VI), onde se destaca a presença de um simbolismo fálico, emerge a dificuldade em elaborar simbolicamente. Em face deste registo, podemos colocar a hipótese de que a atribuição de um carácter negativo ao masculino pode ser decorrente das suas experiências de vida.

Da transição do cartão IV para o cartão V e do cartão VI para o cartão VII recupera novamente o registo simbólico, mediatizado por um processo de alfabetização, dando-nos conta de um movimento K→O. Evidenciando-se a capacidade de se constituir como um objecto transformacional e de pensar e de construção da simbolização, presente na posição depressiva e expressas em K.

Com a introdução da cor, nos cartões VIII, IX e X, assistimos novamente a uma oscilação necessária ao processo de pensar, entre um estado onde as imagens são dispersas e caóticas (Ps) e um novo estado de coerência, possibilitado a síntese e integração (Pd), com a dor mental inevitável à *mudança catastrófica*. Destaca-se assim, a capacidade de explorar o belo e o novo e a possibilidade de pensar as emoções.

Em suma, parece haver uma tentativa de integração e simbolização que se organizam na oscilação $-K \leftrightarrow K$ e $Ps \leftrightarrow D$. O continente encontra-se disponível para pensar pensamentos e novas realidades, desintoxicando os elementos beta, as impressões sensoriais brutas, através da acção da função alfa. A capacidade de explorar o desconhecido, o novo, associada à capacidade de delimitar um continente que permite a dinamização criada a partir da relação entre movimentos de integração e de dispersão, viabiliza a capacidade de criar novos pensamentos e nesse sentido, de saídas do caos em que se encontra.

Da conjugação da análise das vivências subjectivas que transparecem no mito individual, com a análise das potencialidades psicológicas evidenciadas no Rorschach, ressalta-nos uma contradição entre a inevitabilidade de um modo de ser marcado pela submissão iterada face a situações, onde M.R. é vítima de violência doméstica, e as possibilidades imanescentes de criação de novos sentidos, passíveis de renovar o seu mito individual. Desta forma, concluímos que há um espaço para a transformação de conteúdos psicológicos e a concomitante renovação do seu projecto existencial, podendo assim sair de um processo de “mecanização”, no seio do qual os gestos há muito perderam o sentido, submetidos a uma lógica de “*verfall*”, que a condiciona a sobreviver face a um conjunto de realidades vividas como insuportáveis.

2º Caso (sujeito23)

M. tem 65 anos, é viúva, estudou até ao 11º ano de escolaridade e é Técnica Administrativa.

Descreve uma infância marcada pela violência do pai para com a mãe, pois este era “muito mulherengo”.

Casou com 23 anos e o marido faleceu há dez anos, vítima de enfarte. A partir dessa data, considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Antes de ser internada bebia uma garrafa de whisky por dia, e refere que procura no álcool um alívio para o sofrimento provocado pela morte do conjugue. Agravou ainda o

consumo de bebidas alcoólicas com a morte de um colega de trabalho de quem era amiga e com a saída de casa do filho.

O mito individual assume a seguinte configuração:

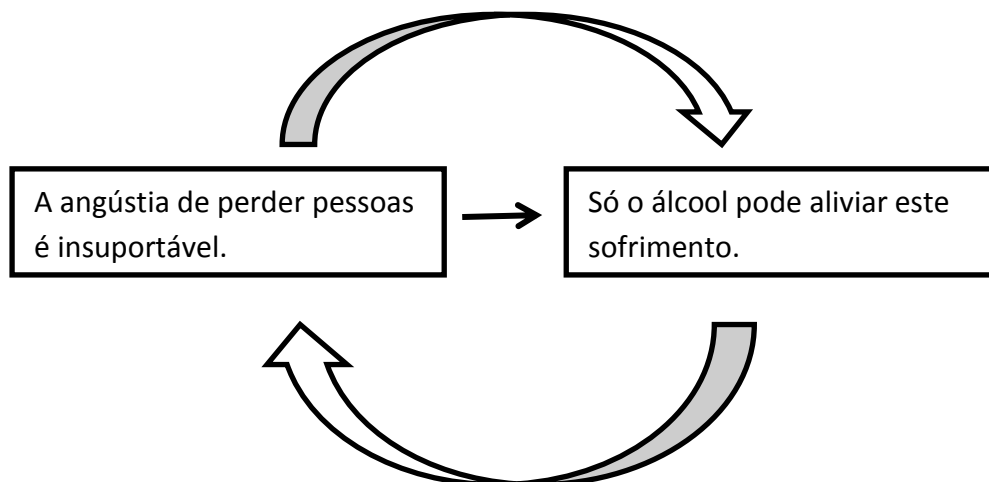


Figura 44 – Mito individual da participante 23

A vivência da dificuldade na elaboração do luto e das separações reactivou neste caso um estado de angústia que se atenua com o consumo de álcool, elemento indutor do sono e ansiolítico. Desta forma, assistimos à interligação de duas verdades subjectivas que se nutrem num processo de retroalimentação positiva: “Sou alcoólica porque o meu marido morreu e estou muito angustiada”.

Relativamente ao Rorschach (ver na Fig. 11, p. 179), foram dadas 24 respostas no Rorschach, sendo 18 respostas elaboradas e 6 não elaboradas, o que confere um PEV de 120 (180-60). Da análise do psicograma elaborado a partir do Rorschach (Anexo K, p. 395) destacam-se os seguintes traços salientes:

Os modos de apreensão apresentam valores médios. O pensamento apresenta-se ancorado à realidade (A% elevado e Ban com valor médio). Pelo contrário, os conteúdos humanos encontram um valor abaixo da média. Por fim, em relação aos determinantes, recorre essencialmente ao determinante formal, no entanto, as respostas de boa qualidade formal apresentam um decréscimo, que nos dá conta da dificuldade em abordar os estímulos de forma consistente.

A análise da evolução dos movimentos progredientes e regredientes no decurso do Rorschach, verifica-se que estamos perante um registo de funcionamento mental marcado pela capacidade de simbolização. As oscilações regressivas são facilmente

recuperáveis, evidenciando-se dessa forma a eficiência da acção da função Contínente-Conteúdo, ao nível da transformação de elementos carregados de angústia em *elementos-alfa*, passíveis de serem pensados.

Uma análise detalhada da dinâmica criada entre os movimentos progressivos e regressivos dá-nos conta dos seguintes aspectos:

Face à mudança catastrófica imposta pela perda de referências, desencadeada pela apresentação do cartão I, procura explorar o objecto com sucesso, através do seu pensamento. Face ao novo e ao desconhecido, consegue organizar o pensamento, conseguindo tolerar a frustração, o que nos dá conta da possibilidade de explorar novas vertentes da realidade interna e externa, podendo surgir a criação de novos sentidos e de novos estados de ser.

No cartão II e no cartão III, perante a cesura imposta pelo aparecimento da cor vermelha, a bilateralidade relacional e pelo branco central, M. explora novamente o desconhecido, onde a presença de vínculos K permite a criação simbólica, abrindo dessa forma a possibilidade de expansão do pensamento e a criação de novas verdades sobre a dimensão intersubjectiva.

No cartão IV revela-se igualmente a capacidade de pensar, elaborando a dor e a angústia com recurso ao formal, que nos dá conta da tolerância à frustração suficiente para a elaboração do pensamento.

Nos restantes cartões, depois do predomínio da posição esquizo-paranóide, ocorre uma oscilação no sentido da posição depressiva, o que pode transparecer a presença de vínculos positivos, viabilizando a indagação $K \rightarrow O$. A formação simbólica torna-se possível, viabilizando a expansão do pensamento e de uma maior capacidade de abstracção. Esta potencialidade resulta por sua vez, de uma maior capacidade de tolerar a frustração e da capacidade de explorar o negativo.

No cartão X, perante a dispersão suscitada pelo carácter sensorial do cartão, explora-o acedendo a um registo simbólico, no entanto mostra dificuldade em se separar e terminar a situação de teste, o que pode remeter para a dificuldade em viver a separação-individação, coincidente com a dificuldade expressa no seu “mito individual” de elaborar o luto do marido e a saída dos filhos de casa, situação que segundo M. desencadeou a perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas. As feridas narcísicas, a par da dificuldade na separação, necessitam de ser “curadas” ainda que ilusoriamente com o álcool, ampliando assim o sofrimento psíquico.

Num cômputo geral, a formação simbólica é possível, pois as respostas sucedem-se num registo em que a concepção é usada numa nova experiência emocional, viabilizando o crescimento resultante do potencial da transformação, o que poderá possibilitar a elaboração do trabalho de luto que se encontra por resolver.

3º Caso (sujeito 65)

A. tem 48 anos, é divorciada, completou a 4ª classe e é proprietária de um restaurante. Da sua infância recorda os maus tratos dados pela mãe e a pobreza. Deixou de estudar no quarto ano de escolaridade para ir ajudar a sua mãe na agricultura. Para além do trabalho na lavoura, vendia pão e trigo porta a porta. Refere que começou a beber aos dez anos e que foi com as amigas que levava para a sua adega que começaram a embebedar-se diariamente, tal como a mãe e as tias. Inicia actividade laboral aos 16 anos e a partir dessa data, agrava-se o alcoolismo, juntamente com os amigos do grupo de pares. Refere que o que a leva a beber bebidas alcoólicas é a busca pela boa disposição e assim, poder divertir-se e “dizer disparates”. O mito individual assume a seguinte configuração:

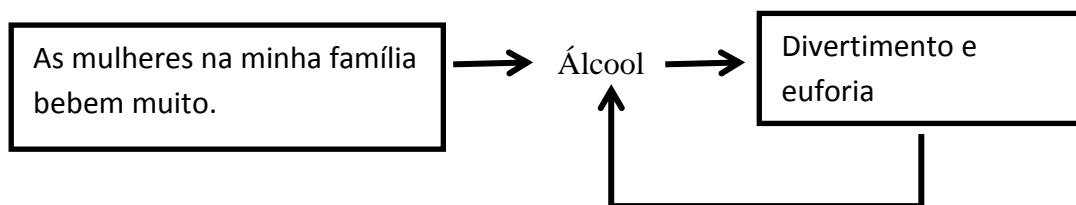


Figura 45 - Mito individual da participante 65

Da análise do psicograma obtido a partir do Rorschach (Anexo K, p. 521), destaca-se o recurso elevado aos determinantes formais (75%) como forma de abordar os diferentes estímulos, que no entanto, se mostra ineficaz ao nível da qualidade dos mesmos ($F+%=3%$). A irrupção da angústia de destruição corporal compromete o processo de alfabetização, levando a um incremento de elementos-beta, expressos na elevação de respostas com conteúdo anatómico, de detalhes do corpo humano (Hd) e de fragmentos de corpos de animais (Ad).

Como podemos constatar (ver Fig. 38, p. 207), foram dadas 16 respostas, sendo apenas duas respostas elaboradas, o que corresponde a um PEV de – 120 (20-140). O

facto de estarmos perante um índice elevado, com carga negativa, remete para a falha da simbolização e o arrastar de uma situação com carácter patológico, sem que surja a vitalidade psíquica capaz de fazer face à mesma.

Começa por abordar o cartão I com a resposta “alguma infecção nos pulmões”. Esta “infecção” vai “contaminar” o processo de simbolização nos restantes cartões”. Destacam-se neste suceder de respostas que são compatíveis com a existência de vínculos –K. A possibilidade de saída do caos alcoólico apresenta-se dificultada pela incapacidade em abordar o novo, o desconhecido. Se a formação do símbolo reflecte o nível de desenvolvimento do Eu, perante a qualidade das imagens que se sucedem, podemos supor que é a prevalência da posição esquizo-paranóide que induz esta catástrofe interna. A projecção dos elementos não desintoxicados, só aumenta o nível de angústia e provoca a psicotização da experiência, ou seja, a possibilidade de simbolização e de ampliar o conhecimento sobre a realidade interna e externa. Estamos sob um modo de funcionamento dominado por uma causalidade circular $Ps \leftrightarrow Ps$ com um potencial de expansão reduzido, numa catástrofe que origina outra catástrofe. Este estado parece ser influenciado pela existência de uma tela beta ao invés de uma barreira de contacto funcional, capaz de discriminar o consciente/inconsciente, mundo interno/mundo externo, e induz sob o domínio da posição esquizo-paranóide estados confusionais.

Neste caso, podemos dizer que A. vive no caos dionisíaco, no qual impera o êxtase, o afastamento da realidade, o *sparagamos* e a destruição. As potencialidades psicológicas evidenciadas no Rorschach dão-nos conta dos fracos recursos que A. tem para sair de um estado que em muito se assemelha a um modo de funcionamento que encontramos habitualmente nos dependentes de outras substâncias tóxicas, como a cocaína.

4º Caso (sujeito 93)

C. tem 38 anos, é casada, estudou até ao 9º ano de escolaridade e é Empregada Doméstica. Do relacionamento com os pais, refere que nunca se deu bem com a mãe: “era uma pessoa fria, que não dava carinho. Aos oito anos, após a morte do pai vai para um colégio de freiras onde fica em regime de internato. A partir dos 13 anos inicia consumo excessivo de bebidas alcoólicas juntamente com as colegas do colégio e considera que se tornou dependente a partir desse período da sua vida. Quanto aos

efeitos pretendidos com o consumo de álcool, refere que “quer estar bem...feliz e não pensar...”

O mito individual assume a seguinte configuração:

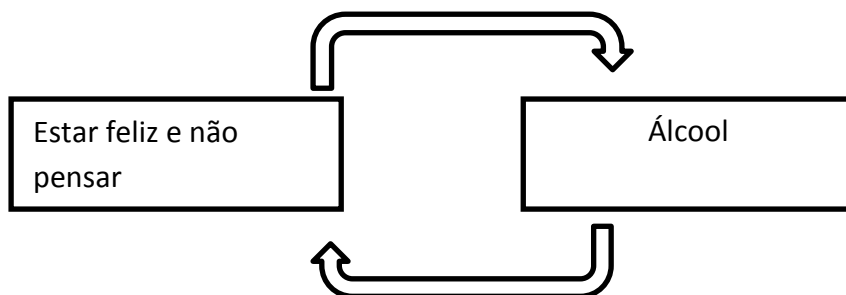


Figura 46 – Mitemas relativos à participante 93

Da leitura do psicograma obtido a partir do Rorschach (anexo K, p.588) destacam-se os seguintes aspectos:

Ao nível dos modos de apreensão verifica-se uma abordagem preferencialmente global das manchas, em detrimento duma capacidade analítica (D) que se apresenta abaixo do valor esperado (53%).

Observa-se um recurso médio aos determinantes formais (F=52%) que no entanto contrasta com a baixa percentagem de respostas com qualidade formal (F+%=29%).

A reacção aos três últimos cartões situa-se abaixo da média (RC%=29%). O pensamento apresenta-se pouco ancorado na realidade, na medida em que a percentagem de respostas de conteúdo animal e de respostas banais encontra-se abaixo dos valores médios esperados. Este facto associa-se a uma elevação de respostas cinestésicas (41%) por vezes com carácter delirante. Por exemplo, no cartão II: “Figura abstracta tipo um anjo negro ou um demónio...” ou no cartão V: “Também pode ser o Belzebu”.

A partir dos critérios estabelecidos anteriormente (Quadro 4, p. 129), o potencial de evolução (PEV) é 20. A leitura da figura 32 (p. 202) dá-nos conta da evolução da simbolização até ao cartão VII. As dificuldades em pensar o relacional materno/feminino (cartão VII) levam à emergência de uma angústia que vai inviabilizar a formação simbólica nos cartões seguintes, nos quais, as dificuldades em metabolizar as emoções suscitadas pela imposição das cores desencadeiam a produção de elementos beta, numa sequência de pensamentos pensados em anti-pensamento (Ps↔Ps).

A análise das potencialidades evidenciadas no Rorschach dá-nos conta dos seguintes aspectos:

Perante a entrada no novo e no desconhecido e a *cesura* provocada pela perda brusca inicial de referências consegue delimitar um continente capaz de formar símbolos (cartão I), o que remete para a possibilidade de explorar novos vértices da realidade interna e externa, podendo surgir a criação de novos sentidos e de novos estados de ser.

Destaca-se a capacidade de pensar o relacional imposto pela bilateralidade e pelo vermelho. Procura a relação de proximidade, sem perda dos limites (cartões II e III), viabilizando a possibilidade de descoberta de novas formas de se pensar e de pensar o relacional.

Consegue elaborar a dor e a angústia, viabilizando o pensamento (cartão IV), o que remete para a capacidade de tolerância à frustração crucial para a saída da crise em que se encontra.

A capacidade de se pensar como uma unidade, e de se admirar como um objecto estético surge no cartão V, abrindo a possibilidade de descoberta de novas verdades sobre si própria.

Revela a capacidade de pensar a ambiguidade masculino/feminino sem se desorganizar (cartão VI), potencializando a possibilidade de criação de novos vértices sobre a feminilidade e a masculinidade.

Desta forma, do jogo criado entre as potencialidades e as falhas inerentes ao seu processo de desenvolvimento, constatamos que se abrem novas possibilidades de descoberta sobre si própria e os outros.

As dificuldades em pensar as emoções e o materno podem ter surgido da aridez afectiva, que C. diz ter vivido com a figura materna e o internamento num colégio de freiras, onde não existe o investimento na individualidade e um reforço positivo das características que a tornam única como pessoa. Relembremos que é a partir do cartão VII, onde é mobilizada a capacidade de pensar o relacional materno, dada a bilateralidade e o simbolismo materno/feminino, que a irrupção da angústia suscitada por este cartão, que assistimos à falha sucessiva da capacidade de simbolização. Em função destes aspectos, podemos colocar a hipótese de que estas dificuldades na capacidade de pensar o simbólico materno resultaram da relação de C. com a figura materna, na medida que esta é descrita como “fria e pouco carinhosa”.

Em suma, C. manifesta boas possibilidades de conhecer e criar novos vértices sobre a sua realidade e a realidade dos outros. A possibilidade de pensar as emoções resulta da forma como estas foram sendo transmitidas pelas figuras primordiais, e estas a partir dos 13 anos ficaram confinadas às colegas do colégio de freiras que a “ajudaram” a regredir para paraísos artificiais, dos quais ficou o álcool, quiçá como o substituto do “leite materno” que C. diz não ter tido.

Em termos conclusivos podemos referir que o processo de formação simbólica, resultante da capacidade de alfabetização das emoções implica avanços e retrocessos, o que por si só pode ser vivido como ameaçador para a integridade psicológica dos sujeitos. É este movimento que vai viabilizar a descoberta do novo e a criação de novos sentidos, a partir de novas relações continente-conteúdo, através de mecanismos de identificação projectiva e em função de $Ps \leftrightarrow Pd$, surgem novos pensamentos.

Destes processos resulta a capacidade indagatória e concomitantemente de expansão mental dos sujeitos, uma vez que é a partir desta dinâmica $Ps \leftrightarrow Pd$ e $-K \leftrightarrow K$, que se torna possível a indagação $K \rightarrow O$, a tolerância do negativo que permite a irradiação da certeza e a tolerância da dúvida, sem a qual não existe a possibilidade de tolerar novas possibilidades de se ser diferente perante si próprio e os outros, em suma o processo de tronar-se O.

Estas potencialidades de expansão mental são mais notórias nas duas primeiras participantes, onde o Índice do Potencial de Evolução é significativamente positivo. Pelo contrário, no 3º caso, assistimos à inviabilização destes processos, transparecendo a dificuldade em tolerar a perturbação induzida pelos movimentos inerentes à construção do pensamento.

Por fim, relativamente ao 4º caso, destaca-se o facto de a participante pertencer ao Grupo 2, onde como referimos anteriormente, estes movimentos conducentes à descoberta de novos sentidos, estariam mais comprometidos. No entanto, desde logo o potencial de evolução positivo e a expressão da capacidade de criação simbólica, colocam em causa uma lógica disjuntiva, na medida em que mesmo que estas capacidades não sejam aparentes na forma como os sujeitos se posicionam perante a realidade, remetem para possibilidade de existirem enquanto potência, podendo revelar-se num *setting* terapêutico adequado.

A existência destas capacidades e a sua revelação vêm ao encontro dos objectivos que levaram à execução deste estudo, permitindo o delinear de novas estratégias terapêuticas junto desta população.

V - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Iniciaremos a discussão com uma breve recapitulação dos objectivos que catalisaram a presente dissertação. Em seguida procederemos a uma síntese dos principais resultados obtidos decorrentes da realização das Entrevistas Clínicas e do Rorschach junto de um grupo constituído por cem mulheres internadas na Clínica de Alcoologia da Casa de Saúde do Telhal o que criará um ponto de partida para avançar com refinamentos da teoria actual relativa ao estudo dos aspectos da personalidade associados ao alcoolismo na mulher. Por fim, examinaremos a extensão da teoria e dos modelos de avaliação psicológica junto desta população e tentaremos traçar os contornos de investigações futuras que potencialmente darão continuidade ao presente trabalho.

O objectivo da presente dissertação consistiu em examinar um conjunto de vivências relativas ao percurso de vida, constituídas como um “mito individual”, a partir do qual se atribui um sentido ao alcoolismo, e os níveis de estruturação do pensamento, enfatizando-se o estudo das capacidades de crescimento mental passíveis de criar novas possibilidades de saída da crise em que estas mulheres se encontram.

O tema é empolgante na medida que nos permite um aprofundamento sobre os aspectos psicológicos associados a um modo de existência marcado pelo alcoolismo, viabilizando ao mesmo tempo uma reflexão sobre as metodologias de avaliação psicológica que temos vindo a desenvolver no decorrer da nossa prática clínica.

Neste estudo, partimos do pressuposto de que o lugar que o alcoolismo ocupa num determinado período de vida dos sujeitos e o sentido que lhe é atribuído, confere diferentes significações a estes comportamentos, que terão que ser tidas em conta no delinear das estratégias terapêuticas junto desta população. É com base neste pressuposto que se constituíram dois grupos distintos de participantes, que iniciaram um consumo excessivo e progressivamente dependente de bebidas alcoólicas. O Grupo 1 que iniciou o processo de alcoolização a partir de uma ocorrência considerada responsável pelo surgimento desses comportamentos, e o Grupo 2 constituído por mulheres que iniciaram o alcoolismo no decorrer da adolescência. Ao compararmos os processos psicológicos em dois grupos distintos, mas com uma problemática em comum – o alcoolismo, partimos do pressuposto que existiriam diferenças ao nível da estruturação das concepções sobre si próprias e relativas ao papel que o álcool tem

desempenhado ao longo do seu processo existencial, bem como ao nível da estruturação do pensamento, com especial ênfase nas capacidades de crescimento mental.

Tanto em relação à expressão das diferentes vivências relativas ao percurso de vida, como em relação aos níveis de estruturação mental captados através do Rorschach, partimos duma lógica de comparação, suportada em diferentes provas estatísticas, que nos permitirá assinalar as diferenças significativas relativas a um conjunto de processos psicológicos nos dois grupos. No entanto, com o objectivo de nos afastarmos de uma lógica disjuntiva, no seio da qual os diferentes elementos se excluem pela diferença, pretendemos avaliar a forma como os diferentes componentes constituintes do “mito individual” se interligam, conferindo uma dimensão de complexidade à interacção entre os mesmos. Os mesmos objectivos foram traçados relativamente às variáveis Rorschach, na medida em que foram sujeitas à metodologia clássica de análise estabelecida a partir da leitura dos diferentes psicogramas, introduzindo-se de seguida uma variante, a partir da ACM, a partir da qual se procedeu igualmente à constituição de uma análise da estrutura constituída por estas variáveis.

A aproximação a uma lógica conjuntiva, possibilitada pela Análise de Correspondências Múltiplas a que estas variáveis foram sujeitas, possibilitará a análise da forma como os diferentes elementos constituintes dos mitos individuais – “*mitemas*” se interligam, e da coexistência de aspectos desestruturados da personalidade com aspectos mais evoluídos e a partir da sua inter-relação tecer considerações sobre as potencialidades de evolução das mulheres que integram este estudo.

Feitas estas considerações, e guiados pelos objectivos que nos propusemos atingir: identificação dos mitos individuais, caracterização dos níveis de estruturação do pensamento e a identificação das possibilidades de crescimento mental das participantes que integram este estudo, começamos por olhar para a realidade expressa no seu discurso, tida como a “sua verdade” e nesse sentido, constituinte do “mito individual” decomposto em três componentes: dados sociodemográficos, processo evolutivo (relacionamento com as figuras parentais, infância, adolescência, adultícia) e a interiorização do processo de alcoolização no decurso do seu tempo de existência.

Em relação aos dados sociodemográficos relativos às cem mulheres que constituem a amostra em estudo, constatamos que têm uma média de idades de 44 anos.

Relativamente ao estado civil, as mulheres que se integram no Grupo 1, são maioritariamente casadas, enquanto as mulheres que se enquadram no Grupo 2 são maioritariamente solteiras.

No que diz respeito às habilitações literárias, têm em média 9 anos de escolaridade. Só 32 mulheres consideram que atingiram os objectivos, 59 mulheres iniciaram uma actividade laboral por dificuldades económicas e 9 mulheres deixaram os estudos para assumirem o papel conjugal e a maternidade.

Estes indicadores sociais não são coincidentes com a caracterização realizada por Wilsnack e Cheloba (1987), segundo a qual as mulheres em risco de alcoolização se encontram no período etário entre os 21 e os 34 anos, são socialmente desinseridas e sem família. O risco de alcoolização existe desde que haja consumo excessivo de bebidas alcoólicas e como nos mostram as mulheres que integram o Grupo 2.

Um outro aspecto que não é coincidente com a caracterização feita pelos autores remete para a ausência de contexto familiar. Na nossa amostra, no Grupo 1, as mulheres são na sua maioria casadas, e com filhos, enquanto no Grupo 2, o facto de serem maioritariamente solteiras leva a que num número significativo resida ainda com os pais. Este aspecto não traduzirá somente a ausência do desejo de se autonomizarem, mas também o facto de associada a esta problemática existir uma precariedade económica. Mais de 50% da amostra abandonou os estudos precocemente por dificuldades económicas e 46 mulheres situam-se no grupo dos trabalhadores não qualificados (segundo a classificação do IEFP, 2009). Destacamos ainda o facto de no Grupo 2, onde o alcoolismo tem início na adolescência, mais facilmente surge a desistência do projecto escolar e concomitantemente a integração no mundo laboral que ocorre em média entre os 16 e os 18 anos.

Um segundo factor que consideramos essencial para a caracterização da dinâmica subjectiva das nossas participantes, diz respeito às principais vivências relativas aos diferentes períodos do desenvolvimento e a descrição do padrão de relacionamento com as figuras parentais.

A relação com os pais é referida como “boa” apenas por 45 mulheres, destacando-se que 30 mulheres referem ter tido um pai alcoólico, muitas vezes causador de maus tratos face à esposa e aos filhos. Treze mulheres caracterizam a mãe como uma pessoa “agressiva, fria e distante”.

Estes aspectos referentes à dinâmica familiar instaurada, não são coincidentes com a caracterização de Birath (2010), realizada a partir duma amostra constituída por

134 mulheres e onde constatou que apenas 12% descrevem a relação com os pais como positiva, atribuindo no entanto, a responsabilidade à figura materna pela criação deste clima familiar. A maioria dos estudos realizados sobre a violência familiar em Portugal dão-nos conta que na sua maioria, o homem é o agressor e a mulher e os filhos são as vítimas da destrutividade destas acções. Com efeito, segundo a súmula estatística da Associação de Apoio à Vítima, relativa ao ano de 2010 (<http://www.apav.pt>), é referido que 87% das vítimas são mulheres e que se situam na sua maioria entre os 36 e os 45 anos, facto que coincide com a média etária das participantes neste estudo.

A problemática da violência doméstica surge igualmente na caracterização relativa à infância, associada ainda às dificuldades económicas. Destacamos o facto de apenas 37 mulheres caracterizarem este período como “bom”. Ainda em relação à dinâmica afectiva associada às figuras parentais, a realidade transmitida pelas participantes do nosso estudo não é coincidente com a caracterização feita por Blandine (2000/2002), segundo a qual, a mulher alcoólica teria sido vítima dum “domínio materno” violento desde os primeiros momentos da sua existência, pois como referimos anteriormente, é a figura paterna que é identificada como responsável por tais actos.

A adolescência é descrita como “boa” por 18 mulheres, sendo marcada pelo casamento, pela maternidade e pela integração no mundo do trabalho, que como vimos, relativamente às mulheres do Grupo 2 assume uma expressão significativa entre os 16 e os 18 anos. Embora não seja objecto de estudo desta investigação, podemos referir que o abandono escolar e a entrada antes dos 16 anos no mundo laboral são factores comuns ao alcoolismo masculino, e tal como sucede na caracterização que estas mulheres fazem desta integração precoce, há um aumento significativo do consumo de bebidas alcoólicas neste contexto, onde o grupo dos colegas de trabalho assume uma importância fulcral.

A análise da forma como é caracterizada a conjugalidade merece da nossa parte um destaque pelo peso que representa nas vivências destas mulheres. Com efeito, apenas cinco participantes a classificam como “boa”. A violência infligida pelo conjugue sobre si próprias e os filhos, o alcoolismo do marido e as relações extraconjugais são apontadas como factores de grande sofrimento e como veremos, considerados responsáveis pelo processo de alcoolização por parte das participantes do Grupo 1.

O alcoolismo é apenas uma das causas que habitualmente se encontra associado à vitimização da mulher, no entanto, tendo em conta a dimensão epidemiológica que

esta patologia ocupa em diferentes estratos populacionais, assume uma gravidade assinalável, na medida em que quando o conjugue é alcoólico, a violência é justificada pelo alcoolismo do marido, quando é ela que experiencia o alcoolismo, é vítima porque o marido não aprova tais actos. Desta forma, não nos revemos na descrição feita por Kreit (2000/2002), segundo a qual a vivência da conjugalidade por parte destas mulheres, é vivida como ameaçadora, pelo facto de existir uma discrepância entre a expectativa que elas têm em relação ao seu papel de esposas e de mães e a sua concretização. Se as expectativas face ao matrimónio residem na construção de uma família e a criação de um espaço onde se vivam os afectos, a falha não reside nelas mesmas, mas sim no outro que como vimos, inviabiliza este processo. Acresce ainda o facto de que apesar da existência deste contexto problemático, assumem muitas vezes o cuidar dos filhos e da família, o que contradiz os estudos de Jones (1971) e Wilsnack (1976), onde se destacava a presença de conflitos ao nível do desempenho de funções socialmente atribuídas às mulheres, como a maternidade e à conjugalidade.

Ainda em relação às vivências associadas à conjugalidade, não podemos deixar de assinalar que repetidamente assistimos à repetição de um padrão comum a muitas destas mulheres que diz respeito à perpetuação de um ciclo de violência que tem início na infância e que se replica nas relações que estabelecem com diferentes companheiros. De um pai alcoólico maltratante, de quem são vítimas, vão mais tarde relacionar-se com homens também eles agressivos e muitas vezes alcoólicos.

Encontramos uma explicação na obra *Além do Princípio do Prazer*, na qual Freud (1920/1981) propõe uma explicação para a repetição das situações que são fonte de sofrimento. Desde logo, Freud refere que essas situações tendem a repetir-se na história de vida de homens e mulheres, mesmo que estes não apresentem um conflito neurótico com a formação de sintomas, como se estas pessoas fossem perseguidas por um *destino maligno* e esta compulsão à repetição teria um carácter pulsional.

Na realidade, quando confrontados com as repetidas situações de vida carregadas de sofrimento físico e psicológico, relatadas por estas mulheres, ficamos com a impressão que há um determinismo que se impõe nas escolhas do mal para si próprias, como se se tratasse dum *karma* que têm que cumprir, face ao qual não têm consciência.

Segundo Freud (1920/1981), este determinismo estaria associado a um princípio de descarga de energia que por si só seria fonte de prazer e é nesse sentido que esta compulsão à repetição é considerada como estando associada à *pulsão de morte*,

reveladora da destruição e da agressividade virada contra o próprio. Estas tendências que contradizem o “Princípio do Prazer” são designadas por Freud como “Princípio de Nirvana”, na medida em que contribuem para a redução possível da excitação do aparelho psíquico.

Posteriormente, Freud (1924/1996), considera que no “masoquismo”, a dor e o desprazer infligidos ao próprio, são um fim em si mesmo, próprios da “Pulsão de Morte” e que estará na origem da necessidade de efectuar acções proibidas de modo que a consciência sádica possa castigar o sujeito.

Encontramos nestas descrições, uma possível explicação para muitos dos comportamentos apresentados por estas mulheres. Para além da compulsão à repetição de situações penosas para si próprias, visíveis nas escolhas conjugais, a necessidade de redução da energia psíquica ao mínimo, pode também ser uma explicação possível para a busca nas bebidas alcoólicas do efeito indutor de sono.

Um outro aspecto que é digno de nota diz respeito à possibilidade de considerarmos o alcoolismo como a viragem da agressividade contra o próprio, resultante de uma consciência sádica que visa a punição do próprio. Desta forma, os comportamentos alcoólicos assumiriam um carácter para-suicidário, onde em última instância, o fim último seria a destruição de si próprias.

Relativamente ao processo de alcoolização, este assume uma maior gravidade em função do tempo de evolução e da quantidade de bebidas alcoólicas ingeridas. Quando comparamos os dois grupos, constatamos que quando o alcoolismo tem início na adolescência, assume uma maior expressão nestes dois indicadores. Sublinhamos que catorze mulheres iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas entre os cinco e os doze anos de idade e dezoito mulheres consideram que perderam o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas há mais de trinta anos.

A entrada no mundo do álcool é justificada pelas mulheres pertencentes ao Grupo 2 como uma procura por um estado de “euforia”, enquanto no Grupo 1, este é associado aos maus tratos e à violência doméstica, o que coincide com os resultados obtidos por Green, Pugh, Mccrady, e Epstein (2008), junto de uma amostra de 109 mulheres e onde consideravam as dificuldades de relacionamento conjugal como elemento a partir do qual teriam iniciado o consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Resumidamente, a perspectiva geral dada por estas mulheres relativamente ao seu alcoolismo, remete para a pobreza económica e para a pobreza dos afectos. Nesse sentido, podemos dizer que a pobreza económica gera mais pobreza de bens e a aridez

afectiva vivida na infância e na adolescência, leva à replicação da desertificação dos afectos, processo que se não for interrompido levará à exclusão social, resultante do rompimento dos diferentes vínculos que sustentam a ligação dos indivíduos ao seu meio sociofamiliar. O alcoolismo assume assim uma dimensão individual que se cruza com a realidade intersubjectiva vivida por cada uma das participantes.

A partir da Análise de Correspondências Múltiplas identificamos diferentes padrões da expressão da subjectividade que designamos por “mito individual” e procuramos ver quais as configurações das variáveis que surgem nos dois grupos.

No Grupo 1, o divórcio, os conflitos conjugais, a violência conjugal expressa sob a forma de maus tratos físicos e a existência de relações conjugais por parte dos conjugues, surgem como elementos a partir dos quais, estas participantes justificam o seu processo de alcoolização, numa espiral onde o sofrimento justifica mais sofrimento. Sem menosprezar o peso que representam a violência instituída na dinâmica conjugal, constatamos que se por um lado, o sofrimento justifica o alcoolismo e este por sua vez gera mais sofrimento, deparamo-nos com uma ausência de questionamento e uma passividade face à mesma. A exploração de possibilidades que viabilizem a ultrapassagem das mesmas e a criação de novos sentidos para a sua existência encontra-se muitas vezes inviabilizada.

Relativamente à estruturação dos mitos individuais no Grupo 2, surge igualmente a violência conjugal como justificação do alcoolismo, mas o que assume maior importância diz respeito à tentativa de recriação permanente de um estado de euforização num ciclo interminável.

A conjugação dos diferentes “mitemas” inscrita em cada um destes mitos individuais alimenta o ciclo enlouquecedor do alcoolismo, ao mesmo tempo que é um elemento estruturador da identidade de cada indivíduo. Na realidade, se por um lado falamos em desertificação dos laços socio-afectivos como uma consequência deste processo de alcoolização, a entrada no mundo do alcoolismo com os sucessivos internamentos em unidades hospitalares, reforça igualmente a construção desta nova identidade, pois muitas vezes é no seio dos grupos de auto-ajuda e nas equipas hospitalares que residem os únicos vínculos destas mulheres, o que por si só vai contribuir igualmente para a perpetuação da problemática alcoólica. Se por um lado o alcoolismo é considerado uma doença, no contexto das ciências médicas, por outro lado, adquire uma significação ontológica, na medida em possibilita a criação de uma coerência interna e a estabilização do *Self*. Esta identidade, reconstruída a partir da

aquisição de novos adereços – “sou alcoólica”, “a minha médica é a Dra...”, “os meus medicamentos que tomo”, confere a coerência necessária para se ser um outro e não o mesmo. Esta nova identidade é assim confirmada numa dinâmica intersubjectiva, onde os outros reforçam a fragilidade, e o estatuto de se ser doente.

A reconstituição da identidade à custa dos “adereços” alcoólicos e a atribuição causal inerente ao mito individual têm um custo ao nível da constituição da subjectividade, na medida em que a responsabilidade, a autenticidade, e liberdade e a verdade ficam comprometidas. O sujeito deixa de ser o construtor do seu mundo, na medida em que é invadido pela auto-destrutividade. A história falseada sobre si própria, constitui-se como uma máscara e a crença de que a realidade é como a conta, só contribui para o reforço da arrogância, comprometendo-se dessa forma a acessibilidade à criação de novos sentidos sobre si própria e os outros. A liberdade encontra-se desta forma posta em causa, inviabilizando o compromisso com a acção, condição essencial para que possa ocorrer a decisão (Yalom, 1984). Postos em causa os alicerces essenciais à estruturação da subjectividade, o dionisíaco pode então assumir-se como expressão de um “ser em queda” num movimento perpétuo de alienação face à sua realidade. Apenas existe Citéron enquanto paraíso onde se vive na ilusão permanente da fruição.

Como refere Habermas (1981/1987), o “Homem máquina”, afasta-se progressivamente da consciência de si comprometendo a sua subjectividade. O alcoolismo assume-se desta forma como a mecanização de comportamentos sem consciencialização dos mesmos.

Nas diferentes teorias psicanalíticas apresentadas no primeiro capítulo, encontramos um denominador comum que diz respeito à constituição do sujeito psicológico que enfatiza o processo de transformação da aparência em essência, tornada possível a partir das múltiplas descobertas que os indivíduos fazem sobre a realidade interna e externa, construindo e construindo-se na aquisição de novos sentidos e em novas formas de ser. Pelo contrário, a explicação das diferentes patologias decorrentes de inúmeras problemáticas, remete para a inversão da constituição do processo da subjectividade, onde a “máscara se vai confundindo com o rosto.

Relativamente à abordagem que Freud (1898/1996) começa por fazer do alcoolismo, segundo a qual, este comportamento corresponderia a um conflito entre a repressão e a expressão dos desejos, no seio do qual ocorreria a substituição da

satisfação sexual pela substituição da satisfação através do tóxico, como referimos anteriormente, na generalidade não assistimos à expressão dos desejos no discurso das participantes. Pelo contrário, se no grupo 1 impera a submissão face à realidade vivida como insuportável, no Grupo 2, o desejo mais evidente é o da euforização, da carnavalização da vida, o que remete para um modo mais regredido de funcionamento mental próximo da descrição posterior de Freud (1905/1996), Glover (1928/1994) e Radó (1933/1994), segundo a qual, estes comportamentos corresponderiam a uma regressão à fase da oralidade. Com efeito, o álcool surge caracterizado pelos sujeitos alcoólicos como um objecto bom e mau, sendo tido como um mal necessário para o alívio do sofrimento psicológico, mas que no entanto, é ele mesmo um indutor de sofrimento. Esta dupla ambivalência associada à compulsão oral surge noutros comportamentos problemáticos como a obesidade, no entanto, em relação ao álcool, inscreve-se numa lógica também ela ambivalente, de cariz social, que o transforma num objecto amado e odiado, desejado e temido.

Ainda nesta perspectiva psicanalítica, segundo a qual o alcoolismo corresponderia a uma regressão narcísica à oralidade, não é tão notória no percurso de vida destas mulheres a “dependência objectal” referida por Fenichel (1945/1979) e Wursmer (1977/1994), uma vez que mesmo doentes, ninguém as delega do papel de cuidadoras do lar, dos filhos e dos conjugues. Esta condição encontra-se inculcada nos valores socioculturais, não viabilizando que a mulher usufrua desse estatuto, ao contrário do alcoolismo no masculino, onde progressivamente os homens vão procurando uma “mãe cuidadora” desempenhada muitas vezes pelas esposas.

Como referimos anteriormente, privilegamos uma lógica conjuntiva que abarque a coexistência de aspectos psicopatológicos e de possibilidades de transformação mental dos sujeitos. Para a concretização deste objectivo recorreremos à teoria bioniana do desenvolvimento do pensamento, na medida em que nos permite compreender os processos psíquicos subjacentes a esta uma concepção do sujeito psicológico, ao mesmo tempo que nos permite compreender os mecanismos inerentes ao crescimento mental.

Face aos diferentes processos psicológicos apresentados pelas participantes que integram este estudo, procuramos definir pontos de convergência e de divergência face a estes processos, com o objectivo de clarificarmos quais as dinâmicas mentais subjacentes ao alcoolismo na mulher. Assim, perante mulheres e homens que vivem a vida por viver, evidenciando muitas vezes uma indiferença perante a morte, torna-se

essencial a avaliação dos processos inerentes à estruturação do pensamento, que nos permitam compreender a sua humanização, ou pelo contrário, a sua “coisificação”. Para a concretização deste objectivo, recorreremos à aplicação do Rorschach, onde para além da metodologia proposta pela Escola Francesa do Rorschach (Traubenberg (1970,1983), Chabert,1997/2003, 1998/2003), seguimos a metodologia proposta por Marques (1999), na medida em que integra a teoria bioniana e nos permite desta forma concretizar os objectivos propostos neste estudo: o estudo dos processos psíquicos em jogo as possibilidades de expansão mental das mulheres alcoólicas.

Relativamente aos níveis de estruturação mental, constatamos que existem diferenças ao nível do funcionamento mental, entre as participantes dos dois grupos. Da leitura dos psicogramas, constata-se que as mulheres que iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas mais tarde (Grupo 1) apresentam um pensamento ancorado na realidade, socializado, privilegiando uma abordagem formal da realidade em detrimento da neutralização dos afectos. Este movimento tem um carácter defensivo, na medida em que se por um lado as protege de entrarem em contacto com a realidade interna, por outro lado, funciona como uma protecção do seu espaço psíquico frágil.

Neste grupo, destaca-se ao nível da formação simbólica, um sobre investimento da realidade externa, em detrimento da realidade interna. A abordagem de um espaço psíquico frágil é substituída pelo mundo dos objectos. O pensamento adapta-se à realidade, na medida em que há uma capacidade de diferenciação entre a realidade interna e externa. A facilidade em se situarem na área transitiva resulta numa representação de si e da relação mais consistente.

Assistimos a uma secundarização do pensamento e a uma eficiência da simbolização que nos dá conta de uma representação corporal íntegra e uma eficiência da função-alfa, facilitadora da transformação dos estímulos Rorschach em pensamentos radicados na realidade.

A atitude exploratória dos objectos é eficaz, no entanto, há uma dificuldade ao nível da mobilização dos afectos, na medida em que perante os estímulos cor (cartões VIII, IX e X), assistimos a um controle cognitivo (determinantes formais) face aos mesmos, que remete para existência de mecanismos de defesa que visam impedir o movimento regressivo. No entanto, é o controlo cognitivo em detrimento da captação das emoções que permite a recuperação dos movimentos progredientes face aos movimentos regredientes e que surge como o factor essencial para que o pensamento se mantenha adaptado à realidade.

Nas mulheres que iniciaram o processo de alcoolização na adolescência (Grupo 2), destaca-se uma tentativa de apego à realidade, assumindo-se no entanto muitas vezes com um carácter ilógico, expressa sob a forma da imprecisão do pensamento, ou extremada numa total incapacidade de abordar a realidade externa. Com efeito, a presença de fantasmas arcaicos associados a conteúdos carregados de angústia de morte sobrepõe-se à formação simbólica.

Num primeiro relance, perante estes diferentes níveis de estruturação do pensamento, podemos dizer que se a problemática das mulheres que integram o Grupo 1 se situa ao nível da autenticidade do Ser, pois ao invés da revelação da autenticidade, estamos perante um modo de funcionamento híper-adaptado à realidade, no Grupo 2, a problemática situa-se ao nível da sobrevivência mental, entre ser e não-ser, entre a vida e a morte psíquica.

A análise da capacidade de simbolização dá-nos conta da ligação entre o interno e o externo, da forma como os sujeitos se situam num plano transitivo capaz de viabilizar ou não, a expressão da criatividade e nesse sentido, revelador das possibilidades individuais de abordar e ultrapassar o caos suscitado pelas características intrínsecas ao Rorschach e em última instância, a saída do dionisíaco.

Face ao novo, ao desconhecido, as participantes do Grupo 1 mostram uma atitude exploratória mais eficaz, viabilizando a criação de um Continente capaz de conter a angústia suscitada pela *mudança catastrófica* imposta pelos estímulos Rorschach. As respostas de conteúdo animal com um carácter banal dão-nos conta da existência de um nível de estruturação do pensamento adaptado à realidade. Pelo contrário, no Grupo 2, perante o desconhecido, a indagação submerge em detrimento da imposição de uma realidade interna que se impõe à realidade externa, não permitindo nesse caso o acesso à área da criatividade. Se em relação ao Grupo 1 a criação da metáfora nos dá conta da riqueza das capacidades de pensar a realidade, em relação ao Grupo 2, evidencia-se a precariedade da “*equação simbólica*”.

Relativamente às mulheres que iniciaram a dependência alcoólica na adolescência (Grupo 2), assistimos a uma tentativa de ligação à realidade, no entanto com um carácter ilógico. O espaço psíquico apresenta-se povoado por fantasmas, no seio do qual o caos prevalece sobre os vínculos, apresentando um índice de angústia mais elevado e uma menor capacidade de diferenciação entre a realidade interna e a realidade externa.

As dificuldades sentidas ao nível do processo simbólico levam a uma retirada da significação do Eu e dos objectos. Quando comparadas com o registo de funcionamento mental que tipifica o Grupo 1, deparamo-nos com uma maior imprecisão ao nível da abordagem da realidade pelo pensamento.

A representação de si e dos outros encontra-se muitas vezes ameaçada pela angústia de destruição corporal e uma maior dificuldade em se adaptarem à realidade.

Um outro aspecto que diferencia os dois grupos em termos da estruturação do pensamento diz respeito à capacidade de criação de um Contínente capaz de conter e transformar os afectos sexuais e agressivos desencadeados pela introdução dos cartões II e III. Desde logo, no Grupo 1 assistimos à transformação dos estímulos em respostas com conteúdos elaborados, no seio dos quais a representação de si e dos outros surge de forma consistente. O dinamismo psicológico surge nas respostas cinestésicas que nos dão conta das capacidades das participantes se situarem no espaço transitivo. Pelo contrário, no Grupo 2 a falha da função alfa expressa na presença maciça de conteúdos crus, inviabiliza a possibilidade de representação da relação com o outro e a concomitante integração dos afectos. A fragilidade da representação corporal íntegra e a integração do relacional surge com mais insistência no grupo 2, destacando-se de forma clara nos cartões IV, V e VI.

Ainda em relação à representação de si, a forma como o cartão VII é abordado pelas participantes dos dois grupos merece da nossa parte algumas considerações. Tal como referimos anteriormente, no Grupo 1 a possibilidade de representação de si e do relacional surge de forma mais consistente do que no grupo 2. No entanto, há uma imprecisão ao nível da definição do sexo das imagens humanas, expressa em respostas como “duas pessoas a brindar”. No Grupo 2, pelo contrário, a irrupção de respostas com carácter mórbido, inviabilizam a representação do humano e do relacional. Em suma, apesar das mulheres do Grupo 1 nos darem conta de uma fragilidade ao nível da representação da identidade sexual, podemos dizer que o material é transformado sob a marca da sua subjectividade.

Por fim, em relação à capacidade de representação dos afectos posta à prova pelos cartões VIII, IX e X, no Grupo 1 assistimos à capacidade de abarcar a dispersão suscitada pelos estímulos, traduzindo-se na alfabetização dos mesmos. O recurso ao formal é mobilizado com eficácia, como defesa perante a regressão suscitada pelas características inerentes a estes cartões. No entanto, a expressão dos afectos encontra-se restringida. No Grupo 2, as dificuldades em regredirem, resultam da presença de

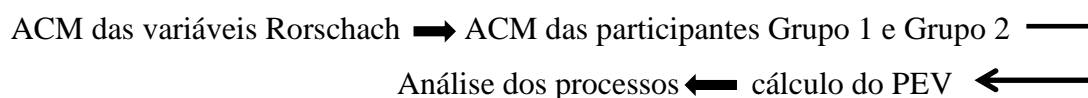
conteúdos arcaicos mobilizadores da angústia de destruição corporal, que dá conta da incapacidade da criação de um Continente capaz de transformar estes conteúdos, inviabilizando-se dessa forma o acesso a um registo de pensamento mais elaborado e a vivência dos afectos.

O estudo das capacidades de expansão mental das participantes constituiu-se a partir da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). Em cada um dos grupos as variáveis assumem determinadas configurações em função do grau de proximidade. Cada um destes *clusters* transmite-nos uma ideia de estrutura, evidenciando a forma como as diferentes variáveis se interligam e se configuram em diferentes níveis de estruturação mental. Tendo em conta estes grupos de variáveis, a partir da ACM constituímos dentro de cada um dos grupos de participantes, *clusters* de sujeitos, em função das afinidades ao nível dos processos psicológicos.

Tendo em conta a análise do tipo de vínculos efectuada a partir do Quadro 4 (p.190), calculamos o Potencial de Evolução Mental relativo a cada um dos sujeitos (PEV) e seleccionamos as duas participantes, dentro de cada quadrante, com o PEV mais alto e as duas participantes com o PEV mais baixo.

Procedemos desta forma para o Grupo 1 e Grupo 2, procurando então identificar os processos inerentes aos movimentos progredientes e regredientes de estruturação do pensamento, numa lógica que nos afasta da comparação dos grupos em detrimento da centração nos processos psíquicos inerentes ao crescimento mental. Com o objectivo de tornarmos visível esta evolução ou involução dos processos no decorrer do Rorschach, procedemos à sua representação gráfica.

Resumidamente esquematizam-se os passos que foram realizados para a concretização destes objectivos:



Constituídos os quatro quadrantes relativos aos dois grupos de participantes, vamos tecer algumas considerações relativamente à forma como as diferentes variáveis se conjugam numa inter-relação que espelha os diferentes processos em jogo na formação simbólica.

Relativamente ao Grupo 1, as constelações de variáveis relativas aos dois primeiros quadrantes, permitem aceder a um nível de formação mais elaborado,

posicionando-se mais afastadas do Índice de Angústia (Figura 3, p.187). No primeiro quadrante, o recurso ao determinante formal e às respostas cinestésicas, permitem que as oscilações entre os movimentos regressivos e progressivos, não coloquem em causa o acesso à formação simbólica. A percentagem elevada de conteúdos humanos dá-nos conta da possibilidade de se aceder à área transitiva, possibilitando dessa forma a expressão da criatividade. Neste quadrante o Tipo de Ressonância Íntimo é Intratensivo Misto.

No segundo quadrante, o recurso aos determinantes formais é ainda mais investido em detrimento das respostas cinestésicas. As respostas com conteúdos humanos surgem sem o dinamismo que caracteriza as do primeiro quadrante. Associado a esta dinâmica, encontramos agora um Tipo de Ressonância Íntimo Coartativo.

Nos dois últimos quadrantes, as dinâmicas psicológicas que surgem a partir do processo resposta-Rorschach, dão-nos conta duma aproximação ao Índice de Angústia. Assim, no terceiro quadrante, baixa o número de respostas, no entanto, a percentagem de boa qualidade formal é ainda elevado, viabilizando dessa forma a criação simbólica. Surgem agora dois Tipos de Ressonância Íntima: Extratensivo Puro e com menos significância, um Tipo de Ressonância Íntima Coartado Puro.

Por fim no quarto quadrante, encontramos uma produtividade média, baixa o recurso ao formal, situando-se agora abaixo da média. Há uma percentagem média de respostas com boa qualidade formal, uma percentagem média de respostas com conteúdo humano média, e uma percentagem média de respostas com conteúdo animal. O Tipo de Ressonância Íntima Extratensivo Misto.

Estabelecidas as diferenças dentro do mesmo grupo de participantes, podemos questionar quanto ao que esta metodologia de análise dos dados Rorschach nos traz de novo?

Como referimos anteriormente, o elemento comum mais significativo no processo de recuperação da cadeia simbólica relativo ao Grupo 1, é o recurso ao determinante formal. No entanto, a dificuldade ao nível da expressão das emoções, manifestada na forma como abordam os últimos três cartões que constituem o Rorschach, face aos quais surge uma tentativa de controlo da expressão emocional, pela via da formalização. Ora o que esta metodologia de análise nos permite concluir é que o elemento diferenciador nos diferentes quadrantes é o Tipo de Ressonância Íntima.

Com efeito, nos dois últimos quadrantes, onde as variáveis se aproximam do Índice de Angústia, observamos que o Tipo de Ressonância Íntimo é Misto no último

quadrante. Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1990), “o carácter extratensivo puro encontra-se nos adultos impulsivos e egocêntricos” (p. 129), enquanto o extratensivo misto é atenuado pela participação dos K, sendo mais equilibrado ao nível da expressão das necessidades.

A partir das diferentes configurações que assumem as variáveis no Grupo 1, constatamos que o recurso ao formal visa controlar a expressão dos impulsos, e das emoções, e quando tal não é possível, há um apagamento face à realidade, visível no número de respostas reduzido que surge no quadrante quatro resultante do surgimento da angústia de morte. Pelo contrário, o carácter introversivo presente no primeiro quadrante permite mais facilmente aceder à formação simbólica, na medida em que “permite a observação do objecto, a reflexão, o adiamento da acção e da gratificação” (Rausch de Traubenberg, 1970/1990 p. 129).

No segundo quadrante, o T. R. I Coartativo remete para a preferência pela formalização, contra a expressão emocional típica da depressão.

Relativamente ao Grupo 2, no primeiro quadrante, surge uma configuração de variáveis, constituída por uma produtividade média, um Tipo de Ressonância Íntima Extratensivo Misto, uma percentagem de respostas de conteúdo humano média e uma percentagem de respostas de boa qualidade formal média.

No segundo quadrante surge um *cluster* de variáveis composto por uma apreensão global dos estímulos abaixo da média, percentagem de respostas formais média, percentagem de respostas com conteúdo humano média, e um Tipo de Ressonância Íntima Coartativo. Neste quadrante, a percentagem baixa de respostas globais dá-nos conta das dificuldades do pensamento se adaptar à realidade e a falha no acesso aos determinantes formais, inviabiliza de forma significativa o acesso à simbolização.

No terceiro quadrante destaca-se uma produtividade reduzida, número de respostas de conteúdo animal abaixo da média, e uma percentagem de respostas de boa qualidade formal baixo. Este núcleo de variáveis encontra-se mais próximo de um índice de angústia elevado que se reflecte nos conteúdos que remetem para a fragmentação corporal e para a dificuldade em processar os diferentes estímulos, visível no número reduzido de respostas dadas. O T. R. I. é agora Ambiguo.

Por fim, no último quadrante temos uma conjugação de variáveis composta por um número de respostas elevado, uma percentagem de respostas de conteúdo humano elevado, uma percentagem de respostas de conteúdo animal elevada, e uma

percentagem de respostas globais elevada. Esta conjugação de variáveis dá-nos conta de uma excitabilidade psicológica, que no entanto não se traduz na eficácia da simbolização. O T. R. I. é Extratensivo Misto.

As variáveis que integram os dois últimos quadrantes aproximam-se de um Índice de Angústia mais elevado. Nestes dois quadrantes encontramos duas posições extremadas em termos de controlo sobre a realidade interna e externa. No terceiro quadrante este controlo tem efeitos ao nível da capacidade associativa, enquanto no quarto quadrante assistimos a uma elação dos afectos que acompanha uma tentativa de pensar os estímulos, no entanto, inviabilizada pela presença de conteúdos fantasmáticos que remetem para a presença de angústia de tipo psicótico. Neste caso, do ponto de vista fenomenológico, estamos perante um pensamento de tipo ideofugitivo.

Se esta metodologia nos aproxima de uma lógica conjuntiva, na medida em que permite explorar as inter-relações que se estabelecem entre as diferentes variáveis, importa agora analisar estas dinâmicas à luz da teoria bioniana do desenvolvimento do pensamento, na medida em que nos permite aprofundar o estudo destas interligações, concebendo-as numa dinâmica que contempla os movimentos de integração e de dispersão, fundamentais para a expansão do pensamento, ao mesmo tempo que nos dá conta da forma como os indivíduos abordam e evoluem a partir do contacto da realidade interna e externa, viabilizando dessa forma a criação de verdades psíquicas, catalisadoras de novos sentidos, a partir dos quais surgirá a possibilidade de criação de novas formas de existência.

No vasto legado teórico deixado por Bion, encontramos um conjunto de saberes que nos permitem aprofundar muitas destas dinâmicas que caracterizam o desenvolvimento do psiquismo humano e que são mobilizadas pelo Rorschach.

Na obra *Aprender com a experiência*, Bion (1962/2003), descreve um conjunto de processos que nos dão conta da forma como o ser humano consegue aprender com a experiência emocional. Um dos aspectos essenciais é que perante situações geradoras de dor e frustração a mente humana pode evitá-las ou suportá-las. O enfrentar das situações permite a sua superação, enquanto o evitamento, tem como consequência a execução de acções mecanizadas, ficando os sujeitos dominados pela identificação projectiva patológica.

A aprendizagem com a experiência depende da actuação da “*função-alfa*” sobre as experiências emocionais, permitindo a transformação das experiências sensoriais em pensamentos. Assim, esta possibilidade encontra-se favorecida no Grupo 1, conferindo

a estas mulheres um maior potencial de crescimento mental. Pelo contrário, no Grupo 2 verifica-se um contacto mais precário com a realidade. Estes ataques ao processo de alfabetização dos dados sensoriais, dificultam as possibilidades de estabelecimento de contacto consigo próprias e com os objectos, levando a um maior desinteresse pela descoberta de novas verdades psíquicas, o que per si leva à construção rígida de “mitos individuais” vividos como verdades absolutas e condicionantes para o seu crescimento mental.

Embora assistamos a uma eficiência da função-alfa, ao nível da transformação de elementos beta, não pensáveis, por parte das participantes do Grupo 1, a dificuldade sentida ao nível da captação das emoções das múltiplas experiências emocionais vai igualmente condicionar a construção de novas verdades sobre a realidade. Se o contacto com as experiências emocionais é mediado essencialmente pela razão, a vivência de uma situação de crise, como as dificuldades de relacionamento conjugal ou o divórcio, são vividas como uma *catástrofe* e não como *uma mudança catastrófica*, passíveis de gerar o crescimento pessoal. Encontramos este registo de funcionamento mental, na descrição feita por Marty e De M' Uzan (1963), de pacientes que apresentam um “pensamento concreto”. Segundo estes autores, o pensamento operatório resulta de uma falha do pré-consciente, a qual cria uma ausência de comunicação entre o consciente e o inconsciente que tem como consequência uma pobreza fantasmática e precaridade da vida onírica.

A partir da concepção Nietzscheana das tipologias apolíneo-dionisíaco, associamos o modo de funcionamento mental expresso pelas mulheres que se integram no Grupo 1 a um registo apolíneo, na medida em que se submetem à realidade e às convenções sociais sem qualquer questionamento. Associamos a esta forma de viver, o estado apolíneo, na medida em que se impõe o “dever ser” e o “ter que fazer”. O rigor apolíneo sob a égide das leis da Pólis representadas pela figura de Penteu, Rei de Tebas, levadas ao extremo. Neste contexto, o alcoolismo possibilita a criação de um outro sentido: “sou alcoólica porque o meu marido tem outras mulheres...”, o que desde logo representa um bloqueio no curso da sua existência, na medida em que se afirma como uma verdade inquestionável, conferindo uma lógica, um outro sentido à sua identidade. Um sentido que se torna uma verdade inquestionável e é nessa dimensão que se assume como um constituinte do seu mito individual.

Através da acção contínua da função-alfa sobre os elementos-beta, constrói-se a *barreira do contacto* que separa a o inconsciente do consciente. As falhas ao nível da

barreira do contacto são mais evidentes nas participantes que se integram no Grupo 2, na medida em que nos dão conta de mais dificuldades ao nível do processo de alfabetização. São as múltiplas transformações das experiências emocionais que permitem uma maior aproximação a “O”. Quando esta possibilidade se encontra em parte comprometida, a acção adquire uma preponderância sobre o pensamento. A busca incessante pelo dionisíaco, manifestada pelas mulheres do Grupo 2, expressa um funcionamento circular, onde a busca por um estado de euforização leva ao álcool, com a consequência que estamos perante um ciclo ininterrupto que se aproxima da concepção feita por Radó (1933/1994), Glover (1928/1994) e Wursmer (1977/1994) do alcoolismo como uma regressão narcísica.

Os comportamentos alcoólicos, na medida em que adquirem o estatuto de “actos sintomas”, correspondem desta forma, ao processo de mecanização que Habermas (1981/1987) designa como “*homem máquina*”, resultante da irreflexão, comprometendo assim a estruturação da subjectividade, na medida em que se encontra comprometida a possibilidade de exercício do livre arbítrio. A passividade ou o desejo de mudança deixam de ser uma fonte de questionamento e de indagação de novas possibilidades de se ser diferente.

São as múltiplas transformações das experiências emocionais que permitem uma maior aproximação a “O”. Quando esta possibilidade se encontra em parte comprometida, a acção adquire uma preponderância sobre o pensamento. Segundo Bion (1962/2003), o pensamento é um substituto da descarga motora, permitindo que o aparelho mental se liberte do excesso de estimulação. A identificação projectiva seria a outra via de libertação dos objectos bizarros e dos elementos-beta. A descarga motora expressa sob a forma do acto de consumir álcool, ultrapassa em muito a dependência química suscitada pelo álcool na medida em que se mantem, mesmo quando os sujeitos se encontram desintoxicados e em abstinência. Este acto sintoma, comum à generalidade dos alcoólicos surge como uma forma de evacuação de estímulos excessivos que se fazem sentir no aparelho mental. Uma das consequências do recurso sistemático à acção em detrimento da elaboração pelo pensamento dos pensamentos, de objectos bizarros, ou de elementos-beta, resulta no afastamento face à verdade emocional e este aspecto é igualmente comum à generalidade das mulheres alcoólicas que integram este estudo.

Se a reflexão se encontra comprometida pela emergência da compulsão para a acção, como é possível um questionamento sistemático ao nível da responsabilidade na construção do seu mundo e a autenticidade face aos outros?

Perante estas circunstâncias condicionantes do desenvolvimento da subjectividade, abre-se o espaço para a decadência e para a *coisificação* dos indivíduos. Como vimos anteriormente, o dionisíaco abarca o jogo dos opostos: vida e morte, masculino e feminino, razão e irracionalidade, no entanto, os indivíduos perdem a possibilidade de poder fazer escolhas na medida em que não são livres.

Podemos questionar ainda no campo da problemática acção/reflexão, os resultados de estudos como os de Palme e Palme (1999) e Kline e Snyder (1985), que nos dão conta de traços psicopáticos na personalidade de mulheres alcoólicas, avaliados a partir da MMPI. Esta compulsão à acção resultante da impossibilidade de estruturação de um pensamento incapaz de a substituir, concomitante com uma baixa tolerância à frustração poderá ser uma explicação para a evidência desses perfis de personalidade.

Através da acção contínua da função-alfa sobre os elementos-beta, constrói-se a *barreira do contacto* que separa a o inconsciente do consciente. As falhas ao nível da barreira do contacto são mais evidentes nas participantes que se integram no Grupo 2, na medida em que nos dão conta de mais dificuldades ao nível do processo de alfabetização.

A acumulação de pensamentos perturbadores, por falência do movimento $Ps \leftrightarrow D$ e da relação continente-conteúdo é mais visível nas mulheres que integram o Grupo 2. O espaço psíquico fica povoado de *elementos beta*, cujo destino é a expulsão pela projecção. A angústia de destruição corporal assume agora uma expressão significativa, que se manifesta nas inúmeras respostas de conteúdos anatómicos.

Perante o novo, e o desconhecido, assistimos à retirada da significação do Eu e dos objectos. As dificuldades sentidas na atribuição de um sentido a um estado interior caótico reflectem-se muitas vezes na inviabilização da formação simbólica. Esta desistência de significação da realidade resulta na passagem ao acto comportamental, centralizado no consumo dependente de bebidas alcoólicas. A dificuldade de acesso à criação, impede o encontro entre os vários objectos, num movimento em direcção a – K.

A reparação pressupõe uma representação de si total e íntegra. No Grupo 2 deparámo-nos com descontinuidades nesta representação, surgindo movimentos desintegrativos que impossibilitam a simbolização, com maior expressão nos cartões pastel. Na relação dinâmica $PS \leftrightarrow D$, gera-se a possibilidade da existência de

movimentos progredientes e regredientes, que neste grupo se mostra muitas vezes ineficaz, criando-se preferencialmente movimentos $Ps \leftrightarrow Ps$. O caos gera caos numa forma circular, sem que se encontrem muitas vezes recursos para a saída deste modo de funcionamento mental. Predomina uma situação defensiva face ao processo de simbolização do corpo masculino/feminino, dando-nos conta dos custos que representa a vivência deste caos na adolescência, enquanto período onde habitualmente estes aspectos relacionados com a identidade sexual estão sujeitos a rearranjos e transformações.

Pelo contrário, no Grupo 1, deparamo-nos com um causalidade linear, que Dias (1993) associa a um modo de funcionamento mental “psicossomático” ou “somatopsicótico”, “no seio do qual “a narrativa do sofrimento é prévia e irreversivelmente justificada e que pode ser esquematizada como $PS \rightarrow D$ ” (p.30).

Na obra *Transformações*, Bion (1965/1984) refere que as transformações são influenciadas pelos vínculos (Love (L), Hate (H) e Knowledge (K)). Em função da forma como são elaborados os diferentes estímulos Rorschach (impressões sensoriais), destacam-se nas participantes do Grupo 1 uma maior preponderância de vínculos positivos e o surgir de “transformações em movimento rígido,” e de “transformações em pensamento”, com um potencial maturativo que não é tão evidente no Grupo 2, onde sob o domínio de vínculos negativos, surgem com mais frequência “transformações em alucinação”, muitas vezes expressas aquando da passagem do inquirido após a aplicação dos cartões Rorschach, na medida em que as participantes não se lembram de ter dado determinada resposta e muito menos da localização na mancha de tal estímulo. Assistimos assim, a uma separação radical entre os objectos internos e os objectos externos e á externalização de objectos bizarros, sob o domínio da identificação projectiva patológica, inviabilizadora do crescimento mental.

Só o crescimento de $K \rightarrow O$ (do Conhecimento em direcção à Realidade Última Incognoscível) permite tolerar a dúvida e a verdade, e esta é fundamental para que ocorra o crescimento mental. A possibilidade de se extrair a experiência emocional da realidade resulta da acção da função alfa sobre as impressões dos sentidos e das emoções de que se tem consciência, movimento que como já referimos se encontra comprometido nas mulheres alcoólicas que integram este estudo. Se a estruturação do mito individual está sujeita a um processo de construções e rupturas de sentidos, possibilitando dessa forma a aquisição de novas verdades psíquicas sobre o próprio e os outros, o ódio à verdade sob a prevalência do vínculo (-K) apenas gera a arrogância e a

causalidade linear ou circular presente no apolíneo e no dionísíaco. Todavia, as potencialidades de evolução apresentadas pelas participantes no estudo, em ambos os grupos, representam possibilidades de descoberta de novos sentidos, de conhecimentos sobre si próprias e os outros, abrindo-se para a possibilidade de novas formas de respeito por si próprias e de amor.

Segundo Bion (1962/2003), a incapacidade de pensar e a não tolerância à verdade conduzem o sujeito à desistência da procura de novos significados. No Grupo 1 assistimos a uma desistência em detrimento de uma híper-adaptação, na medida em que o pensamento se adapta à realidade não a transformando. Como resultado, a mente fica povoada por pensamentos sem significado que neste caso associamos à compulsão para acção inerente ao próprio processo de alcoolização. No Grupo 2, estes pensamentos são evacuados através da identificação projectiva e do delírio, transparecendo a fragilidade identitária, sob a forma de conteúdos anatómicos e de parcialização. Podemos dizer que neste caso, presenciamos o caos dionísíaco, na medida em que o mundo interno se revela sem ser transformado através do processo de simbolização.

Relativamente ao Grupo 1, assiste-se ao apagamento do mundo interno, possibilitado pela percepção, surgindo essencialmente a “Transformação em movimento rígido”, enquanto no Grupo 2 surge sob a forma de um caos, mediado pela projecção.

Uma vez que no Grupo 1, o pensar e a possibilidade de explorar as emoções assumem uma maior consistência, a possibilidade de expansão mental poderá tornar mais viável a saída da doença e a criação de novos estados do ser.

Em função dos resultados obtidos neste estudo, destacamos os seguintes aspectos que caracterizam o alcoolismo na mulher e a sua possibilidade de renovação:

- O consumo excessivo e progressivamente dependente de bebidas alcoólicas é fundamentado pelos sujeitos, em função das suas circunstâncias de vida e dos efeitos propiciados pelo álcool, constituindo o mito individual.
- O mito individual, resultante destas atribuições pessoais, vai condicionar a relação que futuramente vão estabelecer com as bebidas alcoólicas e assume-se como uma verdade absoluta no esquema de referência pessoal, conferindo aos sujeitos uma nova identidade, facilitada pelo contexto institucional onde ocorrem estes tratamentos.
- A passividade perante a realidade, imobilizando o sujeito face à possibilidade de agir, criando novas opções de vida; ou pelo contrário, a evasão da mesma, são os

extremos duma postura perante a realidade que facilita a entrada no alcoolismo, enquanto criação de um “paraíso artificial”.

- A incapacidade de pensar e a intolerância à verdade perpetuam a mecanização dos actos, perpetuando dessa forma a doença.

- A saída da doença depende da criação de novos significados que possibilitem a renovação do mito individual, pondo à prova a capacidade de tolerância ao sofrimento e à dor.

Tal como nos tínhamos proposto anteriormente, vamos proceder agora a uma reflexão sobre a metodologia utilizada neste estudo sobre as dinâmicas da personalidade da mulher alcoólica e tecer algumas considerações sobre propostas futuras para o estudo desta problemática.

As toxicodependências, entre as quais se destaca o Síndrome de Dependência Alcoólica, têm vindo progressivamente a ser estudadas no âmbito da investigação psicológica, incidindo em diferentes aspectos da psicopatologia. Se no contexto dos diferentes estudos psicopatológicos, a problemática do alcoolismo se centra na inter-relação com diferentes sintomas psicológicos, como a depressão (Talpin, 1989; Descombey, 1998), a mesma lógica subsiste nas investigações realizadas com testes psicológicos, visando igualmente a identificação de diferentes quadros psicopatológicos, que teriam uma componente etiológica e que contribuiriam igualmente para a manutenção dos comportamentos alcoólicos.

No contexto das diferentes concepções psicanalíticas dedicadas a esta área temática, deparamo-nos igualmente com a persistência num raciocínio fundamentado num nexo de causalidade, procurando explicar a ocorrência destes comportamentos em função de diferentes problemáticas decorrentes de perturbações da personalidade.

Neste sentido consideramos que nos afastamos desta lógica unicamente centrada na psicopatologia, partindo do princípio que a pessoa é mais do que a sua patologia e tem em si a possibilidade de evolução mental. Guiados por este princípio, procuramos estudar as capacidades de expansão mental de mulheres alcoólicas, tendo desenvolvido alguns indicadores que poderemos transportar para a nossa prática clínica junto desta população e de outras pessoas com diferentes problemáticas de foro mental.

A transição de uma lógica comparativa face aos dois grupos para uma lógica centrada nos processos decorrentes da interacção das variáveis, valoriza o estudo de caso clínico, na medida em que se privilegiam as características individuais de cada

sujeito, onde o cálculo do Potencial de evolução (PEV) ganha significado, traduzindo as potencialidades em *explorar o negativo*, quando o sinal é positivo, ou pelo contrário a negatividade quando o sinal é negativo. Se por um lado, deixa de ter sentido a comparação entre sujeitos em função deste índice, por outro lado, consideramos que pode ser um bom indicador da evolução mental decorrente de uma estratégia terapêutica.

Um outro aspecto que consideramos inovador neste trabalho diz respeito ao método que permitiu a constituição dos diferentes mitos individuais a partir da ACM, tendo permitido destrinçar algumas referências relativas ao percurso de vida destas mulheres, permitindo-nos uma aproximação de cariz psicossocial que consideramos que enriquece os nossos conhecimentos sobre os percursos de vida das mulheres alcoólicas, no contexto da nossa cultura, situação que nem sempre é valorizada pelos estudos realizados nesta área (Vaillant, 1983). Consideramos que o sentido atribuído pelos sujeitos a um conjunto de comportamentos que como vimos se encontram impregnados de crenças e valores de cariz cultural, é fundamental para o estudo dos aspectos psicológicos ligados alcoolismo. Estes aspectos de ordem social e cultural cruzam-se com aspectos ligados às circunstâncias da vida e ao estadio de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram, pelo que terão que ser contemplados neste grupo de investigações.

Para a prossecução de trabalhos futuros nesta área propomos a realização de questionários mais específicos que incidam sobre estes factores de ordem psicológica e social e cultural, construídos para o efeito, pois neste estudo utilizamos os dados frequentemente recolhidos junto desta população e o guião de entrevista já existia antes da realização deste estudo.

VI - CONCLUSÕES

Ao chegarmos ao fim deste percurso, impõe-se uma reflexão sobre o trabalho realizado. A temática escolhida nesta dissertação surge de questões decorrentes da nossa prática clínica junto de mulheres que há muito elegeram o consumo de bebidas alcoólicas como o fim último da sua existência. Procuramos na teoria psicanalítica um aprofundamento de saberes sobre a realidade psicológica subjacente a um conjunto de comportamentos autodestrutivos, cujo denominador comum é o alcoolismo e a ampliação de conhecimentos sobre a metodologia Rorschach, a qual nos continua a fascinar pelas suas possibilidades reveladoras da especificidade psicológica dos sujeitos. Tal facto permite-nos ir para além da generalização das práticas e de conceitos clínicos, decorrentes de uma lógica médica assente na etiquetagem diagnóstica e na institucionalização de práticas, habitual nas instituições psiquiátricas.

O facto de o alcoolismo reunir um conjunto de comportamentos que contêm uma expressão comunicacional, interpelando sistematicamente o Outro, assume dessa forma, uma dimensão intersubjectiva, pelo que fez-nos sentido ir ao encontro das teorias desenvolvidas por Freud (1895,1900, 1915), Klein (1935) e Bion (1957, 1962, 1965, 1970), que nos dão conta da forma como os sujeitos se criam e se transformam na relação com os outros, pela natureza do vínculo e pela importância que assume a formação simbólica, dois vectores chave que se constituem como um fio condutor ao longo deste trabalho e que consideramos nucleares para a compreensão do alcoolismo.

A natureza das relações estabelecidas no fio do tempo assume-se como espaço primordial para a aprendizagem dos afectos e de verdades sobre o sujeito e os outros. A existência da dúvida e das incertezas são inerentes ao processo de tomada de decisões, tornado possível porque o sujeito psicológico é dotado de liberdade. Pelo contrário, o estreitamento da possibilidade de questionamento, só é viável através de uma tomada de posição perante a realidade marcada pela “arrogância”. Estes diferentes posicionamentos perante a realidade reflectem diferentes níveis de estruturação do pensamento e assumem configurações específicas no campo das dependências, entre as quais destacamos o alcoolismo. A natureza do nosso objecto de estudo levou-nos às teorias de Bion. Foi através do *modelo continente-conteúdo* e a sua relação com a dinâmica $Ps \leftrightarrow Pd$, dos vínculos (K, -K) e das *Transformações* que criámos condições

para pensar as potencialidades de crescimento mental em mulheres alcoólicas, através do Rorschach.

Um dos aspectos que consideramos fascinante na teoria bioniana diz respeito à importância dada à intersubjectividade, enquanto espaço onde se tecem e transformam afectos e verdades sobre a realidade, conferindo à condição humana uma dimensão ética e estética, passível de múltiplas mudanças concomitantes às transformações do pensamento. Se estas dimensões incarnam a humanização, coexistem no entanto com o negativo de si próprias: a mentira, a arrogância e a máscara, elementos que se vão tornando preponderantes no alcoolismo e que por isso mesmo nos interpelam ao questionamento sobre quais as reais possibilidades de inversão deste processo, possibilitando uma (re)ligação vincular aos objectos, invertendo-se dessa forma uma caminhada anunciada para a morte. Assim, podemos dizer que o ser humano tem em si a possibilidade de mudança, pelo que é sempre mais do que a sua patologia.

Com o objectivo de encontrarmos pontos comuns relativos à construção de verdades psicológicas por parte das mulheres alcoólicas que constituem a amostra em estudo, propusemo-nos estudar o seu mito individual, sempre nutrido pelas crenças, mitos colectivos e ditos populares relativos às bebidas alcoólicas, que, como vimos, acompanham a história do homem e ainda hoje se fazem sentir em diferentes expressões artísticas de cariz popular como o fado e nas múltiplas celebrações sociais que nos acompanham ao longo da vida.

Da análise dos mitos individuais, deparamo-nos com a descrição de múltiplas vivências caracterizadas por um sentimento de falta de amor, pobreza dos afectos vivida como uma doença mortal na infância e na adolescência, que assume um recrudescimento na conjugalidade. Se as expectativas de encontrar “um porto seguro” no casamento, face aos problemas vividos na infância e na adolescência, levam muitas mulheres a sair mais cedo de casa e a partilhar um espaço com um companheiro, estas expectativas são completamente logradas pelos múltiplos problemas que se sucedem. Neste sentido, podemos dizer que encontramos histórias de vida contadas por participantes do nosso estudo, onde o que transparece é o desconhecimento do amor. A violência sob múltiplas expressões acompanha as mulheres, muitas vezes antes do seu nascimento.

Se os afectos são aprendidos, como nos mostram os diferentes autores que sublinham a importância da intersubjectividade enquanto espaço de eleição onde são criados e nutridos, é de esperar que existam lacunas na forma como estas mulheres

expressam os afectos. Todavia, é questionável a punição que é exercida pelo facto de serem mulheres e mães. Na realidade, muitas destas mulheres vivem a iminência da retirada dos filhos pelo sistema judicial, por incumprimento das funções parentais. É óbvio que as crianças têm que ser protegidas pelo sistema judicial, no entanto é uma realidade menos habitual no alcoolismo masculino. Desta forma, podemos dizer que a mulher é duplamente penalizada pelo facto de ser alcoólica, uma vez que, associada à etiquetagem diagnóstica segue muitas vezes a acusação de incompetência maternal atestada pelo poder Judicial

Associada a estas descrições, deparamo-nos muitas vezes com uma postura marcada pela passividade, que remete para a inexistência de conflitos e assinala a existência da pulsão de morte, apaziguando dessa forma todas as tensões.

Ainda em relação à conjugalidade, mais propriamente no que diz respeito à sexualidade, a vivência do corpo surge como um continente negro que serve para fazer filhos, anulando o espaço para o gozo, para o prazer, para a fruição. A erogenidade é absorvida por uma oralidade destrutiva, ávida e desesperada. A boca torna-se progressivamente o órgão mais sexualizado e erótico. Os homens surgem sob duas perspectivas opostas: o homem visto como um mártir por não ter direito a uma mulher que esteja ao seu nível, como esposa, dona de casa e mãe, perspectiva marcada por uma culpabilidade excessiva e por isso mesmo destrutiva; ou pelo contrário, o homem sádico a que se liga o masoquismo da própria, onde a agressão sob múltiplas formas se faz sentir como elemento primordial. O corpo surge desprovido de defesas, ficando então exposto a todos os tipos de violações e a expressões de raiva. Temos, então homens sexualmente fálicos, sádicos, desejados no contexto de um masoquismo, mas cuja masculinidade cumpre um sentido social e inútil. A vida sexual transforma-se progressivamente em morte sexual, pela imposição das pulsões de morte, na medida em que o homem é também ele percebido como morte para a mulher. O corpo adoce progressivamente como se sofresse de “lepra” dos afectos e do prazer.

Aliado a um pai que em muitos caos é maltrante e alcoólico, surge uma mãe vítima, que pela passividade com que vive estas cenas, é ao mesmo tempo cúmplice da morte. Pode o alcoolismo, nestas circunstâncias, exprimir o desejo de busca incessante por uma figura materna cuidadora, mesmo que isso implique procurá-la nos confins do Inferno, tal como Dioniso?

Na realidade, o álcool há muito substituiu a “função de Deus”, na medida em que aponta para paraísos artificiais, que rapidamente desaparecem. É nesse sentido, que

dizemos que o êxtase dionisíaco se afasta do paradigma Teresiano, pois aqui assistimos a uma caminhada para (O), enquanto no êxtase dionisíaco, assistimos à procura de um estado caracterizado pelo apaziguamento das pulsões de morte e a uma tranquilidade ainda que seja momentânea. É atribuído ao Deus Dioniso a ideia de um gozo absoluto, produzindo-se, no entanto, uma des-subjectivação no seio da qual o Eu desaparece em detrimento da partícula “se”. As expressões na primeira pessoa do singular como: “eu vivo”, “eu faço”, ou “eu decido”, há muito foram substituídas por expressões como: “vive-se”, “faz-se”, dando-nos conta de sujeitos que se arrastam pela vida como um cadáver sem consciência.

A certeza de que a vida foi e será assim é fruto duma ausência de questionamento, inviabilizando a possibilidade de tomadas de decisão. O alcoolismo assume-se como uma patologia da existência, na medida em que a liberdade se encontra comprometida e o trágico se assume como a ausência da consciência deste processo de mortificação.

Perante as situações negativas que fazem parte do percurso evolutivo de qualquer sujeito, surgem respostas activas, como as descargas motoras ou passivas, como o masoquismo, e que têm um carácter defensivo face à frustração, resultante desses quadros existenciais.

Tanto a teoria de Freud como a teoria de Bion consideram que o ponto de partida na estruturação do pensamento é a frustração que surge por o objecto não estar presente ou por não ser inteiramente satisfatório. Daí, perante diferentes situações trazidas para o contexto terapêutico pelos nossos pacientes, questionarmo-nos se existe uma fuga face à frustração ou uma modificação da mesma.

Segundo Bion (1962/2003), a intolerância à frustração é o elemento principal que leva ao insucesso da *função-alfa*. Ora, relativamente à problemática do alcoolismo, podemos considerar a avidez oral como uma resultante da incapacidade em aceitar a frustração. Segundo o autor, se a frustração for demasiada forte e a angústia inultrapassável, o mecanismo de fuga fará com que o *aparelho para pensar os pensamentos*, deixe de funcionar, acarretando dificuldades nas transformações de *elementos-beta* em *elementos-alfa*.

Partindo destes pressupostos encontrámos diferenças relativamente à forma como as mulheres do Grupo 1 e do grupo 2 reagem à frustração, expressando diferentes níveis de estruturação do pensamento. No entanto, antes de explicitarmos essas diferenças, podemos referir que há um ponto comum a todas as participantes no estudo

que remete para a importância que assume a descarga motora, o que desde logo nos dá conta de dificuldade de elaboração do pensamento. “*Há meios de evitar a frustração que pertencem à classe da acção muscular e os que pertencem ao domínio do pensamento*” (Bion, 1962/2003, p.53).

A partir destas considerações, podemos referir que, relativamente às mulheres que integram a amostra em estudo, estas apresentam diferentes níveis de perturbação do pensamento e, concomitantemente, diferentes formas de reagir perante as frustrações.

Relativamente às mulheres que iniciaram o processo de alcoolização mais tarde, na sequência de situações vividas como insuportáveis, numa primeira impressão, apresentam um modo de funcionamento psicológico que se aproxima da descrição que Marty & M' Uzan (1963), fazem do “*pensamento operativo*”, na medida em que os seus mitos individuais são caracterizados por uma descrição detalhada de factos e acontecimentos, centrando-se essencialmente na acção, ao mesmo tempo que nos deparamos com uma ligação frouxa do pensamento com a actividade fantasmática, visível na forma como abordam o Rorschach, marcado pelas dificuldades em extrair as emoções das experiências que lhes são propostas.

No entanto, Bion (1963/2003) permite-nos aprofundar a compreensão destas dificuldades, dando-nos conta que estamos perante um modo de funcionamento psicótico, no seio do qual os pacientes não elaboram fantasias conscientes, não fazem associações e não relatam sonhos. O pensamento e a palavra têm como função essencial a descarga do psiquismo de estímulos excessivos, papel normalmente atribuído à motricidade. O “*núcleo psicótico da personalidade*” far-se-ia sentir na medida em que eles teriam essencialmente à sua disposição pensamentos sem qualquer ressonância emocional. Este modo de funcionamento psicológico teria como consequência a incapacidade em transformar os acontecimentos da vida em experiências elaboradas. É nesse sentido que assistimos a uma explicação do alcoolismo, por parte destas mulheres, em função de situações vividas como insuportáveis. Estas perturbações do pensamento resultam numa busca progressivamente exclusiva de satisfações imediatas, como é o caso da relação estabelecida com as bebidas alcoólicas. Na impossibilidade de se aceder a um pensamento metafórico e à inviabilização da representação do afecto, o corpo torna-se um meio de comunicação, na medida em que adoece e traduz esse sofrimento. Para além dos efeitos tóxicos causados pelo álcool no somático, há uma mensagem implícita no aspecto físico destas mulheres, tornada visível num estado de descuido em relação a si próprias, em que o paradigma que transparece no Rorschach é o do fígado

cirrótico e dos pulmões destruídos, talvez porque associado ao consumo de álcool encontramos o tabagismo, como marca igualmente da avidez oral.

Neste contexto, quando exploramos as capacidades de crescimento mental evidenciadas por estas mulheres, estas restringem-se ao recurso ao formal, ao apoio na realidade externa, em detrimento da realidade, como forma de evitar a “derrapagem” para um registo psicótico.

Em relação às mulheres que iniciaram o alcoolismo na adolescência, assistimos a uma acentuação das dificuldades ao nível da elaboração do pensamento e de enfrentar situações que possam remeter para a vivência da frustração. Com efeito, neste grupo, assinala-se uma incapacidade mais acentuada ao nível da abstracção, surgindo um pensamento constituído essencialmente por *elementos beta*, inviabilizando-se, dessa forma, um contacto verdadeiro com a realidade, justificando a panóplia de objectos inanimados que surgem sob a forma de respostas com conteúdos anatómicos que caracterizam as suas narrativas Rorschach. Tal como acontecia no Grupo 1, o *acting out* surge assim como expressão das dificuldades de elaboração do pensamento. A maior precariedade ao nível destes processos tem como consequência mais dificuldades na recuperação de situações nas quais o pensamento se mantenha num registo psicótico, visíveis quando nos debruçamos sobre as suas potencialidades de crescimento mental.

De uma forma esquemática podemos representar o processo de alcoolização da seguinte forma:

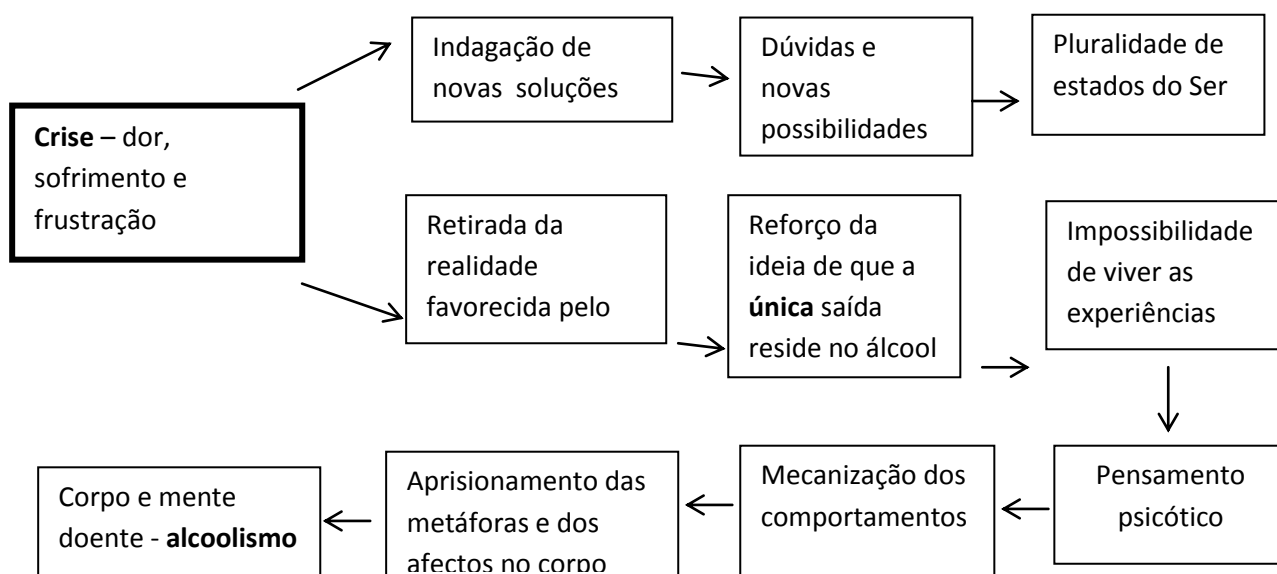


Figura 47 – Processo de alcoolização

De uma forma global, podemos dizer que o alcoolismo surge como fuga a situações existenciais que implicam enfrentar a frustração e a dor. Se não há crescimento sem sofrimento, este é inviabilizado por um refúgio num paraíso artificial, que associamos ao Monte Citéron, afastado da Pólis, das regras e do mundo dos Homens. Tanto em relação às múltiplas situações que surgem no decorrer da existência, como o luto, ou o divórcio, assim como nos processos transformacionais decorrentes do *adolescere*, são postas à prova as capacidades de ultrapassagem das mesmas, ou pelo contrário, a submersão pela angústia e a desistência de viver. Na realidade, como referimos anteriormente, estas mulheres vivem a morte de um ponto de vista psicológico, e também fisicamente, na medida em que são elas mesmas que nos dão conta de todas as patologias de que padecem.

A demanda e a ilusão da chegada à “terra prometida”, na qual brota o leite e o mel, condiciona a possibilidade de crescimento, potencializando a mecanização, em detrimento do recurso ao pensamento e o consequente delinear de acções que possam daí resultar. Ao invés de se processar a caminhada na direcção de (O), e da descoberta de verdades, o indivíduo é confinado à certeza, à arrogância e à mentira, num quadro onde o rosto se confunde com a máscara.

Neste sentido, correndo o risco da imodéstia, podemos dizer que estamos perante o “erro de Nietzsche”, na medida em que o dionisíaco não é a solução libertadora do espírito da moralidade judaico-cristã. Pelo contrário, a envolvência e a permanência no mundo de Dioniso criam essa ilusão de libertação, que, no entanto, leva por sua vez à condenação, na praça pública, de quem fica preso na ilusão. E esta condenação é ainda mais peremptória quando reporta à mulher. Como referimos, não é a incapacidade em aderir aos papéis socialmente atribuídos às mulheres que subjaz ao alcoolismo feminino, mas sim um processo de rejeição e de condenação que no extremo pode levar à retirada do poder paternal. Entre a rigidez do cumprimento das conformidades sociais que encontramos na Pólis e a loucura que encontramos descrita em Citéron, por Eurípides, surge a possibilidade de crescimento pessoal, de descoberta de novas verdades psicológicas e de novas formas de se ser.

A “entrada no universo dionisíaco” não é sinónimo de que estamos em presença de uma doença mental, na medida em que o culto pelo hedonismo, pela satisfação dos prazeres levado aos limites, aliada à fuga de situações que impliquem a resistência à frustração, é um dos valores que se inscrevem nas sociedades actuais.

A saída do alcoolismo passa pela (re)criação de novos valores e pela possibilidade de vivenciar os afectos resultantes de experiências emocionais, criada no contexto psicoterapêutico. Nesse sentido, o desafio apresentado à mulher alcoólica é do domínio da ética e da estética, alicerçado em novos níveis de estruturação do pensamento. Em última instância, estamos perante novas possibilidades de desenvolvimento da humanidade que existe em cada indivíduo.

A concepção do sujeito psicológico tem sofrido profundas mudanças, em grande parte devido à evolução das ideias no contexto do paradigma psicanalítico, no seio do qual o acesso a verdades psicológicas é a condição essencial à mudança. Neste sentido, pode dizer-se que a par dos objectivos terapêuticos que estiveram subjacentes à criação da psicanálise, há uma dimensão ética que pode ser actualizada sistematicamente nos diferentes quadros existenciais em que os sujeitos se encontram.

O método Rorschach permitiu pôr em evidência o potencial indagatório e de expansão mental das mulheres alcoólicas, na medida em que, a partir da capacidade oscilatória ($Ps \leftrightarrow Pd$, $-K \leftrightarrow K$) demonstrada, se torna possível a indagação $K \rightarrow O$, a tolerância do negativo que supera a arrogância, e o processo de tornar-se O. Passamos de um paradigma centrado no mensurável e objectivo, centrado no patológico, para um outro onde se torna viável aceder à profundidade das qualidades subjectivas dos indivíduos. Desta forma, o método Rorschach revelou-se um instrumento que permite conhecer a forma como os sujeitos recriam a sua verdade, a partir do diálogo entre os objectos internos e externos, espaço onde se revela a natureza do conhecimento, através da análise do processo de transformação na relação continente-conteúdo. Destes processos resultam novos significados e de reformulação do mito individual. Em última instância, é a indagação das possibilidades que os sujeitos reúnem de poder reformular as concepções que têm de si próprios e dos outros que viabiliza a saída de uma doença que é também psicológica. Só assim se pode viabilizar a passagem de um estado no qual se buscam sensações que rapidamente “evaporam” para uma busca incessante do conhecimento de si próprio e da realidade circundante. Nesse sentido, podemos dizer que o sujeito deixará de procurar Deus no fundo de uma garrafa, passando a procurá-lo dentro de si próprio. É nesse sentido que podemos falar na caminhada em direcção a (O).

Tendo em conta estes pressupostos, podemos referir que a concretização deste estudo contribuiu para o desenvolvimento de conhecimentos teórico-práticos sobre o alcoolismo na mulher, ampliando as metodologias de avaliação psicológica junto desta

população. Acreditamos ter ampliado o âmbito de aplicação deste método, ao mesmo tempo que ampliamos os conhecimentos sobre o processo transformacional, mobilizando os movimentos de progressão e de regressão inerentes à evolução do pensamento, através dos mecanismos de identificação projectiva, numa relação continente-conteúdo e em função de $Ps \leftrightarrow Pd$. Desta forma, cremos ter reafirmado o lugar que a Psicologia Clínica ocupa no campo multidisciplinar da Alcoologia, na medida em que contribuímos para a criação de novas concepções sobre o alcoolismo na mulher e para a expansão de um método de conhecimento do sujeito psicológico que se tem revelado precioso no âmbito da nossa prática clínica.

Como limitações neste estudo, apontamos o facto de termos utilizado uma entrevista usualmente aplicada no âmbito das nossas actuações na Clínica de Alcoologia. O desenvolvimento de instrumentos mais específicos, adaptados à captação das experiências subjectivas será um elemento essencial para a compreensão da complexa relação que os indivíduos estabelecem com o álcool, no seio da qual o mito individual se cruza com o mito colectivo, desde os primórdios do processo de humanização. Este trabalho será interminável, pois a multiplicidade das variáveis subjacentes à relação que os indivíduos estabelecem com o álcool encontra-se em mudança constante, conferindo ao “mito individual” o núcleo onde se interrelacionam os valores sociais com as perspectivas individuais, que em última instância são a expressão da sua subjectividade. A definição das características psicológicas de cada individuo é um dos objectivos primordiais da Psicologia Clínica, conferindo a esta ciência um lugar essencial no contexto de diferentes saberes que abordam o sujeito psicológico em sofrimento. Esta perspectiva é um vector essencial inerente à prática clínica exercida junto de pessoas que vivem um processo de “erosão” da sua subjectividade, como é o caso do alcoolismo, na medida em que é inerente à condição humana a coexistência do apolíneo com o dionisíaco. A inversão deste processo depende assim, do estudo das possibilidades de crescimento mental, capazes de permitir a indagação do novo e do desconhecido, e em última instância a “dobragem do cabo das tormentas existenciais”. O Homem deixa de ser Deus e passa a procura-lo no infinito, na medida em que tolera a pluralidade de verdades psicológicas e abandona a verdade que considerava absoluta e inegável. O mito transforma-se então, em múltiplos mitos. Só o acesso à metáfora permitirá a descoberta da poesia da vida, no encontro consigo próprio e com os outros. A alienação dionisíaca ou a alienação apolínea são suplantadas pela descoberta do humano que habita em todos os sujeitos, tornada possível pela natureza

do vínculo do conhecimento e pela descoberta de novas formas de se ligar afectivamente, sob o domínio dos vínculos do amor e do ódio.

O acesso a novas verdades psicológicas e a novas vivências afectivas permitirá a retirada de um estado de decadência existencial e a (re)criação de novos estados do Ser, actualizados no decurso de diferentes abordagens terapêuticas. A ética cruzar-se-á com a estética, possibilitando o encontro com novas formas de prazer, no seio das quais, o Outro deixa de ser um mero prestador de cuidados. Descobre-se a reciprocidade e as necessidades do outro, viabilizando-se a vida como o lugar do encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abraham, K. (1926/1994). The psychological relations between sexuality and alcoholism. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 53-59). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Adès, J., & Lejoyeux, M. (1997). *Comportamentos alcoólicos e seu tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores. (Tradução do original em Francês *Les conduites alcooliques et leur traitement*, 1997).
- Aguilera, C. (2001). *História da alimentação mediterrânica*. Lisboa: Terramar. (Tradução do original em Espanhol *História de la Alimentación Mediterránea*, 1997).
- American Psychiatric Association. DSM IV. *Manual de diagnóstico e estatística dos distúrbios mentais*. (4ª. Ed.) Lisboa: Climepsi Editores, 1996.
- Anderson, M. R., Stevens, M. J. , & Pfof, K. S. (2001). Sex-role strain in alcoholic women. *Substance Use & Misuse*, 36(5), 653-662.
- Andresen, S. M. B. (2005). *Coral*. Lisboa: Editora Caminho.
- Apfeldorf, M. (1974). Contrasting assumptions and directions in MMPI research on alcoholism. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, 35, 1375-1379.
- Associação de Apoio à Vítima. (2011). *Estatísticas APAV 2010*. Consultado em 20 de Janeiro de 2011 através de (<http://www.apav.pt/postal/pdf/sumula.estatísticas>).
- Bauer, J. (1990). *O alcoolismo e as mulheres*. São Paulo: Editora Cultrix (Tradução do Inglês *Alcoholism and women*, 1982).
- Beckman, L. J. (1975). A review of social and psychological studies. *Journal of Studies on Alcohol* 36: 797-824.
- Beizmann, C. (1996). *Livret de cotation des formes dans le Rorschach*. Paris: Éditions du Centre de Psychologie Appliquée.
- Bénony, H., & Chahraoui, K. (2002). *A entrevista clínica*. Lisboa: Climepsi Editores. (Tradução do Francês *L'entretien clinique*, 1999)

- Bergman, I., Haver, B., Bergman, H., Dahlgreen, L. & Nielsen, G. (1998). Personality characteristics of women with alcohol addiction: a Rorschach study of women in an early treatment programme. *Scandinavian Journal of Psychology*, 39, 47-54.
- Bertalanffy, L. V. (1980). *Théorie générale des systèmes*. Paris: Dunod (Tradução do original em Inglês General System Theory, 1968).
- Bíblia Sagrada (1989). São Paulo: Edições Paulinas.
- Bion, W. (2003). *Learning from experience*. London: Karnac Books. (obra original publicada em 1962)
- Bion, W. (1984). *Transformations, change from learning to growth*. London: Maresfield Reprints. (obra original publicada em 1965)
- Bion, W. (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock.
- Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisitados*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Inglês Second Thoughts, 1962).
- Birath, S. (2010). *Women with alcohol problems seeking treatment*. Consultado em 23 de Dezembro de 2010 através de <http://disskib.ki.se/2010/978-91-7409-744-3/thesis.pdf>.
- Blandine, F. (1996). Alcoolisme au féminin. *Journal des psychologues*, 141, 40-43.
- Blatt, S. J. (1990). Interpersonal relatedness and self-definition: two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (pp. 299-335). Chicago: University of Chicago Press.
- Blum, E. M. (1966). Psychoanalytic views of alcoholism. *Q. J. Stud. Alcohol* 27: 259-299.
- Bochner, R. & Halpern, F. (1945). *The clinical application of the Rorschach test* (2nd ed.). Oxford: Grune & Stratton.

- Burkert, W. (1993). *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Tradução do original em Alemão Griechische religion in der archaischen und klassischen epochen, 1977).
- Cambiano, G., Boorgeaud, F., Canfora, L., Garplan, Y., Mossé, C., Murray, O., Redfield, J., Segal, C., Vegetti, M., Vernant, J. P. (1994). *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença. (Tradução do original em Italiano L'uomo greco, 1991).
- Campos, A. (2002). *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Carmo, H., Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, H. (2008). *Análise multivariada de dados qualitativos*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Cassirer, E. (1995). *Ensaio sobre o homem*. Lisboa: Guimarães Editores. (Tradução do original em Inglês An essay on man, 1960).
- Centro Regional de Alcoologia do Sul (2005). *Consumo total de álcool puro por regiões do mundo (2003)*. Consultado em 20 de Janeiro de 2009 através de <http://www.cras.min-saude.pt/relatorio.htm>
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores. (Tradução do Francês Le Rorschach en clinique adulte – Interprétation psychanalytique, 1997).
- Chabert, C. (1998). *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (1982). *Dictionnaire des symboles*. Paris: Édition Robert Laffont.
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Edição Gradiva.
- D' Allones, C. R., Piquet, C. A., Slama, F. B., Blanchet, A., Douville, O., Giami, A., Nguyen, K. C., Plaza, M., & Amboise, C. S. (1989). *La démarche Clinique en sciences humaines*. Paris: Dunod.
- D' Ávila, T. (1571/2000). *Obras completas*. Paço de Arcos: Edições Carmelo.

- Descombey, J. P. (1998). *L'Homme alcoolique*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Deus, A. (2001). *O alcoolismo: Uma forma de desistência da vida*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Deutsch, H. (1986). *Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. Essential papers on borderline disorders: one hundred years at the border*. New York: New York University. (obra original publicada em 1942)
- Dias, C. A. (1993). *Só Deus em mim se opõe a Deus*. Lisboa: Fenda.
- Dias, C. A. (1997). *Tabela para uma nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.
- Dias, C. A., & Fleming, M. (1998). *Psicanálise em tempo de mudança: contribuições teóricas a partir de Bion*. Lisboa: Afrontamento.
- Dias, C. A. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa* (2 vols.) (2001). Lisboa: Editorial Verbo.
- Drake, R. E., & Vaillant, G. E. (1988). Predicting alcoholism and personality disorder in a 33-year longitudinal study of children of alcoholics. *British Journal of Addiction*, 83, 799-807.
- Edwards, G., Gross, M. (1976). Alcohol dependence: provisional description of a clinical syndrome. *British Medical Journal*, 1, 1058-1061.
- Edwards, G. (1995). *O tratamento do alcoolismo*. São Paulo: Martins Fontes. (Tradução do original em Inglês *The treatment of drinking problems*, 1982).
- Erickson, F. (1998). *Metodos cualitativos de investigacion sobre la enseñanza. La investigación de la enseñanza*. Barcelona: Paidós.
- European Monitoring Centre for Drug Addiction – 2009 National Report (2008 data) to the EMCDDA by the Reitox National Focal Point Portugal – New Development Trends and in-depth information on selected issues. Consultado em 10 de Fevereiro de 2011 através de http://www.emcdda.europa.eu/attachments.cfm/att_112094_EN_2009.pt.pdf

- Fenichel, O. (1979). *La théorie psychanalytique des névroses*. Paris: PUF. (Tradução do original em Inglês *The psychoanalytic theory of neurosis*, 1945).
- Fenichel, O. (1945/1994). Dynamics of addiction. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 98-104). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Ferenczi, S. (1991). *Obras completas: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. (Tradução do original em Alemão *Bausteine zur psychoanalyse*, 1912).
- Férrandez, F. A. (1992). *Alcoholdependencia* (3ª edición) Barcelona: Masson – Salvat Medicina.
- Ferreira, V. (1981). *Conta corrente 2*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Fouquet, P., Malka, R., & Vachonfrance, G. (1986). *Alcoologie*, Paris: Masson.
- Freeman, H. (1999). *A century of psychiatry* (2 vols.). England: Mosby-Wolfe Medical Communications.
- Freud, S. (1955). *Studies on hysteria. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. (Vol. II). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. (Tradução do Alemão *Studien über Hysterie*, 1895).
- Freud, S. (1981). *Lo inconsciente. Sigmund Freud, Obras Completas* (Tomo II, pp. 2061-2082). Madrid: Biblioteca Nueva. (Tradução do Alemão *Das unbewusste*, 1915).
- Freud, S. (1981). *Mais alla del principio del placer. Sigmund Freud, Obras Completas* (Tomo II, pp. 2507-2541). Madrid: Biblioteca Nueva. (Tradução do original em Alemão *Jenseits des lustprinzips*, 1920).
- Freud, S. (1996). *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. III, pp. 249-270). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Alemão *Die Sexualitaet in der aetiologie der neurosen*, 1898).

- Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Alemão Drei Abhandlungen Zur Sexualtheorie, 1905).
- Freud, S. (1996). *Notas psicanalíticas sobre a autobiografia de um caso de paranóia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp. 15-87). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Alemão Psychoanalytisch Bemerkungen Über Einen Autobiographisch Beschriebenen Fall Vonparanoia, 1911).
- Freud, S. (1996). *O problema econômico do masoquismo*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX, pp.175-188). Rio de Janeiro: Imago. (Tradução do original em Alemão Das ökonomische Problem des Masochismus, 1924).
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Alemão Die Traumdeutung, 1900).
- Gabbard, G. O. (2006). *Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica*. Porto Alegre: Artmed. (Tradução do original em Inglês Psychodynamic psychiatry in clinical practice, 2005).
- Girard, R. (1982). *Le bouc émissaire*. Paris: Grasset
- Girard, R. (1990). *La violence et le sacré*. Paris: Éditions Albin Michel S.A.
- Gitlow, S., & Peyser, H. (1991). *Alcoolismo: um guia prático de tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Tradução do original em Inglês Alcoholism: a practical treatment guide, 1988).
- Glover, E. G. (1928/1994). The aetiology of alcoholism. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 74-80). Northvale, N. J.: Jason Aranson.

- Greenfield, T. K., Graves, K. L., & Kaskutas, L. A. (1999). Long-term effects of alcohol warning labels: findings from a comparison of the United States and Ontario, Canada. *Psychology and Marketing*, 16, 261-282.
- Green, K. E., Pugh, L. A., Mccrady, B. S., & Epstein, E. E. (2008). Unique aspects of female-primary alcoholic relationships. *Addictive Disorders & Their Treatment*, Vol. 7 (3). 169-176.
- Grinberg, L., Sor, D., & Bianchedi, E. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Tecnicopublicaciones.
- Habermas, J. (1987). *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome I. Paris: Éditions Fayard. (Tradução do original em Alemão Theorie des Kommunikationen Handels, 1981).
- Hamilton, E. (2005). A mitologia. Lisboa: Dom Quixote. (Tradução do original Inglês Mythology, 1942).
- Heidegger, M. (1968). *Questions I et II*. Paris: Éditions Gallimard. (Tradução do original em Alemão Was ist Metaphysik mit Einleitung und Nachwort, 1937).
- Heidegger, M. (1984). *El ser y el tiempo*. Madrid: Fondo de Cultura Económica. (Tradução do original em Alemão Sein und Zeit, 1927).
- Hughes, T. L., & Wilsnack, S. C., (1997). Use of alcohol among lesbians: research and clinical implications. *American Orthopsychiatric Association*, 6, 20-36.
- Instituto da Droga e Toxicodpendência (2011). *Plano nacional para a redução dos problemas ligados ao álcool*. (2010-2012). Consultado em 15 de Agosto de 2011 através de (http://www.idt.pt/PT/IDT/RelatoriosPlanos/Documents/2010/PNRPLA_2010_2012.pdf).
- Instituto de Emprego e Formação Profissional (2009). *Classificação nacional das profissões*. Consultado em 12 de Fevereiro de 2009 através de (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>).

- Instituto Nacional de Estatística (2001). Recenseamento à população portuguesa. Consultado em 12 de Fevereiro de 2009 através de (<http://www.marktest.com/wap/a/n/id~45c.aspx>).
- Jellinek, E. M. (1960). *The disease concept of alcoholism*. New Haven: Hillouse.
- Johnson, P. B. (1982). Sex differences, women's roles and alcohol use: Preliminary national data. *Journal Social Issues*, 38, 93-116.
- Johnson's, H. (1999). *História universal do vinho*. Lisboa: Litexa. (Tradução do original em Inglês Vintage: the story of wine, 1989).
- Jones, M. C. (1971). Personality antecedents and correlates of drinking patterns in women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 36: 61-69.
- Judd, C. M., & Sadler, M. S. (2003). The analysis of correlational data. In M. C. Roberts, & S. I. Iardi (Eds.), *Handbook of research methods in clinical psychology* (pp. 115-136). Malden: Blackwell Publishing.
- Khantzian, E. (1981/1994). Some treatment implications of the Ego and Self disturbances in alcoholism. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 232-255). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Klein, M. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In *The writings of Melanie Klein*, Vol.I London: Karnac Books. pp 262-289.
- Kline, R. B., & Snyder, D. K. (1985). Replicated MMPI subtypes for alcoholic men and women: Relationship to self-reported drinking behaviors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53(1), 70-79.
- Kohut, H. (1977/1994). Self deficits and adiction. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 344-346). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Kreit, B. F. (2002). *O encontro com a mulher alcoólica*. In J. P. Roussaux, B. F. Kreit, & D. Hers (Eds.), *O alcoólico em família* (pp. 109-134). Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em Francês L'alcoolique en famille, 2000).
- Legrand, M. (1997). *Le sujet alcoolique*. Paris: Desclée de Brouwer.

- Lemoine, P., Harrouseau, J.P., & Borteyru, G., Menuet, J.C. (1968). Les enfants de parente alcooliques. Anomalies observées a propos de 127 cas. *Quest Méd.* 25(1): 477-482.
- Lévi-Strauss, C. (1967). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Tradução do original em Francês *Anthropologie structurale*, 1958).
- Levin, J. (1991/1994). Alcoholism and regression/fixation to pathological narcissism. In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 370-385). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Loosli-Usteri, M. (1965). *Test de Rorschach*. Paris: Hermann.
- Mccrady, B. (1985). Alcoholism. In Barlow, D. H. (Eds), *Clinical handbook of psychological disorders* (pp.246-294). New York: The Guilford Press.
- Maffesoli, M. (1985). *L'ombre de dionysos. Contribution a une sociologie de l'orgie*. Paris: Librairie dès Méridiens.
- Mahler, M., & Bergman, A. (1975). *The psychological birth of the human infant: symbiosis and individuation*. New York: Basic Books.
- Marques, M. E. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos – defensivos no Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 9(2), 203-209.
- Marques, M. S. (1997). *Marcos transhistóricos do álcool*. Porto: L. Lepori Lda.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Márquez, G. G. (2003). *Viver para contá-la*. Lisboa: Dom Quixote (Tradução do original em Colombiano *Vivir para contarla*, 2002).
- Martinez, L.& Ferreira, A. (2007). *Análise dos dados com o SPSS*. Lisboa: Escolar Editora.
- Marty, P., & M'Uzan, M. (1963). Le pensée opératoire. *Revue Française de Psychanalyse*, 17, 345-356.

- Mckirnan, D. J., & Peterson, P. C. (1989). Alcohol and drug use among homosexual men and women: Epidemiology and population characteristics. *Addictive Behaviors*, 14(5), 545-553.
- Mello, M., Barrias, J., & Breda, J. (2001). Álcool e problemas ligados ao álcool em Portugal. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde.
- Miller, B. A., & Downs, W. R. (1995). Violent victimization among women with alcohol problems. In M. Galanter (Ed.), *Recent developments in alcoholism*, vol. 12: Alcoholism and women. (pp. 81-101). New York: Plenum Publishing Corporation.
- Mitologia. Mitos e lendas de todo o mundo*. Seixal: Lisma – Edição e Distribuição de Livros, Lda.
- Monjauze, M. (1991). *La problématique alcoolique*. Paris: Dunod.
- Nathan, P. E., & Briddell, D. W. (1977). Behavioral assessment and treatment of alcoholism. In B. Kissin & H. Begleiter (Eds.), *The biology of alcoholism* (Vol 5). New York: Plenum.
- National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (2005). *Alcohol abuse and addiction – prevalence of alcohol abuse and alcoholism*. Bethesda: NIAAA. Consultado em 20 de Janeiro de 2009 através do site <http://www.niaaa.nih.gov/Pages/default.aspx>.
- Nietzsche, F. (1977). *La naissance de la tragédie*. Paris: Éditions Gallimard. (Tradução do original em Alemão *Die geburt der tragödie*, 1869).
- Nietzsche, F. (2004). *Assim falava Zarathustra*. Lisboa: Guimarães Editores. (Tradução do original em Alemão *Also Sprach Zarathustra*, 1883).
- Organização Mundial de Saúde (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e directrizes diagnósticas*. Genebra: World Health Organization.
- Organização Mundial de Saúde (2002). *Relatório mundial de saúde 2001. Saúde mental: nova compreensão, nova esperança*. Genebra: World Health Organization.

- Pais, J. M. (2006). *Nos rastros da solidão*. Lisboa: Ambar.
- Palme, G., & Palme, J. (1999). Personality characteristics of females seeking treatment for obesity, bulimia nervosa and alcoholic disorders, *Personality and Individual Differences*. 26, 255-263.
- Parker, F.B. (1972). Sex-Role adjustment in women alcoholics. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*. 33, 647-657.
- Pereira, M. H. (1998), *As bacantes*. Lisboa: Edições 70.
- Pereira, M. H. (2003). *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Petit, C. (2002). *O alcoolismo feminino na sua abordagem em psiquiatria*. Obstáculos e particularidades que podem guiar a intervenção. In J. P. Roussaux, B. F. Kreit, & D. Hers (Eds.), *O alcoólico em família* (pp. 101-108). Lisboa: Climepsi. (Tradução do Francês *L'alcoolique en famille*, 2000).
- Pinto, A. C. (1990). *Metodologia da investigação psicológica*. Porto: Edições do Jornal de Psicologia.
- Popper, K. (2006). *Conjeturas e refutações*. Lisboa: Almedina. (Tradução do original em Inglês *Conjectures and refutations*, 1963).
- Radó, S. (1933/1994). The psychoanalysis os pharmacothimia. In In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 121-134). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach. *Análise Psicológica*, 1(IV), 17-22.
- Rausch de Traubenberg, N. (1990). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Editora Cultrix (Tradução do original em Francês *La pratique du Rorschach*, 1970).
- Rezende, A. M. (1995). *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. São Paulo: Papyrus.
- Rezende, A. M. (1999). *A questão da verdade na investigação psicanalítica*. São Paulo: Papyrus Editora.

- Romilly, J. (1997). *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70. (Tradução do original em Francês *La tragédie grecque*, 1970).
- Rorschach, H. (1964). *Psicodiagnóstico*. Buenos Aires: Editorial Paidós. (Tradução do original em Alemão *Psychodiagnostik*, 1920).
- Rosenfeld, H. (1960). On drug adiction. *International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 467-476. Retrieved March 5, 2008 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Rothblum, E. D. (1994). I only read about myself on bathroom walls: The need for research on the mental health of lesbians and gay men. *Journal of Counseling and Clinical Psychology*, 62, 213-220.
- Saghir, M. T., & Robins, E. (1973). *Male and female homosexuality. A comprehensive investigation*. Baltimore: Williams & Wilkins.
- Sampson, P., Streissguth, A., Bookstein F., Little R., Clarren S., Dehaene P., Hanson J., Graham, J. (1997). Incidence of fetal alcohol syndrome and prevalence of alcohol-related neurodevelopmental disorder. *Teratology* 56:317-326.
- Santos, C. (2001, Março). *O alcoolismo na mulher*. Comunicação apresentada no Curso de Formação em Alcoologia realizado na Sede do Instituto S. João de Deus, Lisboa.
- Sartre, J. P. (2005). *O ser e o nada*. Petrópolis: Editora Vozes. (Tradução do original em Francês *L' être et le néant*, 1943).
- Schuckit, M. A., & Winokur, G. (1972). A short-term follow-up of women alcoholics. *Journal of Central Nervous System Disease* 33: 672-678.
- Schuckit, M. A. (1973). Alcoholism and sociopathy – diagnostic confusion. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol* 34: 157-164.
- Schuckit, M. A., & Morrissey, E. R. (1976). Alcoholism in women: some clinical and social perspectives with an emphasis on possible subtypes. In M. Greenblat, & M. Schuckit (Eds.), *Alcoholism problems in women and children* (pp. 5-35). New York: Grune & Stratton.

- Schuckit, M. A. (1973). *Abuso de álcool e drogas*. Lisboa: Climepsi Editores.
(Tradução do original em Inglês Drug and alcohol abuse – a clinical guide to diagnosis and treatment, 1995).
- Segal, H. (1970). Notes sur la formation du symbole. *Revue Française de Psychanalyse*, 34, 169-183 (Tradução do original em Inglês, Notes on Symbol-formation, 1957).
- Segal, H. (1991). *Dream, art and phantasy*. London: Routledge.
- Shorter, E. (2001). *Uma história da psiquiatria. Da era do manicómio à idade do Prozac*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em Inglês A history of psychiatry. From the era of the asylum to the age of prozac, 1977).
- Smart, R. G., White, J., & Fallis, A. (1980). *Effects of lowering the legal drinking age upon high school students: A study of the views of vice- principals*. Toronto: Addiction Research Foundation.
- Sournia, J. C. (1986). *Histoire de l'alcoolisme*. Paris: Flammarion.
- Steinglass, P. (1976). Experimenting with family treatment approaches to alcoholism, 1950-1975 a review. *Family Process* 15: 97-124.
- Stevens, M. J., & Pfof, K. S. (2001). Sex-role strain in alcoholic women. *Substance Use & Misuse*, 36(5), 653-662.
- Symington, J., & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores. (Tradução do original em Inglês The clinical thinking of Wilfred Bion, 1997).
- Talpin, J. M. (1989). Une femme boit. *Le Journal des Psychologues*, 63, 32-34.
- Thoreau, H. D. (1999). *Walden ou a vida nos bosques*. Lisboa: Antígona. (Tradução do original em Inglês Walden, 1854).
- Vaillant, G. (1983). *The natural history of alcoholism*. Cambridge: University Press.
- Vernant, J. P., & Naquet, P. V. (1999). *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. (Tradução do original em Francês Mythe et tragédie en Grèce Ancienne, 1981).

- Wilsnack, S. C. (1976). The impact of sex roles and women's alcohol use and abuse. In Greenblatt, M. & Schukit, M. A. (Eds.). *Alcoholism problems in women and children* (pp.37-64). New York: Grune & Stratton, Inc.
- Wilsnack, S. C., & Klassen, A. D., Wright, S. I. (1986). Gender-role orientations and drinking among women in a US national survey. In: Proceedings of the 34th International Congress on Alcoholism and Drug. Consultado em 2 de Fevereiro de 2011 através de <http://tobaccodocuments.org/ti/TIMN0321379-1938.html>.
- Wilsnack, R. W., & Cheloba, R. (1987). Women's roles and problem drinking across the life span, *Soc Probl*, 34, 231-248.
- Wilsnack, S. C., Klassen, A. D., Schur, B. E., & Wilsnack, R. W. (1991). Predicting onset and chronicity of women's problem drinking: a five-year longitudinal analysis, *American Journal of Public Health*, 81, 3, 305-318.
- Winnicott D. W. (1960). The theory of the parent-infant relationship. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 41, 585-595.
- Wursmer, L. (1977/1994). Psychodynamics in compulsive drug use. In In J. D. Levin & R. H. Weiss (Eds.). *The dynamics and treatment of alcoholism* (pp. 176-206). Northvale, N. J.: Jason Aranson.
- Yalom, I. D. (1984). *Psicoterapia existencial*. Barcelona: Editorial Herder.
- Zelen, S. L., Fox, J., Gould, E., & Olson (1966). Sex-contingent differences between male and female alcoholics. *Journal of Clinical Psychology*, 22, 2, 160-165.
- Zimerman, D. E. (2004). *Bion, da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A - Itens da Entrevista Clínica	3
ANEXO B - Guião da Entrevista Clínica	6
ANEXO C - Guião de Análise das Entrevistas: Critérios de Categorização dos dados	12
ANEXO D - Distribuição das participantes pelos grupos	22
ANEXO E - Variáveis do Rorschach: categorias e critérios de categorização	24
ANEXO F - Estatística Descritiva dos Dados Sociodemográficos: Amostra Total	28
ANEXO G- Estatística Comparativa dos Dados Sociodemográficos relativa ao Grupo 1 e Grupo 2	33
ANEXO H – Estatística Descritiva dos Dados Rorschach Relativos ao Grupo 1 e ao Grupo 2	48
ANEXO I – Comparação Prancha a Prancha dos Dados Rorschach Relativos ao Grupo 1 e Grupo 2	52
ANEXO J – Entrevistas Clínicas	123
ANEXO K – Protocolos Rorschach	326

ANEXO A
ITENS DA ENTREVISTA CLÍNICA

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

Local de residência:

2. ANTECEDENTES PESSOAIS

- a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais?
- b) Que recordações significativas tem da sua infância?
- c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?
- d) Como foi o seu percurso escolar?
- e) Como foi o seu percurso profissional?
- f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).
O que é mais significativo nesta relação?
- g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

- h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?
- i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?
- j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?
- k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

- l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?
- m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?
- n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

ANEXO B

GUIÃO DA ENTREVISTA CLÍNICA

GUIÃO DA ENTREVISTA CLÍNICA

1. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome:

1. Idade:

2. Estado civil:

Solteira Casada Separada/Divorciada Viúva

3. Escolaridade:

Número de anos de escolaridade concluídos

4. Profissão:

Qual a profissão exercida antes do internamento e no caso reforma, a
profissão que efectivamente exerceu

5. Local de residência:

Qual o Distrito de residência

2. HISTÓRIA PESSOAL

Pretende-se que cada participante incida sobre a sua vida passada, as memórias e histórias tecidas ao longo do tempo que adquiriram significância sob o desígnio dos afectos. Começamos por abordar a relação com os pais, solicitando que destacassem os factores ou situações mais significativas. Esta lógica foi igualmente seguida nas questões relativas à infância e à adolescência (questões a, b, c).

a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Em relação ao percurso escolar (questão d) interessa-nos perceber qual o nível de escolaridade atingido, e se este correspondeu às expectativas das participantes. Na situação de abandono escolar, interessava-nos identificar os motivos subjacentes).

d) Como foi o seu percurso escolar?

No que diz respeito ao percurso profissional (e), pretende-se que as participantes descrevam a forma como cada uma se integra no trabalho e contribui para a economia doméstica e a satisfação com a vida profissional no presente.

e) Como foi o seu percurso profissional?

Da passagem do item anterior para o item seguinte, pretende-se perceber a forma como é feita a articulação da vida profissional com a vida familiar. O item (f) diz respeito à conjugalidade, procurando clarificar a natureza e a qualidade das relações estabelecidas com o conjugue ou com o companheiro/a; avaliar a situação actual e as experiências conjugais do passado.

Por fim, no item (g), a forma como é vivida a capacidade de dar vida e de cuidar dela, no contexto do espaço gravídico e maternal. De que forma decorreu o processo da gravidez e a relação com os filhos, até à actualidade. Quando não era explicitado pelas participantes.

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Neste ponto pretendemos descrever o percurso das participantes pelas “vielas de Dioniso”. Na primeira questão (h), o ênfase é colocado na faixa etária, em que consideram que começaram a consumir bebidas alcoólicas frequentemente (diariamente ou pelo menos três vezes na semana).

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Na questão seguinte incide-se sobre o período da vida das participantes que consideram que perderam o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas).

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim quem? (Pretende-se esclarecer sobre possíveis influências hereditárias).

Neste ponto pretendemos descrever o percurso das participantes pelas “vielas de Dioniso”. Na primeira questão (h), o ênfase é colocado na faixa etária, em que consideram que começaram a consumir bebidas alcoólicas frequentemente (diariamente ou pelo menos três vezes na semana).

No ponto seguinte pretendemos caracterizar a quantidade de bebidas alcoólicas convertidas em gramas de álcool/dia, no último mês antes do internamento. Para isso, pedimos a cada uma das participantes que descrevesse como era o seu beber ao longo do dia. O período do dia em que começavam a ingerir bebidas alcoólicas, a quantidade e o tipo de bebidas alcoólicas (vinho, cerveja ou bebidas destiladas).

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

No ponto seguinte pretendemos caracterizar a quantidade de bebidas alcoólicas convertidas em gramas de álcool/dia, no último mês antes do internamento. Para isso, pedimos a cada uma das participantes que descrevesse como era o seu beber ao longo do dia. O período do dia em que começavam a ingerir bebidas alcoólicas, a quantidade e o tipo de bebidas alcoólicas (vinho, cerveja ou bebidas destiladas).

Na questão (l) pretendemos aceder à forma como as participantes no nosso estudo descrevem a busca do dionisíaco, expressa na busca incessante dos efeitos propiciados pelas bebidas alcoólicas e os benefícios daí decorrentes. Por fim na questão (m) procuramos aceder às consequências identificadas pelas participantes, no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas, ou pelo contrário, a negação das mesmas.

l) Quais os efeitos que considerava importantes que as bebidas lhe causavam?

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas na sua vida?

ANEXO C

GUIÃO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: CRITÉRIOS DE CATEGORIZAÇÃO DAS
VARIÁVEIS

Quadro C 1 - Grelha de análise das entrevistas: critérios de categorização dos dados

Identificação			
Estado civil	<ol style="list-style-type: none"> 1. Casada/União de facto 2. Solteira 3. Separada 4. Viúva 		
Escolaridade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Analfabeta 2. Até 4 anos de escolaridade 3. Até 6 anos de escolaridade 4. Até 9 anos de escolaridade 5. Até 12 anos de escolaridade 6. Bacharelato 7. Ensino superior 		
Profissão	<p>Grupo 1 – Quadros Superiores da Administração Pública Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa</p> <p>Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas</p> <p>Grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível intermédio</p> <p>Grupo 4 – Pessoal Administrativo e similares</p> <p>Grupo 5 – Pessoal dos serviços e Vendedores</p> <p>Grupo 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas</p> <p>Grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares</p> <p>Grupo 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem</p> <p>Grupo 9 – Trabalhadores não qualificados</p>		
Residência	<table border="0"> <tr> <td style="vertical-align: top;"> <ol style="list-style-type: none"> 1. Distrito de Aveiro 2. Distrito de Beja 3. Distrito de Braga 4. Distrito de Bragança 5. Distrito de Castelo Branco 6. Distrito de Coimbra 7. Distrito de Évora 8. Distrito de Faro 9. Distrito da Guarda 10. Distrito de Leiria 11. Distrito de Lisboa 12. Distrito de Portalegre 13. Distrito do Porto 14. Distrito de Santarém </td> <td style="vertical-align: top;"> <ol style="list-style-type: none"> 15. Distrito de Setúbal 16. Distrito de Viana do Castelo 17. Distrito de Vila Real 18. Distrito de Viseu </td> </tr> </table>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Distrito de Aveiro 2. Distrito de Beja 3. Distrito de Braga 4. Distrito de Bragança 5. Distrito de Castelo Branco 6. Distrito de Coimbra 7. Distrito de Évora 8. Distrito de Faro 9. Distrito da Guarda 10. Distrito de Leiria 11. Distrito de Lisboa 12. Distrito de Portalegre 13. Distrito do Porto 14. Distrito de Santarém 	<ol style="list-style-type: none"> 15. Distrito de Setúbal 16. Distrito de Viana do Castelo 17. Distrito de Vila Real 18. Distrito de Viseu
<ol style="list-style-type: none"> 1. Distrito de Aveiro 2. Distrito de Beja 3. Distrito de Braga 4. Distrito de Bragança 5. Distrito de Castelo Branco 6. Distrito de Coimbra 7. Distrito de Évora 8. Distrito de Faro 9. Distrito da Guarda 10. Distrito de Leiria 11. Distrito de Lisboa 12. Distrito de Portalegre 13. Distrito do Porto 14. Distrito de Santarém 	<ol style="list-style-type: none"> 15. Distrito de Setúbal 16. Distrito de Viana do Castelo 17. Distrito de Vila Real 18. Distrito de Viseu 		

Quadro C 1 (continuação) - Grelha de análise das entrevistas: critérios de categorização dos dados

História Pessoal	
Relação com os pais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Boa 2. Pai alcoólico 3. Pai alcoólico e agressivo para a mãe 4. Pai alcoólico e agressivo para a mãe e filhos 5. Afastamento precoce dos pais 6. Ausência de afecto por parte dos pais 7. Criança muito ansiosa 8. Pais muito exigentes 9. Muito conflituosa 10. Mãe agressiva 11. Mãe alcoólica
Adaptação geral na infância	<ol style="list-style-type: none"> 1. Boa 2. Marcada por dificuldades económicas 3. Marcada pela morte do pai 4. Marcada pela violência doméstica 5. Marcada pelo afastamento dos pais 6. Marcada por doença física 7. Abusada sexualmente pelo pai 8. Divórcio dos pais 9. Segregação pelos pares 10. Rigidez por parte dos pais
Adolescência	<ol style="list-style-type: none"> 1. Boa 2. Marcada pelo divórcio dos pais 3. Dificuldades de relacionamento com os pares 4. Violada por familiar 5. Marcada por morte do pai/mãe 6. Afastamento dos pais 7. Engravidada na adolescência 8. Casamento 9. Morte de irmão 10. Violência doméstica 11. Cuidava dos irmãos 12. Conflitos com os pais 13. Consumo de álcool e drogas
Percurso escolar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Interrompido por dificuldades económicas 2. Cumpre os seus objectivos 3. Interrompe o estudo após gravidez 4. Interrompe os estudos para casar 5. Interrompe para trabalhar

Quadro C 1 (continuação) - Grelha de análise das entrevistas: critérios de categorização dos dados

Percurso profissional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Início da actividade profissional antes dos 10 anos 2. Início da actividade profissional (11-16anos) 3. Início da actividade profissional (16-18 anos) 3. Início da actividade profissional (19-26 anos)
Conjugalidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desinteresse afectivo do marido 2. Dificuldades de relacionamento conjugal 3. Maus tratos físicos e verbais por parte do marido 4. Marido mantinha relações extraconjugais 5. Sentimento de solidão marcado 6. Marcada pelo alcoolismo do marido 7. Boa, sem dificuldades 8. Solteira
Maternidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cuidadora dos filhos desde sempre 2. Sem filhos 3. Retirada do poder paternal devido ao alcoolismo 4. Gravidez não desejada – esforço suplementar
Evolução da ingestão de bebidas alcoólicas	
Idade do primeiro consumo de bebidas alcoólicas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dos 5 aos 12 anos 2. Dos 13 aos 18 anos 3. Dos 19 aos 26 anos 4. Dos 26 aos 35 anos 5. Dos 35 aos 45 anos 6. Dos 45 aos 50 anos
Circunstâncias atribuídas ao alcoolismo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Problemas conjugais 2. Divórcio 3. Maus tratos por parte do marido 4. Solidão 5. Retirada do filho 6. Doença do marido 7. Doença do filho 8. Divórcio dos pais 9. Relações extraconjugais por parte do marido 10. Hábito adquirido em família 11. Despedimento 12. Grupo da adolescência

Quadro C 1 (continuação) - Grelha de análise das entrevistas: critérios de categorização dos dados

<p>Tempo de evolução do consumo excessivo de álcool até ao padrão actual</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. 1 a 5 anos 2. 5 a 10 anos 3. 10 a 15 anos 4. 15 a 20 anos 5. 20 a 25 anos 6. 25 a 30 anos 7. 30 a 40 anos
<p>Quantidade de álcool ingerida/dia em gramas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. 50 a 90 g 2. 90 a 130 3. 130 a 170 g 4. 170 a 210 g 5. 210 a 250 g 6. 250 a 290 g 7. 290 a 330 g 8. 330 a 370 g 9. 370 a 410 g 10. 410 a 450 g 11. 450 a 490 g 12. 490 a 530 g 13. 530 a 570 g 14. 570 a 610 g 15. 610 a 650 g 16. 650 a 690 g 17. 690 a 730 g 18. 730 a 770 g 19. 770 a 810 g 20. 810 a 850 g 21. 850 a 890 g 22. 890 a 930 g 23. 930 a 970 g 24. 970 a 1110 g 25. 1110 a 1150 g 26. 1150 a 1190 g
<p>Efeitos obtidos com o álcool</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sono 2. Euforia 3. Esquecer tudo e “aguentar os problemas” 4. Alívio da tristeza 5. Alívio do esforço da vida doméstica/maternidade
<p>Consequências resultantes do alcoolismo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sentimento de culpa por não ser capaz de cuidar dos filhos 2. Conflitos familiares 3. Saúde física 4. Perda do controle sobre o consumo 5. Retirada do poder paternal 6. Despedimento

Quadro C 2 - Variáveis e categorias dos dados da entrevista para Análise de Correspondências Múltiplas

Bloco da Entrevista: Variáveis	Categorias	Codificação
Estado civil	1 - Casada/União de facto 2 – Solteira 3 – Separada 4 – Viúva	CAS SOL SEP VIU
Escolaridade	1 - Analfabeta 2 - Até 4 anos de escolaridade 3 - Até 6 anos de escolaridade 4 - Até 9 anos de escolaridade 5 - Até 12 anos de escolaridade 6 – Bacharelato 7 - Ensino superior	ESC1 ESC2 ESC3 ESC4 ESC5 ESC6 ESC7
Profissão	Grupo 1 – Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas Grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível intermédio Grupo 4 – Pessoal Administrativo e similares Grupo 5 – Pessoal dos serviços e Vendedores Grupo 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas Grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares Grupo 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem Grupo 9 – Trabalhadores não qualificados	PROF1 PROF2 PROF3 PROF4 PROF5 PROF6 PROF7 PROF8 PROF9

(continua)

Quadro C 2 (continuação) - Variáveis e categorias dos dados da entrevista para análise
Análise de Correspondências Múltiplas

Residência	1. Distrito de Aveiro 2. Distrito de Beja 3. Distrito de Braga 4. Distrito de Bragança 5. Distrito de Castelo Branco 6. Distrito de Coimbra 7. Distrito de Évora 8. Distrito de Faro 9. Distrito da Guarda 10. Distrito de Leiria 11. Distrito de Lisboa 12. Distrito de Portalegre 13. Distrito do Porto 14. Distrito de Santarém 15. Distrito de Setúbal 16. Distrito de Viana do Castelo 17. Distrito de Vila Real 18. Distrito de Viseu	RES1 RES2 RES3 RES4 RES5 RES6 RES7 RES8 RES9 RES10 RES11 RES12 RES13 RES14 RES15 RES16 RES17 RES18
Relação com os pais	1. Boa 2. Pai alcoólico 3. Pai alcoólico e agressivo para a mãe 4. Pai alcoólico e agressivo para a mãe e filhos 5. Afastamento precoce dos pais 6. Ausência de afecto por parte dos pais 7. Criança muito ansiosa 8. Pais muito exigentes 9. Muito conflituosa 10. Mãe agressiva 11. Mãe alcoólica	RP1 RP2 RP3 RP4 RP5 RP6 RP7 RP8 RP9 RP10 RP11
Adaptação geral na infância	1. Boa 2. Marcada por dificuldades económicas 3. Marcada pela morte do pai 4. Marcada pela violência doméstica 5. Marcada pelo afastamento dos pais 6. Marcada por doença física 7. Abusada sexualmente pelo pai	AGI1 AGI2 AGI3 AGI4 AGI5 AGI6 AGI7

(continua)

Quadro C 2 (continuação) - Variáveis e categorias dos dados da entrevista para análise
Análise de Correspondências Múltiplas

	8. Divórcio dos pais 9. Segregação pelos pares 10. Rigidez por parte dos pais	AGI8 AGI9 AGI10
Adolescência	1. Boa 2. Marcada pelo divórcio dos pais 3. Dificuldades de relacionamento com os pares 4. Violada por familiar 5. Marcada por morte do pai/mãe 6. Afastamento dos pais 7. Engravidada na adolescência 8. Casamento 9. Morte de irmão 10. Violência doméstica 11. Cuidava dos irmãos 12. Conflitos com os pais 13. Consumo de álcool e drogas	ADOL1 ADOL2 ADOL3 ADOL4 ADOL5 ADOL6 ADOL7 ADOL8 ADOL9 ADOL10 ADOL11 ADOL12 ADOL13
Percorso escolar	1. Interrompido por dificuldades económicas 2. Cumpre os seus objectivos 3. Interrompe o estudo após gravidez 4. Interrompe os estudos para casar 5. Interrompe para trabalhar	PEC1 PEC2 PEC3 PEC4 PEC5
Percorso profissional	1. Início da actividade profissional antes dos 10 anos 2. Início da actividade profissional (11-16anos) 3. Início da actividade profissional (16-18 anos) 4. Início da actividade profissional (19-26 anos)	PProf1 PProf2 PProf3 PProf4

(continua)

Quadro C 2 (continuação) - Variáveis e categorias dos dados da entrevista para análise
Análise de Correspondências Múltiplas

Conjugalidade	1. Desinteresse afectivo do marido	CONJ1
	2. Dificuldades de relacionamento conjugal	CONJ2
	3. Maus tratos físicos e verbais por parte do marido	CONJ3
	4. Marido mantinha relações extraconjugais	CONJ4
	5. Sentimento de solidão marcado	CONJ5
	6. Marcada pelo alcoolismo do marido	CONJ6
	7. Boa, sem dificuldades	CONJ7
	8. Solteira	CONJ8
Maternidade	1. Cuidadora dos filhos desde sempre	MATE1 MATE2
	2. Sem filhos	
	3. Retirada do poder paternal devido ao alcoolismo	MATE3
	4. Gravidez não desejada – esforço suplementar	MATE4
Idade do primeiro consumo de bebidas alcoólicas	1. Dos 5 aos 12 anos	IPC1
	2. Dos 13 aos 18 anos	IPC2
	3. Dos 19 aos 26 anos	IPC3
	4. Dos 26 aos 35 anos	IPC4
	5. Dos 35 aos 45 anos	IPC5
	6. Dos 45 aos 50 anos	IPC6
Circunstâncias atribuídas ao alcoolismo	1. Problemas conjugais	CIRC1
	2. Divórcio	CIRC2
	3. Maus tratos por parte do marido	CIRC3
	4. Solidão	CIRC4
	5. Retirada do filho	CIRC5
	6. Doença do marido	CIRC6
	7. Doença do filho	CIRC7
	8. Divórcio dos pais	CIRC8
	9. Relações extraconjugais por parte do marido	CIRC9
	10. Hábito adquirido em família	CIRC10
	11. Despedimento	CIRC11
	12. Grupo da adolescência	CIRC12

(continua)

Quadro C 2 (continuação)- Variáveis e categorias dos dados da entrevista para análise
Análise de Correspondências Múltiplas

Tempo de evolução do consumo excessivo de álcool até ao padrão actual	1. 1 a 5 anos 2. 5 a 10 anos 3. 10 a 15 anos 4. 15 a 20 anos 5. 20 a 25 anos 6. 25 a 30 anos 7. 30 a 40 anos	TEP1 TEP2 TEP3 TEP4 TEP5 TEP6 TEP7
Quantidade de álcool ingerida/dia em gramas	1. 50 a 90 g 2. 90 a 130 3. 130 a 170 g 4. 170 a 210 g 5. 210 a 250 g 6. 250 a 290 g 7. 290 a 330 g 8. 330 a 370 g 9. 370 a 410 g 10. 410 a 450 g 11. 450 a 490 g 12. 490 a 530 g 13. 530 a 570 g 14. 570 a 610 g 15. 610 a 650 g 16. 650 a 690 g 17. 690 a 730 g 18. 730 a 770 g 19. 770 a 810 g 20. 810 a 850 g 21. 850 a 890 g 22. 890 a 930 g 23. 930 a 970 g 24. 970 a 1110 g 25. 1110 a 1150 g 26. 1150 a 1190 g	QAI1 QAI2 QAI3 QAI4 QAI5 QAI6 QAI7 QAI8 QAI9 QAI10 QAI11 QAI12 QAI13 QAI14 QAI15 QAI16 QAI 17 QAI18 QAI19 QAI20 QAI21 QAI22 QAI23 QAI24 QAI25 QAI26
Efeitos obtidos com o álcool	1. Sono 2. Euforia 3. Esquecer tudo e “aguentar os problemas” 4. Alívio da tristeza 5. Alívio do esforço da vida doméstica	EO1 EO2 EO3 EO4 EO5
Consequências resultantes do alcoolismo	1. Sentimento de culpa por não ser capaz de cuidar dos filhos 2. Conflitos familiares 3. Saúde física 4. Perda do controle sobre o consumo 5. Retirada do poder paternal 6. Despedimento	CONS1 CONS2 CONS3 CONS4 CONS 5 CONS6

ANEXO D

DISTRIBUIÇÃO DAS PARTICIPANTES PELOS GRUPOS

Quadro D1 - Distribuição das participantes pelos grupos

Participantes	Grupo	Participantes	Grupo	Participantes	Grupo	Participantes	Grupo
Sujeito 1	2	Sujeito 26	1	Sujeito 51	2	Sujeito 76	1
Sujeito 2	1	Sujeito 27	2	Sujeito 52	1	Sujeito 77	1
Sujeito 3	1	Sujeito 28	2	Sujeito 53	2	Sujeito 78	1
Sujeito 4	1	Sujeito 29	1	Sujeito 54	1	Sujeito 79	1
Sujeito 5	1	Sujeito 30	2	Sujeito 55	1	Sujeito 80	2
Sujeito 6	2	Sujeito 31	1	Sujeito 56	1	Sujeito 81	2
Sujeito 7	1	Sujeito 32	1	Sujeito 57	2	Sujeito 82	1
Sujeito 8	2	Sujeito 33	1	Sujeito 58	1	Sujeito 83	2
Sujeito 9	2	Sujeito 34	2	Sujeito 59	1	Sujeito 84	2
Sujeito 10	1	Sujeito 35	1	Sujeito 60	1	Sujeito 85	2
Sujeito 11	2	Sujeito 36	2	Sujeito 61	2	Sujeito 86	2
Sujeito 12	1	Sujeito 37	2	Sujeito 62	2	Sujeito 87	1
Sujeito 13	2	Sujeito 38	2	Sujeito 63	2	Sujeito 88	1
Sujeito 14	1	Sujeito 39	1	Sujeito 64	1	Sujeito 89	2
Sujeito 15	2	Sujeito 40	1	Sujeito 65	2	Sujeito 90	1
Sujeito 16	1	Sujeito 41	1	Sujeito 66	1	Sujeito 91	1
Sujeito 17	1	Sujeito 42	1	Sujeito 67	2	Sujeito 92	1
Sujeito 18	1	Sujeito 43	1	Sujeito 68	1	Sujeito 93	2
Sujeito 19	2	Sujeito 44	1	Sujeito 69	1	Sujeito 94	1
Sujeito 20	1	Sujeito 45	1	Sujeito 70	1	Sujeito 95	2
Sujeito 21	1	Sujeito 46	2	Sujeito 71	1	Sujeito 96	1
Sujeito 22	2	Sujeito 47	1	Sujeito 72	1	Sujeito 97	2
Sujeito 23	1	Sujeito 48	1	Sujeito 73	2	Sujeito 98	2
Sujeito 24	2	Sujeito 49	1	Sujeito 74	1	Sujeito 99	1
Sujeito 25	2	Sujeito 50	1	Sujeito 75	1	Sujeito 100	2

ANEXO E

VARIÁVEIS RORSCHACH: CATEGORIAS E CRITÉRIOS DE CATEGORIZAÇÃO

Quadro E1 - Variáveis do Rorschach: Categorias e Critérios de Categorização

Variáveis e Categorias	Valores-Critério	Designação e Sentido Interpretativo das Variáveis
R Número de respostas dadas no Rorschach - Produtividade	1 - < 20 2 - 20-30 3 - > 30	Produtividade reduzida Produtividade média Produtividade elevada
G Percentagem de respostas globais- Apreensão global dos estímulos	1 - < 20% 2 - 20%-23% 3 - > 30%	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
D Percentagem de respostas de detalhe comum - Apreensão de detalhes dos estímulos	1 - < 60% 2 - 60%-68% 3 - > 80%	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
Dd Percentagem de respostas de pequenos detalhes - Apreensão pessoal dos estímulos e atenção nos detalhes	1 - < 6% 2 - 6%-10% 3 - > 10%	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
Dbl Percentagem de respostas de interpretação de um detalhe branco - Diferenciação figura -fundo	1 - < 3% 2 - 3% 3 - > 3%	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
F Percentagem de respostas formais - Recurso ao intelectual	1 - < 50 2 - 50-70 3 - > 70	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
F+ Percentagem de respostas formais de boa qualidade - Adaptação do pensamento à realidade	1 - < 80 2 - 80-85 3 - > 85	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada

(continua)

Quadro E 1 (continuação) - Variáveis do Rorschach: Categorias e Critérios de categorização

Variáveis e Categorias	Valores-Critério	Designação e Sentido Interpretativo das Variáveis
H% Percentagem de respostas de conteúdo humano – Apetência para contacto humano	1 – < 12 2- 12-18 3- > 18	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
A% Percentagem de respostas de conteúdo animal – Pensamento socializado	1 – < 35 2 – 35-50 3 - > 50	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
IA%= Hd+Anat+Sg+Sex Percentagem de respostas de conteúdos parciais do corpo humano, conteúdo anatómico, referência a conteúdo sangue e conteúdos sexuais – Angústia de destruição corporal	< 12 12 >12	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
TRI Comparação entre o número de K e a soma ponderada das respostas C – Atitude da personalidade face à realidade interna e externa	0 K : Σ C X K < y Σ C X K > 0 Σ C X K > Y Σ C X K = Σ C 0 K : 0 C 1 K : 0.5 ou Σ C	Extratensivo Puro (EP) Extratensivo Misto (EM) Intratensivo Puro (IP) Intratensivo Misto (IM) Tipo Ambiguo (TA) Tipo Coartado puro (TCP) Tipo Coartativo (TC)
RC% Percentagem das respostas dadas nos três últimos cartões com o número total de respostas (R) – Reacção à cor, mobilização dos afectos	1 – < 30 2 – 30-40 3 - > 40	Percentagem reduzida Percentagem média Percentagem elevada
Ban Número de respostas de conteúdo banal – Pensamento convencional	1 – < 5 2 – 5-7 3 - > 7	Número reduzido Número médio Número elevado

Quadro E 2 - Categorias e Códigos do Rorschach para Análise de Correspondências Múltiplas

Variáveis e Categorias	Valores-Critério	Códigos	Variáveis e Categorias	Valores-Critério	Códigos
R	< 20 20-30 > 30	R.r R.m R.el	RC%	< 30 30-40 > 40	RCr RCm RCel
G	< 20% 20%-23% > 30%	G.r G.m G.el	Ban	< 5 5-7 > 7	Ban.r Ban.m Ban.el
D	< 60% 60%-68% > 80	D.r D.m D.el			
Dd	< 6% 6%-10% > 10%	Dd.r Dd.m Dd.el			
Dbl	< 3% 3% > 3%	Dbl.r Dbl.m Dbl.el			
F	< 50% 50-70% > 70%	F.r F.m F.el			
F+	< 80% 80-85% > 85%	F+.r F+.m F+.el			
H	< 12 12-18 > 18	H.r H.m H.el			
A	< 35 35-50 > 50	A.r A.m A.el			
IA:Hd+Anat+Sg	< 12 12 > 12	IAr Iam IAel			
TRI	0 K : ΣC X K < y ΣC X K > 0 ΣC X K > Y ΣC X K = ΣC 0 K : 0 C 1 K : 0.5 ou ΣC	TRIEP TRIEM TRIIP TRIM TRITA TRITCP TRITC			

ANEXO F

ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Quadro F 1 – Estatística Descritiva dos Dados Sociodemográficos: Amostra Total

VARIÁVEIS	MÉDIA	DP	MIN	MAX	FREQ
IDADE	43.84	9.63	21	69	100

VARIÁVEIS	FREQ	VARIÁVEIS	FREQ	VARIÁVEIS	FREQ
ESTADO CIVIL		PROFISSÃO		ESCOLARIDADE	
Casada/união facto	47	Grupo 1	3	analfabeta	2
separada/divorciada	28	Grupo 2	20	até 4 anos	27
solteira	17	Grupo 3	4	até 6 anos	10
viúva	8	Grupo 4	9	até 9 anos	16
		Grupo 5	14	até 12 anos	20
		Grupo 6	1	bacharelato	5
		Grupo 7	1	ensino superior	20
		Grupo 8	2		
		Grupo 9	46		
total	100	total	100	total	100
RESIDÊNCIA		PERCURSO ESCOLAR		PERCURSO PROFISSIONAL	
Beja	1	Interrompido	41	Início antes dos 10 anos	8
Castelo Branco	2	P/ dificuldades económicas		Início 11-16 anos	24
Coimbra	2	Cumpre os	32	Início 16-18 anos	29
Évora	2	objectivos		Início 19-26 anos	39
Faro	2	Interrompe	5		
Leiria	2	após gravidez			
Lisboa	73	Interrompe	4		
Portalegre	1	para casar			
Porto	1	Interrompe	18		
Santarém	8	para trabalhar			
Setúbal	5				
Viseu	1				
total	100	total	100	total	100

Quadro F 1 (Continuação) – Estatística Descritiva dos Dados Sociodemográficos: Amostra Total

VARIÁVEIS	FREQ
RELAÇÃO COM OS PAIS	
boa	45
pai alcoólico	25
pai alcoólico e agressivo face à mãe	3
pai alcoólico e agressivo face à mãe e os filhos	2
afastamento precoce dos pais	9
muito conflituosa	3
mãe agressiva	11
mãe alcoólica	2
total	100
INFÂNCIA	
boa	37
marcada por dificuldades económicas	10
marcada pela morte do pai	3
marcada pela violência doméstica	29
marcada pelo afastamento dos pais	11
marcada por doença física	1
abusada sexualmente pelo pai	1
divórcio dos pais	3
segregação pelos pares	1
rigidez por parte dos pais	4
total	100
ADOLESCÊNCIA	
boa	
marcada pelo divórcio dos pais	18
dificuldades de relacionamento com os pares	4
violada por familiar	3
marcada por morte do pai/mãe	2
afastamento dos pais	5
engravidada na adolescência	7
casamento	11
morte de irmão	17
violência doméstica	4
cuidar dos irmãos	1
conflitos com os pais	10
consumo de álcool e drogas	18
total	100

(continua)

Quadro F 1 (Continuação) – Estatística Descritiva dos Dados Sociodemográficos: Amostra Total

VARIÁVEIS	FREQ
CONJUGALIDADE	
boa	5
desinteresse afectivo do marido	9
dificuldades de relacionamento conjugal	15
maus tratos físicos e verbais por parte do marido	33
marido mantinha relações extraconjugais	11
sentimento de solidão marcado	4
marcada pelo alcoolismo do marido	8
solteira	15
total	100
MATERNIDADE	
cuidadora dos filhos desde sempre	56
sem filhos	26
retirada do poder paternal devido ao alcoolismo	9
gravidez não desejada – esforço suplementar	9
total	100
IDADE DO PRIMEIRO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	
5 aos 12	14
13 aos 18	50
19 aos 26	20
27 aos 35	10
36 aos 45	4
46 aos 50	2
total	100
TEMPO DE EVOLUÇÃO DO CONSUMO EXCESSIVO DE ÁLCOOL ATÉ AO PADRÃO ACTUAL	
1 a 5 anos	38
5 a 10 anos	12
10 a 15 anos	13
15 a 20 anos	10
20 a 25 anos	8
25 a 30 anos	10
30 a 40 anos	9
total	100

(continua)

Quadro F 1 (Continuação) – Estatística Descritiva dos Dados Sociodemográficos: Amostra Total

VARIÁVEIS	FREQ
QUANTIDADE INGERIDA GRAMAS DE ÁLCOOL /DIA	
50g – 90 g	20
91g – 130 g	17
131g – 170g	27
171g – 210 g	13
211g – 250g	14
251g – 290g	4
291g – 330 g	1
331g – 370 g	1
371g – 410g	1
691g – 730g	1
1151g – 1190g	1
total	100
EFEITOS OBTIDOS COM O ÁLCOOL	
sono	8
euforia	29
esquecer tudo e “aguentar os problemas”	22
alívio da tristeza	24
alívio do esforço da vida doméstica/maternidade	17
total	100
CIRCUNSTÂNCIAS ATRIBUÍDAS AO ALCOOLISMO	
problemas conjugais	8
divórcio	6
maus tratos por parte do marido	21
solidão	5
retirada do filho	1
doença do marido	2
doença do filho	1
divórcio dos pais	1
relações extraconjugais por parte do marido	9
hábito adquirido em família	3
despedimento	5
grupo da adolescência	38
total	100
CONSEQUÊNCIAS RESULTANTES DO ALCOOLISMO	
sentimento de culpa por não ser capaz de cuidar dos filhos	13
conflitos familiares	47
saúde física	14
perda do controle sobre o consumo	10
retirada do poder paternal	2
despedimento	14
total	100

ANEXO G

ESTATÍSTICA COMPARATIVA DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS RELATIVA
AO GRUPO 1 E AO GRUPO 2

Estatística Comparativa dos Dados Sociodemográficos relativa ao Grupo 1 e ao Grupo 2

Quadro G1 – Comparação da média de idades T-Test

Variável	Grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Idade	1	60	45.40	9.631	1.243
	2	40	41.50	9.257	1.464

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
Idade	Equal variances assumed	,023	,879	2,015	98	,047	3,900	1,936	,058	7,742
	Equal variances not assumed			2,031	85,993	,045	3,900	1,920	,082	7,718

Quadro G 2 – Comparação dos estados civis

Estado civil		Grupo 1	Grupo 2	Total
Casada	Frequência	28	19	47
	% estado civil	59.6%	40.4%	100.0%
	% no grupo	46.7%	47.5%	47.0%
	% total	28.0%	19.0%	47%
	Valor residual	-.1	.1	
Solteira	Frequência	6	11	17
	% estado civil	35.3%	64.7%	100.0%
	% no grupo	10.0%	27.5%	17.0%
	% total	6.0%	11.0%	17.0%
	Valor residual	-2.3	2.3	
Divorciadas/ Separadas	Frequência	18	10	28
	% estado civil	64.3%	35.7%	100.0%
	% no grupo	30.0%	25.0%	28.0%
	% total	18.0%	10.0%	28.0%
	Valor residual	.5	-.5	
Viúvas	Frequência	8	0	8
	% estado civil	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	13.3%	0%	8.0%
	% total	8.0%	0%	8.0%
	Valor residual	2.4	-2.4	
Total	Frequência	60	40	100
	% estado civil	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests ESTADO CIVIL

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,875 ^a	3	,020
Likelihood Ratio	12,608	3	,006
Linear-by-Linear Association	2,347	1	,125
N of Valid Cases	100		

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,20.

Quadro G3 – Comparação dos níveis de escolaridade

Escolaridade		Grupo 1	Grupo 2	Total
Analfabetas	Frequência	2	0	2
	% escolaridade	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	0%	2.0%
	% total	2.0%	0%	2.0%
	Valor residual	1.2	- 1.2	
Até 4 anos de escolaridade	Frequência	12	15	27
	% escolaridade	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	20.0%	37.5%	27.0%
	% total	12.0%	15.0%	27.0%
	Valor residual	- 1.9	1.9	
Até 6 anos de escolaridade	Frequência	4	6	10
	% escolaridade	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	6.7%	15.0%	10.0%
	% total	4.0%	6.0%	10.0%
	Valor residual	- 1.4	1.4	
Até 9 anos de escolaridade	Frequência	9	7	16
	% escolaridade	56.3%	43.8%	100.0%
	% no grupo	15.0%	17.5%	16.0%
	% total	9.0%	7.0%	16.0%
	Valor residual	- 1.3	1.3	
Até 12 anos de escolaridade	Frequência	13	7	20
	% escolaridade	65.0%	35.0%	100.0%
	% no grupo	21.7%	17.5%	20.0%
	% total	13.0%	7.0%	20.0%
	Valor residual	,5	- ,5	
Bacharelato	Frequência	3	2	5
	% casadas	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	5.0%	5.0%	5.0%
	% total	3.0%	2.0%	5.0%
	Valor residual	0	0	

(continua)

Quadro G3 (continuação) – Escolaridade

Escolaridade		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ens. Superior	Frequência	17	3	20
	% escolaridade	85.0%	15.0%	100.0%
	% no grupo	28.3%	7.5%	20.0%
	% total	17.0%	3.0%	20.0%
	Valor residual	2.6	- 2.6	
Total	Frequência	60	40	100
	% escolaridade	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests ESCOLARIDADE

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	11,233 ^a	6	,081	,071 ^b	,064	,078			
Likelihood Ratio	12,580	6	,050	,069 ^b	,063	,076			
Fisher's Exact Test	11,131			,064 ^b	,057	,070			
Linear-by-Linear Association	6,750 ^c	1	,009	,010 ^b	,008	,013	,005 ^b	,003	,007
N of Valid Cases	100								

a. 5 cells (35,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,80.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 257291219.

c. The standardized statistic is -2,598.

Quadro G4 – Comparação do percurso escolar

Percurso escolar		Grupo 1	Grupo 2	Total
Interrompido por dificuldades económicas	Frequência	22	19	41
	% pescolar	53.7%	46.3%	100.0%
	% no grupo	36.7%	47.5%	41.0%
	% total	22.0%	19.0%	41.0%
	Valor residual	- 1.1	1.1%	
Cumpre os seus objetivos	Frequência	22	10	32
	% pescolar	68.8%	31.3%	100.0%
	% no grupo	36.7%	25.0%	32.0%
	% total	22.0%	10.0%	32.0%
	Valor residual	1.2	- 1.2	
Interrompe após gravidez	Frequência	4	1	5
	% pescolar	80.0%	20.0%	100.0%
	% no grupo	6.7%	2.5%	5.0%
	% total	4.0%	1.0%	5.0%
	Valor residual	, 9	- , 9	
Interrompe para casar	Frequência	2	2	4
	% pescolar	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	5.0%	4.0%
	% total	2.0%	2.0%	4.0%
	Valor residual	- , 4	, 4	

(continua)

Quadro G4 (continuação) – Percurso escolar

Interrompe para trabalhar	Frequência	10	8	18
	% pescolar	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	16.7%	20.0%	18.0%
	% total	10.0%	8.0%	18.0%
	Valor residual	- ,4	,4	
Total	Frequência	60	40	100
	% pescolar	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%
	Valor residual			

Chi-Square Tests PERCURSO ESCOLAR

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	2,856 ^a	4	,582	,612 ^b	,599	,624
Likelihood Ratio	2,955	4	,565	,604 ^b	,591	,616
Fisher's Exact Test	2,892			,600 ^b	,587	,613
N of Valid Cases	100					

a. 4 cells (40,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed

Quadro G5 – Comparação do percurso profissional

Percurso profissional		Grupo 1	Grupo 2	Total
Início antes Dos 10 anos	Frequência	7	1	8
	% pprofissional	87.5%	12.5%	100.0%
	% no grupo	11.7%	2.5%	8.0.0%
	% total	7.0%	1.0%	8.0.0%
	Valor residual	1.7	- 1.7	
Início dos 11-16 anos	Frequência	12	12	24
	% pprofissional	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	20.0%	30.0%	24.0%
	% total	12.0%	12.0%	24.0%
	Valor residual	- 1.1	1.1	
Início dos 16-18 anos	Frequência	13	16	29
	% pprofissional	44.8%	55.2%	100.0%
	% no grupo	21.7%	40.0%	29.0%
	% total	13.0%	16.0%	29.0%
	Valor residual	- 2.0	2.0	

(continua)

Quadro G5 (continuação) – Percurso profissional

Início dos 19-26 anos	Frequência	28	11	39
	% pprofissional	71.8%	28.2%	100.0%
	% no grupo	46.7%	27.5%	39.0%
	% total	28.0%	11.0%	39.0%
	Valor residual	1.9	- 1.9	
Total	Frequência	60	40	100
	% pprofissional	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests PERCURSO PROFISSIONAL

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	8,563 ^a	3	,036	,035 ^b	,031	,040
Likelihood Ratio	9,011	3	,029	,040 ^b	,035	,045
Fisher's Exact Test	8,341			,037 ^b	,032	,042
N of Valid Cases	100					

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,20.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 92208573.

Quadro G6 – Comparação da relação com os pais

Relação com os pais		Grupo 1	Grupo 2	Total
Boa	Frequência	29	16	45
	% relpais	64.4%	35.6%	100.0%
	% no grupo	48.3%	40.0%	45.0%
	% total	29.0%	16.0%	45.0%
Pai alcoólico	Frequência	18	7	25
	% relpais	72.0%	28.0%	100.0%
	% no grupo	30.0%	17.5%	25.0%
	% total	18.0%	7.0%	25.0%
Pai alcoólico e agressivo para a mãe	Frequência	1	2	3
	% relpais	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.7%	5.0%	3.0.0%
	% total	1.0%	2.0%	3.0%
Pai alcoólico e agressivo para a mãe e filhos	Frequência	2	0	2
	% relpais	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	0%	2.0%
	% total	2.0%	0%	2.0%
Afastamento precoce dos pais	Frequência	3	6	9
	% relpais	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	5.0%	15.0%	9.0%
	% total	3.0%	6.0%	9.0%

(continua)

Quadro G6 (continuação) – Relação com os pais

Muito conflituosa	Frequência	2	1	3
	% relpais	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	3.3%	2.5%	3.0%
	% total	2.0%	1.0%	3.0%
Mãe agressiva	Frequência	5	6	11
	% relpais	45.5%	54.5%	100.0%
	% no grupo	8.3%	15.0%	11.0%
	% total	5.0%	6.0%	11.0%
Mãe alcoólica	Frequência	0	2	2
	% relpais	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	5.0%	2.0%
	% total	0%	2.0%	2.0%
Total	Frequência	60	40	100
	% relpais	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests RELAÇÃO COM OS PAIS

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	10,785	7	,148	,131 ^b	,122	,140			
Likelihood Ratio	12,127	7	,096	,166 ^b	,156	,175			
Fisher's Exact Test	10,024			,131 ^b	,122	,139			
Linear-by-Linear Association	4,414 ^c	1	,036	,037 ^b	,032	,042	,021 ^b	,018	,025
N of Valid Cases	100								

a. 10 cells (62,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,80.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is 2,101.

Quadro G7 – Comparação das vivências associadas à infância

Infância		Grupo 1	Grupo 2	Total
Boa	Frequência	24	13	37
	% Infância	64.9%	35.1%	100.0%
	% no grupo	40.0%	32.5%	37.0%
	% total	24.0%	13.0%	37.0%
Dificuldades económicas	Frequência	6	4	10
	% Infância	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	10.0%	10.0%	10.0%
	% total	6.0%	4.0%	10.0%
Morte do pai	Frequência	2	1	3
	% Infância	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	3.3%	2.5%	3.0%
	% total	2.0%	1.0%	3.0%
Violência doméstica	Frequência	18	11	29
	% Infância	62.1%	37.9%	100.0%
	% no grupo	30.0%	27.5%	29.0%
	% total	18.0%	11.0%	29.0%
Afastamento dos pais	Frequência	4	7	11
	% Infância	36.4%	63.6%	100.0%
	% no grupo	6.7%	17.5%	11.0%
	% total	4.0%	7.0%	11.0%
Doença física	Frequência	1	0	1
	% Infância	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.7%	0%	1.0%
	% total	1.0%	0%	1.0%
Abusada sexualmente pelo pai	Frequência	1	0	1
	% Infância	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.7%	0%	1.0%
	% total	1.0%	0%	1.0%
Divórcio dos pais	Frequência	0	3	3
	% Infância	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	7.5%	3.0%
	% total	0%	3.0%	3.0%
Segregação pelos pares	Frequência	0	1	1
	% Infância	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	2.5%	1.0%
	% total	0%	1.0%	1.0%
Rigidez dos pais	Frequência	4	0	4
	% Infância	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	6.7%	0%	4.0%
	% total	4.0%	0%	4.0%
Total	Frequência	60	40	100
	% Infância	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests INFANCIA

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	13,033 ^a	9	,161	,115 ^b	,107	,123			
Likelihood Ratio	16,434	9	,058	,089 ^b	,081	,096			
Fisher's Exact Test	12,032			,133 ^b	,124	,141			
Linear-by-Linear Association	,342 ^c	1	,559	,576 ^b	,563	,589	,289 ^b	,277	,300
N of Valid Cases	100								

a. 14 cells (70,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,40.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 2000000.

c. The standardized statistic is ,585.

Quadro G8 – Comparação das vivências associadas à conjugalidade

Conjugalidade		Grupo 1	Grupo 2	Total
Desinteresse afectivo do marido	Frequência	4	5	9
	% conjugalidade	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	6.7%	12.5%	9.0%
	% total	4.0%	5.0%	9.0%
	Valor residual	- 1.0	1.0	
Dificuldades relacionamento	Frequência	12	3	15
	% conjugalidade	80.0%	20.0%	100.0%
	% no grupo	20.0%	7.5%	15.0%
	% total	12.0%	3.0%	15.0%
	Valor residual	1.7	- 1.7	
Maus tratos	Frequência	18	15	33
	% conjugalidade	54.5%	45.5%	100.0%
	% no grupo	30.0%	37.5%	33.0%
	% total	18.0%	15.0%	33.0%
	Valor residual	- 1.8	- 1.8	
Marido extraconjugais	Frequência	9	2	11
	% conjugalidade	81.8%	18.2%	100.0%
	% no grupo	15.0%	5.0%	11.0%
	% total	9.0%	2.0%	11.0%
	Valor residual	1.6	- 1.6	

(continua)

Quadro G8 (continuação) – Comparação das vivências associadas à conjugalidade

Conjugalidade		Grupo 1	Grupo 2	Total
Solidão	Frequência	3	1	4
	% conjugalidade	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	5.0%	2.5%	4.0%
	% total	3.0%	2.5%	4.0%
	Valor residual	,6	-,6	
Alcoolismo do marido	Frequência	6	2	8
	% conjugalidade	75.0%	25%	100.0%
	% no grupo	10.0%	5%	8.0%
	% total	6.0%	2%	8.0%
	Valor residual	,9	-,9	
Boa	Frequência	3	2	5
	% conjugalidade	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	5.0%	5.0%	5.0%
	% total	3.0%	2.0%	5.0%
	Valor residual	0	0	
Solteira	Frequência	5	10	15
	% conjugalidade	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	8.3%	25.0%	15.0%
	% total	5.0%	10.0%	15.0%
	Valor residual	- 2.3	2.3	
Total	Frequência	60	40	100
	% conjugalidade	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests CONJUGALIDADE

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	11,568	7	,116	,116 ^a	,107	,124			
Likelihood Ratio	11,998	7	,101	,147 ^a	,138	,156			
Fisher's Exact Test	11,224			,116 ^a	,110	,127			
Linear-by-Linear Association	1,409 ^c	1	,235	,252 ^b	,241	,263	,128 ^b	,119	,136
N of Valid Cases	100								

a. 8 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,60.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 1535910591.

c. The standardized statistic is 1,187.

Quadro G9 – Comparação das vivências associadas à conjugalidade

Maternidade		Grupo 1	Grupo 2	Total
Cuidadora dos filhos desde sempre	Frequência	41	15	56
	% maternidade	73.2%	26.8%	100.0%
	% no grupo	68.3%	37.5%	56.0%
	% total	41.0%	15.0%	56.0%
	Valor residual	3	- 3	
Sem filhos	Frequência	9	17	26
	% maternidade	34.6%	65.4%	100.0%
	% no grupo	15.0%	42.5%	26.0%
	% total	9.0%	17.0%	26.0%
	Valor residual	- 3.1	3.1	
Retirada do poder paternal	Frequência	5	4	9
	% maternidade	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	8.3%	10.0%	9.0%
	% total	5.0%	4.0%	9.0%
	Valor residual	- ,3	,3	
Gravidez não desejada	Frequência	5	4	9
	% maternidade	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	8.3%	10.0%	9.0%
	% total	5.0%	4.0%	9.0%
	Valor residual	- ,3	,3	
Total	Frequência	60	40	100
	% maternidade	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests MATERNIDADE

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	11,203	3	,011	,008 ^a	,006	,011			
Likelihood Ratio	11,245	3	,010	,017 ^a	,013	,020			
Fisher's Exact Test	11,183			,008 ^b	,006	,011			
Linear-by-Linear Association	3,295 ^c	1	,069	,074 ^b	,068	,081	,046 ^b	,041	,052
N of Valid Cases	100								

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,60.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 1556559737.

c. The standardized statistic is 1,815.

Quadro G10 – Comparação da idade do dade do 1º consumo

Idadecons		Grupo 1	Grupo 2	Total
5-12 anos	Frequência	6	8	14
	% idadecons	42.9%	57.1%	100.0%
	% no grupo	10.0%	20.0%	14.0%
	% total	6.0%	8.0%	14.0%
	Valor residual	- 1.4	1.4	
13-18 anos	Frequência	24	26	50
	% idadecons	48.0%	52.0%	100.0%
	% no grupo	40.0%	65.0%	50.0%
	% total	24.0%	26.0%	50.0%
	Valor residual	- 2.4	2.4	
19-26 anos	Frequência	15	5	20
	% idadecons	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	25.0%	12.5%	20.0%
	% total	15.0%	5.0%	20.0%
	Valor residual	1.5	- 1.5	
27-35 anos	Frequência	10	0	10
	% idadecons	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	16.7%	0%	10.0%
	% total	10.0%	0%	10.0%
	Valor residual	2.7	- 2.7	
36-45 anos	Frequência	3	1	4
	% idadecons	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	5.0%	2.5%	4.0%
	% total	3.0%	1.0%	4.0%
	Valor residual	,6	-,6	
46-50 anos	Frequência	2	0	2
	% idadecons	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	0%	2.0%
	% total	2.0%	0%	2.0%
	Valor residual	1.2	- 1.2	
Total	Frequência	60	40	100
	% idadecons	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests IDADE DO PRIMEIRO CONSUMO

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Monte Carlo Sig. (2-sided)			Monte Carlo Sig. (1-sided)		
				Sig.	99% Confidence Interval		Sig.	99% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound		Lower Bound	Upper Bound
Pearson Chi-Square	14,964	5	,011	,007 ^a	,004	,009			
Likelihood Ratio	19,254	5	,002	,003 ^a	,001	,004			
Fisher's Exact Test	15,256			,003 ^a	,003	,007			
Linear-by-Linear Association	11,557 ^c	1	,001	,001 ^b	,000	,001	,000 ^b	,000	,001
N of Valid Cases	100								

a. 5 cells (41,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,80.

b. Based on 10000 sampled tables with starting seed 1556559737.

c. The standardized statistic is -3,400.

Quadro G11 – Comparação dos efeitos pretendidos com o consumo de álcool

Efeitos		Grupo 1	Grupo 2	Total
Sono	Frequência	5	3	8
	%efeitos	62.5%	37.5%	100.0%
	% no grupo	8.3%	7.5%	8.0%
	% total	5.0%	3.0%	8.0%
	Valor residual	,2	,-2	
Euforia	Frequência	0	29	29
	%efeitos	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	72.5%	29.0%
	% total	0%	29.0%	29.0%
	Valor residual	- 7.8	7.8	
Esquecer	Frequência	20	2	22
	%efeitos	90.9%	9.1	100.0%
	% no grupo	33.3%	5.0	22.0%
	% total	20.0%	2.0	22.0%
	Valor residual	3.4	- 3.4	
Alívio da tristeza	Frequência	20	4	24
	%efeitos	83.3%	16.7%	100.0%
	% no grupo	33.3%	10.0%	24.0%
	% total	20.0%	4.0%	24.0%
	Valor residual	2.7	- 2.7	
Alívio do esforço	Frequência	15	2	17
	%efeitos	88.2%	11.8%	100.0%
	% no grupo	25.0%	5.0%	17.0%
	% total	15.0%	2.0%	17.0%
	Valor residual	2.6	- 2.6	
Total	Frequência	60	40	100
	%efeitos	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests EFEITOS

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	63,370 ^a	4	,000
Likelihood Ratio	76,671	4	,000
Linear-by-Linear Association	28,266	1	,000
N of Valid Cases	100		

a. 2 cells (20,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,20.

Quadro G 11 – Comparação das consequências resultantes do consumo de álcool

Consequências		Grupo 1	Grupo 2	Total
Sentimentos de culpa	Frequência	11	2	13
	%conseq	84.6%	15.4%	100.0%
	% no grupo	18.3%	5.0%	13.0%
	% total	11.0%	2.0%	13.0%
	Valor residual	1.9	- 1.9	
Conflitos familiares	Frequência	27	20	47
	%conseq	57.4%	42.6%	100.0%
	% no grupo	45.0%	50.0%	47.0%
	% total	27.0%	20.0%	47.0%
	Valor residual	- 1.5	1.5	
Saúde física	Frequência	11	3	14
	%conseq	76.6%	21.4%	100.0%
	% no grupo	18.3%	7.5%	14.0%
	% total	11.0%	3.0%	14.0%
	Valor residual	1.5	- 1.5	
Perda do controle	Frequência	3	7	10
	%conseq	30.0%	70.0%	100.0%
	% no grupo	5.0%	17.5%	10.0%
	% total	3.0%	7.0%	10.0%
	Valor residual	- 2.0	2.0	
Retirada do poder paternal	Frequência	1	1	2
	%conseq	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.7%	2.5%	2.0%
	% total	1.0%	1.0%	2.0%
	Valor residual	-,3	,3	
Despedimento	Frequência	7	7	14
	%conseq	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	11.7%	17.5%	14.0%
	% total	7.0%	7.0%	14.0%
	Valor residual	,,8	,8	
Total	Frequência	60	40	100
	%conseq	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests CONSEQUENCIAS

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,838 ^a	5	,080
Likelihood Ratio	10,384	5	,065
Linear-by-Linear Association	2,815	1	,093
N of Valid Cases	100		

a. 3 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,80.

Quadro G13 – Comparação da quantidade de álcool ingerida**Mann-Whitney Test****Ranks**

grupo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
quantidade 1	60	44,83	2690,00
2	40	59,00	2360,00
Total	100		

Test Statistics^a

	quantidade
Mann-Whitney U	860,000
Wilcoxon W	2690,000
Z	-2,438
Asymp. Sig. (2-tailed)	,015

a. Grouping Variable: grupo

T-Test**Group Statistics**

grupo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
quantidade 1	60	3,1667	3,37572	,43580
2	40	3,9500	2,74516	,43405

ANEXO H

ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS DADOS RORSCHACH RELATIVOS AO GRUPO 1 E
AO GRUPO 2

Quadro H1 – Testes de normalidade

	Grupo	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
G%	Grupo 1	,050	60	,200	,985	60	,647
	Grupo 2	,103	40	,200	,976	40	,553
D%	Grupo 1	,052	60	,200	,988	60	,804
	Grupo 2	,112	40	,200	,970	40	,347
Dd%	Grupo 1	,507	60	,000	,414	60	,000
	Grupo 2	,538	40	,000	,147	40	,000
DBL%	Grupo 1	,488	60	,000	,464	60	,000
	Grupo 2	,506	40	,000	,305	40	,000
F%	Grupo 1	,082	60	,200	,961	60	,054
	Grupo 2	,113	40	,200	,963	40	,211
FMAIS%	Grupo 1	,069	60	,200	,994	60	,992
	Grupo 2	,135	40	,064	,956	40	,123
RC%	Grupo 1	,086	60	,200	,984	60	,595
	Grupo 2	,056	40	,200	,992	40	,992
H%	Grupo 1	,129	60	,015	,839	60	,000
	Grupo 2	,231	40	,000	,625	40	,000
A%	Grupo 1	,118	60	,036	,966	60	,090
	Grupo 2	,106	40	,200	,966	40	,267
BAN	Grupo 1	,142	60	,004	,953	60	,052
	Grupo 2	,159	40	,012	,953	40	,094
IA%	Grupo 1	,197	60	,000	,801	60	,000
	Grupo 2	,197	40	,000	,833	40	,000

Quadro H2 – Comparação dos dados relativos aos psicogramas
- testes t de Student

	t	df	Sig.
G%	1,063	98	,290
D%	-1,273	98	,206
F%	-2,284	98	,025 *
FMAIS%	2,546	98	,012 *
RC%	-1,554	98	,124
A%	4,096	98	,000 *
BAN	,934	98	,353

* $p \leq 0,05$

Quadro H2 (continuação) – Comparação dos dados relativos aos psicogramas

	Dd%	DBL%	H%	IA%
Mann-Whitney U	1066,500	1117,000	1069,000	577,500
Wilcoxon W	1886,500	1937,000	1889,000	2407,500
Z	-1,892	-,968	-,924	-4,422
Asymp. Sig. (2-tailed)	,058 **	,333	,355	,000 *

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,10$

Quadro H3 – Estatísticas descritivas dos resultados obtidos nos psicogramas

	Grupo	N	Média	Desvio padrão
G%	Grupo 1	60	48,55	17,351
	Grupo 2	40	44,85	16,592
D%	Grupo 1	60	48,38	16,816
	Grupo 2	40	52,68	16,045
F%	Grupo 1	60	65,48	18,302
	Grupo 2	40	73,43	14,908
FMAIS%	Grupo 1	60	61,12	16,686
	Grupo 2	40	51,58	20,636
RC%	Grupo 1	60	34,05	9,573
	Grupo 2	40	37,20	10,454
H%	Grupo 1	60	14,25	11,747
	Grupo 2	40	14,25	15,687
A%	Grupo 1	60	55,57	19,656
	Grupo 2	40	39,90	17,252
BAN	Grupo 1	60	4,15	1,448
	Grupo 2	40	3,85	1,748
IA%	Grupo 1	60	7,50	8,790
	Grupo 2	40	24,95	24,839
Dd%	Grupo 1	60	1,02	2,837
	Grupo 2	40	,10	,632
DBL%	Grupo 1	60	1,05	2,639
	Grupo 2	40	,55	2,037
H%	Grupo 1	60	14,25	11,747
	Grupo 2	40	14,25	15,687
IA%	Grupo 1	60	7,50	8,790
	Grupo 2	40	24,95	24,839

Quadro H4 – Grupo vs TRI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
EM	Frequência	10	6	16
	% TRI	62.5%	37.5%	100.0%
	% no grupo	16.7%	15.0%	16.0%
	% do total	10.0%	6.0%	16.0%
EP	Frequência	7	4	11
	% TRI	63.6%	36.4%	100.0%
	% no grupo	11.7%	10.0%	11.0%
	% do total	7.0%	4.0%	11.0%
IM	Frequência	13	4	17
	% TRI	76.5%	23.5%	100.0%
	% no grupo	21.7%	10.0%	17.0%
	% do total	13.0%	4.0%	17.0%
IP	Frequência	12	10	22
	% TRI	54.5%	45.5%	100.0%
	% no grupo	20.0%	25.0%	22.0%
	% do total	12.0%	10.0%	22.0%
TA	Frequência	6	9	15
	% TRI	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	10.0%	22.5%	15.0%
	% do total	6.0%	9.0%	15.0%
TC	Frequência	7	4	11
	% TRI	63.6%	36.4%	100.0%
	% no grupo	11.7%	10.0%	11.0%
	% do total	7.0%	4.0%	11.0%
TCP	Frequência	5	3	8
	% TRI	62.5%	37.5%	100.0%
	% no grupo	8.3%	7.5%	8.0%
	% do total	5.0%	3.0%	8.0%
Total	Frequência	60	40	100
	% TRI	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	60.0%	40.0%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,878	6	,560	,572
Likelihood Ratio	4,949	6	,550	,582
Fisher's Exact Test	4,873			,573
N of Valid Cases	100			

ANEXO I

COMPARAÇÃO CARTÃO A CARTÃO DOS DADOS RORSCHACH RELATIVOS AO
GRUPO 1 E AO GRUPO 2

Cartão I**Modos de apreensão****Quadro I 1 - Grupo vs modos de apreensão cartão I**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	75	55	130
	% MA	57.7%	42.3%	100.0%
	% no grupo	81.5%	84.6%	82.8%
	% do total	47.8%	35.0%	82.8%
D	Frequência	12	8	20
	% MA	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	13.0%	12.3%	12.7%
	% do total	7.6%	5.1%	12.7%
Dd	Frequência	2	0	2
	% MA	100.0%	.0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	,0%	1.3%
	% do total	1.3%	,0%	1.3%
Dbl	Frequência	2	0	2
	% MA	100.0%	.0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	,0%	1.3%
	% do total	1.3%	,0%	1.3%
Gbl	Frequência	1	1	2
	% MA	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.1%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
Ddbl	Frequência	0	1	1
	% MA	.0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	1.5%
	% do total	,0%	,6%	,6%
Total	Frequência	92	65	157
	% MA	58.6%	41.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.6%	41.4%	100.0%

Quadro I1 - Grupo vs modos de apreensão cartão I (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	75	55	130
	% MA	57.7%	42.3%	100.0%
	% no grupo	86.2%	87.3%	86.7%
	% do total	50.0%	36.7%	86.7%
D	Frequência	12	8	20
	% MA	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	13.8%	12.7%	13.3%
	% do total	8.0%	5.3%	13.3%
Total	Frequência	87	63	150
	% MA	58.0%	42.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.0%	42.0%	100.0%

Chi-Square Tests MODOS DE APREENSAO

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,038 ^b	1	,846		
Continuity Correction ^a	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,038	1	,845		
Fisher's Exact Test				1,000	,523
Linear-by-Linear Association	,038	1	,846		
N of Valid Cases	150				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,40.

Determinantes

Quadro I2 - Grupo vs determinantes cartão I

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	58	32	90
	% DET	64.4%	35.6%	100.0%
	% no grupo	63.0%	49.2%	57.3%
	% do total	36.9%	20.4%	57.3%
F+/-	Frequência	5	9	14
	% DET	35.7%	64.3%	100.0%
	% no grupo	5.4%	13.8%	8.9%
	% do total	3.2%	5.7%	8.9%
F-	Frequência	16	14	30
	% DET	53.3%	46.7%	100.0%
	% no grupo	17.4%	21.5%	19.1%
	% do total	10.2%	8.9%	19.1%
K	Frequência	3	1	4
	% DET	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	1.5%	2.5%
	% do total	1.9%	,6%	2.5%
Kan	Frequência	3	0	3
	% DET	100.0%	,0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	,0%	1.9%
	% do total	1.9%	,0%	1.9%
Kob	Frequência	0	1	1
	% DET	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%
FE	Frequência	0	1	1
	% DET	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%
C'	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	,0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
FC'	Frequência	4	3	7
	% DET	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	4.3%	4.6%	4.5%
	% do total	2.5%	1.9%	4.5%

(continua)

Quadro I2 (continuação) - Grupo vs determinantes cartão I

		Grupo 1	Grupo 2	Total
C'F	Frequência	0	2	2
	% DET	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	3.1%	1.3%
	% do total	,0%	1.3%	1.3%
Fclob	Frequência	1	1	2
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.5%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
ClobF	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	,0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
C	Frequência	0	1	1
	% DET	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%
Total	Frequência	92	65	157
	% DET	58.6%	41.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.6%	41.4%	100.0%

Quadro I2 - Grupo vs determinantes cartão I (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	58	32	90
	% DET	64.4%	35.6%	100.0%
	% no grupo	73.4%	58.2%	67.2%
	Valor residual	1.8	- 1.8	
	% do total	43.3%	23.9%	67.2%
F+/-	Frequência	5	9	14
	% DET	35.7%	64.3%	100.0%
	% no grupo	6.3%	16.4%	10.4%
	Valor residual	- 1.9%	1.9	
	% do total	3.7%	6.7%	10.4%
F-	Frequência	16	14	30
	% DET	53.3%	46.7%	100.0%
	% no grupo	20.3%	25.5%	22.4%
	Valor residual	- ,7	,7	
	% do total	11.9%	10.4%	22.4%
Total	Frequência	79	55	134
	% DET	59.0%	41.0%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	50.0%	41.0%	100.0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,638 ^a	2	,098
Likelihood Ratio	4,590	2	,101
Linear-by-Linear Association	1,934	1	,164
N of Valid Cases	134		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,75.

Conteúdos

Quadro I3 - Grupo vs conteúdos cartão I

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	64	37	101
	% CONT	63.4%	36.6%	100.0%
	% no grupo	69.6%	56.9%	64.3%
	% do total	40.8%	23.6%	64.3%
Vomitado	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%
Mancha de vinho	Frequência	0	2	2
	% CONT	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	3.1%	1.3%
	% do total	,0%	1.3%	1.3%
Fragmento	Frequência	0	2	2
	% CONT	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	3.1%	1.3%
	% do total	,0%	1.3%	1.3%
Bot	Frequência	5	2	7
	% CONT	71.4%	28.6%	100.0%
	% no grupo	5.4%	3.1%	4.5%
	% do total	3.2%	1.3%	4.5%
Gruta	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	1.5%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%

(continua)

Quadro I3 (continuação) - Grupo vs conteúdos Prancha I

		Grupo 1	Grupo 2	Total
H	Frequência	3	3	6
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	4.6%	3.8%
	% do total	1.9%	1.9%	3.8%
ANAT	Frequência	6	8	14
	% CONT	42.9%	57.1%	100.0%
	% no grupo	6.5%	12.3%	8.9%
	% do total	3.8%	5.1%	8.9%
OBJ	Frequência	3	2	5
	% CONT	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	3.3%	3.1%	3.2%
	% do total	1.9%	1.3%	3.2%
(H)	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.5%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
ARQ	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	0%	1.3%
	% do total	1.3%	0%	1.3%
HD	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.5%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
Máscara	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Imagem de reflexo	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Mancha	Frequência	0	2	2
	% CONT	,0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	,0%	3.1%	1.3%
	% do total	,0%	1.3%	1.3%
Sexual	Frequência	5	2	7
	% CONT	71.4%	28.6%	100.0%
	% no grupo	5.4%	3.1%	4.5%
	% do total	3.2%	1.3%	4.5%

(continua)

Quadro I3 (continuação) - Grupo vs conteúdos cartão I (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
H barrado	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Hd	Frequência	1	2	3
	% CONT	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.1%	3.1%	1.9%
	% do total	,6%	1.3%	1.9%
(A)	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	0%	1.3%
	% do total	1.3%	0%	1.3%
Total	Frequência	92	65	157
	% CONT	58.6%	41.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.6%	41.4%	100.0%

Binomial Test

		Category	N	Observed Prop.	Test Prop.	Asymp. Sig. (1-tailed)
grupo	Group 1	Bebedoras recentes	64	,63	,37	,000 ^a
	Group 2	Bebedoras adolescência	37	,37		
	Total		101	1,00		

a. Based on Z Approximation.

Banalidades**Quadro I4** - Grupo vs banalidades cartão I

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	46	37	83
	% BAN	55.4%	44.6%	100.0%
	% no grupo	50.0%	56.9%	52.9%
	% do total	29.3%	23.6%	52.9%
Presente	Frequência	46	28	74
	% BAN	62.2%	37.8%	100.0%
	% no grupo	50.0%	43.1%	47.1%
	% do total	29.3%	17.8%	47.1%
Total	Frequência	92	65	157
	% BAN	58.6%	41.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.6%	41.4%	100.0%

Chi-Square Tests BANAL

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,733 ^b	1	,392		
Continuity Correction ^a	,481	1	,488		
Likelihood Ratio	,734	1	,392		
Fisher's Exact Test				,420	,244
Linear-by-Linear Association	,728	1	,394		
N of Valid Cases	157				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 30,64.

Cartão II

Modos de apreensão

Quadro I5 - Grupo vs modos de apreensão cartão II

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	21	48
	% MA	56.3%	43.8%	100.0%
	% no grupo	32.1%	33.9%	32.9%
	% do total	18.5%	14.4%	32.9%
D	Frequência	50	36	86
	% MA	58.1%	41.9%	100.0%
	% no grupo	59.5%	58.1%	58.9%
	% do total	34.2%	24.7%	58.9%
Dbl	Frequência	4	5	9
	% MA	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	4.8%	8.1%	6.2%
	% do total	2.7%	3.4%	6.2%
Gbl	Frequência	2	0	2
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
Do	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Total	Frequência	84	62	146
	% MA	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

Chi-Square Tests MODOS APREENSAO PR II

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,891 ^a	4	,576
Likelihood Ratio	3,984	4	,408
Linear-by-Linear Association	,222	1	,638
N of Valid Cases	146		

a. 5 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,42.

Quadro I5 - Grupo vs modos de apreensão cartão II (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	21	48
	% MA	56.3%	43.8%	100.0%
	% no grupo	35.1%	36.8%	35.8%
	% do total	20.1%	15.7%	35.8%
D	Frequência	50	36	86
	% MA	58.1%	41.9%	100.0%
	% no grupo	64.9%	63.2%	64.2%
	% do total	37.3%	26.9%	64.2%
Total	Frequência	77	57	134
	% MA	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

CHI-SQUARE TESTS MODOS APREENSAO CARTÃO II

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,045(b)	1	,832		
Continuity Correction(a)	,001	1	,976		
Likelihood Ratio	,045	1	,832		
Fisher's Exact Test				,857	,487
Linear-by-Linear Association	,045	1	,833		
N of Valid Cases	134				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 20,42.

DETERMINANTES**Quadro I6 - Grupo vs determinantes cartão II**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	21	17	38
	% DET	55.3%	44.7%	100.0%
	% no grupo	25.0%	27.4%	26.0%
	% do total	14.4%	11.6%	26.0%
F+/-	Frequência	4	5	9
	% DET	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	4.8%	8.1%	6.2%
	% do total	2.7%	3.4%	6.2%
F-	Frequência	17	18	35
	% DET	48.6%	51.4%	100.0%
	% no grupo	20.2%	29.0%	24.0%
	% do total	11.6%	12.3%	24.0%
K	Frequência	21	5	26
	% DET	80.8%	19.2%	100.0%
	% no grupo	25.0%	8.1%	17.8%
	% do total	14.4%	3.4%	17.8%
Kan	Frequência	8	3	11
	% DET	72.7%	27.3%	100.0%
	% no grupo	9.5%	4.8%	7.5%
	% do total	5.5%	2.1%	7.5%
Kob	Frequência	0	3	3
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	4.8%	2.1%
	% do total	0%	2.1%	2.1%
C'	Frequência	2	0	2
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
FC'	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
CF	Frequência	1	2	3
	% DET	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.2%	3.2%	2.1%
	% do total	,7%	1.4%	2.1%

(continua)

Quadro I6 - Grupo vs determinantes cartão II

		Grupo 1	Grupo 2	Total
FC	Frequência	0	2	2
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.2%	1.4%
	% do total	0%	1.4%	1.4%
Fclob	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
C	Frequência	7	7	14
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	8.3%	11.3%	9.6%
	% do total	4.8%	4.8%	9.6%
Total	Frequência	84	62	146
	% DET	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

Quadro I6 - Grupo vs determinantes cartão II (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	21	17	38
	% DET	55.3%	44.7%	100.0%
	% no grupo	33.3%	37.8%	35.2%
	% do total	19.4%	15.7%	35.2%
	Valor residual	-,5	,5	
F+/-	Frequência	4	5	9
	% DET	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	6.3%	11.1%	8.3%
	% do total	3.7%	4.6%	8.3%
	Valor residual	-,9	,9	
F -	Frequência	17	18	35
	% DET	48.6%	51.4%	100.0%
	% no grupo	27.0%	40.0%	32.4%
	% do total	15.7%	16.7%	32.4%
	Valor residual	- 1.4	1.4	
K	Frequência	21	5	26
	% DET	80.8%	19.2%	100.0%
	% no grupo	33.3%	11.1%	24.1%
	% do total	19.4%	4.6%	24.1%
	Valor residual	2.7	- 2.7	
Total	Frequência	63	45	108
	% DET	58.3%	41.7%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.3%	41.7%	100.0%

Chi-Square Tests determinantes PR II

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,619(a)	3	,055
Likelihood Ratio	8,135	3	,043
Linear-by-Linear Association	2,335	1	,126
N of Valid Cases	108		

a. 1 cells (12,5%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 3,75.

Conteúdos

Quadro I7 - Grupo vs conteúdos cartão II

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	38	18	56
	% CONT	67.9%	32.1%	100.0%
	% no grupo	45.2%	29.0%	38.4%
	% do total	26.0%	12.3%	38.4%
Luz	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
Fragmento	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Bot	Frequência	1	2	3
	% CONT	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.2%	3.2%	2.1%
	% do total	,7%	1.4%	2.1%
Vulcão	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
H	Frequência	19	8	27
	% CONT	70.4%	29.6%	100.0%
	% no grupo	22.6%	12.9%	18.5%
	% do total	13.0%	5.5%	18.5%
Anat	Frequência	3	10	13
	% CONT	23.1%	76.9%	100.0%
	% no grupo	3.6%	16.1%	8.9%
	% do total	2.1%	6.8%	8.9%

(continua)

Quadro I6 (continuação) - Grupo vs conteúdos Prancha II

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Sg	Frequência	7	7	14
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	8.3%	11.3%	9.6%
	% do total	4.8%	4.8%	9.6%
Obj	Frequência	1	3	4
	% CONT	25.0%	75%	100.0%
	% no grupo	1.2%	4.8%	2.7%
	% do total	,7%	2.1%	2.7%
(H)	Frequência	4	0	4
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	4.8%	0%	2.7%
	% do total	2.7%	0%	2.7%
Arq	Frequência	2	3	5
	% CONT	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	4.8%	3.4%
	% do total	1.4%	2.1%	3.4%
Hd	Frequência	3	2	5
	% CONT	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	3.6%	3.2%	3.4%
	% do total	2.1%	1.4%	3.4%
Sexual	Frequência	0	6	6
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	9.7%	4.1%
	% do total	0%	4.1%	4.1%
H barrado	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Hd	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
A/sg	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Arte	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Total	Frequência	84	62	146
	% CONT	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

Quadro I6 - Grupo vs conteúdos Prancha II (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	38	18	56
	% CONT	67.9%	32.1%	100.0%
	% no grupo	66.7%	69.2%	67.5%
	% do total	45.8%	21.7%	67.5%
H	Frequência	19	8	27
	% CONT	70.4%	29.6%	100.0%
	% no grupo	33.3%	30.8%	32.5%
	% do total	22.9%	9.6%	32.5%
Total	Frequência	57	26	83
	% CONT	68.7%	31.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	68.7%	31.3%	100.0%

Chi-Square Tests CONTEÚDOS PR II

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,053(b)	1	,817		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,054	1	,817		
Fisher's Exact Test				1,000	,513
Linear-by-Linear Association	,053	1	,818		
N of Valid Cases	83				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,46.

Quadro I8 – Grupo vs banalidades cartão II

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	68	56	124
	% BAN	54.8%	45.2%	100.0%
	% no grupo	81.0%	90.3%	84.9%
	% do total	46.6%	38.4%	84.9%
Presente	Frequência	16	6	22
	% BAN	72.7%	27.3%	100.0%
	% no grupo	19.0%	9.7%	15.1%
	% do total	11.0%	4.1%	15.1%
Total	Frequência	84	62	146
	% BAN	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

Chi-Square Tests banalidades PR II

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,447(b)	1	,118		
Continuity Correction(a)	1,770	1	,183		
Likelihood Ratio	2,552	1	,110		
Fisher's Exact Test				,161	,090
Linear-by-Linear Association	2,430	1	,119		
N of Valid Cases	146				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,34.

Cartão III

Modos de apreensão

Quadro I9 - Grupo vs modos de apreensão cartão III

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	46	35	81
	% MA	56.8%	43.2%	100.0%
	% no grupo	51.7%	53.8%	52.6%
	% do total	29.9%	22.7%	52.6%
D	Frequência	38	27	65
	% MA	58.5%	41.5%	100.0%
	% no grupo	42.7%	41.5%	42.2%
	% do total	24.7%	17.5%	42.2%
Dbl	Frequência	2	0	2
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	0%	1.3%
	% do total	1.3%	0%	1.3%
Gbl	Frequência	2	0	2
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.4%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
Do	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.2%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
D/G	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Total	Frequência	89	65	154
	% MA	57.8%	42.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.8%	42.2%	100.0%

Quadro I9 - Grupo vs modos de apreensão cartão III (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	46	35	81
	% MA	56.8%	43.2%	100.0%
	% no grupo	54.8%	56.5%	55.5%
	% do total	31.5%	24.0%	55.5%
D	Frequência	38	27	65
	% MA	58.5%	41.5%	100.0%
	% no grupo	45.2%	43.5%	44.5%
	% do total	26.0%	18.5%	44.5%
Total	Frequência	84	62	146
	% MA	57.5%	42.5%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.5%	42.5%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,041 ^b	1	,839		
Continuity Correction ^a	,001	1	,972		
Likelihood Ratio	,041	1	,839		
Fisher's Exact Test				,868	,487
Linear-by-Linear Association	,041	1	,840		
N of Valid Cases	146				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 27,60.

DETERMINANTES

Quadro I10 - Grupo vs determinantes cartão III

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	18	19	37
	% DET	48.6%	51.4%	100.0%
	% no grupo	20.2%	29.2%	24.0%
	% do total	11.7%	12.3%	24.0%
F+/-	Frequência	3	0	3
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.4%	0%	1.9%
	% do total	1.9%	0%	1.9%
F-	Frequência	19	10	29
	% DET	65.5%	34.5%	100.0%
	% no grupo	21.3%	15.4%	18.8%
	% do total	12.3%	6.5%	18.8%
K	Frequência	38	29	67
	% DET	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	42.7%	44.6%	43.5%
	% do total	24.7%	18.8%	43.5%
Kan	Frequência	2	2	4
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	3.1%	2.6%
	% do total	1.3%	1.3%	2.6%
Kp	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Kob	Frequência	0	2	2
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.1%	1.3%
	% do total	0%	1.3%	1.3%
CF	Frequência	1	1	2
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.5%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
FC	Frequência	4	1	5
	% DET	80.0%	20.0%	100.0%
	% no grupo	4.5%	1.5%	3.2%
	% do total	2.6%	,6%	3.2%
C	Frequência	3	1	4
	% DET	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	3.4%	1.5%	2.6%
	% do total	1.9%	,6%	2.6%
Total	Frequência	89	65	154
	% DET	57.8%	42.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.8%	42.2%	100.0%

Quadro I10 - Grupo vs determinantes cartão III (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	18	19	37
	% DET	48.6%	51.4%	100.0%
	% no grupo	24.0%	32.8%	27.8%
	% do total	13.5%	14.3%	27.8%
F -	Frequência	19	10	29
	% DET	65.5%	34.5%	100.0%
	% no grupo	25.3%	17.2%	21.8%
	% do total	14.3%	7.5%	21.8%
K	Frequência	38	29	67
	% DET	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	50.7%	50.0%	50.4%
	% do total	28.6%	21.8%	50.4%
Total	Frequência	75	58	133
	% DET	56.4%	43.6%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.4%	43.6%	100.0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR III

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,887(a)	2	,389
Likelihood Ratio	1,901	2	,387
Linear-by-Linear Association	,665	1	,415
N of Valid Cases	133		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 12,65.

Quadro I11 - Grupo vs conteúdos cartão III

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	24	8	32
	% CONT	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	27.0%	12.3%	20.8%
	% do total	15.6%	5.2%	20.8%
Fogo	Frequência	0	2	2
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.1%	1.3%
	% do total	0%	1.3%	1.3%
H	Frequência	39	33	72
	% CONT	54.2%	45.8%	100.0%
	% no grupo	43.8%	50.8%	46.8%
	% do total	25.3%	21.4%	46.8%
Anat	Frequência	6	9	15
	% CONT	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	6.7%	13.8%	9.7%
	% do total	3.9%	5.8%	9.7%
Sg	Frequência	4	1	5
	% CONT	80.0%	20.0%	100.0%
	% no grupo	4.5%	1.5%	3.2%
	% do total	2.6%	,6%	3.2%
Obj	Frequência	6	7	13
	% CONT	46.2%	53.8%	100.0%
	% no grupo	6.7%	10.8%	8.4%
	% do total	3.9%	4.5%	8.4%
Símbolo	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.5%	,6%
	% do total	0%	,6%	,6%
(H)	Frequência	4	1	5
	% CONT	80.0%	20.0%	100.0%
	% no grupo	4.5%	1.5%	3.2%
	% do total	2.6%	,6%	3.2%
Arq	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Hd	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.5%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%

(continua)

Quadro I 11 (continuação) - Grupo vs conteúdos cartão III

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Vestuário	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.2%	0%	1.3%
	% do total	1.3%	0%	1.3%
Hd	Frequência	0	2	2
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.1%	1.3%
	% do total	0%	1.3%	1.3%
Arte	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Estátua	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Total	Frequência	89	65	154
	% CONT	57.8%	42.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.8%	42.2%	100.0%

Quadro I 11 - Grupo vs conteúdos cartão III (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	24	8	32
	% CONT	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	38.1%	19.5%	30.8%
	% do total	23.1%	7.7%	30.8%
H	Frequência	39	33	72
	% CONT	54.2%	45.8%	100.0%
	% no grupo	61.9%	80.5%	69.2%
	% do total	37.5%	31.7%	69.2%
Total	Frequência	63	41	104
	% CONT	60.6%	39.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	60.6%	39.4%	100.0%

Chi-Square Tests CONTEÚDOS CARTÃO III

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,026(b)	1	,045		
Continuity Correction(a)	3,201	1	,074		
Likelihood Ratio	4,183	1	,041		
Fisher's Exact Test				,052	,035
Linear-by-Linear Association	3,988	1	,046		
N of Valid Cases	104				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,62.

Quadro I 12 - Grupo vs banalidades cartão III

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	41	30	71
	% BAN	57.7%	42.3%	100.0%
	% no grupo	46.1%	46.2%	46.1%
	% do total	26.6%	19.5%	46.1%
Presente	Frequência	48	35	83
	% BAN	57.8%	42.2%	100.0%
	% no grupo	53.9%	53.8%	53.9%
	% do total	31.2%	22.7%	53.9%
Total	Frequência	89	65	154
	% BAN	57.8%	42.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.8%	42.2%	100.0%

Chi-Square Tests BANALIDADES PR III

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,000(b)	1	,992		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,000	1	,992		
Fisher's Exact Test				1,000	,561
Linear-by-Linear Association	,000	1	,992		
N of Valid Cases	154				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 29,97.

Cartão IV**Modos de apreensão****Quadro I 13 - Grupo vs modos de apreensão cartão IV**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	61	43	104
	% MA	58.7%	41.3%	100.0%
	% no grupo	89.7%	81.1%	86.0%
	% do total	50.4%	35.5%	86.0%
D	Frequência	7	8	15
	% MA	46.7%	53.3%	100.0%
	% no grupo	10.3%	15.1%	12.4%
	% do total	5.8%	6.6%	12.4%
Dd	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.9%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%
Do	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.9%	1.9%
	% do total	0%	,8%	,8%
Total	Frequência	68	53	121
	% MA	56.2%	43.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.2%	43.8%	100.0%

Quadro I 13 - Grupo vs modos de apreensão cartão IV (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	61	43	104
	% MA	58.7%	41.3%	100.0%
	% no grupo	89.7%	84.3%	87.4%
	% do total	51.3%	36.1%	87.4%
D	Frequência	7	8	15
	% MA	46.7%	53.3%	100.0%
	% no grupo	10.3%	15.7%	12.6%
	% do total	5.9%	6.7%	12.6%
Total	Frequência	68	51	119
	% MA	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.1%	42.9%	100.0%

Chi-Square Tests MODOS DE APREENSÃO PR IV

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,769(b)	1	,380		
Continuity Correction(a)	,358	1	,550		
Likelihood Ratio	,761	1	,383		
Fisher's Exact Test				,414	,273
Linear-by-Linear Association	,763	1	,382		
N of Valid Cases	119				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,43.

Determinantes

Quadro I 14 - Grupo vs determinantes cartão IV

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	29	14	43
	% DET	67.4%	32.6%	100.0%
	% no grupo	42.6%	26.4%	35.5%
	% do total	24.0%	11.6%	35.5%
F+/-	Frequência	9	4	13
	% DET	69.2%	30.8%	100.0%
	% no grupo	13.2%	7.5%	10.7%
	% do total	7.4%	3.3%	10.7%
F-	Frequência	13	13	26
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	19.1%	24.5%	21.5%
	% do total	10.7%	10.7%	21.5%
K	Frequência	0	2	2
	% DET	0%	10.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.8%	2.5%
	% do total	0%	1.7%	2.5%
EF	Frequência	2	1	3
	% DET	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	2.9%	1.9%	2.5%
	% do total	1.7%	,8%	2.5%
FE	Frequência	2	1	3
	% DET	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	2.9%	1.9%	2.5%
	% do total	1.7%	,8%	2.5%

(continua)

Quadro I 14 (continuação) - Grupo vs determinantes cartão IV

		Grupo 1	Grupo 2	Total
FC'	Frequência	2	2	4
	% DET	50.0%	50.0%	100%
	% no grupo	2.9%	3.8%	3.3%
	% do total	1.7%	1.7%	3.3%
Fclob	Frequência	9	14	23
	% DET	39.1%	60.9%	100%
	% no grupo	13.2%	26.4%	19.0%
	% do total	7.4%	11.6%	19.0%
Clob	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.5%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
ClobF	Frequência	1	2	3
	% DET	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.5%	3.8%	2.5%
	% do total	,8%	1.7%	2.5%
Total	Frequência	68	53	121
	% DET	56.2%	43.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.2%	43.8%	100.0%

Quadro I 14 - Grupo vs determinantes Prancha IV (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	29	14	43
	% DET	67.4%	32.6%	100.0%
	% no grupo	56.9%	45.2%	52.4%
	% do total	35.4%	17.1%	52.4%
F+/-	Frequência	9	4	13
	% DET	69.2%	30.8%	100.0%
	% no grupo	17.6%	12.9%	15.9%
	% do total	11.0%	4.9%	15.9%
F-	Frequência	13	13	26
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	25.5%	41.9%	31.7%
	% do total	15.9%	15.9%	31.7%
Total	Frequência	51	31	82
	% DET	62.2%	37.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	62.2%	37.8%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,422(a)	2	,298
Likelihood Ratio	2,390	2	,303
Linear-by-Linear Association	1,890	1	,169
N of Valid Cases	82		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 4,91.

Conteúdos

Quadro I 15 - Grupo vs conteúdos cartão IV

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	41	20	61
	% CONT	67.2%	32.8%	100.0%
	% no grupo	60.3%	37.7%	50.4%
	% do total	33.9%	16.5%	50.4%
Bot	Frequência	3	2	5
	% CONT	60.0%	40.0%	100.0%
	% no grupo	4.4%	3.8%	4.1%
	% do total	2.5%	1.7%	4.1%
H	Frequência	4	3	7
	% CONT	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	5.9%	5.7%	5.8%
	% do total	3.3%	2.5%	5.8%
Anat	Frequência	1	5	6
	% CONT	16.7%	83.3%	100.0%
	% no grupo	1.5%	9.4%	5.0%
	% do total	,6%	4.1%	5.0%
Obj	Frequência	1	3	4
	% CONT	25.0%	75.0%	100.0%
	% no grupo	1.5%	5.7%	3.3%
	% do total	,8%	2.5%	3.3%
(H)	Frequência	9	14	23
	% CONT	39.1%	60.9%	100.0%
	% no grupo	13.2%	26.4%	19.0%
	% do total	7.4%	11.6%	19.0%
Vestuário	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.9%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%

(continua)

Quadro I 15 (continuação) - Grupo vs conteúdos cartão IV

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Rx	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.5%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
Sexual	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.9%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%
Hd	Frequência	3	1	4
	% CONT	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	4.4%	1.9%	3.3%
	% do total	2.5%	,8%	3.3%
(A)	Frequência	3	3	6
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	4.4%	5.7%	5.0%
	% do total	2.5%	2.5%	5.0%
BD	Frequência	2	0	2
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.9%	0%	1.7%
	% do total	1.7%	0%	1.7%
Total	Frequência	68	53	121
	% CONT	56.2%	43.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.2%	43.8%	100.0%

Quadro I 15 - Grupo vs conteúdos cartão IV (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	41	20	61
	% CONT	67.2%	32.8%	100.0%
	% no grupo	91.1%	87.0%	89.7%
	% do total	60.3%	29.4%	89.7%
H	Frequência	4	3	7
	% CONT	57.1%	42.9	100.0%
	% no grupo	8.9%	13.0%	10.3%
	% do total	5.9%	4.4%	10.3%
Total	Frequência	45	23	68
	% CONT	66.2%	33.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	66.2%	33.8%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,284(b)	1	,594		
Continuity Correction(a)	,012	1	,911		
Likelihood Ratio	,276	1	,600		
Fisher's Exact Test				,681	,441
Linear-by-Linear Association	,280	1	,596		
N of Valid Cases	68				

a Computed only for a 2x2 table

b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,37.

Quadro I 16 - Grupo vs banalidades cartão IV

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	65	53	118
	% BAN	55.1%	44.9%	100.0%
	% no grupo	95.6%	100.0%	97.5%
	% do total	53.7%	43.8%	97.5%
Presente	Frequência	3	0	3
	% BAN	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	4.4%	0%	2.5%
	% do total	2.5%	0%	2.5%
Total	Frequência	68	53	121
	% BAN	56.2%	43.8%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.2%	43.8%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,398(b)	1	,122		
Continuity Correction(a)	,920	1	,337		
Likelihood Ratio	3,517	1	,061		
Fisher's Exact Test				,255	,174
Linear-by-Linear Association	2,378	1	,123		
N of Valid Cases	121				

a Computed only for a 2x2 table

b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,31.

Cartão V**Modos de apreensão****Quadro I17 - Grupo vs modos de apreensão cartão V**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	66	48	114
	% MA	57.9%	42.1	100.0%
	% no grupo	91.7%	87.3%	89.8%
	% do total	52.0%	37.8%	89.8%
D	Frequência	5	6	11
	% MA	45.5%	54.5%	100.0%
	% no grupo	6.9%	10.9%	8.7%
	% do total	3.9%	4.7%	8.7%
D/G	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
G/	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.8%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%
Total	Frequência	72	55	127
	% MA	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.7%	43.3%	100.0%

Quadro I 17 - Grupo vs modos de apreensão cartão V (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	66	48	114
	% MA	57.9%	42.1%	100.0%
	% no grupo	93.0%	88.9%	89.8%
	% do total	52.8%	38.4%	89.8%
D	Frequência	5	6	11
	% MA	45.5%	54.5%	100.0%
	% no grupo	7.0%	11.1%	8.8%
	% do total	4.0 %	4.8%	8.8%
Total	Frequência	71	54	125
	% MA	56.8%	43.2%	100.0%
	% no grupo	100.0 %	100.0%	100.0%
	% do total	56.8%	43.2%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,633(b)	1	,426		
Continuity Correction(a)	,227	1	,634		
Likelihood Ratio	,626	1	,429		
Fisher's Exact Test				,529	,314
Linear-by-Linear Association	,628	1	,428		
N of Valid Cases	125				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,75.

Determinantes

Quadro I18 - Grupo vs determinantes cartão V

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	41	37	78
	% DET	52.6%	47.4%	100.0%
	% no grupo	56.9%	67.3%	61.4%
	% do total	32.3%	29.1%	61.4%
F+/-	Frequência	0	3	3
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	5.5%	2.4%
	% do total	0%	2.4%	2.4%
F-	Frequência	9	8	17
	% DET	52.9%	47.1%	100.0%
	% no grupo	12.5%	14.5%	13.4%
	% do total	7.1%	6.3%	13.4%
K	Frequência	5	3	8
	% DET	62.5%	37.5%	100.0%
	% no grupo	6.9%	5.5%	6.3%
	% do total	3.9%	2.4%	6.3%
Kan	Frequência	3	3	6
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	4.2%	5.5%	4.7%
	% do total	2.4%	2.4%	4.7%
EF	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%

(continua)

Quadro I 18 (continuação) - Grupo vs determinantes cartão V

		Grupo 1	Grupo 2	Total
FC'	Frequência	9	0	9
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	12.5%	0%	7.1%
	% do total	7.1%	0%	7.1%
C'F	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
Fclob	Frequência	1	1	2
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	1.8%	1.6%
	% do total	,8%	,8%	1.6%
ClobF	Frequência	2	0	2
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.8%	0%	1.6%
	% do total	1.6%	0%	1.6%
Total	Frequência	72	55	127
	% DET	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.7%	43.3%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asy mp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	14,753 ^a	9	,098
Likelihood Ratio	20,668	9	,014
Linear-by-Linear Association	7,263	1	,007
N of Valid Cases	127		

a. 15 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

Quadro I 18 - Grupo vs determinantes Cartão V (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	41	37	78
	% DET	52.6%	47.7%	100.0%
	% no grupo	82.0%	82.2%	82.1%
	% do total	43.2%	38.9%	82.1%
F-	Frequência	9	8	17
	% DET	52.9%	47.1%	100.0%
	% no grupo	18.0%	17.8%	17.9%
	% do total	9.5%	8.4%	17.9%
Total	Frequência	50	45	95
	% DET	52.6%	47.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	52.6%	47.4%	100.0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR V

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,001(b)	1	,977		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,001	1	,977		
Fisher's Exact Test				1,000	,596
Linear-by-Linear Association	,001	1	,978		
N of Valid Cases	95				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,05.

Conteúdos**Quadro I 19 - Grupo vs conteúdos cartão V**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	60	45	105
	% CONT	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	83.3%	81.8%	82.7%
	% do total	47.2%	35.4%	82.7%
Bot	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
H	Frequência	6	1	7
	% CONT	85.7%	14.3%	100.0%
	% no grupo	8.3%	1.8%	5.5%
	% do total	4.7%	,8%	5.5%
Anat	Frequência	1	4	5
	% CONT	20.0%	80.0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	7.3%	3.9%
	% do total	,8%	3.1%	3.9%
(H)	Frequência	1	2	3
	% CONT	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.4%	3.6%	2.4%
	% do total	,8%	1.6%	2.4%
Arq	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.8%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%
Hd	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
Sexual	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.8%	,8%
	% do total	0%	,8%	,8%
(A)	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.4%	0%	,8%
	% do total	,8%	0%	,8%
Total	Frequência	72	55	127
	% CONT	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.7%	43.3%	100.0%

Quadro I20 - Grupo vs banalidades Cartão V

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	25	20	45
	% BAN	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	34.7%	36.4%	35.4%
	% do total	19.7%	15.7%	35.4%
Presente	Frequência	47	35	82
	% BAN	57.3%	42.7%	100.0%
	% no grupo	65.3%	63.6%	64.6%
	% do total	37.0%	27.6%	64.6%
Total	Frequência	72	55	127
	% BAN	56.7%	43.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	56.7%	43.3%	100.0%

Chi-Square Tests BANALIDADES PR V

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,037(b)	1	,848		
Continuity Correction(a)	,000	1	,996		
Likelihood Ratio	,037	1	,848		
Fisher's Exact Test				,854	,497
Linear-by-Linear Association	,036	1	,849		
N of Valid Cases	127				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 19,49.

Prancha VI**Modos de apreensão****Quadro I21 - Grupo vs modos de apreensão cartão VI**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	44	28	72
	% MA	61.1%	38.9%	100.0%
	% no grupo	57.1%	45.9%	52.2%
	% do total	31.9%	20.3%	52.2%
D	Frequência	28	30	58
	% MA	48.3%	51.7%	100.0%
	% no grupo	36.4%	49.2%	42.0%
	% do total	20.3%	21.7%	42.0%
Dd	Frequência	3	1	4
	% MA	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	3.9%	1.6%	2.9%
	% do total	2.2%	,7%	2.9%
D/G	Frequência	2	1	3
	% MA	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	2.6%	1.6%	2.2%
	% do total			
G/	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Total	Frequência	77	61	138
	% MA	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Quadro I21 - Grupo vs modos de apreensão cartão VI (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	44	28	72
	% MA	61.1%	38.9%	100.0%
	% no grupo	61.1%	48.3%	55.4%
	% do total	33.8%	21.5%	55.4%
D	Frequência	28	30	58
	% MA	48.3%	51.7%	100.0%
	% no grupo	38.9%	51.7%	44.6%
	% do total	21.5%	23.1%	44.6%
Total	Frequência	72	58	130
	% MA	55.4%	44.6%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.4%	44.6%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,142(b)	1	,143		
Continuity Correction(a)	1,654	1	,198		
Likelihood Ratio	2,144	1	,143		
Fisher's Exact Test				,159	,099
Linear-by-Linear Association	2,125	1	,145		
N of Valid Cases	130				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 25,88.

Determinantes

Quadro I22 - Grupo vs determinantes cartão VI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F+	Frequência	28	21	49
	% DET	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	36.4%	34.4%	35.5%
	% do total	20.3%	15.2%	35.5%
F+/-	Frequência	16	6	22
	% DET	72.7%	27.3%	100.0%
	% no grupo	20.8%	9.8%	15.9%
	% do total	11.6%	4.3%	15.9%
F -	Frequência	24	23	47
	% DET	51.1%	48.9%	100.0%
	% no grupo	31.2%	37.7%	34.1%
	% do total	17.4%	16.7%	34.1%
F+/-	Frequência	0	3	3
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	5.5%	2.4%
	% do total	0%	2.4%	2.4%
K	Frequência	0	1	17
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7% %
	% do total	0%	,7%	,7% %
Kan	Frequência	2	1	3
	% DET	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	2.6%	1.6%	2.2%
	% do total	1.4%	,7%	2.2%

(continua)

Quadro I22 (continuação) - Grupo vs determinantes cartão VI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Kob	Frequência	3	1	4
	% DET	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	3.9%	1.6%	2.9%
	% do total	2.2%	,7%	2.9%
EF	Frequência	2	2	4
	% DET	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	2.6%	3.3%	2.9%
	% do total	1.4%	1.4%	2.9%
FE	Frequência	0	4	4
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	6.6%	2.9%
	% do total	0%	2.9%	2.9%
FC'	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
C'F	Frequência	2	0	2
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	2.6%	0%	1.4%
	% do total	1.4%	0%	1.4%
Fclob	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Total	Frequência	77	61	138
	% DET	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Quadro I22 - Grupo vs determinantes cartão VI (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	28	21	49
	% DET	57.1%	42.9%	100.0%
	% no grupo	41.2%	42.0%	41.5%
	% do total	23.7%	17.8%	41.5%
F+/-	Frequência	16	6	22
	% DET	72.7%	27.3%	100.0%
	% no grupo	23.5%	12.0%	18.6%
	% do total	13.6%	5.1%	18.6%
F -	Frequência	24	23	47
	% DET	51.1%	48.9%	100.0%
	% no grupo	35.3%	46.0%	39.8%
	% do total	20.3%	19.5%	39.8%
Total	Frequência	68	50	118
	% DET	57.6%	42.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	57.6%	42.4%	100.0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR VI

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,888(a)	2	,236
Likelihood Ratio	2,985	2	,225
Linear-by-Linear Association	,343	1	,558
N of Valid Cases	118		

a 0 cells (.0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 9,32.

Conteúdos**Quadro I23 - Grupo vs conteúdos cartão VI**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	48	27	75
	% CONT	64.0%	36.0%	100.0%
	% no grupo	62.3%	44.3%	54.3%
	% do total	34.8%	19.6%	54.3%
Bot	Frequência	6	0	6
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	7.8%	0%	4.3%
	% do total	4.3%	0%	4.3%

(continua)

Quadro I23 (continuação) - Grupo vs conteúdos Cartão VI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Geo	Frequência	1	2	3
	% CONT	33.3%	66.7%	100.0%
	% no grupo	1.3%	3.3%	2.2%
	% do total	,7%	1.4%	2.2%
Nat	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Elemento	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
H	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	1.6%	1.4%
	% do total	,7%	,7%	1.4%
Anat	Frequência	2	6	8
	% CONT	25.0%	75.0%	100.0%
	% no grupo	2.6%	9.8%	5.8%
	% do total	1.4%	4.3%	5.8%
Obj	Frequência	7	8	15
	% CONT	46.7%	53.3%	100.0%
	% no grupo	9.1%	13.1%	10.9%
	% do total	5.1%	5.8%	10.9%
Penas	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Símbolo	Frequência	1	3	4
	% CONT	25.0%	75.0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	4.9%	2.9%
	% do total	,7%	2.2%	2.9%
Mapa	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Hd	Frequência	2	3	5
	% CONT	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	2.6%	4.9%	3.6%
	% do total	1.4%	2.2%	3.6%

(continua)

Quadro I 23 (continuação) - Grupo vs conteúdos cartão VI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Rx	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Mancha	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Sexual	Frequência	0	2	2
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.3%	1.4%
	% do total	0%	1.4%	1.4%
Estátua	Frequência	3	0	3
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.9%	0%	2.2%
	% do total	2.2%	0%	2.2%
Abstracção	Frequência	0	2	2
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	3.3%	1.4%
	% do total	0%	1.4%	1.4%
Paisagem marítima	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Total	Frequência	77	61	138
	% CONT	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Quadro I 23 - Grupo vs conteúdos cartão VI (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	48	27	75
	% CONT	64.0%	36.0%	100.0%
	% no grupo	87.3%	77.1%	83.3%
	% do total	53.3%	30.0%	83.3%
Obj	Frequência	7	8	15
	% CONT	46.7%	53.3%	100.0%
	% no grupo	12.7%	22.9%	16.7%
	% do total	7.8%	8.9%	16.7
Total	Frequência	55	35	90
	% CONT	61.1%	38.9%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	61.1%	38.9%	100.0%

Grupo vs conteúdos Cartão VI

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,580(b)	1	,209		
Continuity Correction(a)	,935	1	,334		
Likelihood Ratio	1,544	1	,214		
Fisher's Exact Test				,252	,167
Linear-by-Linear Association	1,563	1	,211		
N of Valid Cases	90				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,83.

Quadro I 24 - Grupo vs banalidades Cartão VI

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	51	30	81
	% BAN	63.0%	37.0%	100.0%
	% no grupo	92.7%	85.7%	90.0%
	% do total	56.7%	33.3%	90.0%
Presente	Frequência	4	5	9
	% BAN	44.4%	55.6%	100.0%
	% no grupo	7.3%	14.3%	10.0%
	% do total	4.4%	5.6%	10.0%
Total	Frequência	55	35	90
	% BAN	61.1%	38.9%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	61.1%	38.9%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,169(b)	1	,280		
Continuity Correction(a)	,519	1	,471		
Likelihood Ratio	1,137	1	,286		
Fisher's Exact Test				,302	,233
Linear-by-Linear Association	1,156	1	,282		
N of Valid Cases	90				

a Computed only for a 2x2 table

b 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,50.

Cartão VII**Modos de apreensão****Quadro I25 - Grupo vs modos de apreensão Cartão VII**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	23	50
	% MA	54.0%	46.0%	100.0%
	% no grupo	35.1%	37.7%	36.2%
	% do total	19.6%	16.7%	36.2%
D	Frequência	48	38	86
	% MA	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	62.3%	62.3%	62.3%
	% do total	34.8%	27.5%	62.3%
Dd	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Gbl	Frequência	1	0	3
	% MA	100.0%	0%	1
	% no grupo	1.3%	0%	100.0%
	% do total	,7%	0%	,7%
Total	Frequência	77	61	138
	% MA	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Quadro I25 - Grupo vs modos de apreensão Cartão VII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	23	50
	% MA	54.0%	46.0%	100.0%
	% no grupo	36.0%	37.7%	36.8%
	% do total	19.9%	16.9%	36.8%
D	Frequência	48	38	86
	% MA	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	64.0%	62.3%	63.2%
	% do total	35.3%	27.9%	63.2%
Total	Frequência	75	61	136
	% MA	55.1%	44.9%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.1%	44.9%	100.0%

Chi-Square Tests MODOS APREENSÃO PR VII

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,042(b)	1	,838		
Continuity Correction(a)	,001	1	,979		
Likelihood Ratio	,042	1	,838		
Fisher's Exact Test				,860	,489
Linear-by-Linear Association	,042	1	,838		
N of Valid Cases	136				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 22,43.

Determinantes

Quadro I26 - Grupo vs determinantes Cartão VII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	13	11	24
	% DET	54.2%	45.8%	100.0%
	% no grupo	16.9%	18.0%	17.4%
	% do total	9.4%	8.0%	17.4%
F+/-	Frequência	21	13	34
	% DET	61.8%	38.2%	100.0%
	% no grupo	27.3%	21.3%	24.6%
	% do total	15.2%	9.4%	24.6%
F -	Frequência	16	24	40
	% DET	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	20.8%	39.3%	29.0%
	% do total	11.6%	17.4%	29.0%
K	Frequência	19	7	26
	% DET	73.1%	26.9%	100.0%
	% no grupo	24.7%	11.5%	18.8%
	% do total	13.8%	5.1%	18.8%
Kan	Frequência	6	3	9
	% DET	66.7%	33.3%	100.0%
	% no grupo	7.8%	4.9%	6.5%
	% do total	4.3%	2.2%	6.5%
Kob	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
EF	Frequência	1	0	1
	% DET	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%

(continua)

Quadro I26 (continuação) - Grupo vs determinantes Cartão VII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F C´	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
CF	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Total	Frequência	77	61	138
	% DET	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Quadro I 26 - Grupo vs determinantes Cartão VII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	13	11	24
	% DET	54.2%	45.8%	100.0%
	% no grupo	18.8%	20.0%	19.4%
	% do total	10.5%	8.9%	19.4%
	Valor residual	-,2	,2	
F+/-	Frequência	21	13	34
	% DET	61.8%	38.2%	100.0%
	% no grupo	30.4%	23.6%	24.6%
	% do total	16.9%	10.5%	24.6%
	Valor residual	,8	-,8	
F -	Frequência	16	24	40
	% DET	40.0%	60.0%	100.0%
	% no grupo	23.2%	43.6%	32.3%
	% do total	12.9%	19.4%	32.3%
	Valor residual	-2.4	2.4	
K	Frequência	19	7	26
	% DET	73.1%	26.9%	100.0%
	% no grupo	27.5%	12.7%	21.0%
	% do total	15.3%	5.6%	21.0%
	Valor residual	2.0	-2.0	
Total	Frequência	69	55	124
	% DET	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.6%	44.4%	100.0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR VII

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,705(a)	3	,053
Likelihood Ratio	7,848	3	,049
Linear-by-Linear Association	,307	1	,579
N of Valid Cases	124		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 10,65.

Conteúdos

Quadro I27 - Grupo vs conteúdos Cartão VII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	27	14	41
	% CONT	65.9%	34.1%	100.0%
	% no grupo	35.1%	23.0%	29.7%
	% do total	19.6%	10.1%	29.7%
Fragmento	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Bot	Frequência	5	1	6
	% CONT	83.3%	16.7%	100.0%
	% no grupo	6.5%	1.6%	4.3%
	% do total	3.6%	,7%	4.3%
Geo	Frequência	3	9	12
	% CONT	25.0%	75.0%	100.0%
	% no grupo	3.9%	14.8%	8.7%
	% do total	2.2%	6.5%	8.7%
Nat	Frequência	5	4	9
	% CONT	55.6%	44.4%	100.0%
	% no grupo	6.5%	6.6%	6.5%
	% do total	3.6%	2.9%	6.5%
Nuvens	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	1.6%	1.4%
	% do total	,7%	,7%	1.4%
Elemento	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
H	Frequência	18	6	24
	% CONT	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	23.4%	9.8%	17.4%
	% do total	13.0%	4.3%	17.4%

Quadro I27 (continuação) - Grupo vs conteúdos Cartão VII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Anat	Frequência	1	10	11
	% CONT	9.1%	90.9%	100.0%
	% no grupo	1.3%	16.4%	8.0%
	% do total	,7%	7.2%	8.0%
Obj	Frequência	0	3	3
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	4.9%	2.2%
	% do total	0%	2.2%	2.2%
Símbolo	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Mapa	Frequência	1	1	2
	% CONT	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	1.6%	1.4%
	% do total	,7%	,7%	1.4%
(H)	Frequência	3	3	6
	% CONT	50.0%%	50.0%%	100.0%
	% no grupo	3.9%	4.9%	4.3%
	% do total	2.2%	2.2%	4.3%
Arq	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Hd	Frequência	3	3	6
	% CONT	50.0%%	50.0%%	100.0%
	% no grupo	3.9%	4.9%	4.3%
	% do total	2.2%	2.2%	4.3%
Imagem reflexo	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Sexual	Frequência	0	1	1
	% CONT	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	1.6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Arte	Frequência	3	0	3
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	3.9%	0%	2.2%
	% do total	2.2%	0%	2.2%
Estátua	Frequência	1	0	1
	% CONT	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.3%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%

(continuação)

Quadro I27 (continuação) - Grupo vs conteúdos Prancha VII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Total	Frequência	77	61	138
	% CONT	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	55.8%	44.2%	100.0%

Chi-Square Tests CONTEÚDOS PR VII

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	34,877 ^a	19	,014
Likelihood Ratio	41,345	19	,002
Linear-by-Linear Association	,362	1	,547
N of Valid Cases	138		

a. 32 cells (80,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Quadro I 277 - Grupo vs conteúdos Cartão VII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	27	14	41
	% CONT	65.9%	34.1%	100.0%
	% no grupo	60.0%	70.0%	63.1%
	% do total	41.5%	21.5%	63.1%
H	Frequência	18	6	24
	% CONT	75.0%	25.0%	100.0%
	% no grupo	40.0%	30.0%	36.9%
	% do total	27.7%	9.2%	36.9%
Total	Frequência	45	20	65
	% CONT	69.2%	30.8	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	69.2%	30.8%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,595 ^b	1	,441		
Continuity Correction ^a	,243	1	,622		
Likelihood Ratio	,605	1	,437		
Fisher's Exact Test				,580	,314
Linear-by-Linear Association	,585	1	,444		
N of Valid Cases	65				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,38.

Banalidades

Chi-Square Tests

	Value
Pearson Chi-Square	. ^a
N of Valid Cases	138

a. No statistics are computed because Pr_VII_Ban is a constant.

Cartão VIII

Modos de apreensão

Quadro I28 - Grupo vs modos de apreensão Cartão VIII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	23	50
	% MA	54.0%	46.0%	100.0%
	% no grupo	35.1%	37.7%	36.2%
	% do total	19.6%	16.7%	36.2%
D	Frequência	48	38	86
	% MA	55.8%	44.2%	100.0%
	% no grupo	62.3%	62.3%	62.3%
	% do total	34.8%	27.5%	62.3%
Dbl	Frequência	1	0	1
	% MA	100.0%	0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
Gbl	Frequência	1	1	2
	% MA	50.0%	50.0%	100.0%
	% no grupo	1.1%	1.6%	1.3%
	% do total	,6%	,6%	1.3%
Ddbl	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100.0%	100.0%
	% no grupo	0%	,6%	,6%
	% do total	0%	,6%	,6%
Total	Frequência	91	64	155
	% MA	58.7%	41.3%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.7%	41.3%	100.0%

Quadro I28 - Grupo vs modos de apreensão cartão VIII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	11	8	19
	% MA	57.9%	42.1%	100.0%
	% no grupo	12.4%	12.9%	12.6%
	% do total	7.3%	5.3%	12.6%
D	Frequência	78	54	132
	% MA	59.1%	40.9%	100.0%
	% no grupo	87.6%	87.1%	87.4%
	% do total	51.7%	35.8%	87.4%
Dbl	Frequência	89	62	151
	% MA	58.9%	41.1%	100.0%
	% no grupo	100.0%	100.0%	100.0%
	% do total	58.9%	41.1%	100.0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,010(b)	1	,921		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,010	1	,921		
Fisher's Exact Test				1,000	,555
Linear-by-Linear Association	,010	1	,921		
N of Valid Cases	151				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,80.

Determinantes**Quadro I29 - Grupo vs determinantes Cartão VIII**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	40	23	63
	% DET	63,5%	36,5%	100,0%
	% no grupo	44,0%	35,9%	40,6%
	% do total	25,8%	14,8%	40,6%
F+/-	Frequência	5	5	10
	% DET	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	5,5%	7,8%	6,5%
	% do total	3,2%	3,2%	6,5%
F -	Frequência	13	21	34
	% DET	38,2%	61,8%	100,0%
	% no grupo	14,3%	32,8%	21,9%
	% do total	8,4%	13,5%	21,9%

K	Frequência	1	5	6
	% DET	16,7%	83,3%	100,0%
	% no grupo	1,1%	7,8%	3,9%
	% do total	,6%	3,2%	3,9%
Kan	Frequência	12	1	13
	% DET	92,3%	7,7%	100,0%
	% no grupo	13,2%	1,6%	8,4%
	% do total	7,7%	,6%	8,4%
Kp	Frequência	0	1	1
	% DET	0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	0%	1,6%	,6%
	% do total	0%	,6%	,6%
EF	Frequência	1	0	1
	% DET	100,0%	0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	0%	,6%
	% do total	,6%	0%	,6%
CF	Frequência	13	4	17
	% DET	76,5%	23,5%	100,0%
	% no grupo	14,3%	6,3%	11,0%
	% do total	8,4%	2,6%	11,0%
FC	Frequência	3	3	6
	% DET	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	3,3%	4,7%	3,9%
	% do total	1,9%	1,9%	3,9%
C	Frequência	3	1	4
	% DET	75,0%	25,0%	100,0%
	% no grupo	3,3%	1,6%	2,6%
	% do total	1,9%	,6%	2,6%
Total	Frequência	91	64	155
	% DET	58,7%	41,3%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	58,7%	41,3%	100,0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR VIII

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	22,178 ^a	9	,008
Likelihood Ratio	24,535	9	,004
Linear-by-Linear Association	1,373	1	,241
N of Valid Cases	155		

a. 11 cells (55,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,41.

Quadro I29 - Grupo vs determinantes Cartão VIII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	40	23	63
	% DET	63,5%	36,5%	100,0%
	% no grupo	69,0%	46,9%	58,9%
	% do total	37,4%	21,5%	58,9%
	Valor residual	2,3%	-2,3%	
F+/-	Frequência	5	5	10
	% DET	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	8,6%	10,2%	9,3%
	% do total	4,7%	4,7%	9,3%
	Valor residual	-,3	,3	
F -	Frequência	13	21	34
	% DET	38,2%	61,8%	100,0%
	% no grupo	22,4%	42,9%	31,8%
	% do total	12,1%	19,6%	31,8%
	Valor residual	-2,3	2,3	
Total	Frequência	58	49	107
	% DET	54,2%	45,8%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	54,2%	45,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,753(a)	2	,056
Likelihood Ratio	5,787	2	,055
Linear-by-Linear Association	5,697	1	,017
N of Valid Cases	107		

a 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,58.

Conteúdos

Quadro I30 - Grupo vs conteúdos cartão VIII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	53	29	82
	% CONT	64,6%	35,4%	100,0%
	% no grupo	58,2%	45,3%	52,9%
	% do total	34,2%	18,7%	52,9%
Bot	Frequência	15	4	19
	% CONT	78,9%	21,1%	100,0%
	% no grupo	16,5%	6,3%	12,3%
	% do total	9,7%	2,6%	12,3%
Geo	Frequência	0	3	3
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	4,7%	1,9%
	% do total	,0%	1,9%	1,9%
H	Frequência	2	1	3
	% CONT	66,7%	33,3%	100,0%
	% no grupo	2,2%	1,6%	1,9%
	% do total	1,3%	,6%	1,9%
Anat	Frequência	3	17	20
	% CONT	15,0%	85,0%	100,0%
	% no grupo	3,3%	26,6%	12,9%
	% do total	1,9%	11,0%	12,9%
Sg	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
Obj	Frequência	2	3	5
	% CONT	40,0%	60,0%	100,0%
	% no grupo	2,2%	4,7%	3,2%
	% do total	1,3%	1,9%	3,2%
(H)	Frequência	1	1	2
	% CONT	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	1,6%	1,3%
	% do total	,6%	,6%	1,3%
Arq	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
Hd	Frequência	4	1	5
	% CONT	80,0%	20,0%	100,0%
	% no grupo	4,4%	1,6%	3,2%
	% do total	2,6%	,6%	3,2%

(continua)

Quadro I30 (continuação) - Grupo vs conteúdos cartão VIII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Máscara	Frequência	0	2	2
	% CONT	0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	0%	3,1%	1,3%
	% do total	0%	1,3%	1,3%
Vestuário	Frequência	4	0	4
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	4,4%	,0%	2,6%
	% do total	2,6%	,0%	2,6%
Sexual	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,6%
	% do total	,0%	,6%	,6%
Estátua	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
Abstracção	Frequência	2	0	2
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	2,2%	,0%	1,3%
	% do total	1,3%	,0%	1,3%
Arte	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,6%
	% do total	,6%	,0%	,6%
Total	Frequência	91	64	155
	% CONT	58,7%	41,3%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	58,7%	41,3%	100,0%

Chi-Square Tests CONTEUDOS PR VIII

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	38,319 ^a	16	,001
Likelihood Ratio	44,990	16	,000
Linear-by-Linear Association	,333	1	,564
N of Valid Cases	155		

a. 28 cells (82,4%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,41.

Quadro I30 - Grupo vs conteúdos cartão VIII (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	53	29	82
	% CONT	64,6%	35,4%	100,0%
	% no grupo	74,6%	58,0%	67,8%
	% do total	43,8%	24,0%	67,8%
	Valor residual	1,9	-1,9	
Bot	Frequência	15	4	19
	% CONT	78,9%	21,1%	100,0%
	% no grupo	21,1%	8,0%	15,7%
	% do total	12,4%	3,3%	15,7%
	Valor residual	2,0	-2,0	
Anat	Frequência	3	17	20
	% CONT	15,0%	85,0%	100,0%
	% no grupo	4,2%	34,0%	16,5%
	% do total	2,5%	14,0%	16,5%
	Valor residual	-4,3	4,3	
Total	Frequência	71	50	121
	% CONT	58,7%	41,3%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	58,7%	41,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	20,155(a)	2	,000
Likelihood Ratio	21,065	2	,000
Linear-by-Linear Association	13,866	1	,000
N of Valid Cases	121		

a 0 cells (.0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 7,85.

Quadro I31 - Grupo vs banalidades Cartão VIII

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	50	40	90
	% BAN	55,6%	44,4%	100,0%
	% no grupo	54,9%	62,5%	58,1%
	% do total	32,3%	25,8%	58,1%
Presente	Frequência	41	24	65
	% BAN	63,1%	36,9%	100,0%
	% no grupo	45,1%	37,5%	41,9%
	% do total	26,5%	15,5%	41,9%
Total	Frequência	91	64	155
	% BAN	58,7%	41,3%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	58,7%	41,3%	100,0%

Banalidades**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,881(b)	1	,348		
Continuity Correction(a)	,598	1	,439		
Likelihood Ratio	,884	1	,347		
Fisher's Exact Test				,409	,220
Linear-by-Linear Association	,875	1	,350		
N of Valid Cases	155				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 26,84.

Prancha IX

Modos de apreensão

Quadro I32 - Grupo vs modos de apreensão Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	9	36
	% MA	75,0%	25,0%	100,0%
	% no grupo	36,5%	14,1%	26,1%
	% do total	19,6%	6,5%	26,1%
D	Frequência	44	52	96
	% MA	45,8%	54,2%	100,0%
	% no grupo	59,5%	81,3%	69,6%
	% do total	31,9%	37,7%	69,6%
Dd	Frequência	2	0	2
	% MA	100,0%	0%	100,0%
	% no grupo	2,7%	0%	1,4%
	% do total	1,4%	0%	1,4%
Dbl	Frequência	0	2	2
	% MA	0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	0%	3,1%	1,4%
	% do total	0%	1,4%	1,4%
D/G	Frequência	0	1	1
	% MA	0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	0%	1,6%	,7%
	% do total	0%	,7%	,7%
Ddbl	Frequência	1	0	1
	% MA	100,0%	0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Total	Frequência	74	64	138
	% MA	53,6%	46,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	53,6%	46,4%	100,0%

Chi-Square Tests MODOS DE APREENSAO PR IX

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15,021 ^a	5	,010
Likelihood Ratio	17,678	5	,003
Linear-by-Linear Association	2,969	1	,085
N of Valid Cases	138		

a. 8 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,46.

Quadro I32 - Grupo vs modos de apreensão Cartão IX (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	27	9	36
	% MA	75,0%	25,0%	100,0%
	% no grupo	38,0%	14,8%	27,3%
	% do total	20,5%	6,8%	27,3%
D	Frequência	44	52	96
	% MA	45,8%	54,2%	100,0%
	% no grupo	62,0%	85,2%	72,7%
	% do total	33,3%	39,4%	72,7%
Total	Frequência	71	61	132
	% MA	53,8%	46,2%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	53,8%	46,2%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	8,961(b)	1	,003		
Continuity Correction(a)	7,826	1	,005		
Likelihood Ratio	9,328	1	,002		
Fisher's Exact Test				,003	,002
Linear-by-Linear Association	8,893	1	,003		
N of Valid Cases	132				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 16,64.

Determinantes

Quadro I33 - Grupo vs determinantes Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	6	9	15
	% DET	40,0%	60,0%	100,0%
	% no grupo	8,1%	14,1%	10,9%
	% do total	4,3%	6,5%	10,9%
F+/-	Frequência	6	3	9
	% DET	66,7%	33,3%	100,0%
	% no grupo	8,1%	4,7%	6,5%
	% do total	4,3%	2,2%	6,5%
F -	Frequência	16	28	44
	% DET	36,4%	63,6%	100,0%
	% no grupo	21,6%	43,8%	31,9%
	% do total	11,6%	20,3%	31,9%
K	Frequência	12	5	17
	% DET	70,6%	29,4%	100,0%
	% no grupo	16,2%	7,8%	12,3%
	% do total	8,7%	3,6%	12,3%
Kan	Frequência	3	3	6
	% DET	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	4,1%	4,7%	4,3%
	% do total	2,2%	2,2%	4,3%
Kp	Frequência	1	0	1
	% DET	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Kob	Frequência	6	5	11
	% DET	54,5%	45,5%	100,0%
	% no grupo	8,1%	7,8%	8,0%
	% do total	4,3%	3,6%	8,0%
CF	Frequência	18	8	26
	% DET	69,2%	30,8%	100,0%
	% no grupo	24,3%	12,5%	18,8%
	% do total	13,0%	5,8%	18,8%
FC	Frequência	6	2	8
	% DET	75,0%	25,0%	100,0%
	% no grupo	8,1%	3,1%	5,8%
	% do total	4,3%	1,4%	5,8%
C	Frequência	0	1	1
	% DET	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Total	Frequência	74	64	138
	% DET	53,6%	46,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	53,6%	46,4%	100,0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR IX

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15,047 ^a	9	,090
Likelihood Ratio	16,086	9	,065
Linear-by-Linear Association	4,775	1	,029
N of Valid Cases	138		

a. 10 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,46.

Quadro I33 - Grupo vs determinantes Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	6	9	15
	% DET	40,0%	60,0%	100,0%
	% no grupo	15,0%	20,0%	17,6%
	% do total	7,1%	10,6%	17,6%
	Valor residual	-,6	,6	
F+/-	Frequência	6	3	9
	% DET	66,7%	33,3%	100,0%
	% no grupo	15,0%	6,7%	10,6%
	% do total	7,1%	3,5%	10,6%
	Valor residual	1,2	-1,2	
F -	Frequência	16	28	44
	% DET	36,4%	63,6%	100,0%
	% no grupo	40,0%	62,2%	51,8%
	% do total	18,8%	32,9%	51,8%
	Valor residual	-2,0	2,0	
K	Frequência	12	5	17
	% DET	70,6%	29,4%	100,0%
	% no grupo	30,0%	11,1%	20,0%
	% do total	14,1%	5,9%	20,0%
	Valor residual	2,2	-2,2	
Total	Frequência	40	45	85
	% DET	47,1%	52,9%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	47,1%	52,9%	100,0%

Chi-Square Tests DETERMINANTES PR IX

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,487(a)	3	,058
Likelihood Ratio	7,614	3	,055
Linear-by-Linear Association	,936	1	,333
N of Valid Cases	85		

a 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,24.

Conteúdos

Quadro I34 - Grupo vs conteúdos cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	11	6	17
	% CONT	64,7%	35,3%	100,0%
	% no grupo	14,9%	9,4%	12,3%
	% do total	8,0%	4,3%	12,3%
Alimento	Frequência	4	5	9
	% CONT	44,4%	55,6%	100,0%
	% no grupo	5,4%	7,8%	6,5%
	% do total	2,9%	3,6%	6,5%
Fogo	Frequência	1	2	3
	% CONT	33,3%	66,7%	100,0%
	% no grupo	1,4%	3,1%	2,2%
	% do total	,7%	1,4%	2,2%
Bot	Frequência	19	4	23
	% CONT	82,6%	17,4%	100,0%
	% no grupo	25,7%	6,3%	16,7%
	% do total	13,8%	2,9%	16,7%
Geo	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Nat	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Elemento	Frequência	5	3	8
	% CONT	62,5%	37,5%	100,0%
	% no grupo	6,8%	4,7%	5,8%
	% do total	3,6%	2,2%	5,8%
H	Frequência	10	9	19
	% CONT	52,6%	47,4%	100,0%
	% no grupo	13,5%	14,1%	13,8%
	% do total	7,2%	6,5%	13,8%
Anat	Frequência	6	17	23
	% CONT	26,1%	73,9%	100,0%
	% no grupo	8,1%	26,6%	16,7%
	% do total	4,3%	12,3%	16,7%
Obj	Frequência	1	4	5
	% CONT	20,0%	80,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	6,3%	3,6%
	% do total	,7%	2,9%	3,6%

(continua)

Quadro I34 (continuação) - Grupo vs conteúdos Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Mapa	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
(H)	Frequência	4	2	6
	% CONT	66,7%	33,3%	100,0%
	% no grupo	5,4%	3,1%	4,3%
	% do total	2,9%	1,4%	4,3%
Arq	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Hd	Frequência	7	3	10
	% CONT	70,0%	30,0%	100,0%
	% no grupo	9,5%	4,7%	7,2%
	% do total	5,1%	2,2%	7,2%
Máscara	Frequência	0	2	2
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	3,1%	1,4%
	% do total	,0%	1,4%	1,4%
Rx	Frequência	2	0	2
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	2,7%	,0%	1,4%
	% do total	1,4%	,0%	1,4%
Sexual	Frequência	0	2	2
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	3,1%	1,4%
	% do total	,0%	1,4%	1,4%
(A)	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Arte	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Bd	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Estátua	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%

(continua)

Quadro I 34 (continuação) - Grupo vs conteúdos Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Paisagem	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Total	Frequência	74	64	138
	% CONT	53,6%	46,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	53,6%	46,4%	100,0%

Chi-Square Tests CONTEUDOS PR IX

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	36,042 ^a	21	,022
Likelihood Ratio	42,937	21	,003
Linear-by-Linear Association	,598	1	,439
N of Valid Cases	138		

a. 35 cells (79,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,46.

Quadro I34 - Grupo vs conteúdos Cartão IX (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	11	6	17
	% CONT	64,7%	35,3%	100,0%
	% no grupo	30,6%	22,2%	27,0%
	% do total	17,5%	9,5%	27,0%
	Valor residual	,7	-,7	
Bot	Frequência	19	4	23
	% CONT	82,6%	17,4%	100,0%
	% no grupo	52,8%	14,8%	36,5%
	% do total	30,2%	6,3%	36,5%
	Valor residual	3,1	-3,1	
Anat	Frequência	6	17	23
	% CONT	26,1%	73,9%	100,0%
	% no grupo	16,7%	63,0%	36,5%
	% do total	9,5%	27,0%	36,5%
	Valor residual	-3,8	3,8	
Total	Frequência	36	27	63
	% CONT	57,1%	42,9%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	57,1%	42,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15,546(a)	2	,000
Likelihood Ratio	16,316	2	,000
Linear-by-Linear Association	10,187	1	,001
N of Valid Cases	63		

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,29.

Banalidades

Quadro I35 - Grupo vs banalidades Cartão IX

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	73	63	136
	% BAN	53,7%	46,3%	100,0%
	% no grupo	98,6%	98,4%	98,6%
	% do total	52,9%	45,7%	98,6%
Presente	Frequência	1	1	2
	% BAN	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	1,6%	1,4%
	% do total	,7%	,7%	1,4%
Total	Frequência	74	64	138
	% BAN	53,6%	46,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	53,6%	46,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,011(b)	1	,918		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,011	1	,918		
Fisher's Exact Test				1,000	,714
Linear-by-Linear Association	,011	1	,918		
N of Valid Cases	138				

a. Computed only for a 2x2 table

b. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,93.

Prancha X**Modos de apreensão****Quadro I36 - Grupo vs modos de apreensão Cartão X**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	13	9	22
	% MA	59,1%	40,9%	100,0%
	% no grupo	14,4%	14,8%	14,6%
	% do total	8,6%	6,0%	14,6%
D	Frequência	72	52	124
	% MA	58,1%	41,9%	100,0%
	% no grupo	80,0%	85,2%	82,1%
	% do total	47,7%	34,4%	82,1%
Dd	Frequência	3	0	3
	% MA	100,0%	0%	100,0%
	% no grupo	3,3%	0%	2,0%
	% do total	2,0%	0%	2,0%
Dbl	Frequência	1	0	1
	% MA	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Ddbl	Frequência	1	0	1
	% MA	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Ddbl	Frequência	1	0	1
	% MA	100,0%	0%	100,0%
	% no grupo	1,4%	0%	,7%
	% do total	,7%	0%	,7%
Total	Frequência	90	61	151
	% MA	59,6%	40,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	59,6%	40,4%	100,0%

Quadro I36 - Grupo vs modos de apreensão Cartão X (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
G	Frequência	13	9	22
	% MA	59,1%	40,9%	100,0%
	% no grupo	15,3%	14,8%	15,1%
	% do total	8,9%	6,2%	15,1%
D	Frequência	72	52	124
	% MA	58,1%	41,9%	100,0%
	% no grupo	84,7%	85,2%	84,9%
	% do total	49,3%	35,6%	84,9%
Total	Frequência	85	61	146
	% MA	58,2%	41,8%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	58,2%	41,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,008(b)	1	,928		
Continuity Correction(a)	,000	1	1,000		
Likelihood Ratio	,008	1	,928		
Fisher's Exact Test				1,000	,561
Linear-by-Linear Association	,008	1	,929		
N of Valid Cases	146				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,19.

Determinantes**Quadro I37 - Grupo vs determinantes Cartão X**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	40	26	66
	% DET	60,6%	39,4%	100,0%
	% no grupo	44,4%	42,6%	43,7%
	% do total	26,5%	17,2%	43,7%
F+/-	Frequência	11	5	16
	% DET	68,8%	31,3%	100,0%
	% no grupo	12,2%	8,2%	10,6%
	% do total	7,3%	3,3%	10,6%
F -	Frequência	17	14	31
	% DET	54,8%	45,2%	100,0%
	% no grupo	18,9%	23,0%	20,5%
	% do total	11,3%	9,3%	20,5%

(continua)

Quadro I37 (continuação) - Grupo vs determinantes Cartão X

K	Frequência	1	1	2
	% DET	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo % do total	1,1% ,7%	1,6% ,7%	1,3% 1,3%
Kan	Frequência	5	6	11
	% DET	45,5%	54,5%	100,0%
	% no grupo % do total	5,6% 3,3%	9,8% 4,0%	7,3% 7,3%
Kob	Frequência	2	3	5
	% DET	40,0%	60,0%	100,0%
	% no grupo % do total	2,2% 1,3%	4,9% 2,0%	3,3% 3,3%
CF	Frequência	10	6	16
	% DET	62,5%	37,5%	100,0%
	% no grupo % do total	11,1% 6,6%	9,8% 4,0%	10,6% 10,6%
FC	Frequência	4	0	4
	% DET	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo % do total	4,4% 2,6%	,0% ,0%	2,6% 2,6%
Total	Frequência	90	61	151
	% DET	59,6%	40,4%	100,0%
	% no grupo % do total	100,0% 59,6%	100,0% 40,4%	100,0% 100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asy mp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,432 ^a	7	,607
Likelihood Ratio	6,833	7	,446
Linear-by-Linear Association	,058	1	,810
N of Valid Cases	151		

a. 7 cells (43,8%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,81.

Quadro I37 - Grupo vs determinantes Cartão X (resultados mais expressivos)

		Grupo 1	Grupo 2	Total
F +	Frequência	40	26	66
	% DET	60,6%	39,4%	100,0%
	% no grupo	58,8%	57,8%	58,4%
	% do total	35,4%	23,0%	58,4%
F+/-	Frequência	11	5	16
	% DET	68,8%	31,3%	100,0%
	% no grupo	16,2%	11,1%	14,2%
	% do total	9,7%	4,4%	14,2%
F -	Frequência	17	14	31
	% DET	54,8%	45,2%	100,0%
	% no grupo	25,0%	31,1%	27,4%
	% do total	15,0%	12,4%	27,4%
Total	Frequência	68	45	113
	% DET	60,2%	39,8%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	60,2%	39,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	,864(a)	2	,649
Likelihood Ratio	,875	2	,646
Linear-by-Linear Association	,180	1	,671
N of Valid Cases	113		

a 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 6,37.

Conteúdos**Quadro I38 - Grupo vs conteúdos Cartão X**

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	50	33	83
	% CONT	60,2%	39,8%	100,0%
	% no grupo	55,6%	54,1%	55,0%
	% do total	33,1%	21,9%	55,0%
Luz	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Alimento	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Bot	Frequência	11	4	15
	% CONT	73,3%	26,7%	100,0%
	% no grupo	12,2%	6,6%	9,9%
	% do total	7,3%	2,6%	9,9%
Geo	Frequência	2	0	2
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	2,2%	,0%	1,3%
	% do total	1,3%	,0%	1,3%
Nat	Frequência	3	1	4
	% CONT	75,0%	25,0%	100,0%
	% no grupo	3,3%	1,6%	2,6%
	% do total	2,0%	,7%	2,6%
Elemento	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Fogo	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
H	Frequência	0	4	4
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	6,6%	2,6%
	% do total	,0%	2,6%	2,6%

(continua)

Quadro I38 (continuação) - Grupo vs conteúdos Cartão X

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Cena	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Festa	Frequência	0	1	1
	% CONT	,0%	100,0%	100,0%
	% no grupo	,0%	1,6%	,7%
	% do total	,0%	,7%	,7%
Anat	Frequência	5	8	13
	% CONT	38,5%	61,5%	100,0%
	% no grupo	5,6%	13,1%	8,6%
	% do total	3,3%	5,3%	8,6%
Obj	Frequência	1	3	4
	% CONT	25,0%	75,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	4,9%	2,6%
	% do total	,7%	2,0%	2,6%
(H)	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Arq	Frequência	2	0	2
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	2,2%	,0%	1,3%
	% do total	1,3%	,0%	1,3%
Hd	Frequência	4	0	4
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	4,4%	,0%	2,6%
	% do total	2,6%	,0%	2,6%
Sexual	Frequência	1	1	2
	% CONT	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	1,6%	1,3%
	% do total	,7%	,7%	1,3%
(A)	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Arte	Frequência	2	2	4
	% CONT	50,0%	50,0%	100,0%
	% no grupo	2,2%	3,3%	2,6%
	% do total	1,3%	1,3%	2,6%
Parque de diversões	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%

(continua)

Quadro I38 (continuação) - Grupo vs modos de apreensão cartão X

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Paisagem marítima	Frequência	1	2	3
	% CONT	33,3%	66,7%	100,0%
	% no grupo	1,1%	3,3%	2,0%
	% do total	,7%	1,3%	2,0%
Paisagem	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Desenho	Frequência	1	0	1
	% CONT	100,0%	,0%	100,0%
	% no grupo	1,1%	,0%	,7%
	% do total	,7%	,0%	,7%
Total	Frequência	90	61	151
	% CONT	59,6%	40,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	59,6%	40,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	28,247 ^a	23	,207
Likelihood Ratio	36,316	23	,038
Linear-by-Linear Association	,086	1	,770
N of Valid Cases	151		

a. 42 cells (87,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,40.

Quadro I 38 - Grupo vs conteúdos Cartão X

		Grupo 1	Grupo 2	Total
A	Frequência	50	33	83
	% CONT	60,2%	39,8%	100,0%
	% no grupo	82,0%	89,2%	84,7%
	% do total	51,0%	33,7%	84,7%
Bot	Frequência	11	4	15
	% CONT	73,3%	26,7%	100,0%
	% no grupo	18,0%	10,8%	15,3%
	% do total	11,2%	4,1%	15,3%
Total	Frequência	61	37	98
	% CONT	62,2%	37,8%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	62,2%	37,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,927(b)	1	,336		
Continuity Correction(a)	,453	1	,501		
Likelihood Ratio	,966	1	,326		
Fisher's Exact Test				,398	,254
Linear-by-Linear Association	,917	1	,338		
N of Valid Cases	98				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,66.

Banalidades

Quadro I39 - Grupo vs banalidades Cartão X

		Grupo 1	Grupo 2	Total
Ausente	Frequência	68	49	117
	% CONT	58,1%	41,9%	100,0%
	% no grupo	75,6%	80,3%	77,5%
	% do total	45,0%	32,5%	77,5%
Presente	Frequência	22	12	34
	% CONT	64,7%	35,3%	100,0%
	% no grupo	24,4%	19,7%	22,5%
	% do total	14,6%	7,9%	22,5%
Total	Frequência	90	61	151
	% CONT	59,6%	40,4%	100,0%
	% no grupo	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	59,6%	40,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,475(b)	1	,491		
Continuity Correction(a)	,240	1	,624		
Likelihood Ratio	,480	1	,488		
Fisher's Exact Test				,555	,314
Linear-by-Linear Association	,471	1	,492		
N of Valid Cases	151				

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,74.

ANEXO J
ENTREVISTAS CLÍNICAS

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 1

Idade: 48 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico, sempre fui espancada, a minha mãe e os meus irmãos. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Durante toda a infância e juventude fui espancada, pelo meu pai que era alcoólico. Como resultado, desde essa altura tornei-me uma pessoa agressiva para com os outros. Por outro lado sempre tive facilidade em fazer amigos. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha muitos amigos. Comecei a beber cerveja aos 16 anos com os meus amigos. Os meus pais sabiam. (**ADOL10**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano. Deixei de estudar porque casei e tive que ir trabalhar. (**PEC4**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre trabalhei como doméstica. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 19 anos, tenho uma filha com 26 anos e um neto com três anos. O meu marido sempre me maltratou, é muito mau para mim. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sempre me dei com a minha filha. Ajudo-a a cuidar do menino. Ele nunca aceitou que eu bebesse e quando me via embriagada, dava-me tarefas. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos em grupo. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi muito. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umás oito cervejas e licores. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar muito alegre, bem-disposta. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não ser capaz de cuidar dos meus filhos. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Em grupo com os amigos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 2

Idade: 47 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Operária Fabril (**PROF9**)

Local de residência: Castela Branco (**RES5**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Vivi com os meus pais em...e os meus sete irmãos, Sempre nos ajudámos uns aos outros. Desde pequenina sempre gostei mais do meu pai. Quando fazia alguma asneira, a minha era intolerável e dizia-me: “ Tu és má como o teu pai, és feia”. O meu pai metia-se nos copos, mas era meigo. (**RP4**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância feliz, ajudávamos os meus pais na lavoura. (**AGI6**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Trabalhava no campo e convivia na Sociedade Recreativa aos fins-de-semana. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. Os meus pais não tinham possibilidades. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo, depois na cozinha de um hotel e quando casei e engravidei, fiquei em casa. (**PPROF3**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido aos 13 anos. O pai dele já era alcoólico. Casei com 17 anos. Pedi aos meus pais para casar e eles não deixaram, então eu engravidei de propósito. A minha mãe como era muito católica, até quis que eu fizesse um aborto. Dava-me bem com ele até ir para a tropa. Mas na tropa aprendeu a ir às meninas e a partir daí fiquei com um princípio de uma depressão (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Dou-me bem. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos dez anos já bebia com os outros no campo e à mesa com os meus pais. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há um ano atrás, comecei a beber até cair para o lado. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficava mais alegre. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitas vezes era a minha mãe que tinha que tomar conta dos meus filhos e eu tinha vergonha. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Porque me senti rejeitada por ele. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 3

Idade: 48 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Licenciada em Medicina Veterinária (**ESC7**)

Profissão: Médica Veterinária (**PROF2**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A minha infância foi muito feliz. Tenho uma boa relação com os pais e com o meu irmão.

A família sempre me apoiou muito. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância feliz. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A minha adolescência correu bem. Tinha um bom relacionamento com os colegas da escola e ainda hoje tenho amigos dessa altura. Nunca consumi álcool ou drogas. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tirei a Licenciatura em Medicina Veterinária. Sempre fui boa aluna. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a exercer Veterinária quando acabei o curso, mas deixei de trabalhar com o nascimento do segundo filho. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Vivo numa relação de facto há 22 anos. É razoável. O meu marido reagiu mal ao alcoolismo e expulsou-me de casa. Actualmente vivo em casa dos meus pais. Esta relação começou quando eu tinha 19 anos. Na altura o meu marido era casado e quando ele tentou afastar-se e tentei matar-me, atirei-me de uma janela do 3º andar. O meu marido deixou a mulher seis anos depois e começamos a viver juntos. Nunca me ajudou na casa ou com os

filhos. Chegava a casa muito cansada e bebia para trabalhar. Deixa de trabalhar e fica em casa, quando nasce o segundo filho. (CONJ2)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sim, eles afastaram-se quando se aperceberam do meu problema de álcool.

(MATE4)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 33 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de vodka por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aguentar os problemas. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Conflitos com a família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com o meu pai. (CIRC10)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 4

Idade: 44 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Administrativa e Comercial (**PROF5**)

Local de residência: Estoril (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci em Moçambique. Sempre tive uma família unida. Dávamo-nos bem. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Bem. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Vim para Portugal em 1975 com o meu irmão para casa de uma tia. Adaptei-me bem.

Comecei a namorar aos 15 anos. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz o 1º ano de Jornalismo, mas desisti porque engravidei. (**PEC3**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 21 anos numa empresa de produtos alimentares e em 1996, entrei para a empresa onde estou hoje. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 35 anos comecei a consumir álcool em excesso, por causa da doença do meu filho mas não o culpo por isso. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

O meu filho é tudo para mim. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

De há 10 anos para cá tem sido pior. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Cerca de dois litros de vinho ou cerveja desde a hora do almoço até à noite. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Não pensar no futuro do meu filho. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Problemas com a minha família, em vez de ajudarem toda a gente se afastou. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A doença do meu filho, sem dúvida. (CIRC7)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 5

Idade: 53 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Licenciada em Engenharia (**ESC2**)

Profissão: Engenheira (**PROF7**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Somos oito irmãos e todos estudámos. Aos sete meses, o meu pai foi para Angola. Dava-me bem com a minha mãe. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

A minha tinha grandes dificuldades para orientar a casa. Quis dar aos meus filhos, aquilo a que não tive acesso. O meu pai veio muito estranho de Angola (**AGI 2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Conheci o meu marido na Faculdade. Comecei a trabalhar para pagar os estudos. (**ADOL5**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tirei Engenharia e trabalho na área. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Engenheira na...trabalho desde que tirei o curso. (**PPROF4**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido passava o tempo a trabalhar. Em casa e no escritório e eu ganhei o gosto pelo álcool. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa também já tiraram o curso e trabalham. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos com os colegas da Faculdade. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há cinco anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de whisky por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Fico efusiva, alegre e bem-disposta. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A relação com o meu marido piorou e os meus filhos não me perdoam. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os conflitos com o meu marido. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 6

Idade: 45 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai nunca me bateu, a minha mãe sim, quando podia, era logo...O meu pai não gostava que a minha mãe me batesse. Todos trabalhávamos no campo. A Professora ficava admirada como é que eu conseguia trabalhar tanto. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Dava-me bem com os amigos e tinha uma prima que era a minha melhor amiga. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

O meu pai morreu quando eu tinha onze anos e eu vim servir para casa de uma senhora até aos 22 anos. Bebia um copo de vinho às refeições com os outros empregados. Casei aos 22 e passei a ficar em casa porque fiquei grávida. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe e fui trabalhar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Servi numa casa e depois não trabalhei mais. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 22 anos e aí comecei a beber mais quando descobri que o meu marido tinha amantes. Tinha dinheiro para amantes e não tinha dinheiro para a família. Estive casada 22 anos e divorciei-me. O meu marido batia-me muito por eu beber. (**CONJ3**).

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, são muito respeitadores. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 15 anos saía com amigos e amigas e começámos a beber muitas cervejas. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 16 anos sempre bebi muitas cervejas. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai morreu com uma cirrose. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meio garrafão de vinho por dia. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Dormir todo o dia. Ultimamente estava na cama todo o dia. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os problemas com a família, os meus filhos escondem-me as garrafas para eu não beber. É uma vergonha. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 7

Idade: 65 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de limpezas (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais davam-se muito mal porque o meu pai era alcoólico, gastava o dinheiro todo em bebida. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

A pancadaria que o meu pai dava à minha mãe, era uma miséria. (**AGI**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Casei aos 18 anos, fiz-me mulher depressa. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz a quarta classe e deixei de estudar, não havia dinheiro. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a ajudar a minha mãe a cuidar dos meus irmãos aos dez anos. (**PPROF1**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido é alcoólico, quero ver se ele vem fazer o tratamento aqui na clínica. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, sempre consegui tratar deles, apesar de todas as dificuldades que passamos. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Sei lá para aí aos 11 anos, davam-me um copo de vinho à refeição. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde que casei, foi uma desgraça com o alcoolismo do meu marido. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uns dois pacotes de vinho e às vezes bebo aguardente com o meu marido, por causa do frio. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir fazer as coisas lá em casa e aturar as bebedeiras do meu marido. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os problemas com o meu marido (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando fui despedida da empresa..... (CIRC11)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 8

Idade: 21 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 7º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Secretária Administrativa e Comercial (**PROF5**)

Local de residência: Santarém (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci em Angola, a minha mãe era alcoólica e morreu quando eu tinha dois anos. Eu e o meu irmão viemos para Portugal para casa dos meus tios e havia ternura. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Por vezes pediam-me para ir comprar garrafas de vinho para a minha tia. Ela era alcoólica e morreu com uma cirrose. Foi muito triste porque era boa para mim. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos dez anos fui viver com o meu pai e a madrasta para Santarém. O meu pai nunca aceitou ter deixado tudo em Angola e começou a beber. A minha madrasta deixou-o e ficámos os dois. Aos 15 anos comecei a beber e fui viver com uns familiares da minha madrasta. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Reprovei no 8º ano e fui tirar um curso de cabeleireira. Comecei a beber mais com as minhas colegas e fui expulsa do curso por aparecer muitas vezes embriagada na escola. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei num restaurante mas fui despedida por beber as bebidas do restaurante. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tive um companheiro que não aceitava o meu problema do álcool, batia-me e expulsou-me de casa dele. (CONJ8)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 15 anos e sempre bebi. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

De há um ano para cá tem sido pior. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umhas 20 a 30 cervejas por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Fico uma mente mais livre. Todos os dias tenho que estar no ponto, no máximo. O meu pai disse-me que quando eu era bebé, a minha mãe me dava aguardente para não chorar, isso deve ter a ver com o meu alcoolismo. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O meu aspecto, pareço uma velha desdentada, tenho que tratar dos dentes, estão todos podres. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei com o meu grupo de amigos, era muito influenciável. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 9

Idade: 42 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 10º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Empregada de balcão (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

Sempre foi boa, tínhamos carinho. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Sempre gostaram muito de mim, tinha muitos amigos e brincava muito. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 14 anos comecei a frequentar discotecas. Fazia trinta por uma linha... Aos dezoito anos conheci o meu marido (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fui sempre boa aluna. O meu pai teve um acidente quando eu estava no Ciclo Preparatório e ficou inválido. A partir daí tive que deixar de estudar e fui trabalhar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Cá não havia oportunidade e estive emigrada seis anos, mas não aguentei as saudades e vim para Portugal e comecei a trabalhar numa loja de roupa. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).**O que é mais significativo nesta relação?**

Casei aos 25 anos, mas o meu marido não tinha vocação para o casamento e separámo-nos (**CONJ 2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho dois filhos e estão bem. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Por volta dos 18 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 32 anos após o divórcio. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebo à noite, quando fico sozinha, uns copos de whisky, uns copos de gin. Uma garrafa dava para dois dias. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir aguentar a solidão. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Fui perdendo os amigos. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Ter bebido muito. Nunca gostei do sabor do álcool, mas do seu efeito e sinto que desde os 18 anos é um antidepressivo para mim. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 10

Idade: 36 anos

Estado civil: Casada

Escolaridade: 11º ano (**ESC5**)

Profissão: Empregada de Balcão (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era normal, mas o meu pai teve uma depressão grave, e passou a embriagar-se todos os dias, a passou a agredir a minha mãe. A partir daí ficámos desequilibradas. (**RP3**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância marcada pela violência do meu pai. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi uma adolescência normal, comecei a consumir sem excessos. (**ADOL3**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar porque quis ir trabalhar. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Empregada de Balcão desde os 26 anos. Quando os contratos terminam demoram muito a renovar eu bebo mais. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Dávamo-nos bem até eu ter engravidado. A partir daí o meu marido começou a vir para casa embriagado e começaram os conflitos conjugais e as agressões físicas e verbais (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, sou eu que tomo conta deles. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 12 anos com os meus pais. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 30 anos, fui despedida porque fiquei grávida e comecei a beber tudo o que apanhava à mão. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umaz Quinze cervejas por dia e uns quatro copos de whisky. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajuda-me a aguentar o desgosto de ter sido despedida e é muito difícil suportar as despesas. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Tenho medo de ficar pior e de não conseguir cuidar dos meus filhos. Os Médicos disseram-me que se não parar de beber, posso morrer. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi ter sido despedida quando estava grávida de três meses. (CIRC6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 11

Idade: 47 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 10º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Empregada de Hotelaria (**PROF6**)

Local de residência: Amadora (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Éramos uma família harmoniosa, mas o meu pai deixou a minha mãe. Sempre senti muito a falta dele. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Lembro-me de no Verão ir à praia com o meu pai. Brincava muito com os meus primos. (**AGI8**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a beber aos 17 anos. Os outros iam e eu também ia. Apanhávamos bebedeiras em grupo. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Reprovei no 8º ano e fui tirar um curso de cabeleireira. Comecei a beber mais com as minhas colegas e fui expulsa do curso por aparecer muitas vezes embriagada na escola. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou empregada de quartos num hotel. É muito cansativo. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Não casei por opção. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 17 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Não sei...talvez desde os 18. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um 10 cervejas por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar alegre e divertirmo-nos (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Perdi os meus amigos, ficaram os que bebem como eu. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os meus amigos é que me levaram para esta vida. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 12

Idade: 41 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Porteira (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e muito agressivo. A minha mãe ora nos protegia ou nos criticava.

(**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Não foi uma boa infância. Era um ambiente muito ansioso e receoso. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 16 anos casei-me com o meu marido para sair de casa. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano e fui trabalhar como porteira, para ajudar nas despesas. (**PEC4**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou porteira desde os 17 anos. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Com a morte da minha filha passei a beber. Descobri que o álcool alivia a depressão. Há um ano mudamos de casa e eu fiquei sem emprego, o consumo aumentou, não tenho nada para fazer. O meu marido passou a bater-me quando estou embriagada. Coitado ele não tem culpa, não sabe que isto é uma doença. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

A minha filha morreu com um problema de coração. Quando nasceu a segunda, passei a entrar em pânico quando estava doente, ainda hoje sou assim. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há um ano com a mudança de casa. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umhas oito cervejas por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajudar a passar o tempo e para conseguir fazer as coisas. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os problemas com o meu marido (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A vergonha que tenho do meu marido me bater, e os vizinhos saberem e ouvirem eu gritar, muitas vezes eram os meus filhos que iam pedir ajuda. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 13

Idade: 32 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 3ª classe (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

Os meus pais separaram-se e fui criada pela minha irmã mais velha. O meu pai estava muito ocupado e a minha mãe não queria tomar conta dos filhos. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância muito difícil. Coitada da minha irmã ficou com uma casa cheia de gente. (**AGI8**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha poucos amigos. Em Angola convivia pouco, as pessoas pensavam de maneira diferente. Vim para Portugal aos 18 anos. Comecei a namorar e aconteceu uma desgraça na minha vida. Tinha um namorado que morreu de acidente de mota e com o desgosto passei a beber com o nosso grupo de amigos. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Aos 22 anos Fui trabalhar para a copa de um hotel. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).

O que é mais significativo nesta relação?

Sou solteira, nunca esqueci o meu namorado. (**CONJ 8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Nunca mais consegui parar, a única forma de esquecer era beber. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Aguardente e whisky, até cair. Uma semana antes do internamento entrei em coma com uma garrafa de whisky e comprimidos. Só queria morrer. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

O alívio da tristeza, sem dúvida! (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Estou cada vez pior, sinto-me mal. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A morte do... E a solidão. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 14

Idade: 46 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Administrativa e Comercial (**PROF5**)

Local de residência: Cacém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tive uma infância agradável na companhia da minha família. Tenho filmes dessa altura, o meu pai nesta altura era amoroso connosco. O meu pai era 18 anos mais velho que a minha mãe, era mais um avô do que um pai. Com a minha mãe, a relação sempre foi mais próxima (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Era muito mimada por todos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adolescência também foi uma fase positiva. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 12º ano, tive de deixar de estudar porque o meu pai morreu e a minha mãe era doméstica, não aguentava as despesas. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre trabalhei como Secretária em Empresas. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 20 anos e nasceu o meu primeiro filho. Esta relação termina porque éramos muito imaturos. Um ano depois casei novamente e mais tarde descobri que o meu marido tinha um relacionamento com a minha irmã. Ainda hoje não me esqueci dessa situação. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Fiquei com eles. São educados, não dão problemas. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Nunca gostei de álcool. Detesto o cheiro das bebidas alcoólicas! Comecei a beber há dois anos após o divórcio. Não gostava do sabor mas do efeito que provocava. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 44 anos quando saí de casa. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meia garrafa de whisky ou de vinho por dia. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Uma fuga da realidade, abafar sentimentos negativos, uma compensação das tristezas. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Retirou-me a capacidade de trabalhar. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O divórcio, e as circunstâncias em que foi, uma dupla traição da minha irmã e do meu marido. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 15

Idade: 40 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Proprietária de um comércio (**PROF1**)

Local de residência: Cacém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tive uma boa infância. Tenho dois irmãos. Sempre tive uma boa relação com o meu pai e não aceito a morte dele. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, mas o que mais marcou foi a morte do meu pai. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

O meu pai emigrou e quando regressou tinha um defeito físico e eu sentia-me desesperada e foi nessa altura que comecei a beber com os meus amigos. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei desde os 14 anos como auxiliar numa escola e hoje tenho um comércio. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido é bipolar, sempre houve muitos conflitos. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Os meus filhos não aceitam que eu beba. Há muitos conflitos. Sempre lhes dei do bom e do melhor. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 16 anos (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi muito. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma a duas garrafas de vodka por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar pedrada, eufórica e esquecer tudo. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O afastamento dos meus filhos. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O grupo de amigos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 16

Idade: 44 anos

Estado civil: Casada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC**)

Profissão: Tradutora (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

É boa. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Uma infância muito feliz Tenho dois irmãos e o mais velho criava alguns conflitos.

(**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Trabalhava no campo. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Sempre fui uma adolescente um pouco problemática. Fui muito namorada. Chumbei no quinto ano. Bebia uma cerveja por graça. As saídas à noite eram muito restritas. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Tradutora na..... (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tive dois casamentos. Tenho uma filha do primeiro e no segundo houve maus tratos. O meu marido também bebe e por isso deixei-o. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sempre cuidei deles e tento dar-lhes tudo na medida do possível. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos em grupo. (IPC5)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 49 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um garrafa de whisky por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Primeiro era aguentar o dia a dia, agora para o fim era a tristeza. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os conflitos com o meu marido, ele tem vergonha de mim (CONS)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos do meu marido. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 17

Idade: 34 anos

Estado civil: Separada (**EC3**)

Escolaridade: 8º ano (**ESC4**)

Profissão: Auxiliar de Acção Médica (**PROF9**)

Local de residência: Costa da Caparica (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Somos três irmãos. Fui sempre criada pela minha mãe, e tenho uma boa relação com ela. Nunca me dei bem com os meus irmãos. Era boa. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa. Quando me afastava da minha mãe ficava com febre e dores de barriga. O meu pai morreu quando eu tinha 11 anos. Ele era alcoólico e gastava o dinheiro todo no vinho. Vivíamos com muitas dificuldades financeiras. O que mais me marcou foi que o meu pai abusou de mim várias vezes. (**AGI7**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 17 anos conheci o meu primeiro companheiro, e tive um filho que tem sete anos. Esta relação durou 12 anos Nesta altura bebíamos muito. Esta relação terminou quando nasceu o meu filho. Tenho uma boa relação com os meus sogros. O que mais me marcou foi a morte do meu pai. (**ADOL5**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar no 8º ano para ir trabalhar. Sabe, éramos muito pobres (**PEC1**).

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 12 anos em várias actividades. Hoje sou Auxiliar de Acção Médica. (PPROF2)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

É instável porque ele tem amantes. (CONJ4)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Sou eu que trato deles. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Com 15 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 30 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Sim o meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia umas 10 cervejas por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Força para conseguir tratar dos meus filhos, da lida da casa e ir trabalhar todos os dias. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Tenho medo que me tirem os meus filhos (referenciada na CPJ por negligência) (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Ter descoberto que o meu marido tem amantes. Aí comecei a embebedar-me todos os dias.

(CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 18

Idade: 51 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 11º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Contabilista (**PROF5**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Foi boa, havia um bom ambiente familiar. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Sem dificuldades, tenho dois irmãos e todos estudamos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Normal tinha amigos e dedicava-me aos estudos. Era muito responsável. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tirei o curso de contabilidade e fui trabalhar. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho desde os 21 anos em empresas e por conta própria. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 26 e nunca me dei bem com o meu marido. Temos feitios opostos. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Neste ambiente nunca quis ter filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 na Faculdade. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há um ano, quando os conflitos com o meu marido se agravaram. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não, só se for algum antepassado, mas que eu saiba não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um ou dois whisky misturados com os medicamentos que a Médica me passou. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir aguentar as horas de trabalho e as actividades domésticas. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha família não me perdoa. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As crises com o meu marido. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 19

Idade: 29 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: Licenciada em Química (**ESC2**)

Profissão: Técnica de Laboratório (**PROF7**)

Local de residência: (**RES**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Cresci com os meus pais e com o meu irmão mais novo dois anos. Sempre fui uma criança depressiva e ansiosa. Até aos nove anos não conseguia dormir sozinha. Sempre fui muito ligada à minha mãe. Ainda hoje tenho muitos pesadelos e dificuldades em dormir. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma infância boa, como a de qualquer outra criança, fui à escola e sempre fui uma boa aluna. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha catorze anos quando os meus se divorciaram. O meu pai começou a beber e tornou-se irracional. Aos dezoito anos tive um namorico e engravidei. A minha mãe obrigou-me a fazer um aborto. Hoje arrependo-me de o ter feito. A partir desse acontecimento passei a apanhar bebedeiras diariamente, consumi heroína e cocaína, mas tive medo e fiquei pelo álcool (**ADOL2**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Licenciei-me em Química. Sempre fui uma boa aluna. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 22 anos num laboratório, mas fui despedida por causa do alcoolismo. Tremo muito das mãos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou solteira. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 15 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos com os amigos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Ceguei a beber uma garrafa de whisky por dia. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Alívio da depressão. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Estou cada vez mais dependente do álcool. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A solidão. Chego a casa do trabalho e não aguento a solidão. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 20

Idade: 46 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 1º ano da Universidade (**ESC7**)

Profissão: Analista de sistemas informáticos (**PROF2**)

Local de residência: Sines (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS

a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais

Cresci no Barreiro até aos 19 anos. Sou a mais velha de três irmãos. Apesar de ser a mais velha, sempre fui a mais protegida pelos meus pais. Toda a gente esperava muito de mim. Era uma menina certinha, era boa em tudo o que fazia. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma boa infância. O meu pai era um autodidacta e queria que eu fosse aquilo que ele não conseguiu ser. A minha mãe é muito boa pessoa mas é fria para o meu pai. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi uma boa adolescência. Eu era muito ansiosa porque queria corresponder com uma boa imagem e ser apreciada pelos outros. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Sempre fui boa aluna. Passei todos os anos antes de casar. Acabei o Secundário com os exames ADOC e terminei os estudos no 1º ano de Geografia. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre trabalhei em informática, mas estou um pouco cansada de informática. (PPROF 4)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Namorei três meses com um rapaz que era uma referência política, e casei com ele aos 19 anos. Deste casamento tive dois filhos, um rapaz que tem 26 anos e uma rapariga que tem 22 anos. Nesta altura tive alguns problemas com os meus pais, passei de menina certinha a menina rebelde. Vivi 10 anos com o meu marido e divorcimo-nos. Não aguentava mais os maus tratos físicos, emocionais e sexuais. Depois do casamento tive alguns relacionamentos, dois dos quais foram sérios. Vivi sete anos com o meu Psiquiatra e seis anos com um homem que conheci nessa altura. Nenhum dos relacionamentos teve continuidade porque eles não queriam compromisso e como eu sou possessiva, não gosto de viver na incerteza. Contudo sou impulsiva, lutadora e dá-me bastante gozo viver sozinha. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Nunca tive a ajuda do pai, nem económica. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Aos 28 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 38 anos. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Um tio materno, penso que era alcoólico. (AF4)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia whisky e cervejas, para aí umas 8 ao longo do dia e ao jantar quase uma garrafa de vinho, mas não era sempre. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Deixar de estar triste. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Sinto que não acompanho os meus filhos e sinto-me culpada (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos físicos, principalmente sexuais. O álcool ajuda a aguentar as brutalidades do meu marido. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 21

Idade: 40 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Operária (**PROF9**)

Local de residência: Torres Novas (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Somos quatro irmãos. Era muito traquina, tenho vários amigos da infância. Os meus pais emigraram para França e eu fui criada pelos meus avós maternos. Tinha muitas saudades deles, só os via no Verão. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Era boa, brincava muito, era uma “Maria rapaz”. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Nessa altura não existiam consumos, tinha muitos amigos. A partir dos 22 anos passei a fazer vida nocturna, tive dois relacionamentos e três filhos. Mas o que mais me marcou foi sempre os meus pais estarem longe. (**ADOL6**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à 4ª classe e fui ajudar os meus avós no campo. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo e depois fui para uma fábrica. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Foi muito angustiante, fui maltratada e os meus filhos, o meu marido batia-nos muito. Divorciei-me e comecei a beber. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, coitadinhos sofreram muito. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 23 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 39 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu avô paterno. (AF4)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um a garrafita de vinho branco, num dia (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para não me sentir triste e não pensar na morte. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não me dou com a minha família, acho que têm vergonha de mim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A porrada que o meu marido nos dava. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 22

Idade: 49 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Curso de Enfermagem (**ESC2**)

Profissão: Enfermeira (**PROF7**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa. Somos três irmãos e temos cada um a sua família, estamos bem. O mau já faleceu, a minha mãe está num lar. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Andei no colégio com os meus irmãos. O meu pai sempre quis o melhor para os filhos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

O meu pai faleceu quando eu tinha quinze anos. A minha mãe tirou-nos do colégio e passei a andar no Liceu...a partir deixei de ser a menina certinha e passei a ser uma rebelde. Comecei a sair, a ir a matines dançantes e experimentei as bebidas alcoólicas e fumava charros. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei na Escola de Enfermagem.... (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 21 anos no Hospital...e depois passei para o Hospital... (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com um homem que não tinha estudos e não percebia certas coisas. Não aceitava que me embriagasse, e passou a agredir-me. Eu saí de casa, deixei tudo e voltei para o pé da minha mãe. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tinha vida para ter filhos com a profissão que tenho. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos quinze anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Talvez na Escola de Enfermagem tivesse aumentado o consumo. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia à noite dois, três copos de whisky. Já aguento muito pouco. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Fugir da tristeza e conseguir dormir, é o meu lexotan. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Estou mal fisicamente e a minha memória está péssima. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O grupo de amigos que arranjei. Uns já morreram até. A maior parte consumia drogas pesadas. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 23

Idade: 65 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 11º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Recepcionista num consultório médico (**PROF4**)

Local de residência: Alverca (**RES**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais quando eram novos não se davam bem. O meu pai era um homem muito bonito e mulherengo. Ele era muito violento para a minha mãe. Em relação às filhas era muito controlador. Eu saí de casa aos 23 anos. (**RP6**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Lembro-me sempre do meu pai a insultar e agredir a minha mãe. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Sempre gostei mais de rapazes do que de raparigas, são mais sãos, tinha muitos amigos e uma ou duas amigas. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar e fui trabalhar para o consultório de um familiar. Queria ser independente. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no consultório até me reformar. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido adorava-me. Até dos filhos tinha ciúmes, porque queria ter toda a atenção para ele. Eu era 19 anos mais nova que ele. Morreu em 1992 com um AVC. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sempre fui muito ligada a ele e custou-me muito que ele saísse de casa, quando casou. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 26 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 55 anos. (TEP2)

**j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?
Se sim, quem?**

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

De manhã não bebo nada. Durante o dia bebo cerca de meia garrafa de whisky. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Não sofrer tanto com a morte do meu marido e da minha mãe. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, tenho muitos problemas. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A morte do meu marido, da minha mãe e de um colega de trabalho, de quem era muito amiga. (CIRC6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 24

Idade: 29 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Empregada de Balcão (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Somos oito irmãos. Vim para Portugal aos dois anos, sentia-me marginalizada por a minha mãe ser negra, mas em casa era feliz e havia bom ambiente. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Durante toda a infância e juventude fui espancada, pelo meu pai que era alcoólico. Eu era marginalizada na escola por ser mulata, os miúdos não brincavam comigo e diziam que eu era filha de uma preta. (**AGI9**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos dezanove anos vim para Lisboa para casa da minha irmã mais velha. Tive um namorado, mas a minha irmã não gostava dele, e ela soube que eu tinha tido relações sexuais com ele e aí começaram os problemas com a família. A minha irmã obrigou-me a casar com ou ele, senão punha-me na rua. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar nessa altura para ir para a hotelaria. (**PEC4**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei em hotéis e aos vinte e dois anos fui para um bar, como empregada de balcão. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 19 anos, mas o meu companheiro deixou-me passados uns meses. Já tinha o que queria.... (CONJ2)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Gostava de ter tido filhos, gosto muito de crianças. Gostava de ficar boa e refazer a minha vida. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 19 anos em grupo e comecei a beber com o meu namorado, até aí não gostava de cerveja. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi depois de ele me ter deixado, voltei para casa da minha irmã e ela culpava-me do que tinha acontecido. Aí já bebia umas dez cervejas. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um a dez cervejas por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar muito alegre. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Gostava de voltar a conquistar a amizade da minha irmã. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias e o meu namorado, ele também é alcoólico. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 25

Idade: 40 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Auxiliar de Educação (**PROF9**)

Local de residência: Portela de Sacavém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A minha infância foi feliz. Tenho um irmão, tinha um bom relacionamento com os meus pais, sem problemas. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Correu tudo bem. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a fumar haxixe e a beber imperiais no Liceu. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 12º ano, não quis ir estudar mais. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho na Função pública. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido também é alcoólico. Deixei-o e os filhos ficaram com o pai. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Vejo-os de vez em quando.... (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 17 anos e sempre bebi. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 25 anos tive uma queixa na escola, dos pais das crianças. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umaz dez cervejas ao longo do dia, uma garrafa de vinho ao jantar. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Andava sempre bem-disposta. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O pior foi ter sido despedida, a partir daí foi a minha desgraça. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O meu grupo de amigos e de colegas no trabalho. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 26

Idade: 40 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 3º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Abrantes (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Sou filha de pais alcoólicos. Os meus pais mandavam-me ir comprar aguardente e vinho e embebedavam-se todos os dias. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Sempre foi muito sozinha. Ninguém queria brincar comigo, porque os meus pais eram alcoólicos. A minha mocidade foi tristeza e porrada. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Trabalhava no campo e ajudava em casa. Às vezes ia aos bailes. (**ADOL3**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar para trabalhar no campo. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo até casar. (**PPROF9**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 17 anos. O meu marido dava-me porrada e tive um grande desgosto com a morte da minha filha. E foi quando comecei a beber à maluca, com o desgosto. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, mas o tribunal tirou-mos. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 5 anos com os meus pais. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 32 anos com a morte da minha filha. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai, a minha mãe, os meus avós e os meus tios. (AF1,AF2,AF4, e AF5)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uns três litros de vinho por dia, já não aguento aguardente. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Não pensar e dormir. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, tenho sempre as mãos e as pernas a tremer e esqueço-me de tudo.

(CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A morte da minha filha. (CIRC7)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 27

Idade: 46 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 7º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Secretária (**PROF3**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Não era boa, nunca recebi muito carinho. (**RP6**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Sempre tive a sensação que os meus pais não gostavam de mim. (**AGI8**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos dezoito anos fui para o teatro e comecei a consumir bebidas alcoólicas. (**ADOL2**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei sempre no teatro. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Solteira. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Comecei a beber aos 18 anos e sempre bebi. (**IPC2**)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os vinte anos, não sei porquê. (**TEP6**)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Que eu saiba não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Agora antes de ser internada, bebia uns dois pacotes de vinho e sabe que eu bebia álcool puro? Comprava no Pingo Doce e misturava com sumo de laranja. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficava muito alegre, dizia muitos disparates e toda a gente se ria, agora para o fim, só queria ficar pedrada e não pensar em nada. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Perdi a minha família e os meus amigos. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foram os amigos dos copos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 28

Idade: 45 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Telefonista (**PROF9**)

Local de residência: Alfarelos (**RES6**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Sempre tivemos dificuldades financeiras, mas éramos uma família muito unida. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância normal, ia á escola, brincava com os outros. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 17 anos comecei a beber com as minhas amigas. Era muito ansiosa e tinha insónias. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Reprovei no 6º ano e deixei a escola. Os meus pais não tinham posses para eu estudar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Fui ama de crianças e depois arranjei este emprego de telefonista. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Demo-nos bem no início, mas depois sempre houve muitas discussões. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Comecei a beber aos 17 anos em grupo. (**IPC2**)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 25 anos piorei...talvez por causa do stress. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma a duas garrafas de whisky por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar eufórica. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A Médica disse que eu já tenho o princípio de uma cirrose. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

No grupo de amigos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 29

Idade: 37 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Ajudante de Formadora (**PROF9**)

Local de residência: Cacém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Existia um bom ambiente familiar. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma boa infância. Tinha muitos amigos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Penso que foi uma adolescência normal. Os meus pais ajudavam-me muito. Comecei a mostrar sinais de cansaço, os meus pais levaram-me a um especialista e disse que eu tinha uma cardiopatia. Os meus pais protegiam-me muito, mas comecei a namorar com 15 anos. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar na 4ª classe porque estava sempre doente. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Em pequena ajudava a minha mãe em casa. Depois passei a ir fazer umas horas a casa de umas senhoras, para ajudar nas despesas. Trabalhei numa fábrica de cortiça, fazia o trabalho de homens. Deixei de trabalhar quando engravidei e fui para casa, tratar da lida da casa. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 22 anos contra a vontade do meu pai. Os primeiros 15 dias foram bons, mas o marido foi para a tropa. A minha sogra fazia queixas ao meu marido e ele começou a bater-me. Decidi vir para o pé dos meus pais e o ambiente melhorou. Engravidei do meu primeiro filho. O meu marido trabalhava nas obras e só vinha para casa à noite e aos 25 ou 26 anos comecei a beber uns copos de vinho à refeição. O meu marido resolveu emigrar e aí perdi o controlo sobre a bebida. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, sempre fui eu que cuidei deles. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 25 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 36 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai às vezes embriagava-se. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um garrafão de vinho por dia. (QAI8)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer os problemas. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não presto para nada, nem sou capaz de ajudar a criar os meus filhos. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi o meu marido ter emigrado. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 30

Idade: 24 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Ajudante de cozinha (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

Vivemos em Angola e com a descolonização, eu e as minhas irmãs viemos para Portugal e fomos criados pelos meus avós. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi um período mais feliz da minha vida, até o meu avô morrer. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 15 anos fui para um colégio interno com as minhas irmãs. Foi a partir daí que comecei a beber com as minhas colegas. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao sexto ano e deixei de estudar. O ambiente no colégio era mau, batiam-nos por tudo e por nada. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 22 anos num centro comercial e passados três anos concorri para ajudante de cozinha na escola....(**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).**O que é mais significativo nesta relação?**

Casei há um ano. O meu marido tem desgosto por eu ser assim e pediu-me para vir tratar-me. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Ainda não temos filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos quinze anos quando fui para o colégio. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Nunca parei, não sei... (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada

Desde que fui despedida, bebo todo o dia. Uns quatro ou cinco pacotes de vinho. (QAI8)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Antes ficava muito alegre, agora só quero dormir. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não sei beber. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A ida para o colégio e a disciplina. Nunca gostei de regras. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 31

Idade: 54 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Curso de Enfermagem (**ESC2**)

Profissão: Enfermeira (**PROF7**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Sempre viajamos muito o pai era Diplomata. Nunca criei raízes, andávamos de país em país. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Aos sete anos já trabalhava no duro, não havia tempo para brincar. Tive uma infância feliz, conheci países lindíssimos, como a Guatemala. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

O divórcio dos meus pais, foi o que mais me marcou nessa altura. Foi um período difícil (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz os estudos em Inglaterra. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou uma apaixonada pelo meu trabalho. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Está casada há 33 anos. Dá-se bem com o marido. (**CONJ5**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho dois filhos que vivem em França. A relação é boa. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Eu nunca gostei de bebidas alcoólicas. A primeira vez que bebi foi aos 53 anos. (IPC6)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há três anos, quando me diagnosticaram um problema neurológico. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia whisky logo de manhã, e depois não parava. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajuda a passar as dores e não aceita a sua doença. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não quero que as minhas filhas me vejam como uma bêbada. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A doença e a reforma antecipada. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 32

Idade: 26 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Auxiliar de Educação (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e batia-nos muito. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Deixei a escola e andava na rua. Umhas freiras levaram-me para um colégio. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 15 anos fui para outro colégio, saía aos 24 anos. Comecei a ter más companhias no meu bairro. (**ADOL6**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano. Nunca gostei do colégio e das freiras. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Gosto de tomar conta de crianças. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tive namorados, mas nunca quis casar. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 24 anos, comecei a beber cerveja e vinho. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há dois anos com a morte da minha mãe. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia ao longo do dia, mas mais à noite, ao todo umas 10 cervejas e meia garrafa de vinho ao jantar. (QA2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Fico mais alegre e falo mais. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não consigo parar, não sei beber como as outras pessoas (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando fui despedida, foi pior, a partir daí passei a beber ao longo do dia. (CIRC11)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 33

Idade: 46 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Operária Fabril (**PROF9**)

Local de residência: Sacavém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Somos 9 irmãos. Sou a oitava e dou-me melhor com o meu pai. A minha mãe não gostava de mim. Bateu-me até eu casar. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma infância infeliz. A minha mãe gostava mais da minha irmã e tratava-me mal. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

O meu pai morreu quando eu tinha 16 anos e a minha mãe, quando eu tinha 24 anos. O meu pai era louro como eu, era lindo. Engravidei aos 17 anos para casar e sair de casa. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei na agricultura desde a infância e cuidava da casa. Comecei a trabalhar na fábrica aos 19 anos. (**PPROF1**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Engravidei quando tinha 17 anos. Tenho dois filhos. O meu marido está pouco em casa. (**CONJ1**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Eles têm uma vida melhor que a minha. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos já bebia uns canecos. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos e nunca mais parei. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de vinho a cada refeição. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir aguentar com tudo, o emprego e os filhos. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Problemas com a família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com os meus pais no campo como os outros. (CIRC10)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 34

Idade: 56 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4ª classe (**ESC2**)

Profissão: Empregada de restauração (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Éramos catorze irmãos. Vivíamos com muitas dificuldades (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Todos tínhamos que ajudar, senão não havia comida. Trabalhávamos no campo e depois fui para uma fábrica de tapetes. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Trabalhava e aos fins-de-semana íamos aos bailaricos...sabe como é nas aldeias era assim... Aos 16 anos comecei a namorar e engravidei. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe e fui trabalhar para uma fábrica de tapetes, aos 10 anos. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 14 anos na fábrica... e depois fui para um restaurante ajudar na cozinha. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 18 anos. O meu marido nunca gostou que eu bebesse e batia-me. Ele também bebe mas não gosta de ter uma mulher bêbada. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho três filhos e o Juiz tirou-mos. (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos, já começávamos ao almoço e quando saíamos era todos os dias assim.

(IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi muito. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai bebia muito. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umás duas garrafas de vinho por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar muito alegre. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Nunca me dei com a minha família por causa do álcool. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 35

Idade: 47 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 3º ano da Faculdade (**ESC7**)

Profissão: Técnica Administrativa (**PROF5**)

Local de residência: Amadora (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Fui filha de mãe incógnita. Tinha um irmão mais velho com três anos que morreu. O meu pai voltou a casar com outra mulher, mas sempre me dei melhor com o meu pai. Vivíamos acima da média. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa. Andei em bons colégios e tinha muitas amigas. (**AGI 1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 19 anos casei e a minha vida mudou totalmente. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei os estudos quando casei, para o meu marido acabar o curso. Separámo-nos depois do segundo filho. (**PEC3**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Tenho um trabalho estável há 16 anos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Voltei novamente a casar mas divorciei-me. Tenho dois filhos de cada casamento e ficaram comigo. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Fui eu que fiquei com deles. Os homens não quiserem saber. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos em grupo. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia umas quatro ou cinco cervejas e ficava embriagada. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir tratar de tudo, o emprego, os filhos, a casa. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Ter sido despedida. Tive várias oportunidades e não aproveitei. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre gostei de beber, mas as separações e a vida...é tudo muito difícil. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 36

Idade: 42 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de bar (**PROF9**)

Local de residência: Queluz (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais não tinham tempo para os filhos, comecei a estar mais tempo em cafés, bares e discotecas. Eles deixavam-me fazer tudo. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Fui para a Escola...e queria seguir artes. Era óptima, toda a gente achava que eu era muito boa, muito criativa. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Ligado às artes fui para um grupo de dança e aí toda a gente bebia muito e consumia drogas. Em pouco tempo tinha experimentado cervejas, vodka, tudo. Como não havia cá muitas oportunidades fui para Inglaterra. Toda a gente bebia muito, aí passei a consumir muito mais. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano e desisti porque queria trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Por causa dos problemas do álcool vim para Portugal para uma clínica. Um fotógrafo meu amigo disse que tinha um emprego para mim relacionado com a dança. Comecei a trabalhar num bar, onde fazia a dança do verão. Umhas vezes tinha trabalho e outras não. Por causa do álcool fui ficando mais magra e fui despedida. O patrão queria que eu fosse para o alterne mas não aceitei. E estou desempregada há três anos. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou solteira. (CONJ8)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 12 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi logo aos 12 anos. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não, que eu saiba não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

A minha preferida é o gin. Bebia uma garrafa por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Desinibir-me e ficar eufórica, como se estivesse sempre feliz. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha família afastou-se, nunca mais souberam de mim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Com o meu grupo de amigos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 37

Idade: 49 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Administrativa (**PROF4**)

Local de residência: Almada (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

A minha mãe descurou muito a educação dos filhos. Quem cuidou de nós foi uma tia. Não gosto do meu pai. É obsessivo e bipolar. Dou-me melhor com a minha mãe mas não é uma relação muito forte. Se a minha mãe estivesse casada com outro homem era bem melhor. O meu pai batia-me muito e a minha mãe não me defendia. (**RP6**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Nunca tive a oportunidade de criar amigos porque o meu pai viajava muito. Tinha duas migas que ficaram do colégio de freiras que deixei de ver. (**AGI3**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos dezoito anos comecei a frequentar discotecas e foi aqui que o consumo aumentou. Era uma vergonha, tornava-me rude agressiva, batia nas pessoas, gritava, parecia uma louca. Ainda hoje grito muito com os meus pais. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei em colégios de freiras até ao 12º ano (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 18 anos na Empresa...como Secretária mas despedi-me quando tive os gémeos. O meu marido ganha bem. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).

O que é mais significativo nesta relação?

Casamos por interesse porque ambos queríamos sair de casa. Nunca gostamos muito um do outro, mas eu gostava mais dele do que ele de mim. O meu marido é Advogado e é alcoólico. Ele só pensava em trabalhar, não me ligava nenhuma e eu arranjei um amante. Quando o meu marido descobriu, expulsou-me de casa e ficou com o meu filho. Regressei a casa dos meus pais e aí não tinha nada para fazer, só bebia e dormia. (CONJ1)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Trato dos gémeos. O mais velho tem dezanove anos e tem a mania das limpezas, vive com o pai. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos dezasseis anos em casa do meu avô comecei a beber anis com uma prima. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 21 anos, após o divórcio. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umhas trinta imperiais por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas

Ficar extrovertida, eufórica. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A ameaça do tribunal me tirar os gémeos após o acidente que tive com eles no carro e ia embriagada. (CONS5)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando comecei a beber em discotecas e o pior foi ter sido expulsa de casa. Tenho a certeza que o meu marido tinha uma amante. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 38

Idade: 43 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Artes Gráficas (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tive uma infância difícil, o meu pai sempre bateu na minha mãe. A minha mãe punha-se à frente dele para não nos bater. (**RP3**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Havia muita violência. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 14 bebia muito álcool e experimentei muitas drogas, mas não gostava do efeito. Aos 16 anos fugi de casa e fui viver com um rapaz. Dessa relação tenho quatro filhos. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Completei o 12º ano e entrei em Psicologia, mas como engravidei, desisti. (**PEC3**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei num bingo e agora numa oficina de artes gráficas. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro) O que é mais significativo nesta relação?

Tive um companheiro mas fugi porque ele batia-me por eu estar bêbada. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sempre tratei deles, tenho a ajuda das minhas vizinhas. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 14 anos e sempre bebi. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Não sei.....sempre bebi muito. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Sim o meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia umas duas garrafas de vinho, e à noite cheguei a beber uma garrafa de gin. (QAI9)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar muito alegre e pedrada, dormia que nem uma pedra. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Foi depois de ser despedida. (CONS)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aprendi a beber com os meus amigos. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 39

Idade: 50 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 4ª classe (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Rio de Mouro (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai e o meu avô materno eram alcoólicos. Eu tinha um bom relacionamento com os meus pais, Quando o meu pai estava embriagado discutia com a minha mãe e era agressivo para ela. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O ambiente em casa era perturbado pelo meu pai. Em Chaves todas as pessoas bebem muito... (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a trabalhar aos 11 anos. A minha mãe ficou viúva aos 30 anos e tinha que a ajudar. O meu pai faleceu com 30 anos. (**ADOL10**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tive que deixar os estudos para ajudar a minha mãe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Aos 15 anos comecei a trabalhar em casa de senhoras, a dias. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 21 anos e dava-me bem com o meu marido. Tenho uma menina com 28 anos casada. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho uma filha e sempre a ajudei. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber quando a minha patroa me mandou embora, com o desgosto bebia um litro de vinho por dia. Depois passei a beber mais quando o meu marido morreu. (IPC5)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 32 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Sim o meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de vinho por dia (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Sentia-me bem com o álcool, Queria dormir e depois ficava bem. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não sei.

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Ter sido despedida e a morte do meu marido. (CIRC11)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 40

Idade: 39 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: (**PROF9**)

Local de residência: Castelo Branco (**RES5**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS

a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais

Nasci em...,o ambiente sempre foi um pouco conturbado, em grande parte devido ao alcoolismo do pai. Estava sempre a gritar com a mãe e com os filhos. A filha dos meus padrinhos morreu e eu fui para casa deles, para não se sentirem tão mal. Nunca me faltava nada, mesmo amor e carinho. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, tinha tudo de bom. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

No colégio, comecei-me a baldar às aulas e tiraram-me da escola e fui trabalhar para o consultório de médicos. (**ADOL6**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Tirei um curso de Prestação de cuidados a idosos e fui trabalhar para um lar. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 23 anos casei com um rapaz da aldeia. Logo nos primeiros tempos começaram os problemas, porque o meu marido bebia muito, e havia muitas discussões e batia-me. Foi nesse ano que comecei a beber. Até essa data, só tinha experimentado champanhe, aos 21 anos em casa de uma amiga. O meu marido metia-se com outras mulheres, e passava semanas que não dormia em casa. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tive dois filhos mas a Assistência Social tirou-mos. Eu não lhes dava um bom ambiente.

(MATE3)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 21 anos em casa da minha amiga. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 23 anos depois do casamento. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um garrafão de vinho por dia. (QAI8)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para ter força. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Terem-me tirado os filhos. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos e o facto de o meu marido ter outras mulheres. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 41

Idade: 45 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano (**ESC2**)

Profissão: Ajudante de cabeleireiro (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

O meu pai era alcoólico e sempre foi muito ausente. Morreu com 52 anos, com uma doença de coração. Tenho cinco irmãos e só eu é que bebo. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Vivemos sempre com muitas dificuldades, éramos muito pobres. Tive um desenvolvimento normal. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tive um desenvolvimento normal. Casei com 16 anos com o primeiro marido, de quem tive um filho. Era muito ciumento. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar na 4ª classe e fui trabalhar, para ajudar a minha mãe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhava no campo e aos 16 anos fui aprender a profissão de ajudante de cabeleireiro, mas estou desempregada. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Divorcei-me do primeiro marido e juntei-me com um Polícia de quem tive os outros dois filhos. A mais nova tem 9 anos e quando tinha 1 ano, foi-me retirada pela Assistência Social, por causa de eu ser alcoólica e a pudesse deixar cair. O Polícia deixou-me, e depois juntei-me com um homem que ainda bebia mais do que eu. Comecei a beber sem parar, quando me tiraram a minha filha. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Gosto muito deles, mas não consigo tomar conta deles, estou sempre bêbada. (MATE3)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aí aos 10 anos, ia para o campo e bebia como os outros. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 29 anos. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Aí dois litros e meio de vinho por dia. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes que as bebidas lhe causavam?

Aliviar a tristeza. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas na sua vida?

O pior foi ter sido despedida por causa do alcoolismo. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A tarefa que levei do meu marido. (CONS6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 42

Idade: 47 anos

Estado civil: Divorciada (**ESC3**)

Escolaridade: Licenciatura em Germânicas (**ESC7**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF2**)

Local de residência: Vila Franca de Xira (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

Os meus pais responsabilizavam-me por tudo. Eram católicos fanáticos. Fui rejeitada pela minha mãe. Ela engravidou na lua de mel. Queria um rapaz e saiu uma rapariga. Um ano depois engravidou novamente. Eu não tinha a atenção que uma criança tem de uma mãe. (**RP6**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Sempre assumi o papel de rebelde. Contrariava sempre as ordens que me davam. Aos 14 anos comecei a fumar às escondidas, ainda hoje sou assim. Como era a mais velha tinha que tomar conta dos meus irmãos. Andava num colégio de freiras e brincava muito com os outros. (**AGI10**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Sempre foi um ambiente repressivo. A minha irmã engravidou aos 15 anos e o meu pai culpou-me por isso. Tudo era pecado. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Progredi sem problemas, licenciiei-me em Germânicas. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Professora de Inglês. Sempre fui muito autoritária e tenho uma relação stressante com os alunos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 31 anos com um homem que tem uma PMD e era alcoólico. Não aguentei a relação porque ele rejeitava-me e divorciei-me. A minha mãe culpou-me. (CONJ6)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um grande desgosto por não ter filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos na Faculdade. Comecei a beber em excesso quando comecei a dar aulas, com outros colegas. Era muito exuberante em grupo, quando estava com os copos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 48 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu avô paterno. (AF4)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Três litros de cerveja por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer o divórcio, nunca pensei viver isso. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitos problemas com a família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A solidão. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 43

Idade: 40 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (**ESC7**)

Profissão: Professora do ensino Secundário (**PROF2**)

Local de residência: Faro (**RES8**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era canalizador e a minha mãe doméstica. Ambos emigraram para o Canadá.

Fui criada por uma tia paterna. A minha mãe era muito má. (RP7)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tenho uma irmã com 32 anos com quem me dou bem. Tive uma infância normal. Adaptei-me bem no Canadá e depois em Portugal. Era eu que tomava conta da minha irmã, era muito responsável. (AGI10)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adolescência foi boa, mas a minha tia nunca gostava dos meus namorados e não me deixava sair. (ADOL12)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Nunca tive dificuldades, conclui a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas. (PEC2)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Há treze anos que sou Professora. Os problemas surgiram agora porque os pais dos alunos se aperceberam do problema do álcool. (PPROF4)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Vivi dez anos com o meu marido. Tive o meu filho um ano depois de ter casado. O meu marido reagiu muito mal à gravidez, sentia-se rejeitado. Tive uma depressão pós parto. O meu marido tinha ciúmes do bebé, só o quis ver aos três anos. O meu marido queria jornais e futebol. (CONJ1)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Sou a mãe e o pai desde sempre. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 15 anos em grupo. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há seis anos atrás, comecei a beber gin tónico à noite para descontraír. O meu marido via televisão e não me ligava, até que cheguei a uma garrafa de gin por dia. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de gin por dia. Quando vinha da escola bebia a garrafa, não comia e dormia até ao dia seguinte. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer e morrer, dizer não à vida. Queria uma morte lenta, não tinha coragem de me suicidar. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Foram os problemas com os pais dos alunos e neste momento estou suspensa. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sem dúvida a rejeição do meu marido. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 44

Idade: 44 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 11º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Técnica de Restauro (**PROF2**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tenho quatro irmãos. Tive uma infância boa. O relacionamento com o meu pai sempre foi bom e com a minha mãe muito bom. (RP1)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai bebia e ia para o jogo e havia discussões no casal. Tinha duas amigas especiais na escola e ainda hoje nos vemos. (AGI)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Quando tinha 13 anos a mãe entrou para as Testemunhas de Jeová. Aos 16 anos quis deixar de estudar e fui trabalhar como ajudante de cabeleireira. Nessa altura entrei para as Testemunhas de Jeová. Quando saía tinha que ser acompanhada pelos irmãos mais novos. Só se pode namorar com autorização das Testemunhas de Jeová. (ADOL12)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 11º ano de escolaridade. (PEC2)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Aos 19 anos entra para o atelier de restauro de arte. (PPROF4).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido nas Testemunhas de Jeová. Éramos muito amigos, e foram as Testemunhas de Jeová que decidiram que tínhamos que casar, pois andávamos sempre juntos. Só dei o primeiro beijo na boca, depois de casar. Esperava que o casamento me

pudesse dar a liberdade que eu nunca tive. Já podia ir ao cinema e à praia. Quando a minha filha nasceu, o meu marido começou a sair à noite e ia ter com outras mulheres. Ele era um porco! O meu marido engravidou uma rapariga de 17 anos e nesse dia fiz uma tentativa de suicídio com comprimidos e bebi uma garrafa de whisky. Divorciei-me e foi a partir daí que comecei a beber (CONJ4)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa mas a minha filha não aceita o divórcio e culpa-me por isso. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 23 anos. (IPC5)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 34 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu avô paterno. (AF4)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Quatro cervejas por dia no máximo, misturadas com comprimidos. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Sinto-me culpada por ter ido contra os meus princípios e só me apetece morrer, acho que era preferível, ao menos acabava-se tudo. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha família não me perdoa, a minha filha não aceita o divórcio e está sempre a acusar-me. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O facto de ter visto o meu marido agarrado a uma garota de 17 anos e de me ter traído. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 45

Idade: 43 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 2º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Vieira de Leiria (**RES10**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico, batia muito na minha mãe e nos meus irmãos. (**RP4**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi uma infância muito pobre. Com dez anos já tomava conta dos meus irmãos e ajudava a minha mãe na lida da casa. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 14, 15 anos costumava sair com os meus amigos. Ia ao café e aos bailes. Conheci o meu marido num baile aos 17 anos. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Não gostava da Professora, batia-nos muito, só gostava dos meninos ricos. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Em pequena ajudava a minha mãe no campo e em casa. Depois passei a ir fazer umas horas a casa de umas senhoras, para ajudar nas despesas. Trabalhei numa fábrica de cortiça, fazia o trabalho de homens. Deixei de trabalhar quando engravidei e fui para casa, tratar da lida da casa. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 17 anos casei com ele, já estava grávida. Pensei que ia ter uma vida melhor do que a que tinha em casa dos meus pais. De início foi bom. Mas depois o meu marido começou a bater-me a andar com outras mulheres. Uma das vezes partiu-me as costelas. Depois arranhou outra mulher e saiu de casa e o meu filho quis ir com ele. Foi nessa altura que comecei a beber mais com o desgosto. Passados cinco anos ele voltou com uma menina,

filha da outra mulher. Eu não me importei, era tão bonitinha. O meu marido adoeceu com um cancro na língua e sofri bastante. Ele foi muito mau para mim, mas eu tive pena dele. Não fui capaz de ir ao funeral dele, não tive coragem. Sempre fui muito fraca. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa dou-me bem com ele. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos com os meus pais. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 39 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho e quatro cervejas por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Fico mais alegre. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A Assistência Social tirou-me os meus filhos. (CONS5)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando meu marido saiu de casa com o meu filho, foi quando comecei a beber demais e depois aumentei, com a morte dele. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 46

Idade: 28 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 4ª classe (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Setúbal (**RES15**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais.**

O meu pai sempre teve outras mulheres. Um dia chegou a casa com duas mulheres, atou as mãos à minha mãe e obrigou-nos a assistir a ter relações sexuais com elas. Ainda hoje me lembro disso, e tive pesadelos muito tempo com isso. A minha mãe era boa para nós.

(**RP4**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Só coisas más. Ele também nos batia muito. Divorciaram-se e eu quis ficar com a minha mãe, o meu padrasto foi um pai para mim. Fazia tudo o que a minha irmã mais velha fazia. Fiz a quarta classe e fui trabalhar aos 13 anos para um restaurante. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Ia a discotecas, namorava, tinha um grupo de amigos. Aos 16 anos juntei-me com um rapaz que era toxicod dependente. Ele consumia drogas e eu comecei a beber com ele e depois comecei a ficar à noite com os meus colegas do restaurante até tarde e a beber, para não ir para casa. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 13 anos no restaurante. O dono do restaurante tinha um bar e convidou-me para ir para lá trabalhar à noite. Trabalho de dia e noite para ganhar dinheiro para as despesas. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).

O que é mais significativo nesta relação?

Tive aquele companheiro de quem tenho três filhos. Tenho que trabalhar muito para sustentar os meus filhos. Agora acha que alguém quer uma prostituta? (CONJ 3).

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Trato deles e tenho a ajuda minha mãe. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos treze anos já bebia bem. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando passei a viver com o...foi a desgraça da minha vida. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não sei se o meu pai era alcoólico, mas andava sempre bêbado. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umhas 20 cervejas e muito gin, cheguei a beber duas garrafas por dia até cair para o lado. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir aguentar tudo, gostava de ter outra vida...(EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Estou muito doente, estive com o princípio de uma tuberculose. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Não sei, o pior foi o meu pai. (CIRC8)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 47

Idade: 51 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Curso de Enfermagem (**ESC**)

Profissão: Enfermeira (**PROF2**)

Local de residência: À da Gorda (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A relação com os pais sempre foi boa. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma infância feliz. Um ambiente familiar muito agradável. Aos 10 anos morreu a minha irmã e nunca mais me esqueci desse dia. (**AGI**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tive uma adolescência muito feliz e muito harmoniosa com uma família muito unida. O que mais marcou, foi o nascimento do meu filho, alterou muita coisa na minha vida (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Não gostava da Professora, batia-nos muito, só gostava dos meninos ricos. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Enfermeira desde os 24 anos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 17 anos tive o meu filho fruto de uma aventura da juventude. Criei o meu filho com a ajuda dos meus pais. Aos 24 anos conheci o homem com quem estou casada hoje. Temos uma relação estável embora não haja diálogo. Há amizade e respeito. (**CONJ1**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, somos muito unidos. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos com os meus pais. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 50 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meia garrafa de vinho e às vezes um ou dois whisky ao jantar. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aliviar a tristeza e o stress. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os meus pais reagem muito mal a toda esta situação, não aceitam que seja uma doença. O meu pai deixou de fumar e diz que eu também posso deixar de beber. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A solidão. Muitas vezes, estou com o meu marido mas sinto-me só. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 48

Idade: 29 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Ajudante de Cozinha (**PROF9**)

Local de residência: Caldas da Rainha (**RES10**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A minha infância foi um bocadinho complicada. O meu pai metia-se no álcool e batia na minha mãe. A minha mãe fugiu, mas como não tinha condições e entregou-me a uma família, para me criar. O meu irmão ficou com o meu pai. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi

boa. Estudei até à segunda classe e fui trabalhar para a fazenda para ajudar a minha tia (chamava tia à mulher que cuidava dela). (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Passei a adolescência a trabalhar. Com treze anos comecei a trabalhar em cozinhas de restaurantes. Trabalhava os dias todos da semana, sem folgas. Aos quinze arranjei um namorado mais velho e a minha tia não gostava dele e deixou-me de falar, só dois antes da sua morte é que voltou a falar. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tive uma Professora muito má. Batia muito nos meninos. A minha tia tirou-me da escola para ir ajudar na fazenda. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 10 anos no campo e depois em restaurantes. (**PPROF1**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos dezasseis anos conheci o pai da minha filha. Eu engravidei e ele deixou-me. Aos 25 anos, conheci o meu companheiro. Ao princípio foi muito bonito, mas quando tive o meu filho, ele achava que eu dava mais atenção à minha filha do que ao bebé e começou a bater-me. Foi nessa altura que comecei a beber cervejas. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa mas agora o Juiz quer tirá-los. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos com os meus pais. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas

Aos 27 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Catorze ou quinze imperiais. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aguentar o cansaço de ter que trabalhar e a casa. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Ter sido despedida. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Bebia para conseguir desinibir-me e dizer-lhe coisas que eu não tinha coragem, e não sofrer tanto quando ele me batia. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 49

Idade: 40 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciada em Românicas (**ESC7**)

Profissão: Professora do Ensino Preparatório (**PROF2**)

Local de residência: Sintra (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, normal. (**AGI**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha as minhas amigas na escola, mas os pais não me deixavam sair à noite. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Nunca tive problemas. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Professora há 16 anos. Estou efectiva e gosto do que faço. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido é Contabilista. Como trabalha muito, fui eu que fiquei responsável pela casa e pelos filhos. Ele continuou a subir e eu estagnei. Fiquei deprimida e fiz uma tentativa de suicídio com gás que não resultou. (**CONJ5**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, são impecáveis e mereciam outra mãe. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos com os colegas. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 30 anos. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho e quatro cervejas por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Adormecer. Desde nova que tenho insónias agravaram-se com os meus problemas. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Conflitos com a minha família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A solidão, desde pequena sempre tive medo de estar sozinha (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 50

Idade: 44 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 3º ano do curso de Direito (**ESC7**)

Profissão: (**PROF5**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nunca foi boa, havia muitos conflitos entre eles. O meu pai sempre enganou a minha mãe. Passavam a vida a discutir, não tinham tempo para nós. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

A minha mãe era Professora Primária e Directora do Colégio. Batia-me muito à frente dos miúdos (**AGI10**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tive um namorado com 16 anos. Engravidei e a minha mãe obrigou-me a fazer um aborto. Era maltratada por ela, as minhas irmãs eram tratadas de maneira diferente. Depois tive um acidente no comboio e fiquei com os movimentos presos do pescoço. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 3º ano de Direito, desisti e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho como Secretária desde os 24 anos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido aos 26 anos, casamo-nos e mais tarde, descobri que ele era bissexual, a partir daí começou-me a bater e a tratar-me mal. Divorciei-me e fiquei com o meu filho que hoje tem 16 anos. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, fui eu que o criei. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 26 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Sim o meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meia garrafa de whisky e umas 10 cervejas, e às vezes uma garrafa de vinho ao jantar. Só queria morrer...(QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para conseguir aguentar o dia-a-dia. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitos problemas com a minha família (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A vergonha de ter que assumir o divórcio perante a minha família. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 51

Idade: 38 anos

Estado civil: União de facto (**EC1**)

Escolaridade: 7º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Trabalho a dias em casa de pessoas (**PROF5**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tenho quatro irmãos. Vivíamos em....quando aconteceu uma tragédia e tivemos que fugir para Lisboa (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Em Lisboa já foi melhor porque ninguém nos conhecia e não sabiam o que se tinha passado, mas como o meu ficou preso, passámos muitas dificuldades económicas. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adaptação em Lisboa não foi fácil, estávamos habituados à aldeia. Aos 11 anos apercebi-me dos problemas financeiros que os meus pais estavam a passar e por diversas vezes o meu pai tentou suicidar-se. Ele matou a amante e tentou matar-se mas ficou em coma. Acho que ele era boa pessoa, mas era descontrolado. Juntei-me a um grupo de amigos que consumia muito álcool e drogas, só experimentei haxixe, mas depois deixei e passei só a beber. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 7º ano e depois fui trabalhar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho em casa de senhoras. Gostam de mi e dão-me muitas coisas. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Damo-nos bem. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho condições para ter filhos, vivo numa casa muito pequena e não temos posses.

(MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos, no meu grupo de amigos, já bebia muito e todos os dias. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Não sei....(TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Ultimamente bebia umas oito cervejas e ficava KO. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar mais alegre. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha família deixou de acreditar em mim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi com os meus amigos, alguns já morreram com overdoses e mesmo com cirroses.

(CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 52

Idade: 49 anos

Estado civil: Divorciada

Escolaridade: Licenciatura em História (**ESC7**)

Profissão: Professora do ensino Secundário (**PROF2**)

Local de residência: Portalegre (**RES12**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tenho quatro irmãos e até aos 24 anos sempre correu tudo bem. A relação com os meus pais era boa. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai era muito autoritário. Todo o tempo que vivi com os meus pais, sempre fui muito reprimida por eles. Não havia diálogo e as ordens eram dadas sem uma explicação.

Com a minha mãe a relação era boa, era a minha melhor amiga. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi boa, mas também foi muito reprimida. Enquanto as minhas amigas já iam a festas à noite, eu ficava em casa porque o meu pai não me deixava sair. Sempre tive uma educação religiosa. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz todo o percurso académico e tirei a licenciatura em História. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Dei dois anos aulas mas estou desempregada porque não tenho colocação. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 24 anos casei pela primeira vez. Fui virgem para o casamento, não só por causa da educação religiosa que tive, mas por opção própria. O casamento apenas durou dois meses. Perdi a virgindade com o meu marido, mas depois não me tocava. Preferia masturbar-se sozinho em vez de ter relações comigo. Fiquei muito perturbada e pedi o divórcio. Foi

nessa altura que começou a beber, o meu marido era traficante de droga e ainda experimentei três vezes fumar haxixe. Passados quatro anos conheci um Brasileiro por quem me apaixonei. Era muito bom protector, se calhar procurei uma figura paterna. Fui para o Brasil mas aí as coisas não correram bem. Na altura em que quis terminar a relação soube que estava grávida. Apesar de estar grávida, voltei a Portugal e terminei a relação. O pai da criança nunca mais quis saber dele. Nesta altura apenas bebia socialmente. Voltei a casar e no início tudo correu bem. Tive dois filhos com 10 meses de diferença um do outro. Separei-me do meu marido passados 6 anos. Nessa altura as coisas começam a complicar-se, pois continuava desempregada. (CONJ1)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 26 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 44 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Adormecer o mais rapidamente possível. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Cada vez estou menos capaz de tomar conta dos meus filhos e isso faz-me sentir culpada e tenho remorsos. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando começaram os problemas com o meu marido e o segundo divórcio. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 53

Idade: 40 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4ª classe (**ESC2**)

Profissão: Operária Fabril (**PROF9**)

Local de residência: Massamá (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Dávamo-nos bem, sempre foram pessoas que trabalharam muito. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive duas irmãs, mas uma morreu muito nova. Sempre fui muito caseira e trabalhadora. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Ajudava a minha mãe desde pequenina e comecei a trabalhar aos 18 anos na fábrica. Às vezes saía à noite e a minha mãe não gostava. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. Os meus pais não tinham posses. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 18 anos. Trabalhava em casa. É normal naquela fábrica. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido aos 25 anos numa discoteca. Sempre saí para me divertir agora é que já não saio. O meu marido emigrou para França e fiquei sozinha com a minha filha, a partir daí passou a ser muito difícil. (**CONJ5**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho uma filha com 13 anos. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 19 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Talvez aí pelos 20 anos. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Ultimamente bebia umas seis cervejas e ficava embriagada. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Bebia para dormir e descansar. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os problemas com a família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A minha razão de beber é a solidão. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 54

Idade: 67 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 2º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de balcão reformada (**PROF9**)

Local de residência: Algueirão (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci no Norte e tenho mais dois irmãos. Dávamo-nos bem (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Vivíamos com algumas dificuldades económicas. Andei na escola mas desde os dez anos que trabalho. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Sempre trabalhei no campo até aos dezanove anos, altura em que casei. Sempre tive muitos amigos, durante a semana trabalhava e aos Domingos ia ao baile da povoação. Tive uma infância feliz. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz a quarta classe e fui para o campo, para ajudar os meus pais na lavoura. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo até aos 19 anos. (**PPROF1**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 19 anos e o meu marido tinha 32 anos. Tive o primeiro filho aos 20 anos e o segundo aos 25 anos. Nunca trabalhei fora de casa porque o meu marido não deixava. O meu marido faleceu com uma embolia cerebral e três anos depois o meu filho mais velho com a mesma doença. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa dou-me bem com ele. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos com os meus pais. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 60 anos, após a morte do filho aumentei o consumo de vinho, porque a minha nora nunca mais me deixou ver os netos e depois foi a desgraça quando me reformei. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

A minha mãe, sempre bebeu muito. (AF2)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Três garrafas de vinho por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Alívio desta tristeza que eu sinto. (EO)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, a Médica disse que eu tenho uma cirrose. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O pior de tudo foi a reforma e há dois meses quando fracturei a bacia e fiquei aleijada, e passo os dias sozinha. Embebedo-me todos os dias. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 55

Idade: 54 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Tapada das Mercês (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A infância foi boa, uma vida materialmente folgada. Dava-me melhor com a minha mãe. O meu pai era um pai ausente. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, tínhamos criadas para tomar conta de tudo. Sempre fiz tudo o que queria. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adolescência também foi uma fase positiva. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 12º ano e fiz um curso de inglês. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Nunca trabalhei. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 25 anos. Nunca trabalhei. Não precisava e dediquei-me aos filhos. Separamo-nos há oito anos mas éramos amigos. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

São impecáveis. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber há um ano após a morte do meu marido. Tive que ir para uma casa sem jardim e piscina e não aguento viver num apartamento. Experimentei bebidas aos 40 anos.

(IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há um ano foi sempre a piorar. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meia garrafa de whisky por dia. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aliviar o stress. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, nunca tive um aspecto tão mau. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A venda da casa e a morte do meu marido. (CIRC6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 56

Idade: 40 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 11º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Recepcionista (**PROF9**)

Local de residência: Setúbal (**RES15**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O relacionamento com os meus pais era bastante bom. Sempre me dei melhor com o meu pai, para falar de assuntos gerais, como a falar da escola e íntimos com a minha mãe. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Cresci em Moçambique, o clima era bom e sentia-me feliz. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 17 anos tive um namorado, engravidei e casei, com cinco meses de gravidez. Este rapaz era violento e batia-me. Mas os meus pais obrigaram-me a casar. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

O 11º ano ficou incompleto porque casei. (**PEC3**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sou Recepcionista há onze anos nos..... (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O primeiro casamento durou 5 anos. Depois casei com 24 anos e durou sete anos. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tive dois filhos do primeiro casamento e um do segundo. O mais novo foi viver com o pai para o Sul. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos com os meus amigos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 24 anos, depois do segundo divórcio. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu avô materno. (AF5)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um seis, sete cervejas no café à noite. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Adormecer. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Ter sido despedida. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Principalmente depois do segundo divórcio, o meu marido era toxicodependente e batia-me muito. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 57

Idade: 38 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 5º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Empregada de limpezas (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e muito agressivo. Batia à minha mãe aos filhos. A minha mãe é submissa. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi marcada pela violência doméstica. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Muita ansiedade: Tive três namorados. Tenho uma filha de um relacionamento de oito anos. Foi um acidente, quis abortar mas não fui a tempo. Nunca mais vi o pai do meu filho. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano mas desisti e fiquei com o 5º. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Tive vários empregos. Agora faço limpezas em escadas de prédios. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou solteira. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 12 anos. Vive comigo. (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 12 anos. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um três garrafas de vinho ao longo do dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir levar a vida para a frente. (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A família e os amigos foram-se afastando. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com os amigos em bares e cafés. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 58

Idade: 68 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 3º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Entroncamento (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Fui filha única, sempre vivi com os meus pais, nunca saí da terra. Passava o tempo a brincar. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Brincava com as outras crianças, tínhamos muita liberdade. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a trabalhar muito cedo no campo. Nunca me pude divertir muito, pois os tempos eram difíceis. Tinha de trabalhar para ajudar a família. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à terceira classe, depois fui trabalhar para o campo. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo até casar e depois passei a ser doméstica. (**PPROF1**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido com 24 anos e casamos. Não conseguia engravidar e adoptei uma menina. O meu marido andava com outras mulheres. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

A minha filha viveu connosco até casar. Tem uma boa vida. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Para aí aos 28 anos. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um garrafão de vinho. (QAI8)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Não pensar em nada. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

As minhas irmãs deixaram de me falar, têm vergonha de mim (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A vergonha do meu marido andar com outras. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 59

Idade: 39 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de Balcão (**PROF9**)

Local de residência: Sintra (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A relação com o meu pai era perturbada, porque ele bebia. Com a minha mãe era boa. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma infância perturbada, vi muitas vezes o meu pai a bater na minha mãe. Passava temporadas em casa da minha tia. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Dei-me bem. Tinha muitos amigos. Aos 16 anos bebia umas cervejas e comecei a fumar e começaram os namoricos. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei num bar, mas fui despedida porque faltava muito. (**PPROF 4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 26 anos. O meu marido bebia e maltratava-me. Esta relação durou cerca de quatro anos. Depois tive um relacionamento, de que tive um filho, mas este homem nunca quis saber do filho. A partir da terceira relação foi o fim...passei a beber exageradamente, porque o meu marido sempre me bateu. É muito ciumento, não me posso aproximar de um homem. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sinto que sou uma boa mãe, mas quando bebia não tinha paciência. Não tínhamos condições para os ter, mas vieram (MATE4)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 15 anos em bares. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 31 anos. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Bebia whisky, vodka, tudo o que apanhava no bar, até os restos dos copos dos clientes. À vontade bebia para aí pelo menos uma garrafa de gin, é o que mais gosto. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar com a cabeça cheia e não pensar no resto. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Os meus pais deixaram de me ajudar e é muito difícil com a vida que tenho. Porque chegava muito tarde a casa todos os dias. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando o meu marido me começou a bater. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 60

Idade: 54 anos

Estado civil: Divorciada (**EC4**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: (**PROF**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Sempre vivi em casa dos meus pais. Tive uma óptima infância. Os meus pais nunca foram muito afectivos. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi normal, tinha os meus amigos e tive os meus namoricos como qualquer rapariga. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano e fui trabalhar para a Companhia de Seguros... (**PEC4**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 18 anos. Queria ser independente e não tinha paciência para a escola. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 22 anos, estive casada quatro anos mas separamo-nos por causa da política. O meu pai esteve dois anos sem me falar. Aos 26 anos juntei-me com outra pessoa, mas ele foi viver com a nossa criada, tive um grande desgosto. Depois casei com o Filipe, gostava muito de mim. Ele era alcoólico e aprendi a beber com ele. Eu não conhecia as bebidas, eu não sabia o que era o alcoolismo. O Filipe morreu com uma cirrose. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho uma filha que é casada e nunca aceitou que eu tivesse casado outra vez. Não nos damos. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 27 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 30 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uns seis, a sete copos de whisky e meia garrafa de vinho à refeição. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Sinto-me sozinha e a solidão dá-me tristeza. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

É não me conseguir controlar, tenho que beber aquela dose. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A morte do meu marido foi a pessoa que mais gostou de mim. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 61

Idade: 46 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (**ESC2**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF7**)

Local de residência: Almada (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Passei a minha infância a viajar, por causa da profissão do meu pai. Andei sempre e m bons colégios. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Conheci a África toda. Nunca tive muitos amigos por causa de não ter tempo para criar raízes. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 15 anos vim para casa dos meus avós para estudar e comecei a frequentar tascas com os meus amigos. Bebia vinho com eles. Era uma adolescente normal. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a dar aulas ainda antes de acabar a licenciatura. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 28 anos, mas passados meses o meu marido deixou-me porque eu estava todos os dias embriagada. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 16 anos que vive com os avós. (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 15 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 18 anos. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de whisky por dia e às vezes ainda bebo aguardente antes de me deitar.
(QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Não estar tão triste. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O pior foi a suspensão das minhas funções de docente. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O período em que bebíamos na taberna, e depois a morte dos meus pais. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 62

Idade: 32 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Ajudante de Cozinha (**PROF9**)

Local de residência: Loures (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Fui criada desde o nascimento por uma amiga da minha mãe. Ela ia ver-me regularmente.

O meu pai era alcoólico e morreu com uma cirrose e a minha mãe é cega. Eram boas pessoas, cuidaram de mim como uma filha. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Trabalhei no campo desde os dez anos. Nunca fui criança. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Vim para Lisboa aos 18 anos de idade servir para casa de uma família. Conheci um rapaz que era o filho da porteira, começamos a namorar e eu casei aos 19 anos. Eu queria era fugir da terra e daquela miséria. O meu marido era alcoólico e batia-me muito. E eu passei também a embebedar-me. Ele deixou-me e fiquei com a minha filha. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano e fui trabalhar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar na cozinha de um restaurante como ajudante e aos 21 disseram se eu não queria substituir a cozinheira que tinha morrido. (**PPROF1**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Vivi 5 anos com o... e divorciámo-nos. Ele estava-me sempre a bater-me e a chamar-me nomes. (CONJ8)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

De inicio fiquei contrariada, mas ele não teve culpa de ter vindo...(MATE4)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos comecei a sair com o meu marido e eu tinha uma ânsia muito grande para beber. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Whisky, vinho às refeições e bagaço à noite. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar alegre, feliz. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Eu acho que o meu filho se afastou porque tem vergonha de eu ser assim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 63

Idade: 42 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Operária fabril (**PROF9**)

Local de residência: Rio Tinto (**RES13**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e batia muito na minha mãe. Nos filhos não. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O que mais me marcou foi o facto de o meu pai bater na minha mãe: Cheguei a meter-me entre os dois para travar o meu pai. Aos seis anos tomava conta dos meus irmãos enquanto a minha mãe ia trabalhar. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos doze anos, a minha mãe dava-nos um copo de vinho ao almoço. Aos 17 anos comecei a trabalhar numa fábrica de confecções. Aí comecei a beber mais com as colegas. Sabe no Norte toda a gente bebe muito vinho verde. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano de escolaridade. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 17 anos numa fábrica de confecções. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Aos 17 anos a minha mãe pôs-me fora de casa porque eu comecei a namorar com um toxicodependente. Fui viver para casa dele durante dois anos. Aí já bebia mais. Passados

três anos voltei para casa dos meus pais. Casei aos 25 anos e tive dois filhos. O meu marido bate-me porque não quer que eu beba e eu bebo às escondidas. Aguento a violência doméstica pelos meus filhos. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 15 anos e um com 11 anos. Tento dar-lhes o que não tive. Estudam e vêem televisão. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A partir dos 22 anos. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umaz dez cervejas por dia. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer os problemas. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O afastamento da minha família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Não sei bem...as más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 64

Idade: 28 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 2º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Viseu (**RES18**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tratavam-nos bem. Quando o meu pai estava embriagado, tratava mal a minha mãe, mas nunca implicava com os filhos. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai era muito mau para a minha mãe. Éramos 5 irmãos e ajudávamo-nos uns aos outros. Como eu era a única rapariga sempre fui protegida pelos meus irmãos. Brincava muito com as outras crianças. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi normal. Conheci o meu marido aos 18 anos. Foi o meu primeiro namorado. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Completei o 9º ano e tirei um curso de formação profissional. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 19 anos numa loja de roupa. Mas deixei de trabalhar para tomar conta dos meus filhos. (**PPROF9**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tenho dois filhos. O meu marido nunca se apercebeu do problema do álcool porque está muito tempo fora. Temos muitas discussões. (**CONJ 2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

De início foi complicado, porque não estava preparada, mas agora é boa dou-me bem com ele. (MATE4)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos com os meus colegas do trabalho. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 23 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Duas garrafas de vinho branco por dia. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir levar a vida para a frente. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitos problemas com a família. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As discussões com o meu marido, ficava muito nervosa e era uma forma de me acalmar. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 65

Idade: 48 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 4ª classe (**ESC2**)

Profissão: Proprietária de um restaurante (**PROF1**)

Local de residência: Colares (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci em.... Somos cinco irmãos. Tive uma educação exemplar. O meu pai não bebia. A minha mãe e duas tias maternas eram alcoólicas. Os meus pais trabalhavam no campo. (**RP4**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tínhamos uma vida muito dura. Trabalhávamos no campo. A minha mãe batia-nos muito. O meu pai foi para a França a salto sem dizer nada. As minhas tias passavam o tempo com a minha mãe na adega. Eu já estava habituada. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi sempre a trabalhar. Comecei a beber com a minha mãe e depois com as outras. Íamos para as adegas umas das outras. (**ADOL10**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Perdi um ano na terceira classe e estudei até à 4ª classe. Os meus pais não podiam mais. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhava no campo e vendia trigo pelas portas. Depois fui para a indústria hoteleira durante 18 anos e agora tenho um restaurante. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 26 anos. Dava-me bem com o meu marido, mas ele deixou-me porque eu bebia e ele tinha vergonha de mim. Ele sempre teve outras mulheres. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho uma filha com 13 anos. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos já bebia vinho. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aí aos 15, 16 anos. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

A minha mãe e as minhas tias. (AF2)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

O vinho dá-me forças e mais agilidade. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Problemas familiares. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A influência das minhas amigas. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 66

Idade: 52 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciatura em Educação Física (**ESC2**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF7**)

Local de residência: Massamá (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tinha um bom relacionamento com os meus pais, não há assim nada significativo. Vivia bem sem problemas. Sempre fiz tudo o que queria. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tudo bem. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Vim para Lisboa com 17 anos. Tinha um grupo de amigos, sem dificuldades de integração. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei no antigo ISEF e concluí a Licenciatura. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com 19 anos. Sempre mantive a minha independência. Nunca quis quebrar a liberdade que queria manter. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Há 14 anos surgiu a depressão com a ruptura de um relacionamento e surgiu a apetência para o álcool. Houve um aumento gradual do consumo. (**CONJ2**).

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 20 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 38 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Duas garrafas de vinho, uma a cada refeição por dia (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

É como um antidepressivo, ajuda à tristeza (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Problemas com os meus irmãos, deixaram de me falar e dizem que sobrecarrego a minha mãe. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A separação, foi muito difícil ficar sozinha com dois filhos. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 67

Idade: 55 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 2º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Trabalhadora agrícola (**PROF9**)

Local de residência: Cantanhede (**RES6**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O ambiente em minha casa sempre foi um pouco conturbado, devido ao alcoolismo do meu pai. Estava sempre embriagado, gritava com a mulher e com os filhos. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive amigos, mas não brincava com eles porque a minha mãe não deixava. Brincava enquanto ela estava no campo e depois corria para casa e fingia que estava a estudar. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Conheci o..., com 16 anos, namorámos três meses e casámos. Eu queria sair daquela casa. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar

Andei na escola até à segunda classe, não estudei mais porque não gostava da escola. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Com oito anos fui guardar as ovelhas dos pais de uma amiga minha. Aos 14 anos fui trabalhar numa fábrica. Aos 16 anos foi trabalhar para um hotel nas limpezas e arrumações dos quartos. (**PPROF1**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Comecei a namorar aos 16 anos e casei. Ele também trabalhava nesse hotel. Estivemos lá vinte anos e despedimo-nos para ir como caseiros para uma quinta. O meu marido não bebe porque tem diabetes e o Médico disse que ele não podia beber. (CONJ7)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 28 anos que trabalha na construção civil. Nunca tive problemas com ele. Não quis estudar, foi trabalhar. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

A primeira vez que bebi já foi tarde, tinha dez anos, quando andava com as ovelhas, havia sempre alguém que me dava um copito. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Nunca senti que perdi o controlo.

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Pelo menos uma garrafa de vinho ao longo do dia (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ir para a cama e dormir. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O meu marido começou a bater-me, quando via que os garrafões estavam a minguar. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas

Foi na fábrica com as minhas amigas...divertíamo-nos assim. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 68

Idade: 53 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciatura em Germânicas (**ESC7**)

Profissão: Professora (**PROF2**)

Local de residência: Quarteira (**RES8**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai morreu quando eu tinha cinco anos. A minha mãe foi muito corajosa, porque ficou à frente da empresa. Sempre fomos muito unidos. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, nunca tivemos dificuldades. (**AGI3**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Eu e o meu irmão enfrentamos desde muito cedo a vida como adultos. Não tinha tempo para amigos, foi trabalhar e estudar. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Licenciei-me em Germânicas. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Dava aulas e ajudava a tomar conta da fábrica. (**PPROF4**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido era Alemão. Apaixonei-me por ele e casámos, quando eu tinha 28 anos. Ele passou a viver às minhas custas, não queria trabalhar e eu separei-me. Fiquei com o meu filho. Depois conheci o meu segundo marido que me maltratava. Tive uma filha, mas divorciei-me outra vez. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa dou-me bem com eles. Já são autónomos. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 19 anos com os meus amigos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 53 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Duas garrafas de vinho por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Comecei por beber uma garrafa de vinho para adormecer, mas agora começo a beber logo de manhã e passo os dias na cama. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, as minhas pernas estão mal. (CONS)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Tinha uma amiga que fumava e bebia em excesso, e veio a morrer de AVC. Após a morte da minha amiga perdi o controle sobre a bebida quando fiquei sozinha. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 69

Idade: 42 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Operária (**PROF5**)

Local de residência: Barreiro (**RES15**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e batia-nos muito. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tive uma infância perturbada porque sofria muitos maus trat5os do meu pai que é alcoólico. Fora isso, era uma criança certinha e arrumada. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Os meus pais divorciaram-se quando eu tinha 15 anos. Casei aos 18 anos. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

No nono ano deixei de estudar para ir trabalhar e ajudar a minha mãe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei 28 anos numa fábrica, mas faliu e estou desempregada. (**PPROF2**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 18 anos e sofri muito. O meu marido tinha outras mulheres. Deixei-o e voltei a casar aos 24 anos. Tenho uma filha com 14 anos. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa dou-me bem com ela. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos com os meus pais. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 40 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meia garrafa de whisky por dia. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer as desgraças. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Foi ter perdido o controlo, não sei beber. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando meu marido saiu de casa com o meu filho, foi quando comecei a beber demais e depois aumentei, com a morte dele. (CIRC9)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 70

Idade: 36 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Licenciada em Educação Física (**ESC7**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF2**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Vivi com os meus pais e os meus irmãos em Moçambique, mas devido ao estado do País, os meus pais resolveram colocar-me a mim e aos meus irmãos num colégio interno em Portugal. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

A minha infância foi muito complicada porque sentia-me muito sozinha. Os meus pais não me davam o apoio que eu necessitava. A minha mãe era muito exigente e desde muito cedo que colocou muitas expectativas nos filhos, impondo muitas restrições e limites. (**AG15**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha poucas amigas, mas mantive sempre uma amizade que dura até aos dias de hoje. A minha adolescência foi passada em colégios internos. Estive num até aos 14 anos em Portugal e depois fui para outro para Madrid até aos 18 anos. Não gosto muito de recordar esta fase da minha vida. Os fins-de-semana em Portugal eram passados em Portugal em casa de uma tia que era extremamente rígida e muito má. E eu fazia tudo para me portar mal no colégio e ficar de castigo para não vir a Portugal. (**ADOL6**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Foi feliz, tirei o curso que queria, sempre gostei de desporto. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a dar aulas, logo quando acabei o curso. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Quando casei achei que tinha encontrado o homem da minha vida. Tenho um filho com 5 anos. Mas sentia-me muito sozinha e por isso comecei a beber. O meu marido é Diplomata, e tem que se ausentar muitas vezes e a solidão é muito grande, por esse motivo necessito de beber. Um outro motivo para continuar a beber foi a minha mãe continuar a interferir muito na minha vida, querendo mandar em tudo. Sei que devia impor limites mas não consigo. Quando o meu marido descobriu que eu bebia, começaram os problemas. (CONJ5)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, mas agora também está desiludido comigo. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 17 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 35 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Dois ou três martinis e antidepressivos (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para aliviar a tristeza da solidão. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O meu marido e o meu filho não me perdoam (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O afastamento prolongado do meu marido e a solidão. (CIRC4)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 71

Idade: 37 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Empregada de limpezas (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Lembro-me da nossa mãe dizer que não tinha dinheiro para comprar pão. Éramos muito pobres, mas muito unidos. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Não tinha muitos amigos. Brincava mais com o filho da porteira e com a minha irmã. Era posta de parte pelo meu, por ser muito rebelde. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Os meus pais separaram-se quando eu tinha 18 anos. Desde essa altura que vivo com a minha mãe. Tive muitos namorados, mas duas relações foram mais duradouras. Engravidei a primeira vez aos 18. (**ADOL7**).

d) Como foi o seu percurso escolar?

No primeiro ano do Liceu chumbei quatro anos. Depois fui para um externato e estudei até ao 9º ano. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Desde os 27 anos que trabalho em empresas de limpezas. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tive dois companheiros, que são os pais dos meus filhos. O primeiro batia-me muito, o segundo era alcoólico. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho dois filhos. Um com 13 anos e outro com 4 anos. Não estão a viver comigo porque não tenho condições para os criar. (MATE3)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Aos 12 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 25 anos. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Início com uma a duas cervejas, de manhã, e depois bebo ao longo do dia. Para aí umas 20 cervejas por dia (0.33cl). (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para não me sentir triste e não pensar na morte. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O pior foi o despedimento. Faltava muito quando estava de ressaca. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber mais quando tinha o primeiro companheiro. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 72

Idade: 54 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 7º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Secretária (**PROF4**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Foi boa, dávamo-nos bem. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Era feliz como as outras crianças (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi boa, tive o primeiro namorado aos 20 anos e o segundo foi o homem com quem casei aos 22 anos. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar no 7º ano e o meu pai deu-me um curso de dactilografia. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional? Trabalho como Secretária desde os 24 anos. (PPROF4**).****f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?**

O meu marido bebia muito, era alcoólico, e nos dias em que bebia, tornava-se agressivo tanto para mim como para o meu filho. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber em excesso há 6 anos, com a morte da minha mãe e com a doença oncológica do meu marido. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho e dois ou três martinis (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aguentar os problemas. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Afecta o meu filho. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos que ele me dava. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 73

Idade: 66 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 3º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Operária (**PROF9**)

Local de residência: Cartaxo (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Sempre tive um bom relacionamento com os meus pais. Eram muito pobres e não me mandaram à escola. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Passamos fome e miséria, mas era uma família muito unida, ajudávamo-nos uns aos outros. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos catorze anos vim para Lisboa trabalhar num hotel. Comecei a beber nessa altura com as minhas colegas e quando saíamos do trabalho continuávamos. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Não estudou. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei num hotel e depois fui para a fábrica. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei-me aos 21 anos. Sempre bebi muito. (**CONJ1**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Casaram contra a minha vontade, mas agora já passou. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber aos 14 anos e sempre bebi muito, mesmo às refeições. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há uns 10 anos. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de vinho por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar alegre. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Nunca me dei com a minha família, só conheço bêbados como eu. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre gostei de beber com as minhas colegas, principalmente aos fins da tarde, antes de chegar tarde. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 74

Idade: 34 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Operária (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Foi boa, dava-me bem com os meus pais. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Desde pequena sempre gostei de liberdade. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A minha adolescência ficou marcada por ter assistido à morte de um namorado quando tinha 14 anos. Estávamos no rio com um grupo de amigos e ele morreu afogado, nessa altura um Psiquiatra disse que eu tinha uma depressão. Mas o que mais me marcou, foi aos 18 anos, tive um companheiro de quem tive um filho, mas ele terminou a relação sem qualquer justificação. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Deixei de estudar no 9º ano para ir trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 16 anos numa fábrica de malhas. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido abandonou-me e fiquei sozinha com o meu filho. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, é a coisa mais importante para mim, sou muito agarrada a ele. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há cerca de um ano e meio perdi o emprego, e foi quando comecei a beber mais. Há seis meses fui a um Psiquiatra e ele disse que eu estava com uma depressão, aí comecei a beber todas as garrafas que apanhava, só queria morrer. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de whisky ou vodka, pelo menos (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aguentar tudo. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Perdi o meu filho. Está à guarda dos avós por ordem do tribunal (CONS5)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando a fábrica fechou e fiquei sem trabalho, aí é que foi. (CIRC11)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 75

Idade: 44 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Comercial e Administrativa (**PROF4**)

Local de residência: Almeirim (**RES4**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci em Moçambique. Sempre tive uma família muito unida. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa, normal. (**AGI**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Vim para Portugal com 13 anos mais o meu irmão para casa de uns tios. Comecei a namorar com 15 anos e é hoje o meu marido (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao primeiro ano de Jornalismo, mas desisti porque engravidei. (**PEC3**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 21 anos numa empresa de produtos alimentares. Depois mudei para a empresa onde trabalho actualmente. (**PPROF4**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sempre me dei bem com o meu marido, é um bom pai. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, mas o meu filho é muito doente e fez várias cirurgias. E foi depois da doença do meu filho que comecei a beber álcool. Eu não o culpo a ele, eu é que não aguento. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 26 anos. (IPC4)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há um ano. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Dois litros de vinho ou cerveja desde a hora de almoçar até à noite. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar menos triste. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Tenho muitos problemas de saúde, estou pior da diabetes. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi a doença do meu filho. (CIRC7)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 76

Idade: 26 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC6**)

Profissão: Operadora Informática (**PROF3**)

Local de residência: Cacém (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS

a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais Convivi pouco com eles. Nunca conheci a minha mãe. Fui criada pelo meu pai e pela minha madrasta e depois fui para a Rússia estudar com os meus irmãos. Tenho poucas recordações do meu pai. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa. Tive sempre muitas saudades dos meus pais. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Estive num colégio em Moscovo até aos 19 anos. Tinha muitos amigos. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Andei no 1º ano de Economia na Rússia, mas desisti quando engravidei. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho numa empresa como administrativa. (**PPROF4**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou mãe solteira. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 24 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 25 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não tenho. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umás 5 cervejas. Aguento muito pouco álcool. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Conseguir viver feliz. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitos conflitos com os meus pais. Não aceitam ter uma filha alcoólica. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando o meu pai deixou a minha madrasta para se juntar a uma rapariga mais nova do que eu. (CIRC8)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 77

Idade: 42 anos

Estado civil: Casada

Escolaridade: 5º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Empregada doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Setúbal (**RES15**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era um bêbado e a minha mãe não gostava dos filhos. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Eu já nasci nervosa. Quando a minha mãe estava grávida de mim, caiu numa valeta e eu nasci nervosa. Eu chorava muito, era uma criança carente de afecto, puxava os cabelos a mim própria. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Na adolescência comecei a trabalhar como criada em casas de senhoras e quando ia a casa era para lhes dar dinheiro. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 5º ano de escolaridade, e fui trabalhar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre foi em casas a cuidar de pessoas idosas. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 16 anos, foi muito cedo...estraguei a minha vida...mas casei para sair de casa dos meus pais. Ele já era toxicodependente. Tive a minha Patrícia com 17 anos. Separei-me há dois meses, ele batia-me muito, porque eu deitava fora coisas roubadas. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Eles gostam muito de mim, são a minha razão de tudo. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 41 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Sim tinha. O meu avô paterno e o meu tio materno. (AF5)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Vinho branco de mesa 1 a 2 litros por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para tentar esquecer o que é a minha vida. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não consigo trabalhar, nem fazer nada (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos do meu marido. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 78

Idade: 50 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Administrativa (**PROF4**)

Local de residência: Beja (**RES2**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico e morreu quando eu tinha sete anos. Foi um grande choque, tive sempre a impressão de ser a coitadinha. Com a minha mãe dou-me bem. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Vivíamos com dificuldades, mas foi normal. (**AGI3**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha amigos e uns namoricos, mas o que me marcou foi a morte do meu irmão quando tinha 20 anos e de uma irmã, com 23 anos. A morte sempre me tocou muito. (**ADOL5**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 12º ano e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho como Secretária desde os 24 anos. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 28 anos. Há cinco anos, o meu marido teve uma relação extraconjugal. Nessa altura fiquei com uma depressão e comecei a beber. (**CONJ4**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, fui eu que o criei. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 44 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de vinho verde e umas cervejas. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para enfrentar os outros. Tenho muita vergonha do que aconteceu. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Na família toda a gente me deixou de falar. Após o segundo internamento, as pessoas afastaram-se de mim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi a seguir ao divórcio. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 79

Idade: 54 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Santarém (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Fui para a escola com sete anos. Tenho quatro irmãos. Saí da escola e fui trabalhar para o campo. Os meus pais não se davam bem, havia muita violência. Dou-me bem com os meus irmãos. Ao Domingo íamos à missa. (**RP6**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Aos sete anos já trabalhava no duro, não havia tempo para brincar (**AGI10**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Trabalhava no campo. (**ADOL6**).

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. Chumbei um ano. Gostava de ter sido Enfermeira. (**PEC**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei no campo, depois na cozinha de um hotel e quando casei e engravidei, fiquei em casa. (**PPROF3**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Conheci o meu marido aos 36 anos, tenho uma filha com 12 anos. Divorciei-me porque ele tinha outras mulheres. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

A minha filha sempre teve muitos problemas, anda num Psicólogo desde os nove anos.

(MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 7 anos já bebia uns canecos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 49 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai e os meus avós, de ambas as partes. (AF1, AF4, AF5)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho branco por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Era para esquecer os problemas e ganhar fúria para trabalhar. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não presto para nada, nem para criar os meus filhos. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O divórcio. (CIRC2)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 80

Idade: 45 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de Balcão (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus separaram-se e o meu pai era ausente. Ele era alcoólico e a minha mãe deixou-o. A minha mãe era uma pessoa muito difícil. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai era muito agressivo, não nos batia mas chamava nomes À minha mãe e tinha ciúmes de todos os homens. A minha mãe não podia falar com ninguém. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a trabalhar num café com 16 anos e depois fui para uma cervejaria. Aí todos os colegas bebiam muito. Quando as portas fechavam, ficávamos a fazer petiscos com o patrão e a beber. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano de escolaridade e fui trabalhar para ajudar a minha mãe. Ela tinha que nos criar e o meu pai quando voltou a casar, deixou de dar dinheiro para as despesas. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Fui empregada de balcão numa cervejaria até há um ano atrás. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Há 14 anos surgiu a depressão com a ruptura de um relacionamento e surgiu a apetência para o álcool. Houve um aumento gradual do consumo. Tive um companheiro que não trabalhava e ficava-me com o dinheiro todo, como a casa é minha pus-lhe as malas à porta. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 16 anos. Meteu-se com más companhias e foi preso. Criei-o sozinha.

(MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos iniciei o consumo de cerveja, apenas em convívio social, sempre bebi em excesso. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 37 anos, com o desgosto do meu filho ter sido preso. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Sim o meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Umaz vinte imperiais por dia, e às vezes ainda bebia uns martinis. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Gostava da sensação de euforia, de dizer disparates. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Cada vez bebia mais e a Médica de Família mandou-me para aqui. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com os meus colegas de trabalho. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 81

Idade: 47 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Belas (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tive uma infância rígida. Dava muito valor às coisas, pois o meu pai e o meu avô estiveram na guerra, passaram muita fome e davam muito valor às coisas. Com 6 anos o meu pai dava-me um copo de vinho às refeições. A minha mãe batia-me muito, não tinha paciência porque andava sempre stressada. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Era uma criança muito inteligente e só gostava de jogos de inteligência. Brincava pouco com outras crianças. A minha mãe estava sempre ausente porque era Enfermeira, mas a minha mãe arranjou uma empregada para tomar conta dos filhos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Era uma aluna inteligente. Dedicava-me às minhas irmãs mais novas. Tinha amigos, saía muito e comecei a beber e a jogar com eles no casino em Macau. Bebia bastante e às vezes faltava ao respeito à minha mãe. O meu pai também bebia muito e às vezes batia à minha mãe. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 11º ano. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei desde os 18 anos numa ourivesaria em Macau, quando vim para Portugal deixei de trabalhar. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Ia muito a discotecas e aí conheci o meu marido. Casei-me em Macau e tive uma filha. Em Macau tínhamos muito dinheiro e agora estou muito mais pessimista. (CONJ1)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, em Macau tinha criadas que me ajudavam e agora não. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há cinco anos, porque a vida é triste e não há diálogo na família. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai e o meu avô paterno. (AF1,AF4)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uns 6 whisky por dia (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

É como se fosse uma fuga à vida real (EO5)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O meu marido não me compreende e a minha filha tem vergonha de mim. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Ter vindo para Portugal, ficamos pobres. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 82

Idade: 43 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Empregada de limpezas (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Estudei até à quarta classe e depois fui ajudar a minha mãe nas limpezas. (**RP2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tinha pena de não estar na escola com os outros meninos. Fiz-me mulher muito cedo. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Conheci o meu marido aos 16 anos e casei aos 17. (**ADOL8**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre trabalhei nas limpezas de prédios. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido era alcoólico. Já morreu. Nunca foi mau para mim, era uma pessoa triste. Dávamo-nos bem. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, já têm a sua vida. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 14 anos bebia com os meus pais à mesa. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há quatro anos atrás, quando ele morreu. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Os meus irmãos são todos alcoólicos. (AF3)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho branco por dia. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajudar a esquecer os problemas. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha saúde, o fígado, a Médica disse que estava mal. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A doença do marido. (CIRC6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 83

Idade: 41 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciatura em Matemática (**ESC2**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF7**)

Local de residência: Mem Martins (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais não têm problemas de álcool. Sempre fui uma pessoa solitária e arisca.

Nunca reagi bem às regras. Aos 18 anos saí de casa e fui para um quarto alugado. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Tinha um bom relacionamento com os meus irmãos. Tínhamos um bom ambiente, os meus pais sempre viveram bem. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 13 anos comecei a beber socialmente com os meus amigos. Aos 17, 18 anos estava viciada. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Licenciatura em Matemática. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a dar aulas de Música aos 18 anos, porque tinha o Conservatório. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 20 anos, o meu marido era toxicod dependente, divorciamo-nos aos 25 anos.

Tenho dois filhos que vivem com os avós. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho um filho com 16 anos que vive com os avós. (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Aos 13 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 18 anos. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uns dois litros de cerveja por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar eufórica, gosto dessa sensação, não pensar em nada...(EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O afastamento dos meus pais. Não há ninguém na família que seja como eu...(CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sem dúvida ter começado a beber no grupo, muitos amigos ficaram alcoólicos como eu. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 84

Idade: 29 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 10º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Caixa de supermercado (**PROF4**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Fui sempre uma criança muito revoltada. A minha mãe era toxicod dependente e abandonou-me na maternidade. O meu pai foi-me buscar e tenho uma ligação muito forte com ele. (**RP8**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai voltou a casar e tive uma boa infância. Quando nasceu a minha irmã, puseram-me em casa dos meus avós. Aí passei a fazer tudo o que queria. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos nove anos comecei a fumar, aos dez a fumar charros e a tomar medicamentos. Consumi sempre haxixe. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Nunca fiz uma boa integração na escola. Estudei até ao 11º ano, mas desisti para ir trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Estive um tempo no supermercado...na caixa, mas fui despedida. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Tive vários namorados mas nunca casei. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 9 anos. (IPC1)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi muito, mas para aí a partir dos quinze anos. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Já aguento pouco. Aí uns três whiskies, umas quatro cervejas e uns dois favaios. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para o convívio com os amigos. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O pior é já ter um princípio de cirrose. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 85

Idade: 52 anos

Estado civil: União de facto (**EC1**)

Escolaridade: 11º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Cabeleireira (**PROF7**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais não se davam nada bem. Somos quatro irmãos e eu sempre fui a menina do pai. A minha mãe tinha ciúmes e castigava-me por tudo e por nada. (**RP7**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O que mais me marcou foi o divórcio dos meus pais. Ficámos com a minha mãe e eu chorava todas as noites com saudades do meu pai. Tive um grande desgosto quando soube que ele tinha outra família. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 16 anos comecei a ir a discotecas e a beber cervejas e fumar charros, gostava da sensação de estar pedrada. Ainda hoje fumo. Era uma forma de me divertir. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 11º ano e fui tirar o curso de cabeleireira para a Escola Profissional.... (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei em vários salões de cabeleireiro. Desde os 18 anos. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Vivo com o...há três anos. Ele também bebe muito. Quero ver se ele vem tratar-se a seguir. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Os meus filhos foram-me tirados pelo Juiz. Foi o maior desgosto da minha vida. (**MATE3**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos em grupo. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os 18 anos, bebo todos os dias e fumo ganzas. (TEP7)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Agora bebia pouco, umas cinco ou seis cervejas à noite e fico embriagada. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Esquecer os problemas que temos. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A consequência foi ter sido despedida, ficámos na miséria. O meu marido também não trabalha, o que vale é a ajuda dos vizinhos. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As más companhias quando era nova. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 86

Idade: 42 anos

Estado civil: Solteira (**EC2**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Empregada de balcão (**PROF5**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Os meus pais divorciaram-se quando eu tinha três anos. Praticamente, nunca conheci o meu pai porque ele tinha outra mulher e rapidamente arranjou outra família. A minha mãe criou seis filhos sozinha. Tínhamos dificuldades, mas ajudávamo-nos uns aos outros.

(**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Apesar das dificuldades económicas. Estudei e brincava muito com os outros miúdos, havia espaço para brincar pelos campos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a beber com amigos nos cafés, aos 14 anos porque todos os amigos o faziam.

(**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei em vários cafés, servi à mesa e ao balcão. Quando os problemas se agravaram com o álcool fui despedida. Era um mau aspecto estar embriagada em frente aos clientes.

(**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou solteira. Vivo com a minha mãe. (CONJ8).

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 14 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre gostei de beber, mas há seis anos com a morte do meu pai foi uma desgraça.

(TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas? Se sim, quem?

O meu pai era alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Whisky, vinho às refeições e muitas vezes um copo de bagaço à noite. (QAI4)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Quando fico embriagada digo tudo o que me vem à cabeça. Ajuda-me a desabafar. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Nunca soube beber, mas o pior foi ter sido despedida. Todos os meus colegas se embebedavam e só eu é que as paguei. (CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

As companhias. Mas sempre gostei do sabor das bebidas, dava-me prazer. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 87

Idade: 47 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

O meu pai era alcoólico, e abusar de mim. A minha mãe nunca percebeu. (**RP4**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O que mais me marcou foi a violência e os maus tratos. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi o meu pai ter abusado de mim. Nunca vou esquecer. (**ADOL4**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Tive que deixar de estudar, para ir trabalhar, fiquei muito revoltada, porque gostava da escola. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Aos onze anos já trabalhava no campo. (**PPROF2**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido achava que eu andava com outros homens, chamava-me nomes e batia-me muito. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Coitadinhos, passaram muito desde pequenos. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aí aos 13 anos já bebia como os outros. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aí há um ano e meio. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma ou duas garrafas de vinho por dia, depende...(QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar alegre. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Sinto que não consigo fazer nada em casa, e os meus filhos precisam tanto de mim.

(CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O pior era o meu marido. Era mau, muito mau homem (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 88

Idade: 39 anos

Estado civil: Casada

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Auxiliar de lar (**PROF8**)

Local de residência: Amadora (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa. (RP1)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais. Tive uma infância normal, brinquei e fui à escola. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adolescência foi mais complicada pois eu não me sentia bonita e tinha receio que os meus colegas me rejeitassem nunca saia de casa. (**ADOL3**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano de escolaridade. Gostava pouco de estudar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho num lar há três anos. Antes lavava escadas (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro)**O que é mais significativo nesta relação?**

Sou casada há 20 anos, tenho três filhos, um rapaz com 17 anos, uma rapariga com 16 anos e um rapaz de 14 anos, todos a frequentarem a escola. Nunca nos demos bem. Há 14 anos o meu marido foi para o Luxemburgo, à procura de uma vida melhor, e fiquei a criar os meus filhos, sozinha. Ele vinha de 6 em 6 meses nas alturas festivas, depois deixou de vir e nem fala aos filhos. Nunca lhes trouxe um presente. Acredito que ele vai voltar, sinto uma

revolta muito grande, apesar de ele ser muito mau para mim, dava-me porrada e acusava-me de eu me prostituir. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa. Eles gostam muito de mim, mas gostavam que eu não me deixasse ir abaixo e decidisse mais em relação às coisas. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 37 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho por dia, daqueles pacotes de tempero. (QAI1)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Aliviar esta tristeza que me mata. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Não consigo dar conta do recado, em vez de ser eu a tomar conta da casa e dos meus filhos, são eles que têm que tomar conta de mim (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Quando me casei e o meu marido me chamava nomes, mesmo à frente dos meus filhos. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 89

Idade: 36 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciada em Ciências da Comunicação (**ESC2**)

Profissão: Assistente de Bordo (**PROF**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tenho quatro irmãos. Os meus pais foram casados mas divorciaram-se quando tinha onze anos. Os meus pais foram muito inteligentes porque guardaram as mágoas para si próprios e apoiaram os filhos. (**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi normal, o meu pai é militar e tinha comissões de serviço, estava muito tempo fora de casa. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a beber com amigos nos cafés, aos 14 anos. Saímos da escola nos intervalos e íamos beber. Cervejas, aguardente, macieira, tudo. Comecei a sair à noite nessa altura. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Aos três anos fui para o infantário, aos sei para a escola oficial. Era uma aluna média. Gostava mais de brincar com os rapazes. No 7º ano comecei a ter namorados e a fumar haxixe. Chumbei duas vezes. Aos 19 anos entrei na Faculdade (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Entre na...com ajuda do meu pai. Aos 23 anos era Assistente de bordo. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei com 30 anos, e divorciei-me passados três anos. O meu marido é alcoólico. Todos os dias se embriagava e passou à violência. Sabe como é, ele está ligado ao mundo do futebol....Eu estava grávida de cinco semanas, ele bateu-me por eu estar embriagada e perdi o bebé. Ele batia-me com listas telefónicas para não deixar marcas. (CONJ3)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 12 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre gostei de beber, talvez aos dezoito. (TEP4)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai é alcoólico. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Uma garrafa de whisky por dia, pelo menos. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar eufórica e não pensar, sinto-me envergonhada por estar assim. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Foi pior depois de ter sido despedida, a partir daí, passei a estar na cama e a levantar-me para beber. (CONS6)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A minha rebeldia na adolescência e depois todos os problemas que surgiram só agravaram mais o meu estado. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 90

Idade: 69 anos

Estado civil: Viúva (**EC4**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Operária (**PROF9**)

Local de residência: Évora (**RES7**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nasci em Évora e desde os oito anos que andei na costura. Aos 16 anos, fui trabalhar para uma fábrica. Somos quatro irmãos e passámos muitas dificuldades. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

De pedir comida e a minha mãe não a tinha para nos dar. Vivíamos de esmolas dos vizinhos. (**AGI2**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A minha vida sempre foi a cuidar dos outros. A minha mãe nunca pode trabalhar porque tinha um problema de coração e o meu pai veio transtornado da guerra. (**ADOL5**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei na fábrica 48 anos. (**PPROF2**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Eu sempre vivi com os meus pais. Cuidei do meu pai até ele falecer, depois cuidei da minha mãe. Namorei dez anos com o meu marido dez anos e só quando a minha mãe faleceu, é que eu casei. Com a morte da minha sogra, o meu marido deu em beber e veio a morrer de cirrose, também cuidei dele até morrer. Tenho uma filha que só pode estudar até ao 12º ano, porque os estudos universitários estão caros. (**CONJ6**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Dou-me bem com a minha filha, mas ela tem desgosto por eu beber. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com o meu marido, para aí aos 40. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há uns 22 anos que bebo muito. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um litro de vinho às refeições e à noite aguardente. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Vejo-me muito aborrecida, serve para distrair e para ajudar a dormir. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Vários problemas de saúde (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde que o meu marido faleceu, é muita solidão. (CIRC6)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 91

Idade: 32 anos

Estado civil: Solteira

Escolaridade: Analfabeta (**ESC1**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Tomar (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Vivia com os meus pais em Angola e vim para Portugal em pequena e não os voltei a ver.
(**RP5**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Fui criada pela minha irmã dava-me bem com todos. A minha irmã e o meu cunhado bebiam muito (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Fui expulsa de casa da minha irmã. Andava na rua com as outras. Era feliz (**ADOL10**).

d) Como foi o seu percurso escolar?

Não fui à escola, gostava de saber ler era a minha alegria. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Aos 27 anos comecei a trabalhar em casa de uma senhora, até aí trabalhava no campo, era muito duro (**PPROF1**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro).**O que é mais significativo nesta relação?**

Sou solteira, gostava de ter um marido que me fizesse feliz. (**CONJ8**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sem filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 10 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 22 anos. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meio garrafão de vinho tinto, 1 litro de cerveja e uma chávena de aguardente.

(QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Para esquecer os problemas. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Comecei a ficar muito lenta (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Comecei a beber com a minha irmã e o meu cunhado. (CIRC10)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 92

Idade: 48 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Secretária Administrativa (**PROF4**)

Local de residência: Rio de Mouro (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa, sempre fui muito traquina e queria sempre fazer o que me apetecia, não lidava bem com as regras. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Aos seis anos fui para escola e andava com os outros miúdos (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A adolescência foi muito complicada. A minha mãe não gostava do meu namorado. Dizia que era um drogado e expulsou-me de casa e ninguém me acolheu. (**ADOL7**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Consegui arranjar o emprego de Secretária na da Escola..... (**PPROF3**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação

Casei apaixonada pelo meu marido, mas algum tempo depois começaram os problemas. Ele fazia dívidas e passava as noites fora de casa. Estivemos casados doze anos, agora tenho um novo companheiro. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Tenho dois filhos que emigraram. Damo-nos bem. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Para aí aos 20 com os meus colegas de trabalho. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há dois anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Vinho às refeições e desde a tarde até dormir uns dez Whisky. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajudar a ficar mais alegre, a apagar esta tristeza. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Nunca dei muito apoio à minha família. (CONS1)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O suicídio do meu irmão. Era toxicod dependente e matou-se (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 93

Idade: 38 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 9º ano de escolaridade (**ESC4**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Nunca me dei bem com a minha mãe. Era uma mulher fria, nunca nos dava um carinho. O meu pai morreu na guerra colonial e foi considerado um mártir, tendo sido dado o nome dele a uma rua lá na terra. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Na infância era muito retraída, tinha muitos medos. Estive num colégio interno e só atravessava o claustro se fosse acompanhada por uma das colegas. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

A partir dos treze anos comecei a consumir drogas e álcool com as minhas colegas no colégio. Era um colégio feminino, e as mais velhas levavam-nos para esses caminhos. Ao longo da minha vida continuei a consumir álcool. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 9º ano. A minha mãe não tinha posses para mais e tive que ir trabalhar para ajudar nas despesas lá de casa. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei a dias em várias casas de senhoras até casar. Aos 16 anos já andava a dias. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Sou casada e damo-nos bem. Às vezes ele não tem muita paciência para mim. As discussões surgem quando ele me vê embriagada. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Sim é boa, tenho a ajuda da minha mãe e das vizinhas. (MATE1)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?**

Aos 13 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Desde os treze anos sempre bebi muito. Experimentei haxixe e heroína, mas o que me dá prazer é o álcool. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai. (AF1)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Como não tinha nada para fazer ia para o café e bebia umas cinco ou cervejas e martinis. (QAI2)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar bem, alegre e conviver. Em casa o meu marido não me fala. Só vê televisão. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Ter perdido a confiança do meu marido. Se não ficar boa ele deixa-me. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O grupo das drogas e do álcool. Alguns, ainda os encontro no café. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 94

Idade: 40 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: Licenciatura em História (**ESC7**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF2**)

Local de residência: Torres Vedras (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

A relação com o meu pai era ótima. Com a minha mãe também até à adolescência e a partir daí, um bocadinho conturbada. Actualmente está tudo bem. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi marcada pelo afastamento do meu pai, ele emigrou para França. (**AGI5**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Foi boa, tive quatro namorados. (**ADOL1**).

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz a Licenciatura em História. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre leccionei, gosto dos miúdos. (**PPROF2**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

De início, o meu marido era um pai presente e partilhávamos as tarefas. Casei com 25 anos e ele tinha mais 11 anos do que eu. De repente alegou que queria viver sozinho sem se perceber porquê. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

É boa, tenho um rapaz com 13 anos e uma rapariga com 11 anos. (**MATE1**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos. (IPC3)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há 4 anos. (TEP1)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Meio litro a mais ou menos dois litros de vinho branco. É a minha bebida de eleição.
(QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Dormir. Uso o álcool como um medicamento para dormir. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A nível da saúde. Acho que já tenho o fígado afectado. (CONS3)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os problemas com o meu marido, que o levaram a sair de casa. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 95

Idade: 45 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: 6º ano de escolaridade (**ESC3**)

Profissão: Auxiliar de Acção Médica (**PROF9**)

Local de residência: Sintra (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa, trabalhavam no campo e tínhamos que os ajudar. Eu era a mais velha e ajudei a criar os meus irmãos. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

O meu pai andava com outras mulheres e arranjou uma doença. A minha mãe nunca lhe perdoou e havia muitas discussões. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Tinha um grupo de amigos e aos fins-de-semana saíamos para festas, bailaricos. Eu arranjei um namorado que era mais velho do que eu e era toxicod dependente. Ele achava graça eu ficar pedrada. Consumi heroína mas deixei e passei a beber muito. Tudo o que apanhava bebia. Esse rapaz morreu com Sida e tive um grande desgosto. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até ao 6º ano, nunca gostei de estudar. (**PEC1**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalhei em casas de pessoas e depois consegui ficar no Hospital...como Auxiliar. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Casei aos 19 anos, mas o rapaz tinha um grande desgosto por eu ser assim. Lá na aldeia toda a gente falava e ele deixou-me. (**CONJ1**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos catorze, quinze anos já bebia muito. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A partir dos vinte e dois anos, quando deixei a heroína e passei só para o álcool. (TEP5)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Um a dois litros de vinho por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar pedrada e dormir. Não pensar na minha vida. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

A minha família ter vergonha de mim. Ninguém quer saber....(CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

A influência do...e as más companhias. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 96

Idade: 50 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Bacharelato de Letras (**ESC6**)

Profissão: Cargo de Direcção na Administração Pública (**PROF1**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Foi boa. Temos uma família normal. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Uma adaptação como a de qualquer criança. Foram bons tempos. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Dedicava-me aos estudos e tinha os meus amigos. Temos uma família muito grande e tínhamos sempre uma casa cheia de gente. (**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Fiz o Bacharelato em Letras para ir para a Embaixada como Secretária Administrativa. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Trabalho há 26 anos na Embaixada. (**PPROF1**).

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido era uma pessoa perturbada. Só me apercebi quando passamos a viver juntos. As coisas complicaram-se com os ciúmes doentios, e chegou-me a agredir, pelo que no dia seguinte me divorciei. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos com os meus pais. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 40 anos, quando me divorciei. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

O meu pai sempre bebeu muito, embora não se embriagasse. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Cheguei a beber mais de uma garrafa de whisky por dia. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Procurava não me sentir envergonhada e culpada, quando tive que assumir o problema perante a minha família. (EO3)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

O meu pai praticamente deixou-me de falar e isso magoa-me muito. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Os maus tratos. Nunca pensei viver o que vivi. Até dessa situação me sinto envergonhada. (CIRC3)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 97

Idade: 28 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC5**)

Profissão: Doméstica (**PROF9**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tive um desenvolvimento conflituoso. O meu pai era muito alcoólico e batia na minha mãe. (**RP 2**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Era muito mau, eu e os meus irmãos tínhamos muito medo do meu pai. Quando era mais crescida abusou de mim. (**AGI4**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Aos 13 anos deixei a família e juntei-me com o meu companheiro. Comecei a beber com ele, em grupo, ele batia-me muito. Aos 17 anos bebia muito e consumia haxixe. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Só estudei até à 4ª classe porque o meu pai não me deixou estudar mais. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei por ser ama de crianças, mas por causa do álcool tive que deixar de receber miúdos em minha casa. Agora sou doméstica. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

O meu marido consome álcool e drogas pesadas, eu preferia estar nos copos com os meus amigos, ao menos não aturava as pancadas dele. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Nunca quis ter filhos. Não temos condições. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi muito. (TEP3)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

O consumo começava ao fim da tarde. Começava com três litros de vinho, licores, whisky e cervejas. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficar mais alegre. Sempre fui uma pessoa triste. (EO4)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Sou a única bêbada na família. As minhas irmãs se me virem na rua não me falam.

(CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Nunca devia ter começado a beber tanto, tão novinha, mas sabe como é os amigos puxam-nos... (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 98

Idade: 49 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 4º ano de escolaridade (**ESC2**)

Profissão: Trabalhadora agrícola (**PROF9**)

Local de residência: Cartaxo (**RES14**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Era boa. Trabalhavam no campo de sol a sol. Tenho sete irmãos e somos todos muito unidos. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Estudei até à quarta classe e depois fiquei a ajudar os meus pais. Sabe a escola era muito longe, tínhamos que andar muito a pé, ao frio e à chuva. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Comecei a ir a discotecas e a beber cervejas. Conheci o meu marido com 16 anos e casei-me. Ele bebia muito e eu comecei a beber mais para o acompanhar. Quando saíamos à noite ao café, bebia cervejas e às vezes whisky. Ao fim de semana era pior, embebedávamo-nos muitas vezes. (**ADOL13**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Estudei até à quarta classe e fui trabalhar. (**PEC5**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Sempre trabalhei no campo. (**PPROF3**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Eu conheci-o com 16 anos e ficámos amigos. Ele era de uma aldeia perto da minha e às vezes ia levar-me lá a casa e começou o falatório, então os meus pais disseram que ou o largava ou casava com ele. Sempre me respeitou nunca me tocou com um dedo. (**CONJ7**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não consigo ter filhos, ainda fui a consultas no Hospital de Santarém, mas não consigo engravidar. (MATE2)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 16 anos. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Sempre bebi para acompanhar o meu marido. (TEP3)

**j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?
Se sim, quem?**

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Duas garrafas de vinho e meia garrafa de aguardente. (QAI6)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ficamos alegres e esquecemos os problemas. Temos um grande desgosto por não ter filhos. O meu marido gosta muito de crianças (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Nunca soube beber como as outras pessoas. Parece que o vinho vai acabar...(CONS4)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Com os amigos e depois com o meu marido. (CIRC12)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 99

Idade: 50 anos

Estado civil: Casada (**EC1**)

Escolaridade: 12º ano de escolaridade (**ESC6**)

Profissão: Secretária Administrativa (**PROF4**)

Local de residência: Almada (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Foi boa, nunca houve problemas. (**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi normal, cresci em Lisboa, num bairro muito agradável. (**AGI**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência

Surgiram conflitos com os meus pais, eram católicos conservadores e não admitiam que as filhas pudessem sair, ter amigos, etc. (**ADOL12**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Foi bom, queria ser autónoma e fui trabalhar para ser mais livre. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 22 anos no escritório de Advogados, onde ainda hoje estou. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro). O que é mais significativo nesta relação?

Surgiram conflitos, porque o meu marido nunca quis ter filhos. (**CONJ2**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Não tenho filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos, talvez. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Há cinco anos. (TEP2)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não tenho. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Cheguei a beber duas garrafas de vodka e vinho à noite, antes de adormecer. (QAI3)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Ajudava-me a adormecer. (EO1)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Muitos problemas com a minha família, e com a família do meu marido, os meus sogros não me falam. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

O desgosto de não ter filhos, por imposição do meu marido. (CIRC1)

ENTREVISTA CLÍNICA

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 100

Idade: 50 anos

Estado civil: Divorciada (**EC3**)

Escolaridade: Licenciada em História (**ESC2**)

Profissão: Professora do Ensino Secundário (**PROF7**)

Local de residência: Lisboa (**RES11**)

2. ANTECEDENTES PESSOAIS**a) Gostaria que começasse por descrever como era a relação com os seus pais**

Tínhamos uma família harmoniosa. Somos três irmãos e cada um fez o seu caminho.
(**RP1**)

b) Que recordações significativas tem da sua infância?

Foi boa. (**AGI1**)

c) Que recordações significativas tem da sua adolescência?

Sempre fui uma activista estudantil e nas tertúlias bebia-se muito. Fiz um percurso de um adolescente, tive namoricos e estudava. Quando acabei o curso comecei a trabalhar.
(**ADOL1**)

d) Como foi o seu percurso escolar?

Licenciei-me em História. (**PEC2**)

e) Como foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar com vinte e dois anos. (**PPROF4**)

f) Descreva como evoluiu a relação com o seu (namorado, marido, companheiro)**O que é mais significativo nesta relação?**

Casei aos 28 anos, mas as coisas não correram bem. O meu marido era um Peter Pan e começou a tratar-me mal. Vim a descobrir que ela tinha uma relação com uma miúda de 20 anos e deixei-o. (**CONJ3**)

g) Como tem sido a relação com os seus filhos?

Felizmente não tive filhos. (**MATE2**)

3. HISTORIAL DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

h) Com que idade começou a beber bebidas alcoólicas?

Aos 18 anos na Universidade de Coimbra. (IPC2)

i) A partir de que altura considera que perdeu o controlo sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Aos 24 anos, após o divórcio. (TEP6)

j) Tem algum familiar que tenha problemas ligados ao consumo de bebidas alcoólicas?

Se sim, quem?

Não. (AF0)

k) Que quantidade de bebidas alcoólicas ingeria antes de ser internada?

Antes de ser internada estava de baixa. Cheguei a beber uma garrafa de whisky por dia. (QAI5)

l) Quais os efeitos que considerava importantes proporcionados pelo consumo das bebidas alcoólicas?

Sentia-me bem, eufórica, mas a partir de uma determinada altura percebi que estava a destruir-me e ou vinha tratar-me ou então sei qual seria o fim. (EO2)

m) Que consequências considera que teve o consumo de bebidas alcoólicas na sua vida?

Fiquei sozinha, a família, os amigos, ninguém sabe que eu estou internada. (CONS2)

n) Quais as circunstâncias que associa à perda do controle sobre o consumo de bebidas alcoólicas?

Foi seguramente nas tertúlias que iniciei este percurso, era da praxe as bebedeiras.... (CIRC12)

ANEXO K
PROTOCOLOS RORSCHACH

<p>I 6''</p> <p>1-<i>Parece uma planta, não?</i></p> <p>2-<i>Uma pessoa? ... não sei.</i></p> <p>3-<i>Um fígado? Não sei.</i></p> <p>57''</p>	<p>Parece o pé da planta e as folhas – aponta para os detalhes laterais. Olha não sei o que é isto (Dbl centrais)</p> <p>Tem os braços e as pernas abertas</p> <p>Pela forma está muito doente, está todo preto</p>	<p>G F± Bot</p> <p>G F± H</p> <p>→K</p> <p>G F- Anat</p>
<p>II 20''</p> <p><i>Ai não sei...</i></p> <p>4- <i>Dois cães</i></p> <p>5- <i>Uma pessoa...é...está a deitar sangue</i></p> <p>1'05''</p>	<p>Tem o focinho para cima e aqui as orelhas (saliência lateral sobre o bordo exterior)</p> <p>Tem aqui os dois pés – saliências medianas do bordo inferior. Para mim é dois animais, já não digo mais nada. Não estou a ver. Quando uma pessoa tem cirrose deita sangue não é? – manchas vermelhas superiores. Os cães têm as mesmas doenças que nós não é?</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ H</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 22''</p> <p><i>Ai! Eu não sei o que é isto, sinceramente não sei...</i></p> <p>6- <i>Um fígado? Olhe não digo mais nada porque não sei</i></p> <p><i>Não sei bem...é tudo com sangue</i></p> <p>41''</p>	<p>(contorna com o dedo as duas partes negras laterais)</p>	<p>D F- Anat</p>

<p>IV 1''</p> <p>7- <i>Isto é um fígado! Tem de ser, não?</i></p> <p>21''</p>	<p>Um fígado é assim e está todo doente – porque está escuro... Você sabe e não ajuda...é muito difícil para mim...</p>	<p>G FC' Anat</p>
<p>V 12''</p> <p><i>É outra coisa que eu não sei. Não digo mais nada!</i></p> <p>8- <i>Hum...espera lá...um pássaro... sei eu?</i></p> <p>32''</p>	<p>Tem aqui as asas – aponta para o lado direito</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 1''</p> <p>9-<i>Isto é um fígado</i></p> <p><i>(Para mim é um fígado inchado, parece que tem uma cirrose)</i></p> <p>19''</p>	<p>Forma e cor negra</p>	<p>G FC' Anat</p>
<p>VII 1''</p> <p>10- <i>Se calhar também fígado...não sei...</i></p> <p>17''</p>	<p>Também por causa da cor negra</p>	<p>G FC' Anat</p>

<p>VIII 3''</p> <p>11-Dois ratos</p> <p><i>Não vejo mais nada de especial</i></p> <p>10''</p>	<p>Parece o corpo de ratos – detalhes rosa laterais</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 4''</p> <p><i>É o que eu digo... não compreendo.....</i></p>		<p>Recusa</p>
<p>X 17''</p> <p><i>Também não compreendo, não vejo nada. Não sei o que significa isto</i></p> <p>12- Um copo</p> <p>13- Duas aranhas</p> <p>32''</p>	<p>(Tem a forma de um copo- Detalhe cinzento médio inteiro, em cima)</p> <p>Detalhe azul lateral</p> <p>(Só a forma por causa das pernas)</p>	<p>D F- Obj</p> <p>D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas

- + II, por causa dos cães.
- IX, por causa das cores, mas não sei o que é.
- IV, não tem significado nenhum para mim! Parece um macaco! (riso)
- VI, porque não tem significado nenhum.

Sujeito 2

<p>I 4''</p> <p>1- <i>Um morcego, tem asas abertas, boquinha, e as garrinhas. Não me faz lembrar mais nada</i></p> <p>45''</p>	<p>(Aqui em cima o rabinho – pequenas saliências no detalhe médio superior. A boquinha aqui – extremidade inferior mediana).</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 17''</p> <p>(É um bocado difícil)</p> <p>2- <i>Bichinhos</i></p> <p>3- <i>Aqui em baixo sei lá...borboleta, não porque a borboleta não é assim. Há um bicho qualquer parecido com isto</i></p> <p>4- <i>Dois bichinhos talvez numa árvore.</i></p> <p>1'43''</p>	<p>(o encarnado não sei definir o que são. São bichinhos, têm rabinho, perninhas, cabecinhas- detalhes vermelhos superiores)</p> <p>(a árvore é as partes pretas, uma árvore oca está podre. Os animais estão a fazer algo -Grandes detalhes laterais</p>	<p>D F± A</p> <p>D F+ A</p> <p>D bl F- Bot</p>
<p>III 5''</p> <p>5- <i>Dois homens à porrada um com o outro</i></p> <p>6- <i>Aqui dois ratinhos a ver a porrada deles e no meio está o coração deles a bater</i></p> <p>57''</p>	<p>(não têm cu, tem as pernas afastadas, dão a impressão que há porrada. A cara deles está fria, estão zangados - Aponta as manchas vermelhas exteriores ao alto)</p> <p>(Estão a gostar da brincadeira, são bichinhos - vermelho superior, porque têm a cabeça, rabinho e patinha. O coração como bate aqui muito depressa – detalhe mediano)</p>	<p>D K H Ban</p> <p>D Kp Anat/A</p>

<p>IV 3''</p> <p><i>(Que coisa tão feia)</i></p> <p><i>7- Isto é o pé de uma árvore muito antiga, está muito velhota e está a ser comida pelo bicho e a ser pronta para fazer lenha</i></p> <p>59''</p>	<p>(comentário)</p> <p><i>(a parte branca está estragada, o preto está bom, os ramos secos, que estão caídos. Já cortaram a parte superior)</i></p>	<p>G EF Bot</p>
<p>V 6''</p> <p><i>8 - Aqui é que é um morcego. Têm asas como os morcegos. Tem os corninhos e as patinhas estão esticadas, porque estava a voar</i></p> <p><i>9 - Uma borboleta com as asinhas todas abertas, grandes, bonitas, com os corninhos, o rabinho</i></p> <p>48''</p>	<p><i>(Corninhos- detalhes médios superiores, as patinhas esticadas - saliências médias inferiores)</i></p>	<p>G F+ A Ban →Kan</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 6''</p> <p><i>10 - Aqui é uma libelinha. Ela tem as asas maiores e a cabecinha. Não estou a ver outro animal com as mesmas características. Uma libélula que parou, que está em cima de uma flor. Um animal um bocado esquisito</i></p> <p>1'21''</p>	<p><i>(aqui em cima a cabecinha da libelinha com os olhinhos. Tem quatro asas, por causa disto – aponta para a parte superior. A flor está por baixo. A libélula está a descansar em cima da flor. Aqui está um bocado da pétala – duas grandes partes laterais)</i></p>	<p>D F- A</p> <p>D F± Bot</p>

<p>VII 16'</p> <p><i>(Um conjunto de vários animais).</i></p> <p>11 - <i>Em cima talvez uns bichos com umas coisas na cabeça.</i></p> <p>12 - <i>Aqui umas borboletas</i></p> <p>1'27''</p>	<p><i>(animais com estas características, não sei porque fazem-me lembrar um coelho).</i></p> <p><i>(Aqui com o corpinho e as asas delas – terço médio inferior)</i></p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- A</p>
<p>VIII 7''</p> <p>13 - <i>Leão e uma leoa, um de cada lado. Aqui está uma cabrinha morta e aqui o sangue da cabrinha, eles vão a comer, vão todos lançados com fome. Começaram a comer e começou a sair sangue</i></p> <p>14 - <i>Matarem a cabra e abriram-na ao meio para a comer</i></p> <p>15 - <i>E o sangue, porque os animais ao matar deitam sempre sangue.</i></p> <p>1'03''</p>	<p><i>(eles são iguais, são jovens. Mas também não iam dois leões, porque têm rabinho, pernas e boca - Detalhe rosa lateral.</i></p> <p><i>(Porque é o que eles comem. Eles têm um rabo muito grande para serem cães - Detalhe cinzento ao alto)</i></p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D C Sg</p>
<p>IX 23''</p> <p><i>(Como é que se chamam estes bichos?)</i></p> <p>16 - <i>Louva a deus que estão a tentar consumir alguma coisa</i></p> <p>17 - <i>Aqui uma árvore onde</i></p>	<p><i>(Estão a conversar, são duas louva a deus porque têm aquelas garras assim. Estavam a consumir algo dado que depois de fazerem amor, a fêmea come o macho)</i></p> <p><i>(São árvores porque são verdes.)</i></p>	<p>D Kan A</p>

<p><i>elas estão</i></p> <p>18 - <i>Aqui a terra com flores vermelhas</i></p> <p>1'13''</p>	<p><i>(Faz lembrar montes de malmequeres bravos - Detalhe laranja no alto)</i></p>	<p>D CF Bot</p> <p>D CF Bot</p>
<p>X 6''</p> <p>19 - <i>Aqui temos em baixo um coelhinho</i></p> <p>20 - <i>Aqui dois caranguejos azuis</i></p> <p>21 - <i>Aqui dois ratos agarrados a um pau</i></p> <p>22 - <i>Os amarelos são dois cãesinhos</i></p> <p>23 - <i>Estes amarelos de cima serão talvez gatos</i></p> <p>24 - <i>Aqui podem ser duas carochas</i></p> <p>25 - <i>Aqui duas pocinhas com água onde eles ficam para se encontrarem todos.</i></p> <p>26-<i>Aqui um grilinho a cantar música.</i></p> <p>2'22''</p>	<p><i>(Coelho com orelhas e pernas - detalhe verde central inferior)</i></p> <p><i>(Dois caranguejos porque têm muitas pernas)</i></p> <p><i>(Dois ratos porque são cinzentos e têm rabinho, orelhas. Iam jogar à tarefa com o pau – detalhes cinzentos superiores centrais).</i></p> <p><i>(Detalhe cinzento superior)</i></p> <p><i>(Detalhe amarelo mediano em baixo)</i></p> <p><i>(detalhe laranja central)</i></p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D Kan A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F- A</p> <p>D CF element</p> <p>D Kan A</p>

Prova das escolhas

+ VIII, Porque tem os animais tão definidos para mim e aqui as florinhas. O caso de estarem a comer o animal, é a lei da natureza.

X, Porque gosto muito de animais e aqui há muitos animais. Pode não haver nenhum, mas na minha imaginação há!

- I, Porque não consigo definir o que está aí.

VII, Porque não consigo definir.

Sujeito 3

<p>I 5''</p> <p>1 - <i>Um insecto</i></p> <p>7''</p>	<p>(Não sei qual, mas parece um insecto com as asas...)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 5''</p> <p>2 - <i>Duas pessoas a dançar</i></p> <p>8''</p>	<p>(Porque estão de mãos dadas).</p>	<p>D K H</p>
<p>III 5''</p> <p>3 - <i>Duas pessoas a trabalhar</i></p> <p>8''</p>	<p>(Vê-se aqui a forma do corpo, a cabeça, o tronco e as pernas - partes negras laterais)</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 10''</p> <p>4 - <i>Um animal qualquer, um morcego talvez</i></p> <p>15''</p>	<p>(Só se for por causa das asas).</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 1''</p> <p>5 - <i>Também me parece um morcego</i></p> <p>4''</p>	<p>(Também por causa das asas.)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 10''</p> <p>6 - <i>Parece um animal visto de cima</i></p> <p>14''</p>	<p>(É só a pele do animal, tem a forma – aponta para o recorte da mancha)</p>	<p>G F+ A →E</p>

<p>VII 3''</p> <p>7 - <i>Uma planta parece um cacto</i></p> <p>7''</p>	<p>A parte de cima da planta – 2/3 superiores da mancha – e o resto está debaixo da terra – 3º terço</p>	<p>G F- Bot</p>
<p>VIII 18''</p> <p>8 - <i>Dois ursos a subir uma árvore</i></p> <p>22''</p>	<p>(<i>Ursos</i> – detalhe rosa lateral. <i>Árvore</i> – detalhe cinzento superior</p>	<p>D F+ A Ban D CF Bot</p>
<p>IX 13''</p> <p>9 - <i>A simetria dá ideia de imagens anatómicas... talvez um crânio visto de cima e partido ao meio</i></p> <p>40''</p>	<p>(<i>Vê-se os bocados espalhados, mas é de um crânio</i>)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>X 3''</p> <p>10 - <i>Flores</i></p> <p>5''</p>	<p>(Muitas flores por causa das cores).</p>	<p>G CF Bot</p>

Prova das escolhas

- + VIII, Por causa da cor.
- X, Também devido às cores.
- II, As formas não me fazem lembrar nada de especial.
- VII, Porque é apenas um desenho mal feito.

Sujeito 4

<p>I 3''</p> <p>1 - <i>Poderia ser um morcego ou uma borboleta</i></p> <p>20''</p>	<p>(Devido à forma do corpo)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>2 - <i>Talvez duas bailarinas</i></p> <p>3 - <i>Ou talvez uma borboleta</i></p> <p>12''</p>	<p>(<i>Porque parece que estão a dançar</i>)</p> <p>(<i>Também pela forma</i>)</p>	<p>G K H</p> <p>G F- A</p>
<p>III 28''</p> <p>4- <i>Talvez um caranguejo</i></p> <p>5- <i>Um sapo</i></p> <p>31''</p>	<p>(<i>Tem as patas e a boca - detalhe branco inferior</i>)</p> <p>(<i>Também o corpo e a boca - detalhe branco inferior</i>)</p>	<p>D bl F- A</p> <p>D bl F+ A</p>
<p>IV 51''</p> <p>(Está muito complicado).</p> <p>6 - <i>Poderia ser a pele de um bicho</i></p> <p>1'39''</p>	<p>(comentário)</p> <p>(<i>Tem a forma de uma pele e parece macia, é só a pele do animal, tem a forma, e vê-se as patas - recorte da mancha. Patas – partes laterais inferiores.</i>)</p>	<p>G EF A</p>

<p>V 41''</p> <p>7 - <i>De repente um morcego</i></p> <p>8 - <i>Ou dois animais juntos ao meio. Estão ligados</i></p> <p>1'30''</p>	<p>(O corpo e as patas).</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>
<p>VI 19''</p> <p>9 - <i>Dá-me a sensação de ser um pássaro de qualquer coisa, de uma folha</i></p> <p>1'21''</p>	<p>(o pássaro são as duas grandes partes laterais, a folha corresponde à parte superior)</p>	<p>D/G F- A</p>
<p>VII 21''</p> <p>10 - <i>Uma escultura</i></p> <p>31''</p>		<p>G F+ Arte</p>
<p>VIII 11''</p> <p>11 - <i>Parecem dois bichos a caminhar para algum sítio. Talvez macacos</i></p> <p>12 - <i>No meio uma flor</i></p> <p>22''</p>	<p>Detalhe rosa lateral</p> <p>(2º terço - devido ao verde).</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 1'17''</p> <p>13 - <i>Alguém por trás a segurar qualquer coisa</i></p> <p>14 - <i>Olhos no meio</i></p> <p>2'18''</p>	<p>(uma pessoa aqui com os braços no ar - detalhe laranja superior)</p> <p>Lacuna central</p>	<p>D K H</p> <p>Ddbl F+ Hd</p>

<p>X 27''</p> <p>15 - <i>O aparelho digestivo, o esófago, os pulmões e o estômago</i></p> <p>45''</p>	<p>Aparelho digestivo – detalhe rosa lateral. Esófago – pequeno detalhe cinzento superior. Pulmões – detalhes cinzentos laterais no cimo. Estômago – lacuna superior entre o cinzento no cimo e o rosa.</p>	<p>Ddbl F- Anat</p>
--	---	---------------------

Prova das escolhas

- + VII, É uma escultura bonita.
- VIII, Por causa da cor.
- IV, É complicada.
- X, Também é complicada.

<p>I 1''</p> <p>1 - Os pulmões</p> <p>2 - Um vampiro</p> <p>3 - Uma mosca</p> <p>35''</p>	<p>(A parte de lado devido à cor, os pulmões são escuros)</p> <p>(Os vampiros por causa das patinhas, da cabecinha e do rabo)</p> <p>(A mosca está esborrachada, porque é simétrica, aqui os corninhos, o rabinho)</p>	<p>D FC' Anat</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II 15''</p> <p>Isto é tudo tão esquisito.</p> <p>4 - Aqui a parte de baixo uma borboleta mas não tem conexão com a parte de cima</p> <p>39''</p>	<p>(comentário)</p> <p>(Pela simbologia, isto as asinhas, aqui a parte do meio, é que é diferente e o resto as asas. O resto é muito estranho (D vermelho).</p>	<p>D F+ A</p>
<p>III 2''</p> <p>5 - Duas pessoas a agarrar qualquer coisa, a amparar qualquer coisa</p> <p>6 - Uma borboleta ou qualquer coisa assim.</p> <p>36''</p>	<p>(Porque tem braços, pernas)</p> <p>É uma borboleta nítida</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IV 7''</p> <p>7 - Um esqueleto de um urso</p> <p>8 - Um animal grande sentado</p> <p>46''</p>	<p>(Aqui o rabo e a cabeça. Porque os ursos são assim muito imponentes)</p> <p>(É um animal com o corpo grande)</p>	<p>G F- Ad</p> <p>G F+- A</p>

<p>V 4''</p> <p>9 - <i>Um vampiro nítido, nitidamente um vampiro</i></p> <p>22''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 16''</p> <p>10 - <i>Uma mancha de óleo</i></p> <p>11 - <i>Mas também parece um animal, um insecto esborrachado</i></p> <p>52''</p>	<p><i>(Por ser escura, a transbordar pós lados)</i></p> <p><i>(Parece-me uma cabeça esborrachada e o resto o corpo. O resto as partes superiores, a parte do rabo)</i></p>	<p>G C'F mancha</p> <p>G F+ A</p>
<p>VII 4''</p> <p>12 - <i>Duas meninas a conversarem</i></p> <p>13 - <i>Dois animais a conversarem, têm ali duas orelhinhas</i></p> <p>23''</p>	<p><i>(Porque têm perfil, porque têm boca ou nariz)</i></p> <p><i>(Animal devido às orelhas que poderia ser um cão)</i></p>	<p>D K H</p> <p>D Kan A</p>
<p>VIII 7''</p> <p>14 - <i>Uma radiografia do corpo humano, é colorida e tudo</i></p> <p>27''</p>	<p><i>(Aqueles radiografias, daquelas coloridas. As ancas, aqui lateralmente. Sei lá o fígado e o baço)</i></p>	<p>G FC Anat</p>

<p>IX 4''</p> <p>15 - <i>Dois galos a lutarem.</i></p> <p>24''</p>	<p><i>(Um galo com um tronco e as patas e aqui outro simétrico. Estão a lutar, por causa da parte de cima, estão emproados. Há muitos corninhos, estão um bocado enguiçados – detalhe laranja superior)</i></p>	<p>D Kan A</p>
<p>X 11''</p> <p>16 - <i>Um quadro abstracto</i></p> <p>17 - <i>Flores</i></p> <p>18 - <i>Aqui em cima dois ratos virados um para o outro</i></p> <p>1'</p>	<p><i>(Um quadro com muitas cores)</i></p> <p>Parecem flores, parecem-me pétalas, os amarelos, as folhas e a parte de baixo, são verdes, o suporte da flor.</p> <p><i>(Porque tem o rabinho, as patinhas, o olhinho, uns cornichos)</i></p>	<p>G CF Arte</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F+ A</p>

Prova das escolhas

- + III, Porque tem a ver com ternura, porque estão a abraçar a borboleta.
- X, Por ser colorido.
- I, Porque não gosto de vampiros, tenho medo deles.
- IV, Porque é muito escura.

Sujeito 6

<p>I 10''</p> <p>1 - Vinho...vomitar</p> <p>1'10''</p>	<p><i>(Porque é preto. Quando a pessoa está mal disposta vomita preto)</i></p>	<p>G C'F vomitado</p>
<p>II 7''</p> <p>2 - Sangue...não estou a ver mais nada</p> <p>45''</p>	<p><i>(Porque a pessoa pode estar bêbeda e deitar sangue pelo nariz, boca, ouvidos - vermelho superior)</i></p>	<p>D C Sg</p>
<p>III 11''</p> <p>3 - Duas pessoas bêbedas....a andarem à pancada um ao outro. Não vejo mais nada.</p> <p>50''</p>	<p><i>(Porque quando estão com o vinho embrulham-se uns com os outros e não sabem o que estão a fazer)</i></p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 35''</p> <p>4 - Faz-me lembrar um bicho qualquer</p> <p>60''</p>	<p><i>(Tem uns olhos um bocado esquisitos - saliências no detalhe central inferior)</i></p>	<p>G F+- A</p>
<p>V 23''</p> <p>5 - Uma pessoa morta...ou a pendurar-se para se enforcar</p> <p>65''</p>	<p><i>(A pessoa quando está desorientada é capaz de fazer tudo e mais alguma coisa - (Pessoa) – detalhe central. Forca – detalhe inferior central)</i></p>	<p>G K H</p>

<p>VI 24''</p> <p>6 - Uma garrafa com vinho será? Não dá aspecto de outra coisa qualquer. Não vejo mais nada</p> <p>57''</p>	<p>(É do mesmo estilo de uma garrafa de vinho, porque as garrafas de vinho não são tão compridas, mas são mais estreitinhas. O gargalo – detalhe central superior)</p>	<p>G F- Obj</p>
<p>VII 20''</p> <p>7 - O fígado a desfazer-se</p> <p>40''</p>	<p>(Porque quando as bebidas são demais fica a desfazer-se. Faz-me lembrar uma pessoa que eu conheço)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>VIII 15''</p> <p>8 - Dois bichos</p> <p>9 - A base dos pulmões</p> <p>Não vejo mais nada</p> <p>31'</p>	<p>(detalhes laterais rosa)</p> <p>(rosa central)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IX 20''</p> <p>10 - A bexiga</p> <p>11 - Os pulmões ficam mais ou menos aqui. Não vejo mais nada.</p> <p>1'20''</p>	<p>(Quando bebem a pessoa tende a ir à casa de banho porque a bexiga começa a encher – detalhe rosa inferior)</p> <p>(Se os pulmões deixarem de funcionar a pessoa pode morrer. Lembrei-me deles porque são órgãos do nosso corpo)</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>

<p>X 14''</p> <p>12 - <i>Aqui vejo a garganta</i></p> <p>13 - <i>E a parte dos rins, não é?</i></p> <p><i>É só.</i></p> <p>1'</p>	<p><i>(Porque a garganta vem directamente ao estômago e aos rins - detalhe rosa central)</i></p> <p><i>(detalhes laranja laterais inferiores)</i></p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
--	---	-----------------------------------

Prova de escolhas

- + VIII e IX: Porque mostram as bases do nosso corpo. Mostram o nosso corpo por dentro.
- IV e VI: Parecem bichos a quererem comer o nosso corpo e o álcool é uma coisa que nos faz mal e que nunca deveríamos consumir.

<p>I 20''</p> <p>1 - <i>Um bicho, parece um macaco</i></p> <p>30''</p>	<p>(1/3 superior, <i>as mãos parecem tenazezinhas</i> (detalhe mediano anterior))</p>	<p>D F+ A</p>
<p>II 55''</p> <p>2 - <i>Parece uma rã</i></p> <p>1'20''</p>	<p>(<i>Parecem umas pernitais</i> - mancha negra e vermelha central)</p>	<p>D F- A</p>
<p>III 36''</p> <p><i>Não sei</i></p> <p>1'13''</p>		<p>Recusa</p>
<p>IV 2'03''</p> <p><i>Não consigo ver nada</i></p> <p>2'32''</p>		<p>Recusa</p>
<p>V 24''</p> <p>3 - <i>Uma borboleta</i></p> <p>48''</p>	<p>(<i>Porque é preta</i>)</p>	<p>G FC' A Ban</p>
<p>VI 10''</p> <p>4 - <i>Um crucifixo...uma cruz</i></p> <p>34''</p>	<p>(Detalhe superior médio)</p>	<p>D F+ Obj</p>

<p>VII 50''</p> <p>5 - <i>Duas caras, uma de cada lado. Parece uma pessoa</i></p> <p>1'20''</p>	<p>(<i>Pessoa, não sei bem - 1º terço</i>)</p>	<p>D F- Hd</p>
<p>VIII 40''</p> <p>6 - <i>V dois caranguejos, um de cada lado</i></p> <p>1'20''</p>	<p>(<i>manchas rosa lateral</i>)</p>	<p>D F- A</p>
<p>IX 1'25''</p> <p>7- <i>V Flores</i></p> <p>1'40''</p>	<p>(<i>Por causa das cores – detalhes rosa</i>)</p>	<p>D CF Bot</p>
<p>X 1'</p> <p>8 - <i>Não me faz lembrar nada...isto é verde e isto é azul</i></p> <p>1'20''</p>	<p>(<i>manchas azuis laterais inferiores e as verdes superiores</i>)</p>	<p>Recusa (<i>nomeação cor</i>)</p>

Prova das escolhas

- + VI, Porque é uma luz e eu sou religiosa.
- VIII, Por causa dos caranguejos.
- III, Não me faz lembrar nada.
- X, Não me faz lembrar nada.

<p>I 1''</p> <p>1 - Isto...É uma borboleta...É engraçada! (riso) Não vejo mais nada</p> <p>15''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>2 - Ai! Uma borboleta macho... (riso). Parecem tão iguais que não estou a ver...Oh! Pá! Não sei...Não sei o que é que hei-de dizer. Se não é uma borboleta não chego lá...</p> <p>30''</p>	<p>(É uma borboleta macho com cornichos – aponta os detalhes superiores)</p> <p>R.A.: Pernas...Faz de conta que estamos no país das maravilhas!</p>	<p>G F- A</p>
<p>III 7''</p> <p>3 - O esqueleto...A parte de dentro de uma pessoa</p> <p>45''</p>	<p>(Um esqueleto um bocado deficiente. Tem uma perna partida)</p>	<p>D F+ Anat</p>
<p>IV 2''</p> <p>Ai que complicado...</p> <p>4- V Bicho das trevas</p> <p>50''</p>	<p>(O inferno se fosse mais colorido)</p>	<p>G ClobF (A)</p>
<p>V 4''</p> <p>5 - Pode ser um morcego</p> <p>17''</p>	<p>(com as asas e as patas)</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 13''</p> <p><i>Não faço a mínima ideia. Desisto...</i></p>		Recusa
<p>VII 4''</p> <p><i>6 - Podia ser um mapa para descobrir algum tesouro...Mapa do tesouro...Tem de se percorrer tudo para chegar à outra parte</i></p> <p><i>7 – Um obstáculo...Perigo...</i></p> <p><i>Um rio.</i></p> <p>25''</p>	<p><i>(Dois países diferentes separados por um grande rio. Vão ter uma aventura, têm de passar o rio. Tem um ar dramático para não ser muito fácil)</i></p>	<p>G F+- Geo</p> <p>D Kob Geo</p>
<p>VIII 7''</p> <p><i>8 - Parece-me assim uma árvore muito esquisita...</i></p> <p><i>9- Dois bichos a subir uma árvore.</i></p> <p><i>10-Pedras atrás da árvore.</i></p> <p>35''</p>	<p><i>(São irmãos)</i></p>	<p>D CF Bot</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+- Obj</p>
<p>IX 2''</p> <p><i>11 - Um caldeirão em chamas com uma poção mágica</i></p> <p><i>12 - Tem um homem lá dentro. Parece feitiçaria!</i></p> <p><i>Alguém pôs um homem lá dentro a arder</i></p> <p>30''</p>	<p><i>(Quando estamos alcoolizados vemo-nos num caldeirão)</i></p> <p><i>(O homem está desfigurado...afinal nem o puseram numa panela. Está em coma alcoólica)</i></p>	<p>D Kob Obj</p> <p>D F- H</p> <p>→ClobF</p>

<p>X 5'</p> <p>13 - <i>Ora bem...Faz de conta que isto é um quadro...</i></p> <p><i>O pintor acha engraçado pintar desta forma...</i></p> <p>47''</p>	<p><i>(O pintor não faz formas mas pinta tudo o que vem à cabeça. Usa muitas cores bonitas...para ele tem significado. Para ele isto tem sentido, transmite às outras pessoas que não o percebem aquilo que ele sente...Faz de conta que é um quadro.</i></p>	<p>G CF Arte</p>
--	---	------------------

Prova das escolhas:

- + I, Borboleta. Adoro a Primavera
- X, O quadro! Não é muito feio...Diferente, original. Gostava de ser pintora para desenhar aquilo que eu vejo.
- IV, Bicho das trevas. Mau...Inferno...Deus e o Diabo.
- VIII, Quando bate fundo, quando estamos embriagados...A vida destruída pelo álcool.

Sujeito 9

<p>I 6''</p> <p>1 - <i>Uma borboleta</i></p> <p>2 - <i>Um morcego</i></p> <p>15''</p>	<p><i>(V Assim já não me parece tanto, as borboletas têm cores, esta é preta)</i></p> <p><i>(Porque tem esta forma e é preto)</i></p>	<p>G FC' A Ban</p> <p>G FC' A Ban</p>
<p>II 10''</p> <p>3 - <i>Talvez um órgão</i></p> <p>4 - <i>Dois bicharocos que se encontram, mais nada</i></p> <p>17''</p>	<p><i>(Uma vagina. A vagina é o órgão - detalhe inferior vermelho)</i></p> <p><i>(Parecem uns bicharocos com os focinhos assim)</i></p>	<p>D FC Sex</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>III 3''</p> <p>5 - <i>Um homem ou uma mulher a conversarem.</i></p> <p>6 -<i>Parece uma borboletazinha aqui no meio</i></p> <p>45''</p>		<p>G K H Ban</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IV 1''</p> <p>7 - <i>Isto é uma coisa horrorosa, um monstro. Isto é muito feio</i></p> <p>4''</p>		<p>G ClobF (H)</p>

<p>V 2''</p> <p>8 - <i>Isto parece outra vez um morcego</i></p> <p>9 – V <i>Morcego. Uma coisa assim feia</i></p> <p>10''</p>	<p>(Este é mais parecido que o outro)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 4''</p> <p>10 - <i>Lá em cima, um bichito e depois...</i></p> <p>11 - <i>Isto aqui parece um passarito</i></p> <p>12 - <i>Uma vagina</i></p> <p>14''</p>	<p>(detalhe superior)</p> <p>(grande detalhe inferior)</p> <p>(detalhe central inferior)</p>	<p>D F+- A</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- Sex</p>
<p>VII 2''</p> <p>(Estes desenhos são estranhos porque têm sempre umas uniões assim esquisitas)</p> <p>13 - <i>Parece um mapa, mas é esquisito, não tem cores também</i></p> <p>39''</p>	<p>(comentário)</p>	<p>Crit. Obj.</p> <p>G F± Mapa</p>
<p>VIII 2''</p> <p>14 - <i>Aqui parece um bicho de cada lado, um urso ou coisa assim, dá a sensação de que estão a caminhar</i></p> <p>15 - <i>Aqui assim ao meio, não sei, talvez o território deles</i></p>	<p>(detalhes rosa inferior)</p> <p>(Detalhes branco e verde central)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D F+- Geo</p>

<p>16 - <i>Aqui também me parece uma borboleta</i></p> <p>17 - <i>Esqueletozinho</i></p> <p>18''</p>		<p>D F+ A</p> <p>Ddbl F± Anat</p>
<p>IX 5''</p> <p>18 - <i>Isto assim até parece os órgãos das pessoas. Esta é mais bonita</i></p> <p>25''</p>		<p>G F- Anat/Sex</p>
<p>X 11''</p> <p>19 - <i>Parecem bicharocos com várias cores, agregados uns aos outros, dependentes uns dos outros, depois há aqui um isolado</i></p> <p>20 - <i>Caranguejo</i></p> <p>21 - <i>Parecia uma garra mas agora é um passarito</i></p> <p>22 - <i>Anjinhos agarrados</i></p> <p>23 - <i>Bicharoco</i></p> <p>16''</p>	<p>(detalhe azul)</p> <p>(detalhe verde superior)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p> <p>(detalhe verde inferior)</p>	<p>G CF Cena</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D K (H)</p> <p>D F± A</p>

Prova das escolhas:

+ III, Porque estão a namorar.

IX, Têm muitas cores.

- IV, É feio.

V, Também é muito feio, por causa do preto.

<p>I 1''</p> <p>1 - <i>Um bicho com asas</i></p> <p>30''</p>	<p>(<i>Tem uns tentáculos – aponta as várias saliências e recortes, a boca - detalhe inferior central</i>)</p>	<p>G F+ A</p>
<p>II 2''</p> <p>2 - <i>Duas pessoas a apertar as mãos. Parece que chegaram a um acordo</i></p> <p>8''</p>	<p>(as mãos unidas no detalhe central superior)</p>	<p>G K H</p>
<p>III 10''</p> <p>3 - <i>VAV Não me faz lembrar nada. É o bicho da primeira prancha mas mais pequeno.</i></p> <p>15''</p>	<p>(mancha preta)</p>	<p>D F- A</p>
<p>IV 2''</p> <p>4 - <i>VΛ É uma lula</i></p> <p>10''</p>	<p>Detalhe central inferior</p>	<p>D F- A</p>
<p>V 1''</p> <p>5 - <i>É um insecto</i></p> <p>5''</p>	<p>(<i>As asas, as patas e a cabeça - detalhe central inferior</i>)</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VI 1''</p> <p>6-<i>Parece outro insecto.</i></p> <p>5''</p>	<p>(<i>É a mancha toda, com asas, patas e a cabeça</i>)</p>	<p>G F- A</p>

<p>VII 8''</p> <p><i>VΛV Não parece nada. É uma simetria, uma da outra</i></p> <p>15''</p>		Recusa
<p>VIII 8''</p> <p>É confusa, não me diz nada</p>		Recusa
<p>IX 5''</p> <p><i>7 - Fruto dentro da planta. É esquisito</i></p> <p>10''</p>	<p>(detalhes laranja e verde – planta, o detalhe central – fruto. <i>Talvez uma pêra</i></p>	D CF Bot
<p>X 8''</p> <p><i>8 - Algumas coisas. São vários órgãos de estruturas do corpo humano. São os ossos da bacia e os ossos da coluna</i></p> <p><i>9 - Aranha. Agora vejo muitos bichos</i></p> <p>16''</p>	<p>(Ossos da bacia - detalhe verde central inferior, os ossos da coluna – detalhe cinzento superior).</p> <p>(Detalhes azuis laterais)</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

- + IX e X, Têm mais cor.
- I e IV, Porque são manchas escuras.

<p>I 6''</p> <p>1 - $\forall \Lambda$ Não consigo decifrar daqui. Parece um morcego não sei</p> <p>2'10''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 20''</p> <p>2 - <i>Os pulmões</i></p> <p>1'15''</p>	<p>(detalhes negros, exclui os vermelhos)</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>III 3''</p> <p>3 - <i>Parecem-me dois bonecos</i></p> <p>5''</p>	<p>(Duas formas de pessoa)</p>	<p>D F+ Obj</p>
<p>IV 45''</p> <p>4 - $\Lambda \forall \Lambda \forall < \Lambda$ Não sei o que isto faz lembrar...Esta parte aqui faz-me lembrar a cabeça de um animal</p> <p>1'20''</p>	<p>(Detalhe central superior)</p>	<p>Do F+ Ad</p>
<p>V 15''</p> <p>5 - $\Lambda \forall \Lambda$ É tudo preto, todos têm estes formatos. Em cima uns pezinhos, não sei de quê</p> <p>1'15''</p>	<p>As asas, as patas (detalhe central inferior) e a cabeça.</p>	<p>D F+- Ad</p>

<p>VI 2''</p> <p><i>São quase todos parecidos. V <</i> <i>Λ não sei...</i></p> <p>1'15''</p>		Recusa
<p>VII 10''</p> <p>6 - <i>dois cavalos marinhos</i></p> <p>20''</p>	(1° e 2° terços)	D F- A
<p>VIII 5''</p> <p>7 - <i>Parecem dois ratos (ri-se).</i></p> <p>1'</p>		D F+ A Ban
<p>IX 40''</p> <p>8 - <i>Isto aqui parecem-me uns dentes</i></p> <p>1'35''</p>	(Saliências superiores internas na mancha rosa)	D F- Hd
<p>X 30''</p> <p>9 - <i>V Também me parece os cavalos marinhos</i></p> <p>10 - <i>E aqui umas coisas penduradas</i></p> <p>11 - <i>Faz-me lembrar a coluna</i></p> <p>1'80''</p>	<p>(verde central inferior)</p> <p>(amarelo central inferior)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+- Obj</p> <p>D F+ Anat</p>

Prova das escolhas:

+ III, faz-me lembrar duas pessoas.

X, Acho interessante porque está aqui uma grande confusão.

- I, Não sei porquê, acho que há aqui alguma coisa que não tem lógica.

II, Pode parecer os pulmões, mas faz-me uma grande confusão.

Sujeito 12

<p>I 2''</p> <p>1 - <i>Um morcego, bicho mau pronto a atacar com garras de fora. Não gosto de coisas com garras. Fico com arrepios</i></p> <p>20''</p>	<p>(As garras estão saídas – pequenas saliências medianas superiores)</p>	<p>G Kan A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>2 - <i>Parecem insectos, pássaros. Fazem-me imensa impressão</i></p> <p>3 - <i>Aqui é uma borboleta</i></p> <p>20''</p>	<p>(Detalhes negros laterais)</p> <p>(São insectos, não sei, não gosto - detalhe vermelho central)</p>	<p>Com. Objectivo</p> <p>D F+ A</p>
<p>III 1''</p> <p>4 - <i>É uma borboleta</i></p> <p>5 - <i>Engolida por um bicharoco</i></p> <p>6 - <i>Aqui espirrou sangue</i></p> <p>10''</p>	<p>(detalhe vermelho em baixo)</p> <p>(detalhe negro lateral)</p> <p>(detalhes vermelhos exteriores em cima)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+- A</p> <p>D C Sg</p>
<p>IV 2''</p> <p>7 - <i>É um dinossauro</i></p> <p>15''</p>	<p>(Continuo a ver asas -detalhe lateral superior). <i>É aquele bicho que nos faz ter cada vez mais a vontade de beber, que nos rói por dentro</i></p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 2''</p> <p>8 - <i>São aranhaços, bichos. Aqui a cabeça e o rabo.</i></p>	<p>(É um bicho rastejante, não sei. Cabeça – parte mediana superior, e o rabo – parte mediana inferior)</p>	<p>G F- A</p>

<p><i>Detesto estas coisas</i></p> <p>7''</p>		
<p>VI 3''</p> <p>9 - <i>É outro bicho, ah, mas este parece morto. É um tapete</i></p> <p>7''</p>	<p>(<i>Está espalmado</i>)</p>	<p>G EF Obj</p>
<p>VII 2''</p> <p>10 - <i>São farrapos. Parecemos nós quando estamos embriagados. Aos bocados. Não vejo mais nada</i></p> <p>10''</p>	<p>(<i>Somos nós a desfragmentar devido ao álcool</i>)</p>	<p>D K H</p>
<p>VIII 2''</p> <p>11 - <i>Outro bicho mas mais colorido, quando estamos alegres, são dois ratinhos prontos a atacar</i></p> <p>10''</p>	<p>(<i>detalhe rosa lateral</i>)</p>	<p>D Kan A Ban</p>
<p>IX 3''</p> <p>12 - <i>Dois outros bichos, não sei quais</i></p> <p>7''</p>	<p>(<i>Aqui são as guelras e as mãos a quererem agarrar – partes castanhas no alto</i>)</p>	<p>D F- A</p>
<p>X 4''</p> <p>13 - <i>Quando estamos a passar para o outro lado, quando</i></p>	<p>(<i>É quando nos sentimos embriagados, não sabemos o que fazemos. Não consigo ver mais</i>)</p>	<p>G Kan A</p>

<i>não deciframos as coisas. Mas ainda vejo bichinhos a atacar.</i> 10''	<i>nada)</i>	
---	--------------	--

Prova das escolhas

+ VIII, É o mais alegre. Tem muitas cores.

X, Também tem muitas cores.

- IX, Porque parece quando temos vários bichos a atacar ao mesmo tempo.

IV, Porque mete medo.

<p>I 1''</p> <p>1 - Um mocho morto, um morcego morto.</p> <p>2 - É um desenho simétrico. Parece-me uma mancha, abriam ao meio e o papel ficou assim. Um bicho feio</p> <p>1'17''</p>	<p>(Tudo negativo, cheira-me a morte por exemplo. Tem olhitos, ali a boquinha)</p>	<p>G F+ A Ban →Clob G F+- mancha</p>
<p>II 1''</p> <p>3 - Também me faz lembrar um animal morto,</p> <p>4 - Só que este ainda tem sanguinho.</p> <p>43''</p>	<p>(Tem uns cornichos e eu não gosto de animais com patas. Assim com uns cornichos, não sei, mas não gosto. Um sapo esmagado. São as manchas vermelhas o sangue. Lembrei-me do sapo porque não gosto de répteis.</p>	<p>D F+- A D C Sg</p>
<p>III 2''</p> <p>5 - Faz-me lembrar duas pessoas, que devem estar a dialogar. Também é simétrico.</p> <p>6 - Estas manchas de vermelho podem simbolizar algo de afecto. Mas as coisas continuam a não me agradar.</p> <p>43''</p>	<p>(Pelo formato do desenho, tem o corpo, as pernitais, os pés)</p> <p>(O vermelho faz-me lembrar dois coraçõezitos. Assim como os dos desenhos animados, devido à cor e ao formato). São uns corações assim mal feitos.</p>	<p>G K H Ban D CF símbolo</p>
<p>IV 4''</p> <p>Ai que horror!</p> <p>7 - Parece um urso espetado num pau, escarrapachado. Parece que está dilacerado.</p>	<p>O urso é a figura toda e o pau o centro. O urso faz-me lembrar devido à forma do desenho, o pêlo, os pés, os pés grandes, o bracito e está escarrapachado porque está lá</p>	<p>G FClob A</p>

<p><i>Mas é uma figura mais simpática apesar de não ser positiva.</i></p> <p>44''</p>	<p><i>um pau.</i></p>	
<p>V 5''</p> <p>8 - <i>Também me parece um bicho morto, nada disto é bonito. Tem cornichos, patinhas, rabinho, não gosto.</i></p> <p>34''</p>	<p><i>(Isto parece maior que uma varejeira, esses bichos nojentos. É a mancha toda, por causa da forma e da cor, tem uns cornichos, umas asinhas, não gosto nada disto)</i></p>	<p>G F+- A →C' →Clob</p>
<p>VI 7''</p> <p><i>Isto cheira-me tudo a morte, tudo negativo.</i></p> <p>9 - <i>Faz-me lembrar as carpetes que se usavam antigamente, as peles dos animais.</i></p> <p>44''</p>	<p>(comentário)</p> <p><i>(Devido ao desenho todo, à forma. Aquelas carpetes que têm pelo. Aqui os pés. Arrancaram o pelo todo ao animal, foi cortado o pêlo)</i></p>	<p>G FE A Ban</p>
<p>VII 4''</p> <p>10 - <i>Um mapa-mundo apesar de não ter nada a ver</i></p> <p>11 - <i>Pode também fazer lembrar uma nuvem</i></p> <p>12 - <i>Umãs mãozitas a dizer yes. É melhor.</i></p> <p>14''</p>	<p><i>(Talvez porque tenho um fascínio pelos mapas e gosto de história, devido à forma)</i></p> <p><i>(Uma nuvem mal desenhada, devido à forma, devido aos tons)</i></p> <p><i>(São 4 mãos, devido à forma - saliências superiores e laterais)</i></p>	<p>G F- Obj G CF nuvem D F- Hd</p>

<p>VIII 5''</p> <p>13 - <i>Dois animais andarem à volta numa bola, num globo</i></p> <p>14 - <i>Um mundinho no meio e eles à volta. Um mundo colorido.</i></p> <p>15 - <i>É mais simpático. Uns ramos de umas árvores.</i></p> <p>51''</p>	<p>Os animais parecem assim umas raposas, lobos, um bicho menos ofensivo. Por causa da cor e da forma, a cor dá um bicho mais mansinho.</p> <p>Porque o globo tem vida, devido à cor, à vida.</p> <p>Devido à cor e a forma como o bicho, a patinha, está ligada ao ramito.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D FC Obj</p> <p>D FC Bot</p>
<p>IX 12''</p> <p>16 - <i>Os verdes fazem-me lembrar dois mapas de países mundo.</i></p> <p>17-<i>O rosa faz-me lembrar fetos quando estão na barriga da mãe.</i></p> <p>18-<i>O laranja faz-me lembrar fogo, mas um fogo positivo, talvez de esperança.</i></p> <p>1'04''</p>	<p>(Devido à cor, à forma, mapas, florestas, vida, o verde que sobressai).</p> <p>(Devido à forma e à cor, estas bolinhas da ponta parece mesmo o feto).</p> <p>(Por causa da cor, pela composição do desenho em si).</p>	<p>D FC Obj</p> <p>D F+ H</p> <p>D C elemento</p>
<p>X 7''</p> <p><i>Uma série de animais marinhos</i></p> <p>20 - <i>Caranguejos</i></p> <p>21-<i>Cavalos-marinhos</i></p> <p>22 - <i>búzios</i></p> <p>21 - <i>Aqui no topo uns animais com antenas</i></p> <p>1'03''</p>	<p>(comentário)</p> <p>(amarelo central inferior)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p> <p>(E o cinzento dá a ideia que a vida quer se sobrepor ao mal. Daí o cinzento ser miudinho)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D Kan A Ban</p>

Prova das escolhas

+ VII, Porque vejo o mapa-mundo e depois mesmo tendo uma cor triste, transmite-me muita calma.

IX, Por causa das cores, tem umas cores que não gosto muito, mas olho para aí e transmite-me esperança.

- I e V, Faz-me lembrar bichos mortos, escarrapachados, têm corninhos que não gosto, cheira-me a morte, desgraça.

<p>I 14''</p> <p>1 - Um animal pelos ganchos...voador certamente...e também nocturno</p> <p>2 - Pode ser tanta coisa ao mesmo tempo...assim a identificação é completamente diferente...parece um cowboy...mas falta a cabeça</p> <p>18''</p>	<p>(É um animal nocturno porque tem asas muito desenvolvidas para os lados)</p> <p>(O arqueado das pernas devido ao cavalo, com as mãos no bolso e as pistolas – detalhe central).</p>	<p>G F+ A</p> <p>D K H</p>
<p>II 8''</p> <p>3 - Parece um brinde, duas pessoas a brindarem um copo de bebida, têm as caras vermelhas por estarem a beber.</p> <p>16''</p>		<p>G K C H</p>
<p>III 9''</p> <p>4 - Dá a ideia de duas pessoas apaixonadas</p> <p>5 – V Na interpretação ao contrário parece um animal parecido com...um morcego, pelo sangue</p> <p>6 - Há sangue dentro que é o que ingere e de fora também há. Em cima é a continuidade das asas. É interessante</p> <p>23''</p>	<p>(Pela cabeça com os olhos grandes e pelo sangue que ingere)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D bl F- A</p> <p>D C Sg</p>

<p>IV 19''</p> <p>7 - <i>Ah! É isso...um disparate, o gigante das botas, uma história quando eu era pequenina, já tenho quase 50 anos</i></p> <p>14''</p>		G FClob (H)
<p>V 20''</p> <p>8 - <i>Uma borboleta...mas dá-me a ideia de algo triste pela cor. É assimétrico</i></p> <p>9 - <i>Um animal morto, parecem as pernas de um javali</i></p> <p>10 - <i>Não tem nada a ver, parece um osso, mas gosto mais da outra</i></p> <p>32''</p>	<p><i>(Pela postura, pelo sangue. Também vejo aqui o rabo – parte mediana inferior)</i></p> <p><i>(O osso da bacia)</i></p>	<p>G FC' A Ban</p> <p>G F- A</p> <p>G F- Anat</p>
<p>VI 14''</p> <p>11 - <i>Parece uma peça de arte indígena: a parte de cima são as pernas</i></p> <p>12 - <i>E a parte de baixo a pele esticada</i></p> <p>21''</p>	<p><i>(Parece aquelas peles que as pessoas costumam ter em casa)</i></p>	<p>D F+ Hd</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>VII 30''</p> <p>13 - <i>Devem haver as mais diversas interpretações destes desenhos. Se é simétrico é porque há um par...duas pessoas que estão zangadas,</i></p>	<p><i>(Estão zangadas pela postura do queixo que está saliente e a bolha no cimo da cabeça dá-me a ideia de irritação, parece que vai saltar a tampa)</i></p>	G K H

<p><i>na parte de baixo há união e separação. Não gosto muito, parece que lhes está a saltar a tampa como se costuma dizer.</i></p> <p>19''</p>		
<p>VIII 3''</p> <p>14 - <i>É lindíssima! Sabe como é que interpreto isto: é a passagem da zona quente para a zona frígida, do quente para o frio, dos trópicos para a zona fria</i></p> <p>15 - <i>É uma evolução, a subida dos ursos magrinhos que estão no equador, o título é a invasão do Pólo Norte</i></p> <p>34''</p>	<p><i>(A parte de cima é o pólo norte, pelas cores)</i></p>	<p>G C Abst</p> <p>D Kan A Ban</p>
<p>IX 55''</p> <p>16 - <i>Gosto muito de extraterrestres, esta é a queda do extraterrestre, parece-me, embora os olhos não sejam assim.</i></p> <p>17 - <i>A parte de baixo é um fruto com folhas</i></p> <p>18 - <i>A parte laranja é a terra incandescente com a queda do ET</i></p> <p>23''</p>	<p>Dá a ideia de queda.</p> <p>Parecem rabanetes.</p> <p>Parece lava.</p>	<p>G K (H)</p> <p>D FC alimento</p> <p>D Kob elemento</p>
<p>X 5''</p> <p>19 - <i>Está engraçada esta! Embora tenha muitas cores é a explosão da torre Eiffel.</i></p>		<p>D F+ Arq</p> <p>D Kob luz</p>

<p><i>Tive algum receio quando lá estive. A electricidade produz imensa cor, os raios</i></p> <p><i>20 - Se isolarmos aqui é uma flor.</i></p> <p>18''</p>	(verde central mediano)	D CF Bot
--	-------------------------	----------

Prova das escolhas

- + III, Por estarem apaixonados, talvez seja uma carência minha como é obvio.
- IV, Tem a ver com índios.
- V, Javali morto.
- VII, Não gosto de pessoas zangadas, não tem nada a ver comigo.

<p>I 7''</p> <p>1 - Isto parece uma borboleta</p> <p>17''</p>	<p>(Por causa das asas)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 27''</p> <p>2 - Isto é um bocado estranho...parece um órgão...talvez um fígado, o estômago...um bocado esquisito</p> <p>58''</p>	<p>(Seria o tórax com os órgãos lá dentro)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>III 22''</p> <p>3 - Isto aqui parecem duas pessoas a conversar. Assim abstractas.</p> <p>30''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 26''</p> <p>4 - Isto parece-me uma coisa feia</p> <p>41''</p>	<p>(Muito feio!...seria um monstro)</p>	<p>G FClob (H)</p>
<p>V 2''</p> <p>5 - Parece um morcego</p> <p>10''</p>	<p>(Pelas asas)</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 29''</p> <p>6 - < Λ Isto ali assim parece que tem uma cara...e depois parece ter asas...</p> <p>7 - A parte de baixo... sei lá...talvez nós no sentido geográfico</p> <p>1'13''</p>	<p>(Seria um anjo – parte superior, lá em cima e nós cá em baixo – as duas grandes partes laterais</p>	<p>D/G F- Abst</p>
<p>VII 58''</p> <p>8 - Sei lá...parece uma estrutura geográfica, sei lá...</p> <p>2'16''</p>	<p>(Um vale cá em baixo com duas montanhas de lado)</p>	<p>G F\pm Geo</p>
<p>VIII 20''</p> <p>9 - Aqui de lado parecem dois animais</p> <p>10 - Depois o resto parece que tem aqui um esqueleto...até aqui parece as mãos do esqueleto</p> <p>1'04''</p>	<p>(rosa lateral)</p> <p>Um esqueleto de um animal</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Ad</p>
<p>IX 1'45''</p> <p>11-Este não sei...tem muitas cores...parece quase assim o corpo humano colorido...</p> <p>12-A parte interior...V talvez a cabeça, os membros, a coluna...acho isto muito abstracto.</p> <p>2'11''</p>	<p>Cabeça (Dbl superior)</p> <p>Membros (verde)</p> <p>Coluna (D central)</p>	<p>G F- Anat</p>

<p>X 37''</p> <p>13-Estes desenhos partem todos de uma estrutura, várias ramificações, várias cores...</p> <p>partem todos de um pilar.</p> <p>59''</p>	<p>Observação simetria – refere-se ao eixo.</p>	
--	---	--

Prova das escolhas:

(+)

-I, Porque é uma borboleta.

-IX, Pelas cores.

(-)

-IV, Achei horrível a do monstro.

-VI, Porque também é uma coisa muito sombria.

Sujeito 16

<p>I 2''</p> <p>1-Um morcego.</p> <p>2-Um tórax.</p> <p>3-Uma flor que eu não sei o nome, mais nada.</p> <p>50''</p>	<p>É a forma do corpo e a cor escura.</p> <p>Detalhe central + Dbl</p> <p>Detalhe central</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F+- Bot</p>
<p>II 16''</p> <p>Ei meu Deus!</p> <p>4-A primeira imagem que eu tive é de duas pessoas com as mãos unidas, sentadas.</p> <p>5-Talvez uma borboleta.</p> <p>1'07''</p>	<p>(Detalhe vermelho inferior)</p>	<p>G K H</p> <p>D F+ A</p>
<p>III 3''</p> <p>6-Outra vez duas pessoas...duas mulheres! Que estão a preparar uma panela, comida...com saltos altos (ri-se).</p> <p>7-Uma casa de fantasmas ou qualquer coisa do género. Mais nada.</p>	<p>Porque tem aqui duas caveiras (detalhes vermelhos superiores laterais)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D/G F- Arq</p>
<p>IV 10''</p> <p>8-Isto é o abominável homem das neves.</p> <p>9-A cabeça de um cão</p>	<p>(detalhe central superior)</p>	<p>G FClob (H)</p> <p>D F+ Ad</p>

<p>10-V um bicharoco daqueles das árvores, daqueles que comem as plantas, sabe?</p> <p>1'12''</p>	<p>(detalhe central)</p>	<p>D F+ A</p>
<p>V 1'23''</p> <p>11-VΛ Primeiro pensei num caracol mas não pode ser.</p> <p>12- V Uma folha de árvore.</p> <p>2'21''</p>	<p>(D central)</p> <p>Já seca.</p>	<p>G F- A</p> <p>G C'F Pl</p>
<p>VI 10''</p> <p>13-Isto é uma larva</p> <p>14- A sair de uma folha de árvore.</p> <p>39''</p>	<p>Larva (D superior)</p> <p>(D inferior)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F+- Bot</p>
<p>VII 12''</p> <p>15-Duas pretas a dançar.</p> <p>16-Aquela coisa que há lá na praia...algo marinho.</p> <p>-V Um polvo.</p> <p>48''</p>	<p>(1º e 2º terço)</p> <p>(G)</p> <p>(G) com a cabeça (D inferior) e os tentáculos (D médio e superior)</p>	<p>G K H</p> <p>G F+- Bot</p> <p>G F- A</p>
<p>VIII 3''</p> <p>17-Eh meu Deus! Um extraterrestre.</p> <p>18-Dois camaleões a subir a uma árvore ou uma flor.</p> <p>41''</p>	<p>Detalhe azul lateral</p> <p>(rosas laterais)</p>	<p>D F- (H)</p> <p>D Kan A Ban</p>

<p>IX 3''</p> <p>19-Duas bruxas.</p> <p>20-Uma flor.</p> <p>21-V Papoila</p> <p>22''</p>	<p>(castanho) É a fazer feitiços, uma igual à outra.</p> <p>Uma rosa.</p> <p>R.A. Uma maçã aqui (Dbl central)</p>	<p>D K (H)</p> <p>D CF Bot</p> <p>D FC Bot</p>
<p>X 5''</p> <p>22-Este é uma festa marinha.</p> <p>23-Tem caranguejos.</p> <p>24-Tem cavalos-marinhos.</p> <p>25-Lagostas.</p> <p>26-Conchas...e algas.</p> <p>40''</p>	<p>(azuis laterais)</p> <p>(cinzento superior)</p> <p>(laranja, cores)</p>	<p>???</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+- A</p>

Prova das escolhas:

(+)

-III, Porque gosto de cozinhar...pela caveira não! É a que salta mais à vista de uma pessoa...olha e vê qualquer coisa.

-X, Pelas cores e variedade de animais.

(-)

-V, Odeio porque tive imenso tempo para dizer o que era.

-VI, Para me lembrar o que me lembrou...uma larva a sair de uma vagina é horrível.

<p>I 3''</p> <p>1-Morcego...V a fachada de uma casa...parece.</p> <p>2-Λ até assim parece a entrada de uma casa.</p> <p>20''</p>	<p>(detalhes laterais)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D bl F- Arq</p>
<p>II 59''</p> <p>3-Parecem dois animais. Com esta linha a separar.</p> <p>4-A parte vermelha não sei, poderia ser sangue mas não me assusta.</p> <p>1'55''</p>	<p>(negros)</p> <p>(eixo da prancha)</p> <p>(Detalhe vermelho inferior)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 3''</p> <p>5-Duas raparigas a saltar. Parece que estão de saltos altos...</p> <p>6-V Parecem dois rapazinhos negros a dançar.</p> <p>7-Um laçarote vermelho.</p> <p>25''</p>	<p>(ao centro)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>G K H Ban</p> <p>D F+ obj Ban</p>
<p>IV 5''</p> <p>8- V Parece um bichinho mas não sei o que é. É um, é um misto. Tem várias partes de animais.</p> <p>55''</p>		<p>G F+- A</p>

<p>V 1''</p> <p>9-Isto é um morcego...V virado ao contrário é igual.</p> <p>10''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 3''</p> <p>10-Isto é uma radiografia de um bicho qualquer.</p> <p>11-Também tem semelhanças com um bacalhau.</p> <p>15''</p>	<p>Vê-se os membros. Porque está esticado</p>	<p>G EF Rad</p> <p>G F+ A</p>
<p>VII 3''</p> <p>12-Parecem dois bichinhos a olhar um para o outro em cima de uma pedra mármore.</p> <p>13-No fundo e ao centro, um casalinho e água por baixo.</p> <p>20''</p>	<p>Bichinhos (1º e 2º terço) Casalinho a namorar (3º terço)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F+- Elem</p>
<p>VIII 2''</p> <p>Agora tem cores.</p> <p>14-Dois bichos a treparem, iguais esquilos....</p> <p>15-V Assim um soutien e umas cuecas.</p> <p>16-Na parte de cima dois bichos a espreitarem, podem ser duas pessoas.</p> <p>35''</p>	<p>(2º terço azul)</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D F+ Vest</p> <p>D Kan A</p>

<p>IX 7''</p> <p>17-Parecem dois bebés em baixo e o resto é paisagem.</p> <p>18-A parte de cima dá ideia de serem duas cabeças.</p> <p>19-Dois homens medievais à luta.</p> <p>20''</p>	<p>As cabeças dos bebés viradas para cima (rosa inferior)</p> <p>(Castanho alto)</p>	<p>D F+ Hd Ban</p> <p>D F+ Hd</p> <p>D K H</p>
<p>X 5''</p> <p>20-V Parece um desenho abstracto, cheio de cores. Em cima os cavalos marinhos. Isto tem a ver com o mar.</p> <p>30''</p>	<p>Cavalos marinhos (verde)</p>	<p>D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

(+)

-III, Porque é cheio de alegria, tem um ar descontraído.

-X, Tem muita alegria.

(-)

-VI, Não me diz nada, parece uma radiografia.

-VII, Porque não achei piada.

Sujeito 18

<p>I 4''</p> <p>1-É um insecto. É um insecto, eu detesto insectos, são uns animais que eu não suporto.</p> <p>1'14''</p>	<p>Insecto (G)</p> <p>Olhos (Dbl)</p> <p>Asas (D lateral)</p>	<p>G FC' A Ban</p>
<p>II 19''</p> <p>2-Continua a ser um insecto, deve estar esmagado.</p> <p>3-Está a deitar sangue.</p> <p>4-Ao mesmo tempo faz-me lembrar os pulmões de uma pessoa.</p> <p>1'20''</p>	<p>Sangue (D Sup e Inf)</p> <p>Pulmões de um fumador (D Lateral)</p>	<p>D F- A</p> <p>D C Sg</p> <p>D FC' Anat</p>
<p>III 21''</p> <p>5-Acho que isto é um laço vermelho.</p> <p>6-As duas figuras fazem-me lembrar duas estatuas.</p> <p>7-Duas pessoas muito magras, com fome.</p> <p>1'30''</p>	<p>Laço (vermelho central)</p> <p>Duas crianças com fome (D lateral)</p>	<p>D F+ Obj Ban</p> <p>D F+ Est</p> <p>G K H Ban</p>
<p>IV 17''</p> <p>Estas fotografias são horríveis.</p> <p>8-Pulmões, não sei, parece que é o esófago.</p> <p>9-Aqui no meio a coluna.</p>	<p>Pulmões (D lateral)</p> <p>Pés (D lateral inf)</p> <p>Coluna e esófago (D central)</p>	<p>G F- Anat</p> <p>D F+ Hd</p> <p>G F- Anat</p>

<p>10-Um esqueleto. 1'38''</p>	<p>Braços atrofiados (D lateral sup)</p>	
<p>V 7'' 11-É uma borboleta mas é muito preta, coitada. 1'12''</p>	<p>(G)</p>	<p>G FC' A Ban</p>
<p>VI 28'' Insecto não é! 12-É muito abstracto, muito feio, muito cinzento, muito preto. 1'20''</p>		<p>G C'F A</p>
<p>VII 17'' 13-Duas caras de mulher. 14-Duas gémeas no útero da mãe. É a gestação. 1'26''</p>	<p>Duas caras (1º terço) Cordão umbilical (D inf do 3º terço)</p>	<p>G F+ Hd G K H</p>
<p>VIII 17'' 15-Dois leopardos. 16-Continua a ser a gestação, faz-me lembrar o útero. 1'28''</p>	<p>Dois leopardos no útero. Útero (D verde e rosa central)</p>	<p>D F+ A Ban G F- Anat</p>

<p>IX 30''</p> <p>17-Vejo nisto o útero de uma mulher.</p> <p>18-Uma ecografia.</p> <p>19-Os ovários, trompas.</p> <p>1'45''</p>	<p>Útero (G)</p>	<p>G F- Anat</p> <p>G F- Rad</p> <p>G F- Anat</p>
<p>X 22''</p> <p>20-Continua a ser o útero de uma mulher.</p> <p>21-Duas rosas amarelas.</p> <p>22-Um útero muito jovem, com muita cor.</p> <p>1'43''</p>	<p>Útero (D rosa lateral)</p> <p>Rosas amarelas (D lateral amarelo)</p> <p>Ovários (D vermelho lateral sup)</p>	<p>G F- Anat</p> <p>G FC Bot</p> <p>D F- Anat</p>

Prova das escolhas:

(+)

-X, Porque é um útero muito jovem cheio de força e de vida.

-III, Porque há um laço, uma esperança muito grande.

(-)

-I, Porque é um insecto muito feio, eu não gosto nada de insectos.

-II, Porque são os pulmões de uma pessoa fumadora, é um insecto esmagado.

<p>I 5''</p> <p>1-Um vampiro. 14''</p>	<p>Faz-me lembrar um morcego. Os morcegos estão associados aos vampiros.</p>	<p>G FClob A Ban</p>
<p>II 16''</p> <p>2-Um aborto. 23''</p>	<p>A Vagina é o preto e isto é o sangue (D central inf)</p>	<p>G CF Anat</p>
<p>III 13''</p> <p>3-(ri-se) fazem-me lembrar dois esqueletos 16''</p>	<p>Agora pensei em cemitério. Pessoas enterradas num cemitério (D negros laterais)</p>	<p>D F+ Anat</p>
<p>IV 15''</p> <p>4-Este faz-me lembrar num animal pré-histórico. 18''</p>	<p>É grande. Tem aqui as pernas.</p>	<p>G F+ (A)</p>
<p>V 5''</p> <p>5-Um morcego. 10''</p>	<p>O corpo e as asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 27''</p> <p>6-Este é assim? Esta faz-me lembrar a larva de uma borboleta. 31''</p>	<p>Larva (D superior)</p> <p>Borboleta (D inferior)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- A</p>

VII 9'' 7-Dois gémeos. 12''	É uma figura simétrica e por isso pensei em gémeos.	D F+ H
VIII 24'' 8-Parasitas. 27''	Isto parece a coluna (D central) e isto os parasitas (rosas laterais)	D F- A
IX 8'' 9-Cavalos marinhos 12''	(D laranja)	D F+ A
X 9'' 10-Ossos. 16''	D negros, rosa, azul central e verde	D F- Anat

Prova das escolhas:

(+)

-VIII e IX, Porque não me impressionam tanto.

(-)

-II, Porque aconteceu-me também.

-III, Porque impressionou-me, faz-me lembrar a morte.

<p>I 6''</p> <p>1-É entre uma borboleta e um morcego.</p> <p>32''</p>	<p>É mais um morcego, é maior que uma borboleta.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>2-Duas pessoas a juntarem as mãos. É só!</p> <p>16''</p>	<p>As mãos juntas em cima (D central) (manchas negras)</p>	<p>G K H</p>
<p>III 4''</p> <p>3-Duas pessoas também...</p> <p>4-Parece que os corações estão a saltar! Estão a juntar-se.</p> <p>23''</p>	<p>Corações (D central) Por causa da forma e da cor.</p>	<p>G K H Ban D FC Anat</p>
<p>IV 16''</p> <p>5-Este é um bocado complicado...parece-me um guerreiro.</p> <p>20''</p>	<p>Com uma armadura</p>	<p>G F+ H</p>
<p>V 8''</p> <p>5-Este parece-me uma borboleta estranha, mas uma borboleta!</p> <p>6-Também podem ser duas</p>	<p>(G)</p> <p>Não sei se são homens ou mulheres.</p>	<p>G F+ A Ban D K H</p>

<p>peessoas muito juntas.</p> <p>20''</p>		
<p>VI 9''</p> <p>7-Um gato.</p> <p>12''</p>	<p>Ia dizer um tapete de gato, mas não era (?) é os bigodes.</p>	<p>D/G F- A</p>
<p>VII 16''</p> <p>8-Pode ser várias coisas...dois elefantes.</p> <p>9-Duas pessoas unidas uma contra a outra.</p> <p>33''</p>	<p>(1° e 2° terço)</p> <p>(1° terço)</p>	<p>D F- A</p> <p>D K H</p>
<p>VIII 7''</p> <p>10-Dois camaleões...</p> <p>11-E mais dois animaizinhos pequeninos que não sei dizer o que é...por baixo das patas.</p> <p>34''</p>	<p>(rosas laterais)</p> <p>(Detalhe rosa+azul)</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D F+- A</p>
<p>IX 11''</p> <p>12-Parecem-me dois bebés a falarem e a brincarem</p> <p>25''</p>	<p>(D rosa inf)</p>	<p>D K H</p>

X 29''	(cinzento sup)	D F- Hd
13-Esta é muito difícil...uma cara de pessoa alargada.	(cinzento sup)	D F+ A Ban
14-Dois animais muito feios.	(verde inf)	D F- A
15-Dois gafanhotos.	(azuis laterais)	D F+ A Ban
16-Aranahs.	(rosa), (Dd 25)	Dd F- Ad
17-Aqui em baixo umas lagostas e uma cabecinha de coelho.	(lacuna sup entre cinzento ao alto e rosa)	Dd bl F+- Ad
18-Duas conchas.	(verde central)	D F+ A
19-Dois cavalos marinhos.	(amarelo central)	Dd FC Alim
20-Cerejas amarelas.	(amarelos laterais)	D F+ A
21-Eventualmente dois peixes...e acho que já chega.		
1'44''		

Prova das escolhas:

(+)

-II, Porque são duas pessoas a juntar as mãos e estão felizes.

-IX, Porque estão felizes e eu gosto de bebés.

(-)

-I, Porque tem ar de morcego! Gosto, mas mete um bocado de medo.

-IV, Porque é uma figura agressiva.

Sujeito 21

<p>I 5''</p> <p>1-É um corvo com asas abertas, é o que parece. 2-Ou uma borboleta com asas abertas <V é isso é, é só, não vejo nada de especial V (...) 3-V Assim também é parecido com um peixe, uma raia, é só.</p> <p>2'11''</p>	<p>O corvo é no todo. Grande e é preto.</p>	<p>G FC' A G F+ A Ban G F- A</p>
<p>II 5''</p> <p>Este é mais difícil...</p> <p><V Este não estou a conseguir ver o significado. >VA Não consigo distinguir. 4-Dá a sensação de ser um coelhinho, mas não pode ter orelhas vermelhas. Não, é um coelhinho tem uma boca, olhos, patinhas <VA, é um coelhinho, é isso.</p> <p>2'09''</p>	<p>Um coelhinho não, dois coelhos (preto) patinhas (D preto inf) boca (preto sup) olhos (preto central)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III 34''</p> <p>5-Λ<V> Dá a sensação de ser duas pessoas < não estou a ver assim nada de especial, são duas pessoas VΛ, é só.</p> <p>1'29''</p>	<p>Duas pessoas (preto). Pode ser também um laçarote (vermelho central – D F+ Obj)</p>	<p>G F+ H Ban</p>
<p>IV 20''</p> <p>6-ΛV É pá! esta é que é mesmo uma raia, por causa da</p>	<p>Raia (G), cabeça (preto inf central) rabo (preto sup central)</p>	<p>G F+ A</p>

<p>cabeça, rabo Λ, é isso.</p> <p>1'12''</p>		
<p>V 11''</p> <p>7-É um pássaro, um corvo V é um corvo, é isso, porque fecha a asa, une em cima tem as pontas, sem dúvida é isso.</p> <p>1'07''</p>	<p>É a forma e a cor</p>	<p>G FC' A Ban</p>
<p>VI 3''</p> <p>8-É pá que bicho será este (...) eu sei o nome de um bicho, idêntico a este $V\Lambda$, é um gafanhoto, bichinho comprido que se agarra à roupa é isso, um gafanhoto, sem dúvida.</p> <p>1'31''</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F- A</p>
<p>VII 3''</p> <p>9-Λ Ui. Neste não vou lá de certeza, parece um elefantezinho sem a parte de cima, são elefantes.</p> <p>10-Também pode ser um leão.</p> <p>11-V Aí um cãozinho, com cauda, é isso.</p> <p>2'32''</p>	<p>(1º terço)</p> <p>(1º terço)</p> <p>(1º e 2º terço)</p>	<p>D F- Ad</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ A</p>

<p>VIII 3''</p> <p>12-Λ Ai ai, ratos isto é um rato, ui que nojo, é um rato, não gosto é só, é só.</p> <p>37''</p>	<p>(rosas laterais)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 3''</p> <p>13-Λ Ai o que será isto? V É pá podem ser duas cabeças, isto é difícil.</p> <p>14-Parecem duas pessoas.</p> <p>15-V É duas mãos a segurar.</p> <p>A parte verde, não sei o significado, mas é isso, a parte rosa e verde não sei o que é.</p> <p>1'41''</p>	<p>Duas cabeças (laranja sup)</p> <p>Duas mãos (verde inf)</p>	<p>D F- Hd</p> <p>D F+ H</p> <p>D Kp Hd</p>
<p>X 3''</p> <p>16-Ai meu Deus; <V Sinceramente não tenho mesmo uma ideia. Já sei, é uma árvore.</p> <p>17-Λ É uma flor que dá um fruto amarelo.</p> <p>3'53''</p>	<p>Árvore (rosa central)</p> <p>Fruto (amarelos laterais) (em D tronco cinzento)</p>	<p>D F- Bot</p> <p>D F- Bot</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VII, Eu adoro animais.

-X, Está relacionado com frutos.

(-)

-VI, É um gafanhoto, não gosto.

-VIII, Porque são ratos.

Sujeito 22

<p>I 2''</p> <p>1-Aqui parece-me um morcego... Parece-me um morcego...Parece-me um morcego, faz-me pensar nas pessoas quando se metem no alcoolismo, vêm a vida muito negra, ficam cegos. Os morcegos só vêm à noite e não vêm de dia. É isso que se passa mais ou menos com os alcoólicos. Vêm tudo escuro na vida. É o que eu penso.</p> <p>2'30''</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>comentário</p>
<p>II 8''</p> <p>2-Aqui continuo a ver o mesmo morcego, mas aqui já está numa fase muito má na vida.</p> <p>Penso que a pessoa está a pedir socorro, mas não tem coragem...</p> <p>É isso. É o mesmo morcego. Ali com as costas mais abertas (cartão anterior), aqui mais fechadas.</p> <p>Aqui este vermelho faz-me pensar que a pessoa está quase no fundo do poço. Quer pedir ajuda mas não consegue.</p> <p>1'25''</p>	<p>(G) Vejo o morcego que está a exemplificar o ser humano em si.</p>	<p>G F- A</p> <p>G K H</p>

<p>III 7''</p> <p>3- Vejo duas pessoas. Vejo as duas com o mesmo vicio, numa fase muito má da vida.</p> <p>4-Aqui noto esta parte psíquica, esta parte vermelha.</p> <p>5-Aqui são os pulmões, aqui já é a parte digestiva, apanha já o abdómen, o fígado.</p> <p>A parte cerebral da pessoa já está a ficar afectada, os neurónios.</p> <p>1'58''</p>	<p>(D sup) A parte psíquica são os neurónios.</p> <p>Pulmões (Dd méd)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>Dd F- Anat</p>
<p>IV 13''</p> <p>6-“Choque”. Aqui não sei...Está... Aqui a pessoa está muito mal. Já vejo a vida muito negra.</p> <p>Vejo aqui tudo negro. Aqui a pessoa está muito mal, já tem pouco tempo...Não deve haver muita hipótese de tratamento. Está muito afectada.</p> <p>1'37''</p>	<p>(G) É uma pessoa</p> <p>(D) Parece a parte torácica, parece o externo.</p> <p>(G) Parece um macaco</p> <p>(D) Parece o baço e o abdómen.</p> <p>(G) É o corpo humano aberto.</p>	<p>G F- H/Anat</p>
<p>V 11''</p> <p>7-Parece-me uma borboleta. Uma borboleta ou um morcego. Se calhar um morcego a voar.</p> <p>8-A parte pulmonar, não aqui a parte pulmonar não...</p>	<p>(G) Uma borboleta num todo.</p> <p>(Dd lat.) Mas estes tentáculos, nunca vi uma borboleta com tentáculos.</p> <p>Do morcego (nuance cinzenta no D central, diferenças de tonalidades)</p>	<p>G Kan A Ban</p> <p>D F- Anat</p>

<p>Parece-me uma borboleta, não estou a ver, se calhar um morcego a voar, os morcegos só andam à noite.</p> <p>A pessoa está num abismo total, já não consegue ver a luz, está muito no fundo do túnel. Está num abismo total.</p> <p>2'11''</p>	<p>(G) É o corpo humano aberto</p>	<p>G F- Hd</p>
<p>VI 3''</p> <p>9-Vejo a parte torácica. O tórax e um pouco do abdómen.</p> <p>A pessoa está muito afectada, ocorre a cirrose, está com problemas pulmonares.</p> <p>Tanto a parte torácica como a abdominal está muito afectada. O fígado e o baço também estão muito negros.</p> <p>1'42''</p>	<p>A parte torácica, o esófago, o externo.</p> <p>(D méd.) Vejo a cervical, dorsal, lombar, vejo a parte de traz de uma pessoa.</p> <p>(D) Vejo os pulmões.</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>VII 6''</p> <p>10-Vejo aqui a região do cóccix.</p> <p>11-Aqui os pulmões (D.méd).</p> <p>Vejo os órgãos que são afectados pelo álcool.</p> <p>1'47''</p>	<p>(3º terço) Região sacro coccígea.</p> <p>(1º terço) Vejo os pulmões, o abdómen já distendido.</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>VIII 12''</p> <p>12-Aqui há uma esperançazinha. O ser humano</p>	<p>(G) Vejo a parte interior da pessoa no geral. São os órgãos que já estão a cores, há uma esperança.</p>	<p>PO cor PO cor</p>

<p>já pediu socorro, está a tentar...tratar-se.</p> <p>13-Estas cores mais, umas cores leves, umas cores de esperança, um rosa que é a cor do amor.</p> <p>Neste cartão vejo uma pessoa com a ajuda familiar e dos amigos. Umas cores muito suaves, muito bonitas.</p> <p>2'18''</p>		
<p>IX 9''</p> <p>14-Gradualmente a pessoa está a ter mais positividade. Esta parte aqui já sobe mais, aqui os intercostais. A pessoa está a ter sucesso no tratamento. Vejo umas cores muito bonitas, muito suaves, estão a progredir em relação ao outro cartão. Aqui há progressão.</p> <p>1'22''</p>	<p>(G) Vejo uma pessoa de forma gradual, vai subindo.</p>	<p>PO cor</p>
<p>X 8''</p> <p>15-Retracto aqui uma pessoa que começou e que teve um período muito mau na vida, mas que pediu ajuda. E no fim de todo o processo pelo que passou fez as coisas todas com muito rigor, com verdade e honra e chegou a isto. O resultado que tem é este, uma ramificação muito bonita.</p> <p>1'48''</p>		<p>PO cor</p>

Prova das escolhas:

(+) - IX e X, por causa das cores.

(-) - IV e V, cor, são muito escuras.

<p>I 2''</p> <p>1-É um morcego.</p> <p>V até pode ser pendurado ao contrário.</p> <p>30''</p>	<p>Muito influenciada pelos desenhos animados com os meus netos. Grutas com os morcegos pendurados, que quando ouvem barulho, abrem de repente as asas para se libertar e fugir.</p>	<p>G F+ A Ban →Kan</p>
<p>II 2''</p> <p>2-(que giro) dois palhaços a brincar. Ambos pobres, não ricos porque senão teriam roupas diferentes.</p> <p>3-Não identifico muito bem mas parece um insecto.</p> <p>15''</p>	<p>Estão com a mão um no outro, brincadeiras de fingir, bofetadas.</p> <p>(certa confusão no vermelho inferior)</p> <p>(vermelho central)</p> <p>Não é o palhaço rico (branco) fresco de perfume, porquê não?</p> <p>Dbl F+-</p>	<p>G k (H) cena</p> <p>D F+ A</p>
<p>III 6''</p> <p>Este é mais complicado...sei o que parecem mas...</p> <p>4- São dois bailarinos, dois homens a depenar uma galinha...</p> <p>5-A “estraçalhar” uma galinha ou um objecto.</p> <p>6- O coração de cada um.</p> <p>7- Um anjinho bom e um anjinho mau.</p> <p>100''</p>	<p>A posição das pernas faz parecer que estão a dançar, mas no meio parece que estão a estragar qualquer coisa.</p> <p>Um diabinho</p> <p>(vermelho central)</p> <p>(vermelhos laterais).</p>	<p>G k H Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D FC Anat</p> <p>D K (H)</p>

<p>IV 8''</p> <p>8-Na casa de um caçador uma pele de vaca. Os cornos e os olhos em baixo.</p> <p>Pele aproveitada para pendurar ou para fazer tapete.</p> <p>10''</p>	<p>(inferior central)</p> <p>Cabeça aqui.</p> <p>V- Se eu visse assim era capaz de julgar que era o símbolo do rei Artur de Camelot. As armas..</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>V 12''</p> <p>9- E agora!?...Um morcego não é porque era o outro, o primeiro cartão mas com estes cornichos e estas pernas parece um diabo, só lhe faltam as labaredas, que horror.</p> <p>V 10- Uma ave esquisita.</p> <p>Esta não arranjo grande identificação para ela.</p> <p>24''</p>	<p>Por causa das pernas...E a cara também não é bonita e os cornichos também não.</p> <p>V (resposta adicional)</p> <p>Uma gaivota a voar.</p> <p>D K A</p> <p>→ F-</p>	<p>G Clob F (H)</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>→ Clob</p>
<p>VI 13''</p> <p>11-Ah... (risos) se tivesse outro formato seria um bacalhau, um peixe que se abre ao meio para se pôr a secar, naquelas aldeias piscatórias.</p> <p>18''</p>	<p>(parte central)</p> <p>Continua a parecer-me um bacalhau.</p> <p>Λ V Olhando assim já não é tanto.</p>	<p>G F+ A</p>

<p>VII 18''</p> <p>12- Uns patinhos...mas aqui há uma figura, é uma figura, será?</p> <p>13-Lembra-se do filme "Moisés"? Quando Deus lhe aparece e lhe dá as tábuas dos mandamentos...</p> <p>14- Esta figura tem um certo simbolismo, esta pareceu-me um coelho, com a dentuça e tudo, este também é mais ou menos similar.</p> <p>45''</p>	<p>(Centro inferior)</p> <p>Coelhinhos, tem cara de maus este também deve ter porque é o duplicado.</p> <p>V Quando se vira ao contrário é completamente diferente.</p> <p>(1º e 2º terço)</p>	<p>D F+ A</p> <p>Dd K (H)</p> <p>D F+- Ad</p>
<p>VIII 7''</p> <p>15- Dois animais sem dúvida.</p> <p>16-Koalas à procura de folhas para comer, apesar destas não serem apropriadas para eles. A trepar para uma espécie de árvore.</p> <p>16- V Casaco, ponche. Mãos estendidas para os animais, com aquilo que parecem uns olhos.</p> <p>É muito complicado para a minha percepção neste momento, eu sei perfeitamente como é que se fazem estas imagens, que se dobra e tudo...Não encontro explicação para as mãos que se ligam às patas dos animais.</p> <p>180''</p>	<p>Esta é aquela bonita, gosto das cores, embora estranhe as mãos.</p> <p>Por causa da maneira como elas trepam, quando trepam agarram-se sempre a qualquer coisa...para conseguirem chegar às folhas verdinhas e fresquinhas que eles gostam.</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F+ Vest</p>

<p>IX 10''</p> <p>17- Esta a mim, embora tricolor, parece-me um lírio lindo.</p> <p>18- Confunde-me um bocado, parecem duas bruxas a atacarem-se, montadas em dois animais.</p> <p>Faz-me lembrar o muito bonito e o muito feio, uma mistura entre bondade e maldade.</p> <p>43''</p>	<p>Faz-me lembrar uma flor com coisas bonitas (cores) e coisas más.</p> <p>Os laranjas as bruxas.</p> <p>Os verdes não me assustam.</p> <p>No laranja é uma flor, tirando umas garras aqui.</p>	<p>D FC Bot</p> <p>D K (H)</p>
<p>X 10''</p> <p>19- Dois insectos lutando, parece-me todos insectos.</p> <p>20-Lagartos.</p> <p>21- Grilos, gafanhotos...</p> <p>22-Aranhas, cores muito positivas, mas não me transmite nada de positivo até porque tenho medo de todos os animais.</p> <p>23- Pseudo cabeças de passarinhos.</p> <p>56''</p>	<p>São animais que eu não gosto, que me assustam mas que tem cores muito giras.</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D FC A</p> <p>D F- A</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>D F- Ad</p>

Prova das escolhas:

- + VIII Por causa da árvore.
 - X Por causa dos animais e o rochedo.
- I Porque representa um animal.
 - IV E aqui o bacalhau. Gosto de bacalhau.

<p>I 5''</p> <p>1-< V Uma mosca nesta posição.</p> <p>20''</p>	<p>(D central) corpo</p> <p>(D laterais) asas</p> <p>(Dd central sup) pinças e olhos</p>	<p>G F+ A</p>
<p>II 10''</p> <p>< V</p> <p>Este é o mais complicado. Imagens abstractas, mais para pintores.</p> <p>2-Uma mancha com sangue à volta. Devia ter desenhos mais bonitos. É mais ou menos isso.</p> <p>1'30''</p>	<p>(G) mancha</p> <p>(vermelhos) sangue</p>	<p>G C Sg</p>
<p>III 30''</p> <p>3-Λ<V...<Λ Talvez duas pessoas, meias cambaleadas, curvadas.</p> <p>55''</p>	<p>Estavam a fazer qualquer coisa, talvez a cozinhar.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 3''</p> <p>4-Λ<V Parece aquele monstro lá dos desenhos animados.</p> <p>20''</p>	<p>É todo feio, com as patas e a cauda.</p>	<p>G FClob (H)</p>
<p>V 1''</p> <p>5- Isto é uma borboleta.</p> <p>5''</p>	<p>Gostei, apesar de não ter cores.</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 20''</p> <p>6-$\Lambda < V < \Lambda$ A parte de baixo é um rochedo.</p> <p>7-Com uma figura na superfície.</p> <p>40''</p>	<p>A figura é uma cruz com efeitos</p>	<p>D F+- Nat</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>VII 10''</p> <p>8-$\Lambda < V >$ Talvez rochedos sobrepostos uns em cima dos outros.</p> <p>35''</p>		<p>G F+- Geo</p>
<p>VIII 5''</p> <p>9-Dois camaleões</p> <p>10-A subirem por uma árvore a cima.</p> <p>10''</p>	<p>Continuaram a subir e vão mudando de cor.</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 35''</p> <p>11-$\Lambda < V \dots < \dots \Lambda \dots$ Parece uma fogueira com fumo verde.</p> <p>12-Depois aquele homem no alto.</p> <p>45''</p>	<p>Chama (rosa)</p> <p>Fumo (verde)</p> <p>Chama (laranja)</p> <p>Homem (D central sup)</p>	<p>D Kob Elem</p> <p>D F+ H</p>

<p>X 10''</p> <p>13-Este já parece ter mais animais. Tem aqui uma aranha. Mais à base de animais.</p> <p>30''</p>	<p>Aranhas (detalhes azuis)</p> <p>Os detalhes rosa seriam as teias onde fazem os ninhos. Gosto muito de animais, mas quando vejo uma aranha, fujo.</p>	<p>D F+ A Ban</p>
--	---	-------------------

Prova das escolhas:

(+)

-V, Adoro borboletas apesar de esta ser toda preta.

-X, Tem muita cor, muita vida.

(-)

- I, Não me diz nada.

-IV, Parecia um monstro, com pés enormes.

Sujeito 25

I 2'' 1-Aqui uma borboleta. Uma borboleta só... 15''	Pelo corpo e as asinhas.	G F+ A Ban
II 15'' 2-Aqui faz-me lembrar uma entrada para uma caverna. 3-Em que está a sair fogo. 4-E em baixo o sexo feminino, o órgão sexual. 45''	Fogo (vermelho sup lateral) Caverna (Dbl central)	Dbl C'F gruta D Kob elem D FC sex
III 2'' 5-Aqui são duas senhoras a tentar acender uma fogueira. 15''	Pernas (D) Fogueira (D central) Estão de cabeça quente.	G K H Ban
IV 5'' 6-Um ET monstruoso. 15''	Tem os olhos e a cara.	G ClobF (H)
V 5'' 7-Um morcego. 20''	Por causa do corpo.	G F+ A Ban

<p>VI 15''</p> <p>8- Uma rocha</p> <p>9-Na qual está espetada a espada do Rei Artur que está a emitir este brilho.</p> <p>45''</p>	<p>(Luz branca à volta)</p>	<p>D F+- Nat</p> <p>D Kob Obj</p>
<p>VII 15''</p> <p>10-Dois coelhos</p> <p>11-Empoleirados nas pedrinhas.</p> <p>45''</p>	<p>(1º e 2º terço)</p> <p>Pedrinhas em baixo</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+- Nat</p>
<p>VIII 5''</p> <p>12-Aqui é giro. Lembra-me o aparelho da mulher, o órgão sexual e depois as trompas, e depois todo o órgão da mulher.</p> <p>1'20''</p>	<p>A vagina (D central)</p> <p>Aparelho do útero (verde)</p>	<p>G F- Sex</p>
<p>IX 20''</p> <p>13-Eu aqui vejo 4 peras.</p> <p>14-E aqui uma maçã aberta ao meio já em mau estado com o caroço.</p> <p>50''</p>	<p>Maçã (eixo central)</p> <p>Peras (manchas rosa inf)</p>	<p>D F- Alim</p> <p>D F- Alim</p>

<p>X 25''</p> <p>15-Aqui vejo o mundo animal que contém dois ratitos.</p> <p>16-Aqui terá um ninho de larvas.</p> <p>17-Aqui serão duas minhocas a sugar qualquer coisa.</p> <p>18-E aqui dois sapinhos.</p> <p>56''</p>	<p>Ratitos (cinzento sup)</p> <p>(rosa)</p> <p>R.A.</p> <p>Aranhicos (azuis)</p> <p>Minhocas (verde central)</p> <p>Sapinhos (laterais, amarelo)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D Kan A</p> <p>D F- A</p>
---	--	--

Prova das escolhas:

(+)

-VIII, Porque me lembra a mulher, todo o seu aparelho.

-IX, Por causa dos frutos.

(-)

-IV, Porque é um monstro horroroso.

-II, É a tal caverna.

<p>I 20''</p> <p>1-Não me faz lembrar nada. Parece um bicho com pernas, uma cabeça e uns bicos.</p> <p>50''</p>		<p>G F+- A</p>
<p>II 5''</p> <p>2-Aqui parecem dois macacos.</p> <p>20''</p>	<p>Cabeça, orelhas e corpo</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III 15''</p> <p>3-Os rins de uma pessoa.</p> <p>20''</p>	<p>D central inferior</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>IV 5''</p> <p>4-Aqui parece uma pele de um animal.</p> <p>20''</p>	<p>Tem a forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>V 15''</p> <p>5-Aqui parece um estorninho.</p> <p>30''</p>	<p>Forma, as asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 10''</p> <p>6-Aqui parece um bacalhau, quando são abertos ao meio e se põem ao sol.</p> <p>30''</p>	<p>Forma</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VII 6''</p> <p>7-Aqui parece uma lagoa com água e umas rochas.</p> <p>21''</p>	<p>Entrada, a água é o branco.</p>	<p>Gbl F+- Geo</p>
<p>VIII 7''</p> <p>8-Aqui parece uma árvore.</p> <p>22''</p>	<p>Troncos (cinzento superior) Folhas (várias cores)</p>	<p>G EF Bot</p>
<p>IX 14''</p> <p>9-Outra árvore.</p> <p>34''</p>	<p>O tronco, eixo e as folhas no rosa.</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 5''</p> <p>10-Dois rochedos.</p> <p>11-Com dois animais de cada lado.</p> <p>15''</p>	<p>Os rochedos (D rosa) Dois animais (Cinzentos inferiores)</p>	<p>D F+ Geo D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

(+)

VIII, Por causa da árvore.

X, Por causa dos animais e do rochedo.

(-)

I, Porque representa um animal.

IV, E aqui o bacalhau, gosto de bacalhau.

Sujeito 27

<p>I 50''</p> <p>1-Dá-me a ideia...$\Lambda < V$ É pulmões ou fígado. Não vejo mais nada.</p> <p>1'30''</p>	<p>(G)</p> <p>Ou é um órgão ou outro.</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>II 70''</p> <p>$\Lambda < \Lambda$ (Ri-se, olha atentamente) não sei...</p> <p>1'15''</p>		<p>Recusa</p>
<p>III 20''</p> <p>2-Parecem duas pessoas (silêncio).</p> <p>3-Estas partes ali em baixo não sei. Se é o fígado. Não vejo mais nada.</p> <p>1'40''</p>	<p>Fígado (Dd inferior)</p>	<p>G F+ H Ban</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IV 2''</p> <p>ΛV não sei...não sei.</p> <p>2'30''</p>		<p>Recusa</p>
<p>V 5''</p> <p>4-Todas iguais e todas diferentes. Parece-me uns pulmões ou fígado, não estou a perceber. Se calhar não é nada disso.</p> <p>40''</p>	<p>(G)</p>	<p>G F- Anat</p>

<p>VI 10''</p> <p>8-Pode ser a coluna. É o que me está a parecer.</p> <p>30''</p>		D F- Anat
<p>VII 20''</p> <p>9-Hi!! (põe a mão na cabeça)</p> <p>Será o fígado não sei.</p> <p>40''</p>	Pode ser antes o pâncreas.	G F- Anat
<p>VIII 5''</p> <p>10-Dois ratos</p> <p>11-E o fígado.</p> <p>12-Parece outra vez a coluna, não sei se é.</p> <p>1'30''</p>	<p>(rosas laterais)</p> <p>(D Inf central)</p> <p>(Dd central)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>IX 5''</p> <p>13-Acho que todos são parecidos, relativos ao mesmo problema. O problema é o fígado.</p> <p>2'30''</p>	(Detalhe castanho superior)	D F- Anat
<p>X 35''</p> <p>14-Hi!! (Põe a mão na cabeça)</p> <p><Λ Acho que são os pulmões. Se calhar...eu acho que é. Pode ser.</p> <p>1'10''</p>	(D rosa central)	D F- Anat

Prova das escolhas:

(+)

-III, Porque achei engraçada a forma como está feito.

(-)

-VII, Não consigo perceber o que isto é.

-IV, E esta também não.

<p>I 1''</p> <p>1-Um morcego...um morcego anda de noite e assusta as pessoas. Não vejo mais nada.</p> <p>7''</p>	<p>Pela forma.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>→ Clob</p>
<p>II 1''</p> <p>Não sei o que é.</p>		<p>Recusa</p>
<p>III 5''</p> <p>2-Parece a imagem de duas pessoas...</p> <p>10''</p>	<p>É o tronco (D central)</p> <p>Duas pessoas (D lateral)</p>	<p>G F+ H Ban</p>
<p>IV 2''</p> <p>3-É um esqueleto humano.</p> <p>5''</p>		<p>G F- Anat</p>
<p>V 2''</p> <p>4-Ah! Como é que isto se chama? É uma ave.</p> <p>7''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 1''</p> <p>5- Esta não sei...violino, viola.</p> <p>10''</p>	<p>(D central) Parte da pega da viola</p>	<p>G F- Obj</p>

<p>VII 2''</p> <p>Não sei...podiam fazer os desenhos mais...não sei.</p> <p>16''</p>	<p>Não tem jeito, nem pés nem cabeça.</p>	<p>Recusa</p>
<p>VIII 2''</p> <p>6-No meio um esqueleto humano.</p> <p>7-E animais à volta.</p> <p>10''</p>	<p>Esqueleto (2º terço azul)</p>	<p>D F- Anat D F+ A Ban</p>
<p>IX 15''</p> <p>8-Parece sobre o corpo humano...mas...não sei.</p> <p>30''</p>		<p>D F- Anat</p>
<p>X 2''</p> <p>9 - Este é que eu não sei.</p> <p>8''</p>	<p>Eu não consigo ver nada.</p>	<p>Recusa</p>

Prova das escolhas:

(+)

-V, Porque percebe-se que é um morcego.

-VI, Porque percebe-se que é um violino ou uma viola.

(-)

VII, Não tem significado para mim

X, Não tem significado para mim

<p>I 15”</p> <p>V 1 - É uma borboleta.</p> <p>25”</p>	<p>É a forma do corpo com as aranhas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 10”</p> <p>V 2- Dois cães, não vejo mais nada.</p> <p>30”</p>	<p>D negros, dois cães.</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III Recusa</p>	<p>Não sei, não percebo o que é</p>	
<p>IV 25“</p> <p>3- Um morcego</p> <p>35”</p>	<p>O corpo e as asas.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 15 “</p> <p>V 4- Uma borboleta.</p> <p>27”</p>	<p>Aranhas, antenas e corninhos.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 30”</p> <p>Sei que é um bicho que voa agora o quê?</p> <p>V 5- Um gafanhoto, talvez, talvez, por causa da frente.</p> <p>45”</p>		<p>G F- A</p>

<p>VII 25''</p> <p>V Não sei</p>		Recusa
<p>VIII 5''</p> <p>6- Uma flor. 35''</p>	Tronco e folhas.	G EF Bot
<p>IX 25''</p> <p>7- Este tipo aqui é mais do nosso corpo, a parte do nosso corpo em baixo. 50''</p>	Visto por dentro.	G F- Anat
<p>X 25''</p> <p>Também tem a ver com o nosso corpo esta parte aqui em baixo são os ossos. 57''</p>	<p>Cinzento</p> <p>Rosa-rins</p> <p>Os órgãos do corpo e resto.</p>	D F- Anat

Prova das escolhas:

(+) II Tem a ver com o nosso corpo.

X E acho que este é a mesma coisa.

(-) I Não gosto de morcegos.

IV Não sei bem o feitiço disto.

<p>I 17''</p> <p>1-Uma aranha.</p> <p>2-Um morcego.</p> <p>3-Corta unhas.</p> <p>35''</p>	<p>(forma)</p> <p>(forma e cor)</p> <p>(saliências centrais superiores)</p>	<p>G F- A</p> <p>G FC' A Ban</p> <p>D F- Obj</p>
<p>II 31''</p> <p>4-Uma pessoa não deve ser. V Uma pessoa.</p> <p>5-Com uns pulmões.</p> <p>48''</p>		<p>D F+ H</p> <p>D F- Anat</p>
<p>III 12''</p> <p>6-Duas pessoas sentadas a conversar, duas amigas. Ou estão a comer ou a beber um copo.</p> <p>36''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 30''</p> <p>7-Um monstro.</p> <p>8-Um homem zangado, todo furioso.</p> <p>9-Um robot.</p> <p>58''</p>		<p>G FClob (H)</p> <p>G K H</p> <p>G F+ Obj</p>

<p>V 37''</p> <p>10-Uma mosca.</p> <p>11-Duas pessoas à bulha.</p> <p>1'12''</p>	(partes laterais)	<p>G F- A</p> <p>D K H</p>
<p>VI 40''</p> <p>12-Dois ursos.</p> <p>13-Duas pessoas. Duas pessoas de costas.</p> <p>14-Um morcego.</p> <p>36''</p>		<p>D F- A</p> <p>D K H</p> <p>G F- A</p>
<p>VII 24''</p> <p>15-V – pessoas ou bichos a caminharem para o alto.</p> <p>16-A porta do céu ou não.</p> <p>45''</p>		<p>D K H</p> <p>D F+ A</p>
<p>VIII 25''</p> <p>17-Dois gatos a darem a mão a alguém.</p> <p>38''</p>		<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 17''</p> <p>18-4 pessoas a beberem ou 4 animais.</p>		<p>D K H</p> <p>D F- H</p>

<p>19-Ou a fumar, os de cima a fumar.</p> <p>32''</p>		
<p>X 20''</p> <p>É mais complicado.</p> <p>20-Dois bichos.</p> <p>21-No meio está uma pessoa.</p> <p>22-Aranhas.</p> <p>23-Duas pessoas ou fantasmas com copos na mão.</p> <p>24-Espermatozóides que estão a entrar.</p> <p>2'12''</p>	<p>(cinzento)</p> <p>(detalhes azuis)</p> <p>(laterais)</p> <p>(verdes)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- H</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D K H</p> <p>D Kob Sex</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VIII, Os dois gatos a darem as mãos.

-X, Cores.

(-)

-V, Parece um bicho ou a levar à tarefa.

-III, Pretos a beber um copo. Eu não posso beber mais.

Sujeito 31

<p>I 30''</p> <p>1-Duas caras de cavalinhos do mar. 2-Dois passarinhos por cima da cabeça.</p> <p>45''</p>	<p>(D lateral)</p> <p>(D sup lateral)</p>	<p>D F- Ad</p> <p>D F- A</p>
<p>II 23''</p> <p>3-No meio, um frasco de perfume do banho. 4-Dos lados, dois focinhos de cães; estão a segurar o frasco. 5-Uma borboleta em baixo. 6-Duas pessoas por cima. 7-A boca de um gorila, chimpanzé.</p> <p>1'15''</p>	<p>(D central)</p> <p>(D laterais)</p> <p>(D central)</p> <p>(D sup vermelho)</p> <p>(Saliências na mancha lateral)</p>	<p>D F+ Obj</p> <p>Do F+ Ad</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D F- Ad</p>
<p>III 53''</p> <p>8-Duas mulheres de cabelo curto, no meio um laço.</p> <p>São duas bruxas, bonecas que se mantêm no ar. Em baixo são as pernas de uma mulher, uma delas está dobrada.</p> <p>1'02''</p>		<p>G F+ H Ban</p>
<p>IV 42''</p> <p>9-V perfil de duas senhoras velhas sem dentes.</p>		<p>D F- H</p>

<p>10-V Homens de idade com um capucho em cima da cabeça.</p> <p>11-Bichos que andam na noite, morcego está aberto.</p> <p>12-Botas, puseram botas no morcego.</p> <p>2'21''</p>	(D lateral inf)	<p>D F- H</p> <p>G F+ A</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>V 22''</p> <p>13-Um coelho aberto ao meio.</p> <p>14-Nariz, boca, olhos, cabelos, barba de um homem.</p> <p>15-Velha sentada numa mesa que fazem renda de bichos.</p> <p>45''</p>	(Saliências externas nos D laterais Sup)	<p>G F- A</p> <p>D F- Hd</p> <p>D K H</p>
<p>VI 11''</p> <p>É complicado</p> <p>16 -2 perfis: nariz, queixo, os bigodes do animal aberto, as patas.</p> <p>43''</p>	(comentário) Aponta a configuração externa da mancha.	D F- Ad
<p>VII 20''</p> <p>17 -Dois perfis de mulher com os cabelos no ar.</p> <p>18 -Também pode ser dois perfis de animal em baixo.</p> <p>19 -Um animal com bigodes</p>	(1º terço) (1º e 2º terço) (D central) Os animais parece que estão a sorrir. Têm dentes e olhos.	<p>G K H</p> <p>D F+- A</p> <p>G F- A</p>

aberto. 1'35''		
VIII 28'' 20 -Coluna vertebral de um animal. 21 -Dois animais com patas. 22 -Uma borboleta aberta. 23 -Duas bandeiras. 1'13''	(D central mediano sup) (cinzento sup) (2º terço azul)	D F+ Anat D F+ A Ban D F+ A D F+- Obj
IX 51'' 24 -Dois animais a treparem. 25 -Tronco. 1'19''	R.A: Os pulmões, os músculos do homem.	D Kan A D F+ Bot
X 17'' 27-Duas aranhas. 28-Duas vacas a lutarem contra uma parede. 29-Nariz e queixo de uma pessoa. 30-Buzios. 31-Caranguejos. 32-Buzios. 1'25''	(azul) (cinzento) R.A. De longe a torre Eiffel.	D F+ A Ban D Kan A D F- Hd D F- A D F+ A Ban D F- A

Prova das escolhas:

(+)

-I, Pelos animais e pelo passarinho por cima da cabeça.

-II, Amizade, alegria e Primavera.

(-)

-III, As cores parecem de tomates e o símbolo masculino – o pénis.

-V, Animal morto que estenderam no chão e colocam as botas para gozar.

Sujeito 32

I 22” V 1- Faz-me lembrar um bicho, o nome do bicho é que não sei. 70”	Tem estilo de uma borboleta. D central	G F+ A
II 30” 2- Acho que são duas pessoas à bulha, deve ser duas pessoas à guerra. 60”	Sangue na mancha central (bulha/guerra)	D K H
III 20” 3-Isto faz lembrar duas pessoas a falar ou a discutir. 40”	Estão com as mãos em cima, se calhar não andam à pancada.	G K H Ban
IV 25” 4- Isto faz-me lembrar um monstro. 35”	As botas, a cabeça pequenina e o rabo de camelo. D central	G Fclob (H)
V 35” 5- Isto deve ser uma borboleta ou um morcego. 60”	Por causa das asas.	G F+ A Ban G F+ A Ban
VI 15” Esta é difícil, não consigo... 60”		

<p>VII 40''</p> <p>V 6- Isto aqui parece dois gatos.</p> <p>7- Aqui no meio uma pessoa a separar-se.</p> <p>50''</p>	<p>2/3 Superiores</p> <p>No detalhe central, uma forma a reparar-se de outra, uma coisa para cada lado.</p>	<p>D F+ A</p> <p>D K- H</p>
<p>VIII 45''</p> <p>8- Aqui são dois animais a caminharem para cima. E mais nada.</p> <p>60''</p>		<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 45''</p> <p>9-Assim tipo de um vulcão...é só.</p> <p>35''</p>	<p>Chamas, laranja.</p> <p>Verde, relva.</p> <p>Um buraco.</p> <p>Dbl central</p>	<p>G kob Vulcão</p>
<p>X 52''</p> <p>Aqui é o caminho do inferno e estão aqui os diabos em cima.</p> <p>1.20''</p>	<p>Entradas (detalhe verde).</p> <p>Aqui estão as pernas (central).</p> <p>As pernas (manchas centrais azuis).</p> <p>Diabo (cinzento)</p>	<p>D F+- Abst</p> <p>D K (H)</p>

Prova das escolhas:

(+)

V, Porque achei que era um morcego.

X, Porque aqui parecia as pernas que iam para o inferno.

(-)

VI, Não sei o que era

II

Porque acho que as pernas não podem brigar, têm que estar em paz.

<p>I 8''</p> <p>1-Assim nesta posição pode ser nesta VΛ parece-me um morcego, mas o morcego não tem aqueles buraquinhos do meio. Assusto-me com eles. Isto é o que me parece. 1'20''</p>		<p>Gbl F+ A Ban</p>
<p>II 10''</p> <p>Ai este é tão feio!</p> <p>2-Este...sinceramente...estas coisinhas cá em baixo...algum bicho. Mas será que é só bichos? Não posso encontrar só bichos...Este não sei. 1'20''</p>	<p>Tem olhos e corninhos, patinhas. Corpo (D negro)</p>	<p>G F+- A</p>
<p>III 30''</p> <p>(ri-se) Arranjam cada coisa...</p> <p>3- Bem são dois leões a brincar com uma bola e um lacinho ao meio. É tudo. 56''</p>	<p>(comentário)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F+ Obj Ban</p>
<p>IV 9''</p> <p>4-ΛV Aqui é um bicho. Tem olhinhos, tem cabecinhas, é lá do mar, mas não sei o nome...Isto está a ser difícil. 45''</p>	<p>Olhos no Dd bl central, corninhos em cima e garras nos Dd laterais.</p>	<p>D F+- A</p>

<p>V 15''</p> <p>5-Este é que é um morcego, é de certeza absoluta, bem pela forma das asas.</p> <p>1'15''</p>	<p>Parece que acabou de abrir as asas porque acenderam a luz e quer fugir, coitadinho.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 20''</p> <p>6- Uma libelinha.</p> <p>30''</p>	<p>(D central sup) Uma libelinha velha</p>	<p>D F- A</p>
<p>VII 10''</p> <p>7-Sei lá, nuvens. Quando se juntam as nuvens, quando está o tempo limpo e as nuvens se agrupam.</p> <p>20''</p>	<p>Vários conjuntos de nuvens lindas.</p>	<p>D F+- Nat</p>
<p>VIII 10''</p> <p>8-Olha aqui está...dois cãezinhos a passear que devem ir pela serra.</p> <p>9-A terra e as pedras cá em baixo.</p> <p>17''</p>	<p>Pedras (D central)</p> <p>Terra (rosa central inf)</p> <p>O resto não tem nada a ver.</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D F+- Geo</p>
<p>IX 15''</p> <p>10-Aqui será o mapa de uma terra qualquer...</p> <p>30''</p>	<p>Há o mar (D verde), há serras, e rios (brancos centrais.)</p>	<p>G F+- Mapa</p>

<p>X 3''</p> <p>11-Aqui é lindo! Um lindo bicho a passear, a força da natureza. Mas ali alguns mais feios.</p> <p>20''</p>	<p>Bicho (D cinzento sup)</p>	<p>D Kan A Ban</p>
---	-------------------------------	--------------------

Prova das escolhas:

(+)

-X, É lindo.

-VII, Nuvens quando o céu está limpo.

(-)

-I e IV, Não percebo bem.

Sujeito 34

I 3'' 1-Isto não será a vagina? Não será. 12''	Aponta o D central, embora se refira à mulher no todo.	D F- Sex
II 22'' 2- Essa não sei...isto não é ele a pôr o coiso cá dentro de mim? 3- (vagina) 28''	O coiso (D central vermelho) Vagina (branco)	D F- Sex Dbl F- Sex
III 3'' 4-Também não percebo...será o marido e a mulher. 18''	Estão a namoriscar.	G K H Ban
IV 6'' 5-Estou-me a enervar outra vez...o coiso do homem. 23''	D central	D F- Sex
V 3'' 6-Isto não será a parte do meio das nossas partes, assim abertas. 12''	Sim a parte do sexo	G F- Sex

<p>VI 2''</p> <p>7- Isto também é do marido pôr aqui dentro.</p> <p>12''</p>	(D central)	D F+ Sex
<p>VII 3''</p> <p>8-Isto não será aqui destas duas partes aqui do meio das pernas.</p> <p>15''</p>		D F- Hd
<p>VIII 2''</p> <p>Isto não faço ideia.</p>		Recusa
<p>IX 10''</p> <p>9-Isto não será das nossas partes e do marido a vir cá dentro de nós?</p> <p>18''</p>	(D central e D rosa)	D F- Anat
<p>X 1''</p> <p>Não estou a ver bem.</p> <p>6''</p>		Recusa

Prova das escolhas:

(+) -II, isto é ele a pôr aqui dentro.

(-) VIII e X, Porque não faço ideia.

VII, ele a pôr aqui dentro.

Sujeito 35

<p>I 20”</p> <p>Ai é simétrica.</p> <p>$\Delta < V >$</p> <p>1-Para mim isto é um bicho, um morcego, mas depois tem partes abertas. É um bicho voador. É estranho, depois vem esta abertura longa...</p> <p>1’15”</p>	<p>Dbl central.</p> <p>(Abertura central)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>→ kan</p>
<p>II 15”</p> <p>$< V >$ 2- Parecem dois palhaços frente a frente, numa imagem semelhante. É como se estivessem a ver-se ao espelho.</p> <p>56”</p>	<p>Pela simetria.</p> <p>Quem foi o autor dos cartões?</p>	<p>D K H</p>
<p>III 40”</p> <p>$< V >$ 3- Considero duas negras a executar uma tarefa, a cozinhar, a fazer um petisco. De qualquer forma duas negras.</p> <p>60”</p>	<p>Estão inclinadas de rabo para fora (desculpe o termo) até podem estar a tratar de uma criança.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 40“</p> <p>4- É um capitão com um ar super aterrorizado.</p> <p>É engraçado, pode ser um dragão.</p> <p>1’30”</p>	<p>É o capitão gancho, o nariz largo e o olhar ameaçador. Cabeça com ar ameaçador...não sei.</p>	<p>G K (H) Bd</p> <p>G F+ (A)</p>

<p>V 17''</p> <p>< V > Λ 5- Vejo uma mariposa com as asas descaídas.</p> <p>30''</p>	<p>Uma mariposa porque é normalmente mais triste e pesada que a borboleta.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 25'' < V 6- Aqui vejo um culto.</p> <p>40''</p>	<p>Dá a sensação que o senhor está elevado (D inferior) e a população de volta.</p>	<p>G F- Abst</p>
<p>VII 60''</p> <p>Λ < V > Λ</p> <p>7- Vejo dois coelhos.</p> <p>15''</p>	<p>(1° e 2° terço)</p> <p>Se forem velhos são um bocado feios.</p>	<p>D F+ A</p>
<p>VIII 55''</p> <p>8- Parecem duas salamandras apesar de serem cor-de-rosa.</p> <p>60''</p>	<p>Estás preparado para atacar qualquer um.</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 40''</p> <p>Λ < V > Λ</p> <p>Não faço a mínima ideia.</p> <p>9- Dá-me a sensação que é um mago com qualquer coisa a sair das mãos. É magia ou algo assim...</p> <p>1''20</p>	<p>Mago (detalhe castanho ao alto).</p> <p>(D3)</p>	<p>D K H</p>

<p>X 30''</p> <p>$\Lambda < V < \Lambda$</p> <p>10- Acho que isto é uma festa.</p> <p>38''</p>	<p>Há foguetes no ar.</p>	<p>G Kob Festa</p>
--	---------------------------	--------------------

Prova das Escolhas:

(+) IX Achei engraçado.

X Gostei imenso, pela cor e pelo ambiente.

(-) IV Tem uma figura grotesca.

VI É um bocado enigmático não diz nada.

<p>I 3''</p> <p>1-Isto faz-me lembrar o cóccix.</p> <p>20''</p>	<p>(G) A bacia.</p>	<p>G F+ Anat</p>
<p>II 2''</p> <p>2-Parece-me uma pessoa sentada, ou duas pessoas a darem as mãos.</p> <p>10''</p>		<p>G K H</p>
<p>III 2''</p> <p>3-Este parece-me duas pretas a bater no milho.</p> <p>5''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 6''</p> <p>4-Este parece-me...os caracóis do mar...mas sem cara.</p> <p>35''</p>	<p>Corpo e os corninhos (D central) Concha (restante)</p>	<p>D F- A</p>
<p>V 2''</p> <p>5-Este parece-me uma borboleta.</p> <p>6''</p>	<p>O corpo com as asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 6''</p> <p>6-Este parece uma rocha do mar reflectida no mar e</p> <p>7-A água a bater nas pedras.</p> <p>25''</p>	<p>Refere-se à simetria.</p>	<p>D EF Min</p> <p>D Kob Elem</p>
<p>VII 15''</p> <p>8-Parece um cachorro mas com uma tromba...</p> <p>9-mas isto assim V é um gato aberto para aí ao ar livre sem a parte de dentro ou</p> <p>10-um coelho partido ao meio para cozinhar.</p> <p>30''</p>	<p>(1º terço)</p>	<p>D F- A</p> <p>G F- A</p> <p>G F- A</p>
<p>VIII 2''</p> <p>11-Isto é a cores, parece uma caraça do carnaval.</p> <p>12-V Assim já parece um alien.</p> <p>22''</p>		<p>G CF Máscara</p> <p>G F- (H)</p>
<p>IX 10''</p> <p>13-Este parece uns frutos com o caule e algumas folhas. Dois ou então só metade.</p>		<p>D CF Bot</p> <p>D K H</p>

<p>14-Um homem a fazer aquela coisa doce. É Algodão doce.</p> <p>32''</p>	<p>D central</p>	<p>D FC Alim</p>
<p>X 20''</p> <p>16-OK, parecem nuvens e o azul.</p> <p>17-Fogo de artifício.</p> <p>28''</p>		<p>D F+- Nat</p> <p>D Kob Fogo</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VI, Porque parece o mar e o reflexo do mar.

-V, Parece uma borboleta.

(-)

-I, Porque me faz lembrar o cóccix.

-VII, Parece uma estátua de costas para o outro.

Sujeito 37

<p>I 5''</p> <p>1-Um morcego.</p> <p>8''</p>	<p>As patitas...as orelhas deles e as asas. É muito feio isto. É um animal muito feio.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 12''</p> <p>2-Um ferimento...uma ferida...(sangue, qualquer coisa que rebentou no corpo).</p> <p>3-Um farol, um rebentamento, alguém que se atirou do farol, daí o sangue.</p> <p>56''</p>	<p>A pessoa que se atirou do farol a baixo e que rebentou com os órgãos todo. Provavelmente morreu. (o que é que na imagem lhe fez suscitar essas ideias): o preto todo, faz-me pensar em tristeza. O vermelho parece um corpo rebentado. Sangue por todos os lados.</p>	<p>D CF Anat</p> <p>D F- Arq</p>
<p>III 18''</p> <p>4-Um homem e uma mulher, ou duas mulheres.</p> <p>5-Uns corações.</p> <p>(São duas pessoas do mesmo sexo mas ao mesmo tempo não parecem, é um bocado estranho...tanto parecem mulheres como homens)...(e têm qualquer coisa na mão que eu não sei dizer o que é).</p> <p>78''</p>	<p>Humanóides. Parecem extraterrestres. Faz lembrar... A cara, a cabeça, os pés e as mãos, uma coisa qualquer esquisita nas mãos. A forma deles...como estão posicionados.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>IV 15''</p> <p>6-Um monstro. Aquele da neve...o abominável homem das neves...as patas.</p> <p>23''</p>	<p>As patas muito grandes e parece pelo pêlo...parece que tem muito pêlo...A cabeça.</p>	<p>G FClob (H)</p>

<p>V 4”</p> <p>7-Uma borboleta.</p> <p>8”</p>	<p>As antenas...há muitas formas de borboletas...mas faz-me lembrar, por causa das asas...e estas coisas em baixo que não sei o nome. É uma borboleta muito feia.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 29”</p> <p>Este é mais complicado</p> <p>8-Faz-me lembrar um bacalhau aberto (D1), mas aqui (parte superior-D8) não sei. Um bacalhau espalmado</p> <p>1’23”</p>	<p>Parece mesmo o formato de um bacalhau. Aqui em cima não sei, mas pode ser a cabeça do bacalhau, a cara.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VII 23”</p> <p>9-Pernas e peitos de frango</p> <p>10-Órgão sexual do frango</p> <p>35”</p>	<p>As patas (parte superior), as asas no meio (no meio), o peito em baixo.</p> <p>Faz-me lembrar isso por causa da forma.</p>	<p>D F- Ad</p> <p>D F- Sex</p>
<p>VIII 6”</p> <p>11-Um esqueleto</p> <p>12-O tórax</p> <p>13-Duas ratazanas.</p> <p>14-Os nossos órgãos, o fígado, o pâncreas, os rins...</p> <p>56”</p>	<p>São tal e qual as ratazanas a subir...a irem buscar comida. Estão com ar de ataque. Vieram daqui (aponta para baixo), de um subterrâneo. Isto (parte inf) deve ser um ninho de ratazanas e vão atacar qualquer coisa, ou comer, ou é outro bicharoco que está para ali.</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p>

<p>IX 16''</p> <p>Este aqui é muito complicado (repete)...(risos)</p> <p>15 -Órgão sexual do homem</p> <p>16 -Um veado ou duas renas quando brigam com as hastes.</p> <p>O verde não sei.</p> <p>2'34''</p>	<p>Os testículos (rosas)...</p> <p>Uma parte de uma rena ou um veado a brigarem. Pasto onde estão as renas (verde). Um pénis no centro talvez (mas não afirmou determinantemente, foi lá por causa de ter visto os testículos, quase por associação).</p>	<p>D F- Sex</p> <p>D Kan A</p>
<p>X 14''</p> <p>17-Uma pintura abstracta, um Picasso, um Dali.</p> <p>18-Flores</p> <p>19-Aranhas</p> <p>20-Duas ratazanas</p> <p>21-Folhas</p> <p>1'56''</p>	<p>As flores, as aranhas, as tais ratazanas a entrarem não sei para onde.</p> <p>Faz-me lembrar tudo isso por causa das formas e as cores.</p>	<p>G CF Arte</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D CF Bot</p>

Prova das escolhas:

(+)

-III e X, Acho-os mais interessantes, mais bonitos...e como gosto dessas coisas com extraterrestres...

(-)

-II, Não gostei por causa do rebentamento e pelo sangue.

VII, Detesto ratazanas.

<p>I 7”</p> <p>1-Para mim o que poderia ser...Um morcego. É só.</p> <p>20”</p>	<p>O todo; aqui as asas (laterais) e no meio o corpinho dela.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 22”</p> <p>2- Isto é mais complicado.</p> <p>Não sei talvez pelo vermelho a parte de cima de um vulcão.</p> <p>Isto talvez influenciado pela cor.</p> <p>48”</p>	<p>Tons vermelhos.</p>	<p>D Kob Nat</p>
<p>III 14”</p> <p>3- Parece um sujeito em frente ao espelho, tipo a...pode estar a acender uma fogueira.</p> <p>48”</p>	<p>É a mancha toda, faz-me lembrar isso.</p>	<p>G K H Ban D Kob Fogo</p>
<p>IV 10”</p> <p>4-Este parece aquelas mantas dos animais que servem de tapete.</p> <p>16”</p>	<p>Aqui o focinho. (D inferior)</p>	<p>G EF Obj</p>
<p>V 10”</p> <p>5-Parece uma ave. Não sei bem qual, com olhos grandes. Talvez uma águia, talvez não.</p> <p>6- Um abutre. 34”</p>	<p>Patas (limite inferior)</p> <p>Focinho com o bico aberto (limite superior)</p> <p>Asas (laterais)</p>	<p>G F+ A Ban G F+ A</p>

<p>VI 36”</p> <p>Não sei...pode ser sinceramente não consigo perceber, identificar nada.</p> <p>8-Talvez uma pele de animal diferente. O bigode ali.</p> <p>1.10”</p>	<p>(limite superior)</p>	<p>G F+ Obj Ban</p>
<p>VII 18”</p> <p>9- O que me parece... Continente com várias ilhas, com um riozinho aqui ao meio</p> <p>38”</p>	<p>Detalhes Laterais</p> <p>Detalhe central inferior</p>	<p>D F+- Geo</p>
<p>VIII 30”</p> <p>10- Não sei...este por aqui dois javalis.</p> <p>11-Porco-espinho.</p> <p>12-Um Javali, por exemplo no meio de uma borboleta que tão tentando caçar.</p> <p>1’08”</p>	<p>Detalhes rosa laterais</p> <p>(laranja inferior)</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ A</p>
<p>IX 9”</p> <p>13- Isto me faz lembrar aqueles montes fictícios dos filmes de ficção. Aqueles planetas. No todo.</p> <p>14- Uma copa de uma árvore.</p> <p>15 -Aqui serão as pedras</p> <p>57”</p>	<p>“A mancha toda”</p> <p>(parte laranja)</p> <p>(parte preta)</p>	<p>GF F +- Paisag</p> <p>D CF Bot</p> <p>D C’ Geo</p>

<p>X 8”</p> <p>16- Este faz-me lembrar uma data de crustáceos.</p> <p>17- Um caranguejo.</p> <p>18 -Um búzio.</p> <p>19 -Um cavalo do mar.</p> <p>20 -Dois bicharocos a falarem um com o outro.</p> <p>1’03”</p>	<p>O todo.</p> <p>D azul lat.</p> <p>D laranja inferior</p> <p>D rosa lat.</p> <p>D cinza.</p>	<p>G F+- A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p> <p>D Kan A</p>
---	--	---

Prova de escolhas:

(+)

IX e X – Por causa das cores

(-)

V e VIII – Porque gosto de animais

Sujeito 39

<p>I 3''</p> <p>1-Isto não é uma águia? Aqui as asas. O corpo aqui.</p> <p>10''</p>	<p>Asas (lat negro)</p> <p>Corpo (eixo mediano)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 5''</p> <p>2-Já não sei, não percebo, não sei, não conheço isto, talvez, dois cães pretos a dar um beijo um ao outro.</p> <p>3-Dois patos a olhar um para o outro.</p> <p>32''</p>	<p>(vermelho sup)</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D Kan A</p>
<p>III 8''</p> <p>4-Isto são passarinhos.</p> <p>O vermelho não percebo nada disto. Ao meio não percebo.</p> <p>45''</p>		<p>D F- A</p>
<p>IV</p> <p>Dificultou-me! Não sei que bicho é este, esquisito não vejo nada que conheça.</p>		<p>Recusa</p>
<p>V 3''</p> <p>5-Morcego... é só isso.</p> <p>10''</p>		<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 14”</p> <p>6- Outro que não conheço, de bichos. Conheço muito pouco, não sei o que é isto. Não conheço quase nada.</p> <p>16”</p>		<p>Recusa</p>
<p>VII 13”</p> <p>7-São bichos que não conheço, sinceramente custame dizer isto, mas não conheço nada, lamento, só conheço cães, gatos, galinhas, coelhos, isso ainda conheço, o resto não conheço.</p> <p>34”</p>		<p>D F+- A</p>
<p>VIII 10”</p> <p>8-De lado parecem de facto cães.</p> <p>14”</p>		<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 8”</p> <p>9-Parece uma árvore com flores.</p> <p>17”</p>		<p>G CF Bot</p>

<p>X 5”</p> <p>10-V aqui caranguejos azuis</p> <p>11-V Árvore com flores.</p> <p>12-Λ Sino preto</p> <p>13”</p>		<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+- Bot</p> <p>Dd F+ Bot</p>
--	--	---

Prova das escolhas:

(+) IX, X – Porque percebo o que é

(-) IV, V – Não sei nada destes bichos

<p>I 12''</p> <p>1-Um mocho.</p> <p>2-Uma ave.</p> <p>3-Um morcego.</p> <p>35''</p>	<p>(Forma do corpo)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>G F+ A</p>
<p>II 30''</p> <p>4- Uma caveira, a cara de um ser humano transformada em caveira.</p> <p>1'35''</p>	<p>Os olhos (verm.), a boca muito aberta (branco central).</p>	<p>Gbl F- Anat</p>
<p>III 5''</p> <p>5-A mesma coisa, a caveira com orelhas, nariz e o queixo.</p> <p>34''</p>	<p>Orelhas (verm lat.), nariz (vermelho central).</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>IV 4''</p> <p>6-Macaco...um gorila...sei lá...as patas.</p> <p>33''</p>		<p>G F+ A</p>
<p>V 1''</p> <p>7- Uma ave nocturna...daquelas que anda à noite...não sei o nome.</p> <p>20''</p>	<p>Porque é escura.</p>	<p>G FC' A Ban</p>

<p>VI 25''</p> <p>8- Coluna vertebral.</p> <p>9- Animal... não sei mais, não vejo mais nada... está partido ao meio... se tivesse inteiro sabia qual era o animal.. assim não sei... o rabo, as orelhas.. não o identifico.</p> <p>1'04''</p>	<p>Detalhe central</p> <p>Rabo (detalhe inferior central)</p> <p>Orelhas (parte superior central)</p>	<p>D F+ Anat</p> <p>G F+- Ad</p>
<p>VII 22''</p> <p>10-Um rabo... o ânus... em cima não sei o que é.</p> <p>59''</p>	<p>Centro do 3º terço</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>VIII 12''</p> <p>11-Dois furões, bichinhos como ratos, são dois hamsters... o resto não sei... talvez estejam em cima dum rochedo...</p> <p>12-Uma rosa, um amor perfeito.</p> <p>48''</p>	<p>Detalhe rosa e laranja em baixo</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D FC Bot</p>
<p>IX 38''</p> <p>Não consigo</p> <p>1'10''</p>	<p>RA: Talvez o cérebro dividido em duas partes não sei...</p>	<p>Recusa</p>

<p>X 3''</p> <p>13-Caranguejos, não estou a ver também...</p> <p>56''</p>	<p>Caranguejos (azul lat.)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
--	--------------------------------	-------------------

Prova das escolhas:

- (+) I e IV porque gosto de animais
- (-) II e III faz-me lembrar os mortos

Sujeito 41

<p>I 4''</p> <p>1-É um mocho.</p> <p>6''</p>	<p>A forma do corpo com as asitas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 4''</p> <p>2-São duas pessoas com uma coisa qualquer na mão, não sei o que é, talvez uma garrafa ou um copo.</p> <p>10''</p>		<p>G K H</p>
<p>III 8''</p> <p>3-Devem ser duas pessoas.</p> <p>4-Em baixo um caranguejo ou antes uma borboleta. O que eles estão a fazer é que não sei.</p> <p>13''</p>	<p>D Central</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IV 2''</p> <p>5-É um bicho, não sei o nome VΛ não sou capaz de dizer.</p> <p>8''</p>	<p>Talvez um morcego ou uma aranha e a terá à volta.</p>	<p>G F± A</p>
<p>V 2''</p> <p>6-É um morcego ou o que é isto.</p> <p>5''</p>	<p>Pela forma</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 15''</p> <p>7- VAV Deve ser um bicho, não sei qual.</p> <p>20''</p>	<p>Não pode ser uma cobra. Não sei mesmo o que é.</p>	<p>G F± A</p>
<p>VII 5''</p> <p>8-São borboletas.</p> <p>7''</p>	<p>Estão aqui em baixo (D central). Talvez em cima será a ovulação delas (1º e 2º terço).</p>	<p>D F+ A</p>
<p>VIII 2''</p> <p>9-É uma árvore.</p> <p>10-Com dois bichos a subir a árvore.</p> <p>5''</p>	<p>A árvore está no meio, os bichos no rosa e no laranja pode ser a ovulação.</p>	<p>D F± A Bot</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 2''</p> <p>11-São dois bichos</p> <p>12-Em cima de uma árvore.</p> <p>5''</p>	<p>Dois bichos (D castanho sup), árvore (verde) e uma ovulação (rosa)</p>	<p>D F± A</p> <p>D CF Bot</p>
<p>X 3''</p> <p>13-São duas aranhas.</p> <p>14-Dois cavalos-marinhos.</p> <p>15-E aqui são dois bichos, não sei bem o que sugerem.</p> <p>8''</p>	<p>(azuis laterais)</p> <p>(rosa central)</p> <p>(cinzento sup)</p> <p>Talvez três cobras.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p>

Prova das escolhas:

(+)

-II, faz lembrar uma coisa que nunca mais se deve fazer, que é beber. É como se fosse um sinal de stop. É a prancha que eu gosto mais.

-VIII, Pelas cores.

(-)

I, Porque é um bicho feio.

IV, Porque não sei o que é.

<p>I 2”</p> <p>Faz-me lembrar um vampiro, morte... temos um animal que está a negar a vida.</p> <p>14”</p>	<p>Tipo morcego.</p>	<p>G Fclob (A)</p>
<p>II 2”</p> <p>A ideia de sangue, pouca saúde, desarmonia, desequilíbrio.</p> <p>8”</p>	<p>Detalhe central inferior.</p>	<p>D C Sg</p>
<p>III 2”</p> <p>Esta é mais harmónica...há mais harmonia...há maldade também, duas pessoas com maldade mas há uma harmonia. Duas pessoas com a mesma maneira de pensar e de agir. O vermelho faz-me lembrar violência.</p> <p>28”</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 10”</p> <p>A mesma coisa que a primeira.</p> <p>Dois vampiros com dois pares de olhos. A perseguição, a morte, violência, tudo aquilo que há de mal.</p> <p>25”</p>	<p>Os olhos (saliências laterais superiores)</p>	<p>G Fclob (A)</p>
<p>V 3”</p> <p>A mesma coisa...mas com intensidade mais fraca, morte, violência, a ideia de fantasma, pode ser um sonho mau, o tal medo que eu sinto às vezes, o pânico.</p> <p>28”</p>		<p>G Clob F (A)</p>

<p>VI 4”</p> <p>Esta já me agrada mais esteticamente. É uma violência mais atenuada. Parece uma estátua e a dor mais atenuada.</p> <p>15”</p>		<p>G F± estátua</p>
<p>VII 4”</p> <p>Isto faz-me lembrar duas deformações...por exemplo duas gémeas com defeitos, tão unidas, vão ter que sofrer imenso para sobreviver e o temor que os pais vão sentir.</p> <p>16”</p>		<p>G K H</p>
<p>VIII 2”</p> <p>É a mais agradável. Aqui é a Primavera. Há muita harmonia...é o renascer de qualquer coisa...pode simbolizar algo de belo.</p> <p>10”</p>		<p>G C Abst</p>
<p>IX 1”</p> <p>A mesma coisa...aqui já não vejo tanta harmonia, por causa do verde e do alaranjado.</p> <p>Sugere uma certa incerteza, insegurança.</p> <p>12”</p>	<p>É a Primavera também</p>	<p>G C Abst</p>

<p>X 8''</p> <p>Pode simbolizar vários caminhos da vida, de desarmonia ou de harmonia, vários caminhos, várias direcções.</p> <p>12''</p>		<p>G C Abst</p>
--	--	-----------------

Prova das escolhas:

(+)

VIII, X Por causa das cores.

(-)

I, IV A ideia de morte.

Sujeito 43

<p>I 3''</p> <p>1- Uma cara de um animal diabólico. Imagem de fantasia, diabo, essencialmente por ser negra.</p> <p>2-Parecem também nuvens.</p> <p>18''</p>	<p>Forma do corpo</p>	<p>G ClobF (A)</p> <p>G F_± nuvem</p>
<p>II 6''</p> <p>3-Aqui vejo uma cara mais triste. Muito triste.</p> <p>4-Dois elefantes.</p> <p>22''</p>	<p>Por causa da cor negra (G). Muita tristeza. Olhar (manchas vermelhas superiores).</p> <p>(sem os detalhes superiores e central vermelho).</p>	<p>G Kp Hd</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>III 10''</p> <p>5-Duas pessoas que estão frente a frente como se estivessem a ver-se num espelho. Vejo-os tristes, algo que não conseguem resolver porque eles estão separados. E estão com ar de zangado e muito tristes.</p> <p>45''</p>	<p>Estão separados no corpo. O vermelho faz lembrar o espelho (D vermelho central). Os olhos zangados, queixo bicudo, muita agressividade.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 5''</p> <p>6-Vejo um dos bonecos que os meus filhos gostam de ver nos desenhos animados. Tem dois olhos e duas orelhas.</p> <p>38''</p>	<p>Ausência de sentimentos, não estão zangados. É um boneco esquisito, com pés grandes. Não tem cor.</p>	<p>G F_± Bd</p>

<p>V 3''</p> <p>7-Um morcego. Uma caricatura da noite inofensiva, apenas existe para cumprir as funções como todos nós cá. Mas mete-me um bocadinho de medo.</p> <p>42''</p>	<p>Tem as asas para baixo. Tenho medo.</p>	<p>G FClob A Ban</p>
<p>VI 5''</p> <p>8-Uma espécie de borboleta que está em cima de qualquer coisa.</p> <p>9-Um pássaro.</p> <p>10-A caixa de um casulo e um bicho a sair.</p> <p>38''</p>	<p>As antenas estão no sítio errado, estão no pescoço.</p> <p>(D central) – bicho. Um bicho a tentar conquistar a liberdade.</p>	<p>D F- A</p> <p>D F+- A</p> <p>D Kan A</p>
<p>VII 4''</p> <p>11-Dois coelhinhos.</p> <p>12-Estão em cima de duas pedras.</p> <p>Mais uma imagem em espelho. E estão afastados porque têm as patinhas para trás.</p> <p>28''</p>	<p>(comentário)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F+- Min</p>

<p>VIII 2''</p> <p>13-Ah! Dois animais, talvez toupeiras. Vejo cor, uma aproximação. Estão a tentar aproximar-se, mas estão de costas voltadas.</p> <p>15''</p>		D F+ A Ban
<p>IX 2''</p> <p>14-Uma aproximação de duas figuras de fantasia dos desenhos animados.</p> <p>11''</p>	<p>A cor indica que se vão aproximar de uma forma diferente, não diria com alegria.</p> <p>(Detalhes laranjas superiores).</p>	D F± Bd
<p>X 3''</p> <p>15-Que lindo, volto a ver uma aproximação entre vários animais, só os negros estão em conflito um com o outro.</p> <p>12''</p>	<p>As cores são giras e representam as emoções.</p> <p>(D cinzento superior central).</p>	D F+- A Ban

Prova das escolhas:

(+)

IX e X, Por causa da aproximação e das cores.

(-)

-I, É um animal diabólico.

-II, Porque há tristeza.

<p>I 10''</p> <p>1- Mosca 2- Borboleta, sei lá é esquisita (...) 3- Bailarino, mascarado, a dançar, mas não pode ser, não faço ideia. 4- O meu filho faz disto, mete a tinta de lado, dobra o papel, não vejo mais nada.</p> <p>1'57</p>		<p>G F- A G F+ A Ban G K H G F+- Obj</p>
<p>II 10''</p> <p>5- Dois cães a brincarem com qualquer coisa. É o focinho de dois cães, sombra, boca, olhos, nariz, dois cães a brincarem com o nariz. Não parece mais nada, não entendo os encarnados.</p> <p>1'15''</p>		<p>D K A Ban</p>
<p>III 10''</p> <p>6- Os encarnados é estranho. Duas pretas a baterem o milho, parece isso, não vejo mais nada.</p> <p>50''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 1''</p> <p>7- Prado 8''</p> <p>8- V>Λ Parece um monstro V</p>		<p>G F± Bot</p>

<p>não sei, um monstro, sei lá, é esquisito Δ mas é giro, está bem feito.</p> <p>1.05''</p>		<p>G clobF (H)</p>
<p>V 10''</p> <p>9- Borboleta.</p> <p>10- Parece mais um morcego, ou borboleta por causa das patas.</p> <p>32''</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 10''</p> <p>11- $\Delta V \Delta V$ Não me parece nada, poderia ser um rochedo.</p> <p>12- Com um totem de índios, mal feito mas existe, bem giro.</p> <p>1.03''</p>		<p>D F+ Geo</p> <p>D F+ Totem</p>
<p>VII 10''</p> <p>$V \Delta$ Não me parece nada, não sei, $\Delta < V$ não me diz nada, é só.</p> <p>33''</p>		<p>Recusa</p>
<p>VIII 20''</p> <p>12- $\Delta V \Delta$ Sei lá o que parece uma escultura que não sabemos o que é, e não me diz nada, escultura.</p> <p>55''</p>		<p>G F+ Escultura</p>

<p>IX 8”</p> <p>13- Δ Estes são difíceis < V Δ este está giro, não consigo perceber, não vejo nada, repuxo de água, mas por baixo não tem significado.</p> <p>14- Δ Parece um corpo não dá para ver o que é.</p> <p>36”</p>	<p>Repuxo, branco superior.</p> <p>Corpo, rosa inferior.</p>	<p>D Kob elemento</p> <p>G F+- A</p>
<p>X 13”</p> <p>15- Δ Conchas, rochas, servem para pôr dentro do aquário.</p> <p>Está bem feito, é giro. Não dá para entender.</p> <p>1’10”</p>	<p>Detalhes rosa laterais</p>	<p>D F+<u> </u>minerais</p>

Provas das escolhas:

- (+) IX Por ser um repuxo.
- X Relacionado com o homem.
- (-) IV Parece um monstro
- V Não gosto de morcegos

Sujeito 45

<p>I 2''</p> <p>1-Parece um morcego (ri-se). Que raio de coisa.....</p> <p>33''</p>	<p>É um morcego com asas, boca.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 10''</p> <p>2-ΛVA Parece uma borboleta com as asas e o rabinho vermelhinho. É só.</p> <p>46''</p>	<p>É uma borboleta. (D central)</p>	<p>D F- A</p>
<p>III 3''</p> <p>3-Parecem dois macaquinhos a namorarem VA.</p> <p>4-Dois macacos com um lacinho ao meio.</p> <p>39''</p>	<p>Macaco com pés e o laço (D vermelho médio)</p>	<p>G Kan A D FC Obj Ban</p>
<p>IV 3''</p> <p>5-Eh pá! Parece um monstro com rabo e cauda, com patas muito grandes.</p> <p>6-Um macacão grande.</p> <p>1'04</p>	<p>Não gosto, é um monstro.</p>	<p>G FClob (H) G F+ A</p>

<p>V 5''</p> <p>7-Parece mesmo um morcego, é um morcego sim senhora.</p> <p>35''</p>	<p>Tem o bico aqui em cima.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 9''</p> <p>8-ΛV Este não entendo é um bicho com asas muito grandes, parece um bacalhau...não estou a ver que bicho é...</p> <p>1'03''</p>		<p>G F+ A</p>
<p>VII 2''</p> <p>9- Eh pá! V Este também não sei Λ Parecem dois coelhinhos, olha lá...uma coelhinha e um coelhinho.</p> <p>50''</p>	<p>Coelhinho com patas.</p>	<p>D F+ A</p>
<p>VIII 8''</p> <p>10- Λ< Dois tigres a subir...</p> <p>11- Uma árvore, um de lado e um do outro, dois tigres.</p> <p>1'20''</p>		<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>

<p>IX 10''</p> <p>12- V<AV Parecem duas cenouras com a rama a cair. Eu sei porque andei a apanhar cenouras.</p> <p>1'27''</p>	<p>Cenouras (D castanhos sup). O restante é a rama (verde central)</p>	<p>D FC Alim</p>
<p>X 3''</p> <p>13-ΛV Parece uma jarra de flores, com tudo colorido, não acha? A mim parece-me.</p> <p>46''</p>	<p>A jarra (D cinzento sup). O restante são as flores.</p>	<p>G CF Obj/Bot</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VIII, É a natureza.

-X, Por causa das flores.

(-)

-VI, Não sei o que é.

-IX, é um monstro.

<p>I 1''</p> <p>1-Uma borboleta.</p> <p>10''</p>	<p>Por causa das asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3''</p> <p>2-Parecem dois senhores de joelhos e com as mãos juntas.</p> <p>15''</p>		<p>G K H</p>
<p>III 2''</p> <p>3-V Um gatinho.</p> <p>15''</p>	<p>A cara de um gatinho. Os olhos (D central inf) e a boca.</p>	<p>D F- Ad</p>
<p>IV 30''</p> <p>4-Um caracol.</p> <p>45''</p>	<p>(D central) Por causa dos corninhos.</p>	<p>D F- A</p>
<p>V 13''</p> <p>5-Outra borboleta (ri-se)</p> <p>6-Ou um morcego.</p> <p>32''</p>	<p>Os pés, as asas e os corninhos.</p> <p>As patinhas para agarrar.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 4''</p> <p>7-Parece a pele de um animal que está no chão.</p> <p>12''</p>		<p>G F+ A</p>

<p>VII 8'' 8-V Pedaco de loiça partida. 12''</p>		D F+- Fragt
<p>VIII 9'' 9- Dois ursos a subir. 10- Uma árvore. 12''</p>	Árvore (D verde) e as patinhas a segurarem.	D F+ A Ban D CF Bot
<p>IX 33'' 10- V Isto é uma árvore. 11-Por trás parecem caveiras. 1'07''</p>	Detalhe verde central. Caveiras (Dbl centrais)	D CF Bot Dbl F+ Anat
<p>X 9'' 12- Isto é um animal, vários...pintainhos. 13- Dois veados. 14- Dois touros. 15-V 2 macacos a darem a mão. 16- É uma pessoa. 58''</p>	(D amarelos) (D castanhos) (D cinzentos) (D azuis) (verde central inf)	D F+ A D F+ A D F+ A D K A D F+ H

Prova das escolhas:

(+) -VIII, Parecem animais, - X, Sobre animais.

(-) - I e V, A morte.

<p>I 2''</p> <p>1-Isto a mim parece-me um morcego, se calhar uma imagem de sofrimento da infância.</p> <p>11''</p>	<p>Pelo aspecto. A forma e a cor preta.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 8''</p> <p>2-Isto parece sangue e o negro deve ser morte.</p> <p>3-Dá a impressão que vão dois animais e o sangue.</p> <p>33''</p>	<p>(D central negro)</p> <p>(mancha central, pela cor vermelha.)</p>	<p>D C Sg</p> <p>D F_± A</p>
<p>III 4''</p> <p>4-Dois homens em alguma disputa ou a tocar algum instrumento.</p> <p>36''</p>	<p>Tipo danças tribais em África.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 16''</p> <p>5-V Um animal com olhos, barbatanas, um animal voador mas grande.</p> <p>37''</p>		<p>G F_± A</p>

<p>V 3''</p> <p>6- Parecem todos iguais. É a mesma sensação daquele. São animais que me aparecem nos pesadelos.</p> <p>1'20''</p>	<p>É a cor e o aspecto. Talvez uma ave escura.</p>	<p>G FC' A →Clob</p>
<p>VI 3''</p> <p>7- Parece um animal aberto, tem as barbatanas e os olhos. Está aberto ao meio. Tem as vértebras e a coluna.</p> <p>1'27''</p>		<p>G F- A</p>
<p>VII 5''</p> <p>8- Um desenho abstracto sem significado nenhum.</p> <p>9- Aqui parece dentes, o maxilar com dentes.</p> <p>1'18''</p>	<p>(saliências sobre o 1º terço)</p>	<p>G F± Arte D F- Hd</p>
<p>VIII 6''</p> <p>10- Dois animais mais parecidos com a onça a subirem..</p> <p>11- Uma árvore.</p> <p>46''</p>		<p>D F+ A Ban D CF Bot</p>

<p>IX 1''</p> <p>12- Um quadro de paisagem.</p> <p>13- V o caule da árvore, a planta e as folhas.</p> <p>40''</p>	<p>(D central - caule)</p> <p>Planta (G). por causa das cores.</p>	<p>G CF Arte</p> <p>G CF Bot</p>
<p>X 6''</p> <p>14- V uma planta, o caule.</p> <p>15- Um jardim colorido, mais flores, mais alegres.</p> <p>35''</p>	<p>(D cinzento sup)</p> <p>(refere-se a todos os detalhes, por causa das cores)</p>	<p>G CF Bot</p> <p>G CF Nat</p>

Prova das escolhas:

(+)

-IX, simboliza a Primavera e o Outono.

-X, Pelas cores, um jardim colorido.

(-)

V, Por ser um morcego.

VII, Não percebo bem aqueles dentes, deve estar relacionado com qualquer coisa de criança.

Sujeito 48

I 10'' 1- Parece uma borboleta. 30''	Formato das duas asas, a cabeça, e o rabo.	G F+ A Ban
II 5'' 2- Parecem dois coelhos. 3- Ou dois porcos. 30''	Os coelhos deviam ter as orelhas mais pequenas.	D F+ A Ban D F+ A
III 3'' 4- Só consigo ver um laço no meio, de resto, mais nada. 10''	(detalhe central) Laço vermelho	D F+ Obj Ban
IV 2'' 5- Parece um filme de extraterrestres. Um monstro. 15''		G Fclob (H)
V 2'' 6- Aqui é um morcego. 15''	É a forma dele.	G F+ A Ban
VI 3'' Aqui não vejo nada. 10''		Recusa

<p>VII 2''</p> <p>7- Dois cãezinhos em cima duma pedra, daqueles todos peludos.</p> <p>15''</p>		D FE A
<p>VIII 4''</p> <p>8- Dois bichos, lagartos, camaleões, um de cada lado a subir uma planta.</p> <p>20''</p>		D F+ A
<p>IX 6''</p> <p>9- Isto para mim são duas maçãs, o resto não parece com mais nada.</p> <p>15''</p>		D FC Alim
<p>X 5''</p> <p>10- Aqui só vejo mesmo as cores, formas e mais formas. Não sei...</p> <p>15''</p>		Recusa

Prova das escolhas:

- (+) I - Por parecer uma borboleta. VII - Por causa dos cães.
 (-) VI - Porque é muito difícil. X - Também não sei o que é isto

Sujeito 49

I 2'' 1-Uma borboleta. 3''		G F+ A Ban
II 3'' 2-Dois palhaços. 7''	Com as cabeças e os corpos.	G K H
III 2'' 3-Dois apaixonados. 7''	Porque o coração está a bater.	G K H Ban
IV 5'' 4-Um rato. 7''	A cabeça, o rato está espalmado, está morto.	G F- A
V 5'' 5-Não é um vampiro, como é que se chama? Morcego. 5''	As antenas, as asas, e as patas.	G F+ A Ban

<p>VI 4''</p> <p>6-Isto é que é muito esquisito e agora o que eu vou dizer desta? Um homem com um bigode.</p> <p>19''</p>	<p>(D lateral). Isto baralha-me.</p>	<p>D F- H</p>
<p>VII 2''</p> <p>7-Duas gémeas.</p> <p>4''</p>	<p>A cabeça e o totó de cada uma.</p>	<p>G F+ H</p>
<p>VIII 4''</p> <p>8-O que é que eu vou dizer desta? Um nativo.</p> <p>7''</p>	<p>Detalhe cinzento superior</p>	<p>D F- H</p>
<p>IX 5''</p> <p>9-E esta ainda é pior, um homem de costas.</p> <p>9''</p>	<p>Está sentado no sofá. O sofá são as manchas rosa centrais, o resto é o corpo.</p>	<p>D K H</p>
<p>X 4''</p> <p>10-Esta ainda é pior, dois soldados.</p> <p>6''</p>	<p>Capacete (D cinzento superior)</p> <p>Corpo (rosa central), deve ser bombeiro. Aqui estão as coisas, as pistolas (azul central), a água (D azul lateral). Bocas de incêndio (amarelo lateral) com as partes já queimadas (laranja e preto).</p>	<p>D bl F- H</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VIII, gostei deste, parece-me amoroso.

-VII, os gémeos, estão muito ligados um ao outro.

(-)

-VIII, Não dou uma definição do que estou a ver.

-IX, Também não está perceptível.

<p>I 2''</p> <p>1- Borboleta. É o que parece.</p> <p>10''</p>	<p>Pela forma do corpo.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3''</p> <p>2- Dois bichos frente a frente. Parecem pernas mas tem um bico.</p> <p>33''</p>		<p>D Kan (H)</p>
<p>III 6''</p> <p>3- Eh Lá! Duas pessoas, a mexerem num vaso ou num caldeirão.</p> <p>4- No meio de uma borboleta.</p> <p>24''</p>	<p>Duas mulheres (vermelho central)</p>	<p>G K H Ban D F+A Ban</p>
<p>IV 15''</p> <p>5- V Borboleta, borboleta preta...feia.</p> <p>6- Também pode ser um morcego. É feio.</p> <p>34''</p>	<p>A forma e a cor.</p>	<p>G FC' A → Clob G FC' A → Clob</p>
<p>V 12''</p> <p>7- Só vejo borboletas? Uma Borboleta.</p> <p>18''</p>	<p>Forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 3”</p> <p>8- Uma planta 19”</p>	<p>Detalhe superior</p>	<p>G F± Bot</p>
<p>VII 10”</p> <p>9- Oh! Nuvens. 15”</p>		<p>G F± nuvens</p>
<p>VIII 6”</p> <p>10- Este também é fácil, dos lados, dois animais.</p> <p>11- Ao meio a cara de um homem velho...e por baixo o casaco.</p> <p>12- Borboleta ou flor...uma planta. 55”</p>		<p>D F+ A Ban D F- Hd D F+ Vest D CF Bot</p>
<p>IX 23”</p> <p>13- Este também já sei... V aqui em cima a projectaram água, ou cuspo um para o outro. 1.01”</p>	<p>(Detalhe superior) Os jactos, saliência. R.A: Dois olhos. (Detalhe central) Dbl F+ Hd</p>	<p>D K H</p>
<p>X 23”</p> <p>14- Oh lá...manchas não me vem nada à cabeça...</p>		

<p>Espera lá aqui parecem-me bichos.</p> <p>15- Aqui espíritos, almas do outro mundo.</p> <p>1.08''</p>	<p>Detalhe cinzento superior</p> <p>Detalhes rosa</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D Kp (H)</p>
---	---	-----------------------------------

Prova das escolhas:

(+) VIII, IX Porque é colorido

(-) IV, VI Porque é escuro.

Sujeito 51

I 7'' 1-Carcaça de um gato, cabeça de um gato. 14''	A cara, as orelhas, a boca, e o queixo, está tudo no sítio.	G F- Ad
II 2'' 2-Parecem dois ursos... 14''	Orelhas, rabo, pernas, estão a juntar as patas.	G F+ A Ban
III 2'' 3-Duas pessoas à volta de um tacho. Qualquer coisa (ri-se). 16''	O tacho está em baixo e o s pés das pessoas.	G K H Ban
IV 2'' 4- Monstro de pêlos, feio. 16''	Os pés de um monstro (Detalhes laterais inferiores) e a cabeça (Detalhe superior).	G FClob (H)
V 3'' 5-Parece-me um morcego, não vejo mais nada. 13''		G F+ A Ban

<p>VI 10''</p> <p>Hum... não sei.</p> <p>6- Oh, faz-me lembrar a pele do meu animal estendido.</p> <p>39''</p>	<p>Zona das patas (D inf)</p>	<p>G EF Ad Ban</p>
<p>VII 4''</p> <p>7-Parecem-me dois animais, um de cada lado. Orelhas rabo, cara ou cabeça de qualquer coisa.</p> <p>8-Morcego talvez (ri-se).</p> <p>50''</p>	<p>São dois bonecos, desenhos animados, e aqui (1º terço) é a cara com olhos e aqui é o rabo (2º terço).</p>	<p>G F+ A</p> <p>G F- A</p>
<p>VIII 3''</p> <p>9- Dois animais a trepar uma rocha.</p> <p>10- Rocha</p> <p>50''</p>		<p>D Kan A Ban</p> <p>D F+- Geo</p>
<p>IX 21''</p> <p>11-Tenho a sensação que são dois bichos a tentarem um meio de comunicação entre eles.</p> <p>1'</p>	<p>Comunicam através do nariz e das orelhas.</p>	<p>D Kan A</p>

<p>X 11''</p> <p>12-Parecem órgãos do corpo humano dispersados.</p> <p>13-São pulmões... sei lá, não sei, este está mais complicado que os outros.</p> <p>1'20''</p>	<p>Ah, esse era o dos órgãos, das vísceras, com pulmões. Bocados de órgãos.</p>	<p>G F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
---	---	-----------------------------------

Prova de escolhas:

(+) – Não gostei de nenhuma

(-) – I e IV são assustadoras

<p>I 2”</p> <p>1- Uma borboleta.</p> <p>2-Hum...é se tivesse que ir, se isto se tivesse uma igreja tinha dois anjinhos. Uma redenção. Podia ver isto de uma forma muito feia, mas é muito bonito. Se tivesse muito bem maldisposta...mas não estou.</p> <p>3-Até inclusive vejo uma porta para uma coisa boa. Uns puxadores para uma coisa boa. Se tivesse que pôr na minha casa, punha coisas alegres.</p> <p>4-Talvez uma parede branca com luzes.</p> <p>5-Até mesmo as mãos mostram um caminho bom. Talvez para o céu. E aquela luz branca transmite confiança. Acho que vão abrir aquelas portas e andar.</p> <p>4.01”</p>	<p>(Detalhe branco central)</p> <p>(Pequenas Saliências centrais superiores)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D F+ (H)</p> <p>Dbl F+- Obj</p> <p>G C’ Arq.</p> <p>Dd F- H</p> <p>Dd F+ Hd</p>
<p>II 8”</p> <p>6- Olhe, vejo um palhaço.</p> <p>7- Que está a brincar com dois ursos.</p> <p>2.43”</p>	<p>Palhaço (detalhe vermelho central) e o os ursos (Detalhes negros laterais)</p> <p>Em cima tenho os pés do palhaço o que está a fazer o pino.</p> <p>E vejo dois ursos que põem a mão. Que tão treinados para isso. Vejo acima de tudo movimento, cor, alegria.</p>	<p>D K (H)</p> <p>D Kan A</p>

<p>III 1”</p> <p>8- Ah! Aqui são dois <i>pierrots</i>.</p> <p>9- Dois <i>croupiers</i> que andam no casino com um laçarote no meio que tão a segurar uma mesinha.</p> <p>Há uma mulher por perto mas não se vê. Digo isto por causa do vermelho.</p> <p>11- Isto aqui parece soutiens de cabaré. Mas cabaré do bom.</p> <p>12-Plumas.</p> <p>1.52”</p>	<p>(Laterais a preto)</p> <p>“ De salto alto e calça justa. Não vejo mas sei que é justo”.</p> <p>Os dois croupiers.</p> <p>(vermelho central)</p> <p>O laçarote.</p> <p>(limite inferior)</p> <p>A mesa.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>G K H</p> <p>D F_± Vest</p> <p>D F_± Vest</p>
<p>IV 3”</p> <p>13- Ah! Isto é o Rei Leão com...com o corpo, expectante, com a cauda aqui.</p> <p>E se me perguntasse a expressão que ele tem, vejo os olhos...mas vejo sempre uma figura expectante, sem angústia, calmo.</p> <p>Tem umas vestes principescas. É o rei leão. Tem vestes dele mesmo.</p> <p>2.02”</p>		<p>G F- (A)</p>
<p>V 6”</p> <p>13- Aqui vejo uma...ia dizer que vejo alguém a fazer ballet, tendo como fundo alguém a fazer ballet.</p> <p>14- Se olhasse só para a parte de cima podia dizer que era</p>		<p>G K H</p>

<p>um xeique. 1.36”</p>		D/G F- H
<p>VI 1”</p> <p>15- Um sacrário e como se chama aquilo...aquilo do ouro, não sei como se chama.</p> <p>Redenção. É quase como se fosse o espírito santo. É tudo bom.</p> <p>16-Isto aqui podia ser uma hóstia. 2.45”</p>	<p>(as duas grandes partes laterais)</p> <p>O ouro não vejo, parte do pressuposto, pois é um sacrário.</p> <p>(detalhe superior)</p>	<p>D F- Obj</p> <p>Dd F- Obj</p>
<p>VII 1”</p> <p>17- Olhe aqui estão as pombinhas. Vejo isto como encaixe ao que vi no outro. Era o que faltava.</p> <p>Vejo aqui pombas esbatidas, muito suaves.</p> <p>18- Ou então, era capaz de ver duas mulheres nesse tal cabaré.</p> <p>19 -Era capaz de ver uma caricatura daquelas dos anos 70, que aparece nos cafés. Isto para não ir para o lado espiritual. 2.30”</p>	<p>(1º terço superior)</p> <p>É a pureza, espiritualidade, libertação.</p> <p>De perfil (1º e 2º terço)</p>	<p>D F- A</p> <p>G K H</p> <p>G F+- Simb</p>

<p>VIII 5”</p> <p>20- Ora aqui vejo algures em algum sítio dois ursos de patas levantadas. Elas estão levantadas, apoiados.</p> <p>Podem estar no seu habitat próprio ou no jardim zoológico, mas sempre a escalar/subir qualquer coisa.</p> <p>Estão em posição de equilíbrio. Um pé apoiado e o outro não.</p> <p>Estes ursos tão em equilíbrio e não vão morrer de certeza.</p> <p>1.51”</p>	(detalhe rosa lateral)	D Kan A Ban
<p>IX 43”</p> <p>21- Olhe, isto vou para as arábias. Se tivesse que pôr um titulo a isto, punha bola de cristal.</p> <p>Cores muito fortes mas que provocam a sensação de bem-estar. Se eu vir alguma coisa na bola de cristal, é coisa boa. Não tenho medo dela. Estou segura.</p> <p>2.55”</p>		G CF obj
<p>X 1”</p> <p>22- Isto é o máximo, é a torre Eiffel. Som, música e movimento. Tudo de bom.</p> <p>32”</p>		D F+ Arq

Prova de escolhas:

(+) – II e III Têm palhaços, são alegres

(-) – IX e X São esquisitas

Sujeito 53

<p>I 6''</p> <p>1-Borboleta, é o que eu vejo.</p> <p>11''</p>	<p>As asas...o espaço branco no centro.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3''</p> <p>Isto não sei...este não sei mesmo.</p> <p>2-Parece um bicho...um escaravelho.</p> <p>Não vejo mais nada.</p> <p>15''</p>	<p>Na parte inferior da prancha, na posição inversa.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>III 6''</p> <p>3- Parecem duas pessoas humanas.</p> <p>18''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 30''</p> <p>E se eu errar?</p> <p>Parece mais um escaravelho do que o outro.</p> <p>4- É um escaravelho.</p> <p>1'12''</p>		<p>G F- A</p>
<p>V 5''</p> <p>Ai...parece mais um morcego.</p> <p>5-É mesmo um morcego.</p> <p>15''</p>	<p>Choque</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 6'' $\Lambda < 6$ - Uma raia, pelo menos para mim.</p> <p>7- Um peixe qualquer, não sei o nome.</p> <p>32''</p>		<p>G F+ A</p> <p>G F\pm A</p>
<p>VII 21''</p> <p>8 - Nuvens! Há muitas nuvens no céu.</p> <p>40''</p>	<p>Vi uma nuvem aqui...(aponta para a zona lateral da prancha)</p>	<p>G F\pm Nat</p>
<p>VIII 9''</p> <p>Hum, isto está difícil.</p> <p>9- Aqui parecem dois animais não sei o quê...</p> <p>36''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>IX 3''</p> <p>10 -Uma flor...tão bonita! (e sorri).</p> <p>29''</p>		<p>G CF Bot</p>
<p>X 5''</p> <p>11-Corpo humano por dentro.</p> <p>Se calhar até é...parece a gente, aqui em baixo e em cima é o pescoço.</p> <p>36''</p>		<p>G F- Anat</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VIII e IX – São difíceis mas consegui perceber o que era

(-)

-VI e IV – Porque não gostei dos desenhos

<p>I 2''</p> <p>1-Não sei tirar ideias daí...parece um morcego com cabeça e asas.</p> <p>30''</p>	<p>Tem a forma do corpo.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>2-Macaquinhos a fazer as brincadeiras deles, ou uns ursitos.</p> <p>20''</p>	<p>Estão com as mãos no ar. O vermelho não sei.</p>	<p>D Kan A Ban</p>
<p>III 5''</p> <p>3-São uns bichos esquisitos que uma pessoa não tem explicação para isto.</p> <p>30''</p>	<p>Não sei explicar o que é.</p>	<p>D F± A</p>
<p>IV 1''</p> <p>4-Parece um morcego. Se visse isto até fugia.</p> <p>25''</p>	<p>Por causa do volume espalhado? (corpo)</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 5''</p> <p>5-Sei lá também...são uns bichos que não sei explicar, pode ser uma andorinha.</p> <p>32''</p>	<p>Forma do corpo e a cor preta</p>	<p>G FC' A Ban</p>

<p>VI 2''</p> <p>6- Credo..., este é que não sei dizer nada. Ali a cabeça de um animal, credo...</p> <p>32''</p>	<p>Detalhe superior</p>	<p>D F± Ad</p>
<p>VII 2''</p> <p>7-Agora este...bichos a comerem-se uns aos outros. As aves não são assim.</p> <p>50''</p>	<p>(aponta para o recorte da mancha, não especificando)</p>	<p>D Kan A</p>
<p>VIII 5''</p> <p>8-Uma aranha</p> <p>9-E estes porcos.</p> <p>20''</p>	<p>D central (2º terço azul)</p> <p>D lateral</p>	<p>D F- A</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 5''</p> <p>10-Estes até dentes têm e tudo, não sei imaginar, sei lá, em baixo tem dentes...</p> <p>11-E em cima estas figuras.</p> <p>50''</p>	<p>(refere-se aos detalhes rosa – saliências superiores)</p> <p>Figuras – detalhe castanho superior</p>	<p>Dd F- Hd</p> <p>D F± H</p>
<p>X 5''</p> <p>12-Parecem uns ratos a comerem coisas.</p>	<p>(detalhe cinzento superior)</p>	<p>D Kan A Ban</p>

13-E aranhas. 15''	(detalhes azuis laterais)	D F+ A Ban
-----------------------	---------------------------	------------

Prova das escolhas:

(+) -Não é capaz de nomear.

(-)

-IV, Mete medo (um rato com rabo no ar).

-VI, Parece o diabo.

Sujeito 55

<p>I 5''</p> <p>1-Faz-me lembrar um morcego (ri-se) ou uma borboleta.</p> <p>15''</p>	<p>Pela forma</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 15''</p> <p>2-Faz-me lembrar dois cãezinhos, assim um junto ao outro, aqui com o focinho junto que estão por detrás de uma fonte.</p> <p>3-O encarnado sinceramente poderia ser sangue, mas não vejo porque é que haveria de haver sangue, não sei donde é que ele vem mas evaporou-se.</p> <p>35''</p>	<p>Mancha negra.</p> <p>(D central)</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 30''</p> <p>4-Primeiro achei que eram duas pessoas a fazer um tipo de show com o corpo para trás.</p> <p>5-Ou então também poderia ser outra coisa,...o aparelho ginecológico da mulher.</p> <p>3'</p>	<p>O útero – vermelho central, os ovários – central inferior e as trompas (detalhes inferiores)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>G F- Anat</p>

<p>IV 20''</p> <p>6-Faz-me lembrar a cabeça de um cão raivoso zangado...mais nada.</p> <p>40''</p>	<p>Olhos (Dd bl central superior) orelhas (detalhes laterais) com as patas sentadas (D inferior)</p>	<p>D F- Ad</p>
<p>V 5''</p> <p>7-Isto faz-me lembrar outro morcego, mais perfeito que o outro.</p> <p>20''</p>	<p>Tem toda a forma do morcego, as asas, a cabeça, as membranas das asas e as patas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 35''</p> <p>8-Aqui poderia ser uma fonte aqui não sei.</p> <p>60''</p>	<p>(D superior) Sai água do reflexo.</p>	<p>D Kob obj</p>
<p>VII 20''</p> <p>9- < Isto é muito complicado...Cegonhas a voar umas atrás das outras.</p> <p>52''</p>	<p>Cada 1/3 da mancha é uma cegonha.</p>	<p>D Kan A</p>
<p>VIII 30''</p> <p>10-Uma boca aberta (ri-se). A garganta com as amígdalas cor de rosa, a dentição e o céu da boca.</p> <p>45''</p>	<p>Saliências inferiores do rosa. (verde central)</p>	<p>G F- Hd</p>

<p>IX 5''</p> <p>11-É uma orquídea.</p> <p>30''</p>	<p>(G) Pelas cores e a forma.</p>	<p>G FC Bot</p>
<p>X 15''</p> <p>12-Se não tivesse isto poderia ser um parque de diversões com os vários bonecos das feiras.</p> <p>13-Aqui em cima dois ratos que vão beber água à fonte.</p> <p>60''</p>	<p>(aponta a mancha cinzenta superior)</p> <p>(D central) – ratos cinzento superior</p>	<p>G CF Parq Div</p> <p>D Kan A Ban</p>

Prova das escolhas:

(+)

-IX, Pelas cores, pela alegria, parece uma flor a revelar-se na natureza.

-X, Este também pela alegria.

(-)

-IV, Acho arrepiante com estes pelos eriçados.

-VI, Parece-me um daqueles tapetes de pele de vaca, um animal desgraçadinho que foi esfolado.

<p>I 2''</p> <p>1-Uma borboleta.</p> <p>15''</p>	<p>As asas, o rabinho e a boquinha, não tem é cores, é uma borboleta triste.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3''</p> <p>2-Dois elefantezinhos a lutarem um com o outro.</p> <p>3-Há sangue pelo meio.</p> <p>Dois elefantes bebés.</p> <p>20''</p>		<p>D Kan A Ban</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 8''</p> <p>4-Dois homens há fogueira a aquecerem-se.</p> <p>30''</p>	<p>O vermelho está a mais (D superiores)</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 2''</p> <p>5-Isto é um monstro daqueles de antigamente. Dos filmes do espaço, grande, enorme, com muita força e muito feio.</p> <p>25''</p>		<p>G FClob (A)</p>
<p>V 3''</p> <p>6-Isto é outra borboleta a levantar voo...triste. A outra já estava a voar, também triste. Esta é mais triste</p>		<p>G Kan A Ban</p>

<p>porque tem as asas caídas.</p> <p>10''</p>		
<p>VI 3''</p> <p>7-São os pulmões e a parte da garganta.</p> <p>6''</p>	<p>Por causa da cor.</p>	<p>G F- Anat</p> <p>→C'</p>
<p>VII 2''</p> <p>8-Dois coelhos a dançarem bem dispostos, felizes, com as patinhas no ar, e as orelhinhas no ar.</p> <p>18''</p>	<p>Está cinzento, mais clarinho, dá a ideia de boa disposição, a olharem um para o outro, tão bem dispostos...</p>	<p>D Kan A</p>
<p>VIII 9''</p> <p>9-Esta não sei...dá ideia que estão dois animaizinhos a escalar ao contrário. Não conseguem subir.</p> <p>15''</p>		<p>D Kan A Ban</p>
<p>IX 7''</p> <p>10-Um incêndio, árvores, não é vermelho é cor de laranja. Árvores e pedras a arder. Ao meio uma estrada, o fogo está a passar de um lado para o outro.</p> <p>12''</p>	<p>(Dbl central)</p>	<p>G Kob Fogo</p>

<p>X 4''</p> <p>11-Bichos do mar, conchas.</p> <p>12-Caranguejos.</p> <p>13-A parte da praia e da rocha a parte cinzenta.</p> <p>18''</p>	<p>Conchas – detalhe castanho</p> <p>Caranguejos – azul lateral</p> <p>Algas verdes</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+- Geo</p>
--	---	--

Prova das esolhas:

(+)

-VII, Pela alegria.

-X, Gosto do mar.

(-)

-I e IV, porque estão tristes.

Sujeito 57

<p>I 3''</p> <p>1-É uma nave...não vejo outra coisa...</p> <p>2-Talvez uma gruta...</p> <p>3-VΛ São duas montanhas (D laterais) ou um animal. Há um morcego, mas sem estes dois bicos (Dd inferior). Um morcego também não é assim.</p> <p>30''</p>		<p>G Kob Obj</p> <p>Ddbl F± gruta</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>II 2''</p> <p>4-São dois cãezinhos (D lateral). O vermelho é que está...</p> <p>5-VΛ É um vulcão (D superior) no vermelho, a lava (preto) continuando no fim (com o vermelho).</p> <p>50''</p>		<p>D F+ A Ban</p> <p>G Kob Vulcão</p>
<p>III 3''</p> <p>6-São duas pessoas a aquecerem-se numa lareira. VΛV São dois braços, um de cada lado, a cabeça no meio de um mulato.</p> <p>60''</p>	<p>São dois mulatos virados de costas.</p>	<p>G K H Ban</p>

<p>IV 4''</p> <p>7-Parece um animal, a cabeça aqui</p> <p>8-Um ursinho.</p> <p>9-VΛV Um polvo.</p> <p>10-Ou mais uma ovelha acabada de tosquiar.</p> <p>40''</p>	<p>(Dd superior)</p> <p>(D central)</p> <p>(Dd superior)</p>	<p>G F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>Dd F- A</p> <p>G F- A</p>
<p>V 1''</p> <p>11-Ah! Este é um morcego! É grande então, é um vampiro. Porque os morcegos grandes são vampiros não é?</p> <p>12-VΛ Uma andorinha, tirando estes coisitos aqui.</p> <p>40''</p>	<p>(D inferior)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p>
<p>VI 1''</p> <p>13-Bigode, cabeça e as orelhas...VΛV sei lá...Há duas maneiras de ver isto...É um gato sem pele.</p> <p>14-Λ São chimpanzés de costas voltadas.</p> <p>60''</p>	<p>(D superior)</p> <p>(Dd lateral)</p>	<p>G F- A</p> <p>D F+ A</p>

<p>VII 2''</p> <p>15-VΛ É um abstracto. São dois coelhos ou duas raposas.</p> <p>16-Aqui é uma portazinha, uma chaminé e o resto da parede</p> <p>3'10''</p>	<p>(Dd central)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- Arq</p>
<p>VIII 2''</p> <p>17-Tipo javali, não sei > ou porquinhos. Um leão não é, é mais um javali.</p> <p>18-VΛ Aqui no laranja são pulmões.</p> <p>19-A rosa o tórax.</p> <p>20-O estômago a verde, continua a parte abdominal. Não esperava isto. É bonito.</p> <p>50''</p>	<p>Rosa lateral</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IX 3''</p> <p>V São todos muito idênticos.</p> <p>21- Λ Aqui é um homem com umas mãozinhas. Parece explodir energia, deve estar saturado.</p> <p>22-V Assim não consigo. Um ratito, as orelhas, os olhitos e a cara.</p> <p>1'</p>	<p>(rosa inferior)</p> <p>(rosa)</p> <p>R.A. Talvez uns macaquinhos (rosa) no verde é verdura e no laranja a terra. Não sei...</p>	<p>D F- H</p> <p>D F- A</p>

<p>X</p> <p>5''</p> <p>23-VΛV Ah isto é absurdo, sei lá. É uma árvore e o resto...não sei.</p> <p>24-Duas raposas (azul central).</p> <p>25-Ou no todo, uma flor abstracta.</p> <p>26-Λ Um coelhinho.</p> <p>27-V Duas raposas viradas uma para a outra</p> <p>1'20''</p>	<p>(cinzento superior)</p> <p>(azul central)</p> <p>(verde inferior)</p> <p>(Dd central azul)</p>	<p>D F+ Bot</p> <p>G F- A</p> <p>G F- Bot</p> <p>G F+ A</p> <p>G F- A</p>
--	---	---

Prova das escolhas:

(+)

-X, Devido à árvore e ao coelhinho que eu gostei tanto.

(-)

-VII, Não gostei tanto, porque não consigo bem identificar.

Sujeito 58

<p>I 7'' 1-Parece um morcego, mas não é! Mas olhe que parece...parece um morcego. 17''</p>	<p>(G, pela forma)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 10'' 2-Este parecem cães, mas não são! Por isso não sei o que é... 30''</p>	<p>D laterais.</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III 5'' 3-Pior! Parece um pé de uma senhora, as pernas, as mãos...agora se é ou não, não sei! Há aqui retratos mais diabólicos! 31''</p>	<p>Partes do corpo. R.A. Tem o corpo partido ao meio.</p>	<p>Do F+ Hd</p>
<p>IV 5'' 4-Isto parece um morcego, os morcegos são assim, tal e qual! Isto são retratos diabólicos, você é que os pode entender. 21''</p>	<p>Cabeça (D inf central) R.A. E a cabeça tem olhos, estão ali!</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>V 4''</p> <p>5- Esta é uma borboleta. É o que me parece...uma borboleta daquelas pretas.</p> <p>16''</p>	<p>(G, forma e cor)</p>	<p>G FC' A Ban</p>
<p>VI 11''</p> <p>6-Cada vez tá pior...esta parece-me uma borboleta, mas tem um focinho muito grande! Isto também não interessa a ninguém!</p> <p>32''</p>	<p>G, forma, aponta o detalhe central superior.</p>	<p>G F- A</p>
<p>VII 9''</p> <p>7-Isto é que eu não sei...Parecem uns cãezinhos...orelhas no ar, rabo, o focinho...São coisas que a gente não sabe nem deve vê-las!</p> <p>25''</p>	<p>(D sup lat) – 1/3 superiores</p>	<p>D F+ A</p>
<p>VIII 7''</p> <p>8-Isto parece uma arvorezinha...</p> <p>9-E uns porquinhos...ratinhos ou gatinhos aqui a subir.</p> <p>28''</p>	<p>Árvore (verde central)</p>	<p>D FC Bot</p> <p>D F+ A Ban</p>

<p>IX 10''</p> <p>10-Aqui parece uma planta...Cenouras não são desse tipo!</p> <p>34''</p>	<p>Planta – verde e amarelo</p> <p>Cenoura - rosa</p>	<p>D FC Bot</p>
<p>X</p> <p>15''</p> <p>11-Olha, agora é que eu não sei nada! Parecem umas aranhas e que não sei quê mais...Não digo mais nada para não errar...</p> <p>38''</p>	<p>(Azuis laterais)</p>	<p>D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

(+)

-VIII e IX, Porque são mais floridos.

(-)

-V e VI, Porque são pretos. Não gostei de nenhum dos pretos.

<p>I 7''</p> <p>1-Parece-me um morcego...</p> <p>2-Parece-me um animal...uma borboleta! Acho que mais nada...</p> <p>3-Se calhar uma raia também, mas a raia é mais direita.</p> <p>59''</p>	<p>Parece que abre as asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>G F- A</p>
<p>II 5''</p> <p>4-Pode ser um casal! O resto mais nada!</p> <p>5-Talvez duas mãos assim compridas...</p> <p>34''</p>	<p>As caras a vermelho e os corpos a preto.</p>	<p>G F+ H</p> <p>D F+ Hd</p>
<p>III 4''</p> <p>6-Dois gatos.</p> <p>7-Com um laço no meio.</p> <p>8-Dois cães...não estou a ver...mas nada!</p> <p>33''</p>	<p>R.A. Dois gatos e duas gatas porque parecem ter salto alto.</p>	<p>D F- A</p> <p>D F+ obj Ban</p> <p>D F- A</p>
<p>IV 1''</p> <p>9-Um elefante...não estou a ver mais nada!</p> <p>24''</p>		<p>G F+ A</p>

<p>V 1''</p> <p>Não sei...parece que faz lembrar quase tudo...não sei</p>	<p>R.A. Pode ser uma borboleta, uma mosca, um morcego. (G F+ A Ban)</p> <p>Também pode ser uma aranha.</p>	<p>Recusa</p>
<p>VI 3''</p> <p>10-Um pássaro?! Uma águia?</p> <p>24''</p>		<p>G F+ A</p>
<p>VII 2''</p> <p>Não me faz lembrar nada.</p> <p>27''</p>	<p>R.A. Aqui parecem duas bonecas a andas de baloiço; ou então dois bonecos num bolo de aniversário (D inf).</p>	<p>Recusa</p>
<p>VIII 5''</p> <p>11-Parece dois ratinhos...</p> <p>12-No meio parece uma lagartixa...mais nada.</p> <p>37''</p>	<p>Cinzento superior</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p>
<p>IX 10''</p> <p>Não estou a ver nada!</p> <p>20''</p>		<p>Recusa</p>

<p>X 3''</p> <p>13-Sei lá...uma pintura!</p> <p>14-Uma árvore com certos animais. Mais nada!</p> <p>43''</p>	<p>A parte rosa é a árvore e os animais a verde, preto e azul.</p>	<p>G CF Arte</p> <p>G F+- Nar</p>
---	--	-----------------------------------

Prova das escolhas:

(+)

-I, Porque gosto muito de raia.

-III, Porque é um casalinho romântico.

(-)

-VII e IX, Porque não me faz lembrar nada.

Sujeito 60

<p>I 5''</p> <p>1-Sei lá...uma borboleta.</p> <p>2-Ou um morcego, um bicho qualquer.</p> <p>20''</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II 10''</p> <p>3-Isto é uma pintura do Picasso...</p> <p>4-Parece-me também dois cães.</p> <p>15''</p>	<p>G + cores</p> <p>As duas cabecinhas</p>	<p>G F+- Arte</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>III 15''</p> <p>5- Parecem-me dois extraterrestres...não tenho mais ideias.</p> <p>25''</p>		<p>G F+ (H)</p>
<p>IV 5''</p> <p>6-Meu Deus, que coisa...Λ>V> isto parece-me uma pessoa com...vestida de peles, não sei...é um bocado esquisito, em baixo já não me parece uma pessoa, por causa disto.</p> <p>25''</p>	<p>(D central em baixo)</p>	<p>G F+ H</p> <p>→E</p>
<p>V 15''</p>	<p>(pela forma do corpo)</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>7-Isto é um morcego, se não é parece...</p> <p>30''</p>		
<p>VI 35''</p> <p>8-Que coisa tão esquisita, não sei o que é...não me vem à cabeça nada...</p> <p>Talvez uma pele aberta, mas tem uma coisa ao meio que não me parece nenhum bicho.</p> <p>Não sei...parece-me uma pele a secar.</p> <p>1'39''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VII 50''</p> <p>9-Parece-me um...como se diz?...é um duende.</p> <p>1'05''</p>		<p>D F+ (H)</p>
<p>VIII 35''</p> <p>10-Isto são dois animais, não sei e ainda estão pendurados.</p> <p>11-E uma árvore ao meio.</p> <p>1'10''</p>	<p>Dois tigres ou duas panteras ou coisa do género.</p> <p>Árvore – azul e cinzento (1º e 2º terço).</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 1'20''</p> <p>12-É complicado...são duas pessoas, talvez enfiadas numa árvore...a jogar qualquer</p>	<p>(mancha laranja superior)</p>	<p>D K- H</p>

coisa. 2'10''		
X 15'' 13-Parece-me o fundo do mar. 14-Com caranguejos. 15-Búzios. 16-E talvez corais. 1'50''	(G)	G F+- Fundo marinho D F+ A D F+ A D F+- A

Prova das escolhas:

(+)

-VIII e X, Pelas cores.

(-)

I, Não gostei porque as borboletas não são assim, são lindas.

VI, Assim já me parece um cabide.

<p>I 1”</p> <p>1-Vértebra.</p> <p>2-Uma folha seca.</p> <p>3-Vampiro</p> <p>4-Não sei...uma mancha. Acho que é tudo.</p> <p>5-Uma pele...de um animal, claro.</p> <p>1’21”</p>	<p>Vista...de cima.</p> <p>Quando caem, logo queimadas. De secas.</p> <p>Asas (D lat), garras (Dd sup. med)</p> <p>Cabecinha (Dd sup med)</p>	<p>G F- Anat</p> <p>G C’F Bot</p> <p>G F +A</p> <p>GF+- mancha</p> <p>G EF Pele</p>
<p>II 2”</p> <p>6- Um gato.</p> <p>7-Um leão.</p> <p>8-Uma folha.</p> <p>14”</p>	<p>R.A</p> <p>Dois cães. Não sei como não vi isso antes.</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p> <p>G F+- Bot</p>
<p>III 2”</p> <p>9- Um Bailado</p> <p>10-batuques</p> <p>11- Pessoas.</p> <p>12- Focinho de gato.</p> <p>Não...</p> <p>13-Guerreiros.</p> <p>É tudo</p> <p>25”</p>		<p>G K H Cena</p> <p>D F + Obj</p> <p>D F+ H</p> <p>Gbl F- Ad</p> <p>G K H</p>

<p>IV 3''</p> <p>14- Um elefante</p> <p>15- Botas Altas.</p> <p>16-Gorila.</p> <p>É tudo.</p> <p>14''</p>	<p>Por causa da tromba, corpo possante e...orelhas.</p> <p>D. Inferior, Laterais</p> <p>Pela forma possante, de costas a caminhar.</p>	<p>G F- (A)</p> <p>D F+ Vest</p> <p>G F+ A</p>
<p>V 3''</p> <p>17- Vampiro.</p> <p>18-Morcego.</p> <p>É tudo.</p> <p>10''</p>	<p>Asas negras, corpo reduzido.</p> <p>Não dá para perceber se é um ou outro.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>→C'</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 5''</p> <p>19- Pele de Animal</p> <p>20-Rocha.</p> <p>21-Com farol</p> <p>22-Um símbolo fálico</p> <p>Mais nada.</p> <p>17''</p>	<p>Podem ser vários.</p> <p>R.A</p> <p>Quando o animal é aberto para a pele ser curtida.</p> <p>G F- Anat</p>	<p>G FE A Ban</p> <p>D F+ Geo</p> <p>D F + Obj</p> <p>D F+ Simb</p>
<p>VII 4''</p> <p>23- Bonecas.</p> <p>24-Desenhos animados</p> <p>25-Uma vértebra.</p> <p>26-Bruxinhas.</p>	<p>R.A</p> <p>Em cima dois ursinhos</p> <p>(D F- A)</p> <p>R.A</p>	<p>D F+ (H)</p> <p>D K (H)</p> <p>D F Anat</p> <p>D K (H)</p>

<p>Mais nada 14”</p>	<p>Ou dois gatinhos (D F- A) Dois bonecos em movimento Lembra-me a Madame Min. R.A Duas velhinhas (D F+ H Ban)</p>	
<p>VIII 10” 27- Uma boca de tubarão. 28- Uma máscara. 29-Ratazanas. 30-Um tórax 31- Uma penetração sexual 31”</p>	<p>(D lat) A tentar comer alguma coisa. Pulmões, as costelas, laringe e faringe e por ai fora. Vagina (D F+ Sex) (Falo?) pois realmente não está muito visível.</p>	<p>D F – Ad G Fc Máscara D F+ A Ban D F-Anat D kp Sex</p>
<p>IX 4” 32.Diabos 33. Máscaras 34.Sonhos 35. Fogueira 19”</p>	<p>Detalhe superior, aliás são quatro. (D lat) Verde e laranja. Imagens que podem parecer sonhos de comer no Natal. Uma espécie de vulcão (D inf) Que depois sobe por aqui (D med) (G F+ Explosão)</p>	<p>D F- (H) D F+- Masc D F+ Alimento D Kob Fogo</p>

<p>I 7”</p> <p>1- Isto parece complicado... Parece uns pulmões, o corpo humano.</p> <p>15”</p>		<p>G F- Anat</p>
<p>II 20”</p> <p>ΔV 2-Isto parece-me uma perna e um pé.</p> <p>3-E os dois braços...Acho que sim... não sei...</p> <p>40”</p>	<p>Detalhe vermelho superior</p> <p>Ponta mediana superior</p>	<p>D F- Hd</p> <p>D F- Hd</p>
<p>III 1”</p> <p>ΔV</p> <p>4-Isto parece-me uma cabeça. As partes de cima a...</p> <p>5-...Pode ser aqui uma borboleta ou um laço.</p> <p>2”</p>	<p>Detalhe vermelho central</p>	<p>D F+ Hd</p> <p>D F+ Obj Ban</p>
<p>IV 30”</p> <p>ΔV</p> <p>6- Parece um morcego</p> <p>1”</p>	<p>Forma do corpo com a cabeça</p>	<p>G F+A</p>

<p>V 3''</p> <p>7- Este é que é mesmo um morcego</p> <p>1''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 20''</p> <p>ΛVΛ</p> <p>8-Parece-me uma tartaruga...</p> <p>Ou um pulmão</p> <p>1'10''</p>		<p>G F+ A</p> <p>G F- A</p>
<p>VII 20''</p> <p>ΛVΛV</p> <p>9-Isto parece-me duas cabritinhas a brincar.</p> <p>1.30''</p>		<p>G F+ A</p> <p>G F- A</p>
<p>VIII 15''</p> <p>10-Estes aqui são animais.</p> <p>11-No meio pode ser um esqueleto.</p> <p>1''</p>	<p>Detalhes laterais</p> <p>2º terço azul</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>IX 1''</p> <p>Λ V < 12-A parte de baixo parece-me um ponto...Λ...v...não vejo mais nada.</p> <p>2''</p>		<p>D K H</p>

<p>X 30''</p> <p>AV</p> <p>13-Isto parece no mar. Aqui são búzios, caranguejos e cavalos-marinhos.</p> <p>50''</p>		<p>D F+ Mar</p>
--	--	-----------------

Prova das escolhas:

(+)

IX

Não sei, parece um parto

X

Porque gosto de coisas do mar

(-)

I- IV

Não sei explicar, mas não gosto.

Sujeito 63

<p>I 28''</p> <p>1-Morcego</p> <p>35''</p>	<p>Asas, olhinhos e corninhos</p>	<p>G F +A Ban</p>
<p>II 18''</p> <p>2-Borboleta</p> <p>26''</p>	<p>Detalhe vermelho superior</p>	<p>G F- A</p>
<p>III 11''</p> <p>3-Jarro</p> <p>20''</p>	<p>Os vermelhos nas extremidades não contam.</p> <p>O resto é o jarro com vinho.</p>	<p>Gbl F- Obj</p>
<p>IV 9''</p> <p>4-Figura Humana</p> <p>5-Macaco</p> <p>33''</p>	<p>Parece estar a ser fotografado de baixo porque a cabeça é pequena.</p>	<p>G F+H</p> <p>G F+ A</p>
<p>V 8''</p> <p>6-Morcego a voar.</p> <p>14''</p>	<p>Corninhos, asas e patinhas. Está a voar.</p>	<p>G Kan A Ban</p>

<p>VI 6''</p> <p>7-Pele de um animal qualquer, leopardo, leão.</p> <p>8-Tapete (não gosto destes tapetes)</p> <p>26''</p>	<p>Tem quatro patas.</p> <p>Pele aberta.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ Obj</p>
<p>VII 10''</p> <p>Não vejo nada.</p> <p>20''</p>		<p>Recusa</p>
<p>VIII 18''</p> <p>9-Estatueta com dois animais de lado.</p> <p>10-Peça de decoração</p> <p>36''</p>	<p>Os bichos têm forma de um touro</p>	<p>Gbl F+ Estat</p> <p>Gbl F+ Obj</p>
<p>IX 5''</p> <p>11-Fogueira, vermelho.</p> <p>12-Fumo na parte central e labaredas.</p> <p>24''</p>		<p>G Kob Fog</p>
<p>X 12''</p> <p>13-Insectos</p> <p>14-Bichinhos</p>	<p>São larvas (detalhes rosa laterais)</p> <p>Detalhes azuis laterais</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F± A</p>

15-Escorpião, tem ferrão 36''	Detalhe cinzento acastanhado lateral	D F- A
----------------------------------	--------------------------------------	--------

Prova de escolhas:

(+) – I e V porque gosto de morcegos

(-) – VII Não percebo,

X – Não gosto de escorpiões

<p>I 2''</p> <p>1-Um morcego, um animal, uma ave a voar.</p> <p>15''</p>	<p>Pela forma e a cor</p>	<p>G Kan A Ban</p>
<p>II 16''</p> <p>2-Talvez duas pessoas a brindar</p> <p>24''</p>	<p>Copos em cima ao centro</p>	<p>G K H</p>
<p>III 3''</p> <p>3-Outras duas pessoas.</p> <p>4-Uma borboleta no meio.</p> <p>15''</p>	<p>Detalhe vermelho central</p>	<p>G F+ H Ban G F+ A Ban</p>
<p>IV 9''</p> <p>5-Talvez um animal, pode ser um gorila por exemplo</p> <p>22''</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 2''</p> <p>6-Uma ave</p> <p>7-ou borboleta</p> <p>10''</p>		<p>G F+A G F+ A Ban</p>
<p>VI 2''</p> <p>8-Um gato</p> <p>7''</p>	<p>A cara do gato e os bigodes (D central superior)</p>	<p>G F+ A</p>

<p>VII 4''</p> <p>9-Dois macaquinhos 10-Em cima de uma árvore 11-Ou dois pássaros 18''</p>	<p>Detalhes 2/3 superiores (Detalhe central inferior</p>	<p>D F+ A D F+- Bot D F- A</p>
<p>VIII 2''</p> <p>12-Uma flor 22''</p>	<p>Caule- verde claro Flor- rosa e laranja Pétalas (Detalhe lateral</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>IX 8''</p> <p>V 13-Uma árvore 15''</p>	<p>Por causa do corpo verde</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 2''</p> <p>14-Várias flores. 17''</p>	<p>Por causa das cores</p>	<p>G CF Bot</p>

Prova das escolhas:

(+)

III- Por serem duas pessoas a comunicar

X- Gosto de cores e flores

(-)

II- Não sei, talvez a cor vermelha seja sangue

IV- Um bocado bizarro, parece-me um monstro ao mesmo tempo

<p>I 4''</p> <p>1-Alguma infecção nos pulmões</p> <p>2-Dois bicos de papagaio</p> <p>3-O ânus</p> <p>20''</p>	<p>(Detalhe central superior</p> <p>Coluna - Eixo central e pulmões</p> <p>Detalhe central inferior</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F+ Ad</p> <p>D F- Hd</p>
<p>II 2''</p> <p>4-Vejo também pulmões, já bastante afectados, talvez seja o esófago e em baixo o estômago</p> <p>22''</p>	<p>Detalhes negros laterais</p> <p>Detalhe vermelho em baixo)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>III 5''</p> <p>5-Problema na coluna, o pulmão afastou-se do corpo humano</p> <p>61''</p>	<p>Duas partes negras laterais</p> <p><i>“Porque está todo torto”</i></p>	<p>D F- Anat</p>
<p>IV 12''</p> <p>6-O pulmão a secar, o fígado bastante afectado e a coluna também bastante afectada.</p> <p>1''</p>	<p>(A coluna é o eixo central)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>V 10''</p> <p>7-Este pulmão já está todo deteriorado, o intestino também, o esófago também.</p> <p>43''</p>		<p>G F - Anat</p>

<p>VI 7''</p> <p>8-Isto é um pulmão que ainda está mais ou menos.</p> <p>Alguma inflamação na garganta.</p> <p>75''</p>	<p>(comentário)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>VII 3''</p> <p>9-Isto é uma auto-estrada.</p> <p>10-Tão uns pulmões muito danificados.</p> <p>11-O ânus também, mais nada.</p> <p>43''</p>	<p>(centro do 3º terço)</p> <p>(3º terço inteiro)</p> <p>(centro do 3º terço)</p>	<p>G F +- Obj</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Hd</p>
<p>VIII 13''</p> <p>12-O esófago está bastante deteriorado.</p> <p>13-O pulmão deslocou-se.</p> <p>14-O ânus também esta afectado.</p> <p>42''</p>	<p>(eixo central)</p> <p>(manchas laterais)</p> <p>(laranja inferior)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>IX 12''</p> <p>15-O pulmão contínua com problemas. O ânus não sei se é hemorróidas, esta coisa verde é o fígado.</p> <p>46''</p>	<p>Pulmão - detalhes castanhos</p> <p>Ânus – detalhes castanhos superiores</p> <p>Fígado- detalhe verde lateral</p>	<p>D F- Anat</p>

<p>X 7”</p> <p>16-Lá está outra vez o esófago danificado. O pulmão já está muito danificado. O ânus também. No meio do pulmão estão mazelas.</p> <p>47”</p>	<p>Esófago-detelhe azul lateral</p> <p>Pulmão-detelhe rosa lateral</p> <p>Ânus – detelhe verde central</p> <p>Mazelas-pontos dentro do rosa.</p>	<p>D F- Anat</p>
--	--	------------------

Prova das escolhas:

(+)

VIII

Está ainda bastante longe da própria doença.

IX

O Pulmão ainda não está todo afectado

(-)

VI

O pulmão já está todo apanhado.

IX

O ânus está cheio de hemorróidas.

Sujeito 66

I 7” 1-Um animal tipo ave. 1’05”	<i>“Os borrões de tinta no tempo da escola”</i> (Forma do corpo, as asas e as patas)	G F+ A Ban
II 15” 2-Dois animais em luta, ensanguentados. 1’02”		D Kan A/Sg
III 30” 3-Dois extraterrestres 1.05”	<i>“Tem uma perna, é essencialmente pela cabeça”.</i>	G F+ (H)
IV 15” 6-Tipo radiografia ao tronco e à bacia. 35”		C FE RX
V 10” 7-Um morcego, talvez 15”	“Devido à forma do corpo”	G F+ A Ban
VI 20” 8-Uma ave de porte grande 40”		G F+ A

<p>VII 20''</p> <p>9-Peixes</p> <p>25''</p>	<p>2/3 superiores - 4 peixes e em baixo são algas.</p>	<p>D F- A</p>
<p>VIII 30''</p> <p>10- Um macaco a trepar uma árvore.</p> <p>50''</p>		<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 30''</p> <p>11- Plantas</p> <p>50''</p>	<p>É só uma planta...principalmente devido às cores</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 25''</p> <p>12- Uns sinos e depois algo que está a agitar.</p> <p>1'15''</p>	<p>Detalhe cinzento superior</p>	<p>D F+ Obj</p>

Prova das escolhas:

(+)

IX- Por achar que eram plantas de várias cores

X- Por causa das cores

(-)

II -Porque pensei em violência

VIII -Não me diz nada

Sujeito 67

<p>I 4”</p> <p>1- É vinho...credo, é vinho entornado</p> <p>2-O nosso fígado será? Aqui a coluna vertebral (centro) aqui lembra-me o pescoço. Os folhos do fígado</p> <p>2’23”</p>		<p>G F± Mancha vinho</p> <p>G F- Anat</p>
<p>II 6”</p> <p>Pior...aqui não sei explicar nada...</p> <p>3-Hortaliça...</p> <p>5.21”</p>	<p>Resposta adicional:</p> <p><i>“Então o fígado, mas depois isto tem branco e isto vermelho...”</i></p> <p><i>Estou a matutar, será o nosso cérebro? É o nosso cérebro...ai meu deus....”</i></p>	<p>G F- Bot</p>
<p>III 36”</p> <p>4- Os nossos rins...aqui em baixo lembra-me uma bexiga...</p> <p>1.07”</p>	<p>Rins- as duas partes negras laterais</p> <p>Bexiga- toda a parte negra inferior mediana</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>IV 1”</p> <p>5-É a minha coluna que está toda torta...os ombros...aqui em baixo são as nádegas</p> <p>4’71”</p>	<p>Ombros – Metade superior</p> <p>Coluna - Detalhe central</p> <p>Nádegas- Grandes saliências laterais inferiores</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>V 1”</p> <p>6-Os braços...há 3 anos que estou à espera duma consulta...a coluna</p>	<p>Braços-detelhes laterais inteiros</p> <p>Coluna-eixo central</p>	<p>D F- Anat</p>

<p>(centro)...os braços, os cotovelos</p> <p>29''</p>		
<p>VI 3''</p> <p>7-É a coluna vertebral</p> <p>8-Em cima a boca</p> <p>9-Não sei...a cara...as pernas...</p> <p>50''</p>	<p>Coluna-toda a linha mediana inteira</p> <p>Boca-extremidade superior</p> <p>Pernas-grandes saliências laterais</p>	<p>D F+ Anat</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F- Hd</p>
<p>VII 2''</p> <p>10-Em baixo os rins, também um pouco da coluna que vem por ai a fora...aqui do lado como poderei chamar? Já não me lembro nada disso...</p> <p>1'15''</p>	<p>Rins-3º terço inteiro</p> <p>Coluna-centro do 3º terço</p>	<p>D F- Anat</p>
<p>VIII 4''</p> <p>11-Este está mais difícil...em cima está a cabeça, a cabeça não...</p> <p>12-A coluna novamente, as costelas, os pulmões e aqui de lado que será?</p> <p>13-Aqui deve ser o baço</p> <p>1'23''</p>	<p>Cabeça-detalle cinzento superior</p> <p>Coluna-eixo mediano</p> <p>Pulmões-2º terço azul</p> <p>Baço-detalle rosa do 3º terço</p>	<p>D F- Hd</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>

<p>IX 1”</p> <p>14-Este agora é pior...é a coluna, mas está de perna para o ar...acho que não...</p> <p>15-Aqui é o fígado...mas não pode ser...tem dois lados...deve ser a vesícula</p> <p>16-E agora prontos...é o baço (verde esq.) e aqui Isabel, não sei?</p> <p>17-Aqui são os rins e a coluna.</p> <p>1’50”</p>	<p>(grande eixo mediano)</p> <p>(detalhes verdes laterais)</p> <p>(detalhe verde lateral esquerdo)</p> <p>(detalhes castanhos em cima)</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F - Anat</p> <p>D F - Anat</p>
<p>X 5”</p> <p>Está toda esfarrapada.</p> <p>18-É a garganta, as amígdalas, a vermelho sei lá eu o que é isto...são as pernas.</p> <p>19-Isto a azul não sei...só se for a mão...mas não há braços...não há dedos...</p> <p>20-Aqui em baixo, este verde deve ser a vagina, não é?</p> <p>Isto aqui castanho não sei...</p> <p>2’33”</p>	<p>(comentário)</p> <p>Garganta-detelhe cinzento superior</p> <p>Pernas-detelhes rosa laterais</p> <p>Mão-detelhes azuis laterais</p> <p>Vagina-detelhe verde em baixo</p>	<p>D F – Anat</p> <p>DF- Hd</p> <p>D F+ Sex</p>

Prova de escolhas: (+) – Não gosto de nenhuma, está tudo doente

(-) – IX e X – O corpo está muito mal

<p>I 5”</p> <p>1-Uma folha de uma árvore de Outono</p> <p>15”</p>	<p>Tem os recortes, já está atacada por um bicho, caída no chão.</p>	<p>G FC’ Bot</p>
<p>II 25”</p> <p>2-Aqui está a cair sangue mas não está a sentir. Talvez um órgão tirado após uma operação.</p> <p>1’20”</p>		<p>D C Sg</p>
<p>III 15”</p> <p>3-Isto é para mim uma pintura de expressionismo.</p> <p>4-Referente a duas pessoas que tentam comunicar.</p> <p>40”</p>		<p>G FC Arte</p> <p>G K H Ban</p>
<p>IV 2”</p> <p>5-Parece um macaco, ou um animal de desenhos animados.</p> <p>1’45”</p>	<p>Uma criatura, tem aqui a coluna, desses filmes dos desenhos animados para os jovens, está vendo tão preto dá um ar de tristeza.</p>	<p>G F+ A</p> <p>G F± Bd</p>
<p>V 5”</p> <p>6-Parece um morcego</p> <p>25”</p>	<p>As asas, os pezinhos e a cabecinha.</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 20”</p> <p>7-Uma folha exótica</p> <p>35”</p>	<p>Talvez a raiz e o corpo da planta.</p>	<p>G F± Ban</p>
<p>VII 10”</p> <p>8- Duas criaturas de fantasia em comunicação talvez nas nuvens.</p> <p>30”</p>		<p>G K (H)</p>
<p>VIII 10”</p> <p><i>“Já tem cores mais alegres”</i></p> <p>9-Duas ratazanas, estão aqui a comer qualquer coisa.</p> <p>45”</p>	<p>(comentário)</p> <p>(Detalhes rosa laterais)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 15”</p> <p>10-Dá-me uma impressão de uma flor exótica da Austrália.</p> <p>50”</p>	<p>(Mais por causa das cores)</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 10”</p> <p>11-Parece a vida dos animais no mar, caranguejos.</p> <p>12-Rochas.</p> <p>13-E peixinhos.</p> <p>14-È tudo surrealismo.</p> <p>1’10”</p>	<p>Detalhes azuis laterais</p> <p>Detalhes rosa laterais</p> <p>Refere-se a vários detalhes</p> <p>(comentário)</p>	<p>D F± A Ban</p> <p>D F± Geo</p> <p>D F± A</p>

Prova das escolhas:

(+)

IX- Acho que é uma coisa da natureza.

X – Também é natureza.

(-)

II – Por causa do sangue.

III – Acho que é uma conversa que não está bem.

Sujeito 69

<p>I 2”</p> <p>1-Uma borboleta</p> <p>7”</p>	<p>A forma do corpo...as asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 8”</p> <p>2-Uma mulher e um homem a dançar</p> <p>15”</p>	<p>Detalhes negros laterais</p>	<p>G K H</p>
<p>III 9”</p> <p>3-Um ritual negro ou brasileiro. Um massacre de galinha.</p> <p>24”</p>	<p>Galinha-toda a parte negra inferior mediana</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 10”</p> <p>4-Deve ser assim um morcego.</p> <p>19”</p>	<p>Poderia também ser polvo.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 3”</p> <p>5-Outra borboleta, adoro borboletas.</p> <p>9”</p>	<p><i>“Não tem cor. É um caso raro”</i></p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 12”</p> <p>6-Faz-me lembrar um insecto...</p> <p>A parte de baixo não me faz</p>	<p>Detalhe central superior</p>	<p>D F+ A</p>

lembrar nada 34''		
VII 8'' 7-Um casal de namorados... 23''	Estão a aproximar os lábios, vão-se beijar (1º e o 2º terço)	G K H
VIII 27'' 8- É bonita! Parecem ser duas larvas a comer folhas. 38''	Larvas- detalhes rosa laterais Folhas- detalhe cinzento superior	D F+ A Ban D CF Bot
IX 12'' 10-Hum... (ri) Uma floresta a arder. 28''	As chamas – detalhes castanho superiores, o resto as copas das árvores.	G Kob elem
X 14'' Vocês guardam as mais bonitas para o fim. 11-Olha, um convívio de animais. 24''	(comentário) Cada um da sua espécie.	G F± A

Prova das escolhas:

(+) IX , X – Pela cor

(-) I , VII – Pelo preto e pelo Branco

Sujeito 70

<p>I 11”</p> <p>1-Isto parece um corpo humano, vejo o esófago e as costelas.</p> <p>2-Pode ser um morcego</p> <p>3-Pode ser uma imagem. Para reflectir na parede, é só.</p> <p>1.39”</p>	<p>“Parece mesmo um pássaro”</p>	<p>G F – Anat</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F± Imagem/ reflexo</p>
<p>II 13”</p> <p>4-É uma borboleta, uma borboleta e só.</p> <p>39”</p>		<p>G F- A</p>
<p>III 4”</p> <p>5-Parecem duas pessoas a tocar um tambor.</p> <p>6-Parecem duas pessoas a dançar, e é só.</p> <p>42”</p>		<p>G K H Ban</p> <p>G K H</p>
<p>IV 13”</p> <p>7-Faz lembrar um crustáceo, não sei o nome em Português.</p> <p>8-Ou uma pele de animal é só.</p> <p>1’13”</p>	<p>Posso ver o que está escrito...(vira o cartão)</p>	<p>G F± A</p> <p>G F+ A Ban</p>

<p>V 9”</p> <p>9-Um pássaro, e só.</p> <p>10-Também podem ser dois bailarinos, com roupa, pernas e cabeça, um Bailado.</p> <p>1’06”</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>D K H</p>
<p>VI 20”</p> <p>11-É a pele de um animal, só me faz lembrar isso.</p> <p>50”</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VII 11”</p> <p>12-Uma nuvem.</p> <p>13-Também pode um mapa de qualquer coisa.</p> <p>14-A cabeça de elefantes, é só.</p> <p>1’29”</p>	<p>(3º terço inteiro)</p> <p>(1º terço)</p>	<p>G F± Nat</p> <p>D F± Mapa</p> <p>D F- Ad</p>
<p>VIII 11”</p> <p>15-Parece um gato selvagem, este lado a mesma coisa.</p> <p>16-Uma peça de roupa qualquer.</p> <p>1’24”</p>	<p>(Detalhe rosa lateral)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>G F ± Vest.</p>

<p>IX 14''</p> <p>17-Faz-me lembrar um RX ao tórax, é só isso.</p> <p>45''</p>		<p>G F- RX</p>
<p>X 27''</p> <p>18-Dois cavalos-marinhos</p> <p>19Dois caranguejos e mais nada.</p> <p>20-Talvez a cabeça de um coelhinho, é só.</p> <p>1'45''</p>	<p>(detalhe verde central inferior)</p> <p>(detalhes azuis laterais)</p> <p>(detalhe verde central inferior)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A Ban</p>

Prova das escolhas:

(+)

III – Dá a sensação alegre, música, dança, expressão corporal.

X - A natureza ou o coelho, e o mar ou caranguejo e o cavalo marinho

(-)

IV – É muito escuro e deprimente.

VI – É a morte dos animais, não gosto , não sei.

<p>I 10''</p> <p>1-Parece uma borboleta.</p> <p>20''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 27''</p> <p>Esta não sei...</p> <p>37''</p>		<p>Recusa</p>
<p>III 2''</p> <p>2-Parecem dois homens à volta de um painelão</p> <p>10''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 6''</p> <p>3-Parece uma pele de um bicho</p> <p>17''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>V 3''</p> <p>4-Parece uma borboleta</p> <p>11''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 4''</p> <p>5-Parece uma borboleta</p> <p>20''</p>		<p>G F A Ban</p>

<p>VII 5''</p> <p>Não sei o que é...</p> <p>8''</p>		<p>Recusa</p>
<p>VIII 35''</p> <p>6-Dois castores, isto aqui não sei o que seria.</p> <p>53''</p>	<p>Detalhes laterais rosa</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 8''</p> <p>7-Parecem uma borboleta</p> <p>15''</p>		<p>G F - A</p>
<p>X 15''</p> <p>8-Uma pintura abstracta.</p> <p>23''</p>		<p>G CF Arte</p>

Prova das escolhas:

(+) III- As pessoas.

V – Borboleta.

(-) II, VII – Não sei o que é.

<p>I 4”</p> <p>1-Dois cães agarrados a um sino</p> <p>10”</p>	<p>Cães- detalhes laterais</p> <p>Sino- parte mediana inteira</p>	<p>D kan A</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>II 4”</p> <p>3-Dois elefantes pequenos</p> <p>6”</p>	<p>Os elefantes são as duas partes laterais negras</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III 7”</p> <p>4-Dois homens pretos</p> <p>6”</p>		<p>G KC´ H Ban</p>
<p>IV 4”</p> <p>5-Um Gigante</p> <p>5”</p>	<p><i>“É muito grande e gordo”</i></p>	<p>G Clob (H)</p>
<p>V 4”</p> <p>6-Um morcego.</p> <p>5”</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 14”</p> <p>7-Um macaco</p> <p>17”</p>	<p>Detalhe superior</p>	<p>D F- A</p>

VII 7” 8-Nuvens 10”		G EF Nat
VIII 8” 9-Dois camaleões 10”	Detalhes laterais rosa	D F+ A Ban
IX 29” 10-Dois macacos 30”	Detalhes castanhos superiores	D F - A
X 10” 11-Duas abelhas em cima de uma árvore. 25”	As árvores- detalhes rosa laterais Abelhas-detelhe cinzento superior	D F A Ban D F± Bot

Prova das escolhas:

(+)

VIII - Por causa do colorido e dos camaleões.

IX- Por causa do colorido e dos elefantes.

(-)

IV - Por causa do gigante, porque não gosto de gigantes.

VI – Não gosto muito da imagem em si.

<p>I 20''</p> <p>1-Faz lembrar o álcool.</p> <p>30''</p>	<p>Vinho entornado.</p>	<p>D C' vinho</p>
<p>II 4''</p> <p>2-O estômago, os pulmões e o cérebro da pessoa.</p> <p>22''</p>	<p>Parte vermelha inferior- estômago</p> <p>Parte superior-cérebro</p> <p>Detalhe vermelho central inferior- os pulmões</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>III 4''</p> <p>3-Duas pessoas alcoólicas.</p> <p>20''</p>	<p><i>''Parece que estão a cair''</i></p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 7''</p> <p>4-Uma pessoa aberta</p> <p>18''</p>	<p>A parte central é a coluna</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>V 2''</p> <p>5-Um morcego</p> <p>10''</p>	<p>Tem cabeça, patas e asas.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 17''</p> <p>6-Um peixe</p> <p>20''</p>	<p><i>''Porque tem ao meio a espinha''</i>- eixo central</p>	<p>G F- A</p>

<p>VII 17”</p> <p>7-Uma borboleta</p> <p>20”</p>	<p><i>“É o corpo de uma borboleta”</i></p>	<p>G F -A</p>
<p>VIII 5”</p> <p>8-Dois ratos</p> <p>9- e a parte de um rato</p> <p>12”</p>	<p>Detalhes rosa laterais</p> <p>Detalhe cinzento em cima- a coluna de um rato grande</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+- Ad</p>
<p>IX 12”</p> <p>10-Um peixe</p> <p>20”</p>	<p><i>“Está morto, aberto ao meio, vê-se vários bocados do corpo”</i></p>	<p>G F- A</p>
<p>X 1”</p> <p>11-Um lagostim</p> <p>1’20”</p>	<p>Detalhes azuis laterais</p>	<p>D F+ A</p>

Prova das escolhas:

(+)

IV – Porque é uma borboleta.

V - Porque é uma pessoa.

(-)

III - Faz lembrar o álcool.

I – Porque faz lembrar o álcool também.

Sujeito 74

<p>I 7''</p> <p>1-Morcego</p> <p>13''</p>	<p>A imagem toda, as asas, as garras que eles têm</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 12''</p> <p>2-Um vampiro</p> <p>25''</p>	<p>As duas manchas superiores (vermelhas) são os dentes do vampiro</p>	<p>G F- A</p>
<p>III 11''</p> <p>3- Duas pessoas a agarrar qualquer coisa.</p> <p>14''</p>	<p>São as duas pessoas e os traços pretos são as sombras (contornos dos 2 detalhes negros laterais). As partes vermelhas também não vejo nada</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 19''</p> <p>4-Não faz lembrar nada, talvez um pássaro</p> <p>28''</p>	<p>As partes laterais são as asas grandes (detalhes laterais inferiores) e no centro a cauda (parte mediana inferior)</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 2''</p> <p>5-Uma borboleta</p> <p>3''</p>	<p>Vi na imagem toda, as asas, cauda e as antenas</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 23''</p> <p>6- Uma águia</p> <p>25''</p>	<p>A imagem toda, a cabeça, pescoço e a parte larga da mancha são as asas</p>	<p>G F- A</p>

<p>VII 8''</p> <p>7- Duas crianças a brincar</p> <p>10''</p>	<p>A imagem toda, duas crianças em cima (1º e 2º terço), a parte inferior dois baloiços (3º terço inteiro)</p>	<p>G K H</p>
<p>VIII 16''</p> <p>8-Dois animais a comer qualquer coisa</p> <p>21''</p>	<p>O rosa são os animais (detalhes rosa laterais). A parte superior verde e cinzenta é o bicho que estão a comer (detalhe cinzento e detalhe azul)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 10''</p> <p>9-Um pássaro</p> <p>15''</p>	<p>A parte inferior verde a cabeça e a parte castanha são as asas. O traço central é a cauda (eixo central)</p>	<p>D F- A</p>
<p>X 15''</p> <p>10-Aranhas</p> <p>11-Flores</p> <p>12-Insectos</p> <p>27''</p>	<p>Os azuis são as aranhas (detalhes laterais azuis), o amarelo as flores (detalhes amarelos laterais, aqui os amarelos – insectos (detalhes amarelos médios em baixo)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D FC Nat</p> <p>D F± A</p>

Prova de escolhas:

- (+) – III é a das crianças, eu gosto de crianças
- (+) - V Borboleta, acho um animal giro
- (-) – I O morcego é um animal feio
- (-) – II Vampiro, porque é um animal perigoso

Sujeito 75

<p>I 3''</p> <p>1-Parece um morcego</p> <p>2- Ou uma borboleta</p> <p>20''</p>	<p>A imagem toda, as asas, os bicos são as garras que eles têm.</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II 2''</p> <p>3-Talvez duas bailarinas</p> <p>4- Ou talvez uma borboleta, por aí...</p> <p>12''</p>	<p>As duas partes negras laterais</p> <p>(Tem um corpo esquisito)</p>	<p>G K H</p> <p>G F- A</p>
<p>III 28''</p> <p>5- Talvez um caranguejo</p> <p>6-Um sapo</p> <p>31''</p>	<p>É o todo. As partes vermelhas são as garras.</p>	<p>G F- A</p> <p>G F- A</p>
<p>IV 51''</p> <p>(esta está muito complicada)</p> <p>7-Poderia parecer uma pele de um bicho</p> <p>1'39''</p>	<p>(comentário)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>V 41''</p> <p>8-De repente, um morcego</p> <p>9-Mas não, dois animais juntos</p> <p>1'30</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>

<p>VI 19”</p> <p>10- Dá-me a sensação de ser um pássaro em cima de qualquer coisa</p> <p>11-De uma folha Pode ser uma libelinha em cima de uma folha</p> <p>1’21”</p>	<p>Pássaro- detalhe superior</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F± Bot</p>
<p>VII 21”</p> <p>VΛ 12- Uma escultura</p> <p>31”</p>		<p>G F± arte</p>
<p>VIII 11”</p> <p>13- Parecem dois bichos a caminhar para algum sítio Talvez macacos,</p> <p>14- No meio uma flor</p> <p>15- E aqui ao meio um caranguejo com as hastes a querer comer qualquer coisa</p> <p>2’23”</p>	<p>Detalhes rosa laterais</p> <p>Detalhe verde central</p> <p>Lacuna mediana no azul em cima</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p> <p>Dbl Kan A</p>
<p>IX 1’17”</p> <p>Esta é complicada...</p> <p>16- Alguém por trás a segurar qualquer coisa</p> <p>17- Aqui ao meio olhos</p> <p>2’18”</p>	<p>(comentário)</p> <p>Detalhes castanhos em cima</p> <p>Pequenas lacunas na base da lacuna central</p>	<p>D K H</p> <p>Ddbl F+ Hd</p>

X 27'' 18 – O aparelho digestivo 45''	O esófago, os pulmões e o estômago.	G F- Anat
--	-------------------------------------	-----------

Prova de escolhas:

- (+) – II porque gosto de dança
- (+) – VIII gosto de bichos
- (-) – IV não gosto de peles, matam os animais...
- (-) – IX é difícil de perceber

Sujeito 76

<p>I 1”</p> <p>1 – Este parece um morcego, não parece?.....</p> <p>2 – V “Não me diz nada”</p> <p>30”</p>	<p>Porque tem as asas assim parecidas às do morcego. Não é porque eu tenha visto um morcego ao pé, mas é assim que eu imagino os morcegos.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3”</p> <p>Este é baseado em mais ou menos o mesmo...</p> <p>3 – Este faz-me lembrar a entrada assim de umaaqui a parte de cima faz-me lembrar a entrada de uma igreja, excepto estas coisas aqui. É muito esquisito</p> <p>4 – Em baixo vejo uma cara. Mas eu sou maluca a ver desenhos. Vejo os olhos aqui assim, o cabelo...são muito esquisitos. Não dizem assim muita coisa.</p> <p>2’10”</p>	<p>(detalhe branco central)</p> <p>Mas tem uma boca muito esquisita (vermelho inferior central)</p>	<p>Dbl F± Arq.</p> <p>D F- Hd</p>
<p>III 2”</p> <p>5 – Aí esse distingue-se. Estes são dois bonecos. Devem estar a conversar.</p> <p>1’14”</p>	<p>(Esta parte vermelha deve ser não sei o quê, talvez o teor da conversa seja cor-de-rosa).</p>	<p>G K (H) Ban</p>

<p>IV 1''</p> <p>6 – Esta parece-me um chimpanzé</p> <p>34''</p>	<p>Aqui é as patorras e o corpanzil dele. Mas só que não tem braços. Pode ser que ele esteja de pernas abertas. Aqui os pés...realmente é confuso.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 6''</p> <p>7 – Vem-me à ideia uma ave a voar, vista de costas.</p> <p>58''</p>		<p>G Kan A Ban</p>
<p>VI 2''</p> <p>8 – Aqui faz-me lembrar uma cara com bigodes.</p> <p>9 – E dá-me a impressão de um pássaro também. A parte de baixo é que não sei o que é...</p> <p>1'21''</p>	<p>Mas é uma cara esquisita. Tem um bico, uns bigodes. Uns olhos disfarçados.. (pequeno detalhe superior)</p> <p>O pássaro pelas patas, o bico e as asas</p>	<p>Dd F- Hd</p> <p>D F+ A</p>
<p>VII 3''</p> <p>10 – Isto são duas bonecas a falarem uma com a outra</p> <p>11 – Parece que evoluem de uma nuvem</p> <p>1'21''</p>	<p>Eu disse que eram duas bonecas...mas não sei se serão dois anjos. Mas para anjos acho-os muito bisbilhoteiros</p>	<p>G K (H)</p> <p>G F± Nat</p>
<p>VIII 1''</p> <p>12 – Este, vejo dois leões ou ursos de lado.</p> <p>13 – Aqui é a base donde eles partem, parece assim meio cristalina</p>	<p>(detalhes rosa laterais)</p> <p>Parece de ferro forjado (detalhes centrais verde e cinzento)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F± Obj</p>

<p>14 – Mas também se pode ver uma cara ao meio...parece o focinho de um leão e ele está a agarrá-los.</p> <p>1'23''</p>	<p>(detalhe cinzento central)</p>	<p>D Kan Ad</p>
<p>IX 1''</p> <p>Eu por acaso gosto deste...</p> <p>15 – A entrada de qualquer coisa, a entrada de um jardim. Isto é qualquer coisa assim apalaçada</p> <p>49''</p>	<p>(comentário)</p> <p>(detalhes castanhos centrais)</p>	<p>G F± Arq.</p>
<p>X 3''</p> <p>16 - Isto é jardim. Isto aqui são flores.</p> <p>26''</p>	<p>Por causa das cores</p>	<p>G CF Paisagem</p>

Prova das escolhas:

- (+) – VIII Porque me faz lembrar o brasão de uma casa senhorial de antigamente
- (+) – X Porque me faz lembrar um jardim
- (-) – I Não é feio nem bonito, não gosto dele
- (-) – IV Pode ter variadas interpretações não gosto dele.

Sujeito 77

<p>I 3”</p> <p>1 – Então aqui vejo um morcego</p> <p>10”</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2”</p> <p>2 – Vejo dois animais a beijarem-se</p> <p>17”</p>		<p>D Kan A Ban</p>
<p>III 2”</p> <p>3 – Duas pessoas elegantes</p> <p>25”</p>	<p>Duas senhoras de salto alto</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 2”</p> <p>4 – É aquele animal...uma ave esquisita, vê-se os olhos</p> <p>24”</p>		<p>G F+ A</p>
<p>V 2”</p> <p>5 – Nesta a mesma coisa, uma ave esquisita. Pássaro esquisito que anda por aí perdido no ar</p> <p>22”</p>		<p>G Kan A Ban</p>
<p>VI 2”</p> <p>6 – É um bicho terrestre</p> <p>15”</p>		<p>G F± A</p>

<p>VII 5''</p> <p>7 – São dois seres a olharem um para o outro</p> <p>17''</p>	<p>(1° terço superior)</p>	<p>D K H</p>
<p>VIII 2''</p> <p>8 – Um bicho qualquer que nunca vi</p> <p>20''</p>	<p>(detalhe cinzento superior)</p>	<p>D F± A</p>
<p>IX 4''</p> <p>9 – Cavalos marinhos</p> <p>37''</p>	<p>(detalhes castanhos em cima)</p>	<p>D F± A</p>
<p>X 3''</p> <p>10 - É um desenho com várias coisas</p> <p>11 - Algas</p> <p>55''</p>	<p>Por causa das cores</p> <p>(detalhes azuis laterais)</p>	<p>G CF desenho</p> <p>D F± Bot</p>

Prova de escolhas:

- (+) – III Por ser um casal super elegante na conversa
- (+) – V Parece um morcego
- (-) – I Porque é medonho
- (-) – VI Porque é esquisito

Sujeito 78

<p>I 1” 1 – Um morcego 5”</p>		G F+ A Ban
<p>II 4” 2 – Uma borboleta 10”</p>	(Detalhe negro e vermelho inferior)	D F- A
<p>III 5” 3 – Duas pessoas viradas uma para a outra a amassarem 25”</p>	(detalhes negros laterais)	G K H Ban
<p>IV 4” 4 – Parece um animal esquisito...a pele de um urso espalmada 1’20”</p>		G F+ A
<p>V 6” 7 – Pele de coelho 10”</p>		G F- Ad
<p>VI 33” 8 – Um animal pré-histórico 53”</p>	Tem uns bigodes, uns olhos e umas asas	G F- A

VII 5'' 9 – Umas nuvens 10''	1º e 2º terço	D F± Nat
VIII 5'' 10 – Uma aguarela abstracta 12''	Por causa das cores R.A: Um castor de cada lado	G CF Aguarela
IX 7'' 11 – Aqui também é uma aguarela 15''	As cores	G CF Aguarela
X 3'' 12-Aqui também é uma aguarela 8''	Gosto das cores	G CF Aguarela

Prova de escolhas:

- (+) – I Porque não tive dúvidas do que era
- (+) – X Pelas cores, transmite tranquilidade, calma
- (-) – II Está pouco definida, não gostei, tive dúvidas
- (-) – Não gostei, dá-me repugnância, assusta-me

Sujeito 79

<p>I 3”</p> <p>1 – Isto é um morcego...tem asas abertas ou uma</p> <p>2 – Borboleta</p> <p>3 – Parreira com folhas</p> <p>2’07”</p>	<p>Pássaro não é...será mesmo um pássaro?</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>G F- Bot</p>
<p>II 15”</p> <p>4 – Estes dois senhores com uma garrafa na mão</p> <p>5 – Isto é uma luz.</p> <p>1’06”</p>	<p>Candeeiro preso no tecto (detalhe branco)</p>	<p>G K H</p> <p>Dbl C’ Luz</p>
<p>III 10”</p> <p>6 – Em baixo duas galinhas. Não estou a ver o que possa explicar mais.</p> <p>7 – Sapato não combina com esta parte aqui</p> <p>1’36”</p>	<p>(Detalhe médio central inferior)</p> <p>Os sapatos estão trocados (detalhe lateral inferior)</p>	<p>D F- A</p> <p>Do F+ obj</p>
<p>IV 3”</p> <p>8 – Ai que coisas.....isto é uma pele</p> <p>1’01”</p>	<p>Sim é de animal de carneiro ou veado</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 1”</p> <p>9 – Olha, agora está aqui um morcego....</p> <p>28”</p>		<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 49''</p> <p>10 – Parece quase o santo de uma igreja</p> <p>1'15''</p>		<p>G F- Estátua</p>
<p>VII 11''</p> <p>11 – Isto são pedras colocadas umas junto às outras</p> <p>12 – Em baixo um santinho</p> <p>1'</p>	<p>(Detalhe médio inferior)</p> <p>(centro do 3º terço)</p>	<p>G F± Geo</p> <p>D F- Estátua</p>
<p>VIII 37''</p> <p>13 – Isto tem aqui cães ou gatos... Parecem mais gatos</p> <p>14 – Depois tem ali...será uma imagem de igreja...V^ tem uma vela, mais um candeeiro, mas os gatos não fazem parte</p> <p>1'50''</p>	<p>Ratos (detalhes laterais rosa)</p> <p>Vela (Detalhe castanho e rosa), o candeeiro (detalhe cinzento superior)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F- Arq</p> <p>D CF Obj</p>
<p>IX 16''</p> <p>15 – Isto são flores</p> <p>16 – É uma pessoa que vai subir à árvore com uma garrafa ao pé, parece aqui o gargalo. Será?</p> <p>2'35''</p>	<p>Pelas cores</p> <p>Pessoa (detalhe castanho superior castanho)</p>	<p>G CF Bot</p> <p>D K H</p>
<p>X 27''</p> <p>17 – Isto é um bocado complicado porque não tenho experiência nestas coisas da pintura...parecem quase duas lagostas, são iguais, lado a lado.</p> <p>2'26''</p>	<p>(Detalhes rosa laterais)</p>	<p>D F- A</p>

Prova de escolhas:

- (+) – IX e X Gostei mais das cores
- (-) – I e VII É uma coisa estranha

Sujeito 80

<p>I 4”</p> <p>1 – Um morcego.</p> <p>11”</p>	<p>Pela configuração</p> <p>R.A: Também pode ser uma taça</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 6”</p> <p>2 – Cabeça do dito cujo. Que coisa esquisita!</p> <p>3- Borboleta</p> <p>4- Um bicho qualquer...obra do demónio.</p> <p>5 – Sexo da mulher</p> <p>1’30”</p>	<p>O pénis, pela forma (detalhe superior central)</p> <p>Pela forma (detalhe inferior central)</p> <p>Grande detalhe negro</p> <p>Pela forma (detalhe inferior central pela forma</p> <p>R.A: Candeeiro e entrada para um sítio, para um templo (detalhe branco central)</p>	<p>D F+ Sex</p> <p>D F+ A</p> <p>D F- A</p> <p>D FC Sex</p>
<p>III 10”</p> <p>6- Um homem e uma mulher.</p> <p>15”</p>	<p>Parece que estão a dançar</p> <p>R.A: Também podem ser dois bichos, cegonhas</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 10”</p> <p>7 – Uma vela a derreter</p> <p>19”</p>	<p>Porque tem muitas formas</p> <p>R.A: Também pode ser a pele de um bicho qualquer</p>	<p>G FE vela</p>
<p>V 5”</p> <p>8 – Um morcego</p> <p>8”</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 3”</p> <p>Que coisas mais estranhas...</p> <p>9- Libelinhas 20”</p>	<p>É a forma do corpo</p>	<p>G F- A</p>

<p>VII 13''</p> <p>10 - dois animais em cima de qualquer coisa.</p> <p>11 – Entrada para algum lado...uma gruta.</p> <p>42''</p>	<p>Detalhe lateral (1° terço)</p> <p>Centro do 3° terço</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F± Nat</p>
<p>VIII 13''</p> <p>É a cor que eu gosto</p> <p>12 – Dois ratos</p> <p>13 – Borboleta</p> <p><i>Depois vais estudar aquilo que eu digo?</i></p> <p>1'15''</p>	<p>(comentário)</p> <p>Ratos (detalhes laterais rosa)</p> <p>Detalhe inferior central</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p>
<p>IX 30''</p> <p>Que desenhos mesmo esquisitos...</p> <p>14 – Uma viola</p> <p>15 – Duas crianças divididas pelo rabiosque e sexo da mulher</p> <p>Devo ser mesmo tarada...</p> <p>1'30''</p>	<p>Grande lacuna central</p> <p>Pela cabeça e pela posição são crianças (detalhe inferior central)</p>	<p>Dbl F+ Obj</p> <p>D F- Sex</p>
<p>X 8''</p> <p>Cada vez mais confuso...faz lembrar coisas do mar</p> <p>16 – O mar</p> <p>17- Búzios</p>	<p>(comentário)</p> <p>Detalhe azul lateral</p> <p>Detalhe lateral castanho</p>	<p>D C Nat</p> <p>D F+ A</p>

18 – Ai...um polvo	Detalhe rosa central	D F- A
19 – Cavalos marinhos	Detalhe azul lateral	D F- A
20 – Uma espécie de ET à saída do mar, a chegar a um sitio que deve ser o objectivo dele.	Detalhe cinzento superior central	D K (H)
1'58"		

Prova de escolhas:

(+) – IX e X pelas cores

(-) – I e IV são assustadores

Sujeito 81

<p>I 4”</p> <p>1 – Mancha de tinta corada e separada em dois.</p> <p>2 – Borboleta</p> <p>50”</p>	<p>É uma mancha como as que fazem as crianças.</p> <p>Pelo corpo, as asas...</p>	<p>G F_± Frgt</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>II 13”</p> <p>3 – Parecem dois animais a brincar.</p> <p>28”</p>	<p>Parecem dois elefantes (grandes detalhes negros laterais)</p>	<p>G Kan A Ban</p>
<p>III 8”</p> <p>4 – São dois homens a tocar tambor.</p> <p>5- Ou uma galinha</p> <p>31”</p>	<p>Os homens (detalhes negros laterais), o tambor (detalhe central inferior)</p> <p>Detalhe negro central</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F- A</p>
<p>IV 8”</p> <p>Uma cor que não gosto muito...</p> <p>6 – Parece um monstro</p> <p>17”</p>	<p>Não gosto a cor não me agrada</p> <p>É enorme...muito assustador</p>	<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 5”</p> <p>7 – Um morcego</p> <p>10”</p>	<p>Por causa das asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 22''</p> <p>Não sei....ma coisa que eu não gosto</p>	<p>R.A: Parece um animal dividido em dois</p>	<p>Recusa</p>
<p>VII 9''</p> <p>8 – São uns gémeos numa nuvem</p> <p>17''</p>	<p>Os gémeos (1º terço), nuvem (2º terço)</p>	<p>D F+ H</p> <p>D F± Nat</p>
<p>VIII 8''</p> <p>É a cor que eu gosto</p> <p>9 – Dois ratos... parece que estão na brincadeira</p> <p>21''</p>	<p>(comentário)</p> <p>Ratos (detalhes laterais)</p>	<p>D Kan A Ban</p>
<p>IX 14''</p> <p>10 – Dois dragões a brincarem</p> <p>18''</p>	<p>Dragões (detalhes castanhos superiores)</p>	<p>D Kan (A)</p>
<p>X 13''</p> <p>Um desenho que gosto com muitas coisas</p> <p>11 – Parece que estão na tropa de mãos dadas</p> <p>35''</p>	<p>Gosto das cores</p> <p>Soldados (detalhes rosa centrais), chapéu (cinzento superior), mãos (azuis laterais)</p>	<p>Gbl K H</p>

Prova de escolhas:

- (+) – IX e X por causa das cores
- (-) – IV Porque parece um monstro
- (-) – V – Parece um morcego e não gosto

Sujeito 82

<p>I 4”</p> <p>1 – Não sei...é um morcego</p> <p>14”</p>	<p>Porque parece um morcego pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 15”</p> <p>2 – Um elefante</p> <p>24”</p>	<p>É grande...</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>III 6”</p> <p>3 – Um tigre</p> <p>14”</p>		<p>D F- A</p>
<p>IV 6”</p> <p>4 – Águia</p> <p>12”</p>	<p>É o corpo também</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 6”</p> <p>5 – Um morcego com asas grandes</p> <p>19”</p>	<p>Porque arranha muito, as pessoas. Eu vejo isto na televisão</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 10”</p> <p>Não sei dizer</p> <p>26”</p>		<p>Recusa</p>
<p>VII 4”</p> <p>6 – Parece um pato</p> <p>26”</p>	<p>Porque parece (1º terço)</p>	<p>D F+ A</p>

VIII 6" 7 – Uma águia. 12"	Porque é uma águia	D F- A
IX 6" Não sei 13"		Recusa
X 36" Não sei 50"		Recusa

Prova de escolhas:

- (+) – III Porque gosto do tigre
- (+) – V Porque ele arranha todos nós e eu gosto de ser arranhada.
- (-) – I Não gosto...não sei, tenho nojo.
- (-) – IV Faz mal a muita gente e eu não gosto.

Sujeito 83

<p>I 2''</p> <p>1 – Uma borboleta</p> <p>5''</p>	<p>Forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 6''</p> <p>2 – Duas pessoas de perfil</p> <p>9''</p>		<p>G F+ H</p>
<p>III 8''</p> <p>3 – São duas pessoas também de perfil, com qualquer coisa nas mãos</p> <p>15''</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 4''</p> <p>4 – Um anfíbio qualquer</p> <p>8''</p>	<p>Pode ser um sapo</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V 12''</p> <p>5 – ...Complicado...não sei onde centrar a interpretação, tem asas, será uma ave com duas cristas.</p> <p>28''</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 3''</p> <p>6 – Um gato esquartejado, é tudo</p> <p>8''</p>		<p>G F- A</p>

<p>VII 5”</p> <p>7 – Não me ocorre nada... não sei... sinceramente, não sei</p> <p>12”</p>		<p>Recusa</p>
<p>VIII 4”</p> <p>8 – Dois camaleões a treparem por uma planta.</p> <p>10”</p>	<p>Camaleões (detalhes rosa laterais), a planta (detalhe verde central).</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 5”</p> <p>9 – Uma máscara, é tudo</p> <p>8”</p>		<p>G CF Máscara</p>
<p>X 4”</p> <p>10 - Pedacos de folhas e plantas. É tudo.</p> <p>9”</p>	<p>Por causa das cores</p>	<p>G CF Paisagem</p>

Prova de escolhas:

- (+) – II é bonita
- (+) – VIII pelas cores
- (-) – I Por causa do preto
- (-) – VII também não gosto do preto.

Sujeito 84

<p>I 2”</p> <p>1 – Um morcego</p> <p>5”</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 30”</p> <p>2 – Não sei...dois cães a lutar, e a deitarem sangue</p> <p>49”</p>	<p>Pela forma...o sangue é esta mancha vermelha.</p>	<p>G Kan A Ban</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 37”</p> <p>Não tenho jeito para isto...</p> <p>3 – Duas mulheres em que o coração explodiu</p> <p>1’15”</p>	<p>O coração está no meio das duas</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>IV 10”</p> <p>4 – Parece um monstro de pernas para o ar</p> <p>18”</p>	<p>É grande.....</p>	<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 8”</p> <p>5 – É outro morcego</p> <p>11”</p>	<p>Forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 28”</p> <p>6 – Isto é um...pássaro feio, com a cabeça de um homem a sair de um pássaro grande</p> <p>1’01”</p>		<p>G Fclob A</p> <p>Dd F- Hd</p>

<p>VII 3''</p> <p>7 – Isto são dois bebés desfigurados a sair do útero da mãe</p> <p>10''</p>	<p>(1° e 2° terço)</p>	<p>D K H</p> <p>D F- Anat</p>
<p>VIII 9''</p> <p>8 – Isto parece a parte interior do nosso corpo</p> <p>25''</p>	<p>Tem a forma das nossas entranhas</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>IX 15''</p> <p>Posso virar ao contrário?</p> <p>9 – Parecem duas cabeças, dois crânios</p> <p>10 – As nossas entranhas a desfazer-se com uma espada ao meio</p> <p>55''</p>	<p>(detalhe superior castanho)</p> <p>Porque são rosa</p>	<p>D F- Hd</p> <p>D F- Obj</p>
<p>X 12''</p> <p>Parece a minha vida, uma grande confusão</p> <p>11 – Uns bichos</p> <p>23''</p>	<p>(detalhe cinzento superior) São maus e estão a entranhar-se nas coisas boas (cores</p>	<p>D F+ A Ban</p>

Prova de escolhas:

- (+) – III Porque gosto da explosão do coração
- (+) – X Porque acho que representa a minha vida
- (-) – VIII É feio porque representa o interior do nosso corpo
- (-) – IX Também é o nosso corpo

Sujeito 85

<p>I 10''</p> <p>1 – Um morcego</p> <p>15''</p>	<p>Em cima as mandíbulas (abertura superior central) e tem aqui as asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 5''</p> <p>2 – Um animal morto</p> <p>3 – Sangue</p> <p>Um javali morto</p> <p>15''</p>	<p>Pela forma...o sangue é esta mancha vermelha.</p>	<p>G F- A</p> <p>D C Sg</p>
<p>III 14''</p> <p>4 – Duas pessoas</p> <p>5 – Dois macacos do mesmo sexo</p> <p>6 – Um laço de amizade</p> <p>7 – Sangue</p> <p>8 – Dois animais que não sei se se amam ou se estão a lutar Dois animais humanóides</p> <p>57''</p>	<p>Parece mesmo pela forma</p> <p>Porque também tem a forma de um macaco</p> <p>Tem a forma de laço aqui no meio Porque é vermelho</p> <p>Pela forma e o vermelho no meio pode ser sangue ou um laço</p> <p>Porque não tem bem a forma de uma pessoa</p>	<p>G K H Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>D F+ Obj Ban</p> <p>D C Sg</p> <p>D Kan A</p>
<p>IV 6''</p> <p>9 – É o abominável homem das neves Um monstro feio e horrível</p> <p>15''</p>	<p>Pela forma, parece mesmo os desenhos animados que vemos em miúdos. Parece pela cor e pela forma dos braços e da cauda</p>	<p>G Fclob (H)</p>

<p>V 7''</p> <p>10 – Um morcego</p> <p>17''</p>	<p>Faz os contornos do morcego</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 10''</p> <p>11 – Uma pele</p> <p>12 – Um símbolo índio</p> <p>13 – Um escalpe</p> <p>Uma pele de urso</p> <p>34''</p>	<p>Por causa aqui da forma das patas Detalhe central superior</p> <p>Isto aqui em cima (saliências superiores)</p>	<p>G FE Ad Ban</p> <p>D F+ Símbolo</p> <p>D F- Anat</p>
<p>VII 11''</p> <p>14 – Um homem e uma mulher a tentarem beijar-se</p> <p>22''</p>	<p>Pelos contornos, têm a mesma forma</p>	<p>G K H</p>
<p>VIII 8''</p> <p>15 – Um esqueleto aberto</p> <p>O corpo humano lado a lado</p> <p>16 – Aqui são ratazanas</p> <p>32''</p>	<p>Tem esse aspecto, pela forma e pela cor.</p> <p>Porque são rosa</p>	<p>G F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 12''</p> <p>17 – Uma rena</p> <p>18 – Relva onde estão a lutar</p> <p>19 - Vísceras</p> <p>27''</p>	<p>(detalhe superior castanho)</p> <p>É relva, é verde</p> <p>Porque são rosa</p>	<p>D F+ A</p> <p>D EF Nat</p> <p>D F- Anat</p>

<p>X 4”</p> <p>Um emaranhado de animais</p> <p>20 – Aranhas</p> <p>21 – Escaravelhos</p> <p>Uma confusão de animais horrorosos</p> <p>33”</p>	<p>Tem a forma de aranhas (detalhes azuis laterais)</p> <p>Detalhe cinzento mediano superior (comentário)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p>
--	---	---------------------------------

Prova de escolhas:

- (+) – III Não faz tanta impressão porque não tem tanta cor
- (+) – VI Não me faz impressão
- (-) – II É uma luta horrível
- (-) – IV Porque é escuro e feio

Sujeito 86

<p>I 7”</p> <p>1 – Uma borboleta Duas partes do mesmo ser</p> <p>2 – Um carapau alimado</p> <p>35”</p>	<p>Tem essa forma (comentário à simetria)</p> <p>É outra vez por causa da forma</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>
<p>II 14”</p> <p>3 – Um disco voador Espelho um do outro</p> <p>42”</p>	<p>Pela parte branca aqui no meio (comentário à simetria)</p>	<p>Dbl Kob Obj</p>
<p>III 10”</p> <p>4 – Duas pessoas a lutar por um rim</p> <p>37”</p>	<p>As pessoas são estas aqui a preto (grandes detalhes negros) e o rim é o vermelho (detalhe vermelho central)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D FC Anat</p>
<p>IV 2”</p> <p>5 – Um urso</p> <p>7”</p>	<p>É a forma e a cor preta</p>	<p>G FC’ A</p>
<p>V 10”</p> <p>6 – Um pássaro</p> <p>17”</p>	<p>Com as asas abertas</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 5”</p> <p>7 – Um tapete pele de vaca</p> <p>22”</p>	<p>Tenho um tapete com a mesma forma em casa. É assim fofinho.</p>	<p>G FE Ad BAn</p>

<p>VII 5''</p> <p>8 – Gengibre</p> <p>16''</p>	<p>O gengibre tem muitas destas formas assim separadas.</p>	<p>G F± Alimento</p>
<p>VIII 12''</p> <p>9 – Dois tigres a puxarem pela ponta de uma raia em cima de uma borboleta</p> <p>36''</p>	<p>Os tigres estão aqui (detalhes laterais rosa); A raia (detalhe cinzento central); e a borboleta está aqui em laranja (detalhe central).</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ A</p>
<p>IX 21''</p> <p>10 – Tem um nariz</p> <p>11 – Tem uns pulmões e mucosidade</p> <p>12 – Uma face</p> <p>27''</p>	<p>O nariz nestes buracos que são as narinas (detalhes brancos centrais), os pulmões estão aqui a vermelho e o muco é verde.</p> <p>A face (detalhes castanhos superiores)</p>	<p>GD F- Hd/Anat</p>
<p>X 9''</p> <p>13 – Um alicate que pretende cortar o cordão umbilical</p> <p>30''</p>	<p>O alicate está aqui (detalhe verde central), e o cordão é este (detalhe cinzento central)</p>	<p>D F+ Obj</p> <p>D F- Anat</p>

Prova de escolhas:

(+) – IV Pela ausência da cor

(+) – VIII Pelas cores

(-) – III Há conflito

(-) – X Pela forma como defini

Sujeito 87

<p>I 5”</p> <p>1 – Parece uma árvore</p> <p>2 – Parece um pássaro</p> <p>9”</p>	<p>Pela forma</p> <p>Também é a forma do corpo</p>	<p>G F- Bot</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3”</p> <p>3 – Parece um palhaço</p> <p>4- Não é uma igreja</p> <p>14”</p>	<p>(a cara com o negro e o vermelho)</p> <p>O campanário da igreja (detalhe superior médio)</p>	<p>G F- A</p> <p>D F- Arq.</p>
<p>III 4”</p> <p>Esta não me diz nada...</p> <p>5 – São dois bichinhos</p> <p>6 – São dois humanos</p> <p>21”</p>	<p>(comentário)</p> <p>(detalhe vermelho exterior em cima)</p> <p>(toda a parte negra)</p>	<p>D F± A</p> <p>G K H Ban</p>
<p>IV 4”</p> <p>7 – Parece um animal</p> <p>11”</p>	<p>Não sei que animal é</p>	<p>G F± A</p>
<p>V 3”</p> <p>8 V – Um pássaro</p> <p>5”</p>	<p>As asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 7''</p> <p>9 – Tem aspecto de pássaro</p> <p>10 – Uma cruz</p> <p>14''</p>	<p>(parte média lateral)</p> <p>(grande detalhe superior)</p>	<p>D F- A</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>VII 7''</p> <p>11 – Dois humanos</p> <p>12''</p>	<p>(1º e 2º terço)</p>	<p>D F+ H</p>
<p>VIII 2''</p> <p>12 – Dois animais em cima de uma árvore</p> <p>18''</p>	<p>(detalhes rosa laterais)</p> <p>(detalhe verde)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 2''</p> <p>13 – Uma árvore.</p> <p>6''</p>	<p>Árvore (detalhe verde central)</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 2''</p> <p>13 – Uma árvore com pássaros.</p> <p>10''</p>	<p>Árvore (rosa lateral), tudo o resto são os pássaros</p>	<p>G F± Nat</p>

Prova de escolhas:

- (+) – VII Sensação de paz
- (+) – X Ainda mais o sentimento da paz
- (-) – III Duas caveiras, significa mal interior
- (-) – IX Animal feio, transmite terror, pavor

Sujeito 88

<p>I 8”</p> <p>1 >V<Λ – Morcego</p> <p>2 – Tórax</p> <p>3 – Escaravelho</p> <p>4 – Duas pessoas voltadas de costas</p> <p>Não vejo mais nada</p> <p>1’30”</p>	<p>Pela forma</p> <p>Também é a forma do corpo</p> <p>Parte mediana inteira</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- Anat</p> <p>D F+ A</p> <p>G K H</p>
<p>II 7”</p> <p>2 - ΛV Duas pessoas com palma da mão coladas</p> <p>3- Dois ursos</p> <p>4 – Duas pessoas a dançar</p> <p>43”</p>	<p>(grandes partes laterais)</p>	<p>G K H</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>G K H</p>
<p>III 2”</p> <p>5 – Duas pessoas a mexerem em qualquer coisa</p> <p>6 – Um escaravelho</p> <p>23”</p>	<p>(detalhe inferior central)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F- A</p>
<p>IV 4”</p> <p>7 – Um coelho</p> <p>25”</p>	<p>Forma do corpo</p>	<p>G F- A</p>

<p>V 3”</p> <p>8 – Uma borboleta</p> <p>9 – Duas pessoas deitadas mas juntas</p> <p>30”</p>	<p>(refere-se a cada uma das partes laterais inteiras)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>D K H</p>
<p>VI 1”</p> <p>10 – Um lobo, é só</p> <p>22”</p>		<p>G F+ A</p>
<p>VII 3”</p> <p>11 – Bailarinas</p> <p>12 – Duas pessoas a dar um beijo.</p> <p>58”</p>		<p>D K H</p> <p>D K H</p>
<p>VIII 9”</p> <p>13 – Vejo os camaleões</p> <p>14 – Vejo uns pulmões</p> <p>15 – Vejo a parte muscular do tórax.</p> <p>51”</p>	<p>(detalhes rosa laterais)</p> <p>(detalhes rosa e laranja em baixo)</p> <p>(detalhe laranja)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F- Hd</p>
<p>IX 15”</p> <p>16 – Uma árvore.</p> <p>25”</p>	<p>Pelas cores e a forma do tronco e a copa a verde</p>	<p>G FC Bot</p>

X 17” 17 – Dois cavalos marinhos 18 – Um as algas...é só 43”	(detalhe verde mediano em baixo) (detalhe verde mediano em baixo)	D F+ A D F± Bot
--	--	--------------------

Prova de escolhas:

- (+) – II Porque estão a dar as mãos, sinal de união, parece uma dança russa
- (+) – III Pela interajuda e por serem pessoas de cor
- (-) – I Porque o escaravelho é um animal que não me diz muito
- (-) – VIII Porque me faz lembrar o corpo humano

Sujeito 89

<p>I 3”</p> <p>1 – Ossos do cóccix</p> <p>2 – Um bicho, mas que bicho é este? Tem corpo de mosca, mas tem asas de borboleta</p> <p>55”</p>		<p>G F+ Anat</p> <p>G F± A</p>
<p>II 13”</p> <p>3 – Esta tem mais a forma de borboleta...é muito semelhante ao anterior</p> <p>48”</p>	<p>É a forma do corpo e as cores</p>	<p>G F- A</p>
<p>III 7”</p> <p>4 – Poderiam ser dois negros trabalhando em qualquer coisa...com o coração fora do peito</p> <p>1’01”</p>	<p>Coração- detalhe vermelho central</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>IV 9”</p> <p>5 – Um bicho qualquer, esquisito tipo dos pesadelos...</p> <p>6 V – Poderia ser um gorila de baixo para cima com o tranco mais pequeno e a cabeça mais pequena</p> <p>1’13”</p>	<p>(é grande como um gorila)</p>	<p>G Fclob A</p> <p>G F+ A</p>

<p>V 1''</p> <p>7 – Borboleta</p> <p>6''</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 15''</p> <p>Não me faz lembrar nada, não faço a mais pequena ideia</p> <p>31''</p>		<p>Recusa</p>
<p>VII 11''</p> <p>8 – dois coelhinhos sobre um baloço</p> <p>21''</p>	<p>Coelhos (1° e 2° terço), baloço (3° terço inteiro)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>VIII 5''</p> <p>9 – Poderiam ser dois camaleões...</p> <p>10 – Uma planta esquisita</p> <p>29''</p>	<p>(Detalhe laranja e rosa em baixo)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D CF Bot</p>
<p>IX 7''</p> <p>11 – Podia ser uma árvore mas da Amazónia por ser tão gorda</p> <p>36''</p>	<p>A copa (refere-se a toda a mancha, o tronco-eixo mediano)</p>	<p>G CF Bot</p>
<p>X 37''</p> <p>12 – Não faço a mínima ideia...talvez o aparelho reprodutor feminino</p> <p>1'36''</p>	<p>Os ovários (detalhes azuis laterais)</p>	<p>G F- Anat</p>

Prova de escolhas:

(+) – I Porque é mais concreta

(+) – X Porque é mais colorida

(-) – IX Porque é esponjoso, o rosa pode ser a bomba da Hiroxima

(-) – IV O desenho tem algo de mau, é escuro

Sujeito 90

<p>I 5”</p> <p>Esta imagem não consigo distinguir...</p> <p>1 – Isto é o fígado.</p> <p>2 – Aqui os pulmões</p> <p>50”</p>	<p>(comentário)</p> <p>(detalhe negro central)</p> <p>(detalhes laterais)</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
<p>II 7”</p> <p>3 – São dois macacos</p> <p>14”</p>	<p>(detalhes negros)</p>	<p>D F- A</p>
<p>III 7”</p> <p>4 – Estes bicharocos não conheço...são dois cães</p> <p>20”</p>	<p>(detalhes negros)</p>	<p>D F- A</p>
<p>IV 7”</p> <p>5 – Parece um aranhaço daqueles grandes</p> <p>15”</p>	<p>É a forma do corpo</p>	<p>G F- A</p>
<p>V 5”</p> <p>6 – Uma borboleta</p> <p>9”</p>	<p>Por causa das asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 3”</p> <p>7 – Ora este é que está pior...com os bigodes...pode ser um bacalhau</p> <p>20”</p>	<p>Assim todo aberto</p>	<p>G F+ A</p>

<p>VII 5”</p> <p>8 – São cães</p> <p>10”</p>		<p>D F+ A</p>
<p>VIII 2”</p> <p>Ora esta é que eu não percebo mesmo nada...</p> <p>9 – parece um peixe...mas que peixe?</p> <p>23”</p>	<p>(comentário)</p> <p>Peixe (detalhes laterais)</p>	<p>D F- A</p>
<p>IX 14”</p> <p>10 – São dois gatos</p> <p>18”</p>	<p>(detalhe verde central)</p>	<p>D F- A</p>
<p>X 2”</p> <p>11 – Assim é que não percebo nada disto...são dois passarinhos</p> <p>23”</p>	<p>(detalhes azuis laterais)</p>	<p>D F- A</p>

Prova de escolhas:

- (+) – VIII Os cães são engraçados
- (+) – IX Porque gosto de peixinhos
- (-) – IV Parece um morcego
- (-) – V Um bicharoco que não gosto, não gosto do aspecto

Sujeito 91

<p>I 4”</p> <p>1 – Parece um morcego</p> <p>14”</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 5”</p> <p>2 – Duas pessoas</p> <p>8”</p>	<p>Com as mãos juntas</p>	<p>G K H</p>
<p>III 12”</p> <p>3 – Duas pessoas a falar uma com a outra</p> <p>18”</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 32”</p> <p>4 – Um bicho mas não sei como se chama.</p> <p>48”</p>		<p>G F± A</p>
<p>V 2”</p> <p>5 – Uma borboleta.</p> <p>8”</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 16”</p> <p>6 – Um foguetão.</p> <p>22”</p>	<p>(Detalhe central)</p>	<p>D Kob Obj</p>
<p>VII 4”</p> <p>7 – São nuvens 10”</p>		<p>G F± Nuvens</p>

VIII 8” 8 – Dois lobos a subir não sei o quê.... 14”	(Detalhes rosa laterais)	D F+ A Ban
IX 3” 9 – Uma floresta a arder, fogo 8”	Pelas cores, parece o fogo	G Kob Elemento
X 1’2” 10 – Ratos, parece um bicho 1’22”	(Detalhe cinzento superior)	D F+ A Ban

Prova de escolhas:

- (+) – II Pelas pessoas
- (+) – III Também pelas pessoas.
- (-) – IV Não percebo bem.
- (-) – X Não gosto de ratos.

Sujeito 92

<p>I 7”</p> <p>1 – Um útero</p> <p>2 – Um morcego</p> <p>20”</p>	<p>A zona toda a preto é um útero</p> <p>Também pode ser um morcego porque tem asas</p>	<p>G F- Sex</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>II 36”</p> <p>3 – É um vampiro</p> <p>40”</p>	<p>Porque tem aqui sangue (manchas vermelhas)</p>	<p>G Fclob (H)</p>
<p>III 7”</p> <p>4 – Um pato</p> <p>5- Sangue</p> <p>21”</p>	<p>Isto é um pato (detalhe negro)</p> <p>A vermelho é sangue</p>	<p>D F- A</p> <p>D C Sg</p>
<p>IV 5”</p> <p>6 – Um cão</p> <p>7 – Uma planta</p> <p>10”</p>	<p>Aqui pelas orelhas e as patas</p> <p>Parece uma planta a abrir</p>	<p>G F- A</p> <p>D F± Pl</p>
<p>V 3”</p> <p>8 – Uma borboleta</p> <p>9 – Isto é um insecto</p> <p>12”</p>	<p>Não sei...parece-me uma borboleta pelo corpo ou um insecto</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>VI 4”</p> <p>10 – Isto é um insecto</p> <p>19”</p>	<p>Uma espécie de borboleta</p>	<p>G F- A</p>

<p>VII 4''</p> <p>11 – Um mapa</p> <p>17''</p>	<p>Porque está aqui Portugal e está aqui os contornos</p>	<p>G F± Geo</p>
<p>VIII 6''</p> <p>Cor</p> <p>12 – Uma borboleta</p> <p>13 – Um rato ou</p> <p>14 – Uma lontra</p> <p>38''</p>	<p>(comentário)</p> <p>É a borboleta no casulo (detalhe verde central)</p> <p>(detalhe rosa lateral)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ A</p>
<p>IX 10''</p> <p>15 – Um mamífero</p> <p>16 – Uma espinha</p> <p>18''</p>	<p>Porque o laranja tem de ter vida</p> <p>Na zona central está a espinha</p>	<p>G F± A</p> <p>D F+ Anat</p>
<p>X 9''</p> <p>17 – Um coelho</p> <p>18 – Uma aranha</p> <p>19 – Um útero</p> <p>20 – Um casulo</p> <p>21 – Um rato</p> <p>48''</p>	<p>Detalhe verde</p> <p>Detalhes azuis laterais</p> <p>Detalhe azul central</p> <p>Detalhe castanho</p> <p>Está pendurado no casulo</p>	<p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>Dd F- Sex</p> <p>D F+ Nat</p> <p>D F+ A</p>

Prova de escolhas:

- (+) – III porque tem os patos e o útero que eu gosto
- (+) – IX Porque é bonito no conjunto
- (-) – V – Porque é um morcego e não gosto
- (-) – VII Porque tem menos cor

Sujeito 93

<p>I 3”</p> <p>1 – Borboleta</p> <p>2 – Figura abstracta, tipo um anjo negro ou demónio</p> <p>3 – Também no meio um corpo humano, parte do meio, sexo, aqui as mãos</p> <p>Gosto muito de desenhos ou pinturas surrealistas.</p> <p>1’20”</p>	<p>Anjo negro mas poderia ser um demónio, acho que tem um ar agressivo.</p> <p>Pessoa agachada (D inferior central), pernas para aqui (ligação com os D lateral)</p> <p>(comentário)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G K (H)</p> <p>D F+ H</p>
<p>II 16”</p> <p>4 – Isto são duas pessoas juntas, mãos postas umas nas outras, mais corpo.</p> <p>40”</p>	<p>Cada uma tem uma perna amputada, estilhaçada (vermelho inferior)...simplesmente poderia ser dois animais.</p>	<p>G K H</p>
<p>III 16”</p> <p>5 – Também parecem duas figuras humanas...ambas a pegarem em qualquer coisa</p> <p>6 – Uma borboleta ao meio</p> <p>1’</p>		<p>G K H Ban</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IV 10”</p> <p>7 – Isto é um monstro, quase com duas cabeças</p> <p>17”</p>	<p>Também pela cor</p>	<p>G Fclob (H)</p>

<p>V 5''</p> <p>8 – Isto é uma ave, quase do tempo dos dinossauros.</p> <p>9 – Também pode ser o Belzebu</p> <p>43''</p>	<p>Por causa das asas</p> <p>Tem chifres, pernas de cabra como às vezes ele é representado</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G K (H)</p>
<p>VI 30''</p> <p>10 – A mim parece mais um totem dos índios</p> <p>11 – Esta parte parece aqueles tapetes que fazem com as peles de animais</p> <p>45''</p>	<p>R.A: Parece um animal dividido em dois</p>	<p>D F+ Símbolo</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>VII 20''</p> <p>12 – Mais do que parecer, a mim dá-me a sugestão, será duas pessoas que têm um grande vazio no meio deles, há um grande vazio entre as duas figuras</p> <p>1'</p>	<p>Em baixo uma porta, uma abertura vá...Esta situação pode ser reversível. A porta pode reduzir o vazio e ficar inexistente</p>	<p>G K H</p>
<p>VIII 10''</p> <p>Parece quase uma figura extremamente....</p> <p>13 – Quase dois animais</p> <p>14 – É mais uma figura demoníaca, por causa dos olhos</p> <p>2'</p>	<p>Parece-me a morte, personifica a morte e está sempre a olhar para mim. Rosto muito esquelético, muito seco por causa dos olhos. Cabeça, capuz ou não...laterais...</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D K (H)</p>

<p>IX 1'5''</p> <p>Esta está assim muito...</p> <p>15 – Bacia de indivíduo</p> <p>16 – Órgãos genitais de homem a tentar chegar a um auge a um limite</p> <p>2'</p>	<p>Grande lacuna central</p> <p>Momento da potência masculina, seria o auge. Por causa das nádegas e seria o resto. Seria como que uma glorificação ao homem, aos órgãos genitais masculinos</p>	<p>Dbl F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
<p>X</p> <p>41''</p> <p>17 – Um corpo aberto com as vísceras, os ossos da bacia, a parte genital, pele</p> <p>18 – Dois demóniozinhos</p> <p>35''</p>		<p>G F- Anat</p> <p>D K (H)</p>

Prova de escolhas:

- (+) I – porque bonito
- (+) II Pelas pessoas
- (-) VII – Não gosto do vazio
- (-) VIII – É esquisito

Sujeito 94

<p>I 3”</p> <p>1 – Uma borboleta</p> <p>9”</p>	<p>Pela forma do corpo...as asas</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 8”</p> <p>2 – Um bicharoco, um escaravelho</p> <p>10”</p>		<p>G F- A</p>
<p>III 1”</p> <p>3 – Uma tribo</p> <p>6”</p>	<p>Pessoas de uma tribo a dançar</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 1”</p> <p>4 – Um monstro</p> <p>7”</p>	<p>Pela forma do corpo</p>	<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 1”</p> <p>5 – Um morcego</p> <p>2”</p>	<p>Por causa da forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 3”</p> <p>6 – Uma libelinha</p> <p>6”</p>	<p>Detalhe central superior</p>	<p>D F+ A</p>

VII 5'' 7 – Uns animais pré-históricos 17''	Animais dos Oceanos (detalhes laterais)	D F± A
VIII 6'' 8 – Uns ratinhos a trepar de lado 13''	Ratos (detalhes laterais)	D F+ A Ban
IX 7'' 9 – Organismo humano por dentro 28''	O fígado (detalhe castanho), os ovários (rosa e a coluna vertebral (verde))	G F- Anat
X 3'' A natureza. Apresentação de vários elementos 10 – Caranguejos 11 – Lagostas 12- Outros caranguejos 14''	(comentário) (detelhes azuis laterais) (detelhes castanhos laterais) (detelhes amarelos ao meio)	D F+ A Ban D F+ A D F+ A

Escolhas:

(+) Gostei de todas

(-) II e IV não gostei por causa da cor

Sujeito 95

<p>I 2”</p> <p>1 – Um morcego</p> <p>2 – Também poderia ser uma borboleta</p> <p>3 – Se a linha não estivesse aqui poderia ser um borrão</p> <p>40”</p>	<p>Pela forma</p> <p>Também pode ser pela forma (refere-se ao eixo central)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> <p>G F± fragmento</p>
<p>II 25”</p> <p>4 – Não sei identificar, pode ser uma mancha</p> <p>5 – O branco pode ser um chapéu</p> <p>Estas coisas são desenhos</p> <p>1’</p>	<p>(refere-se à mancha global)</p> <p>(detalhe branco central)</p> <p>(comentário)</p>	<p>G F± fragmento</p> <p>Dbl F+ Obj.</p>
<p>III 7”</p> <p>6 – Pode ser duas pessoas</p> <p>7 – Ao meio uns dentes, umas gengivas</p> <p>1’15”</p>	<p>(detalhe vermelho exterior em cima)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IV 25”</p> <p>8 – Uma alga</p> <p>9 – Ou uma folha de alface</p> <p>1’10”</p>	<p>(pela forma)</p> <p>Também pela forma</p>	<p>G F± Bot</p> <p>G F± Bot</p>

<p>V 54''</p> <p>10 – Parece mais um morcego que os outros</p> <p>11 – Também pode ser um pássaro a voar para baixo.</p> <p>12 – Um campanário com dois pássaros lá em cima</p> <p>13 – Dois macacos</p> <p>1'45''</p>	<p>Aquelas pintas vermelhas são sangue que chupou</p> <p>(parte mediana superior)</p> <p>(segunda saliência lateral do bordo superior)</p> <p>(duas saliências laterais)</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G Kan A</p> <p>D F± Arq.</p> <p>Dd F- A</p>
<p>VI 15''</p> <p>14 – Esta linha é que... parece um bacalhau aberto a agarrar pela boca um filho, um bacalhauzinho pequenino</p> <p>15 – Pode ser um mapa</p> <p>16 – Duas galinhas têm aqui o bico</p> <p>17 – Em cima posso ver um peixe, um peixe não um pássaro</p> <p>1'10''</p>	<p>O bacalhau (as duas grandes partes laterais), o filho (parte superior)</p> <p>(saliências da parte superior)</p> <p>(detalhe superior central)</p>	<p>D Kan A</p> <p>D F- A</p> <p>G F± Mapa</p> <p>D F- A</p> <p>D F+ A</p>
<p>VII 20''</p> <p>18 – Se virar isto aqui posso ver Portugal, Espanha, França, Itália, aqui a bota</p> <p>19 – Mas também posso ver um rochedo, um rochedo não mas vários</p> <p>1'40''</p>	<p>(1° e 2° terço)</p> <p>(detalhe central)</p>	<p>G F- Geo</p> <p>G F± Geo</p>

<p>VIII 12”</p> <p>20 – Estas partes vermelhas, duas raposas</p> <p>21 – Também pode ser uma coluna vertebral</p> <p>22 – Aqui em baixo parece uma flor</p> <p>23 – Um bicho</p> <p>2’10”</p>	<p>(detalhes rosa laterais)</p> <p>(detalhe verde central)</p> <p>(detalhes rosa e laranja)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F± A</p>
<p>IX 4”</p> <p>24 – Quatro ramos de árvore</p> <p>25 – Um bocado de crânio</p> <p>26 – Também pode ser o útero</p> <p>26”</p>	<p>(detalhe verde)</p> <p>(grande lacuna central)</p> <p>(parte rosa inteira em baixo)</p>	<p>D F- Bot</p> <p>Dbl F- Anat</p> <p>D F- Anat</p>
<p>X 2”</p> <p>27 – Caranguejos</p> <p>28 – Mas parece um monstro</p> <p>12”</p>	<p>(detalhes azuis laterais)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>G F- (H)</p>

Prova de escolhas:

- (+) – I Gosto de morcegos
- (+) – V Também vejo um morcego
- (-) – II Pouco definido
- (-) – III Faz-me lembrar as gengivas a doer

Sujeito 96

<p>I 5”</p> <p>1-... à priori lembra-me uma borboleta, mas não deve ser uma borboleta...outra coisa que eu não estou a ver</p> <p>68”</p>	<p><i>“Talvez a forma do corpo”</i></p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3”</p> <p>2 – Há dias em que me lembro disto...dois rinocerontes a lutarem</p> <p>V^ 3 – e tem um avião no meio</p> <p>1’15”</p>	<p>Aqui são os cornos deles (detalhe central superior)</p> <p>Pela forma das asas (detalhe branco central)</p>	<p>D Kan A</p> <p>Dbl Kob Obj</p>
<p>III 8”</p> <p>4- Duas pessoas...não consigo eliminar as outras figuras</p> <p>32”</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 12”</p> <p>5- Um monstro com umas botas, vai ser tudo tão básico?</p> <p>28”</p>		<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 3”</p> <p>6-Uma borboleta...é um morcego</p> <p>34”</p>	<p><i>“com pés, asas e anteninhas”</i></p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 2”</p> <p>Só insectos?</p> <p>7- Ao mesmo tempo parece-me um homem de bigode,</p> <p>8- Ou então um insecto</p> <p>43”</p>	<p>Aqui os bigodes (saliências do detalhe superior)</p>	<p>D F- H</p> <p>D F± A</p>
<p>VII 18”</p> <p>9 - V^ Duas bailarinas...ou duas pessoas a fazer o pino, uma coisa...</p> <p>10 - tem ali uma pedra</p> <p>38”</p>	<p>“<i>As silhuetas fazem lembrar pessoas</i>” (2/3 superiores das manchas)</p> <p>(detalhe central)</p>	<p>D K H</p> <p>D F± Geo</p>
<p>VIII 24”</p> <p>10 – Parece que é outra figura...não sei...um insecto com dois bichos colados.</p> <p>1’15”</p>	<p>O insecto parece uma borboleta(detalhe verde central), os bichos colados (detalhes rosa laterais)</p>	<p>D F± A</p> <p>D Kan A</p>
<p>IX 4”</p> <p>11 – Ai que esquisito...dois veados numa floresta</p> <p>12 – A mãe terra</p> <p>13 – A Primavera</p> <p>14 - O Verão</p> <p>15 - O Inverno</p> <p>1’54”</p>	<p>(detalhes castanhos superiores)</p> <p>(detalhes rosa, inferiores centrais)</p> <p>(detalhes verdes centrais)</p> <p>(detalhes rosa centrais)</p> <p>(detalhe branco central)</p>	<p>D F- A</p> <p>D C estação do ano</p> <p>D C estação do ano</p> <p>D C estação do ano</p> <p>D C estação do ano</p>

<p>X 3”</p> <p>16 – Dois anjos com asas</p> <p>17 – Sinos com estrelas. Uma grande harmonia.</p> <p>38”</p>	<p>(detalhes azuis laterais)</p> <p>(detalhes azuis centrais)</p>	<p>D F- (H)</p> <p>D F- Obj</p>
--	---	---------------------------------

Prova de escolhas:

(-)

IV – É feio

VI – Também é horroroso

(+)

IX – As cores e a harmonia

X – Também é a harmonia

Sujeito 97

<p>I 2''</p> <p>1 – É um morcego para aí...talvez uma aranha, mais nada</p> <p>15''</p>		<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>
<p>II 3''</p> <p>3 – Pulmões. Não vejo mais nada</p> <p>10''</p>	(grandes detalhes negros)	<p>D F- Anat</p>
<p>III 2''</p> <p>4 – São duas pessoas a agarrarem qualquer coisa. Não vejo mais nada</p> <p>10'</p>		<p>G K H Ban</p>
<p>IV 5''</p> <p>5 – V Bicho estranho. Sinceramentenão sei que bicho é</p> <p>21''</p>		<p>G F± A</p>
<p>V 1''</p> <p>6 – Borboleta. É só</p> <p>4''</p>	Pela forma do corpo	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 15''</p> <p>Não me faz lembrar nada. Sabe a memória está fraca...</p> <p>10''</p>		<p>Recusa</p>

<p>VII 11”</p> <p>8 – Mapa, mais ou menos no todo</p> <p>5”</p>		<p>G F± Geo</p>
<p>VIII 2”</p> <p>9 – É uma árvore com bichos de cada lado.</p> <p>1’</p>	<p>(Detalhe laranja e rosa em baixo)</p>	<p>D CF Bot</p> <p>D F± A Ban</p>
<p>IX 7”</p> <p>11 – É uma floresta no todo</p> <p>3’</p>		<p>G CF Nat</p>
<p>X 37”</p> <p>12 – É um painel com bichos desenhados por crianças.</p> <p>8’</p>		<p>G CF desenho</p>

Prova das escolhas:

(+) – Gostei de várias mas a minha preferida é a X, porque me faz lembrar crianças.

(-) – I Porque não consigo saber o que é

(-) – IV Também não sei o que é concretamente.

Sujeito 98

<p>I 4”</p> <p>1 – Um morcego</p> <p>6”</p>	<p>A forma do corpo</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 2”</p> <p>2- Aqui vejo sangue</p> <p>3- Uma porta para algum lado</p> <p>2’20”</p>	<p>(detalhe branco central)</p>	<p>D C Sg</p> <p>D F+ Arq.</p>
<p>III 2”</p> <p>4 – Duas pessoas bêbadas</p> <p>5 – Um fígado</p> <p>1’17”</p>		<p>G K (H) Ban</p> <p>D F- Anat</p>
<p>IV 1”</p> <p>6 – Um monstro horroroso</p> <p>34”</p>		<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 8”</p> <p>7 – Uma borboleta</p> <p>57”</p>		<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 2”</p> <p>8 – Um peixe aberto ao sol</p> <p>1’25”</p>	<p>(grande detalhe central)</p>	<p>D F± A</p>

VII 3” 9 – Partes do corpo humano 12”		D F- Anat
VIII 6” 10 – Um esqueleto 11 – Dois gatos 12 – e mais ossos 1’56”		D F- Anat D F+ A Ban
IX 8” 13 – A vagina e o útero 49”	(detalhes castanhos centrais)	D F- Sex
X 3” 16 - Uma obra de arte 26”	Uma pintura	G CF arte

Prova de escolhas:

- (+) – V É uma borboleta bonita
- (+) – X Gosto de arte
- (-) – III – Porque estão bêbadas
- (-) – IV é a mais horrível de todas

Sujeito 99

<p>I 7”</p> <p>1-... Parece uma máscara, com dentes, são buracos. Com os olhos e os dentes.</p> <p>Não vejo mais nada</p> <p>18”</p>	<p>Parece uma máscara de Carnaval (o todo com as lacunas intramaculares)</p>	<p>Gbl F+ máscara</p>
<p>II 1”</p> <p>4- Duas pretas a fazerem a comida. Ui senhor!...São duas pretas notoriamente. Não vejo mais nada</p> <p>1’20”</p>	<p><i>“As partes vermelhas, a roupa e as mãozinhas”</i></p>	<p>Gbl K H</p>
<p>III 2”</p> <p>4 – Duas pessoas bêbadas</p> <p>5 – Um fígado</p> <p>1’17”</p>		<p>G KC’ H Ban</p>
<p>IV 1”</p> <p>5- O abominável homem das neves. Cheio de carvão. Olhe não sei.... Acho que é só</p> <p>60”</p>	<p>Está aqui a carinha, as pernas com uns grandes pés</p>	<p>G Fclob (H)</p>
<p>V 7”</p> <p>6-Para aí... sei lá. Não sei... Parece um bicho, não é como antes.</p> <p>Não sei o que é, se são asas muito peludas, é um bicho muito</p>	<p><i>“as perninhas, as mamitas, não vejo mais nada”</i></p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>peludo 1'10''</p>		<p>G EF A</p>
<p>VI 1''</p> <p>7- Santo Deus...parece um tapete, uma pele que é um tapete. Isto é a cabeça, isto é a pele do bicho, não sei que bicho é este, mais nada.</p> <p>50''</p>	<p>(grande detalhe central)</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VII 2''</p> <p>8 – Senhores...são outra vez duas pretas, com o seu excelente carrapito a dançar, aqui as mãos, lá imaginação tenho eu...</p> <p>45''</p>	<p><i>“As silhuetas fazem lembrar pessoas”</i> (1º e 2º terços superiores das manchas)</p>	<p>G KC' H</p>
<p>VIII 2''</p> <p>Santo Deus...as cores é mais complicado.</p> <p>9-Francamente...parece-me um palhaço....não sei...Esperem lá...</p> <p>V 10-Já me parecem dois corpos</p> <p>45''</p>	<p><i>“O palhaço com os cabelinhos cor de laranja”</i></p>	<p>Gbl K H</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 2''</p> <p>11 – Dois diabinhos</p> <p>12 – Também pode ser um jardim de túlipas na relva</p> <p>13-Agora também me parece outra coisa, parecem cenouras, os diabinhos parecem cenouras.</p> <p>1'20''</p>	<p>(detalhes rosa centrais em baixo)</p> <p><i>“As cores fazem-me lembrar um jardim”</i></p>	<p>D F- A</p> <p>G CF Bot</p> <p>D F- alimento</p>

<p>X 3”</p> <p>16 - Uma obra de arte</p> <p>26”</p>	<p>Uma pintura</p>	<p>G CF arte</p>
<p>X 1”</p> <p>Meu Deus...</p> <p>14 – Parece-me, sei lá, o que isto parece, cavalos marinhos, não é?</p> <p>15 – São diabinhos outra vez a subirem para o castelo</p> <p>Cada vez mais complicado...</p> <p>16 – Podem ser diabinhos a cuspirem...a deitar fora pela boca, está a ver?</p> <p>(silêncio) não sei, não sei o que lhe diga...</p> <p>1’35”</p>	<p>(detalhes rosa centrais)</p> <p>Diabinhos (detalhes azuis laterais), o castelo (detalhe cinzento superior)</p> <p>(detalhe verde central)</p>	<p>D F+ A</p> <p>D K (H)</p> <p>D F- Arq.</p> <p>D Kob (A)</p>

PROVA DE ESCOLHAS

(-)

I – Não gostei nada deste do primeiro

V – Também não engracei com este

(+)

II – Achei este muito engraçado

III – E este também, duas pretas

Sujeito 100

<p>I 30''</p> <p>1-Uma enfermeira...a minha estada no gabinete da enfermeira, ainda não abri a boca e já me estão a culpar...</p> <p>1'30''</p>	<p>Pela forma parece a bata da enfermeira, com as mãos no ar, os olhinhos (detalhes brancos no interior da mancha) e a boca.</p>	<p>Gbl F- H</p>
<p>II 5''</p> <p>2 – Aqui vejo um <i>Pierrot</i>, vejo as botas de um palhacito, está a fazer o pino, com as calças largas e a fazer o pino.</p> <p>1'20''</p>	<p>A cabeça (mancha central vermelha) e os pés para cima.</p>	<p>D K H</p>
<p>III 2''</p> <p>3 – Aqui são dois dançarinos estilizados</p> <p>4 - Com um laçarote no meio.</p> <p>5 – Aqui dois coelhinhos e esfolados</p> <p>1'32''</p>	<p>(pela forma do corpo)</p> <p>(detalhe vermelho central)</p> <p>(detalhes vermelhos laterais)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D F- A</p>
<p>IV 12''</p> <p>6 – Esta é um urso, mas é um brincalhão...</p> <p>28''</p>	<p>(O urso mascarado com umas patitas)</p>	<p>G F+ A</p>

<p>V 5''</p> <p>7 –É um vampiro</p> <p>8 – Um morcego</p> <p>9 – Ou um coelhinho</p> <p>35''</p>	<p>(pela forma)</p> <p>(o morcego com as patitas e os cornichos</p> <p>(o coelhinho aberto)</p>	<p>G F<u>lob</u> (A)</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>
<p>VI 5''</p> <p>10 – Este aqui...vejo aqui um bicharoco, aqui em cima...</p> <p>11 – Também pode ser um espantalho, engraçado, fofinho</p> <p>1'30''</p>	<p>(detalhe superior central)</p> <p>(pela forma do corpo, tem os olhos e a boca)</p>	<p>D F± A</p> <p>G F+ Obj</p>
<p>VII 4''</p> <p>12 – Parece uma vagina, um útero, o aparelho duma mulher, nem vejo mais nada...mas aberto.</p> <p>28''</p>	<p>(é o conjunto todo)</p>	<p>G F- Anat</p>
<p>VIII 1''</p> <p>13 – Aqui vejo o jardim zoológico, vejo dois ursos, mas estão presos?...estão em liberdade, estão felizes e alegres, têm um objectivo e vão chegar lá, sabem o que</p>	<p>“Têm muitas cores”.</p>	<p>D Kan A</p>

<p>querem. 1'15"</p>		
<p>IX 35''</p> <p>14 – Aqui vejo uns guerreiros...mas é uns guerreiros que estão a ser ajudados...não são guerreiros, são bombeiros, estão a ser ajudados mas já chegaram lá.</p> <p>1'20"</p>	<p>Os bombeiros (detalhes laranja superiores), o fogo (detalhes rosa centrais em baixo)</p>	<p>D K H</p> <p>D Kob fogo</p>
<p>X 2''</p> <p>15 – Aqui é fogo de artifício</p> <p>16 – A Torre Eiffel</p> <p>17 – Aqui vejo um soutien</p> <p>18 _ Vejo os Champs Elysées. Vejo muita alegria, muita cor, muita paz.</p> <p>19 – Uns anjinhos</p> <p>20 – Uma nota musical</p> <p>21 – E vejo aqui uma concha verde com uns cornichos,</p> <p>22 – talvez uns touros</p> <p>23 – E uns caranguejos</p> <p>“É para mim a minha cidade da alegria”</p> <p>2'35"</p>	<p>(as cores todas)</p> <p>(detalhe cinzento superior)</p> <p>(detalhe azul central)</p> <p>(a mancha no todo, com as cores)</p> <p>(detalhes amarelos centrais)</p> <p>(detalhes rosa centrais)</p> <p>(detalhe verde central)</p> <p>(detalhes verdes superiores)</p> <p>(detalhes azuis centrais)</p> <p>(comentário)</p>	<p>G C fogo</p> <p>D F+ Arq. D F+ Sex</p> <p>G CF paisagem</p> <p>D F± (H)</p> <p>D F- símbolo</p> <p>D F± Nat</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A Ban</p>

Prova de escolhas:

(-)

I – É a autoridade, a repressão, a falta de diálogo

IV – Porque ele é muito feio

(+)

II – Parecem dois homens com um barrete encarnado, talvez dois pacifistas a unir as mãos, a paz

X – É a luz, a cor e a alegria, é a emoção, o requinte, é a beleza e a harmonia.